

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE
DO NORTE

IVANA LÚCIA DA SILVA

MEMÓRIAS DE PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

NATAL
2025

IVANA LÚCIA DA SILVA

MEMÓRIAS DE PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, em cumprimento às exigências legais como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientador: Profa. Dra. Francinaide de Lima Silva Nascimento

NATAL

2025

Silva, Ivana Lúcia da.

S586m Memórias de professoras de educação física e esporte / Ivana Lúcia da Silva. – 2025.

451 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Natal, 2025.

Orientador(a): Dra. Francinaide de Lima Silva Nascimento.

1. História da educação profissional. 2. Memória. 3. Trajetória de vida. 4. Mulher professora. 5. Educação física e esporte. I. Título.

SIBi/IFRN

CDU 377(091)(043.2)

Sistema Integrado de Bibliotecas
Elaborada pela Bibliotecária
Sandra Nery da Silva Bigois – CRB-15/439

MEMÓRIAS DE PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, em cumprimento às exigências legais como requisito à obtenção do título de Doutora em Educação.

Tese apresentada a defesa em 02/06/2025, pela seguinte Banca Examinadora:

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
FRANCINAIDE DE LIMA SILVA NASCIMENTO
Data: 30/06/2025 10:44:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dra. Francinaide de Lima Silva Nascimento - Presidente/Orientadora

IFRN

Documento assinado digitalmente
LUIZ ARTHUR NUNES DA SILVA
Data: 30/06/2025 12:54:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Luiz Arthur Nunes da Silva – Titular Externo

UFRN

Documento assinado digitalmente
ALINY DAYANY PEREIRA DE MEDEIROS PRANTO
Data: 30/06/2025 11:25:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dra. Aliny Dayany Pereira de Medeiros Pranto – Titular Externo

UFRN

Documento assinado digitalmente
LENINA LOPES SOARES SILVA
Data: 30/06/2025 14:18:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dra. Lenina Lopes Soares Silva – Titular Interno

IFRN

Documento assinado digitalmente
ARTHUR LUIS DE OLIVEIRA TORQUATO
Data: 30/06/2025 12:47:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Arthur Luis de Oliveira Torquato – Titular Interno

Documento assinado digitalmente
SARA RAPHAELA MACHADO DE AMORIM
Data: 30/06/2025 11:38:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Sara Raphaela Machado de Amorim – Suplente Externo

UERN

Documento assinado digitalmente
KADYDJA KARLA NASCIMENTO CHAGAS
Data: 30/06/2025 10:56:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dra. Kadydja Karla Nascimento Chagas – Suplente Interno

IFRN

Dedico esta Tese à minha companheira de todos os momentos, alegrias, tristezas e conquistas, há vinte e sete anos, fazendo parte de minha vida de maneira incondicional. Amor incondicional, genuíno é o que descreve esta história de vida juntas.

AGRADECIMENTOS

As forças do Universo me impulsionaram por caminhos que, muitas vezes, duvidei ser capaz de percorrer. Mesmo em meio a dúvidas e incertezas, essas forças me revigoraram, permitindo-me conquistar espaços que antes pareciam inatingíveis. Nessa reta de chegada da jornada do doutorado, agradeço a algumas pessoas muito importantes durante toda essa trajetória.

A Su, pela companhia incondicional em todos os momentos de nossas vidas. Minhas escolhas frequentemente nos fizeram abdicar de momentos importantes juntas, mas, ela nunca recuou, me apoiando e superando, muitas vezes, a minha infantilidade. Ela se abnegou em muitas situações de sua vida pessoal e de seus sonhos para se manter ao meu lado incondicionalmente. Por isso, amor e gratidão é o que tenho por essa companheira de vida.

Agradeço imensamente à toda a minha família, em especial às minhas irmãs (Sônia e Uliene), aos meus irmãos (Dinarte, Edilson e Jair), sobrinhas e sobrinhos, em especial aos mais próximos (JV, Juninho e Dani), meus/minhas cunhados/as, especialmente os mais próximos (Horácio e Betânia), por todo o apoio e carinho que me deram e dão em minha jornada de vida. Sem vocês, não teria chegado até aqui.

A Amparo, minha querida prima, que tanto tem feito por nossa família, dirijo meus sinceros agradecimentos.

Aos profissionais que foram essenciais para que eu chegasse onde cheguei. Seus trabalhos foram de fundamental importância para o meu bem-estar físico, emocional e psicológico. Entre eles, destaco Ângela Kung, Márcio Nomizo, Renata Kelly e Higor Rêgo.

À profissional Ângela que, por meio de seu trabalho terapêutico, me ajudou a superar os desafios que a vida nos apresenta. Sessão a sessão, pacientemente, ela soube me conduzir até o presente. Seu trabalho, marcado por justiça, honestidade, dedicação, firmeza e um toque de carinho e amor, foi fundamental para que eu superasse também os desafios impostos na terapia. Imensa gratidão.

A Marcio, que com suas técnicas de massoterapia, me proporcionou as condições físicas necessárias para me manter à frente do computador por horas a fio, digitando, lendo, transcrevendo e produzindo conhecimento. Imensa gratidão.

A Renata, que além da fisioterapia a qual me atende desde a queda que sofri em 2018, vem me acompanhando neste processo de recuperação e, mais recentemente, com o pilates, também fundamental para que eu consiga trabalhar horas a fio em frente do computador. Imensa

gratidão. Recentemente, o fisioterapeuta Higor também tem sido fundamental no auxílio às minhas limitações corporais, e por isso expresso minha gratidão.

À Profa. Dra. Francinaide de Lima Silva Nascimento, expresso minha mais profunda gratidão pelas orientações e pela confiança depositada em mim desde 2018, quando tive a honra de ser sua aluna especial na disciplina de História da Educação Profissional. Essa parceria frutífera culminou na minha seleção para o doutorado e sua escolha e confiança no meu projeto têm um significado imenso para mim. Sua paciência e apoio durante a reta final da conclusão desta tese refletem a excelência da profissional que é. Minha mais sincera gratidão pela parceria nessa corrida desafiadora.

À Profa. Dra. Lenina Lopes, expresso minha mais profunda gratidão por sua sensibilidade e apoio incondicional durante todo o processo do doutorado. Mesmo diante de minhas dificuldades de aprendizado, a professora nunca deixou de acreditar em meu potencial e me proporcionou um ambiente de aprendizado seguro e acolhedor. Sua dedicação e empatia foram fundamentais para minha superação e crescimento nesse processo, embora passando por um árduo processo de saúde. Sou eternamente grata por sua paciência e dedicação.

À profa. Dra. Kadydja Karla (Ka), minha amiga de longa data e hoje minha professora, agradeço de coração por todos esses anos de parceria e apoio. Mesmo às vezes distantes, nossos corações sempre estiveram unidos. Sua paciência, orientações e nossa amizade foram essenciais para minha formação. Desde a graduação, nossas vidas se entrelaçaram, e minha admiração por você só aumenta. Sou imensamente grata por você fazer parte desta conquista.

Ao Prof. Dr. Luiz Arthur Nunes da Silva, meu querido orientador da especialização na UFRN, que foi um verdadeiro mentor e incentivador para a realização deste doutorado. Sua paciência, sensibilidade e a maneira sutil, porém firme, com que exige o rigor acadêmico são um exemplo de um profissional ético em nossa área de Educação Física e da Educação. Professor, meu carinho, respeito e admiração por você são imensos, e o senhor bem sabe disso. Gratidão por toda a dedicação e inspiração.

À professora Aliny Pranto, historiadora com notório conhecimento em História Oral, por seu acompanhamento atencioso, zeloso e até mesmo carinhoso desde o terceiro seminário e pelas suas imensuráveis e valiosas contribuições. Minha gratidão, professora!

Ao Prof. Dr. Joaquim Pintassilgo, pela confiança depositada em mim, ao concordar em ser meu supervisor/orientador no Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior – PDSE. Sua orientação rigorosa e seus profundos conhecimentos em História da Educação de Portugal foram fundamentais para o meu engrandecimento acadêmico neste programa e no doutorado do PPGE. A oportunidade de conhecer Lisboa e Porto sob sua perspectiva de historiador e

conhecedor profundo dessas cidades foi uma experiência e oportunidade enriquecedora e inesquecível. Além de um excelente profissional, o Professor Pintassilgo é um ser humano inspirador, que soube compartilhar conosco momentos culturais e de lazer.

Ao Prof. Dr. Arthur Luis de Oliveira Torquato, colega de profissão aqui no IFRN, um historiador respeitável e professor incrível agradeço pelas rigorosas e valiosas avaliações. Suas avaliações e sugestões contribuem imensamente para a melhoria desta tese e da minha formação acadêmica e profissional.

À professora Dra. Sara Raphaela, que, desde a qualificação, vem acompanhando e avaliando nossa tese de maneira criteriosa e zelosa, trazendo contribuições significativas para o aprimoramento do trabalho, expressamos nossa profunda gratidão. Agradecemos, também, por sua parceria como colega de grupo.

Às professoras Ana Cristina, Ingrid Patrícia, Nerijane Monteiro, Paula Nunes (Paulinha), Gizelda Lúcia, Sônia Cristina e Cristina Melo, por terem dedicado seu tempo para as entrevistas. A amizade de longa data que se cultiva com algumas, aliada à trajetória em comum nesta instituição, tornou este momento ainda mais especial. Agradeço por todas as partilhas, tanto na vida pessoal quanto na profissional, que contribuíram significativamente para minha formação e para o meu crescimento como educadora.

Aos colegas da turma do curso de mestrado e doutorado do PPGEPI/IFRN/CNAT de 2022, pelas reflexões, críticas e sugestões recebidas durante este processo, imensa gratidão pelo convívio, trocas de angústias e de alegrias. Um carinho especial aos/as mais próximos/as: Larissa, Aninha, Klaus, Fábio e Adriana, imensa gratidão pelas partilhas. E a Rodrigo pela zelosa correção ortográfica e da ABNT.

À Arilene, pelas valiosas orientações e conversas enriquecedoras durante as pesquisas no arquivo do CNAT, nos almoços e nos corredores do CNAT. Sua experiência e conhecimento foram fundamentais para o desenvolvimento dessa pesquisa, em especial no arquivo. Sou grata por todos os momentos de aprendizado compartilhados.

Aos colegas e amigas/os que fiz na Universidade de Lisboa, na oportunidade da participação por meio do PDSE/CAPIES.

A todas/os as/os professoras/es do PPGEPI/IFRN/CNAT, pela dedicação e excelência com que ministram suas aulas e orientam suas/seus alunas/os. A disposição em compartilhar seus conhecimentos e a dedicação que vão além das obrigações profissionais demonstram o compromisso com suas/seus alunas/os, promovendo uma formação de qualidade. Sou grata pela oportunidade de fazer parte desse programa e de ser aluna dessas/es profissionais.

Agradeço a arte das aberturas das seções, criadas pelo artista plástico Daniel Ferreira Torres¹.

Agradeço à CAPES pelo apoio financeiro concedido através do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior – PDSE, que possibilitou minha estadia de três meses no Instituto de Educação de Lisboa – ULisboa. Essa experiência proporcionou um intercâmbio frutífero entre o IFRN e a ULisboa, fortalecendo as relações institucionais e enriquecendo significativamente minha formação acadêmica, pessoal, profissional e cultural.

¹ Capas ilustrativas para a abertura das seções, seguindo a analogia da prova de 100 metros rasos do atletismo.

Bela, maternal e feminina: imagens afirmativas que permitem compreender que o corpo da mulher ao mesmo tempo que é seu não lhe pertence.

Goellner (2003, p.144).

RESUMO

A presente tese tem as memórias e as trajetórias narradas pelas professoras de Educação Física e Esporte no IFRN como objeto de estudo. Problematizou-se a participação da mulher no esporte tendo como o *locus* o IFRN. O objetivo geral foi analisar a participação e atuação das professoras de Educação Física e Esporte nas atividades dessa área, por meio das memórias e trajetórias narradas por elas, identificando aproximações e particularidades que influenciaram a prática esportiva no IFRN. Nesse sentido, defendemos a tese de que Mulheres na Educação Física e Esporte são protagonistas de princípios educativos, de formação e de trabalho no IFRN. O caminho metodológico instituído foi circunscrito no campo historiográfico, com destaque para a categoria memória, com fundamentos em Certeau (2022), Halbwachs (1990) e Ricoeur (2007). A pesquisa foi realizada por meio de fontes documentais, iconográficas e entrevistas, em uma abordagem metodológica da História Oral, respaldada na técnica de entrevista oral. Nessas entrevistas, foram objeto de diálogos a trajetória de vida e a atuação profissional das professoras de Educação Física e Esporte do IFRN participantes da pesquisa, tendo por critério de inclusão terem sido estudantes egressas de uma das institucionalidades (ETFRN e CEFET-RN) e agora são professoras no IFRN. A pesquisa constata que a presença de professoras de Educação Física e Esporte teve um crescimento acentuado a partir do final da década de 1970 até as primeiras décadas do século XXI. Por fim, as entrevistas realizadas contaram memórias evocadas ou disparadas por meio da produção individualizada de *slides*, os quais capturaram momentos vivenciados nos espaços da instituição, relatos de ex-alunas/os, imagens capturadas de redes sociais das professoras, fotos de suas atuações profissionais. Esse material ajudou a reforçar a percepção de que elas desempenham um papel de protagonistas e participantes ativas, uma vez que sua atuação profissional é parte de um processo que colabora com o princípio educativo, a despeito da disputa que enfrentam do espaço de formação e de trabalho na instituição, sustentado pelas leis e pela cultura desta instituição, que se encontra em uma sociedade patriarcal e machista.

Palavras-chave: História da Educação Profissional; memória; trajetória de vida; mulher professora; Educação Física e Esporte.

ABSTRACT

This thesis has the memories and trajectories narrated by female professors of Physical Education (PE) of IFRN as its object of study. It was initiated by a problematization of women's participation in sports, having IFRN as its *locus*. This study's main goal was to analyze participation and performance of female physical education teachers based on their testimonies, thus identifying what aspects that influenced their sports practice in IFRN. Therefore, this research conceives women as protagonists in educational principles, formation and work at IFRN. This study's chosen methodological path was circumscribed in the historiographical and memorial field and was based on Certeau (2022); Halbwachs (1990) and Ricoeur (2007). These references were combined with an approach to documental and iconographic sources, as well as interviews that compiled an oral history methodology, supported by the technique of oral interviews, which had the trajectory and professional exercise of women PE teachers as their theme. The inclusion criterion included the former attendance as students who graduated from one of the institutions (ETFRN and CEFET-RN) and are now female professors at IFRN. Taking these aspects into account, this study points that the presence of women teachers in PE and sports had a significant growth, quantitatively speaking, which happened from the end of the decade of 1970 up until the first decades of the 21st century. This framework reinforces that women in PE and sports are protagonists of educational principles, formation and work at IFRN. Finally, there were memories brought by the participants when they were shown a specific presentation to each one of them, which showed moments of their professional trajectory, based on reports from students, images captured on social media etc. These presentations served as reminders of their roles as protagonists and active participants, since their professional practice is part of a process that collaborates with IFRN's educational principle, supported by the laws and culture of this institution, which exists within a patriarchal and sexist society.

Keywords: History of Professional Education; memory; life journey; female teachers; Physical Education and sport.

RESUMEN

La presente tesis tiene como objeto de estudio las memorias y trayectorias narradas por las profesoras de Educación Física y Deporte en el IFRN. Se problematizó la participación de la mujer en el deporte, teniendo como locus el IFRN. El objetivo general fue analizar la participación y actuación de las profesoras de Educación Física y Deporte en las actividades de esta área, a través de las memorias y trayectorias narradas por ellas, identificando aproximaciones y particularidades que influyeron en la práctica deportiva en el IFRN. En este sentido, defendemos la tesis de que las mujeres en la Educación Física y el Deporte son protagonistas de principios educativos, de formación y de trabajo en el IFRN. El camino metodológico adoptado se circunscribió al campo historiográfico, con énfasis en la categoría de memoria, basado en los fundamentos de Certeau (2022), Halbwachs (1990) y Ricoeur (2007). La investigación se realizó a partir de fuentes documentales, iconográficas y entrevistas, en un enfoque metodológico de Historia Oral, respaldado en la técnica de entrevista oral. En dichas entrevistas, fueron objeto de diálogo la trayectoria de vida y la actuación profesional de las profesoras de Educación Física y Deporte del IFRN que participaron en la investigación, con el criterio de inclusión de haber sido egresadas de alguna de las institucionalidades (ETFRN y CEFET-RN). La investigación constató que la presencia de profesoras de Educación Física y Deporte tuvo un crecimiento acentuado a partir de finales de la década de 1970 hasta las primeras décadas del siglo XXI. Ante esto, se refuerza la tesis de que las mujeres en la Educación Física y el Deporte son protagonistas de principios educativos, de formación y de trabajo en el IFRN. Finalmente, las entrevistas realizadas evocaron memorias disparadas mediante la producción individualizada de diapositivas, que capturaron momentos vividos en los espacios de la institución, relatos de exalumnas/os, imágenes tomadas de redes sociales de las profesoras y fotos de sus actuaciones profesionales. Este material ayudó a reforzar la percepción de que ellas desempeñan un papel protagónico y son participantes activas, ya que su actuación profesional forma parte de un proceso que colabora con el principio educativo. Esto ocurre a pesar de la disputa por el espacio de formación y trabajo que enfrentan en la institución, la cual está sostenida por las leyes y la cultura de esta institución, que se encuentra en una sociedad patriarcal y machista.

Palabras clave: Historia de la Educación Profesional; memoria; trayectoria de vida; mujer profesora; Educación Física y Deporte.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Primeira medalha conquistada	20
Imagem 2 - Arremesso de Peso - Jerns 1989.....	21
Imagem 3 - Equipe 4x200m misto – Jebs.....	23
Imagem 4 - Primeiro corpo de servidores/a da Escola de Aprendizes Artífices do Rio Grande do Norte	26
Imagem 5 - Contratação de professoras de Educação Física e Esporte na ETFRN, CEFET/RN e IFRN	76
Imagem 6 - Aula de educação física para estudantes	138
Imagem 7 - Coquetel de Abertura do VII JEBEM -1972	148
Imagem 8 - Rainha dos jogos na abertura do VII JEBEM - 1972.....	149
Imagem 9 - Realização da Gincana Cultural - 1972.....	150
Imagem 10 - Totem - slogan do VII JEBEM - 1972	151
Imagem 11 - Jogo de basquete: inauguração do ginásio da ETFRN - 1975.....	154
Imagem 12 - Inauguração do estádio de futebol da ETFRN -1975.....	155
Imagem 13 - Captura de tela do Jornal “O Poti” - 1975.....	158
Imagem 14 - Competição de atletismo - 1978.....	158
Imagem 15 - Tênis de mesa nos IV Jogos Internos - 1979.....	160
Imagem 16 - Basquetebol feminino nos VII Jogos Internos	160
Imagem 17 - Basquetebol feminino nos XXIV Jogos Internos.....	161
Imagem 18 - Portaria nº 180/2004-DG/CEFET-RN.....	162
Imagem 19 - Organização didática: da prática da Educação Física - 1984.....	170
Imagem 20 - Apreciação de Ana Cristina Araújo (2024)	176
Imagem 21 – Primeira apreciação de Ingrid Patrícia B. de Oliveria (2024)	178
Imagem 22 - Segunda apreciação de Ingrid Patrícia B. de Oliveria (2024).....	179
Imagem 23 - Terceira apreciação de Ingrid Patrícia B. de Oliveria (2024).....	180
Imagem 24 - Expressão de Nerijane Monteiro (2024)	182
Imagem 25 - Primeira expressão da apreciação de Paula Nunes Chaves (2024).....	184
Imagem 26 - Expressão final da apreciação de Paula Nunes Chaves (2024).....	185
Imagem 27 - Reação de Gizelda Maia (2024a) ao visualizar o diário	187
Imagem 28 - Primeira reação de Gizelda Maia (2024a) ao relato do ex-aluno.....	188
Imagem 29 - Segunda reação de Gizelda Maia (2024a) ao relato do ex-aluno.....	189
Imagem 30 - Expressão a respeito do voleibol com luzes neon.....	190
Imagem 31 - Reação de Maia (2024b) ao visualizar o diário do basquetebol feminino da ETFRN	192
Imagem 32 - Expressão de Maia (2024b) ao visualizar a foto de conquista dos 100m	193
Imagem 33 - Momento de afetividade.....	194
Imagem 34 - Professora Melo (2024) apreciando os <i>slides</i>	195

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Primeiras Professoras de Educação Física na Instituição: ETFRN (1979 - 1991).	70
Quadro 2 - Professoras efetivas de Educação Física nas institucionalidades ETFRN, CEFET/RN e IFRN (1981 – 2021).....	73
Quadro 3 – Categorias <i>a priori</i> e emergentes.....	107
Quadro 4 - Correntes e tendências metodológicas da Educação Física: da Escola Industrial ao IFRN.....	134
Quadro 5 - Cronologia dos jogos internos realizados nas institucionalidades ETFRN, CEFET/RN e IFRN no CNAT	156
Quadro 6 - Elementos jurídicos do Decreto nº 3.199/1941	165

LISTA DE SIGLAS

ASIF	Associação dos Servidores do Instituto Federal do Rio grande do Norte
CAPES	Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CF	Constituição Federal
CNAT	<i>Campus</i> Natal Central
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CEFET/RN	Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica
CODESP	Coordenação de Educação Física e Esportes
COHEP	Colóquio Internacional e Nacional de História da Educação Profissional
CND	Conselho Nacional de Desporto
CONFED	Conselho Federal de Educação Física
DIAC/CNAT	Diretoria Acadêmica de Ciências do <i>Campus</i> Natal Central
EAA	Escola de Aprendizizes Artífices
EIFRN	Escola Industrial Federal do Rio Grande do Norte
EIN	Escola Industrial de Natal
ETFRN	Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte
Fapesp	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
JEB's	Jogos Escolares Brasileiros
JERN's	Jogos Escolares do Rio Grande do Norte
JIF's	Jogos dos Institutos Federais
LIN	Liceu Industrial de Natal
IFCE	Instituto Federal do Ceará
IFRN	Instituto Federal do Rio Grande do Norte
PPGED/UFRN	Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
PPGEP/IFRN	Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do Instituto Federal do Rio Grande do Norte
PTDEM	Propostas de Trabalho para as Disciplinas do Ensino Médio da Disciplina de Educação Física
SciELO	Scientific Electronic Library Online
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UFCE	Universidade Federal do Ceará
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
VII JEBEM	VII Jogos Estudantis Brasileiros do Ensino Médio

SUMÁRIO

1 AQUECIMENTO: CONTEXTUALIZANDO A TESE	19
1.1 ALONGAMENTO: O PERCURSO TRAÇADO	32
1.1.1 Pesquisa ao arquivo do CNAT	39
1.1.2 Acesso à Hemeroteca Digital.....	42
1.1.3 Mídias de Educação Física e Esporte.....	43
1.1.4 As entrevistas.....	44
1.2 TROTE: CORRIDA SUAVE.....	44
1.3 A COORDENAÇÃO: AS NARRADORAS	58
2 LARGADA: TRAJETÓRIA DAS NARRADORAS	69
2.1 ÀS SUAS MARCAS: AS PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE NAS INSTITUCIONALIDADES ETFRN, CEFET/RN E IFRN.....	70
2.2 PRONTAS: TRAJETÓRIA DE VIDA E ATUAÇÃO PROFISSIONAL DAS PROFESSORAS PARTICIPANTES	83
2.3 LARGADA: HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS PROFESSORAS PARTICIPANTES	105
3 DESENVOLVENDO A CORRIDA: JUNTAS NO PROCESSO	133
3.1 CORRIDA INICIAL: TENDÊNCIAS METODOLÓGICAS E PEDAGÓGICAS DAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DE ESPORTES NA ETFRN, CEFET/RN E IFRN	133
3.2 ACELERAÇÃO: UM CICLO DA HISTÓRIA DAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE NO IFRN.....	147
3.3 MANUTENÇÃO: BASE ORGANIZACIONAL, REGULAMENTAÇÃO E NORMAS DA INSTITUIÇÃO	164
4 A CHEGADA: PRESENTE DAS NARRADORAS	174
4.1 CRUZANDO A LINHA: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS E AS EMOÇÕES DAS PROFESSORAS.....	174
4.2 PÓDIO E PREMIAÇÃO: CONQUISTAS	198
4.3 PRÓXIMAS CORRIDAS: CONTINUIDADE DA PESQUISA	203
REFERÊNCIAS	207
APÊNDICES	215
ANEXOS	227



Fonte: Torres, Daniel Ferreira, 2025.

1 AQUECIMENTO: CONTEXTUALIZANDO A TESE

[...], partimos da compreensão de que a história envolve as questões da vida humana no tempo espaço, e não apenas sua representação.

(Ciavatta *et al.*, 2019, p.32-33).

Início este estudo me caracterizando², me descrevendo. Dessa maneira, arriscarei convidar todas/os/es para, ao lerem esta pesquisa, se disponibilizarem a correr comigo neste percurso, o qual, de antemão, afirmo: não será curto, porque trarei, além de minhas vivências, experiências pessoais e profissionais as das parceiras de trabalho com as quais irei dialogar e de todos/as autores/as que caminham na minha vida acadêmica.

É fundamental traçar o percurso histórico que me trouxe até o presente momento. Digo isso por considerar importante situar minha paixão pela corrida, pelos esportes, pelas práticas corporais e, sobretudo, pelo corpo em movimento – elemento central que servirá como referência para este trabalho: o corpo em ação, sob uma perspectiva pedagógica.

Me proponho a retornar às brincadeiras de infância que foram permeadas pelo ato de correr e subir em árvores no sítio dos meus avós, com atividades como: bandeirinha, pega-pega, diversos tipos de “tica”³, polícia e ladrão, entre tantas outras. Foram vivências de significativa relevância para minha formação motora e para minha vida social, por estarem inseridas na nossa cultura de movimento aliadas ao contato com a natureza. Assim, cresci apaixonada pelo ato de correr, porém apenas nos anos finais do ensino fundamental, conhecido antigamente como ginásio, é que tive a primeira oportunidade de competir numa corrida, organizada pelo professor de Educação Física na Escola Estadual Stela Wanderley, quando conquistei minha primeira medalha (Imagem 1⁴), da qual tanto me orgulho e que ainda mantenho sob minha posse.

² Peço licença as/aos/es leitoras/es para tratar o texto em primeira pessoa do singular, uma vez que trarei minha experiência e vivências nesta instituição de ensino nas suas diferentes institucionalidades, que vivenciei como aluna e servidora docente, da ETFRN ao IFRN.

³ A brincadeira do “tica” é uma atividade em que se tem um pegador, o qual deve encostar nos demais. Há várias denominações dependendo da região temos: tica, tica-tica, pega-pega, pique, entre outras, além de ter suas próprias variações de dinâmica: tica-trepa, tica-cola, tica-salva, entre outras.

⁴ Esclareço ainda que, apesar de a norma técnica utilizar o termo "Figura", neste trabalho utilizarei o termo "Imagem", uma vez que o referencial teórico que adoto está fundamentado nos estudos da Imagem. Além disso, ao longo do texto, apresentarei algumas imagens de forma ilustrativa, como as Imagens 1 a 3, nas quais traço um pouco da minha trajetória como atleta.

Imagem 1 - Primeira medalha conquistada



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora, medalha de 1985. Captura realizada dia 09/05/2022.

Embora, não tenha nenhuma imagem da corrida em si, nem do pódio daquela conquista, a medalha me fez revisitar todos os momentos dela. Daquela corrida, posso observar apenas a medalha, a qual não contém mais o cordão, que era feito com material semelhante ao da medalha e que, com o tempo, se corroe. Recordo intensamente da chegada da corrida na escola, na entrada da rua de acesso à escola e da linha de chegada. Para Joly (2012, p. 19), “uma imagem mental é elaborada de maneira alucinatória, e parece tomar emprestadas suas características da visão”. Foi essa alucinação que tive ao rememorar o confronto direto com um colega, quando a torcida ficou agitada e me motivou a chegar de maneira mais intensa e à frente dele.

São sobre momentos dessa natureza que irei discorrer neste trabalho. Assim, reforço o convite às leitoras e leitores a correrem juntos/as, na perspectiva de historiografar as vivências e experiências nas institucionalidades anteriores no percurso do atual Instituto Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte (IFRN). Esse diálogo será colaborado pelas vivências e experiências de colegas e parceiras de profissão desta Instituição.

Além do exposto, a recuperação da memória, ao ingressar na institucionalidade da Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte (ETFRN), no curso Técnico de Estradas no

semestre de 1988.2, é fundamental. Naquele momento, estava havendo a comemoração dos vinte e cinco anos deste curso e tive a oportunidade de participar em algumas modalidades esportivas, como os 100 metros (100m) e 200 metros (200m) no atletismo, handebol, futsal e basquetebol. Esse foi um momento significativo para socializar com as colegas de curso, uma vez que estavam se organizando para os jogos internos e minha participação foi de fundamental importância para o ingresso nas equipes⁵ do curso para esta competição.

Paralelamente ao reconhecimento como uma atleta em potencial, fui me engajando nas atividades esportivas até o momento em que me identifiquei com a modalidade do atletismo, entrando para a equipe de atletismo no ano de 1989. Como estava completando dezoito anos, seria meu primeiro e último ano nos Jogos Escolares do Rio Grande do Norte (Jerns), para o qual me dediquei com muito afinco nos treinos, objetivando atingir boas conquistas. Os treinos deram resultados e obtive sucesso, uma vez que fui campeã e recordista no pentatlo e campeã nos 400m e 800m, algo que me rendeu a convocação para os Jogos Escolares Brasileiros (Jebs). A Imagem 2 traz uma das provas do pentatlo nos Jerns daquele ano, um momento emblemático que me faz viajar no tempo e rememorar situações por vezes esquecidas.

Imagem 2 - Arremesso de Peso - Jerns 1989



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora, fotografia do ano de 1989. Acesso realizado em 2024.

⁵ As equipes dos Jogos Internos eram formadas por cursos. Hoje, a formação é por classes.

Esta imagem nos faz rememorar muitas situações vivenciadas naquele espaço de competição, na pista do Colégio Marista de Natal/RN, onde tive a oportunidade de realizar minha primeira grande competição: o Jerns. Essa competição foi muito sonhada e esperada por mim, de forma que me preparei com um verdadeiro afinco. Observam-se, na imagem, a pista marcada, de barro, o setor do arremesso do peso e a trave de futebol ao fundo. As pistas de atletismo do Rio Grande do Norte, em sua grande maioria, encontram-se circunscritas aos campos de futebol com seus setores de provas, como observado na Imagem 2.

Entre os presentes na Imagem 2, no primeiro plano, estou realizando uma das tentativas do arremesso do peso e a colega que está com o braço esquerdo na cintura foi minha adversária direta. Das cinco provas do pentatlo, venci três, enquanto ela ganhou as outras duas. Venci os 200m, 800m rasos e esta prova (Imagem 2), enquanto ela venceu o salto em distância e o salto em altura, suas especialidades. Após essa competição, nos tornamos grandes amigas. Treinávamos e viajavamos juntas representando o Rio Grande do Norte em competições de atletismo, além de trabalharmos em arbitragens de atletismo.

A convocação para o Jogos Escolares Brasileiros - Jebs, realizado em Brasília em 1989, era para representar o Rio Grande do Norte na seleção de atletismo, mas, acima de tudo, eu estava representando uma instituição: a Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte - ETFRN. Na prova dos 4x200m misto, fomos campeões, derrotando, numa emocionante final, as equipes de São Paulo e Rio de Janeiro. A Imagem 3 mostra o quarteto que obteve esta conquista.

Imagem 3 - Equipe 4x200m misto – Jebbs



Fonte: acervo pessoal, fotografia do ano de 1989. Acesso, 2024.

Rever esta imagem evoca o quanto me dediquei a este momento, aos treinos solitários na pista de atletismo da Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte - ETFRN, às conquistas no Jerns para estar nesta competição, a escolha do quarteto pelo técnico da seleção do RN, e a questão nítida e emblemática apresentada na imagem: apenas eu de cor branca, o que era raro na equipe de atletismo, em especial entre velocistas. Ainda destaco que estamos à frente dos ônibus que nos levou a Brasília (dois ônibus da empresa Riograndense) e o colega com a sobrançelha com um band-aid, que significa a sua condição de calouro, embora ainda tivesse conseguido esquivar do trote, algo que aconteceria posteriormente. Apesar da seriedade de três membros, em especial a minha (devido ao sol que refletia no rosto), tem-se um colega, o mais alto, representando esta alegria que não cabia em nosso peito, além do que estávamos carregando: a tão sonhada medalha de ouro.

O acesso às imagens e a rememoração do vivido nos faz ter sensações que são reverberadas em nosso corpo, com o coração acelerando, numa alegria e nostalgia, porém no aconchego de se ter vivenciado estes momentos. Merleau-Ponty (2018, p. 285), em relação à sensação, afirma: “o sujeito da sensação não é um pensador que nota uma qualidade, nem o meio inerte que seria afetado ou modificado por ela; é uma potência que co-nasce [sic] em um certo meio de existência ou se sincroniza com ele”. É essa sincronia de sensações e emoções

que é estabelecida ao se revisitar imagens de um período vivido, ou seja, ativam-se as memórias.

Os resultados destas conquistas, aliados à experiência enquanto discente nesta instituição, através da oportunidade de participar de projetos esportivos como bolsista voluntária, planejando, organizando e avaliando eventos, em especial, na modalidade de atletismo, foram de fundamental importância para minha escolha profissional. Assim, me dediquei a estudar e ingressar na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) no Curso de Licenciatura Plena em Educação Física, no ano de 1997.

Ao ingressar na UFRN, vivenciei os novos paradigmas epistemológicos⁶ da Educação Física. De imediato, passei a defender uma abordagem pedagógica para a área, com a qual me identifiquei. Ao contrário do que havia imaginado em termos profissionais – pois inicialmente pensava em me tornar técnica esportiva na modalidade de atletismo, uma das razões que me levaram a escolher o curso –, a oportunidade de integrar um grupo de pesquisa como bolsista me fez repensar a ideia de me dedicar exclusivamente à carreira de técnica de atletismo. Então, ao me apaixonar pela docência e a Educação Física escolar, me dediquei, me especializando e aprofundando meu currículo, até conquistar o espaço profissional de ser professora do IFRN.

Assim, o estudo traz as inquietações de uma ex-atleta, ex-aluna e, atualmente, docente da área de Educação Física no IFRN⁷. Essa trajetória compreende desde o final da década de 1980, como aluna e, a partir de 2008, como professora desta instituição de Ensino Profissional e Tecnológico.

A minha percepção acerca da ausência de produção científica sobre a história e memória da mulher no esporte nesta instituição também me motiva e intriga, uma vez que, enquanto profissional que atua no IFRN nesta área de ensino, sei da atuação minha e dos/as meus/minhas colegas de profissão. Isso também me impulsionou a refletir a respeito do percurso histórico, do papel do esporte e seu aporte para a educação técnica e profissional.

Parafraseando Ciavatta *et al.* (2019), conforme citado na epígrafe, a intenção precípua deste processo historiográfico sobre as mulheres, professoras de Educação Física e Esporte do IFRN, será abordar as questões relacionadas às suas trajetórias de vida e à sua atuação profissional no tempo e no espaço, bem como o encontro dessas trajetórias com o presente.

⁶ Em oposição às vertentes tecnicista, esportivista e biologiscista, dominantes no currículo dos cursos de Educação Física, na UFRN, e no país como um todo, devido a um processo histórico que a Educação Física estava vivenciando, que era o Movimento Renovador, emergido na década de oitenta e início da década de noventa do século XX, o currículo passou por uma transformação, marcada por teorias críticas na área, além do seguimento e elaboração de documentos curriculares compatíveis as Leis de Diretrizes e Bases da Educação (LDB).

⁷ Para um maior aprofundamento sobre minha trajetória no IFRN, como aluna, bolsista, estagiária e docente substituta e efetiva, bem como todo o percurso da graduação, como bolsista de iniciação científica ao Mestrado em Educação pela UFRN, acessar o TCC da Especialização em Consciência Corporal, Saúde e Qualidade de Vida - DEF/UFRN, com o título: “Vivendo, caindo e levantando: Memorial crítico reflexivo” (2022).

Como referência e suporte, utilizarei minhas memórias e as memórias das professoras desta Instituição.

Feito este percurso, neste momento, irei traçar um panorama geral das intenções de se pesquisar a respeito da temática “Mulher e Esporte, da ETFRN ao IFRN”, bem como a sua relevância em relação às questões profissionais, acadêmicas, sociais e pessoais.

Para o delineamento da estrutura da escrita deste trabalho, faço opção por uma analogia com a prova dos 100m rasos da modalidade do atletismo. Tal escolha se dá pela minha vivência e identificação com esta modalidade e esta prova, especificamente, uma vez que toda a minha história de vida é permeada por ela, tanto como atleta quanto como professora/treinadora.

Ao se chegar em uma final dos 100m, já se passou por todo um processo de treinamento até a competição desejada, com a vivência das eliminatórias e classificatórias correspondente, até chegar à sua conclusão. Este processo, ao se transportar para minha realidade acadêmica, corresponderia ao ensino fundamental, ao ensino médio (ensino técnico nesta Instituição), à graduação, ao mestrado - ambos realizados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) - e, mais recentemente, à especialização, também na UFRN. Em 2022, cheguei à tão almejada final, considerando-se que esta final se refere a dos jogos internos de 1997, a qual estou utilizando como analogia para o doutorado, perseguido com muito afinho e determinação. Soma-se a isso, para uma alegria ainda maior, o fato de que o curso acontece no Programa de Pós-graduação em Educação Profissional (PPGEP) do IFRN, instituição de minha origem acadêmica, no ensino médio, em que pratiquei a modalidade esportiva do atletismo, o qual me impulsionou a escolha da profissão. Para completar, atualmente exerço o ofício de docente de Educação Física Escolar e Esportes, mais especificamente no treinamento de atletismo e no Ensino Médio Integrado - EMI.

Dessa maneira, projetei uma estrutura semelhante àquele momento que antecedeu e o decorrer daquela final de acordo com a minha memória, ou seja: o aquecimento (alongamento, trote e a coordenação); a largada (as suas marcas, prontas e largada); desenvolvendo a corrida (corrida inicial, aceleração, manutenção); e a chegada (cruzando a linha, pódio e premiação e próximas corridas). Nesse sentido, esses quatro momentos são tidos como premissas para a constituição das seções desta tese. Mas, vale esclarecer que este doutorado corresponde àquela final apenas analogamente, pois na realidade o doutorado é o início de um treinamento para futuras fases acadêmicas e para a continuidade da atuação profissional.

Neste primeiro momento – o aquecimento –, entendo ser necessário contextualizar o objeto de estudo e sua configuração, destacando os caminhos trilhados nesta pesquisa. Para isso, passo a apresentar a instituição em foco: o IFRN.

O IFRN é uma instituição cujo percurso histórico, tem oportunizado formação técnica e profissional, tendo iniciado suas atividades propriamente ditas no ano de 1910, como Escola de Aprendizes Artífices (EAA). No Rio Grande do Norte, a instituição já passou por diversas institucionalidades, quais sejam: Escola de Aprendizes Artífices (EAA) - 1909 a 1937; Liceu Industrial de Natal (LIN) - 1937 a 1942; Escola Industrial de Natal (EIN) - 1942 a 1965; Escola Industrial Federal do Rio Grande do Norte (EIFRN) - 1965 a 1968; Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte (ETFRN) - 1968 a 1999; Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica (CEFET/RN) - 1999 a 2008; e IFRN, desde 2008 até os dias atuais.

Destaco que, no quadro funcional de 1910, ingressou a primeira professora da história da instituição: Maria do Carmo Torres Navarro, professora do Ensino Primário. Isso pode ser observado na Imagem 4, que representa o primeiro quadro de composição de servidores/a da Escola de Aprendizes Artífices do Rio Grande do Norte (EAA).

Imagem 4 - Primeiro corpo de servidores/a da Escola de Aprendizes Artífices do Rio Grande do Norte



Fonte: Acervo do arquivo do CNAT. Imagem datada de 1910. Acesso realizado em 2023.

A Imagem 4 data do começo do século XX, segundo dados do arquivo do *campus* Natal-central do IFRN (doravante CNAT). Ao centro da imagem, observa-se o Diretor da Instituição à época, Sr. Sebastião Fernandes, enquanto, à esquerda, encontra-se a primeira professora da Instituição. Ciavatta (2002, p. 24, grifo da autora) destaca:

a fotografia enquanto *prática sociocultural* decorrente de um contexto de transformações tecnológicas e ideológicas, capaz de expressar a dependência

de seus produtores (indivíduos e/ou instituições) em relação às condições de produção e inteligibilidade da imagem num dado momento.

Na Imagem 4, é evidente como as fotografias eram estrategicamente montadas e programadas. Nota-se que, de forma tática, a fotografia foi organizada para posicionar o Diretor em primeiro plano e, à sua direita (esquerda da foto), a primeira professora mulher da Instituição.

Embora atualmente evidencie-se a relevância desta instituição⁸ (a qual passou por diversas institucionalidades com objetivos e tendências pedagógicas diferentes), o papel da mulher nela ainda não se consagra como ativo, ainda que entenda que a instituição prima por um acréscimo do conhecimento, acolhendo os aspectos de influência mútua entre o sujeito e o objeto, ou seja, sua intersubjetividade, além de levar em consideração a questão da inclusão social, acatando a pluralidade e diversidade das condições físicas, intelectuais, culturais e socioeconômicas dos sujeitos (IFRN, p. 57, 2012). Nesse contexto, a Educação Física e o Esporte são significativos componentes para contribuir com esta formação.

Ao pretender contar a história de mulheres na disciplina de Educação Física e Esporte nesta Instituição, recorro à minha memória, mas também recorro à história oral, às fontes documentais, iconográficas, à trajetória de vida e da atuação profissional, bem como à memória das colegas professoras, configurando, assim, um entrecruzamento de memórias e experiências de vida.

Dessa forma, estou presente nele todo o tempo, não sendo possível, neste processo, haver um distanciamento do objeto. A partir desse pressuposto, e levando em consideração que esta pesquisa recorreu à ferramenta da entrevista para atingir os objetivos aos quais se propõe, defini os seguintes critérios para a escolha das pessoas entrevistadas nesta pesquisa: terem sido alunas egressas e atuarem como professoras da Instituição na área de Educação Física e Esporte.

Nesse contexto, problematiza-se a participação da mulher no esporte, tomando como espaço de reflexão o IFRN. Nesse sentido, proponho uma reflexão: como ocorria a participação e atuação das professoras de Educação Física e Esporte nas atividades dessa área no IFRN *Campus* Natal - Central? Para isso, analiso seu envolvimento no ensino, na pesquisa, na extensão e na gestão.

Outras questões poderão subsidiar a pesquisa, tais como: como se deu a presença das professoras de Educação Física e Esporte no IFRN ao longo das últimas décadas do século XX

⁸ Esclareço que as discussões pertinentes as institucionalidades não serão objeto deste estudo, mas que devido ao objeto de estudo tratar da trajetória de vida das professoras de Educação Física e Esporte, egressas das institucionalidades ETFRN e CEFET/RN, esclarecimentos necessários serão aferidos no momento da inserção dos fatos apresentados durante o processo de escrita do texto.

e primeiras do século XXI, com base nas memórias e trajetórias das professoras? Quais foram as aproximações e particularidades nas trajetórias delas que possivelmente interferiram na prática esportiva e educativa no IFRN? Qual foi o papel das mulheres como protagonistas na Educação Física e Esporte no IFRN, destacando os princípios educativos, de formação e de trabalho para o campo? Como as experiências vividas, as sensações e as emoções vinculadas à Educação Física e Esporte foram percebidas pelas professoras do IFRN, conforme suas memórias evocadas durante as entrevistas?

Dessa forma, compreendo que a escrita desta tese nos revelará o que advém deste **objeto de estudo: as memórias e as trajetórias narradas pelas professoras de Educação Física e Esporte no IFRN**. Para isso levanto a seguinte **hipótese: a presença de professoras de Educação Física cresceu ao longo das últimas décadas do século XX e primeiras do século XXI e, possivelmente, suas trajetórias na Instituição guardam aproximações e particularidades que podem ter interferido na própria prática esportiva do IFRN, observadas na iconografia e nas narrativas das professoras por meio das entrevistas**.

Desse modo, o eixo estrutural da pesquisa tem uma conotação de delineamento histórico, por acreditar que a história e a memória de mulheres que praticaram esporte da ETFRN ao IFRN nos conduziram à defesa da **tese: mulheres na Educação Física e Esporte como protagonistas de princípios educativos, de formação e de trabalho no IFRN**.

Dessa maneira, rememorar a história de mulheres que fizeram parte do esporte no IFRN, por meio de suas trajetórias de vida, torna-se relevante para edificar e solidificar esse diálogo e seu papel para a educação profissional. Isso é voltado à perspectiva de que, no chão do IFRN, faz-se Esporte da Escola conectado à expectativa de formação integral e *omnilateral*⁹ buscada pelo Projeto Político Pedagógico (PPP) institucional, que tem como função social:

[...] ofertar educação profissional e tecnológica – de qualidade referenciada socialmente e de arquitetura político-pedagógica capaz de articular ciência, cultura, trabalho e tecnologia – comprometida com a formação humana integral, com o exercício da cidadania e com a produção e a socialização do conhecimento, visando, sobretudo, a transformação da realidade na perspectiva da igualdade e da justiça sociais. Desse modo, o IFRN contribui para uma formação *omnilateral* que favorece, nos mais variados âmbitos, o (re)dimensionamento qualitativo da práxis social (IFRN, 2012, p.26).

⁹ Embora o PPP do IFRN determine a educação *omnilateral* como modelo educacional, nos moldes de Antonio Gramsci, corroborado por autores como Marize Ramos, Gaudencio Frigotto, Dante Moura, Acácia Kuenzer entre outros, eles também compreendem que há aproximações com o conceito gramsciano, porém não de maneira absoluta, pois existem desafios, lacunas e contradições a serem superadas, quer seja no campo pedagógico, político e até mesmo social. A intenção está posta no documento, mas na realidade ainda há muito a ser feito para que se alcance este conceito.

Essa concepção vem sendo percorrida historicamente e de forma paulatina pelas políticas institucionais, com a participação de professoras e professores de Educação Física e Esporte – que, consciente ou inconscientemente, fazem parte desse processo em constante construção.

O caminho instituído está circunscrito no campo historiográfico e memorial (Certeau, 2022; Halbwachs, 1990; Ricoeur, 2007; Pollak, 1992) com pesquisa em fontes escritas e iconográficas, além de entrevistas orais com alunas egressas da instituição que posteriormente se tornaram professoras do IFRN.

Assim, a metodologia abordada neste estudo fez uso do cruzamento de fontes, conforme proposto por Thompson (1998). As fontes pesquisadas incluíram iconografias, documentos legais e organizacionais da Instituição, consultados no arquivo do CNAT/IFRN, em mídias digitais específicas da área e na Hemeroteca Digital. Além dessas, utilizou-se a técnica de entrevista oral, baseada na trajetória de vida, realizada com professoras do CNAT/IFRN, ativas e aposentadas.

As análises das fontes seguiram a seguinte estrutura: para documentos e leis, foram utilizados autores como Le Goff (1990), Certeau (2022), Stamatto (2012), entre outros; para a análise iconográfica, recorreu-se a teóricos como Ciavatta (2019), Joly (2012), Merleau-Ponty (2018), Kossoy (2020), Rancière (2012), entre outros; e, para as entrevistas, aplicou-se a Análise Textual Discursiva (ATD), conforme Moraes e Galiuzzi (2016), por considerar que:

A Análise Textual Discursiva pode ser entendida como o processo de desconstrução, seguido de reconstrução, de um conjunto de materiais linguísticos e discursivos, produzindo-se a partir disso novos entendimentos sobre fenômenos e discursos investigativos. (Moraes e Galiuzzi, 2016, p. 134).

No processo de desconstrução e reconstrução da escrita desta pesquisa, ao refletir sobre a mulher e o esporte no IFRN, a história oral e as memórias das professoras revelaram-se fontes históricas essenciais. Para fundamentar essa abordagem da História Oral e da memória, foi necessário recorrer a autores como Le Goff (1990), Portelli (2016), Thompson (1998), Meihy (2005, 2015), Alberti (2004a) e Pollak (1989, 1992). Além desses, também foram consultados outros autores específicos da área de Educação Física e Esporte, como: Moreira (2012), Goellner (2003; 2022), Pereira (2019), Mendes (2009), Darido (2003).

Desse modo, considerando-se o esporte como um direito social (como pondera a CF/1988 e a Carta Internacional de Educação Física da UNESCO), há de se prever que as mulheres possuem os mesmos direitos que os homens. Assim, torna-se fundante a compreensão

das leis, das relações de gênero e da sua participação no esporte brasileiro, na educação e, para os fins desta pesquisa, sua inserção no ensino técnico e na educação profissional.

A partir do exposto, apresento as intenções do estudo, quais sejam, os objetivos: geral e específicos.

Objetivo geral:

Analisar a participação e atuação das professoras de Educação Física e Esporte do IFRN nas atividades dessa área, por meio das memórias e trajetórias narradas por elas, identificando aproximações e particularidades que influenciaram a prática esportiva na instituição.

Objetivos específicos:

- a) Investigar a presença de professoras de Educação Física e Esporte no IFRN ao longo das últimas décadas do século XX e primeiras do século XXI, com base nas memórias e trajetórias das professoras.
- b) Identificar as aproximações e particularidades que possivelmente interferiram na prática esportiva e educativa das trajetórias das professoras.
- c) Compreender o papel das mulheres como protagonistas na Educação Física e Esporte, destacando os princípios educativos, de formação e de trabalho para o campo no contexto do IFRN.
- d) Desvelar as experiências vividas, as sensações e as emoções vinculadas à Educação Física e Esporte, das professoras do IFRN, por meio das memórias evocadas durante as entrevistas.

Dando continuidade ao aquecimento, na intenção da corrida final dos 100m rasos dos jogos internos da ETFRN, entro no seguinte passo: o alongamento, o qual denomino o percurso traçado, ou seja, os procedimentos metodológicos adotados para realizar esta pesquisa.



Fonte: Torres, Daniel Ferreira, 2025.

1.1 ALONGAMENTO: O PERCURSO TRAÇADO

Na perspectiva da analogia empregada ao longo do texto, o alongamento seria a maneira como caminho, ou melhor, como eu corro, no processo da escrita do texto. Que escolhas fiz para alcançar as proposições? Neste primeiro momento, como aqueci naquela prova? Articulei minha musculatura, realizando um alongamento dinâmico, uma vez que se fazia necessário adentrar no clima da prova, com um delineamento pré-estabelecido. Dito isso, qual caminho organizar para o alcance da linha de chegada? Rememoro que quando estava alongando, cogitava estratégias no ato da corrida para o seu alcance final, qual seja: cruzar a linha de chegada. Conclui, que necessitava ter uma boa largada, que precisaria manter o máximo de minha velocidade, ou seja, a manutenção da corrida em sua máxima velocidade, para então cruzar a linha, nas condições e superações possíveis.

Nesta tese, o caminho estabelecido está no campo historiográfico e memorial, e discorre sobre as professoras de Educação Física e Esporte do IFRN, atravessadas pelos pressupostos teóricos da História Oral, com a técnica da entrevista da trajetória de vida, da atuação profissional e formação docente, regada pela experiência vivida da autora, não se configurando nem autobiografia, nem biografia, mas carregando traços destas.

Trata-se de olhar essas histórias, considerando, por exemplo, o postulado por Certeau (2022, p. 46), que afirma: “encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura)”. Com isso, entendo a história como uma prática, o seu resultado e a relação de fazer dela um registro escrito.

Outro aspecto relevante no emprego desta metodologia é a memória. Ao tratar sobre a questão da herança grega, mais especificamente a Aristóteles, Ricoeur (2007), considera que ela se articula por uma primeira questão, que é a “coisa”, ou seja, de que ela é do passado. Então, para ele, “[...] é o contraste com o futuro da conjectura [sic] e da espera e com o presente da sensação (ou percepção) que impõe esta caracterização primordial” (p. 35). Em seguida, levanta-se uma segunda questão, que seria a relação da memória com a imaginação, com o intuito de ser fiel ao passado, considerando sua experiência atual, o hoje que revisita o passado. Ainda para o autor, a memória por si só não é suficiente, então, ela deve ser entendida na relação com o sujeito, com o espaço e com o tempo.

Por outro lado, para Halbwachs (1990), toda memória coletiva é fruto de uma construção individual. Em outras palavras, as lembranças que pertencem a um sujeito são

sempre lembranças coletivas, ainda que tenham sido vividas sozinhas. Em suas palavras, “se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança da exatidão de nossa evocação será maior” (p. 25). Ao entender que as lembranças são conformadas pelas interações sociais e culturais, consente-se propagar uma visão mais crítica e complexa da história a qual se propõe realizar.

O percurso metodológico desta pesquisa foi estruturado em etapas e foi apresentado a o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - CEP/IFRN para avaliação e posterior aprovação, sob o parecer nº 6.140.429 e CAAE: 68664223.1.0000.0225. Essas etapas incluíram: a realização de pesquisa documental, com consulta a documentos disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, no arquivo do CNAT (além de mídias específicas da área de Educação Física e de Normativos Legais disponíveis no site oficial do Governo Federal) e a realização de entrevistas orais. Para a seleção das entrevistadas, estabeleci como critério que fossem professoras com atuação na disciplina de Educação Física e Esportes no IFRN e que foram alunas egressas da instituição.

Uma vez que a pesquisa foi enquadrada nos parâmetros de aprovação do CEP/IFRN, iniciei o processo de identificação das professoras de Educação Física e Esporte que atuam e atuaram no IFRN. Para isso, executei os seguintes procedimentos: acesso ao Sistema Unificado de Administração Pública do IFRN (Suap - IFRN) para consulta de documentos relacionados à rotina administrativa da instituição; contato com a Diretoria de Gestão de Pessoas do IFRN/CNAT e da Reitoria do IFRN, além de análise de fichas funcionais no arquivo do IFRN/CNAT, com o objetivo de verificar o enquadramento funcional das servidoras e seu status (ativo ou aposentadoria), e consulta à plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Identificadas as professoras, entrei em contato com cada uma delas por e-mail e WhatsApp, solicitando que respondessem a um questionário prévio (Apêndice A). Inicialmente, o questionário foi enviado a 29 professoras e apenas uma não respondeu. O questionário permaneceu aberto até 28 de setembro de 2023, conforme o cronograma aprovado pelo CEP/IFRN. No entanto, com o avanço da pesquisa e a descoberta de contatos de duas professoras que não haviam respondido o questionário, foi reaberto em abril de 2024 para que elas pudessem responder. Dessas, apenas uma respondeu.

Para a coleta de dados da fonte oral, utilizei a técnica de entrevista baseada na trajetória de vida e na atuação profissional, alinhada aos aportes teóricos da História Oral. Identifiquei oito (08) professoras, incluindo a mim, que pertenciam às institucionalidades da ETFRN e do CEFET/RN.

Entre as sete professoras contatadas por e-mail e WhatsApp, seis aceitaram participar da entrevista (Anexo II). No entanto, com base em dados coletados no arquivo do IFRN/CNAT e nas narrativas de uma das entrevistadas, considerei prudente incluir uma professora que atuou na ETFRN no início da década de 1980. Sua participação foi fundamental para esclarecer dados incompreensíveis encontrados durante a pesquisa, enriquecendo assim o estudo.

A entrevista de trajetória de vida, conforme caracterizada pela professora e pesquisadora Delgado (2010), consiste em “[...] depoimentos de história de vida mais sucintos e menos trabalhados” (p. 23). Essa abordagem foi adotada no presente estudo, com a realização de uma única sessão com cada entrevistada, aproximando-se dos critérios estabelecidos pela autora.

As professoras participantes e que autorizaram o uso de seus nomes, de imagens e áudios, foram: Ana Cristina de Araújo, professora do CNAT e aluna egressa do Curso Técnico de Estradas do final da década de 1980, na institucionalidade ETFRN; Gizelda Lúcia dos Santos Maia, professora do CNAT e aluna egressa do Curso Técnico de Estradas do final da década de 1980, na institucionalidade ETFRN; Ingrid Patrícia Barbosa de Oliveira, professora do *Campus* João Câmara e aluna egressa do Curso Técnico de Saneamento da década de 1990, na institucionalidade ETFRN; Nerijane de Almeida Monteiro, professora do *Campus* Macau e aluna egressa do Curso de Geologia e Mineração da década de 2000, na institucionalidade CEFET/RN; Paula Nunes Chaves, professora do *Campus* Nova Cruz e aluna egressa do Curso de Controle Ambiental da década de 2000, na institucionalidade CEFET/RN; e Sônia Cristina Ferreira Maia, professora aposentada do IFRN e aluna egressa do Curso Técnico de Saneamento da década de 1980, na institucionalidade ETFRN. A última entrevistada, a professora Cristina Maria da Cunha Melo, foi definida após a entrevista com a professora Sônia Cristina, quando entendi a importância para o esclarecimento de fatos relativos às primeiras professoras dessa área na instituição.

Uma das principais referências que nos guiou a respeito da metodologia da História Oral está nos postulados de Portelli (2016) que, ao abordar sobre a objetividade da fonte oral, considera que os documentos advindos dela são o resultado de um projeto compartilhado entre a/o entrevistada/dor e a/o entrevistada/o, os/as quais são harmoniosamente envolvidas/os. Diferentemente das fontes escritas, que são fixas, as fontes orais são cocriadas pela/o pesquisadora/dor, e Meihy (2005) considera a história oral como uma ‘história viva’, uma vez que ela requer uma impressão do passado a qual carrega uma continuidade hoje, de forma que sua movimentação histórica não está acabada.

A história oral é o momento em que se transforma uma escuta em um processo de

escrita. Para Portelli (2016, p.10), “a história oral, então, é primordialmente uma arte da escuta”, enquanto para Meihy (2005) é também uma escuta, que utiliza de artefatos tecnológicos, como o gravador, a filmadora e que, por sua vez, é transformada em escrita. Em suas palavras, a “História oral é um processo sistêmico de uso de depoimentos gravados, vestidos do oral para o escrito, com o fim de promover o registro e o uso de entrevistas” (Meihy, 2005, p.18). Assim, Portelli e Meihy enfatizam a seriedade da escuta na história oral. Meihy, porém, complementa essa abordagem ao sugerir a incorporação de ferramentas tecnológicas ao processo, facilitando a elaboração do texto final.

Nesse processo de escuta e análise dos dados das fontes narrativas, documentais e iconográficas, adotei a Análise Textual Discursiva (ATD), conforme proposta por Moraes e Galiani (2016). Para isso, utilizei categorias *a priori*, definidas como: memórias individuais e coletivas das professoras de Educação Física e Esporte e a categoria cultura de movimento. Essas categorias foram estabelecidas com base no *corpus* teórico da História Oral e da Educação Física e Esporte, que subsidiaram a análise.

Por outro lado, as categorias emergentes, ou unidades de significado, foram construídas a partir das narrativas das professoras coletadas nas entrevistas orais. Para isso, efetuei os seguintes passos: ouvi, revisei, reli e assisti às entrevistas, identificando unidades de significado que emergiram das narrativas das professoras (Quadro 03) e que deram sentido ao *corpus* teórico. Com base nessa tessitura, realizei uma análise textual discursiva de caráter crítico-reflexivo, em diálogo com os autores que fundamentaram este estudo.

Ao considerar as categorias de memórias coletivas e individuais e a concepção de Halbwachs (1990) de que as lembranças são continuamente coletivas, ainda que vivenciadas sozinhas, a análise das entrevistas com as professoras para responder às questões propostas torna-se indispensável. Como aponta o autor:

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum (Halbwachs, 1990, p. 12.)

Assim, fui guiada em relação às memórias suscitadas pelas professoras. Nessa trajetória, cruzar as fontes foi indispensável nas análises, uma vez que são fundamentais para a escrita da história sobre a temática da pesquisa, no sentido de que, para se fazer história, deve-se ter um rigor ao se pesquisar as fontes, quer sejam documentos, iconografias, mapas, jornais, entrevistas, entre outras. Em suma, o zelo nas análises dos diversos documentos, sobre os quais

estou me debruçando, dará a qualidade que Ciavatta (2019) destaca em seu trabalho.

Por outro lado, nas narrativas das professoras, todas evidenciaram a emergência da cultura de movimento. Entende-se que o corpo estabelece um diálogo a partir de uma linguagem verbalizada por e através do movimento e, ainda, que este diálogo dá-se a partir do seu interesse. Por exemplo, uma jogadora de futebol estabelece uma comunicação a partir de sua experiência de movimento, como a forma de andar, de se vestir, além da própria comunicação verbal, a qual é identificada a partir da realidade daquela modalidade. Assim, vão-se criando relações corporais a partir de sua cultura de movimento, do corpo em movimento, em uma sociedade, uma comunidade, e esses movimentos vão se modificando e estabelecendo novas relações e, assim, se cria e recria as histórias de uma sociedade, de uma comunidade (Mendes, 2009).

Dessa maneira, as pessoas se movimentam por meio de corridas, caminhadas, saltos, das práticas esportivas, das danças, da capoeira, dos jogos (em suas diversas abordagens), relacionando-se a uma determinada cultura e seu movimento. Para Mendes (2009, p. 2):

Todos os povos se movimentam, caminham, correm, saltam, rolam ou praticam esportes, mas também se relacionam. A este conteúdo cultural corresponde comportamento de movimento, formas de movimentar-se, caracterizando assim uma cultura de movimento. Nesse sentido, o conceito de cultura de movimento refere-se às relações existentes entre essas formas de se movimentar e a compreensão de corpo de uma determinada sociedade, comunidade, de uma cultura.

A autora convida a reflexão sobre o aspecto biológico do corpo, mas também como um veículo de expressão da cultura. Os movimentos, desde os mais simples até os mais sofisticados, carregam em si significados e valores que são construídos socialmente. O futebol, por exemplo, não é apenas uma sequência de técnica e táticas de movimentos, mas uma forma de expressão esportiva que varia de cultura para cultura.

Na definição das categorias emergentes, relacionadas às memórias individuais e coletivas, bem como a cultura de movimento, estabelecidas com base no arcabouço teórico, realizei uma análise aprofundada das entrevistas, conduzindo múltiplas leituras e uma escuta atenta das gravações. Durante esse processo, identifiquei e anotei unidades e conceitos presentes nas narrativas das professoras.

Sem quantificar as ocorrências, foquei em identificar quais professoras mencionavam determinadas unidades ou conceitos relevantes para a categorização e posterior análise, alinhando-me ao *corpus* teórico da História Oral e da Educação Física e Esporte. Diante dessas reflexões, elaborei o Quadro 03, o qual representa às categorias *a priori* e emergentes, além das unidades ou conceitos narrados por cada professora.

Dessa forma, busquei representar a área de forma significativa, levando-se em consideração tanto a memória individual quanto a construção de uma memória coletiva por meio das narrativas. No que diz respeito aos aspectos da cultura de movimento, evidenciou-se como as práticas corporais e as experiências de atuação das professoras estão intrinsecamente relacionadas à cultura de movimento no IFRN, tomando como referência o conceito proposto por Mendes (2009).

Ao analisar os dados, estabeleci um diálogo constante entre as narrativas das entrevistadas e o arcabouço teórico da pesquisa, buscando identificar padrões, contradições e nuances nas histórias da trajetória de vida e da atuação profissional das professoras.

Dando continuidade a este processo metodológico da pesquisa, mediante pesquisa aos acervos e fontes do arquivo do IFRN/CNAT, tive acesso a boletins informativos, diários, fichas funcionais das servidoras, portarias e registros iconográficos. A pesquisa também incluiu documentos da rotina administrativa do IFRN, acessando a partir de um servidor em nuvem, compartilhado pela servidora Arilene Medeiros, do arquivo do IFRN/CNAT, além de outros normativos e documentos pedagógicos, tais como: Projeto Pedagógico de Curso - PPC, Propostas de Trabalho para as Disciplinas do Ensino Médio da Disciplina de Educação Física - PTDEM, Organizações Didáticas da Instituição entre outros.

Na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, pesquisei os jornais “Diário de Natal” e “O Poti”. Além dos jornais do período, leis e decretos educacionais e governamentais foram pesquisados. Portanto, foi estabelecido o cruzamento destas fontes como meio para responder às questões propostas.

Em outros repositórios digitais, acessei a “Carta Internacional de Educação Física e Esporte” da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e leis sobre o esporte no país.

Autores renomados como Thompson (1998), Halbwachs (1990), Certeau (2022) e Ricoeur (2007) me guiaram neste cruzamento das fontes. Em “A escrita da história”, por exemplo, Certeau (2022), conduziu na direção de como a história lida com o conhecimento, reconstituindo o passado a partir das experiências vividas. Por outro lado, as memórias estão presas, ou melhor, pertencem às lembranças individuais e/ou coletivas, as quais recebem interferências de níveis patológicos-terapêuticos, práticos e ético-políticos (Ricoeur, 2007). Por outro lado, Halbwachs (1990) considera que a memória individual está carregada de um sentimento de pertencimento a um grupo, ou seja, a memória coletiva. Já nos trabalhos de Thompson (1998), observa-se o cruzamento das narrativas dos/as entrevistados/as e, assim construir uma escrita mais completa a respeito do objeto de estudo.

Na análise iconográfica, nas experiências vividas, nas sensações e emoções utilizei os estudos de Ciavatta (2002), Ricoeur (2007), Kossoy (2020), Rancière (2012), Joly (2012), Merleau-Ponty (2018), Cyrulink (1995); além de autores da área de Educação Física e Esportes como: Nóbrega (2006; 2015), Kunz (1994), Moreira (2012), Goellner (2003; 2022), Pereira (2019), Mendes (2009), Darido (2003), entre outras/os.

Ainda em relação à análise de documentos, Le Goff (1990, p. 462-463, grifo do autor) dispõe que:

O documento que, para a escola histórica positivista do fim do século XIX e do início do século XX, será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica. A sua objetividade parece opor-se à intencionalidade do monumento. Além do mais, afirma-se essencialmente como um testemunho *escrito*.

Dessa forma, o conteúdo presente nos documentos é imprescindível para a escrita da tese. No entanto, é necessário destacar que nem sempre documentos legais, como decretos e leis, conferem representatividade à realidade social, especialmente no campo da educação e, mais especificamente, às demandas das mulheres.

Nesse sentido, segundo Stamatto (2012, p. 277), os documentos servem para “subsidiar pesquisas na área de história da educação que utilizam como fonte primária a legislação educacional”. Estes, por sua vez, se firmam na prática, porque a regulamenta, mas muitas vezes não são fiéis à realidade desejada pela comunidade. Eles, muitas vezes, orientam a necessidade de incorporação por parte de quem à deve cumprir, bem como demonstram que foram criadas novas leis que a tornaram realizável, como complementa a autora: “A lei normatiza e direciona ações do poder instituído; limita poderes discricionários; permite e delimita ações de agentes sociais; garante direitos e cria possibilidades para ação de indivíduos e grupos sociais” (Stamatto, 2012, p. 281).

Diante disso, compreendi a necessidade de analisar os documentos do IFRN para, com base neles, constituir a história da temática em estudo e reconstituir a memória dos momentos vividos nas práticas de Educação Física e Esporte pelas professoras que foram alunas nas institucionalidades da ETFRN e do CEFET/RN.

Com essa perspectiva, compreendo que a História Oral narrada pelas professoras participantes trouxe, em suas narrativas, as experiências destas práticas nas diversas institucionalidades, bem como as representações que essas mulheres trouxeram de fatos passados e do ponto de vista de sua experiência, vivência e sentidos da subjetividade emanada das narrativas.

Foi a partir dessa premissa que senti a necessidade de estabelecer um diálogo ao

abordar sobre as experiências vividas, sentidas, as emoções e as percepções que as práticas esportivas trouxeram para estas mulheres em suas vidas pessoais e suas escolhas profissionais intrínsecas na história do ensino de Educação Física e Esporte do IFRN. Isso acontece porque as experiências vividas e sentidas privilegiam a experiência do sensível, do corpo, do sentir, do viver e agir, por meio de suas experiências corporais e seu mover-se no mundo, algo que Nóbrega (2018) considera como estesiologia. É, assim, no sentido do esporte, como um processo pedagógico, de uma dimensão de corporeidade, compreendida por esses autores e validada pela pesquisadora, que os dados coletados nas entrevistas serão analisados. A seguir, apresento o percurso realizado na coleta de dados.

1.1.1 Pesquisa ao arquivo do CNAT

A pesquisa no arquivo do CNAT foi organizada em quatro momentos distintos, que ocorreram simultaneamente às demais coletas de dados. Ou seja, ao mesmo tempo em que frequentava o arquivo, dedicava-me às demais fontes e realizava as entrevistas com as professoras. A seguir, descrevo os momentos vividos no arquivo, detalhados nos itens que se seguem.

a) Primeiro momento - Acesso às fotografias sobre Educação Física e Esportes

Devido a não ter clareza de quais fontes poderia acessar a época do primeiro contato ao arquivo do IFRN/CNAT, optei por solicitar à servidora Arilene Medeiros, responsável pelo arquivo, o acesso a imagens que tivesse como tema as práticas de Educação Física e Esportes. Assim, iniciei este primeiro momento no dia 24 de janeiro de 2023, acessando as pastas de imagens, mais especificamente sobre jogos esportivos, disponíveis no acervo do arquivo do IFRN/CNAT, que possui arquivos do período entre a década de 1970 e a década de 2000. Nelas, identifiquei os JEBEM, jogos internos, gincanas culturais, colônias de férias, datas comemorativas, aulas de Educação Física, treinos esportivos, inauguração do parque poliesportivo do IFRN/CNAT, entre outras imagens referentes a práticas esportivas.

Os dias em que pesquisei estas imagens foram 24 de janeiro, 07 de fevereiro, 14 de fevereiro, 05 de abril e 25 de abril, todos no ano de 2023. De posse desse acesso, criei um arquivo pessoal com estas imagens, em especial aquelas em que houvesse mulheres na prática da Educação Física e Esporte. Minha intenção era identificar as possíveis alunas egressas, porém entre todas as fotografias identificadas, apenas uma tinha essa condição. Essa fotografia foi reconhecida pela própria professora Ana Cristina Araújo, que me acompanhou em um destes dias ao arquivo e, quando viu a fotografia, logo se reconheceu.

Para este primeiro momento, com as imagens, pude elaborar um artigo, apresentado no III Encontro de Professores de Educação Física do IFRN (EPEF), realizado em junho de 2023 no *Campus* Canguaretama do IFRN. Na ocasião, elaborei um quadro cronológico com o quantitativo dos Jogos Internos realizados no IFRN/CNAT, identificando que os primeiros Jogos Internos, realizado pelo IFRN/CNAT (à época a institucionalidade era ETFRN), aconteceram no ano de 1976. Analisei, também, algumas portarias em que as mulheres se configuram na organização dos jogos internos do IFRN/CNAT, além de fotografias dos jogos internos neste período.

a) Segundo momento - Acesso aos boletins informativos da ETFRN

Passado o período do acesso as fotografias, fui tomando confiança e sentindo a necessidade de analisar informações mais consistentes que tratassem sobre o dia a dia da instituição, foi quando, mais uma vez a servidora Arilene Medeiros deu a ideia de que acessasse os boletins informativos, então iniciei este segundo momento no dia 17 de maio de 2023 e pesquisei mais dois dias: 21 de junho de 2023 e 10 de outubro de 2023, quando pude analisar que havia notícias sobre jogos internos, participação em eventos esportivos, aberturas de jogos internos, participação de professores em eventos esportivos e de formação profissional, notícias de apresentações de grupos de danças, entre outros acervos relacionados a práticas da Educação Física e Esporte.

Selecionei as notícias relevantes para o estudo e as organizei em uma pasta no Google *Drive*. Essas notícias foram utilizadas para dialogar com as questões de pesquisa e contribuir para a resposta aos objetivos estabelecidos no trabalho. Além disso, utilizei o material para elaborar *slides* personalizados, que foram apresentados ao final de cada entrevista.

b) Terceiro momento - Acesso aos diários de classe da disciplina de Educação Física e Esporte

Iniciei este terceiro momento com o acesso aos diários de classe de Educação Física e Esporte, nos dias 17, 18, 19 e 24 de janeiro de 2024, novamente por orientação da servidora Arilene Medeiros. Ainda sem muita clareza sobre o que poderia fazer com esse acesso, tinha em mente que utilizaria os diários nos *slides* apresentados durante as entrevistas. Assim, o foco foi identificar as alunas egressas nesses registros. Ao levar os diários para as entrevistas, o resultado foi surpreendente: ao se depararem com seus nomes, elas tiveram verdadeiros disparos de memórias, fazendo comentários que rememoravam o tempo das aulas, as amigas de classe e as emoções que surgiram, como alegria, euforia, orgulho e admiração. Além disso, observava-se um olhar fixo ao verem seus nomes, atentas às faltas e notas registradas.

Apesar de ser uma riquíssima fonte de análise, este estudo deteve-se a este aspecto

exclusivo dos diários, porém observei que os conteúdos descritos nos diários giravam em torno de temas narrados pelas professoras nas entrevistas, como: sincronização de marcha, ginástica geral, recreação, grandes jogos (jogos pré-desportivos), modalidades esportivas generalizadas (atletismo, basquetebol, handebol, voleibol, futebol, futsal etc.), testes de Cooper, ginástica especial, ordem unida, exercício de formação geral, exercícios de coordenação motora, exercícios de flexibilidade, ginástica escolar, condicionamento físico, exercícios de abdominais, circuitos, iniciação esportiva, ginástica masculina, ginástica feminina, corridas, ginástica aeróbica, exercícios de força e flexibilidade, ginástica natural, musculação e outras atividades específicas de técnicas e táticas de modalidades esportivas. Ou seja, conteúdos que seguem as correntes¹⁰ higienista, militarista, bilogiscista e esportivista.

O ano em que decidi iniciar a exploração dos diários foi 1976, por ser o primeiro ano em que houve registro de alunas regulares na instituição. No entanto, nenhuma aluna ou professora foi encontrada nesse período, tendo sido revisados 29 diários, todos referentes a alunos do sexo masculino. Em 1977, explorei 27 diários, os quais também não registravam a presença de professoras ou alunas. Já em 1978, analisei 50 diários e identifiquei 8 deles relacionados a alunas, mas nenhum referente a professoras. É importante esclarecer que esses 8 diários eram de responsabilidade do professor de Educação Física e Esporte da ETFRN, Pedro Galvão. Os demais diários foram revisados com o objetivo de encontrar as possíveis professoras que entrevistei. Decidi interromper a análise no ano de 1992, sem um critério pré-definido, mas considerando as limitações de tempo e a possibilidade de retomar essa fonte em pesquisas futuras

d) Quarto momento - Acesso às portarias de professoras de Educação Física e Esporte

O acesso aos documentos, às imagens e aos boletins foi me estimulando a ter conhecimento e saber como foi o processo de contratação das professoras de Educação Física e Esporte, então solicitei o acesso às portarias de contratação das professoras. Assim, iniciei a análise das portarias no dia 14 de maio de 2024, em que pesquisei portarias dos anos de 1981 a 1984. Identifiquei portarias que contrataram as professoras temporárias Cristina Maria Melo e Doracelis Marques, temporárias, em substituição à professora Teresinha Elizabet Portela.

No dia 20 de maio de 2024, pesquisei as portarias dos anos de 1977 a 1980. Também

¹⁰ As principais correntes e primeiras sistematizações das ginásticas/Educação Física nas escolas podem ser acessadas nas obras do Coletivo de Autores (1992); Darido (2003); Castellani Filho (2009); Soares (2001), e outros autores da área.

tive acesso à pasta funcional da professora Carmem Gurgel, em que pude verificar seu currículo submetido à época para ingresso como professora temporária, além do resultado no concurso que a efetivou.

Nos dias 26 e 27 de junho de 2024, tive acesso às portarias dos anos de 1976, 1985, 1986, 1987, 1988, 1989 e 1990, em que identifiquei apenas portarias referentes aos jogos internos e, no ano de 1990, uma portaria de nº 019/90-GD/ETFRN, sobre as “Normas de Avaliação em Educação Física”.

De posse destes dados, pude construir um quadro em que identifico como se deu o processo de contratação das primeiras professoras, além das condições em que foram contratadas: se por concurso ou por indicação, algo que será detalhado na seção II.

Todos os materiais coletados no arquivo do CNAT serviram de base para a criação de *slides*, disponíveis no Anexo IV. Esses *slides* foram utilizados ao final de cada entrevista, realizadas entre janeiro e maio de 2024, com as sete professoras que aceitaram participar deste estudo.

Durante a elaboração dos *slides*, tentei entrar em contato com ex-alunas/os, familiares e amigas/os das professoras. No entanto, obtive sucesso apenas em três situações: com dois colegas de trabalho atuais, e no outro, com uma colega de trabalho. Sem o retorno esperado, recorri ainda ao *Instagram* pessoal de cada professora que iria entrevistar para obter imagens as quais pudesse usar na produção dos *slides*. Os *slides* foram personalizados para cada entrevistada e apresentados para apreciação ao final de cada entrevista, com o objetivo de estimular a memória, ampliar suas lembranças e propiciar disparos de memórias (aberturas de significados¹¹) que trouxeram novos elementos de discussão, não mencionados anteriormente por elas.

Dando continuidade ao acesso as fontes, apresento o item a respeito da *Hemeroteca Digital*.

1.1.2 Acesso à *Hemeroteca Digital*

Paralelamente às jornadas ao arquivo, pesquisei mídias de Educação Física e entrevistas na *Hemeroteca Digital*. Dessa forma, o primeiro acesso realizado à Hemeroteca Digital foi no dia 05 de julho de 2023, utilizando, para a busca, o seguinte descritor: ETFRN. Os anos pesquisados foram os de 1980 e 1981, no jornal *Poti*. A primeira matéria encontrada

¹¹ Termo utilizado pelo prof. Dr. Luiz Arthur Nunes da Silva na sua qualificação da tese do PPGEF, no dia 26 de fevereiro de 2025.

relacionada a esportes e ETFRN foi sobre os JERNs, enquanto as demais foram matérias sobre alugueis e vendas, que estavam na parte dos classificados.

Os demais acessos foram nos seguintes dias: 10 de julho de 2023, do ano de 1982, no jornal Poti; 28 de agosto de 2023, dos anos de 1972, 1975, 1979, 1983, 1984, 1986 e 1987, no Poti; 18 de setembro de 2023, no ano de 1980, no Poti; e 09 de outubro de 2023, nos anos de 1980 e 1981, no *Poti*. As notícias tratavam sempre em torno do Jerns, sobre a participação da ETFRN em diversos jogos; sobre o exame de seleção para ingresso na instituição; a algum evento organizado pela ETFRN, em relação à Educação do país ou do Estado; a convocações de atletas ou professores (homens) de Educação Física e Esportes para compor equipes do Rio Grande do Norte para representar o Estado em viagens de jogos Regionais, Nacionais ou Internacionais; a congressos organizados pelos professores da ETFRN, entre outros. Não identifiquei nenhuma notícia que pudesse referendar ou aproximar as questões levantadas no trabalho, nem que fazia referência a alguma professora de Educação Física e Esporte da Instituição em estudo. Diante dessas questões, no decorrer do texto, inseri apenas uma notícia a respeito do exame de seleção para discentes mulheres no ano de 1976. No que diz respeito às mídias de Educação Física e Esporte, o item a seguir traz um relato sobre esse tópico.

1.1.3 Mídias de Educação Física e Esporte

Em relação a pesquisas nas mídias da área de Educação Física, acessei, ainda na elaboração do projeto, no dia 04 de fevereiro de 2022, a *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* - RBCE, a qual pode ser acessada pelo link: <https://www.scielo.br/j/rbce/>.

Acessei o site da *Revista Movimento* (<https://seer.ufrgs.br/Movimento>), no dia 22 de julho de 2022, para a elaboração de um artigo sobre o Decreto nº 3.199, de 14 de abril de 1941, e no item “busca”, acrescentando os descritores “mulher” e “esporte” sem aspas, identifiquei 16 artigos; ao utilizar “mulher e esporte”, com aspas, com 07 artigos; “esporte feminino” com aspas, retornou 02 artigos e, por fim, “esportes” “femininos”, sem aspas, que retornou 26 artigos. Após o filtro dos artigos, 07 foram analisados.

No dia 10 de novembro de 2022, acessei o site do *Conselho Federal de Educação Física* - CONFED (<https://www.confed.org.br/confefv2/>) para consultar documentos e legislação a respeito da área.

No dia 20 de dezembro de 2022, acessei a *Revista Digital* (<https://efdeportes.com/efd77/esporte.htm>) para obter o contato com o texto da Profa. Silvana Goellner, intitulado “Esporte moderno: memória e história”. No site da Unesco

(<https://www.unesco.org/en>), no dia 22 de dezembro de 2022, obtive a “Carta Internacional de Educação Física e Esporte” da UNESCO.

Para ter acesso às diversas legislações de Educação Física e Esporte do país, me reporte ao *site* do Governo Federal a partir do dia 10 de abril de 2023, para visualizar as leis e decretos sobre a área. Ao concluir as subseções dedicadas às pesquisas dos sites e das fontes, passo a relatar, no item a seguir, sobre as entrevistas.

1.1.4 As entrevistas

Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo CEP/IFRN, em janeiro de 2024, iniciei a coleta de dados por meio de entrevistas. Identifiquei um total de 33 professoras de Educação Física e Esporte no IFRN até o ano de 2024.

Para delimitar o universo da pesquisa e otimizar o tempo, considerando a duração do doutorado, estabeleci como critério de seleção: professoras que tenham sido alunas do IFRN/CNAT e que sejam ou tenham sido docentes de Educação Física e Esporte no IFRN. Esse critério resultou em um grupo inicial de sete professoras. Entretanto, apenas seis concordaram em participar da pesquisa. No entanto, uma professora que atuou no início dos anos 1980 foi identificada em portarias da instituição e mencionada por uma das entrevistadas. Diante disso, senti a necessidade de incluí-la no estudo. Realizei o contato e ela aceitou participar do estudo.

A pesquisa evidencia a história da trajetória de vida e da atuação profissional das professoras de Educação Física e Esporte do IFRN e tem como predominância no tratamento dos dados a interpretação histórica a partir dos elementos da história oral e do experienciar, vivenciar e sentir. A seguir apresentarei o trote, ou seja, os motivos que me levaram a esse estudo, em uma corrida suave, dialogando com a realidade desta Instituição, tendo como foco maior o período do estudo.

1.2 TROTE: CORRIDA SUAVE

Após o alongamento, é preciso dar mais ênfase ao aquecimento. Dessa forma, realiza-se um trote, uma corrida suave. Na atual realidade, o alongamento foi o delineamento das estratégias, ou metodologias, a serem adotadas. Nesta situação, antes da coordenação, ou seja, dos objetivos, justifica-se o objeto de estudo.

Aponta-se que o esporte é um fenômeno social praticado desde a antiguidade e, graças a isso, muitos estudiosos se debruçam sobre o tema. Neste momento, trarei Tubino (2010), para o qual o esporte historicamente tem a seguinte divisão:

Da Antiguidade até a primeira metade do século XIX, ocorreu o Esporte Antigo. O Esporte Moderno, concebido depois de 1820 pelo inglês Thomas Arnold, começou a institucionalizar as práticas esportivas existentes, codificando-as por meio de regras e entidades. No final da década de 1980, a partir da aceitação do direito de todos ao esporte, tem início o Esporte Contemporâneo, para o qual a Carta Internacional de Educação Física e Esporte foi, sem dúvida, o grande marco (Tubino, 2010, p. 20).

Para o autor, as primeiras manifestações esportivas sistematizadas são concebidas por meio dos jogos gregos, os quais foram “festas populares, religiosas, verdadeiras cerimônias pan-helênicas, cujos participantes eram as cidades gregas” (2010, p. 22). Além da divisão por período, o autor classifica o esporte por dimensões sociais: esporte-educação, esporte-participação e esporte-performance.

Um dos referenciais na construção destas dimensões é a “Carta Internacional de Educação Física e do Esporte” na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), de 21 de novembro de 1978, elaborada durante reunião da organização em Paris, na sua 20ª sessão. Essa carta define, em seu Artigo 1º:

A prática da educação física e do esporte é um direito fundamental de todos.
1.1. Todo ser humano tem o direito fundamental de acesso à educação física e ao esporte, que são essenciais para o pleno desenvolvimento da sua personalidade. A liberdade de desenvolver aptidões físicas, intelectuais e morais, por meio da educação física e do esporte, deve ser garantido dentro do sistema educacional, assim como em outros aspectos da vida social (UNESCO, 1978, p. 03).

E, ainda, em seu Artigo 2º:

A educação física e o esporte constituem um elemento essencial da educação ao longo da vida no sistema educacional como um todo.
2.1. A educação física e o esporte, como dimensões essenciais da educação e da cultura, devem desenvolver habilidades, força de vontade e autodisciplina em todos os seres humanos, como membros plenamente integrados à sociedade. A continuidade da atividade física e a prática de esportes devem ser asseguradas por toda a vida, por meio de uma educação ao longo da vida, integral e democrática (UNESCO, 1978, p. 03).

Desse modo, com base nessas duas obras referidas, pode-se considerar que há a sistematização da dimensão-educação, defendendo que o papel da educação tem um caráter social, conforme menciona Tubino ao afirmar: “a educação, que tem um fim eminentemente social, ao compreender o esporte como manifestação educacional, tem que exigir do chamado esporte-educação um conteúdo fundamentalmente educativo” (Tubino, 2001, p. 35). Ademais, o autor fundamenta-se em outros autores (Teotonio Lima e Vera Costa) que defendem a vinculação do esporte às áreas de atuação pedagógica, como: integração social e

desenvolvimento psicomotor e das atividades físicas educativas, além de considerar o desenvolvimento das dimensões de cidadania, as quais são: cidadania política, cidadania civil e cidadania social.

Tubino (2001) ainda acrescenta que o esporte educacional tem a finalidade de promover a cidadania e “com regras adaptadas, o importante é a formação e não têm responsabilidades diretas com o desenvolvimento de atletas” (p. 83). O autor considera que “o esporte escolar, com finalidade de dar oportunidade de uma prática diferenciada para aqueles jovens que possuem talentos e biotipos adequados para determinadas modalidades esportivas, é desenvolvido por competições e treinamentos específicos” (p. 83), tal como é desenvolvido nos jogos internos, regionais e brasileiros dos Institutos Federais (JIFs).

Diante de tal contexto, me baseei, também, nos princípios do esporte-participação, defendido por Tubino (2001, p. 38), que constata: “[...] Esta manifestação, que ocorre em espaços não comprometidos com o tempo e fora das obrigações da vida diária, de um modo geral, tem como propósitos a descontração, a diversão, o desenvolvimento pessoal e as relações entre as pessoas”. Ele cogita, também, a existência de participação, o fortalecimento de grupos e de comunidades sociais, e o equilíbrio das desigualdades propiciadas pelo esporte-rendimento. Ao supor que só deve ser praticado por quem tem habilidades e talentos esportivos, bem como de que promove o espetáculo, o esporte-performance é definido pelo autor referenciado da seguinte forma: “traz consigo novos êxitos esportivos, a vitória sobre adversários nos mesmos códigos, e é exercido sob regras preestabelecidas pelos organismos internacionais de cada modalidade” (p. 40).

De forma complementar, Bracht (2005, p. 16) afirma que foi formalizada uma comissão para reformular o esporte no país, uma vez que são inúmeras as tentativas de conceituá-lo e classificá-lo:

No Brasil, a Comissão de Reformulação do Esporte Brasileiro, instituída pelo presidente José Sarney, em 1985, sugeriu e está sendo amplamente aceito, inclusive incorporado pela Constituição Federal de 1988, diferenciar o conceito de esporte em três manifestações: a) desporto-performance; b) desporto-participação e, c) desporto-educação (Bracht, 2005, p. 16).

Embora, reconheça o papel da comissão, Bracht (2005) defende a classificação do esporte de rendimento e do esporte de lazer, porque entende que o esporte educacional deve perpassar todas as classificações ou dimensões reconhecidas em uma sociedade.

Além destes autores apresentados, trago também a professora Darido (2003) que é uma

estudiosa da Educação Física no ensino médio. Em sua obra "Educação Física na Escola: Questões e Reflexões", ela aborda sobre as primeiras correntes da Educação Física como a higienista, militarista, bilogiscista e esportivista e, além desta discussão, apresenta em detalhes as novas abordagens pedagógicas, algo que acontece a partir do movimento renovador da Educação Física, entre meados da década de 1970 e o início da década de 1980.

Vale salientar que, a corrente higienista predominou no país a partir da década de 1930. Segundo Darido (2003, p. 2), sua principal preocupação “[...] é com os hábitos de higiene e saúde, valorizando o desenvolvimento do físico e da moral, a partir do exercício”. O agrupamento entre saúde, exercício físico e moralidade desponta uma narrativa moralizante presente na corrente higienista, que buscava conformar os corpos de acordo com um padrão social considerado ideal.

Já a corrente militarista¹² tem como base a sistematização da ginástica na escola, a partir dos métodos ginásticos com pressupostos sueco, francês e alemão. Os principais autores foram citados e estudados por Soares, Darido, Castellani Filho e outras/os da área, respectivamente, Ling, Amoros e A. Spiess. Para Darido, (2003, p. 1-2), “os métodos ginásticos procuravam capacitar os indivíduos no sentido de contribuir com a indústria nascente e com a prosperidade da nação”. De forma complementar, o modelo militarista objetivava, a partir da Educação Física, desenvolver os aspectos de fortalecimento do físico e do espírito de combate, de forma a propiciar a seleção de indivíduos fisicamente completos, excluindo aqueles que não suportassem a maximização da força. Segundo o Coletivo de Autores (1992, p. 34):

Dessa maneira, a educação física ministrada na escola começou a ser vista como importante instrumento de aprimoramento físico dos indivíduos que, "fortalecidos" pelo exercício físico, que em si gera saúde, estariam mais aptos para contribuir com a grandeza da indústria nascente, dos exércitos, assim como com a prosperidade da pátria.

Estas correntes eram eminentemente práticas, de cunho utilitarista, na intenção de promover o indivíduo capacitação física e moral. Dessa maneira, os aspectos teóricos da disciplina não eram desenvolvidos e, assim, não se diferenciavam aulas de Educação Física e as instruções de ordem militar.

A esportivização também foi uma corrente muito disseminada no período do golpe civil-militar pós 1964, uma vez que o investimento servia para promover o país a partir da prática esportiva e seu êxito em competições de alto nível. Assim, a Educação Física e Esporte

¹² A corrente militarista utiliza-se dos métodos ginásticos e a calistenia é parte constituinte dos métodos ginásticos, que, por sua vez, é parte constituinte da corrente militarista.

passa a desempenhar esse papel, sendo que para Darido (2003, p. 3):

É nessa fase da história que o rendimento, a seleção dos mais habilidosos, o fim justificando os meios está mais presente no contexto da Educação Física na escola. Os procedimentos empregados são extremamente diretivos, o papel do professor é bastante centralizador e a prática uma repetição mecânica dos movimentos esportivos.

Este modelo passa a ser questionado nos meios acadêmicos, em especial no período a partir do movimento renovador da Educação Física, em que novos profissionais da área se aprofundam em sua formação e novos mestres e doutores questionam estas correntes e modelos que só se preocupam com o rendimento, com o fazer pelo fazer. Assim, novas perspectivas são apresentadas.

Diante disto, fortaleço a argumentação sobre o esporte como um direito social, recorrendo tanto à classificação de Tubino (2001) como à própria Constituição Federal de 1988 (Cf. art. 217), que constituem como dever do Estado o fomento a práticas esportivas formais e não-formais. Essa perspectiva é confirmada pela “Carta Internacional de Educação Física e Esportes” da UNESCO, tanto em sua versão de 1978 quanto na atualização de 2018. Autores como Darido (2003), Coletivo de Autores (1992) e Moreira (2012) expandem essa compreensão, situando a Educação Física e o Esporte em uma perspectiva mais ampla, que envolve o movimento humano, a corporeidade.

Assim, compreendo que o IFRN tem o papel de oportunizar, aos/às discentes, formação para o “mundo do trabalho”, fundamentada em uma perspectiva de formação humana integral. Dessa forma, no PPP da instituição, os currículos de Educação Física e Esporte são significativos para contribuir com essa formação. Como postulado no PPP/IFRN, no trecho a seguir:

[...] as práticas educativas devem vislumbrar o ser humano em sua *omnilateralidade* e multidimensionalidade, contemplando-o física, emocional e racionalmente. Essas práticas devem estar associadas, permanentemente, às relações estabelecidas na família, nos segmentos sociais e no mundo do trabalho. Devem incorporar a participação política e cultural. Devem, por fim, ser decisivas na tessitura de um vir-a-ser social e individual (IFRN, 2012, p.35).

Com isso, no IFRN, a Educação Física e o Esporte aproxima-se, com maior ênfase, da dimensão educacional do esporte, embora em algumas institucionalidades, tenha tendenciado ao viés do rendimento, levando-se em consideração as dimensões sociais do esporte de Tubino (2001). Mas a instituição também atende às demais dimensões propostas pelo autor por meio

da disciplina de Educação Física escolar e da prática de esportes como atividade curricular, ponderando, ainda as propostas de Kunz (1994), Coletivo de Autores (1992), Darido (2003), Moreira (2012) e outros, a partir da reformulação e criação do Proposta de Trabalho das Disciplinas nos Cursos Técnicos de Nível Médio Integrado Regular e na modalidade EJA (PTDEM¹³) da disciplina.

Nos trabalhos lidos (a exemplo: teses, dissertações, livros e nos documentos acessados do arquivo do IFRN/CNAT), constatei que a Educação Física se manifesta com mais ênfase na década de 1940, como registrado por Silva (2019, p. 31).

Entretanto, julgamos importante ressaltar que, após a implantação do Estado Novo/Governo Vargas (1937-1945), pela primeira vez o ensino profissional é referenciado na Constituição Federal de 1937, quando o Governo incluía a educação em seu quadro estratégico visando equacionar a questão social e combater a subversão ideológica. Nesse último caso, ancorada na obrigatoriedade da educação física e do ensino cívico, concebidos como mecanismos de disciplina e controle corporal e ideológico.

A Educação Física tinha o papel de disciplinar os corpos no período abordado pela autora (década de 1940). Um exemplo disso é o Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, que limitou a participação das mulheres em determinadas práticas esportivas, cujos efeitos reverberam até os dias atuais.

É importante lembrar que, historicamente, o esporte para mulheres no Brasil enfrentou diversas barreiras. O Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, por exemplo, especificava em seu artigo 54 a interdição de práticas esportivas, afirmando que “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (Brasil, 1941). Esse texto refletia uma visão limitada e estereotipada sobre o papel das mulheres na sociedade, ao restringir sua participação em práticas esportivas.

Esse Decreto perdurou por aproximadamente 40 anos e, até hoje, carregam-se resquícios desta proibição nas diversas modalidades esportivas, eivados de simbolismo e de preconceitos em relação às práticas esportivas das mulheres em determinadas modalidades, consideradas de contato ou não adequada à “natureza feminina”, tais como futebol, lutas e handebol.

¹³ PTDEM trata da organização de proposta de trabalho de cada disciplina dos cursos de nível médio regulares e na modalidade EJA do IFRN. Nas propostas, constam uma apresentação da disciplina; seu arcabouço teórico; pressupostos teóricos-metodológicos; proposições metodológicas; tipos de avaliações a serem realizadas e as referências que são adotadas. No ano de 2023, foi iniciada a sua reformulação e atualização.

Atualmente, a Educação Física e o esporte assumem a prerrogativa de contribuir para a formação humana integral, uma vez que se configuram como um direito social, conforme definido na Constituição Federal (CF/1988).

Por ser um direito social, o esporte deve garantir que as mulheres tenham os mesmos direitos que os homens. Dessa forma, é fundamental compreender as leis, as relações de gênero e a participação feminina no esporte brasileiro, na educação e, especificamente nesta pesquisa, sua inserção na educação profissional.

Para o entendimento da perspectiva de Esporte no sentido mais amplo, procurei dialogar com Moreira (2012) e Darido (2003), que articulam a disciplina de Educação Física no ensino médio a partir de temas geradores, o qual considera a corporeidade e o esporte, sendo este conhecido em uma significância mais abrangente, que capta as diversas modalidades esportivas, compreendendo o esporte radical, as danças, as caminhadas, corridas, o condicionamento físico, a musculação, os jogos, as lutas etc., considerando a realidade existencial dos jovens.

Com esse intuito, os autores utilizam temas geradores que associam corporeidade e esporte. Na obra “Aulas de educação física no ensino médio” organizada por Moreira (2012), fruto de dois projetos desenvolvidos no Estado de São Paulo financiados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), o autor faz uma discussão nesse sentido amplo a respeito do esporte.

Tem-se a compreensão de que a disciplina de Educação Física¹⁴, como as demais disciplinas, educa para a vida, porém ela, em específico, tem a intenção de educar o corpo em todas as suas dimensões, ou seja, sua corporeidade. Assim:

Para o entendimento claro do que denominamos esporte, lembramos que consideramos prática esportiva uma atividade um exercício realizado com intencionalidade, em que haja regularidade e controle da atividade. Dessa forma, esporte é um conceito muito mais amplo que participar de uma modalidade esportiva. Assim, são esportistas o ser que dança, que luta, que executa movimentos ginásticos com regularidade, com controle e de forma livre e consciente, bem como as pessoas que andam ou correm diariamente, por livre iniciativa e com controle dessas atividades” (Moreira, 2012, p. 28).

¹⁴ Neste estudo, abordo a disciplina Educação Física como “Educação Física e Esporte” a partir de uma perspectiva mais ampla, que abrange as diversas práticas corporais, as quais educam o corpo a partir de práticas esportivas, como: danças, lutas, caminhada, lazer, corridas, modalidades esportivas, entre outras, ou seja, numa perspectiva de educar a corporeidade do indivíduo, o corpo em movimento, considerando sua cultura de movimento como um todo. Embora o nome da disciplina seja apenas Educação Física, nessa instituição, para esse trabalho, adotei a denominação “Educação Física e Esporte”, uma vez que também encontrei em alguns documentos e portarias esta nomenclatura.

É essa perspectiva das diversas formas de se vivenciar o esporte que o IFRN vem construindo a partir do PTDEM e da atuação de suas e seus professoras/es de Educação Física e Esporte, ou seja, uma abordagem mais ampla que incorpora a corporeidade do ser, das/os suas/seus discentes. Isso acontece devido à prerrogativa de ensino médio integrado, do postulado de que o esporte é trabalhado na perspectiva da complexidade do movimento, da cultura de movimento, da corporeidade, sua forma de estar presente no mundo, aproximando e reconhecendo-o como princípio pedagógico, conforme defendido por Kunz (1994), Moreira (2012), Nóbrega (2006; 2015; 2018), Coletivo de Autores (1992), Darido (2003) e outros que são corroborados aqui nesta pesquisa.

Nesta seção, introdutória, tive a intenção de justificar a escolha do objeto de estudo, apresentando uma compreensão histórica sobre o papel da Educação Física como forma de entender os conceitos ligados ao esporte. Para isso, apresentei as relações entre os escritos sobre as bases epistemológicas da Educação Física, dialogando com os estudos de Kunz (1994) e Moreira (2012), que afirmam que o corpo, abordado na Educação Física e no Esporte no IFRN, deve ser considerado não como objeto, mas como sujeito da ação pedagógica. Além disso, levei em consideração as novas perspectivas que priorizam uma Educação Física e Esporte sob um viés educativo, também discutidas nos estudos sobre o corpo de autores/s como Darido (2003), Coletivo de Autores (1992), Nóbrega (2006; 2015), Bracht (2005), Tubino (2001), entre outros.

Sendo assim, esta investigação justifica-se pela análise das continuidades e rupturas presentes em cada momento histórico da vivência esportiva das mulheres, desde o contexto da ETFRN até sua atuação profissional, a fim de compreender como o esporte foi ofertado às mulheres nessa instituição e se essa oferta contribuiu para sua formação humana em uma perspectiva integral¹⁵, para suas escolhas profissionais e para o desenvolvimento na área esportiva das ex-alunas e ex-atletas.

No processo de coleta de dados referente à existência de estudos sobre a história e memória da mulher no esporte, especificamente no IFRN e sua relação com ensino técnico e a educação profissional, não obtive êxito em identificar trabalhos semelhantes ou que se aproximem da temática. Para esse levantamento, ainda durante o curso de uma disciplina do PPGEPI/IFRN no primeiro semestre do doutorado, realizei uma pesquisa no dia 26 de junho de 2022, utilizando os sites de busca “Connected Papers” e “PubMed”. Na busca, empreguei os seguintes descritores: “mulher e esporte na educação técnica” e “mulher e esporte na educação

¹⁵ No entendimento de que **Formação Humana Integral no IFRN** tem a intenção de educar suas/seus alunos para serem cidadãos críticos/os e emancipadas/os, articulando conhecimentos científicos, técnicos e tecnológicos com a dimensão ética, cultural e social.

profissional”. Contudo, não obtive resultados de trabalhos que correspondessem aos termos pesquisados. Os artigos encontrados apresentavam as palavras isoladamente - como “mulher”, “esporte”, “educação técnica” e “educação profissional”, mas nenhum que abordasse a temática proposta pela combinação dos descritores. No PUBmed, também se confirmou a ausência de estudos que combinasse os descritores utilizados.

Posteriormente, acessei os dois principais diretórios de pesquisa do país: a Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES (portal de periódicos e o catálogo de teses e dissertações) e a *Scientific Electronic Library Online* - SciELO.

Ao acessar o diretório do portal de periódicos da CAPES, em 02 de janeiro de 2023, realizando o reforço no dia 23 de abril de 2023, em local de busca, sem restrições, obtive os resultados descritos a seguir. A busca foi iniciada, primeiramente, com o descritor “mulher e esporte na educação técnica”, com aspas, para o qual não obtive nenhum retorno na pesquisa.

Para o descritor “mulher e esporte na educação técnica”, sem aspas, identifiquei vinte e oito trabalhos. Realizei a leitura de todos os títulos dos trabalhos e não consegui identificar relação com o objeto de estudo. Então, realizei a leitura dos resumos e identifiquei que os trabalhos abordam esportes olímpicos, treinadoras/as, políticas públicas, gênero, lutas, festival de verão, educação física, paralímpicos e idosos. No entanto, não há nada que faça referência ao esporte na educação técnica, nem profissional, embora tratem da mulher e do esporte, nas categorias acima expostas.

Em seguida, estabeleci o descritor: “Mulher e esporte na educação profissional”, sem aspas, identificando quarenta e quatro trabalhos. Realizei a leitura de todos os títulos dos trabalhos e dos resumos e percebi que quatro trabalhos falam sobre mulheres e sobre esporte, porém não tratam sobre a atuação de professoras, nem do esporte na educação profissional.

Ainda neste mesmo portal Capes, fiz uma busca com o descritor “esporte na educação técnica”, sem aspas duplas, e encontrei os mesmos quarenta e quatro trabalhos estabelecidos no descritor anterior. Já para o descritor “esporte na educação técnica” com aspas duplas, não foi encontrado nenhum trabalho. Em seguida, “esporte na educação profissional”, com aspas duplas, também não forneceu nenhum retorno.

Para o descritor “esporte na educação profissional”, sem aspas, o Portal retornou 933 resultados, sendo novecentos e trinta (930) artigos, dois (02) recursos textuais e uma (01) dissertação que não tem relação com o objeto de estudo. Assim, coloquei o filtro descrito a seguir, para o campo “Assunto”: esporte; idioma: português; o qual nos forneceu 78 trabalhos. Restringi ainda mais para o assunto “educação”, voltando um resultado de 11 trabalhos, dos quais realizei a leitura dos títulos que versam sobre os profissionais da educação física ou do

lazer, fugindo, por consequência, do o objeto de estudo.

No mesmo dia, 02 de janeiro de 2023, acessei o diretório da SciELO e realizei a pesquisa com os passos descritos a seguir. Em busca, digitei o seguinte descritor: “esporte na educação técnica”, sem aspas duplas e sem restrições, e identifiquei 60 trabalhos. Depois, coloquei as seguintes restrições - País: Brasil; Idioma: Português; ano de publicação: todos; SciELO área temática: Ciências, esporte, educacional e disciplinas. Com estas restrições, obtive três (03) artigos com os seguintes títulos: Aspectos educacionais do Karatê: discutindo suas representações no cinema (Mori; Oliveira, 2019); Percepção de estudantes Universitários de educação física sobre estágio curricular supervisionado em treinamento esportivo: estudo em uma Universidade Pública brasileira (Milistetd *et al.*, 2018); e Da modernidade em Walter Benjamin: crítica, esporte e escritura histórica das práticas corporais (Vaz, 2000). Com base nos títulos, foi possível identificar não haver nenhuma relação com o objeto de estudo.

Dando continuidade à pesquisa, digitei o descritor: “esporte na educação técnica”, com aspas duplas e sem restrições, e não foi encontrado nenhum trabalho para esta pesquisa. Ao escrever, em seguida, o descritor “esporte na educação profissional”, com aspas duplas e sem restrições, não foi encontrado nenhum trabalho para esta pesquisa.

Sucedendo à pesquisa, fiz a busca com o seguinte descritor: “esporte na educação profissional”, sem aspas duplas e sem restrições, encontrando cento e cinco (105) trabalhos. Então, inseri as seguintes restrições - País: Brasil; Idioma: Português; ano de publicação: todos; SciELO área temáticas: Ciências, esporte, educacional, história e disciplinas. Com estas restrições, obtive quatro trabalhos com os seguintes títulos: Formação para atuação com o esporte: características bibliométricas e redes de colaboração (Gama; Neto; Santos, 2021); Trajetória profissional de treinadores no contexto do esporte paralímpicos (Facundo, 2019); Percepção de estudantes universitários de educação física sobre o estágio curricular supervisionado em treinamento esportivo: estudo em uma universidade pública brasileira (Milistetd *et al.*, 2018); Formação profissional do gestor esportivo para o mercado de trabalho: a (in)formação dos cursos de bacharelado em educação física do Brasil (Quinaud; Farias; Nascimento, 2018). Ao realizar a leitura dos títulos e dos resumos, observei que nenhum dos artigos identificados se aproxima do objeto de estudo.

Ao utilizar, neste mesmo site da SciELO, o descritor “mulher e esporte na educação técnica”, sem aspas duplas e sem restrições, não foi identificado nenhum trabalho, bem como em “mulher e esporte na educação profissional”, sem aspas duplas e sem restrições.

Insatisfeita com os resultados obtidos e orientada pelo professor Arthur Silva, leitor responsável do seminário de pesquisa II do PPGEP/IFRN, o qual sugeriu acessar os diretórios

de pesquisas das universidades e dos institutos federais, segui essa orientação. Após identificar trabalhos sobre Educação Física nos programas do PPGED/UFRN e no PPGEPI/IFRN, por meio da leitura dos resumos, percebi que dois trabalhos poderiam auxiliar na compreensão do percurso histórico da Educação Física e Esporte do IFRN. Embora sejam dissertações, tratam-se de trabalhos relevantes ao nosso estudo.

Diante disso, o primeiro trabalho foi a dissertação do professor Souza Filho (2011), denominada “A configuração da Educação Física no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN: contexto e perspectivas atuais”, que discute sobre o IFRN desenvolver uma proposta sistêmica de trabalho para a disciplina de Educação Física a qual considera os novos aspectos filosóficos e pedagógicos da área, ratificando o PPP do IFRN e discutindo os aspectos políticos pedagógicos que influenciaram a trajetória da disciplina na Instituição. A pesquisa desenvolve e apresenta as experiências pedagógicas adotadas pelo IFRN - *Campus Mossoró*, as quais, sob seu ponto de vista, foram contextualizadas a partir das transformações curriculares do Ensino Médio, contemporâneas à época.

A referida dissertação vem sendo uma fonte significativa de pesquisa aos profissionais da área, uma vez que traz dados históricos do campo e faz um estudo empírico com profissionais da área não apenas do IFRN, mas de outros institutos, a partir da técnica de entrevistas.

O segundo estudo encontrado foi a dissertação da professora Pereira (2019), intitulada “Memória e histórias de professores: os percursos pessoais e profissionais entrelaçados nas identidades de docentes de Educação Física do IFRN”. É um estudo qualitativo, realizado a partir de levantamento bibliográfico, análises de documentos, pesquisa empírica e histórias de vidas de 07 professores/as do IFRN da disciplina de Educação Física.

A autora faz um breve contexto histórico da área, a partir de autores como Castellani Filho (2009) e Soares (2007), e mais especificamente da história da Educação Física na Educação Profissional da Escola Industrial de Natal (EIN) ao IFRN, considerando os estudos de Souza Filho (2011). Sua principal inquietação foi “como as histórias de vida, os saberes formativos e os saberes da experiência têm contribuído na construção das identidades docentes de professores de Educação Física do IFRN?” (Pereira, 2019, p. 22). No trabalho, ela identificou que as identidades dos professores foram construídas levando-se em consideração seus percursos pessoais e de formação, suas experiências e saberes profissionais desenhados ao longo de suas carreiras docentes e seus acréscimos docentes em ciclos (Pereira, 2019).

Convicta que os trabalhos acima mencionados, de nossos colegas da área, contemplam o contexto histórico da disciplina Educação Física e Esporte na Educação Profissional no IFRN, este estudo está estruturado a partir da compreensão sobre a mulher e o esporte em uma

instituição educacional técnica e profissional, com foco na história e memória das vivências das mulheres que foram alunas e, atualmente, estão na condição de professoras de Educação Física e Esportes nesta instituição ou que atuaram como docentes nessa área. Esse processo vem sendo construído desde o ano de 2020, quando realizei um estudo do estado do conhecimento sobre o esporte no IFRN

Tal estudo deu-se no portal do Memória do IFRN, utilizando os seguintes descritores: “Esporte na ETFRN”, “Esporte no CEFET/RN” e “Esporte no IFRN”, e identifiquei apenas uma produção de conhecimento. Dessa maneira, a partir de um resumo nos Anais do I Colóquio Internacional e Nacional de História da Educação Profissional (COHEP), realizado no ano de 2020, que aborda uma pesquisa sobre o incentivo, o investimento e a produção científica a respeito da mulher e o esporte no IFRN, obtive como resultado um artigo publicado na revista *Research, Society and Development*¹⁶.

Ao colocar apenas o termo “Esporte” naquele mesmo portal, apareceram mais de cento e oito trabalhos que têm o termo, entre livros, anais e catálogos. A discussão versa sobre relatos de experiências e vivências de professores/as, uns do IFRN e outros não, porém não com um foco de registro da história e memória a respeito da prática do esporte como um todo no IFRN. Alguns livros que versam sobre esportes não são sobre a Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte (ETFRN), o Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET/RN) ou o IFRN. Assim, são, em sua maioria, de profissionais ou coletâneas de trabalhos de professores/as de educação física da instituição em conjunto com outras instituições, como a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), a Universidade Federal do Ceará (UFC) e o Instituto Federal do Ceará (IFCE).

Entretanto, identifiquei um livro mais próximo da temática, que é o trabalho de Medeiros (2011), com diversos relatos sobre o esporte, desde a ETFRN até o CEFET. Esse livro apresenta relatos e imagens de discentes praticando esportes e fala do papel que ele desempenha na sua formação. Outro destaque é que são momentos e situações pontuais, ou seja, um trabalho bem mais amplo e geral a respeito do contexto histórico da Instituição em que o esporte é discutido, uma vez que é prática tão significativa para a Instituição.

Para o II COHEP, desenvolvi o estudo do Decreto nº 3.199, de 14 de abril de 1941, de natureza bibliográfica e do estado do conhecimento, na revista de educação física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Esse artigo analisou o referido Decreto,

¹⁶ Silva e Nascimento. Mulher e esporte: incentivo, investimento e produção científica no IFRN. **Research, Society and Development**, v. 09, n. 10, 2020. 09. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/issue/view/69>. Acesso em: 10 dez. 2022.

no seu Art. 54, que aborda a proibição das mulheres realizarem práticas esportivas "incompatíveis com as condições de sua natureza". Nos artigos selecionados para a análise identifiquei, que, apesar de o decreto proibir a prática de algumas modalidades esportivas pelas mulheres, existiu uma grande resistência e violação por parte delas, ou seja, elas continuaram a realizar muitas dessas modalidades, a exemplo do futebol e lutas.

Desse modo, as inquietações para realizar este estudo decorrem de minha experiência e da vivência de que há trabalhos de profissionais da Instituição, da área, que abordam o ensino, a pesquisa e a extensão das práticas esportivas, tanto para mulheres como para homens, suscitando participação em eventos organizados tanto pelos próprios profissionais na Instituição, como organizados por outras. Um exemplo disso são os eventos de jogos internos, nos quais, de acordo com Medeiros (2011, p. 122), "a prática esportiva vivenciada pelo aluno da Escola Técnica marcou uma época de conquistas de medalhas e troféus e de muita integração entre os cursos, possibilitada pelos Jogos". Os jogos internos conferem uma marca latente nos alunos/as desta instituição, constituindo um evento de muita integração, de um princípio educativo e de formação para o trabalho, como se observou nas narrativas das professoras, endossando a tese.

Observei, ainda nas referências bibliográficas e no estado do conhecimento feito em alguns portais de Institutos e nos principais portais de pesquisa a SciELO e a CAPES sobre a temática, a presença de muitos trabalhos que abordam a mulher e o esporte, porém quando pesquisado a respeito da mulher e o esporte no ensino técnico e/ou na educação profissional e a atuação de professoras, não consegui detectar nenhum estudo desta natureza.

Diante desse processo de coleta e interpretação de dados do estado da arte e de referências bibliográficas, o que me motivou a enveredar por essa temática é o fato de que, enquanto ex-aluna e ex-atleta desta instituição, tenho muitas recordações das práticas e das vivências esportivas, como os jogos internos, os jogos estaduais, regionais e nacional, além das aulas de Educação Física e Esporte na ETFRN. Assim, o fato de representar a ETFRN naquela ocasião e as experiências adquiridas nela me motivaram a escolher uma vida profissional como educadora física, em especial, professora de Educação Física escolar e Técnica de atletismo no atual IFRN. Essa escolha foi feita com a intenção de promover, aos/as meus/minhas alunos/as, uma aproximação com uma educação que tenha uma perspectiva formativa, educativa e de trabalho.

Vale acrescentar ainda que, pela falta de produção científica que aborda a mulher no esporte da ETFRN ao IFRN, e por conhecimento de seu papel na Instituição, me propus a realizar um estudo da história e memória da mulher na Educação Física e Esporte, uma vez que

a escrita da história se dá por meio da visita aos documentos e a memória, isto é, os documentos pesquisados e as entrevistas com professoras, respectivamente.

Enfatizo o trabalho “A forja e a pena: técnica e humanismo na trajetória da escola de aprendizes artífices de Natal à Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte”, de 2011 da autora Arilene Lucena de Medeiros, o qual faz uma análise histórica, discute e apresenta os jogos no período das décadas de 1970 e 1980. A partir dele, pretendo pesquisar e analisar esse processo histórico das mulheres no esporte nesta Instituição e enfatizar uma etapa da história das práticas de Educação Física e Esportes das mulheres no IFRN, bem como desvelar suas experiências vividas, sentidas e emoções a partir das entrevistadas, levando-se em consideração que as primeiras alunas ingressaram na instituição a partir do ano de 1975, segundo Pegado (2010).

Diante desse contexto, ao realizar o percurso – de uma corrida suave –, busquei justificar a pesquisa. Embora a justificativa pessoal e profissional tenha sido apresentada no aquecimento, e a justificativa para a área tenha sido exposta no início desta seção, é necessário dar continuidade à justificativa científica. Assim, constata-se a relevância de um estudo que apresente, discuta e analise as trajetórias de vida e a atuação profissional dessas mulheres. Por ser um estudo inédito, como se observa, ele será de fundamental importância para a área de Educação Física e Esporte no IFRN.

Este estudo também é relevante por investigar a participação e a atuação de mulheres na Educação Física e Esporte, especialmente no contexto do IFRN, uma instituição que cumpre um papel fundamental na educação profissional e tecnológica do Rio Grande do Norte e do país. Ao analisar as trajetórias de professoras do IFRN, a pesquisa contribui para entender como as práticas esportivas influenciaram a perspectiva educativa, de formação e de trabalho dessas mulheres na área. Além disso, a pesquisa se debruça sobre os obstáculos históricos enfrentadas por elas, como os impedimentos impostas pelo Decreto-Lei nº 3.199/1941, e como essas dificuldades foram superadas ou ainda persistem, proporcionando subsídios para reflexões sobre equidade de gênero no esporte e na educação.

A pesquisa também se destaca por explorar a construção de uma memória coletiva por meio de narrativas individuais de professoras do IFRN, evidenciando seu protagonismo na Educação Física e Esporte. Ao recuperar essas histórias, o estudo não apenas valoriza a contribuição das mulheres para a área, mas também fortalece a compreensão de como suas experiências moldaram práticas pedagógicas e esportivas no IFRN. Essa abordagem é essencial para repensar o papel da Educação Física e Esporte como copartícipe na formação humana integral, ou seja, de princípio educativo, formativo e de trabalho, ressaltando a importância da

atuação dessas professoras, nesse processo.

O estudo tem relevância acadêmica e social ao dialogar com autores/as como Kunz (1994), Moreira (2012), Bracht (2005), Darido (2003), Goellner (2003) entre outros, que discutem o corpo como sujeito da ação pedagógica e o esporte como direito social. Ao fortalecer a tese de que as mulheres são protagonistas de princípios educativos, de formação e de trabalho no IFRN, a pesquisa contribui para a produção de conhecimento na área da Educação Física, além de fomentar debates sobre a necessidade de práticas esportivas e educacionais mais inclusivas e equitativas. Dessa forma, o estudo não apenas preenche lacunas na literatura, mas também oferece inspiração valiosas para a mudança das políticas e práticas educacionais e esportivas no Brasil.

A subseção seguinte tem como objetivo coordenar os movimentos da corrida, garantindo que estejam bem articulados a exigência de cada momento da corrida, assim trago as protagonistas deste estudo.

1.3 A COORDENAÇÃO: AS NARRADORAS

Momentos antes de iniciar a final dos 100m rasos dos jogos internos do CNAT de 1997, realizei o último passo do aquecimento, que foi a coordenação. Aqui, analogamente, faço a apresentação das professoras, identificando-as, uma vez que serão elas que correram comigo durante esta tese. São elas que, junto comigo, ou melhor, a partir de suas narrativas, memórias, trajetórias de vida e atuação profissional, nos oportunizarão a escrita deste estudo. Assim sendo, coordenar essa apresentação, destacando-as, dará consistência ao que virá a seguir.

Nesta apresentação, parto de uma síntese das entrevistas com as professoras, caracterizando-as e destacando que o roteiro das entrevistas abordou os seguintes aspectos: caracterização pessoal e familiar; brincadeiras, jogos e atividades da infância; trajetória acadêmica na infância, adolescência e fase adulta, na universidade e pós; vivências das aulas de Educação Física e Esporte; mulheres gestoras; atuação das professoras de Educação Física e Esporte na extensão, no ensino, na pesquisa e no esporte; relato de sua atuação profissional na Educação Física e Esporte, externamente e no IFRN; compreensão de corpo à época de aluna e hoje, como professora; e sentimentos e emoções advindos da apreciação dos slides produzidos para cada entrevista.

Antes de prosseguir, é importante relatar que, durante o período do doutorado, realizei uma oitava entrevista, embora não seja objeto de análise deste estudo. Ela foi conduzida no contexto de um processo de doutorado sanduíche, por meio de um edital da CAPES,

denominado Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior – PDSE, no período de outubro a dezembro de 2024. Durante essa etapa, tive a oportunidade de ir para o Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, em Portugal. Na oportunidade, me inscrevi no Programa de Doutoramento Intercalar de Outra Universidade.

No decorrer dessa experiência, cursei a disciplina de História da Educação de Portugal e participei de reuniões de grupo do supervisor do PDSE, professor Dr. Joaquim Pintassilgo, e engajei-me em atividades culturais na cidade, incluindo aulas-passeio com o professor. Além disso, dediquei-me à produção científica e à tese, participei de grupos de estudos e de congressos, sendo um na cidade do Porto, em Portugal, e outro em Paris, na França. Também frequentei bibliotecas, como a da Universidade de Lisboa e a Biblioteca Nacional de Lisboa.

Para viabilizar a realização da entrevista com uma professora, submeti o projeto à Comissão de Ética da ULisboa. Assim, na ocasião, entrevistei a professora Lúcia Carvalho, docente de Educação Física em uma escola secundária, equivalente ao ensino médio no Brasil.

Como resultado desse doutorado sanduíche, apresentei um artigo no III Simpósio de Gestão e Avaliação em Educação Profissional, Políticas Públicas Em Educação Profissional: Perspectivas e Desafios – III SIGAEP, ou seja, compartilhei a experiência em eventos de natureza científica. Além disso, elaborei o relatório para a Universidade de Lisboa, tendo obtido parecer de aprovação do supervisor e do comitê científico daquela universidade. Futuramente, o relatório será anexado a plataforma da CAPES, quando o sistema for aberto para esse fim. Também será publicado um capítulo de livro em periódicos especializados.

O Quadro do Anexo II desta tese é a representação sintética das entrevistas realizadas com professoras do IFRN e uma professora de Educação Física da ETFRN. Ele organiza informações técnicas sobre as entrevistas, como o motivo, a data, o local, a duração de cada uma, e os materiais utilizados. Vou apresentar uma reflexão sobre alguns aspectos relevantes para em seguida apresentar as narradoras.

As entrevistas foram realizadas em diversos locais, como a coordenação de Educação Física e Esporte do IFRN/CNAT, residências das entrevistadas e da pesquisadora, uma associação de servidores/as, um centro universitário, pela plataforma Google Meet e até mesmo uma padaria. Isso indica uma flexibilidade na condução das entrevistas, adaptando-se à disponibilidade, realidade e à localização das entrevistadas.

A entrevista realizada via *Google Meet* foi um pedido da professora, uma vez que ela é mãe de duas crianças pequenas, das quais uma está em amamentação. Dessa forma, a professora alegou que a entrevista de forma *online* seria mais conveniente.

Em relação à diversidade de locais e formatos das entrevistas, observei que houve uma

influência significativa no conforto das entrevistadas e na espontaneidade de suas respostas. Quando realizadas em ambientes pessoais, tanto das entrevistadas quanto da pesquisadora, o clima tendia a ser mais acolhedor e natural. Por outro lado, nos locais institucionais, como a coordenação e a associação, inicialmente havia uma formalidade maior. No entanto, ao longo do desenvolvimento das entrevistas, tanto eu, como pesquisadora, quanto as professoras, relaxaram, criando um ambiente mais descontraído. Acredito que isso se deve à proximidade que tenho com as entrevistadas.

Registro, ainda, que a primeira e a última entrevistas foram as mais desafiadoras para realizar. A primeira, por representar o início do processo e a necessidade de adaptação ao formato, e a última, por carregar um peso simbólico, já que foi realizada com uma das primeiras professoras de Educação Física e Esporte da instituição. Além disso, o fato de não a conhecer previamente e de ser o momento de encerramento dessa etapa de coleta de dados por meio de entrevistas orais acrescentou uma camada adicional de elementos reflexivos à pesquisa.

A duração das entrevistas variou entre 56 minutos e mais de 3 horas. Minha interpretação é que a primeira entrevista, devido à insegurança inicial e à preocupação em registrar tudo o que fosse possível, especialmente em relação às expressões da professora durante a apreciação das imagens, acabou sendo mais contida. Já a última entrevista foi desafiadora pela falta de contato prévio e por não conhecer a professora pessoalmente. Além disso, no caso da entrevista realizada pelo *Google Meet*, houve a dificuldade de não conseguir visualizar a professora enquanto projetava as imagens, o que gerou uma certa insatisfação em relação à análise de suas expressões durante a apreciação. Esse fator limitou a percepção das reações e nuances que poderiam enriquecer a interpretação dos dados.

A duração das entrevistas foi algo bastante relativo, uma vez que temos pessoas que são naturalmente mais falantes e detalhistas, enquanto outras são mais objetivas e diretas. Essas características pessoais ajudam a justificar a variação no tempo das entrevistas. Além disso, o estudo prévio realizado antes de cada entrevista, como pesquisas no Lattes, no Suap, conversas com amigos/as e familiares das professoras, o conhecimento prévio que eu tinha delas, o fato de ter trabalhado e convivido com algumas, bem como os contatos mais pessoais estabelecidos ao longo do tempo, também influenciaram significativamente na dinâmica e na duração de cada entrevista.

Após essas considerações, iniciamos com a primeira professora: Ana Cristina de Araújo (2024), que foi entrevistada na Coordenação de Educação Física e Esportes do *Campus Natal Central - CODESP/CNAT/IFRN* no dia 11 de janeiro de 2024 a partir das 14 horas, tendo uma duração de 56 minutos e 19 segundos. A entrevista foi gravada apenas em áudio no celular

da pesquisadora, um Motorola G9 plus, a partir do aplicativo “Gravador de Voz”¹⁷. A professora nos disse que poderia permitir a filmagem, mas que se não fosse filmada ficaria mais à vontade, achei conveniente deixá-la confortável, então não realizei a filmagem, apesar de ser a primeira entrevista, o que envolvia minha insegurança, por um receio de não saber como agir. Porém, em retrospectiva, é possível dizer que o resultado foi muito bom.

A professora Araújo (2024) é amiga pessoal há mais de trinta e cinco anos, mas apenas em 2011 trabalhei com ela, quando atuamos no *Campus* de Currais Novos, então tentei manter a tranquilidade e até mesmo relatei a minha opção de tê-la como a primeira entrevistada, e ela respondeu que “aumenta a responsabilidade”.

Por não estar filmando, fiquei um pouco tensa para observar as expressões dela, em especial quando mostrava os *slides*¹⁸ com as imagens. A opção que fiz nesta primeira entrevista, em relação à apresentação das imagens, foi de quando ela falasse algo, se eu tivesse uma imagem correspondente que representasse a fala dela, de imediato mostrava para ela, na intenção de provocar disparo de memórias. Ao final, voltei a mostrar os *slides* com todas as imagens que havia impresso, fato que alterei nas demais entrevistas devido à experiência dessa.

A professora Araújo (2024) é nascida em Olinda, mas veio aos cinco anos de idade para Natal. É a caçula de nove filhos de seu Júlio (falecido) e de dona Severina (dona de casa). Foi uma criança muito ativa: brincava e jogava muito na rua com uma diversidade de brincadeiras e jogos, como pega-pega, brincadeiras com bolas, subir em árvores, empinar pipa, cordas e peão, constituindo brincadeiras em que não se diferenciavam meninos e meninas. Por outro lado, ela afirma que, quando brincava em casa, geralmente era de boneca. Na adolescência, começou a praticar esportes como atletismo, handebol e voleibol, algo que deu continuidade na ETFRN.

No decorrer do último período do curso de Estradas, na ETFRN, ingressou na UFRN no curso de Licenciatura Plena em Educação Física. Graduiu-se em 1994, fez especialização em Educação Motora na Escola, no Departamento de Educação Física – DEF/UFRN em 1999 e mestrado em Educação, nesta mesma Instituição, concluído em 2005.

A segunda entrevista realizada foi com a professora Ingrid Patrícia Barbosa de Oliveira

¹⁷ Todas as entrevistas foram gravadas em áudio no celular da pesquisadora, um Motorola G9 plus, a partir do aplicativo “Gravador de Voz”.

¹⁸ Os *slides* elaborados (Anexo IV) contemplam imagens de aulas de Educação Física, Esportes e dos espaços destas práticas, com o objetivo de apresentar ao final de cada entrevista. Esses *slides* eram personalizados, então, para cada entrevistada, produzi uma apresentação específica, procurando trazer imagens em que elas estivessem presentes, quer seja como alunas ou como professoras. Na oportunidade, solicitava que elas falassem o que a imagem reverberava em suas lembranças, suas sensações, emoções e sentimentos, além de anotar e gravar, quando permitido, para realizar essas observações e análises, dialogar com autores que tratem sobre os sentidos e as emoções, advindas dos gatilhos de memórias destas apreciações, foi fator preponderante da análise.

(2024), em sua residência, no Município de Ceará-Mirim/RN, no dia 05 de fevereiro de 2024, a partir das 14h, tendo uma duração de 1 hora, 29 minutos e 44 segundos. A entrevista foi gravada em áudio, e em vídeo¹⁹. A entrevista foi realizada no conforto da casa da professora. Ela estava bem à vontade e espontânea, assim como eu, uma vez que já tinha tirado o peso e a tensão da primeira entrevista. Tem-se uma particularidade desta professora: conclui minha graduação com ela, ou seja, cursamos a Licenciatura em Educação Física/UFRN no ano 2001.

Nascida em Natal/RN, é a mais velha de três filhos do senhor Flávio Tinoco (falecido, mas na época da entrevista ainda era vivo) e da senhora Maria das Graças (falecida). O pai era semianalfabeto e a mãe era professora de português. Sua mãe sempre foi sua referência e apoio em seus estudos, além de uma grande motivadora nas atividades corporais, estimulando-a nas brincadeiras de rua, nas atividades culturais na rua e em passeios escolares, fazendo-a vivenciar uma cultura de movimento ampla com o incentivo maior da mãe, que trazia o pai para apoiar as crianças.

Ela estudou na ETFRN no período de 1992 a 1997, quando foi atleta de handebol. Fez Licenciatura em Educação Física na UFRN, concluindo em 2001. Concluiu a licenciatura comigo, portanto temos uma relação de amizade estabelecida há mais de vinte anos, uma relação de muita cumplicidade e carinho, pessoal e profissional. Então, o cuidado com as interferências emocionais e afetivas são duplicados, tanto no ato da entrevista como na análise dos dados, tentando ao máximo manter o distanciamento científico, para que o sentimental não exacerbe, uma vez que o afeto que nutro pela professora vem desde a graduação, nos caminhos que percorri com ela ultrapassei pedras, sol, lágrimas, sorrisos, trocas de experiências positivas e negativas, que nos fizeram crescer enquanto seres individuais, mas também coletivamente, me preparando para a pessoa e profissional que sou.

Oliveria (2024) é especialista em Ensino de Educação Física na Escola (UFRN - 2009) e está cursando outra especialização, essa em Consciência Corporal, Saúde e Qualidade de Vida (desde 2023), também na UFRN. Tem mestrado pelo Programa de Pós-Graduação de Educação Física na linha de pesquisa dos Estudos Sócio-filosóficos sobre o Corpo e o Movimento Humano (UFRN-2013) e é Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) na linha de pesquisa Educação, Comunicação, Linguagens e Movimento (UFRN).

A terceira entrevista foi com a professora Nerijane de Almeida Monteiro (2024), no dia 08 de fevereiro de 2024. Essa entrevista foi realizada via plataforma Google Meet, a partir das 14h, tendo uma duração de 1h, 07 minutos e 34 segundos, sendo o áudio e imagem

¹⁹ Quando a filmagem foi permitida, ela foi realizada por uma filmadora portátil da marca Sony em alta definição - FULL HD, empréstimo da DIAC/CNAT.

capturadas no programa OBS Studio, com a devida autorização da professora. A experiência foi muito válida, apesar de não ter a presencialidade, mas foi possível registrar as expressões dela nas narrativas das questões. Embora não tenha tido acesso as expressões quando da apresentação dos *slides*, sua fala nos remetia as expressões de quando estão visíveis no vídeo.

Apesar de ter nascido em Natal, sempre morou em Macaíba/RN. É a mais velha de cinco filhos, do senhor Nerilson Monteiro e da senhora Edjane Carneiro. O pai é professor de Educação Física, um dos mais antigos da cidade de Macaíba, e a mãe é pedagoga, ambos servidores públicos na área de Educação. Ela teve uma infância recheada de práticas corporais na rua, brincadeiras de rua e na escola, uma cultura de movimento voltada à diversidade de jogos e brincadeiras infantis, como ticas, queimada, andar de bicicleta, de elástico, entre outras.

Seus estudos iniciais se deram em escolas privadas em Macaíba/RN, antes de entrar no CEFET/RN. Seus pais e familiares queriam que ela estudasse em uma escola de qualidade e, segundo ela, sofreu pressão para conseguir passar no exame de seleção, diziam que não importava o curso, apenas que teria que estudar no CEFET/RN (Monteiro, 2024). Ela completou todo o curso, realizando inclusive o estágio. Gostou muito do curso, mas devido a todas as suas vivências da infância com a cultura de movimento e influência do pai, que a levava para suas aulas de natação e dança, optou pelo curso de licenciatura em Educação Física, concluído em 2008 na UFRN.

Ela ainda fez outra graduação, em Direito, na Faculdade de Natal - FAL. Além disso, tem duas pós-graduações, uma em Atividade Física Adaptada e Saúde, realizada na Universidade Gama Filho/RJ, e outra no IFRN, em Gestão e Programas de Esporte e Lazer para a escola. Concluiu seu mestrado em Educação Profissional e Tecnológica no ProfEPT/IFPB e atualmente está cursando doutorado no Departamento de Educação na UFRN - PPGED/UFRN.

A quarta entrevista foi com a professora Paula Nunes Chaves (2024), no dia 27 de fevereiro de 2024, na residência da pesquisadora, no Bairro de Lagoa Nova em Natal/RN, a partir das 14h, com duração de 1h, 31 minutos e 44 segundos. Para esse momento, foi autorizada a gravação em áudio, a partir do celular da pesquisadora, um Motorola G9 plus, a partir do aplicativo “Gravador de Voz”, e captura de tela do Google Meet, pelo programa OBS Studio, em parte da entrevista, devidamente autorizada pela professora.

Essa entrevistada tem uma particularidade: ela foi minha aluna quando fui substituta do IFRN/CNAT, portanto a chamo carinhosamente de Paulinha. Ela, como as demais professoras participantes, teve uma infância rica em cultura de movimento, em especial na rua. Nascida em Mossoró, filha única, veio para Natal aos 6 anos de idade. Como era muito alérgica e tinha problemas respiratórios, o médico aconselhou aos pais que a colocassem na natação,

então, desde sua infância, praticou esta modalidade esportiva. Embora afirme que tinha mais liberdade nas ruas de Mossoró, ainda conseguia realizar brincadeiras e jogos na rua em Natal/RN.

Estudou em escolas particulares de bairros na Zona Norte de Natal/RN, no seu ensino fundamental, e fez o CEFET/RN por incentivo da mãe, cursando Controle Ambiental. Graduiu-se em Educação Física pela UFRN, onde também fez o mestrado e o doutorado. A professora também solicitou não ser gravada, alegando que ficaria mais confortável, mas quando entendeu a importância do momento dos *slides*, para posterior análise, permitiu que eu fizesse a captura de tela pelo Google Meet, e assim foi feito.

A quinta entrevista foi com a professora Gizelda Lúcia dos Santos Maia (2024a), no dia 13 de março de 2024, a partir das 9h, com duração de 3h, 04 minutos e 45 segundos, ocorrida na Associação dos Servidores do Instituto Federal do Rio Grande do Norte - ASIF, com sede no CNAT. Na ocasião, as vozes foram gravadas e filmadas. O procedimento foi autorizado pela professora.

Conheci a professora nos jogos de comemoração aos vinte e cinco anos do curso de Estradas. Naquele período, ela estava no último semestre do curso e logo entraria na UFRN, no curso de Licenciatura Plena em Educação Física. Ela sempre foi uma referência profissional para mim. Assim como a professora Ana Cristina, hoje compartilho o espaço de atuação profissional no CNAT.

A professora é a caçula de seis (06) irmãos, sendo duas mulheres, a mais velha, e ela, a mais nova. Fez todos os seus estudos em escolas públicas, concluindo o curso de Estradas na ETFRN, mas não seguiu na área porque desejava ser professora/técnica de voleibol. Graduiu-se no curso de Licenciatura Plena em Educação Física na UFRN, concluído em 1992. Em 1995, concluiu uma especialização em Educação Física Infantil, na UFRN. Fez o mestrado em Administração na Universidade Potiguar - UNP, concluído em 2010.

A sexta entrevista foi com a professora Sônia Cristina Ferreira Maia (2024b), no dia 20 de março de 2024, a partir das 9h, com duração de 2h, 41 minutos e 10 segundos, ocorrida no Centro Universitário do Rio Grande do Norte - UNI/RN, gravada em áudio e filmada. O procedimento foi autorizado pela professora.

Quando a conheci e comecei a conviver com ela, estava no segundo curso na ETFRN, o de Edificações, e competi contra ela em um dos jogos internos, ela como servidora e eu como aluna. Foi um dos primeiros contatos que tive com a professora. Depois, a convidei, eu e meu orientador à época, professor Dr. José Pereira Melo, para compor a banca da minha defesa de monografia (ela e o professor Lerson Fernandes compuseram a banca, além do meu orientador)

do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física, no ano de 2001. Portanto, convivo com a pessoa e a profissional há mais de vinte anos.

A professora é a filha mais velha de três filhos. Nascida em Natal/RN, o pai foi mestre de obras e a mãe, enfermeira da empresa de confecções Guararapes, ambos aposentados. Fez seu Ensino Fundamental em uma escola próxima ao IFRN/CNAT. É aposentada pelo IFRN, chegando ao patamar máximo da carreira, ou seja, Titular do IFRN. Possui pós-doutorado em Ciências da Educação - UMinho/Braga/Portugal (2016), doutorado em Educação pela UFRN (2008), especialização em Educação Física Infantil pela UFRN, aperfeiçoamento em Recreação e Lazer pela UFRN. Ela também fez duas graduações, uma em Ciências Sociais e outra em Licenciatura Plena em Educação Física, ambas pela UFRN. Sendo esta última do currículo mais técnico²⁰.

A sétima entrevista foi com a professora Cristina Maria da Cunha Melo (2024), no dia 15 de maio de 2024, a partir das 15h, com duração de aproximadamente 1h, na padaria Mercatto, na cidade de Natal/RN. Apesar de ter gravado o encontro na íntegra, porém, apenas ao seu término percebi o mal funcionamento do gravador, que não captou o som. Embora esta professora não esteja nas condições pré-estabelecidas, achei importante para a pesquisa, uma vez que ela foi uma das primeiras professoras dessa disciplina, do ano de 1982 a 1985, na institucionalidade ETFRN. A professora relatou que estudou o ensino fundamental e médio em escolas particulares de Natal e fez sua graduação na UFRN, tendo feito parte da segunda turma do curso de Educação Física daquela instituição.

Logo de início, falei a respeito do que tratava a pesquisa e a intenção de pesquisar sobre a atuação das professoras de Educação Física e Esporte do IFRN. Ela foi muito receptiva e falou sobre algumas situações e motivos pelos quais não assumiu como permanente na instituição. Pedi autorização a ela para gravar, o que foi aceito de imediato, porém houve o problema técnico mencionado. A tentativa de gravação foi feita a partir do celular da pesquisadora, um Motorola G9 plus, no aplicativo “Gravador de Voz”. Como de costume, fiz as anotações de cada questão, também em papel. A partir destas anotações, realizei um relato que foi submetido a professora, que o acatou sem alterações.

Na seção seguinte, trarei o início propriamente dito da tão sonhada corrida: a largada. Ao coordenar apresentando quem são as professoras que correrão comigo, dando início a largada da prova, é necessário definir em qual raia cada professora correrá, assim as posicionei em suas devidas raia.

²⁰ Currículo anterior ao movimento renovador da Educação Física. As cinco primeiras professoras participantes já fizeram parte do currículo pós movimento renovador da Educação Física.

Ainda, apresento e discuto os resultados dos questionários e das entrevistas com as professoras que atuaram ou atuam no IFRN, bem como suas memórias e trajetórias narradas de suas experiências na infância, de ex-alunas e atuações profissionais, a partir da história oral.

Diante do arquitetado nesta primeira seção, levando-se em consideração que o texto foi escrito relacionando analogamente à prova dos 100m rasos da modalidade do atletismo (não qualquer prova, a final feminina dos jogos internos da ETFRN), o convite que as/os leitoras/es venham correr comigo, desse modo, contextualiza a problemática da pesquisa. Em seguida, realizo o alongamento, apresentando a metodologia, que é o percurso traçado. Dando continuidade ao aquecimento, entro no trote, que é a justificativa da pesquisa, para uma corrida suave. Fechando a seção, digo, a partir da coordenação, quem correrá comigo esta prova: as narradoras deste estudo, as professoras de Educação Física e Esporte.

A seção 2 é o posicionamento para a largada da prova: aqui, posicionei as professoras que foram entrevistadas, além de mim, nas raias para a corrida. A sua subdivisão é composta por três itens. O primeiro deles é “às suas marcas”, em que apresento e discuto sobre as professoras, contratadas e empossadas de Educação Física e Esporte nas institucionalidades ETFRN, CEFET/RN e IFRN, desde a primeira no final da década de 1970 até a última em 2021.

Já no bloco de partida, recebe-se o comando de “prontas”, em que exponho a trajetória de vida e a atuação profissional das professoras. Nesta seção, valorizei as narrativas das professoras.

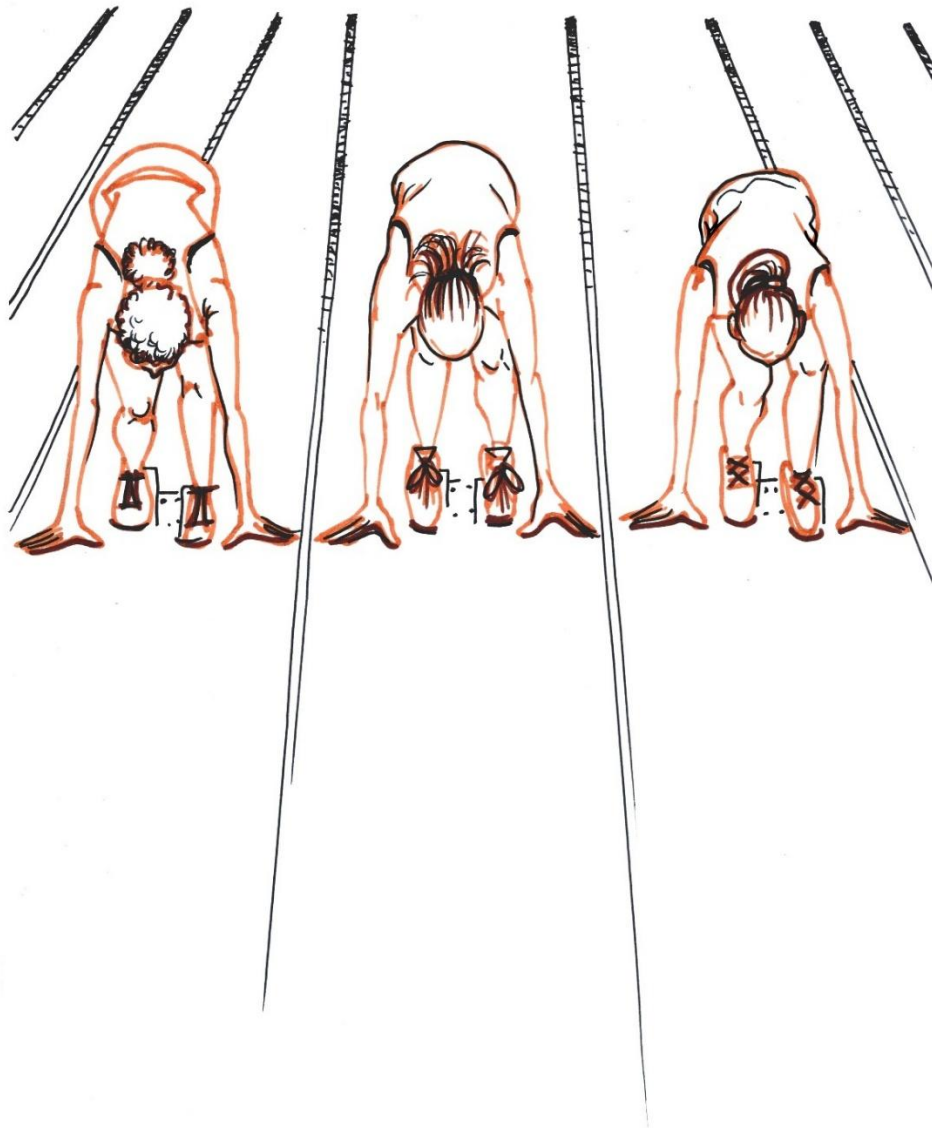
A “largada” diz respeito ao apito do árbitro autorizando o início da prova. Aqui, trato das categorias de análise, ou seja, das histórias e memórias das professoras no IFRN, debatendo as categorias *a priori*, memórias individuais e coletivas, e cultura de movimento, além das categorias emergentes.

Na seção 3, que é o desenvolvimento da corrida propriamente dito, é quando pondero, uma vez que pertencendo ao quadro funcional da instituição, quais são as tendências metodológicas e pedagógicas que se utilizou e utiliza na disciplina. Foi essa a descoberta na primeira subseção, a corrida inicial. Para a continuidade da corrida, aceleramos, e assim procurei identificar as práticas desta disciplina. Fechando o desenvolvimento da corrida e seguindo para a sua reta final, intenciona-se a manutenção da intensidade da velocidade: aqui, discutem-se as bases organizacionais, regulamentações e normas da instituição.

Por fim, disserto a última seção, que na corrida é a chegada. Nela, exponho o presente das narradoras. Ao cruzar a linha de chegada, rememora-se toda a corrida, e nesta tese, proporciono às professoras revisitar sua trajetória de vida e atuação profissional a partir da produção de *slides* individualizados de cada entrevistada, reavivando as experiências vividas e

as emoções que delas emanam.

Em seguida, a conquista neste momento da pesquisa se faz ao apresentar as respostas às questões e aos objetivos aqui levantados. Além da confirmação da tese como procedente, algo realizado durante todo o texto, o diálogo com as/os autoras/es que me propus a tecer essa trama, nessa corrida, que se estabelece e se materializa nesse pódio e na premiação, para em seguida propor novas corridas. Finalizando, se a corrida teve um pódio ainda mais seletivo, aqui no estudo, obtive resultados significativos para a área e a disciplina na instituição, evidenciado as mulheres como protagonistas. Por outro lado, se as medalhas foram as premiações, aqui me proponho a correr novas provas, dando proposições de continuidade à pesquisa.



Fonte: Torres, Daniel Ferreira, 2025.

2 LARGADA: TRAJETÓRIA DAS NARRADORAS

A reconstrução histórica dos fenômenos e acontecimentos implica ainda alguns procedimentos analíticos... E interpreta-los como resultado dos procedimentos anteriores, buscando a objetividade de sua existência exterior ao pesquisador, mas analisados segundo os valores e escolhas do pesquisador.

(Ciavattal *et al.*, 2019, p. 51).

Seguindo a rememoração daquele momento da final, recorro que quem deu a largada da prova foi o colega de profissão, professor José Arnóbio de Araújo Filho, à época professor das modalidades de atletismo e futebol da ETFRN, eleito Reitor do IFRN para o quadriênio 2020-2024, sendo ainda reconduzido para o quadriênio 2025-2029.

Neste momento do estudo, identifico, nesta seção, as primeiras professoras de Educação Física e Esporte da instituição, e todas que atuaram e atuam na instituição a partir do final da década de 1970, uma vez que pretendo revelar o discurso delas a partir da fabricação dessa história das mulheres que se tornaram professoras de Educação Física e Esporte no IFRN e foram alunas egressas, tentando fazer um paralelo com o apontado na epígrafe de Ciavatta *et al.* (2019), ou seja, ao descrever as suas narrativas, a história, a memória e a atuação das professoras dessa disciplina no IFRN, nas institucionalidades ETFRN, CEFET/RN e IFRN, busco a reconstrução dessa história respeitando procedimentos analíticos externos a mim, mas imbricados na análise por meio de minha própria trajetória e história de vida.

Assim, para o balizamento ou posicionamento das raia, defino que correram nas seguintes raia as professoras: na raia 1, a pesquisadora; na 2 a professora Araújo (2024); na 3, a professora Oliveria (2024); na 4, a professora Monteiro (2024); na 5, a professora Chaves (2024); na 6, a professora Maia (2024a); na 7, a professora Maia (2024b); e na 8, a professora Melo (2024). O diálogo será constituído com as professoras nestas raia, mas antes, trarei as primeiras corredoras, ou melhor, professoras de Educação Física e Esporte, até chegar neste posicionamento estabelecido.

2.1 ÀS SUAS MARCAS: AS PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE NAS INSTITUCIONALIDADES ETFRN, CEFET/RN E IFRN

O confronto das fontes realizado no espaço do arquivo do IFRN/CNAT e na Hemeroteca Digital com os dados obtidos a partir da aplicação do questionário prévio²¹ com as professoras me possibilitou a criação do Quadro 1, no qual identifiquei as primeiras professoras de Educação Física e Esporte que tiveram a condição de colaboradoras ou temporárias como enquadramento funcional. Já no quadro 2, identifiquei as professoras efetivas de Educação Física e Esporte que atuaram ou atuam na Instituição desde a ETFRN, CEFET/RN e IFRN, e seu ano de ingresso na Instituição, levando em consideração todo o IFRN.

O acesso ao Sistema Unificado de administração Pública - Suap e aos arquivos da Diretoria de Gestão de Pessoas – DIGPE e DIAPE/CNAT bem como a verificação no Sistema Integrado de Administração de Recursos Humanos - SIAPE, nos boletins do arquivo, nos diários e portarias e nas respostas ao questionário possibilitou identificar as seis primeiras professoras²² e as trinta e três (33) professoras efetivas que atuaram e/ou atuam na Instituição. Apesar da primeira²³ professora da Instituição, Maria do Carmo Torres Navarro, remontar ao primeiro quadro funcional de 1910, apenas em 1979 se teve uma professora de treinamento de grupo de ginástica rítmica, contratada por apenas quatro meses, por meio da portaria nº 226/79-GD/ETFRN, de 15 de agosto de 1979, na área de Educação Física e Esporte na Instituição.

No Quadro 1, apresento uma síntese das portarias analisadas referentes às primeiras professoras identificadas nos documentos preservados pelo arquivo do IFRN/CNAT, da área de Educação Física e Esporte da Instituição.

Quadro 1 - Primeiras professoras de Educação Física na instituição: ETFRN (1979 - 1991)

Nome	Portaria de admissão	Portaria de rescisão	Enquadramento funcional	Exercício
Maria Aparecida dos Santos	N.º 226/79- GD/ETFRN 15/08/1979	Remete à portaria de admissão	Professora colaborada	Treinamento de grupo de ginástica

²¹ O questionário prévio é o Anexo I, aplicado conforme o calendário aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - CEP/IFRN a partir do parecer de número: 6.140.429 e CAAE: 68664223.1.0000.0225, sendo enviado para vinte e nove professoras, identificadas. Apenas uma não respondeu alegando não ser da instituição, embora tenha atuado na instituição de 1999 a 2019, por vir em acompanhamento de cônjuge. Esta professora é da UFPA e retornou para sua instituição de origem no ano de 2019, e muito contribuiu na atuação profissional desta área.

²² Das seis professoras, colaboradoras ou temporárias, apenas duas (02) tornaram-se do quadro efetivo da instituição, nessa disciplina do estudo.

²³ A primeira professora foi destacada, nesta tese, através da imagem 4, na seção 1 - Aquecimento.

				rítmica
Rita Maria Simões Santos	N.º 068/80-GD/ETFRN 03/03/1980	N.052/81-GD/ETFRN - 10/03/1981	Professora colaborada	Disciplina de Educação Física
Teresinha Elizabet Portela	N.º 59/81-GD/ETFRN 25/03/1981	N.º 259/81-GD/ETFRN - 30/12/1981 - prorrogar até 03/03/1983	Professora temporária	Disciplina de Educação Física
Teresinha Elizabet Portela	N.º 247/81-GD/ETFRN - 01/12/1981	Obs.: Concurso interno Decreto-Lei nº 1.874, de 08-jul-81. Se aposentou em 2006.	Professora permanente	Disciplina de Educação Física
Cristina Maria Melo Rosado	N.º 81/82-GD/ETFRN - 14/04/1982	Obs.: Em sua entrevista afirmou ter saído em 1985.	Professora temporária	Área de Educação Física e Esporte
Doracelis Marques Soares	N.º 82/82-GD/ETFRN - 14/04/1982	N.º 135/84-GD/ETFRN - 04/10/1984	Professora temporária	Área de Educação Física e Esporte
Carmem Batista Gurgel do Amaral	N.º 126/83-GD/ETFRN - 01/08/1983	Foi prorrogado em 04/11/83 e 28/11/83	Professora temporária	Disciplina de Educação Física
Carmem Batista Gurgel do Amaral	N.º 184-GD/ETFRN - 28/12/1984	OBS: aprovada em concurso público. Se aposenta em 1991	Professora Permanente	Educação Física - Ginástica Geral e Rítmica Desportiva

Fonte: Elaboração própria, a partir da análise de portarias no arquivo do CNAT, 2024.

O Quadro 1 apresenta informações sobre as primeiras professoras de Educação Física na institucionalidade ETFRN no período de 1979 a 1991. A análise do Quadro 1 permite identificar alguns aspectos relevantes a atuação dessas profissionais na instituição, como: tipo do vínculo empregatício; atuação na área; questões relativas à permanência e aposentadoria; o contexto histórico e a credibilidade das fontes.

O Quadro 1 apresenta uma diversidade de vínculos empregatícios, observando-se relações de natureza colaborativa, temporária e permanente, o que reflete uma flexibilidade na contratação de profissionais na época. É importante contextualizar que esse período histórico coincide com a Ditadura Civil-Militar brasileira (1964-1985), na qual predominavam

contratações realizadas por meio de portarias para fins específicos, e posteriormente por concursos públicos, uma vez que, após à promulgação da Constituição Federal de 1988, regularizou-se a condição de concursos públicos para a efetivação de servidores/as públicos/as. Esse exemplo pode ser observado nos casos das professoras Maria Aparecida dos Santos (15/08 a 15/12/1979) e Rita Maria Simões Santos (03/03/1980 a 10/03/1981), contratadas como professoras colaboradoras. Por outro lado, Teresinha Elizabet Portela (1981 a 2006) e Carmem Batista Gurgel do Amaral (1983 a 1991) tiveram vínculos temporários antes de se tornarem professoras²⁴ permanentes após aprovação em concurso público.

Situações de contratos temporários ocasionaram uma rotatividade do quadro funcional das professoras na área, como foi o caso do curto período de atuação das professoras Maria Aparecida dos Santos, Rita Maria Simões Santos, Cristina Maria Melo Rosado, que afirmou ter saído em 1985, e Doracelis Marques Soares, que teve seu contrato rescindido em 1984.

Em contrapartida, as professoras Teresinha Elizabet Portela²⁵ e Carmem Batista Gurgel do Amaral tiveram carreiras mais longas na instituição, em que a primeira tornou-se do quadro permanente da ETFRN, por meio de concurso interno, em consonância ao Decreto-Lei nº 1.874, de 08 de julho 1981, sendo a primeira professora dessa área a tornar-se permanente/efetiva na instituição, aposentando-se em 2006. Por outro lado, a segunda se efetiva em 1984 e aposenta-se em 1991.

As professoras atuaram em diferentes áreas dentro da Educação Física, como: treinamento de grupos de ginástica rítmica (Maria Aparecida dos Santos); disciplinas de Educação Física (Rita Maria Simões Santos, Teresinha Elizabet Portela, Carmem Batista Gurgel do Amaral); formação e grupo de dança (Teresinha Elizabet Portela); e área de Educação Física e Esporte (Cristina Maria Melo Rosado, Doracelis Marques Soares).

Estas atuações demonstram a diversidade de atividades desenvolvidas pelas professoras, contribuindo tanto para a formação técnica quanto para a prática esportiva das/os alunas/os.

A professora Maria Aparecida dos Santos, que teve seu contrato de apenas quatro meses, trabalhou com a ginástica rítmica. Naquele período, a ginástica teve uma adesão muito efetiva, quando a instituição percorria um período intenso em relação à abordagem calistênica e esportivista, conforme foi constatado nas narrativas das professoras.

²⁴ O primeiro professor de Educação Física da instituição foi contratado em 1962. Até 1979, contava-se com dez (10) professores homens e nenhuma mulher.

²⁵ A ETFRN contrata a professora Teresinha Elizabet Portela para o emprego de professor temporário da disciplina de Educação Física, na vaga decorrente de dispensa da Professora Rita Maria Simões Santos, no dia 25 de março de 1981.

A contratação da professora para essa disciplina específica tem a ver com os estudos sobre a ginástica da mulher, que têm sua origem, no Brasil, a partir da interpretação de Orlando Rangel Sobrinho e Lotte Kretzschmar²⁶ aos estudos de Georges Hébert²⁷. As obras dos autores representam um importante capítulo na história da Educação Física brasileira, e da ginástica para as mulheres. Ao deslocar o Método Natural de Georges Hébert as mulheres no Brasil, ponderando o discurso médico e eugênico, à época, colaboram para a difusão de um discurso sobre saúde e bem-estar da mulher, além de definir que práticas são adequadas ou não às mulheres (Jubé, 2017). Assim, essa concepção repercute na instituição na década de 1970, com a contratação de professoras de ginásticas para ministrar atividades para as alunas, e continua nas demais décadas.

Essas portarias evidenciam, ainda, a importância da preservação, pelo arquivo do IFRN/CNAT, da documentação histórica para a reconstrução da memória institucional e para o reconhecimento do papel dessas profissionais na formação dos alunos. A análise sugere que, apesar das diferentes trajetórias, essas professoras contribuíram significativamente para o desenvolvimento da Educação Física e do Esporte na instituição.

Em seguida, elaborei também o Quadro 2, com as professoras efetivas de Educação Física e Esporte, construído a partir do confronto dos dados obtidos no questionário prévio (Anexo I), pelo SUAP, SIAPE, além do Currículo *Lattes* do CNPq.

Quadro 2 - Professoras efetivas de Educação Física nas institucionalidades ETFRN, CEFET/RN e IFRN (1981 – 2021)

Nº	Nome	Inst. de formação	Egressa	Titulação atual	Ingresso como docente	Situação atual
1	Ana Cristina de Araújo	UFRN	Sim	Mestrado	2010	Ativa
2	Ana Kamily de Souza Sampaio	UFRN	Não	Mestrado	2012	Ativa
3	Andressa Lima da Silva	Universidade de Brasília	Não	Mestrado	2021	Ativa
4	Bertyza Carvalho Falcao	UFPB	Não	Mestrado	2017	Saiu em 2020

²⁶ Orlando da Fonseca Rangel Sobrinho, engenheiro químico militar. Sua obra tem base nos estudos de Georges Hébert e foi publicada em 1930. Já Lotte Kretzschmar, professora de ginástica do Instituto Alemão no RJ, publica sua obra em 1932. Ambos compunham uma base de discurso hegemônico médico de bases sanitistas e eugenistas. Utilizaram de trechos e das imagens da obra de Hebert para adaptarem propostas de exercícios seriados as mulheres, defendendo seus pressupostos teóricos e, de certa forma, utilizando dos do Método Natural de Ginástica de Hebert.

²⁷ Georges Hébert foi um educador físico, esportista e oficial da marinha francesa. Desenvolveu o “Método Natural de Ginástica” para a França. Nele, o autor defende que mulheres e homens têm condições de contrair as mesmas aptidões físicas integrais, exceção se dá as condições de procriação, que é dada a mulher. Considera os conceitos de saúde, beleza e força, além da emancipação da mulher.

	Fernandes					para a UFPB
5	Betânia de França Xavier	UFRN	Sim	Doutorado	1991	Inativa
6	Carmen Batista Gurgel do Amaral	Curso de formação MEC	Não	Graduação	1984 ²⁸	Inativa/ETFRN
7	Creusa Ribeiro da Silva Lelis	UFPB	Não	Doutorado	2007	Ativa
8	Gizelda Lúcia dos Santos Maia	UFRN	Sim	Mestrado	1996	Ativa
9	Ingrid Patrícia Barbosa de Oliveira	UFRN	Sim	Doutorado	2013	Ativa
10	Iracyara Maria Assunção de Souza	UFRN	Não	Doutorado	2009	Ativa
11	Ivana Lúcia da Silva	UFRN	Sim	Mestrado	2010	Ativa
12	Ivanilda Maria Freire	UFRN	Não	Mestrado	2011	Ativa
13	Jane-mery Nunes da Costa Lima	UERN	Não	Mestrado	2013	Ativa
14	Juliana Moreira da Costa	UEP	Não	Mestrado	2016-2022	2017-Atuais
15	Kadydja Karla Nascimento Chagas	UFRN	Não	Doutorado/Pós-doutorado	2009	Ativa
16	Karenine de Oliveira Porpino	UFRN	Não	Doutorado/Pós-doutorado	1993-1998	Inativa da UFRN
17	Liege Monique F. da Silva	UFRN	Não	Doutorado	2016	Ativa
18	Ligyanne Karla de Alencar	UFRN	Não	Mestrado	2012	Ativa
19	Loreta Melo Bezerra Cavalcanti	UFRN	Não	Doutorado	2012	Ativa
20	Maria Elizabete Sobral Paiva de Aquino	UFRN	Não	Doutorado	2010	Ativa
21	Maria Isabel Brandão de Souza Mendes	UFRJ	Não	Doutorado/Pós-doutorado	2006 a 2009	Ativa na UFRN
22	Maria Josely de Figueiredo Gomes	UNIPÊ/João Pessoa	Não	Doutorado/Pós-doutorado	1995	Inativa
23	Maria Leonor de Araújo Moura	UFPB	Não	Especialização	1989	Ativa
24	Marília Padilha Martins Tavares	UFRN	Não	Mestrado	2019	Ativa
25	Mônica de Lima Pereira	UEPB	Não	Mestrado	2013	Ativa
26	Mônica Messias de Mesquita	UERN	Não	Mestrado	2011	Ativa

²⁸ Portaria 184/1984/GD/ETFRN, de 28 de dezembro de 1984. Aposentada em 1991, de acordo com a portaria Nº. 074/91-GD/ETFRN.

27	Nerijane de Almeida Monteiro	UFRN	Não	Mestrado	2018	Ativa
28	Paula Nunes Chaves	UFRN	Sim	Doutorado	2017	Ativa
29	Rosalva Alves Nunes	UERN	Não	Doutorado	2011	Ativa
30	Sonia Cristina Ferreira Maia	UFRN	Sim	Doutorado/Pós-doutorado	1995	Inativa
31	Teresinha Elizabet Portella Ximenes	Não identificada	Não	Não identificada	1981	Inativa
32	Terezinha Petrúcia da Nóbrega	UFRN	Não	Doutorado/Pós-doutorado	1994-1995	Ativa na UFRN
33	Zelma Wanderley de Farias Ribeiro	ESEF/UPE	Não	Especialização	1993	Inativa/IFPE

Fonte: elaboração própria a partir do questionário prévio (Anexo I), 2023.

O Quadro 2 apresenta uma lista de professoras efetivas de Educação Física e Esporte nas institucionalidades ETFRN, CEFET/RN e IFRN entre 1981 e 2021, com informações sobre nome, instituição de formação, se são alunas egressas da instituição, titulação atual, ano de ingresso e situação atual. Avaliando esses dados, várias análises podem ser realizadas para entender melhor o perfil dessas professoras e a evolução do corpo docente ao longo do tempo nesta instituição. Apresento possibilidades que podem responder às inquietações da pesquisa, ponderando os seguintes aspectos: titulação, instituições formativas, atuação profissional, temporal e rotatividade.

Em relação à titulação: não foi possível identificar a titulação de uma professora (sendo a exigência mínima a graduação); duas professoras possuem especialização, com ingresso na docência da instituição entre 1989 e 1993; treze são mestres, com ingresso na docência da instituição entre 1996 e 2019; dez são doutoras, com ingresso na docência da instituição entre 1991 e 2017; e seis são pós-doutoras, que ingressaram na docência da instituição entre 1995 e 2009.

Esses dados evidenciam o alto nível de qualificação do corpo docente de mulheres da disciplina de Educação Física e Esporte do IFRN. Além disso, constata-se que a evolução da titulação ocorreu de forma progressiva e crescente ao longo das décadas. Mesmo após o ingresso na instituição, observa-se um incentivo à formação continuada do quadro funcional. Por meio da análise comparativa entre as entrevistas, o questionário prévio e os dados do Currículo Lattes do CNPq, é possível identificar um aumento significativo no número de professoras com mestrado e doutorado. Esse cenário comprova como as mulheres na Educação Física e Esporte protagonizam princípios educativos, de formação e de trabalho no IFRN, reforçando seu papel fundamental na consolidação de uma educação de qualidade.

A presença de professoras de Educação Física e Esporte no IFRN teve uma crescente de contratação a partir do ano de 1979, como observado no Quadro 2 e na Imagem 5. Esclareço que esta pesquisa não tem a intenção de relacionar a contratação entre homens e mulheres ou com outras disciplinas, e sim, nesta seção, identificar o aumento da contratação das professoras de Educação Física e Esporte no IFRN, passando nas institucionalidades ETFRN, CEFET/RN e IFRN.

Imagem 5 - Contratação de professoras de Educação Física e Esporte na ETFRN, CEFET/RN e IFRN



Fonte: Elaboração própria, 2024.

Diante dos dados expostos e da Imagem 5, é possível fazer algumas inferências que reforçam a hipótese da pesquisa: primeiro houve um crescimento na contratação de professoras entre o final do século XX e início do século XXI, uma vez que a presença de docentes de Educação Física e Esporte na instituição teve um aumento quantitativo acentuado, como observado nos Quadros 01 e 02 e reforçado pela Imagem 5, a partir do final da década de 1970, mais especificamente no ano de 1979, nas décadas de 1980, 1990 e nas primeiras do século XXI.

Pode-se inferir que esse crescimento se deu levando-se em conta as narrativas das professoras participantes. Primeiro, devido à formação de novas professoras de Educação Física na graduação do curso de licenciatura em Educação Física da UFRN (Melo, 2024), uma vez que foi constatado, através do Quadro 2, que das trinta e três professoras identificadas, 19 se formaram na UFRN, sendo 8 delas alunas egressas do ensino médio da instituição. Além disso, a crescente matrícula de mulheres na ETFRN, associada à preferência dos professores por ministrar aulas para alunos, como evidenciado nas narrativas das professoras Ana Cristina (2024), Gizelda Lúcia e Cristina Melo (2024), contribuiu para a necessidade em contratar professoras na perspectiva do atendimento a esse tipo de demandas específicas às alunas. Outro aspecto que se pode destacar é a ascensão de mulheres no mercado de trabalho, em especial na

área educacional.

A atuação das primeiras professoras, conforme as narrativas das professoras e da professora mais antiga, Melo (2024), revela que existiram aproximações e particularidades que influenciaram a dinâmica das práticas de Educação Física e Esporte no IFRN. A formação ocorreu por meio de abordagens metodológicas centradas em práticas relacionadas à calistenia e à esportivização, voltadas especificamente para as mulheres.

Na década de 1990, ainda sob forte influência das metodologias da calistenia e da esportivização, observou-se que as professoras começaram a assumir modalidades esportivas específicas. A professora Maria Leonor de Araujo Moura, assumi o atletismo no ano de 1989, enquanto a professora Betânia de França Xavier, no voleibol de mulheres. As demais professoras assumiram modalidades que, em geral, praticavam durante sua formação como alunas, como: Maia (2024b) no basquetebol; Maia (2024a) no voleibol masculino; Araújo (2024) e a pesquisadora no atletismo; Monteiro (2024) na dança e na natação; Chaves (2024) no handebol e na natação; Oliveira (2024) na dança e no handebol. Esses exemplos referem-se às professoras participantes e a mim.

Vale considerar que a formação das professoras participantes, que aqui identifico, ocorreu em um modelo de currículo mais tradicional. No caso de duas delas, Maia (2024b) e Melo (2024), observam-se trajetórias distintas: Maia (2024b), efetivada na instituição, teve uma formação diversificada, chegando a realizar doutorado na UFRN e pós-doutorado; Melo (2024), uma das primeiras professoras substitutas de Educação Física e Esporte, seguiu sua trajetória na docência do estado do Rio Grande do Norte.

As demais professoras (Araújo, 2024; Maia, 2024a; Oliveira, 2024; Monteiro, 2024 e Chaves, 2024) entrevistadas cursaram um currículo mais científico. Analisando o entendimento sobre a formação dos profissionais de Educação Física, Darido (2003) destaca que, no currículo tradicional, havia uma ênfase nas disciplinas práticas, nas quais era necessário saber fazer para poder ensinar, especialmente no que se refere às habilidades esportivas. Esse contexto refletia a exigência da época, em que o acesso à graduação em Educação Física dependia da aprovação em um teste de aptidão física durante o vestibular. Caso a/o candidata/o não fosse aprovada/o nesse teste, não poderia ingressar na licenciatura em Educação Física. Em contrapartida:

O currículo científico valoriza as subdisciplinas da Educação Física, como Aprendizagem Motora, Fisiologia do Exercício, Biomecânica, além das disciplinas das áreas de ciências humanas, tais como História da Educação e da Educação Física, Filosofia da Educação e da Educação Física, Sociologia da Educação e da Educação Física e outras. Nesta perspectiva, o importante é aprender a ensinar, e para tal o conhecimento teórico é fundamental na medida que fornece os elementos de

compreensão do processo ensino-aprendizagem. (Darido, 2003, p. 26).

Na UFRN, as/os professoras/es deste currículo científico propiciam um maior engajamento nas aulas, motivam a inserção em grupos de pesquisa para ampliar a produção de conhecimento, a partir da participação em eventos científicos e produção intelectual, além do investimento nas pesquisas da área, a exemplo do projeto PIBID. Na entrevista da professora Chaves (2024), observamos a aproximação das características da formação científica apresentadas por Darido (2003) quando ela, questionada sobre sua atuação profissional desde a graduação, afirma:

Despertar, assim, para essas discussões, que elas são importantes, para iniciação na escola, e na época eu, tinha iniciação científica, trabalhei, trabalhava com saúde, no início da graduação, mas depois eu fui para o PIBID, e no último ano da graduação, eu consegui uma bolsa de iniciação científica, com Alison Carvalho, que era para trabalhar justamente gênero e esporte, e comecei a me encantar mais ainda, para essas discussões, que eu já vinha, percebendo assim, muito forte, nas experiências dos estágios, nas experiências da própria graduação nas disciplinas (Chaves, 2024).

Apesar de ter sido formada neste currículo, ela ainda se depara com os resquícios do currículo tradicional no IFRN, uma instituição que carrega, em suas atitudes, a sociedade na qual está inserida. Dessa maneira, algumas narrativas são impactantes e mostram o quanto nossa instituição carrega a característica machista e patriarcal de maneira muito forte até os dias atuais.

Por outro lado, a atuação das professoras é uma particularidade que interfere na dinâmica da Educação Física e Esporte na instituição e na formação das/os alunas/os. A professora Chaves (2024) nos faz o seguinte relato sobre a sua atuação em parceria com a professora Liege Monique Filgueiras da Silva, na experiência dos JIFs Nordeste 2023, na modalidade do handebol:

[...] eu tive um caso muito é interessante disso o ano passado, com a professora Liege, no Nordeste, na verdade, o quanto a nossa voz como mulher, como autoridade, como treinadora, foi desrespeitada, muitas vezes, pelos alunos, da equipe que a gente estava, uma equipe masculina, a gente estava responsável por eles, no Nordeste, vinha treinando e nos jogos e, antes, eles tinham uma figura masculina a frente, então assim, a gente teve muita dificuldade, de ser ouvida, e até que, a gente teve uma conversa com eles, porque num jogo, durante o jogo Liege pedia para eles fazerem uma coisa e eles faziam outra, eles faziam o que eles queriam, adolescentes, homens todos, e acostumados com essa autoridade masculina, mais à frente deles, e a gente conversou com eles, eles pediram desculpas, mas a gente falou que às vezes é algo que a gente, nem, nem pensa conscientemente, mas é algo que está tão enraizado, que a gente desqualifica ou invalida a voz ..., de uma mulher treinadora, de uma mulher, assim, num cargo de autoridade, estava acima deles, obviamente, enquanto treinadora, treinadoras, então isso foi algo que impactou bastante, e a gente conversou sobre isso, tanto é que no século XXI, a gente tem que estar falando sobre isso, 2023, 2024, mas é algo que acontece, assim, foi algo que me impactou, porque eu não tinha, sofrido

assim na pele, isso ainda, de forma tão explícita, e teve um outro aluno, porque no nordeste a gente sai montando a equipe, com os outros *campus*, e teve um aluno de outro *campus*, também que estava no hotel e eu pedi pra ele fazer uma coisa e ele não fez, não seguiu a minha orientação e era de menor, então a gente perguntava para eles, a gente conversou com eles e tal, se fosse um homem aqui, se fosse um homem, lá falando para fazer a jogada, vocês teriam feito, o que a gente pediu? Ou será que, é porque foi a gente falando, e vocês não conseguem seguir a orientação de duas mulheres? (Chaves, 2024).

A experiência relatada pela professora Chaves (2024) exemplifica como as relações de domínio masculino e poder ainda se manifestam de forma contundente no ambiente da área no IFRN. As dificuldades encontradas pelas professoras e treinadoras, em serem ouvidas e respeitadas pela equipe masculina de handebol, revela a persistência de estereótipos desta natureza, que atribuem um papel de liderança natural e autoritária à imagem masculina, a exemplo de Bourdieu (2023).

A formação em um currículo que oportunize o diálogo com diversas temáticas é fundamental para que se possa ter ferramentas para sair de situações como essa relatada pela professora, além de ter que estar provando todo o tempo que a mulher tem capacidade e qualificação, o que ratifica aspectos estruturais da sociedade patriarcal. Nesse sentido, é possível notar resquícios deixados pelo decreto nº 3.199/1941, que será apresentado e discutido na próxima seção. Isso também foi constatado na fala da professora Araújo (2024), quando questionada sobre sua gestão no *Campus* São Gonçalo, enfatiza a questão dessa sociedade patriarcal e a desvalorização da disciplina.

Porém, a gente sabe que ser mulher, é uma luta diária para estar tentando meio que provar coisas que os homens não precisam provar, porque parece que já há um pacto específico de que, o que o homem faz é certo e a mulher precisa provar que sabe fazer. Parece, parece, não, em uma sociedade patriarcal é bem isso que ocorre! Então, assim, esses enfrentamentos enquanto professora, não só aqui, mas em todos os espaços que a gente trabalhou, sempre tem umas barreiras a mais, sempre você tem que provar alguma coisa. É... Inclusive, eu costumo dizer que a própria Educação Física parece que já tem que provar uma coisa, diariamente, porque, muitas vezes, as disciplinas não são questionadas com relação às coisas rotineiras e a Educação Física tem sempre que estar se justificando por que é que precisa ser daquele jeito, por que é que vai precisar de determinada coisa; tentar justificar e mostrar sua importância diariamente, enquanto que outras disciplinas não necessitam disso. E... É, vamos dizer assim, nas relações de trabalhos gerais, não estou falando especificamente de IFRN, mas de IFRN também. É... Nós vivemos em sociedade patriarcal e, sempre, nós mulheres temos que provar alguma coisa a mais. Então, assim, esse enfrentamento é diário (Araújo, 2024).

Por outro lado, a dinâmica social multifacetada nos propicia outras experiências mais valorativas à atuação destas professoras. A narrativa da professora Maia (2024a), que atua no voleibol masculino no IFRN/CNAT, formada nesta perspectiva científica, mas que sempre assumiu seu interesse em ser professora/técnica de voleibol, nos acalanta, ao abordar a fala de

um professor da região Sul, em que afirma:

eu particularmente, que trabalho com voleibol masculino, é, não é, não era e hoje continuo afirmando, nós não vemos, não é muito comum, por exemplo, em 2023, ontem, um colega lá nos jogos que nós estávamos, em Fortaleza, um colega, de um outro estado, eu acho que era do Sul, só que interessante lá, um homem trabalha com vôlei feminino e a mulher com vôlei masculino, a gente ainda tem muito isso assim, você não vê muito nas modalidades coletivas, é um homem, uma mulher com os homens, os homens com homem, professor técnico, com a equipe feminina, sim, mas uma professora com a equipe masculina, não se vê muito e ainda causa uma certa estranheza (Maia, 2024a).

Em outra parte da entrevista, ainda relacionada à sua atuação, ao abordar sobre a instituição ter muito forte um aspecto tecnicista e do respeito que construiu ao longo de sua carreira com seus alunos/atletas de voleibol, afirma:

E sobre o comando, assim, com relação aos meninos, por exemplo, eu nunca tive nenhum problema, com nenhum aluno, nem um aluno, ao contrário, assim, eu tenho uma relação muito, muito boa, que tem até um depoimento de uma colega nossa, que era do IF do Ceará, que trabalhava com voleibol masculino, também, um certo dia ela chegou e disse, vou me aposentar, [...] eu vou me aposentar Gizelda, dizendo a mim e ao professor de Pernambuco, nós temos uma relação mais próxima, ela disse eu vou me aposentar, porque eu não consegui, ainda, construir a relação que Gizelda construiu com os meninos dela, porque para onde, aonde ela está esses meninos estão tudo perto, e é tudo, e eu não consegui fazer isso, assim, talvez tenha sido uma construção feita, eu nem percebi, que estava construindo, mas talvez tenha sido feita baseada muito na parte de respeito, eu respeitar eles, e consequentemente eles já chegam com a perspectiva do professor/aluno, vai vendo que o respeito ele precisa acontecer, de uma maneira sadia, não do medo, o respeito do medo, mas o respeito da maneira sadia (Maia, 2024a).

A partir do primeiro relato da professora Chaves (2024), pode-se observar que as professoras estavam atuando inicialmente nos JIFs Nordeste em 2023, e que durante suas atuações conseguem, através do diálogo, estabelecer uma relação de respeito e conquistas que interferem no andamento da condução dos atletas e de sua prática esportiva, no caso em questão, o handebol.

No segundo relato, a professora Maia (2024a) aborda sobre sua atuação na gestão, no enfrentamento de ter que ser reconhecida as capacidade e qualificação das mulheres, na sociedade patriarcal, além de relatar a discriminação da disciplina de Educação Física e Esporte.

Já no terceiro relato, a professora está à frente da equipe há mais tempo, com uma atuação consolidada e com deferência dos colegas de profissão e dos alunos/atletas, compondo uma dinâmica que, segundo ela, se deu a partir de uma relação saudável e com muito respeito. Ainda nessa linha, tenho minha própria experiência da atuação da professora Maria Leonor de Araújo Moura, a qual foi minha técnica no final da década de 1980 e início da de 1990 e que teve postura semelhante ao relatado pelas professoras, ou seja, tinha atitudes firmes e passava

confiança, capacidade e qualificação, conquistando o respeito, a partir de sua postura e atuação profissional.

Efetivamente a realidade das décadas de 1970 e 1980, em que as mulheres estavam se inserindo na instituição, nesta disciplina, o observado era que professoras de outras disciplinas atuavam na Coordenação de Educação Física e Esporte, em especial, responsáveis pela cerimônia de abertura dos jogos internos, atividades que geralmente é destinada à mulher, a exemplo a professora Tamar Amorim Guimarães, docente de Língua Inglesa, que exerceu a presidência da comissão de divulgação, abertura e encerramento dos jogos a partir da designação do Diretor professor Marcondes Mundim Guimarães, contida na portaria nº61/81-GD/ETFRN, de 30 de março de 1981. Além desta professora, constavam as professoras Miriam Celeste Mesquita e Silva e Teresinha Elizabet Portela, única mulher de Educação Física neste ano, na composição dos membros organizadores dos VI Jogos Internos, divulgado, ainda, no informativo interno do dia 27 de abril de 1981, Ano II, nº 20.

Por outro lado, a não contratação de professoras mulheres na área tem um caráter de uma instituição que carrega características de uma sociedade machista e de uma instituição com cunho tecnicista criada para os homens, fato que pode ser constatado na entrevista realizada com a professora Melo (2024), a qual expôs razões para a sua saída da Instituição²⁹.

Levando em consideração que o Quadro 2 foi elaborado com base no Anexo I, apresento algumas falas das professoras quando questionadas sobre suas trajetórias formativas na instituição: Para a professora Maia (2024b), o IFRN “proporcionou autoformação”; a professora Maia (2024a) afirma ter tido a oportunidade de lecionar no curso técnico em Lazer, que posteriormente foi transformado em curso superior; a professora Araújo (2024) relatou o orgulho de trabalhar em uma instituição “[...] que transforma vidas por meio da educação e da cidadania”, ressaltando que, em sua própria experiência como aluna, teve sua vida transformada; a professora Oliveira (2024) mencionou que, apesar de “viver contextos difíceis”, busca cumprir a missão que escolheu. As demais professoras não responderam a essa questão.

As narrativas das professoras evidenciam que o IFRN é percebido como uma instituição que promove uma educação em uma perspectiva aproximada da formação humana integral, propiciando e o desenvolvimento profissional; oferece oportunidades de crescimento e adaptação às mudanças educacionais; transforma vidas, tanto de alunas/os quanto de professoras/es, por meio da educação e da cidadania; e inspira resiliência e compromisso com a missão educacional, mesmo diante de desafios. Essas narrativas denotam as Mulheres na

²⁹ Na seção 2.2, irei aprofundar detalhadamente a da narrativa da professora.

Educação Física e Esporte como protagonistas de princípios educativos, de formação humana integral e de trabalho no IFRN, e robustecem o papel de uma instituição que não apenas forma tecnicamente, mas também contribui para a constituição de identidades profissionais e pessoais, impactando positivamente na sociedade.

Destaco, ainda, um aspecto histórico e político do país. No concurso para docentes de 2009³⁰ do IFRN, foram homologados 26 candidatos para a disciplina de Educação Física e Esporte, sendo 15 mulheres e 11 homens. No entanto, 7 mulheres e 7 homens assumiram efetivamente na instituição. Vale ressaltar que, nesse período, estava em curso a expansão dos Institutos Federais, fruto de um trabalho articulado entre o Governo Federal e profissionais da educação. Esse processo ganhou força especialmente durante o primeiro governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2002-2006), quando houve a substituição do Decreto nº 2.208/1997 pelo Decreto nº 5.154/2004, que promoveu a valorização dos Institutos Federais e fortaleceu a perspectiva do Ensino Médio Integral.

Ainda é possível constatar, em relação ao Quadro 2, as seguintes informações sobre a rotatividade de professoras que deixaram a instituição, sejam por aposentadoria, seja para assumir cargos em outras instituições de ensino: Bertyza Carvalho Falcão Fernandes (2017-2020), que assumiu um cargo na UFPB em 2020; Maria Isabel Brandão de Souza Mendes (2006-2009), que assumiu um cargo na UFRN em 2009; Karenine de Oliveira Porpino (1993-1998) e Terezinha Petrúcia da Nóbrega (1994-1995), que assumiram cargos na UFRN em 1998 e 1995, respectivamente.

Além disso, constatei que a professora Edna de Oliveira Evaristo retornou, em 2019, à sua instituição de origem, a Universidade Federal do Pará (UFPA). Quanto às professoras que se aposentaram, são elas: Betânia de França Xavier, em 2018; Maria Josely Figueiredo Gomes, em 2018; Maria Leonor de Araújo Moura, em 2006; Sônia Cristina Ferreira Maia, em 2017; Teresinha Elisabet Portela Ximenes, em 2006.

Assim, encerro esta sub seção, na qual apresentei, discuti e refleti as fontes deste trabalho, com base nas/os autoras/es que fundamentaram minha análise, além de trazer as narrativas das entrevistadas. Por meio dos Quadros 1 e 2, respectivamente, foi possível apresentar uma visão detalhada sobre as primeiras professoras de Educação Física e Esporte na ETRN, bem como de todas as docentes identificadas nas trajetórias institucionais da ETRN, CEFET/RN e IFRN.

Na próxima seção, denominada de “prontas”, abordarei as narrativas das professoras

³⁰ Dados analisados a partir da homologação do Edital Nº. 10, de 18 de junho de 2009, e publicado no Diário Oficial da União na seção 3, página 38 do dia 19 de junho de 2009.

participantes, momento de fundamental importância para a análise dos dados. Neste caso, essas narrativas fornecerão respostas às questões centrais da pesquisa, apoiando para a confirmação (ou não) da tese defendida. O foco estará nas memórias e trajetórias relatadas pelas professoras.

2.2 PRONTAS: TRAJETÓRIA DE VIDA E ATUAÇÃO PROFISSIONAL DAS PROFESSORAS PARTICIPANTES

Na largada de uma prova de 100m, após o posicionamento no bloco e o anúncio de “às suas marcas”, vem o comando de “prontas”. De forma análoga, apresento a trajetória de vida e a atuação das professoras participantes. Pela ordem de entrevistas e do posicionamento nas raias, denoto algumas de suas falas e faço o paralelo com que momento corresponderia à corrida de sua vida e à analogia geral dessa tese.

Dialogar a respeito da trajetória de vida e da atuação profissional de uma docente é estimulante no que tange à repercussão ocasionada em um sistema educacional como um todo, ou especificamente em uma determinada instituição, como o IFRN. A caminhada acadêmica de uma docente se dá, desde o ensino infantil, básico, médio, e, posteriormente, o universitário, em sua graduação, quando escolhe a licenciatura como meio de atuação profissional. Em seguida, há a possibilidade de constante atualização e aperfeiçoamento através de cursos, pós-graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado.

O conhecimento adquirido na formação acadêmica, graduação e nas demais atualizações é carregado de metodologias didáticas, atualmente envolvendo as tecnologias da informação - TICs, além de aspectos relacionados à psicologia da educação. Tudo isso converge na perspectiva de que a atuação na área educacional instrumentalize o/a docente com bases teóricas e práticas de ensino para o aprimoramento da docência, proporcionando aos/às discentes maiores leques de oportunidade para ampliarem seu aprendizado, como se verá nas trajetórias de vida das participantes, como pontuou Goodson (2022, p. 84) em seus estudos sobre as experiências docentes, que trata das histórias de vida e das histórias de vida. Isso foi identificado nas entrevistas, uma vez que “a história de vida é a história que narramos sobre eventos da nossa vida” e, por outro lado, “a história de vida é construída colaborativamente por um narrador da história de vida e um pesquisador/entrevistador da história de vida”.

Assim, conduzi esse processo de tecitura da escrita, tendo apreço pelas histórias de vida e a possibilidade de escrever as “histórias de vida” dessas professoras nessa instituição, porque “o desenvolvimento de dados de histórias de vida pode ajudar a ampliar a nossa compreensão sobre o trabalho profissional do professor” (Goodson, 2022, p. 85), dados estes que são

substanciais para responder às inquietações do trabalho. Ademais, em seus estudos, Goodson credita a escuta como uma primeira ferramenta para o desenvolvimento de modelos sensíveis ao desenvolvimento profissional, ou seja, ouvir os docentes (nesse estudo, as docentes).

Assim, início esse momento com a professora Araújo (2024), foi aluna na ETFRN de 1997 a 1990, posicionada na raia 2, que sempre estudou em escolas públicas, desde sua infância até a universidade. Também fez seu mestrado na UFRN, no Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED. Ao ser questionada sobre o porquê da escolha do curso de Estradas na ETFRN, afirma:

O curso foi aleatório, assim... Quando eu peguei o programa dos cursos que tinham, já que não tinha nenhuma pré-formação em relação a essas áreas... Meu irmão fez Edificações e poderia ter sido uma área que eu poderia ter seguido também, mas aí, assim, foi meio aleatório em relação [...] assim, peguei o programa e fui ver e pensar o que é que [...] não tinha muito bem ideia o que cada curso era naquela época que a gente não tinha essa gama de informações mais apuradas que se tem hoje. Hoje, se você entrar em qualquer canal de busca, principalmente no próprio site da escola, você vai saber exatamente o que cada curso vai explorar. Naquela época, não tinha essa coisa muito detalhada não, além de você ter tudo no papel, você tinha que vir aqui, tinha de [...], então, assim, foi meio aleatório, não foi assim: “ah, eu quero fazer ‘Estradas’”, não, foi “eu quero estudar naquela escola”, e aí, escolhi o curso e vim fazer (Araújo, 2024).

A dificuldade de informação a respeito dos cursos à época a levou-a a escolher o curso aleatoriamente. Apesar de não ter concluído o curso técnico de Estradas, porque não fez o estágio, última etapa para se tornar técnica, concluiu o ensino médio e tem o diploma de auxiliar técnica de estradas. Apontaria que este estágio da professora se referiria, em uma corrida, pensando na analogia desse estudo, ao contato inicial com a corrida ou mesmo o aquecimento.

Após concluir a licenciatura em Educação Física na UFRN, atuou na educação estadual do Ri Grande do Norte e no município de Natal como professora de Educação Física escolar, desde meados da década de 1990 até assumir o cargo no IFRN, em 2010. Ela atuava na Educação Física escolar e Esporte, atletismo, handebol e futsal, também atuando na gestão na função de vice-diretora em uma escola no município de Natal.

Eu saí aqui, da ETFRN, direto para o curso de Licenciatura em Educação Física, de 90 a 94, paralelo a estar finalizando o curso de onde eu já comecei a trabalhar nas escolas particulares pequenas, da zona norte, que era onde eu morava... É... A partir daí, quando [...] depois de formada, quando surgiu o concurso para o município e estado [...] eu fiz! Trabalhei nos dois, durante quase 10 anos, cada um; e, no concurso de 2009, eu passei aqui, para o IFRN, e assumi em 2010. Mas, assim, minha atuação em escola particular foi por uns 3 anos, 3 ou 4 anos, eu acho (quando eu entrei no município, eu ainda

permaneci numa das escolas) e, fora isso, município, Estado e IFRN, sempre educação pública (Araújo, 2024).

Tal relato pode ser associado, recorrendo uma vez mais à analogia da corrida, a obstáculos que devem ser superados durante a prova e que, para esse caso, também se aplicam à vida pessoal da entrevistada, embora não seja o foco em questão.

Ademais, ao ingressar como docente no IFRN, no ano de 2010, passou pelos *campi* Currais Novos, Nova Cruz e São Gonçalo, atuando na esfera da gestão neste último (na coordenação de atividades estudantis). Hoje, no IFRN/CNAT, atua na Educação Física escolar e Esporte, no atletismo e na disciplina de Qualidade de Vida e Trabalho, realizando projetos de extensão e de ensino e treinamento esportivo no atletismo. No relato da professora Araújo (2024), considero que sua atuação é de fundamental importância para o crescimento pessoal e profissional de suas/seus alunas/os, como constatado em suas próprias palavras:

De vez em quando a gente começa a pensar nessas questões. Eu acho que, a partir do momento que você tem uma prática profissional que é, vamos dizer assim, que instigue ao aluno a crescer, a evoluir, seja na disciplina de Educação Física, na questão da produção do conhecimento, como também na questão das equipes esportivas, você vê o aluno buscar melhorar e evoluir em relação ao que tava antes; ele chegar e falar que, enfim, a prática da modalidade está sendo muito importante porque ele está enfrentando situações bem complicadas e é isso que está fazendo com que ele busque soluções e não atropelos na vida... Eu acho que não é só a questão de você trabalhar o conteúdo ou a técnica, é você trabalhar de forma mais humanizada, você, realmente, trazer o aluno para perto e *fazer ele* acreditar que ele pode, e está ali, nunca tentou, você atrás, você mostra para ele que é possível ele ver pequenas vitórias, vamos dizer assim, pequenas superações [...] (Araújo, 2024).

Em sua atuação profissional, a professora Araújo (2024) busca desenvolver, nas/os suas/seus alunas/os, o potencial de acreditar que são capazes de superar os desafios da vida, estratégia sob a qual não é o foco da entrevista e, portanto, não me debrucei. Fato é que, durante sua vida acadêmica e profissional, a entrevistada tem momentos de aceleração, oscilações, desacelerações, conquistas e enfrentamentos diários, como apresenta em suas narrativas, contribuindo na estrutura de princípio educativo, a partir de sua atuação, para a formação integral de seus/suas alunos/as no IFRN.

Apesar de não ter sido questionada diretamente sobre a perspectiva do Ensino Médio Integrado - EMI ou de uma formação politécnica, a narrativa da professora Araújo (2024) revela que ela prioriza, em sua atuação profissional, propiciar à/o aluna/o uma visão crítica e uma ampla gama de possibilidades de práticas corporais. Ela envolve suas/seus alunas/os com o intuito de promover uma formação o mais abrangente possível, alinhando-se aos pressupostos

do PTDEM da disciplina e do PPP do IFRN. Diante disso, observa-se que a professora incorpora e protagoniza princípios educativos de formação e de trabalho no IFRN, voltados para as/aos suas/seus alunas/os. Em seu relato, embora não aborde explicitamente o EMI ou a formação politécnica, ela demonstra um compromisso que vai além da mera prática esportiva institucionalizada, pautando-se no movimento e na linguagem da Educação Física e Esporte. Sua prática busca instigar uma formação com princípios educativos e pedagógicos, visando ao desenvolvimento integral de sua/seu aluna/o.

Isso relaciona-se ao que Moura (2007, p. 23) postula ao abordar a pesquisa como princípio educativo a partir da perspectiva de Paulo Freire, ao pontuar que “o estudante, na perspectiva Freireana, deixa de ser um ‘depósito’ de conhecimentos produzidos e transmitidos por outros e passa a construir, desconstruir e reconstruir suas próprias convicções a respeito da ciência, da tecnologia, do mundo e da própria vida”. Ao incentivar uma visão crítica e oferecer uma variedade de práticas corporais, com um cunho significativo, refletindo sobre o mundo e o que virá dele, a professora demonstra estar alinhada aos princípios pedagógicos do PTDEM e próximo ao postulado no PPP do IFRN.

Embora não quisesse estudar na ETFRN, porque era atleta de handebol de uma escola consagrada nesta modalidade (o colégio Sagrada Família), a professora Oliveira (2024), que estudou na ETFRN de 1992 a 1997, foi convencida por seus tios e pais, que a motivaram a ponto de ela fazer a seleção e passar no curso de Saneamento. A escolha do curso se deu de maneira aleatória (foi sua segunda opção de curso).

Toda a família ficou contente porque Oliveira (2024) havia passado, em contraste com o seu próprio sentimento de pouca empolgação, tanto que, em muitos momentos de sua fala, relata o seu pouco envolvimento nas atividades acadêmicas na ETFRN, bem como conflitos pessoais em relação ao seu corpo e à sua autoestima. Na tentativa de superação destas questões, escolheu o curso de Educação Física como graduação, além de todas as experiências que teve de cultura de movimento na infância. Isso foi bastante impactante em duas de suas falas:

[...], eu já não ia muito porque eu tinha que expressar isso e, às vezes tinha que vestir alguns figurinos que o corpo estava nu, mas nu, e aí eu não ia ter coragem, isso foi umas das coisas que me impediram, então eu tinha muito isso, arraigado muito forte, e acho que a escolha também para o curso de Educação Física se deu para que eu pudesse subverter isso, sabe? porque era muito forte, muito forte essa exigência de ter um corpo perfeito dentro dos padrões, e eu sofri muito *bullying*, eu sofria muito *bullying*, [...] (Oliveira, 2024).

A narrativa da professora Oliveira (2024) desponta uma experiência pessoal carregada

de marcas de pressões estéticas e sociais relativas ao corpo. Para Le Breton (2012, p.78):

A ação da aparência coloca o ator sob o olhar apreciativo do outro e, principalmente, na tabela do preconceito que o fixa de antemão numa categoria social ou moral conforme o aspecto ou o detalhe da vestimenta, conforme também a forma do corpo ou do rosto.

O autor me fez refletir sobre como as percepções e julgamentos são influenciados por aspectos superficiais, como a aparência e a vestimenta. O alerta é para os perigos do preconceito e da categorização social, que podem levar à exclusão e à injustiça. Ao mesmo tempo, essa questão me desafiou a questionar meus próprios preconceitos e a buscar uma compreensão mais profunda e empática dos outros, indo além das aparências.

Em sua narrativa, a professora Oliveira (2024) enfatiza o *bullying* sofrido na infância e o impacto expressivo em sua autoconfiança, gerando inseguranças em relação ao próprio corpo e dificultando a aceitação de sua aparência física. Segundo Silva (2001, p. 57), “cuidar do seu corpo tendo em vista a ‘melhor’ aparência a ser projetada em público, vai se tornando, gradativamente, uma necessidade para os indivíduos”. O curso de Educação Física foi uma busca de superação e transformação de sua autoestima, além de propiciar o acesso à cultura de movimento as/aos suas/seus alunas/os. Para ela:

[...], esse movimento cultural assim, na minha rua, e eu acho que uma das escolhas para ser professora da Educação Física foi por perceber que a Educação Física permitia aos outros esse acesso, a essa cultura de movimento e por isso que eu queria ser professora de Educação Física que eu queria ensinar dançar, que eu queria ensinar esportes, ensinar a brincar, essas coisas, então acho que veio a minha vontade de fazer o curso por causa dessa minha vivência, dessa minha experiência, muito rica na infância e na adolescência em relação a tudo, as brincadeiras (Oliveira, 2024).

Durante a sua trajetória de vida, acadêmica e profissional, para Oliveira (2024) houve altos e baixos, embora esteja em um momento de enfrentamento pessoal e profissional, ou seja, uma oscilação, a respeito de ter que se dedicar ao esporte competitivo, que é uma grande exigência no IFRN, em especial de seu atual *campus*. Mais uma vez, ao se relacionar com a analogia deste estudo, entendendo que, em corridas, há oscilações e desacelerações, percebo que a ETFRN foi um dos seus primeiros contatos para sua formação na área.

Ao término do ensino médio, a professora Oliveira (2024) submete-se ao vestibular para o curso de licenciatura plena em Educação Física³¹. Ela conclui o curso em 2001 e, já na

³¹ Conheci Ingrid na fila de entrada do exame de vestibular. Eu, ela e Kadydja logo nos tornamos grandes amigas. Realizávamos juntas todos os trabalhos da graduação, fomos bolsistas do mesmo grupo de pesquisa, na iniciação científica, adiantei o curso em um semestre e concluí junto com ela e a professora Kadydja Karla, hoje professora

graduação, atuou profissionalmente em projetos da UFRN. Posteriormente, ingressa através de concurso na rede escolar municipal de Natal e em escolas e universidades particulares da cidade.

Devido à cobrança exacerbada quando atleta e pelo fato de ter tido uma experiência somática na graduação, em sua atuação profissional, Oliveira (2024) exerce a profissão na perspectiva de ampliar possibilidades e atender às diversidades existentes na sociedade, passando a atuar nesta concepção, como é possível observar em sua fala:

Vamos lá, depois que eu me formei, logo eu adentrei no, como professora no ensino público, na prefeitura, no estado, e também, nas escolas particulares, [...], é e eu lembro que a minha atuação com as escolas Públicas do Estado e no Município não existia uma exigência com a questão do treinamento, eu acabei na minha formação fugindo um pouco dessa história do treinamento, eu acho que talvez por perceber que eu fui tão cobrada, então sei lá, houve alguma, talvez eu não tenha consciência disso, mas houve alguma, algumas coisas que não foram felizes para mim, e eu acabei me apaixonando pela educação física, no sentido, de pensar que eu poderia colaborar com os meus alunos e, principalmente, com aqueles alunos que eram taxados, de incapazes, os alunos deficientes, os alunos gordos, os alunos negros, então desde que eu sai da formação, eu já tinha esse impulso e essa inquietude de tentar promover nas minhas aulas, a consciência corporal dos alunos para que eles pudessem de fato, é pensar sobre si, pensar sobre os cuidados sobre si, pensar sobre o seu próprio corpo, sobre seus medos, sobre as suas inseguranças, então é, eu acho que desde de lá eu já inconscientemente eu passei a valorizar muito mais a educação física neste formato. E desde da minha, da minha entrada no município e no estado eu já, já tinha essa intenção de fazer, às vezes fazia inconscientemente esta história da consciência corporal que eu estou estudando muito mais agora, eu fazia isso sem, sem ter o aprofundamento, mas existia essa intenção e essa é, talvez muito pela, pela minha experiência lá com Karenine, na formação, no parafolclórico, com Petrúcia, com essas professoras que trabalhavam muito mais essa educação somática, essa educação preocupada com o corpo (Oliveira, 2024).

A experiência com essas professoras na graduação mudou o modo de Oliveira (2024) ver a Educação Física. A participação no projeto da professora de Educação Física da UFRN Maria Irany Knackfuss, denominado “Amigos da escola”, proporcionou um estágio em dois bairros periféricos de Natal, o Guarapes e o Passo da Pátria. Neles, tanto a pesquisadora como Oliveira (2024) teve a oportunidade de aplicar as vivências das aulas dessas professoras. Em seu relato, a professora Oliveira (2024) sintetiza todas as questões enfrentadas com as/os alunas/os nesses bairros. Apresento o trecho deste diálogo:

- Ivana - A nossa graduação foi recheada...
- Ingrid - A nossa graduação com elas, eu acho que permitiu eu valorizar esse

lado da Educação Física, e acabei valorizando que passei a rejeitar, esse lado, meio mais esportivizado, que não é legal, que não é legal, então eu fui para um outro polo, eu passei a ter uma certa ojeriza, não, treinamento esportivo, apesar de que eu era louca pelo esporte, eu fico, cheguei a rejeitar minha academia, ou a minha, minha, algumas disciplinas por causa do esporte. E, eu, na formação já foi o contrário me apaixonei por isso e acabou que eu atuei assim, então eu buscava muito nas aulas, nas minhas aulas do [...], lembro lá, em, trabalhei no Planalto, no CAIC, trabalhei, e agora esqueci o nome da Escola Estadual [...], Fernando [...], enfim Escola estadual [...], então eu buscava fazer experiências para que os alunos pudessem vivenciar a capoeira, vivenciar a dança, vivenciar a, a dança popular, que era aquilo que eu, que eu tinha muito mais próximo, então eu, eu lembro que eu buscava fazer aquilo que eu gostava, buscava [...], oportunizar a eles aquilo que eu gostava, que era as danças e as lutas, principalmente, a capoeira, que também tem um pouquinho de dança (ri), então eu lembro que as minhas atuações era (rindo), eram muito mais propensas para isso, embora a gente tivesse que dar os outros conteúdos, mas eu lembro que, que nas escolas que eu andei, que não tinha muito é, muito recurso, eu tirava, era muito comum eu tirar, arrastar as carteiras para o lado para fazer atividades no chão, atividades de enfim, aquelas atividades que a gente, depois é que passa a entender o que é de fato, dinâmicas corporais, essas coisas, principalmente quando eu trabalhava no ensino médio. Ensino fundamental, também, eu lembro que no fundamental eu criei um grupo de dança lá no CAIC, tinha, tinha um grupo de dança bem legal, lá.

- Ivana - Você se lembra do grupo de hip-hop que você criou?

- Ingrid - É, lá, na, na [...], lá na, como é?

- Ivana - Guarapes, Francisco Varela, no Guarapes.

- Ingrid - Francisco Varela, é então, lá no Francisco Varela eu lembro. Quer que eu fale sobre aquele grupo?

- Ivana - Fique à vontade. Foi uma atuação que a gente ainda estava na graduação!

- Ingrid - Eu lembro. Sim, era a gente estava, era mesmo Ivana.

- Ivana - Ia eu e você, lembra não? Na motinha!

- Ingrid - Foi uma das primeiras experiências em escolas, e eu me afetei logo por esses alunos, eram os alunos negros, de periferia, eram negros de periferia, e eles não tinham chance de dançar, nem tinha lugar na escola, para ensaiar, é mesmo, isso foi muito importante, e eu lembro [...]

- Ivana - Você lembra o que a gente passou ali?

- Ingrid - Meu Deus (risos de ambas), lembro, e eu lembro que eu tive, tive que brigar, de uma certa forma com a professora de Artes, para tirar os cacarecos da sala para poder fazer uma sala de dança para esses meninos dançarem, não foi? (ri) lembrei agora, pronto então era isso, ainda mais porque sentia que os meninos eram rejeitados, porque eram meninos negros, eram meninos que queriam se expressar e não tinha apoio dentro da escola, eu lembro de inclusive a gente sair para, a gente sair para fora da escola, algumas vezes que, eles passaram a ensaiar dentro da escola, que não deixavam, com a minha chegada eles ensaiaram e, a gente passou a ir, eles passaram a representar inclusive o nome da escola e, lembro que eu fui uma vez com eles até para o passo da Pátria, menina a foi uma festa que esses meninos entraram no ônibus, isso me marcou muito, eu fui no ônibus público com eles, e a Diretora me deu um monte de tickets, e com os tickets na mão e eles iam apresentar em outra escola, eles passaram [...], entraram no ônibus e quando chegou lá foi barrado pela cobradora, porque acharam que eles não iam pagar, eu mostrei que estava com os tickets, ‘professora diga que você vai pagar’, eu mostrei os tickets ela não aceitou, eu tive que subir para poder pagar estes

tickets para eles poderem passar e, lembro da sensação que eu tive naquele dia, que foi quando eles passaram a catraca do ônibus as pessoas era tudo assim [sic] (puxando a blusa como se tivesse escondendo algo), escondendo o material delas com medo das criaturas, e eu lembro assim, foi uma cena de preconceito que eu depois chorei com eles, porque eles ‘você viu professora o que é que a gente passa?’ E, eu acho que essa experiência com eles me deu também uma certa sensibilidade para essa questão da negritude é, porque, porque eu senti muito o racismo neles, estando com eles, e essa cena foi assim, eu lembro demais, que foi uma cena muito potente, eles passando pelo, pelo centro do ônibus e as pessoas escondendo as coisas, e eles estavam ali para ir para uma apresentação de dança

- Ivana - Não pensavam em outra coisa

- Ingrid - Não pensavam em outra coisa e, a gente estava lá, e eu senti ‘tá vendo professora porque a gente às vezes se revolta? Por causa dessas sensações que a gente vive durante o dia a dia’, e eles fizeram música, inclusive tinha até uma música sobre a história da passagem do ônibus, mas enfim eu acho que a atuação, nessas, nas duas escolas, nas duas escolas foram muito potentes assim, é para que eu também aprendesse, para pensar também outras, outras questões, eu também não fui uma professora como eu sou hoje, obviamente a gente vai evoluindo com as coisas que vai vivendo, aprendendo com eles mesmos, porque esses alunos também, eles guardam muitas sabedorias, eles têm experiências assim muito significativas e, principalmente esses alunos do interior, trabalhei lá em Apodi, fui primeiro para Apodi, depois fui pra Ipanguaçu, depois foi Nova Cruz e agora João Câmara, e nessa, nessa passagem assim foram muitas experiências, muitas coisas que a gente planeja para fazer, e acaba dando certo, você repete, daqui a pouco não dá mais certo, e você ressignifica, mas assim, sobre, sobre a questão de, de atuar, nessa questão da sensibilização do corpo foi uma, foi um processo, de, de muitas experiências, a gente vai, vai experimentando os conteúdos e vai vendo que dá certo e o que não dá certo e vai replicando e, vai melhorando e vai estudando, acho que veio o mestrado, veio o doutorado, e vem uma lucidez maior sobre, desse corpo, e a gente acaba atuando de uma forma melhor, fazendo-os refletir de uma forma melhor e, eu, é isso, hoje eu tenho um projeto é, lá embora eu esteja com uma certa dificuldade de João Câmara, porque lá em João Câmara é muito fervoroso a questão do treinamento esportivo, eu assim, eu já entendo que eu não posso ter uma atuação de rejeição total, eu preciso entender que aquilo também é importante para eles, e que tem significado, assim como teve para mim, é [...], mas eu ainda entendo que as duas coisas precisam equilibrar as experiências, tanto da Educação Física como do Esporte, na escola [...] (Oliveira, 2024).

A professora Oliveira (2024) expressa, a princípio, uma rejeição ao esporte de rendimento, fruto das fortes cobranças que sofreu em sua trajetória como aluna/atleta. No entanto, sua fala rapidamente transita para o reconhecimento do valor de seu trabalho, especialmente na sensibilização corporal e na oferta de um vasto leque de vivências da cultura de movimento e por meio da dança. Apesar dessa perspectiva, ela mantém a convicção de que o esporte competitivo é igualmente importante para os alunos e, por isso, tem se empenhado em atender a essas necessidades.

Em outro trecho da entrevista, quando estava abordando sobre a questão da compreensão sobre corpo, Oliveira (2024) denota como sua atuação profissional caminha no

sentido sensível, uma vez que teve uma experiência muito exigente no aspecto da performance, então procura, em sua atuação, desenvolver atividades que consideram as várias facetas individuais, que abordam questões como a dos direitos humanos, da negritude, do feminismo e do empoderamento dos excluídos, oportunizando vivências criadoras de um olhar crítico e político da sociedade em que se vive. Em sua experiência enquanto aluna, ela alega não ter tido estas experiências:

Eu não tive, eles hoje têm, eles hoje têm chances de poder refletir sobre esse corpo, muito mais do que nós tivemos, porque a gente, acho que a gente enquanto professor já, já entendeu que é um novo processo, que é um novo atuar, professor de Educação Física ele atua hoje de forma muito mais sensível, do que, do que na experiência que a gente teve [...] (Oliveira, 2024).

Na narrativa apresentada pela professora Oliveira (2024), é notória sua intenção de não segregar e oportunizar toda a diversidade de movimento as/aos alunas/os a partir da consciência corporal, requerendo uma educação mais sensível. Para Chagas (2014, p. 19), o fundamental é “ênfaticamente a busca de novas experiências (despertando os sentidos), ressaltar a sensibilidade em relação ao outro, possibilitar uma melhoria da expressividade humana no que se refere às emoções e afetos que fazem parte da subjetividade”, os quais são compromissos que se deve assumir na intenção de uma educação para a formação do ser humano, a qual movimenta a sensibilidade do ser, demonstrando que as mulheres de Educação Física e Esporte protagonizam princípios educativos, formativos e de trabalho no IFRN, confirmando, assim, a tese.

Por fim, esse conflito profissional relativo à questão do esporte competitivo se mostra como um incômodo, relatado pela maioria das professoras participantes. Porém, Oliveira (2024) narra a respeito de sua atuação, isso se dá em busca de melhorar para si e para o outro.

A terceira entrevistada foi a professora Monteiro (2024), aluna do CEFET/RN de 1999 a 2002. Em sua narrativa, afirma ter tido uma infância muito rica em relação à cultura de movimento, com brincadeiras de rua, jogos populares e pré-esportivos, tanto na rua em que morava como nas escolas que estudou (escolas particulares de Macaíba).

Monteiro (2024) Atuou no Município de Natal, em uma escola da periferia no bairro do Guarapes, do período de 2009 a 2015, no ensino fundamental I, concursada logo após sua conclusão da graduação em licenciatura em Educação Física. Em 2016, ela ingressa no IFPB e atua até 2018, quando é redistribuída para o IFRN, no *campus* Macau, onde está até os dias atuais (2025).

Ao falar sobre sua trajetória na atuação profissional, Monteiro (2024) inicia pontuando que o ensino na escola Municipal, em Natal, despontou desafios e aprendizados que a marcaram

profundamente: “[...] o ensino público, na escola municipal, me deu a experiência necessária” (Monteiro, 2024), uma vez que a impôs uma realidade dura, de crianças em situação de vulnerabilidade, expondo-a a problemas como a fome, a violência e a dependências de drogas.

Ao recusar-se a ser mais uma professora a passar pela vida daqueles/as alunos/as, passou a buscar maneiras de tornar sua atuação com impacto mais positivo nas vidas daqueles/as alunos/as. Para isso, investiu em sua formação, buscando alternativas para lidar com a realidade daquelas crianças: “[...], foi uma época que eu fui estudar formas de lidar com aquela situação, com aquela realidade, muitas vezes comprei bolas com meu dinheiro, material com meu dinheiro” (Monteiro, 2024). A professora destaca ainda a dificuldade de lidar com a falta de recursos na escola, chegando a comprar materiais com seu próprio dinheiro, além de produzir materiais reciclados para o desenvolvimento de suas aulas.

Apesar de todas as dificuldades, Monteiro (2024) conseguiu estabelecer uma parceria com a gestão da escola que, ao reconhecer seu esforço, destinou recursos para a compra de materiais. A professora relata ainda que, apesar dos percalços, conseguiu implementar atividades diferenciadas com os/as alunos/as, como ginástica, lutas e dança, indo além do tradicional futebol e queimada. Para Monteiro (2024), “[...], então rolava muita negociação, primeiro a gente vai fazer a nossa aula e depois 30 minutos da bendita queimada e o futsal, consegui conquistar os espaços, então eu digo que essa experiência de Natal, ela me formou”.

Ao tomar posse no Instituto Federal da Paraíba - IFPB inicialmente, e na sua posterior condução ao IFRN, Monteiro (2024) relata realidades diferentes, ao mesmo tempo em que já transportava uma gama de aprendizados e experiências que a ajudaram a lidar com os novos desafios. Para ela:

[...] quando eu fui para o IFPB, que já tinha era outra realidade de ensino médio, eu já trazia uma bagagem, e chegar no IF é bem mais fácil, porque você olha e tem um mundo de possibilidades, se bem que o IFPB, para o *Campus* que eu fui não tinha nada, (risos), nem uma quadra batida tinha. (Monteiro, 2024).

No IFPB, Monteiro (2024) se deparou com mais desafios: a falta de estrutura física e a desvalorização da disciplina de Educação Física e Esporte. A professora relata que, assim como em Natal, necessitou iniciar do zero, entretanto os/as alunos/as eram maiores. Ela destacou a dificuldade de quebrar a visão de que o/a professor/a de Educação Física e Esporte é apenas um "professor de recreação", algo que a incomoda profundamente.

A professora Monteiro (2024) relatou ainda enfrentar reclamações dos demais colegas de outras áreas por usar espaços do *campus*, adaptando-os as suas aulas, algo que demonstra

uma falta de sensibilidade e colaboração por parte de alguns pares.

Sua redistribuição para o IFRN foi para o *campus* Macau, onde atua até hoje (2025). Para Monteiro (2024) “[...], quando eu consegui chegar no IFRN e, no *campus* de Macau foi o céu para mim, (risos de ambas), porque eu olhei aquela estrutura, com piscina, academia, sala de dança, não sei o quê”. A professora descreve esse momento como "o céu", demonstrando uma imensa alegria de poder trabalhar em um ambiente com recursos adequados para o ensino da Educação Física e Esporte, além da valorização que é dada aos profissionais.

A expressão de felicidade em atuar no *Campus* e na instituição é notória, reflexo que se dá a partir dos projetos que desenvolve no ensino, na pesquisa e na extensão, além das atividades cumulativas da gestão esportiva na coordenação de Esportes de competição do *campus*.

Notória ainda é a relação que se pode estabelecer entre conquistas, oscilações, acelerações e desacelerações, fases de uma corrida. A professora Monteiro (2024) passou e continuará passando, em sua atuação profissional, por situações como essas: tanto experiências exitosas, a exemplo dos relatos no município de Natal e no IFPB, quanto as dificuldades relatadas, que são de fundamental importância para a formação integral dos/as alunos/as.

Ao ser questionada se faria algo diferente em sua atuação profissional, Monteiro (2024) se diz insatisfeita em ter que selecionar alunos/alunas para compor equipes para participar dos JIFs e de outras competições esportivas. Para ela, deveria haver amplas discussões de como realizar esses jogos sem selecionar e segregar tanto os/as alunos/as (Monteiro, 2024).

A quarta entrevistada foi a professora Chaves (2024), foi aluna do CEFET/RN/IFRN de 2006 a 2009, carinhosamente conhecida por Paulinha. Na época em que fui substituta no IFRN/CNAT, Paulinha frequentou algumas das minhas aulas, em especial as de natação e voleibol. Também fez seu estágio de graduação, na modalidade de ensino médio, em uma de minhas turmas de Educação Física escolar. Neste período, já era efetiva e havia retornado ao IFRN/CNAT, em 2012.

A professora Chaves, que estudou em escolas particulares de bairros na Zona Norte de Natal/RN, fez o CEFET/RN por incentivo da mãe, que sempre ansiou que a filha estudasse nesta instituição, por considerar que lá havia um ensino de qualidade e público, ou seja, gratuito. Nos dois primeiros anos do CEFET/RN, fez apenas a Educação Física escolar, mas praticava voleibol, sua segunda modalidade esportiva.

No terceiro ano, Chaves (2024) retornou à natação e competiu representando a instituição no Encontro Desportivo dos CEFETs do Norte e Nordeste (EDCENNE) de 2008,

em Petrolina/PE. Como não se identificou com o curso de controle ambiental, escolhido sem muita convicção, ao término do CEFET/RN, ingressou na graduação de Licenciatura em Educação Física na UFRN, onde realizou o mestrado e o doutorado em Educação no PPGED/UFRN.

A professora Chaves (2024), sempre envolvida com pesquisa, foi bolsista e participou do grupo de Estesia do Departamento de Educação Física - DEF/UFRN, estudando fenomenologia, corpo, gênero e sexualidade. A escolha de Educação Física deu-se muito pelas suas experiências na infância, além de que desejava ser técnica de voleibol. Para ela:

É [...] É assim, só a dança, que eu nunca fui muito próxima, da, dessas questões da dança, mas natação, jogar bola, jogo, bicicleta, a questão do vôlei começou a tomar, na minha adolescência, comecei a gostar muito do vôlei, e isso impactou muito a minha escolha, pela Educação Física, ali pelos idos do ensino médio, porque eu sempre tive essa vontade, acho que essa vontade de ser professora (Chaves, 2024).

A professora Chaves (2024) afirma nunca ter jogado voleibol profissionalmente, mas gostava de praticar o esporte de forma amadora continuamente. A paixão pelo esporte a motivou a entrar no curso de Educação Física na UFRN, com a intenção de se tornar treinadora de vôlei. Todavia, assegura, que a vida a levava a outros caminhos, e terminou se aplicando aos estudos do corpo, da sexualidade e da fenomenologia.

A professora Chaves (2024) foi muito precoce em conquistar o cargo no IFRN e teve uma trajetória profissional de muito investimento acadêmico. Fazendo um paralelo com a analogia da pesquisa, logo alcançou a conquista na prova, ao compararmos a sua trajetória com a das demais professoras deste estudo. Então, sua atuação antes do IFRN foi breve. Concursada pelo município de Natal/RN, atuou durante 5 meses no ensino infantil, com o qual afirma não ter se identificado, e na rede estadual também por 5 meses, no início de 2017. Logo em setembro daquele ano, assumiu o cargo no IFRN, mas vem atuando na área desde sua graduação.

Em relação à sua trajetória e atuação profissional, a professora Chaves (2024) realizou, ainda na graduação, os estágios curriculares, ensino fundamental I e II, em escolinhas privadas na Zona Norte de Natal. O estágio do ensino médio foi feito no IFRN/CNAT, em uma turma na qual eu ministrava aula. Na oportunidade, aplicou seus estudos de pesquisa levando um vídeo sobre lutas e realizando uma aula prática do boxe, além de produzir um artigo sobre lutas, com autoria minha, dela e de seu orientador da graduação professor, Dr. Alison Carvalho, artigo este que foi publicado em uma revista da área. Em sua atuação, gosta de utilizar filmes para sensibilizar suas aulas sobre as temáticas de corpo, sexualidade e gênero. Para ela:

Eu gosto de sensibilizar com esse filme também, e, já tinha essa, essa, eu acho que o artigo que a gente escreveu também, tinha essa, essa discussão do gênero, das lutas, dentro da escola, e eu fui por esse caminho, e, e o mestrado aprofundei, com a teoria Queer, também, a discussão do gênero, sexualidade do corpo, e fiz essa ponte, esse diálogo da teoria Queer com os escritos de Merleau Ponty, o que cada teoria dessas nos tinha a dizer sobre corpo, sobre sexualidade, e como é que isso poderia ajudar a Educação Física, a pensar sobre esses corpos, então, eu comecei no mestrado a trabalhar com Merleau Ponty, também, porque até então eu não tinha aproximação com a filosofia dele, com a Fenomenologia, e foi para doutorado também, essa..., só que no doutorado a gente aprofundou mais essa questão do corpo e da sexualidade, a questão de gênero ficou um pouco de lado, foi mais assim a questão é, gênero, ou desculpas, corpo, sexualidade e educação, também com cinema (Chaves, 2024).

Apesar de Chaves (2024) ser uma das profissionais mais novas a ser entrevistada, sua experiência na temática gênero, corpo, sexualidade e educação resplandece em sua narrativa. Ela apresenta, em sua atuação profissional e trajetória de vida, esse contato inicial com a cultura de movimento a partir das vivências na infância.

As experiências esportivas de Chaves (2024) também a levam ao mérito de ser uma profissional da Educação Física e Esporte de referência não apenas no IFRN, quer seja acelerando, desacelerando ou oscilando entre suas possibilidades e potencialidades. Sua experiência denota que as Mulheres na Educação Física e Esporte são protagonistas e promovem princípios educativos, formativos e de trabalho no IFRN, uma vez que sua atuação contribui para uma formação integral. Ao ser questionada se se arrepende de algo que fez em sua atuação profissional, ou se faria algo diferente, responde:

Não, não me arrependo de nada não, na pesquisa, acho que o meu caminho foi muito bem traçado assim, e me ajudou muito como docente, a docente que eu sou hoje e, também, a pessoal que eu consigo ser hoje, não tem como a gente separar, a professora Paula, (risos), da pessoa Paula, é uma pessoa só, e assim, acho que a minha formação me deu boas ferramentas, eu tive uma formação já mais progressista, 2010 até 2013, então assim, pensando de outra forma a Educação Física escolar, já tinha essas perspectivas, e na pós também, não, não me arrependo das escolhas que eu fiz não, nenhuma, na pesquisa, eu acho que eu tinha que fazer, como Merleau-Ponty diz, aquele quadro só poderia ter sido pintado por Cézanne, a tese que eu fiz, só poderia ter sido feita por mim, a tese que você vai fazer só pode ser feita por você, com a sua experiência ou com seu olhar se eu fosse fazer a sua tese seria outra tese, então, acho que, assim não me arrependo, de nada, até agora não, (risos), de nenhuma escolha não (Chaves, 2024).

A percepção de que fez o que era possível fazer com sua experiência é o ponto culminante em sua narrativa. Para isso, Chaves (2024) dá exemplos a partir dos estudos do

filósofo Merleau-Ponty (2018). A professora assumiu seu cargo em 2017, no *campus* de Nova Cruz, onde permanece até os dias atuais (2025).

Chaves (2024) atua na Educação Física escolar e Esporte, em projetos de pesquisa, de extensão, de ensino e no Esporte de competição nos JIFs, Jerns e outras competições das quais o *campus* participa, nas modalidades de natação, handebol, voleibol, entre outras. Acumula ainda atividades da coordenação de Esportes daquele *campus*.

A quinta entrevistada foi a professora Maia (2024a), aluna da ETFRN de 1985 a 1988, ingressou como docente na instituição em 1996 e, desde então, atua na modalidade esportiva do voleibol com os alunos e com os servidores, ambos no naipe masculino, na Educação Física escolar, e atuou no curso superior de Gestão Esportiva e Lazer. Se orgulha em dizer que foi criada no bairro do Alecrim/Natal/RN e que, toda noite, brincava e jogava na rua com suas/seus colegas, além da brincadeira do “famoso cozinheiro”.

Além dessas vivências na rua, Maia (2024a) começa a jogar voleibol nas escolas. Na escola Padre Miguelinho, faz suas primeiras competições nesta modalidade e logo é convocada para representar o Rio Grande do Norte em competições fora do Estado. Ao ingressar como aluna da ETFRN, não é dispensada da Educação Física escolar e realiza as aulas antes das demais disciplinas dos componentes curriculares, treinando na AABB e na ETFRN à noite.

A escolha do curso de Estradas deu-se de forma pragmática, por uma concepção prévia do curso ser mais “feminino”, uma vez que a intenção era estudar em uma instituição pública e de qualidade. Segundo ela:

[...]. O curso de estradas foi escolhido, não que eu conhecesse, eu fui tipo, vou ver aqui os nomes, o que era que cada curso fazia, então eu fui por eliminação e, talvez, até um pouco pela questão feminina, e vi que os que podiam ser mais femininos, na época, era edificações, estradas e saneamento, e, eu terminei optando por estradas, fiz uma ótima escolha, porque eu gostei muito do curso, me identifiquei muito, fiz excelentes amizades, que mantenho até hoje, a professora Ivana é uma delas (risos) (Maia, 2024a).

A professora Maia (2024a) apresenta um interessante método de escolha, fundamentado na eliminação das opções, na concepção de o curso ser considerado mais ‘feminino’ e na própria questão da afinidade com o curso.

A professora Maia (2024a) entrou na instituição como aluna muito precoce, apenas com 13 anos, e já teve a oportunidade de vivenciar a modalidade esportiva do voleibol, que a levou à sua escolha profissional.

Em relação à sua atuação profissional, Maia (2024a) ainda na graduação, fez estágio no Centro de Educação Integral - CEI/Natal, e posteriormente foi para o colégio Auxiliadora,

em Natal. Mesmo quando passou no concurso da ETFRN (não era dedicação exclusiva), continuou nestas duas escolas, que são particulares.

Identificou-se, a partir da narrativa de Maia (2024a), que ela inicialmente trabalhava com as modalidades esportivas da natação e do voleibol, no CEI, e na coordenação da disciplina de Educação Física, no Auxiliadora. Na ETFRN e no CEFET/RN, atuou com maior ênfase na modalidade esportiva voleibol, no naípe masculino, em que participa de competições a nível local, estadual, regional e nacional dos JIFs e de outras competições organizadas por outros órgãos públicos ou particulares, sendo referência nesta modalidade, tanto da Rede Federal como na área de Educação Física e Esporte como um todo. Atualmente, no IFRN, ainda atua com o voleibol masculino. A professora Maia (2024a) relata: “bem, a minha formação, inicialmente, foi com essa proposta, que eu ia fazer Educação Física para dar aula de voleibol, e, quando eu chego, eu entro na universidade aos 17 anos” (Maia, 2024a).

Ao ingressar na ETFRN, Maia (2024a) passa cinco anos no *campus* Mossoró, onde atua na Educação Física e Esporte, nas modalidades esportivas e em um projeto de extensão. Retornou ao CNAT para atuar no curso de Lazer e na modalidade do voleibol. Outro campo de atuação da professora no IFRN dá-se na Associação de Servidores do IFRN (ASIF), desempenhando programas e eventos para as/os servidoras/es. Ao ser questionada se faria algo diferente na docência e se impacta positivamente na vida das/os suas/seus alunas/os, ela faz o seguinte relato:

então eu teria feito diferente sim e também teria feito diferente algumas práticas que eu fiz, eu teria buscado outras alternativas, sabe, para desenvolvê-las e que conseguisse o mesmo objetivo, porque às vezes até assim, pronto vamos supor, uma prática de, do autoconhecimento, do, do corpo coisa e tal e eu levava os alunos para quadra, formava duplas, cada dupla como uma bola e essa bola ia fazendo a massagem corporal, então, eu exigia que fosse menina com menina, menino com menino, e hoje eu vejo que não precisa, eu poderia ter feito menina com menino, do jeito que quisessem, formem em duplas, cada um ia formar a dupla que, lhe conviesse, exatamente, então, eu mudaria sim, com certeza, com certeza,...então assim, você recebe esse retorno quando você encontra eles, você também passa por isso, que você encontra com seus ex-alunos e a gente sabe, então, eu acredito que o impacto seja muito, muito positivo mesmo, que inclusive, eu vou dizer mais, viu bem amostrada, se perguntar aos alunos qual é a disciplina, se tiver sido do esporte ou não, qual foi a disciplina que mais deixou marcas, vai ser a educação física, com certeza, pode ver, eu digo até sem sombra de dúvida mesmo (Maia, 2024a).

A professora Maia (2024a) expressa que mudaria algumas de suas práticas pedagógicas, procurando opções para conseguir os mesmos objetivos de maneira mais eficaz. Reconhece que poderia ter buscado outras formas de realizar suas aulas, aprimorando sua

atuação e considerando a individualidade e a liberdade de escolha das/os alunas/os. Ela afirma também ser grata ao encontrar ex-alunas/os e receber um retorno positivo sobre suas aulas. Ela acredita que a Educação Física e Esporte deixa marcas positivas na vida das/os alunas/os.

Constata-se que a professora Maia (2024a) tem uma vasta experiência e inclusive já faz jus à aposentadoria, porque inicia muito cedo sua atuação profissional na docência, alcançando o cargo em uma instituição Federal logo no início de sua atuação profissional, mantendo, portanto, uma aceleração, parafraseando com a analogia da tese, oscilando nas oportunidades oferecidas na instituição, por exemplo, da formação acadêmica, já que fez o mestrado, tendo conquistado o cargo de professora nesta instituição aos vinte e cinco anos.

Maia (2024a) participou com desempenhos vitoriosos nos JIFs, à frente da equipe de voleibol masculino do IFRN. A partir de sua narrativa e dos exemplos trazidos da vida profissional, pessoal e social de seus alunos do voleibol (os quais mostram seu total envolvimento com eles e suas famílias), a Educação Física e Esporte torna-se uma ferramenta em sua atuação profissional, promovendo uma educação de princípio educativo, de formação e de trabalho de maneira integral a suas/seus alunas/os. Como observado em sua fala:

É para pessoa se achar viu numa pergunta dessa (risos), ei Ivana vou lhe ser muito sincera, eu acho que impacta positivamente, sabe, pelo retorno, que eu tenho no dia a dia e não pós dia a dia, no pós dia a dia em que sentido, meninos que saíram a 10, 15 anos, eu recebo convite de casamento, convite de aniversário de um ano de filho, informações professora passei na Petrobras, não sei o quê, não sei o quê, vamos almoçar. Chego no almoço, está a mãe, avó e eu, entendeu, então, assim você percebe que, que ficou alguma coisa, entendeu? Quando você tem ex aluno, que eu acho que você vai lembrar dele, Neto, Antônio Belarmino Neto (risos de ambas), que é um grandão, hoje em dia ele está grande de altura e de largura, Neto fez eletrotécnica aqui, é de Santo Antônio do Salto da Onça e está na Petrobras, e disse que na casa dele era o café da manhã com as filhas, vocês têm que ir pro IF, vocês vão pra o IF, a mais velha fez o ano retrasado, 2022 não passou, para estudar 2023, ele disse que fez um, um texto que você vai perder a oportunidade, e ela botou aquilo na cabeça, caladinha se inscreveu em 2023, passou está agora aqui no *campus*, ele disse que nem relutou por aqui ser 4 anos, ela já ter feito o primeiro ano, ele trouxe, porque e trouxe, e ela faz Esporte, ela no Salesiano jogava voleibol e veio para jogar Voleibol, porque ele disse o quer, ele disse olhe o que eu aprendi da parte técnica, se não tivesse o Esporte eu não estaria em lugar nenhum. Precisava ter a formação técnica e a formação do Esporte, para eu poder chegar aonde eu cheguei, e ele disse, na semana de retorno das aulas, ele estava com ela aqui mostrando o *campus*, ele disse que tinha dito, ele foi o primeiro da casa dele, da família a se formar e o exemplo dele puxou o irmão, que também, que hoje está fazendo medicina, que não queria nada com estudo, nada, nada, era o famoso aprender por osmose, botava os cadernos embaixo do braço e ia simhora [sic], pronto, hoje está fazendo medicina e ele disse que deve ao esporte e à formação do Instituto, que na época era CEFET, quando ele fez, então, assim são esses retornos que você recebe e vários outros, assim, pronto ontem mesmo veio João Vitor, que saiu há dois anos,

passou em medicina, que era o que ele queria, fez o primeiro ano não passou e passou agora, para iniciar esse ano, veio dizer que aquele momento, que ele tomou uma decisão muito difícil que foi não ir para o JIFs Nacional, porque o JIFs Nacional, quando a gente chegasse com cinco dias era o Enem, e, ele teve que decidir se ia pro JIFs ou não, e decidiu não ir e ele veio dizer que foi muito sofrido, aquela decisão de não ir e tudo, mas que aquela decisão foi baseada no esporte, que no esporte ele tinha momentos que ele tinha que decidir, eu vou fazer o quê agora para ajudar minha equipe, então foi o que ele disse eu vou fazer o quê para me ajudar? Foi do JIFs... e, então assim, você recebe esse retorno quando você os encontra (Maia, 2024a).

O relato da professora Maia (2024a) nos faz perceber o quanto a sua atuação profissional na instituição é parte importante do que sedimenta as mulheres na Educação Física e Esporte como protagonistas de princípios educativos, de formação e de trabalho no IFRN, uma vez que elas participam contribuindo na formação integral das/os alunas/os, uma formação para a vida. A professora resume sua atuação no tratamento dos aspectos conceituais, procedimentais e, sobretudo, atitudinais, como postulado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

A sexta entrevistada é a professora Maia (2024b), foi aluna da ETFRN de 1982 a 1985. Correndo na raia 7, já aposentada, é uma das professoras mais antigas da área e possui ampla atuação profissional fora e no IFRN, viabilizando uma formação integral as/aos discentes, afora atuar na formação de professores/as nos cursos de pós-graduação do IFRN, no ProfEPT, entre outros. Atualmente, além de aposentada, foi professora visitante no *campus* Natal - Centro Histórico do IFRN, e atualmente coordena o curso de Educação Física na UNI/RN.

A professora Maia (2024b), como as demais, teve uma infância muito rica em cultura de movimento, com a oportunidade de vivenciar diversas atividades na rua e na escola, as quais a levou a desenvolver diversas habilidades motoras, técnicas, táticas e estratégias, quer seja de âmbito esportivo como de gestão. Essas estratégias foram levadas para sua atuação profissional, em especial na gestão enquanto Diretora Geral de um *campus* no IFRN.

A atuação profissional de Maia (2024b) na área se dá imediatamente ao passar na graduação de Educação Física, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, quando é rapidamente contratada pelos colégios Salesiano, Sagrada Família, Marista e Clube América para assumir as equipes de basquete feminino, além da disciplina de Educação Física escolar. Nesse caminho, foi realizando concursos públicos, primeiro da rede estadual de educação e, em seguida, à época, da ETFRN, onde assumiu, na Unidade Descentralizada de Mossoró - UNED, o cargo de professora de Educação Física desta instituição no ano de 1995 (hoje, IFRN), aposentando-se em 2017.

A escolha de Maia (2024b) pela área aconteceu a partir de sua inserção social na prática

esportiva, segundo sua narrativa. Ela não queria fazer o curso de Educação Física, mas pela cobrança social dos/as amigos/as, acabou cedendo. Em suas palavras, afirma: “foi por isso, foi pressão social (risos) que me levou a fazer Educação Física”. Ela esclarece ainda que sua escolha inicial para exercer a docência se deu a partir da graduação em Ciências Sociais, área em que fez especialização em Sociologia e Política, porém toda sua vivência, desde a infância até os dias de hoje, aconteceu repleta da cultura de movimento – de brincadeiras populares até o esporte competitivo. Dessa maneira, existia uma cobrança social de amigas/os, os quais afirmavam que, se ela fizesse Educação Física, conseguiria rapidamente ser contratada para trabalhar.

Quando era efetiva do IFRN, Maia (2024b) assumiu alguns cargos de gestão, além de sua atuação docente na área de Educação Física e Esporte. Atuou, por exemplo, no setor de projetos, depois de uma discussão com o grupo de professores de Educação Física e Esporte, segundo ela, em uma reunião com o Diretor Geral do CNAT à época:

“Você vai trabalhar com Marcos Aurélio, lá em relações empresariais”. O professor Marcos que já partiu, também... “Você vai trabalhar lá, e vai ficar com a professora Régia também coordenadora do setor e você vai fazer projeto”. Certo... Eu sabia lá que danado de projeto que eu ia fazer, eu só disse “está certo”, porque eu queria era me livrar daquela confusão. Eu fiquei com minha carga horária dividida. Eu fiquei só com a minha equipe de basquete masculino e trabalhava no setor de projeto (Maia, 2024b).

Além desse trabalho, Maia (2024b) assume outros cargos, como o de Diretora Geral de *campus*. Nesta função, a professora relata seus principais desafios, em que as experiências esportivas são de fundamental importância quanto à questão das estratégias de transpor obstáculos e superar os desafios e as disputas políticas existentes, ou seja, acelerando, desacelerando, oscilando nas conquistas. Quando questionada sobre como era o processo de enfrentamento, tanto com alunas/os quanto com as/os colegas servidoras/es, a respeito de sua atuação na Direção Geral – tendo em vista ser mulher em uma instituição criada para homens³², com fortes características machistas –, duas falas foram muito emblemáticas: uma relacionada as/aos alunas/os e outra as/aos colegas servidoras/es, respectivamente.

Eu acho que [...] (Risos) [...] Mulher, eu fui tão ousada, que eu não sei se eu faria diferente [...] (Risos) [...] Olhe [...] Lá em João Câmara, quando diretora,

³² É fundamental destacar que o IFRN constitui uma instituição de natureza distinta daquela que foi a Escola de Aprendizes Artífices em sua época, havendo claras diferenças em suas respectivas institucionalidades.

eu fui ameaçada de morte, quando [...] E ele fazia isso porque era mulher [...] Tanto que eu cheguei a botar vidros em todas as portas, aqueles vidrinhos, justamente para [...] que os servidores ficaram muito perturbados, porque ele disse queria matar a diretora, ia matar mais 50 pessoas. Então, todo mundo [...] foi um rebuliço dentro da instituição, porque todo mundo foi para reitoria, querendo vir embora para Natal, e eu acalmar esse povo todinho e a primeira que ia morrer era eu, mulher! E eu para acalmar, explicando...foi luta, foi moído grande! Quando eu começo a acalmar o povo, eu digo: “agora eu quero chamar o rapaz que disse que ia me matar”. Aí todos os professores: “Sônia, não faça isso!” “Eu não faço”? [...] O menino está entrando todo dia aqui no *campus* e ele vai dizer as coisas e eu vou deixar isso, por nada? Não! [...] Minhas coisas eu tenho que resolver, porque eu tenho que prosseguir.

Então, quando eu ia para reunião, eu lembrava muito das estratégias que eu usava quando eu era criança, no esporte, que eu levava para minha gestão. Por exemplo, quando eu ia para reunião no colégio dirigente, eu não ficava nas pontas, porque nas pontas é difícil de ser ouvida, certo? Eu ficava no meio, eu sempre ficava no mesmo lugar, no meio, porque no meio todo mundo me ouvia. Meu eco fazia isso, entendeu? Até isso eu pensava. E eu tinha que me preparar [...] (risos). Eu dizia assim: Quando eu ia... eu queria provar alguma coisa, eu já sei, eu estudava os caras e dizia assim, “eu já sei, fulano vai bater assim, sicrano vai bater assim, [...] e eu vou bater nele aqui, porque o ponto fraco dele é esse”. Menina, então, assim, eu tinha todo um estudo para ir para reunião com esses homens, entendeu? Então, não, não era fácil. Então, como dizia uma colega lá, da área de serviço: “Sônia, a mulher mais estrategista que eu conheço é você!”, “Como é que sabe”? “Mulher, eu percebo você, a estratégia” [...] (risos). Mas, por que eu fazia isso? Porque eu levava muita pancada, no colégio dirigente, entendeu? E se dissesse: João Câmara, aí que o negócio pegava fogo mesmo. Entendeu? Então, tudo eu tinha que ter uma argumentação, sabe? (Maia, 2024b).

Essas falas são o espelho da força e representatividade que a professora Maia (2024b) tem na instituição, por ser mulher e por fazer de sua carreira docente um meio de oportunizar aprendizado para a vida. Como ela afirmou, deveria propiciar as/aos alunas/os aquilo que teve a oportunidade de vivenciar, de ser agraciada. Para ela, “eu acho que para mim a instituição foi uma grande escola. Eu acho que ela me serviu mais do que eu servi a ela, porque, assim, o que eu aprendi [...] foi um negócio espetacular! Eu me envolvi porque era do meu interesse me envolver, porque eu gostava!” (Maia, 2024b).

A narrativa da professora Maia (2024b) faz compreender o contexto histórico em que as mulheres estão inseridas, como superar os desafios impostos nesta instituição machista e galgar o que se almeja enquanto decisão de exercer o ofício da docência. Isso engloba o envolvimento com projetos de extensão, pesquisa, ensino e gestão, e, algumas vezes, com associações, fundações ou sindicatos, com o objetivo de aumentar o impacto de sua atuação profissional para além da sala de aula. Conforme ela mesma disse: “autoformação”, que é sua atual fonte teórica e metodológica, para o fortalecimento e empoderamento da/o aluna/o, isto é, formar para vida.

Na sétima entrevista, dialoguei com a professora Melo (2024), no dia 15 de maio de 2024, em uma padaria de Natal/RN. Como protocolo, solicitei que a entrevista fosse gravada, algo que prontamente foi acatado pela professora. Gravei na íntegra, porém, só ao término da entrevista, percebi o mau funcionamento do gravador, que não captou o som. Mas, de início, falei a respeito do que tratava a pesquisa e a intenção de pesquisar sobre a atuação das professoras de Educação Física e Esporte do IFRN. Ela foi muito receptiva e falou sobre algumas situações e motivos pelos quais não assumiu como permanente na instituição. Devido ao problema na gravação, fiz o relato do que foi discutido e o apresentei à professora, que o acatou sem alterações.

A entrevista com Melo (2024) girou em torno de sua atuação na instituição. Ela relatou que, juntamente com a professora Doracélis, substituíram a professora Teresinha Elisabet, que os professores gostaram e a receberam cordialmente, porque ela atendeu as demandas das turmas de meninas, pois eles resistiam em ministrar aulas para as alunas. Ela mencionou não ter tido contato com reuniões e orientações pedagógicas, que suas aulas eram planejadas a partir de suas experiências prévias do como professora da rede municipal e de sua formação na UFRN, embora seguisse um formulário avaliativo da instituição, algo que também a conduzia em seus planejamentos.

Melo (2024) relata ter feito um concurso no ano de 1985, mas não logrou êxito, então ciente de que não assumiria como efetiva ao término de seu contrato, fica surpresa com a convocação de uma reunião pelo Diretor Geral. A professora faz a seguinte narrativa:

Só tinha uma vaga, e entre mim e o professor, como ele é homem, a vaga era para ele, e eu fui dispensada. Fez um silêncio e, com o rosto triste, disse: “eu entendi porque a vaga era para ele, mas eu fiquei triste, porque ele era homem e tinha família, e eu era mulher e tinha um esposo”. Permanecendo com tristeza ao rememorar a situação, continuou: “eu tinha feito o concurso e não tinha passado, então, eu já sabia que quando terminasse minha licença maternidade eu não voltaria, eu nem sabia que tinha essa vaga [silêncio] não precisava nem ele ter falado, né? Mas [...] enfim, é isso. (Melo, 2024).

O relato da professora Melo (2024) é carregado de um sentimento de desvalorização e submissão da mulher, reflexo da sociedade patriarcal. A visão do Diretor Geral relatada pela professora seria a representação efetiva de “uma reprodução androcêntrica da reprodução biológica e da reprodução social” (Bourdieu, 2002, p. 149).

Após o término da entrevista, a pesquisadora e a professora Melo (2024) permaneceram mais um tempo conversando, e falei que há uma colega do doutorado que realizou sua tese sobre a professora Luzia França, única mulher diretora-geral da instituição na

época da ETFRN – o que corresponderia ao cargo de Reitor atualmente. Comentou-se que, na instituição, a questão do patriarcado é muito forte, da própria área de Educação Física e Esporte, de forma que o papel da mulher é relegado a segundo plano. Relembrou-se também a situação que ela mesmo vivenciou, além da questão do apadrinhamento existente à época.

Apesar de a professora Melo (2024) não ter sido efetivada, e fazendo um paralelo com a analogia, não atingindo o mérito dessa conquista, ela acelerou, desacelerou, foi professora na ETFRN, se submetendo ao concurso, e as oscilações fortaleceram o brilho da profissional que se tornou, como professora efetiva no Estado do Rio Grande do Norte, a exemplo na entrevista da professora Sônia Cristina, ao falar sobre a atuação da professora quando aluna no Atheneu: “Vixe! Minha professora de Educação Física: Cristina Melo! Eu lembro, porque hoje ela joga basquete comigo (risos), e eu digo: minha eterna professora Cristina Melo! Ela fazia calistenia comigo, ali, naquela quadra daquele lado” (Maia, 2024b).

É interessante observar uma característica comum na fala das professoras: todas tiveram, em sua infância, brincadeiras de ruas e jogos populares, ou seja, uma cultura de movimento bastante ampla, que possibilitou no futuro a escolha do curso de Educação Física. Consequentemente, todas as atuações profissionais tem um respaldo nessas experiências e vivências da infância.

Nesse sentido, as conquistas, em mais um paralelo com a analogia da tese, têm uma característica notória em todos os discursos das professoras: esse ponto inicial, que se deu na infância, a partir dessas experiências, dessas vivências, da cultura de movimento; seguido pelas oscilações da corrida, em que Monteiro (2024) passou primeiro pelo IFPB para posteriormente vir para o IFRN, enquanto Melo (2024) não conseguiu se efetivar na instituição, porém já aposentada e uma profissional reconhecida pela sua atuação e profissionalismo, na área, duas aposentadas pelo IFRN (Betânia de França Xavier e Sônia Maia), sendo que Maia (2024b) retornou ao IFRN na condição de professora visitante por dois editais, e por fim, as quatro demais, com duas atuantes no CNAT (Maia (2024a) e Araújo (2024)), uma em Nova Cruz (Chaves, 2024) e a outra em João Câmara (Oliveria, 2024), estão exercendo sua atuação na Educação Física e Esporte, na disciplina de qualidade de vida e trabalho, em projetos de extensão, pesquisa, ensino e em modalidades esportivas, além da gestão nas coordenações de Esportes de seus *campi*.

Assim, a professora Araújo (2024) praticou a modalidade do atletismo, também no final da década de 1980. Foi conduzida, nesta modalidade, por uma professora de Educação Física e Esporte, professora Maria Leonor de Araújo Moura, que dá continuidade à dinâmica desta modalidade na instituição.

A professora Oliveira (2024), que praticou o handebol como aluna na ETFRN e era fervorosa em relação ao esporte, ao ingressar na UFRN, no curso de Educação Física, e ao vivenciar outras possibilidades de consciência e sensibilização corporal, apaixonou-se ao ponto de rejeitar e ter dificuldade de trabalhar com o esporte competitivo.

A professora Monteiro (2024) praticou a natação no CEFET/RN, mas não na perspectiva competitiva, mas sim porque a Educação Física e Esporte, na sua época, tinha como característica a escolha de um esporte, e como já praticava a natação, escolheu esta modalidade. Já na graduação do curso de Educação Física, ampliou suas experiências vividas na cultura de movimento de rua e com seu pai.

A professora Chaves (2024) vivenciou a modalidade da natação como atleta no CEFET/RN, mas ao cursar a graduação de Educação Física, teve seu percurso acadêmico muito relacionado à pesquisa. Como bolsista de iniciação científica, fez mestrado e doutorado, e seus estudos orbitam sobre gênero, corpo, sexualidade e educação. No IFRN, atua a partir desse arcabouço teórico-metodológico e também com o esporte de competição.

A professora Maia (2024a), que não era dispensada da Educação Física e Esporte, fazia os treinos de voleibol na ETFRN e ainda treinava na AABB. A professora foi aluna no final da década de 1980 e impulsionou o voleibol como aluna. Atualmente, é uma referência como professora e treinadora desta modalidade no IFRN e em toda a Rede Federal, com diversas conquistas nos Jogos do Institutos Federais - JIFs.

Na narrativa da professora Maia (2024b), ela afirma ter ingressado na ETFRN por causa do basquetebol para participar dos jogos das escolas técnicas. Embora estudasse no Atheneu e fosse atleta da seleção do Rio Grande do Norte de basquete, seu treinador era professor de Educação Física e Esporte da ETFRN, então a maioria do time da seleção foi estudar na ETFRN para compor a equipe de basquete para os jogos das escolas técnicas. Isso se deu no início da década de 1980. Na época, eram liberadas das aulas de Educação Física e praticavam apenas o basquetebol. Ela atuou em gestão em diversos cargos na instituição, nas modalidades de voleibol e basquetebol, primando por uma educação integral, ampla e irrestrita aos/as alunos/as.

Todas as entrevistadas atuaram ou atuam como professoras de Educação Física e Esporte, quer seja na institucionalidade ETFRN, CEFET/RN ou IFRN. Elas realizaram e realizam um importante papel na formação das/os alunas/os, considerando as particularidades de cada institucionalidade. Assim, pode-se dizer que elas executam seus trabalhos partindo de

um princípio educativo³³, e suas atuações, por meio de suas narrativas, comprovam que as Mulheres na Educação Física e Esporte são protagonistas de princípios educativos, de formação e de trabalho no IFRN, em uma perspectiva de formação integral, no caso do IFRN, e com traços que aproxima as características de formação integral nas demais institucionalidades.

As professoras que atuaram nas institucionalidades ETFRN (Maia (2024a), Maia (2024b) e Melo (2024)) e CEFET/RN (Maia (2024a), Maia (2024b)) relataram que, naquela época, a principal abordagem das aulas eram práticas de ginástica calistênica e esportivização, mas que procuravam ir além desta proposta, incentivando e estimulando os aspectos cognitivos e sociais das/os alunas/os, empregando, desse modo, metodologias na intenção da promoção da saúde, dos desenvolvimentos cognitivo, social, emocional e afetivo, as quais consideravam os aspectos conceituais, procedimentais e atitudinais.

Ademais, as professoras de Educação Física e Esporte da Instituição se comprometem com pesquisa, extensão e gestão em todas as entrevistas (exceto Melo (2024) da institucionalidade ETFRN, que foi temporária) e atuaram em algum cargo de gestão na instituição, quer seja como coordenadora de esportes, quer seja como coordenadora de pesquisa, na direção-geral de algum *campus*, de um projeto de extensão ou até mesmo de entidade associativa dos servidores, no caso, a ASIF. Portanto, todo o trabalho desenvolvido pelas professoras de Educação Física e Esporte do IFRN corrobora para que o processo educacional da Instituição acione uma formação humana integral, de cidadãos conscientes e ativos.

Minha análise aqui se concentrou na trajetória de vida, formação acadêmica e atuação profissional das professoras participantes, respondendo às questões propostas por meio das entrevistas orais. Em seguida, apresento e discuto as categorias a priori do trabalho – memória coletiva e individual e cultura de movimento – bem como as categorias emergentes, que apareceram diretamente das narrativas coletadas nas entrevistas.

2.3 LARGADA: HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS PROFESSORAS PARTICIPANTES

Ao considerar que este estudo utilizou a metodologia da história oral para elucidação

³³ Ao considerar e relacionar o conceito de trabalho como princípio educativo sob o prisma de Marise Ramos, percebo que a atuação das professoras no IFRN tem, em sua dinâmica de práxis, um viés que oportuniza suas/seus alunas/os por meio de um compromisso ético, uma educação integral. Este compromisso prepara seus/suas alunos/as não apenas para o mundo do trabalho, mas para as relações sociais e interpessoais, formando-o para a vida. A partir do movimento, que é sua linguagem de estudo, não se limitando apenas aos gestos técnicos e às questões táticas de uma determinada prática corporal, e sim abrangendo as dimensões que fazem parte da vida.

das trajetórias de vida e da atuação profissional individual e, consequentemente, a estrutura coletiva deste grupo de professoras de Educação Física e Esporte do IFRN, o qual consente ilustrar de forma evidente os processos pelos quais passaram estas professoras e, os questionamentos aqui levantados têm algumas respostas.

Na captura da narrativa das professoras participantes, foi possível ampliar as possibilidades de detalhes não possíveis em documentos oficiais, como as leis e normativas da instituição. Dessa maneira, é possível historicizar a realidade por elas vivenciadas, por meio da análise de sua trajetória de vida, desde sua infância, dos estudos acadêmicos e as atuações profissionais, a manifestação de como elas enfrentaram e enfrentam as barreiras e desafios, a utilização das estratégias para superá-las, quer sejam pessoais ou profissionalmente, exercendo ações protagonistas de princípios educativos, de formação e de trabalho no IFRN.

Na definição das categorias, me apropriei das duas direções utilizadas por Moraes e Galiuzzi (2016), que as dividem entre categoria *a priori* e/ou categoria emergentes. Em relação a categoria *a priori*, os autores estabelecem que “as categorias já estão definidas antes de se encaminhar a análise e a classificação propriamente dita das unidades” (p. 139). Assim, nesta pesquisa, as categorias *a priori*, ou unidades anteriores as entrevistas – memórias individuais, memórias coletivas e cultura de movimento – foram definidas com base nos postulados teórico-metodológicos da História Oral e da Educação Física e Esporte, em consonância com os autores mencionados.

Por outro lado, as categorias emergentes se manifestam “quando o pesquisador assume uma atitude fenomenológica de deixar que os fenômenos se manifestem, construindo suas categorias a partir das múltiplas vozes emergentes nos textos que analisa” (Moraes e Galiuzzi, 2016, p. 139). Em conformidade com a metodologia proposta pelos autores, dediquei-me a uma escuta aprofundada das narrativas das professoras participantes. Através de repetidas audições dos áudios e observação dos vídeos das entrevistas, busquei que as unidades significativas se revelassem. Assim, arquitei palavras-chave que corroborassem o objeto de estudo e identifiquei termos ou unidades de significado recorrentes nas falas das professoras, os quais foram essenciais para a construção das categorias emergentes. Todas essas informações culminaram na concepção do Quadro 3, que é apresentado a seguir.

Ao analisar os dados e as categorias definidas, apresento uma análise considerando que as memórias individuais constituem em uma memória coletiva para a disciplina de Educação Física e Esporte no IFRN.

Quadro 3 – Categorias *a priori* e emergentes

Categorias <i>a priori</i>	Memórias individuais, memórias coletivas e cultura de movimento													
Categorias emergentes	Calistenia	Esportivização	Jogos internos	Prof. EF e Esporte	Escola e ensino públicos de qualidade	Brincadeiras e jogos de rua	Ginásticas	Esporte	Danças	Lutas	Capoeira	Sexualidade	Gênero	Corpo
Professoras														
Araújo (2024)	X	X	X	X	X	X	X	X		X			X	X
Oliveira (2024)	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X		X	X
Monteiro (2024)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X				X
Chaves (2024)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X
Maia (2024a)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X		X
Maia (2024b)	X	X	X	X		X	X	X	X					X
Melo (2024)	X	X	X	X		X	X	X						

Fonte: elaboração própria, 2025.

As narrativas das professoras participantes nos fazem constatar que, para todas, destacam-se as seguintes memórias de práticas corporais da Educação Física e Esportes: calistenia, esportivização, jogos internos, professoras da área, qualidade da Escola Pública e do ensino público, brincadeiras e jogos de rua, ginásticas, esporte, danças, lutas, capoeira, sexualidade, gênero e corpo.

No que diz respeito as categorias *a priori* (memória individual, memória coletiva e cultura de movimento), valorizaram-se as referências teóricas que fundamentam o trabalho da História Oral e da área de Educação Física e Esporte, uma vez que “entendida como metodologia, a história oral remete a uma dimensão técnica e a uma dimensão teórica” (Amado; Ferreira, 2006, p. 7).

Apesar de as narrativas capturadas nas entrevistas serem pontos de vistas individuais, eles são legítimos enquanto fontes, pois agrupam informações e aspectos muitas vezes ausentes em outras fontes, os quais nos subsidiam uma memória coletiva (Meihy, 2006). Dessa maneira, ao analisar os dados narrativos das entrevistas no que diz respeito às categorias *a priori* e às categorias emergentes, organizei o Quadro 3, que me subsidiou na discussão destas categorias.

Quando as narrativas das professoras abordaram a atuação dos/as professoras/es, foram destacadas as correntes higienista, biologiscista e esportivista, em especial na institucionalidade ETFRN, mas também na do CEFET/RN. Atualmente, porém, elas entendem uma nova perspectiva de atuação, considerando o corpo em movimento.

A professora Araújo (2024), que corre pela raia 2, rememora a especificidade do viés higienista e esportivizante, o qual considerava a prática em si, isto é, a “Educação Física como forma de melhorar condicionamento, como forma de hábitos de convivência, de higiene, de coisa muito pautada nesse sentido. [...] Calistenia bem presente, que hoje está na moda” (Araújo, 2024), ou seja, a ginástica calistênica e a esportivização foram destaque em sua narrativa a respeito da atuação das/os professoras/es nessa disciplina, em sua época de aluna.

Por outro lado, Araújo (2024) destaca que, em sua atuação profissional, procura contextualizar as novas perspectivas adotadas pela área e acompanha o PPP do IFRN: “é uma Educação Física [...] que a gente contextualiza cada prática que vai fazer, que a gente pensa na questão de produção de conhecimento e não só reprodução do gesto técnico” (Araújo, 2024).

Correndo pela raia 3, a professora Oliveira (2024), por outro lado, afirma ter tido apenas uma aula de Educação Física e Esporte, da modalidade de ginástica, sem especificar qual o tipo. Ela destaca a questão esportivista com maior ênfase e enfatiza a experiência em ser atleta de handebol. Ela viveu a experiência com um professor/treinador que objetivava o esporte de rendimento, de desempenho das atletas, sem a preocupação com as questões relativas à sensibilidade das alunas:

É, era muito mais configurando como esporte de rendimento, ele, que também, tinha o papel de um professor de futebol, então ele acabou atuando como no futebol, tipo num processo muito árduo, a gente treinava muito, a gente tinha, não tinha essa preocupação de pensar o corpo de forma mais sensível (Oliveira, 2024).

Na narrativa da professora, as características do esporte de rendimento aparecem com nitidez, conforme abordado por Tubino (2000) nas dimensões sociais do esporte, o que é ratificado por Darido (2003).

Indo pela raia 4, a professora Monteiro (2024), que não teve a disciplina de Educação Física e Esporte na época em que estudou no CEFET/RN, relata que em sua época de aluna se escolhia um esporte e vivenciava-o durante os dois primeiros anos do curso, porque nos terceiros e quartos anos, não participava mais das atividades, devido à carga horária do curso, que era no contraturno, realidade distinta da maioria das professoras. Para ela: “não tive na minha época, na minha época se mandava escolher um esporte, e a gente ia para aula desse

esporte que era no contraturno, só que não se exigia muito, assim essa frequência, tanto, quando eu deixei de ser caloura, já não fui mais” (Monteiro, 2024). Portanto, essa é mais uma narrativa do enaltecimento da esportivização das aulas de Educação Física e Esporte.

A esportivização também é mote da narrativa da professora Chaves (2024), que vem pela raia 5. Ela vivenciou o período da institucionalidade CEFET/RN e suas experiências nas aulas de Educação Física e Esporte deram-se “nos moldes tradicionais”, numa perspectiva mais esportivista, “de aula tradicional da Educação Física, claro hoje, com meu olhar de professora” (Chaves, 2024).

Para a professora Maia (2024a), correndo na raia 6, afirma “as aulas de Educação Física, elas eram corridas, abdominal, polichinelo, flexão ou apoio, as aulas eram praticamente esses exercícios”, ou seja, exercícios calistênicos e ginásticos. Além dessas aulas, participava do esporte voleibol, caracterizando o período de atividade de calistenia e da esportivização.

Pela raia 7, corre a professora Maia (2024b), a qual se lembra de ser liberada das aulas de Educação Física, por ser atleta, durante o período da institucionalidade ETFRN. Então, mais uma vez, verifica-se que a esportivização é latente nesta institucionalidade. Para Maia (2024b): “Naquela época, a Educação Física, especificamente na ETFRN, era o esporte e era a calistenia”.

A professora Melo (2024), correndo pela raia 8, relatou que as suas atividades eram desenvolvidas com base em uma ficha avaliativa e nas correntes da calistenia e esportivização. Ela realizava exercícios de ginástica, iniciação esportiva, recreação, marcha, corridas, entre outras atividades, algo observado em suas anotações e nos diários disponíveis no arquivo do IFRN/CNAT.

Constata-se, a partir das narrativas (ou das memórias individuais) das professoras participantes que, nas institucionalidades ETFRN e CEFET/RN, a memória predominante (e que se constitui uma memória coletiva em relação a corrente dominante das aulas de Educação Física e Esporte) é a esportivização e a militarização, em que o método ginástico predominante a partir da prática é a calistenia, indo de acordo com o Quadro 3 apresentado e discutido nesta tese, além dos pressupostos teóricos da área apresentados e discutidos com base nos autores da área.

Assim, é crucial respeitar as memórias das professoras participantes, considerando suas vivências nas aulas de Educação Física e Esporte, a que se ponderar, por exemplo, o postulado de Le Goff, de que “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (Le

Goff, 1990, p. 224). As narrativas trazem as memórias à tona, referenciando as individuais para um arcabouço coletivo, em razão das lembranças das professoras participantes terem sido estimuladas com as imagens e as questões na entrevista, conservando o vivido e dando sustentação para ressignificar o presente e o futuro.

Outra memória individual muito emblemática que se configura coletiva diz respeito aos jogos internos. Nas narrativas das professoras participantes, todas relataram um pouco de suas vivências, desta maneira, estas rememorações se configuram um arcabouço de memórias coletivas que se fortaleceram nessa área.

A professora Araújo (2024) rememora que os confrontos dos jogos internos eram realizados por cursos: “então, assim, os jogos eram bem organizados em relação à quantidade de equipes, era um universo bem menor, você tratava com 7 cursos, das 7 equipes, então se tinha poucas equipes”, havia uma seleção dentro do próprio curso para formação de suas equipes, as/os alunas/os que não era selecionadas/os se envolviam na abertura e nas torcidas para os jogos.

Referindo-se à abertura dos jogos internos, Araújo (2024) afirma que ela “sempre foi um ponto muito alto e continua sendo até hoje, em relação a show mesmo, as turmas, os alunos darem show em relação aos, a abertura mesmo, ao que era apresentado na abertura”. Isso significa que a professora enaltece o envolvimento dos alunos, que, além de participarem, eram os protagonistas na organização da abertura, tornando-a o ápice dos jogos. Sua dedicação refletia a valorização de seus cursos e das temáticas definidas para o evento.

As memórias dos jogos internos são latentes na fala das entrevistadas. Para Oliveria (2024):

[...] muitas memórias dos jogos internos, muito bom era, era o evento máximo, assim da, da escola, a gente se preparava, meu deus, era muito tenso, porque, porque exigia assim da gente, um pouco de (ri) cooperação, exigia performance, exigia ganhar, eu lembro, estou recordando aqui do handebol, na minha experiência com os jogos internos era meio frustrante para mim, porque era um momento que o grupo se desmembrava, e ia competir entre si e, como eu era muito insegura, dizia, meu time vai perder, existia essa vontade muito louca de ganhar mais ao mesmo tempo vinha, eu sentia muita insegurança, muito medo de enfrentar as minhas colegas, do outro (curso) que era Edificações, sempre era Edificações e Saneamento, que ficava [...]

A alegria de participar dos jogos, de enfrentar os demais cursos, estava envolvida na dicotomia de perder ou vencer. Os extremos se aproximavam, as inseguranças e os medos vinham à tona, mas a expectativa em participar dos jogos superava essas adversidades, que muitas relataram da sua memória individual.

Pou outro lado Monteiro (2024),

Ah, era maravilhoso. É, na verdade, era interclasse, no meu tempo, então os cursos se matavam, era uma coisa assim absurda, aquele ginásio só faltava vir abaixo. Eu nunca participei como atleta, mas eu ia para fuzarca da torcida, que era sempre, era muito animada.

Em outro trecho, Monteiro (2024) afirma: “mas essa fase dos jogos é uma memória afetiva grande, porque realmente era muito divertido, era uma semana bem feliz, de muita interação”.

Embora não participasse competindo, a professora Monteiro (2024) estava lá de alguma maneira, na torcida, na arquibancada, fazendo parte do processo dos jogos internos, que é uma memória coletiva muito emblemática de quem vive como aluna ou professora nessa instituição.

Esse é o mesmo caso da professora Chaves (2024) que considera: “eu adorava os jogos internos, esqueci de falar, disso também, que eu sempre participava, quando tinha, controle contra outros cursos, só, que eu, assim, nadava bem, mas eu não..., sempre ia para outras equipes só para, é digamos assim, completar, de basquete e tal”. Mesmo que não soubesse, mas estava ali para que houvesse o jogo, porque completar significa dizer que não jogava aquela determinada modalidade, porém estava para completar para que o jogo pudesse ser realizado, fortalecendo o espírito competitivo e cooperativo, acendendo o aspecto da memória coletiva dos jogos internos.

Por outro lado, Maia (2024a) considera que o tempo dos jogos internos, em sua época, tenha sido um período muito segregador das/os alunas/os, “porque só participava dos jogos internos os atletas, não participava os alunos de forma geral, o que cabia aos demais alunos era torcida, era desfile, só isso, mas só jogava realmente os atletas, porque era montado uma seleção de cada curso”, algo que foi endossado por Araújo (2024).

Observa-se que há uma memória individual nas narrativas das professoras participantes que vivenciavam os jogos internos, as quais, por sua vez, constituem-se em memória coletiva. Já que elas vivenciaram os jogos internos como participantes (seja jogando, torcendo ou atuando como professoras), suas experiências pessoais se cristalizaram em uma memória coletiva institucional – em que o pertencimento ao evento transcendeu os papéis individuais.

Outro aspecto dos jogos internos ressaltado por Maia (2024a) diz respeito às rainhas:

O desfile das rainhas era simplesmente um reflexo dos jogos, nos jogos só tinha, só jogava quem? Quem tinha habilidade, que era bom, quem sabia! A rainha, quem era a rainha? Era quem fosse bonita, quem fosse alta, quem soubesse desfilar, então só enaltecia as coisas positivas daquela situação.

Naquele período, havia a rainha dos jogos internos e existia um desfile na abertura destinado às rainhas dos cursos. Isso perdurou durante um grande período nos jogos internos, sendo deixado de lado apenas recentemente.

As professoras Maia (2024b) e Melo (2024) pouco se referiram aos jogos internos. Maia (2024b) comenta que os jogos sempre tinham alguma inovação, por outro lado a professora Melo (2024) explica que participava apenas na organização da entrada das/os atletas no desfile de abertura, porque não trabalhava com modalidades esportivas.

Os jogos internos se configuram como uma memória coletiva, considerando-se o que Pollak (1992, p. 2) afirma “*A priori*, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa”. Por outro lado, o autor relembra que a memória se configura como um fenômeno coletivo e social, fazendo parte dele como jogador/a, torcendo ou como professor/a.

Assim, observa-se, a partir das narrativas das professoras participantes, a ratificação da premissa, uma vez que, para todas, os jogos internos marcaram de alguma maneira: se para uma segregava, para outra era maravilhoso viver a magia dessa experiência, no encanto da torcida, da organização do desfile, ou mesmo não tendo experiência em determinada modalidade, porém estando lá para completar o time.

Nesse sentido, se há variantes que flutuam, que mudam, quer individual ou coletivamente, fato é que, segundo Pollak (1992, p. 2), “[...], devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis”. Nesse caso, o ponto imutável é a experiência dos jogos internos no IFRN, qualquer que seja sua institucionalidade. Percebe-se, na narrativa das professoras, que esses jogos são algo marcante, invariável para quem o vivencia.

Correndo em qualquer que seja a raia, o objetivo é atingir a linha, ou seja, ser professora efetiva no IFRN. Então, ressaltam-se algumas professoras que foram referências para as entrevistadas, representando memórias individuais, que tradicionalmente estão ligadas a memória institucional. Assim, alguns nomes foram rememorados como exemplo de professoras de Educação Física e Esporte do IFRN.

As seguintes entrevistadas narram sobre as professoras Carmem Gurgel e Teresinha Ximenes: Araújo (2024), Maia (2024a), Maia (2024b), Melo (2024). Araújo (2024) rememora que a “Professora Carmem, bem idosa, assim, ela [...] Parece que ela já tinha assim, uns 70

anos, eu acho, 60, pelo menos [...] Carmem Galvão [...]”, professora que as/os alunas/os a chamavam carinhosamente Tia Carmenita.

Ao narrar sobre as professoras Carmem e Teresinha, Maia (2024b) afirma que gostaria de ser professora dessa instituição, porque as professoras eram bem-vestidas, bem arrumadas, com roupas de Educação Física:

A professora mulher... Não vou me lembrar o nome dela, mas era, era... Carmem! E eu acho que ela era esposa de alguém... Ela era esposa de outro professor de handebol, Pedro Amaral... Era, tinha duas, me lembro muito de Carmem, que andava muito com Carmem. Teresinha! É, elas eram muito parecidas, andavam muito arrumadas, essas coisas assim..., ave Maria eu quero ser professora daqui essas professoras andam tão arrumadas, elas eram assim bem roupas, de calça de educação física e eram bem pintadas, bem arrumadas... Eu achava bacana. Eu me lembro delas duas (Maia, 2024b).

Embora se trate de uma mulher falando sobre outra mulher, a narrativa da professora exalta inconscientemente a questão da vestimenta e da elegância. Essa ênfase repercute o discurso machista e patriarcal enraizado na instituição, revelando uma assimetria nas representações entre professores e professoras. Enquanto os professores eram descritos por sua atuação e habilidades profissionais, as professoras tinham suas imagens associadas a atributos estéticos ou relações conjugais. Nota-se ainda um silenciamento sobre suas competências, evidenciando como a atuação docente das mulheres era ofuscada. Esse padrão é particularmente visível nas narrativas sobre estas duas professoras. Nas demais, a atuação delas é evidenciada.

A análise revela como a primazia universal nas esferas sociais, produtivas e reprodutivas é concedida, aos homens ocupando sistematicamente os espaços de destaque institucional. Essa naturalização das hierarquias prioriza os homens e ilustra bem o postulado de Bourdieu (2023, p. 64) ao considerar que "os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim serem vistas como naturais". Tal perspectiva demonstra como a estrutura simbólica na instituição reproduz a dominação masculina, mesmo quando narrada por mulheres.

Ao serem questionadas sobre a presença de professoras de Educação Física e Esporte em sua época e como era a atuação delas, algumas entrevistadas rememoraram de professoras presentes no Quadro 2, como a professora Karenine Porpino, por exemplo, lembrada por: Oliveira (2024) e Monteiro (2024); lembram-se da professora Gizelda Lúcia dos Santos Maia: Monteiro (2024) e Chaves (2024); lembram-se da professora Betânia de França Xavier: Chaves (2024), Oliveria (2024) e Monteiro (2024); lembram-se da professora Maria Leonor de Araujo Moura: Maia (2024a) e Araújo (2024); lembra-se da professora Doracelis Marques Soares: Melo (2024); lembra-se da professora Cristina Melo: Maia (2024); e lembra-se da professora

Ivana Lúcia da Silva: Chaves (2024).

A dança sempre teve na instituição, desde as primeiras professoras, vindo da atuação das professoras de ginástica, de 1979, e culminando com o grupo de dança criado pela professora Karenine Porpino no início da década de 1990, quando assume na ETFRN. Ela é rememorada por duas das entrevistadas, como é o caso de Oliveira (2024), ao afirmar: “Eu lembro, inclusive eu paquerava com o trabalho dela, que era Karenine. Na época, Karenine montou um grupo de dança popular, e eu era louca pela dança também, porque na minha rua a gente dançava muito”, mas pelo seu envolvimento na modalidade de handebol, não conseguiu participar daquele grupo. No entanto, Oliveira (2024) foi aluna da professora Karenine Porpino na UFRN e a tem como referência até os dias atuais, tanto em relação à dança educacional, como em relação a questões relativas à consciência corporal.

A outra entrevistada que tentou participar do grupo da professora Karenine Porpino foi Monteiro (2024), mas não logrou sucesso, porque segundo ela, era muito concorrido: “[...] eu tinha muita vontade também de entrar na aula de dança, que na época era Karenine só que muito concorrido, e não conseguia essa vaga, eu me conformei na natação mesmo” (Monteiro, 2024).

Percebe-se, pela qualidade da atuação profissional com o grupo de dança, que as lembranças das entrevistadas já são mais latentes em relação ao papel da atuação profissional das professoras de Educação Física e Esporte, contratadas após 1990. Não há o discurso do silenciamento, mas sim do reconhecimento, a exemplo da professora Karenine Porpino que foi professora da grande maioria das entrevistadas no curso de licenciatura em Educação Física na UFRN. Hoje aposentada, ela é referência na dança educacional.

A professora Betânia de França Xavier foi rememorada por Chaves (2024) e Oliveira (2024). Quando lembram da modalidade de voleibol feminino, a atuação da professora Betânia Xavier é reconhecida pelas entrevistadas. Chaves (2024) também relembra que o vôlei feminino era com a professora Betânia Xavier, e o masculino com a professora Maia (2024a). Para Monteiro (2024):

Eu lembro de Gizelda, dando vôlei, porque o ginásio é ali mais central, então de vez em quando a gente ia assistir, para paquerar os meninos e, (risos), então dela eu lembro (risos), tinha um objetivo específico (risos). Eu digo essa mulher entrou aqui realmente com 15 anos, porque ainda está lá até hoje, (risos), fazendo um trabalho incrível, é eu acho ela incrível, maravilhosa, e é isso, realmente eu não me recordo muito, de professores, assim, tirando o que eu fazia, a aula, eu, eu não me lembro assim de outros momentos, não, e Karenine que era da dança (risos), que era o que eu paquerava e não conseguia entrar, mas, não recordava.

A professora Doracelis foi rememorada por Cristina Melo, ao relatar que ela e a

professora estavam substituindo a professora Teresinha Ximenes. Cristina, por sua vez, é rememorada por Sônia Cristina, ao relembrar que, desde o Atheneu, a professora Cristina Melo tinha sido sua professora e ministrava aulas de ginástica calistênica.

Eu (Ivana Lúcia) fui rememorada por Chaves (2024), ao relembrar que eu ingressei em 2008 e dava aula de Educação Física e Esporte, frequentadas por ela, em especial do voleibol, porque gostava. Paula também afirma: “[...] na verdade, primeira referência de professora Mulher, no CEFET é você, quando você entra, eu acho que eu já estava no terceiro ano, e aí, eu ia para suas aulas, inclusive, de voleibol, que eu nem pagava mais Educação Física”.

Se por um lado, as primeiras professoras são lembradas (Maia (2024a), Maia (2024b) e Araújo (2024)) porque se vestiam bem ou por serem esposas de determinado professor/servidor, mais recentemente as professoras são lembradas pela sua atuação profissional. O respeito e admiração são reconhecimento da profissional que desempenha suas atividades com maestria,

Tecendo um paralelo com os estudos de Goodson (2022) a respeito da prática profissional, entendo que, ao ouvir essas professoras, estarei contribuindo ao trazer suas trajetórias de vida, reforçando sua atuação profissional, compartilhando suas visões e percepções e, assim acendendo cruzamentos de vida e trabalho.

O trabalho desenvolvido em uma instituição reconhecidamente de qualidade, que desempenha um serviço gratuito, é memória coletiva reverberada nas memórias individuais das entrevistadas. Para Araújo (2024), “[...] eu também tive o conhecimento dessa escola, e passei a almejar vir para cá em função de ter uma educação com qualidade, já que meus pais não podiam pagar uma escola particular, e ter uma educação de qualidade e pública”. Ela enaltece a questão de que os pais não tinham condições de pagar escola particular e que o ensino era de qualidade e a escola é pública. Esse fato também é considerado por Maia (2024a):

E assim, uma das, dos indícios que me levou, na realidade, foi a questão financeira, porque nós não tínhamos a opção de estudar numa escola privada, então tinha que procurar um ensino de qualidade, numa escola pública e já era essa escola pública de qualidade, já era a ETFRN, eu tinha o espelho dos irmãos mais velhos e, que eles estavam sempre nesse apoio e orientação, meu pai mesmo que não tivesse tanto grau de estudo, mas também é, exigia muito da gente, essa questão do resultado.

Além da preocupação da qualidade do ensino, a ênfase recai nas condições financeiras familiares. Isso também reflete a narrativa de Chaves (2024): “Assim, desde que eu me entendo por gente que a minha mãe fala do CEFET, na época, CEFET, ela sempre quis que eu estudasse

lá, e, além de ser uma escola pública, de qualidade, e não tinha a questão também de ter que pagar.”

Por outro lado, as escolhas familiares eram algo fundante para que as entrevistadas fossem estudar na instituição, como na narrativa de Monteiro (2024), que afirma:

Cheguei na ETFRN, meu pai, muito mais, queria muito, não era nem pelo curso técnico em si, pela profissão, era pela questão do ensino mesmo, pela qualidade da escola, fez muita questão que eu estudasse lá, assim cobrou muito, assim foi uma coisa de muita pressão para passar, (ri), para o CEFET (Monteiro, 2024).

Oliveira (2024) também faz referência à exigência familiar para que ela estudasse na escola:

É, o handebol era muito forte no sagrada, e meu pai e minha mãe que queria, meus tios queriam muito que eu fosse para a ETFRN, eu tinha um tio que era professor substituto, de elétrica, eletricidade, lá no IF, ‘não ela é muito inteligente, ela vai fazer, ela vai fazer sim, bote ela para fazer, homem faça só para ver se ela passa, não sei o quê’, eu fui nessa história, eu fui ver se fazia, para ver se passa (risos). Ai pronto, eu sei que eles ficaram muito mais felizes que eu, porque eu não queria ir para ETFRN, eu queria ficar no Sagrada, porque eu queria continuar o Juvenil no Sagrada, para jogar no Sagrada Oliveira (2024).

A experiência dos familiares e o reconhecimento de que a instituição é uma Escola que tem o ensino de qualidade, além de pública, é um vetorial para estimular as/os filhas/os a ingressarem nela, fato que brota das memórias individuais das professoras entrevistadas, indicando, assim, um arcabouço coletivo. Isso ratifica o que Pollak (1992) considera como acontecimento vividos por tabela, ao pontuar:

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os *acontecimentos* vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não (Pollak, 1992, p. 2, grifo do autor).

A citação confirma com o que identifico das memórias individuais das professoras participantes, isto é: elas nos possibilitam percebê-las como parte de uma lembrança coletiva, mesmo que não tenham participado diretamente, como observado nas narrativas das professoras, a internalização dessas memórias é explícita em sua influência como identidade. Além disso, há uma nítida questão de pertencimento à instituição, no caso da pesquisa, a partir

das memórias da práxis da Educação Física e Esporte, a exemplo dos jogos internos, da atuação das professoras referenciadas, das correntes dominantes da área e do ensino gratuito e de qualidade do IFRN.

O destaque às brincadeiras e aos jogos de rua deu-se em todas as entrevistas. Essa riqueza da cultura de movimento que oportuniza o desenvolvimento físico, psíquico e social é notória para quem é da Educação Física e da Educação como um todo, a partir dos estudos realizados na formação profissional, na graduação e nas demais fases que se realiza de formação, relacionados aos aspectos motores e psicomotores. Essa prática é referenciada em outras/os autoras/es que abordam a questão da brincadeira e jogos para o desenvolvimento e a criatividade das/os alunas/os, como Chagas (2014), Freire (1997) e Oliveira *et al.* (2010).

Para Freire (1997, p. 28), “quando brinca, a criança coloca em jogo os recursos que adquiriu, bem como vai em busca de outras aquisições de maior nível”. Esse fato se deu com as professoras, uma vez que a gama de brincadeiras e jogos realizados na infância as estimularam a explorar e desenvolver habilidades carregadas em sua trajetória de vida e na sua atuação profissional.

Dessa maneira, as narrativas das professoras participantes giram em torno desse aspecto da formação motora, das atividades de rua. Assim, na raia 2, Araújo (2024) deixa claro que sua infância foi regada de muitas atividades e não havia diferença entre os tipos de atividades para meninos e meninas, ou seja, há destaque a questão de gênero em sua narrativa, quando ela afirma:

Em relação às brincadeiras de rua, ou as brincadeiras da infância, eram todas brincadeiras de rua, e aí toda aquela diversidade: brincadeiras de *pega-pega*; brincadeiras com bola, com corda, subir em árvores... Tudo o que as crianças brincavam e tinham oportunidade de brincar, naquela época, então eram assim, estritamente [...] Dentro de casa um pouco de brincar, lógico, de boneca e tal, mas assim, a grande parte do tempo era com a vizinhança, com as brincadeiras de rua. E, tentavam também brincadeiras, é... que na época, não se referenciava muito em relação a gênero e, então, assim, empinava pipa, também, junto com os meninos, não se preocupava muito, na realidade, não se preocupa muito com isso, então assim, jogava futebol ou era com menina ou era com menino, é [...] Peão, corda, o que se imaginasse... Tinha tanto criança, tanto do sexo masculino, quanto do sexo feminino brincando juntos (Araújo, 2024).

Sua narrativa nos faz deduzir que as brincadeiras e jogos na rua estimularam o aprendizado e desenvolvimento dos aspectos motores, a quebrar barreiras e tabus, a fomentar a socialização, bem como aliviar o estresse.

A professora Oliveira (2024), que vem pela raia 3, teve uma infância recheada de

brincadeiras, jogos, danças, passeios e atividades circenses, realizados em sua rua e bairro. Para ela:

[...] a nossa rua era muito, muito rica, em cultura de movimento, a gente brincava muito no meio da rua e a gente passava, assim a noite toda, toda..., existia uma cultura na rua, eu acho, acho que anteriormente, no nosso tempo, o povo ia para as calçadas para conversar, depois do jantar, ia para as calçadas conversar e era a hora que a gente brincava muito, e aí na minha rua sempre tinha o futebol, a queimada, garrafão, tica trepa, menina era muita coisa, era aquelas brincadeiras todas que a gente conhece, eu vivenciei na minha rua, junto com os amigos, junto com as crianças que todos estavam na rua, então era um momento assim muito rico, e, além disso, a gente, ainda, promovia algumas atividades para o povo das outras ruas irem para as nossas ruas. Então, a gente fazia concurso de lambada, concurso de bambolê, a gente fazia quadrilha, nas festas juninas, então, assim, fazia piquenique para sair para outros lugares, e meu pai e minha mãe, principalmente, a minha mãe era quem organizava, engajava essas coisas (Oliveira, 2024).

Ao ratificar a questão de ter vivido uma infância rica de atividades na rua, Monteiro (2024) diz:

Minha infância foi uma infância muito feliz, onde eu tive muito acesso, ainda, a brincar na rua, como eu moro no interior, sempre morei em Macaíba, era uma cidade tranquila, na minha infância, então eu tive muito essa vivência do brincar na rua com os amigos, queimada, vôlei, andar de bicicleta, patins, toda noite a gente se reunia para brincar, na escola, também, porque, os vizinhos acabava que a gente estudava todos na mesma escola, (ri), além de brincar na escola (ri), eu tenho muitas memórias de brincar de elástico, na escola, no intervalo, de queimada e, como meu pai é professor de educação física, eu acompanhei muito ele, tinha aulas de, ele dava aulas de natação, me levava, ele dava aula em alguns lugares e, eu acabei que vivenciei muito isso, aula de ginástica, meu pai dava aula de ginástica (Monteiro, 2024).

Por outro lado, Chaves (2024), mesmo ao encarar uma mudança de cidade, continua a ter brincadeiras e jogos de rua como parte de sua vivência na infância, uma vez que:

Eu brincava muito, assim na rua. Eu senti muito a mudança para Natal, porque aqui era mais presa, a questão da segurança e tal, no interior é diferente. Na época, principalmente, 25 anos atrás, no interior era muito livre, assim, brincava muito, subir nas árvores, assim, no quintal, na minha casa, e tal, eu era uma criança assim, que brincava muito, ao ar livre, e quando eu vim para cá é, ainda era numa época em que pessoas brincava na rua, hoje a gente não vê mais muito isso, pela segurança, enfim, as crianças estão cada vez mais presas, a questão da tecnologia, também, mas na época ainda tinha muita essa cultura de brincar na rua à noite, tipo assim, é estudava de manhã, e aí, as crianças da rua, alguns estudavam à tarde, mas à noite a gente se encontrava na rua, para brincar, e brincava de esconde-esconde, os ticas, as variações dos ticas, brincava de coelho na Toca, sete pegados, essas brincadeiras Populares (Chaves, 2024).

As narrativas das professoras participantes me conduzem a pensar que, a cada visita ao passado, as memórias de suas vivências da infância correspondem a uma viagem, um encontro com a sua história e do espaço em que viveram, uma memória coletiva, uma vez que compartilha momento de uma época, como destacam Oliveira *et al.* (2010, p. 17): “Assim, voltou-se para o passado das cidades visitadas a fim de compreender as características, o lugar e o sentido da brincadeira nesse passado recente e, ao mesmo tempo, apreender suas transformações”. Considero ter feito isso com as professoras participantes: revisitamos o passado e trouxemos seu mundo infantil à tona.

Assim, as brincadeiras e jogos na rua oportunizaram às professoras participantes uma vasta experiência da cultura de movimento. Além das brincadeiras, observa-se nas narrativas a questão relativa à diferença de atividades: enquanto a professora Araújo (2024) brincava junto com os meninos, na narrativa de Chaves (2024), subte-se haver uma separação, uma vez que ela afirma ser a única a brincar de bola com os meninos.

A professora Maia (2024a) relata que também teve uma infância cheia de atividades na rua. Na sua adolescência, entretanto, as atividades passaram a ser separadas por gênero.

Menina, assim, nós, todos os seis irmãos, nascemos e nos criamos no bairro do Alecrim, (risos), muito orgulho dessa informação, e, lá na nossa rua tínhamos a prática de jogar queimada, então toda noite após o jantar, as meninas iam para rua, para esquina, para gente jogar queimada, e também, fazer a rodinha, que hoje em dia os meninos chamam de ABCD, aquela rodinha do voleibol, do ABCD, nós também brincávamos, e era muito forte, principalmente a prática da queimada, em termos de movimento de rua, então era muito essa prática e, também, do famoso cozinheiro, que já era aquela história da menina que era para cozinhar, tomar conta da casa e dos filhos, então nós fazíamos essa brincadeira das panelinhas de Barro, com areia, que misturava com água e ali a gente fazia as cozinhas que eram as comidas, então tinha essas brincadeiras, elas eram, toda semana, elas aconteciam, cozinheiro, queimada e fazer a rodinha para jogar voleibol e, assim, com o brinquedos, em si, tinha muito da imaginação, assim, de brincar, montar os brinquedos na calçada, da casa, nossa casa não tinha a área, varanda, já era aquela casa que a porta já está na calçada, então, ou você estava dentro de casa ou já estava na calçada, então na calçada a gente montava os brinquedos, um cachorrinho, que era segurança da casa, e, os quartos, sala esses brinquedos mais ligados a questão da casa, da mulher com a casa, não tinha muito o espaço de jogos, como quebra-cabeça, dominó, baralho, é, não tinha muito essa atividade era muito realmente essas, ou brincar com coisas de casa na calçada ou essa outra parte com queimada, rodinha do vôlei e o cozinheiro (Maia, 2024a).

A separação das atividades é bem marcante, ou seja, o papel social de homens e mulheres são bem delimitados na narrativa da professora: cozinheiro, casinha e os próprios

jogos que ela relata têm uma conotação de atividades voltadas para a mulher, além da queimada e o voleibol.

Maia (2024b), que corre na raia 7, relata que morava em Lagoa Nova durante a sua infância, próximo ao IFRN/CNAT, local onde tinha liberdade de brincar na rua e próximo de onde estudava, uma creche que fica por trás do IFRN/CNAT. Suas brincadeiras de infância giravam em torno da rua, dos jogos populares, como ticas, bandeirinhas, bola de gude, futebol, baladeira, entre outras. Para ela:

Eu era danada. Eu sempre fui muito danada. Sempre fui muito estrategista nas minhas brincadeiras de rua! Eu era campeã em [brincadeiras de rua]: bandeirinha, “tica-cola”, academia... Então, quando a gente ia brincar, todo mundo queria [...] me queria no seu time, porque eu sempre fui muito estrategista na forma de jogar na rua! Eu jogava futebol, jogava biloca [...] O que tivesse de jogo de rua, eu me dava bem, eu estava no meio (Maia, 2024b).

Maia (2024b) ainda relembra que fazia a tarefa de casa logo para ir para a rua jogar bola o mais cedo possível, antes de seu pai chegar em casa do trabalho. Em sua narrativa, enfatiza a questão de ser muito tática, ou seja, estrategista nas brincadeiras, e que era sempre escolhida para fazer parte das equipes.

Tais perspectivas dessas divisões estão constituídas a partir de uma ordem social. Segundo Bourdieu (2023, p. 56), a dominação e a exploração instituídas entre os gêneros resulta “[...] progressivamente, em duas classes de *habitus*³⁴ diferentes, sob a forma de *hexis* corporais³⁵ opostos e complementares e de princípios de visão e de divisão”, ou seja, as narrativas das professoras denotam o quanto as relações sociais ressaltam a interdependência das pessoas e sociedade, que se prendem, aqui nesse estudo, a padrões pré-estabelecidos como de expressão e práticas corporais como sendo de homem ou de mulher.

Em contrapartida, Louro (1997, p. 70) constata que os livros didáticos têm sido continuamente analisados e reanalisados no que se refere a questões relativas a gênero, grupos étnicos e classes sociais: “muitas dessas análises têm apontado para a concepção de dois mundos distintos (um mundo público masculino e um mundo doméstico feminino), ou para a indicação de atividades ‘características’ de homens e atividades de mulheres”, amparando o discurso das

³⁴ O termo *habitus*, utilizado por Mauss em 1934, refere-se às técnicas corporais adquiridas, que variam conforme a sociedade, a educação e os costumes, constituindo-se como uma prática coletiva internalizada. Já na perspectiva de Bourdieu, o *habitus* amplia essa noção, servindo como um sistema de disposições duráveis que media a relação entre estrutura social e ação individual. Enquanto Mauss enfatiza a dimensão corporal e técnica, Bourdieu destaca o *habitus* como um mecanismo que reproduz e estrutura as relações sociais, evidenciando a interdependência entre os indivíduos e a sociedade.

³⁵ Por outro lado, a *hexis* corporal na visão de Bourdieu seriam as deliberações corporais do *habitus*.

professoras.

As narrativas das professoras participantes nos fazem perceber que a cultura de movimento³⁶ marcante eram as brincadeiras e jogos de rua desenvolvidas na infância. Essas memórias ao longo da trajetória de vida se constituem em memórias coletivas para a formação da atuação profissional das professoras.

Ainda cabe destacar que um dos primeiros estudiosos da área de Educação Física a ponderar sobre a importância de se respeitar o conhecimento prévio das crianças foi Freire (1997)³⁷. Para ele, valorar e resgatar a cultura de jogos e brincadeiras, como as de rua, é fundamental para o bom desenvolvimento das atividades de Educação Física escolar, em especial, na infância.

A diversidade de brincadeiras é um estimulante para o desenvolvimento da criança, que ao realizá-las, desenvolvem-se a partir do movimento. É possível, ainda, rememorar e fazer uma relação com os estudos da Teoria do se-movimentar Humano – TSMH, de Kunz³⁸, que apesar de não terem vivido na escola a partir da Educação Física (até mesmo porque ainda não existia essa teoria), as atividades que realizavam na infância me fizeram relacionar a essa teoria, uma vez que considero que, a partir dessas as vivências e experiências de brincadeiras e jogos, percebe-se a importância do movimento espontâneos e livres. As relações temporais, os aspectos da criatividade e da imaginação exacerbado em suas narrativas e expressões são observadas no momento da entrevista.

Atesto ainda os estudos de Chagas (2010) a respeito da importância das atividades lúdicas, das brincadeiras para a formação e socialização das crianças. Portanto, essas atividades vivenciadas pelas professoras, em sua infância, hoje são ferramentas em sua atuação profissional, considerando o postulado por Chagas (2014, p. 102), ao afirmar:

O educador tem uma função fundamental na garantia e enriquecimento da brincadeira como atividade social da criança, criando os espaços, adequando os materiais e partilhando as brincadeiras. Assim, educadores e pesquisadores necessitam embasar sua prática em trilhas lúdicas que remetam à infância em busca da formação de seres saudáveis, cognitiva, psíquica e emocionalmente.

³⁶ Considerando a cultura de movimento como organizador do conhecimento para a área da Educação Física e Esporte, que compreende o aspecto do movimentar-se dos indivíduos, diferentemente da visão tecnicista da década de 1970, que tem o aspecto pedagógico como premissa fundante. Portanto, considera os estudos de Mendes (2009, 2013), Nóbrega (2006) e Melo (2006) a respeito da visão de que a cultura de movimento envolve o corpo, a natureza e a cultura. Além de que a cultura de movimento é um conceito organizador do conhecimento para a área.

³⁷ Considerando os estudos de João Batista Freire em sua obra “Educação de corpo inteiro”, de 1997.

³⁸ A TSMH desenvolvida pelo professor Dr. Elenor Kunz, a partir dos estudos de Trebls e de Merleau-Ponty, em que apresenta sua base em dois textos um em 2005 e outro em 2007, trata de fundamentar a Educação Física para atuar na Educação Infantil.

Ao considerar que as brincadeiras, a ludicidade e os jogos são ferramentas fundantes para a garantia da sociabilidade da criança, a/o docente que utiliza dessa ferramenta em sua atuação estará valorizando e estimulando a formação integral de suas/seus alunas/os, algo perceptível nas narrativas das professoras ao relatarem sobre sua atuação profissional no IFRN e nas demais instituições que trabalharam.

Dando continuidade à análise das categorias emergentes, duas unidades de significado, da cultura de movimento que aparecem nas narrativas das professoras participantes dizem respeito à ginástica e a esporte.

A professora Araújo (2024) lembra que as aulas eram separadas entre “meninos e meninas, sempre. Então, assim, a turma de Estradas do 1º ano, elas [...] tinham a professora das meninas e tinha o professor dos meninos. E aí a coisa mesmo de [...] a coisa dos exercícios calistênicos e esportivização”. Em relação ao esporte, afirma: “eu tenho amizades de, sei lá, 35 anos, que foram geradas nessa relação com o esporte” Araújo (2024), ou seja, o esporte foi muito importante no seu aspecto social.

Já Monteiro (2024), ao abordar sobre sua atuação no IFRN *campus* Macau, afirma: “[...] tem que ser aquele, aquele jogo de cintura, mas de vez em quando gosto muito de fazer o festival de ginástica, um evento que move o *campus*”. Em relação ao esporte, relembra que sempre fez natação e em sua época, no CEFET/RN, a Educação Física consistia em escolher uma modalidade esportiva para realizar, então como já praticava a natação e não se identificava com as modalidades coletivas, optou por aquela.

Oliveira (2024) rememora muito vagamente de que as aulas de Educação Física eram voltadas para ginástica, embora não tenha vivenciado muitas aulas, porque era atleta de handebol e era muito envolvida com este esporte, sendo muito focada no aspecto competitivo. Isso mudou após a graduação e ela vem tentando superar sua aversão ao esporte de competição, porque vivenciou e sabe da importância que essa dimensão teve em sua vida, assim como pode ser para suas/seus alunas/os. Assim, é preciso “tentar arranjar um jeito de equilibrar essa história do treinamento, desse esporte performático” (Oliveira, 2024).

Chaves (2024), ao relatar sobre ginástica, lembra que eram atividades voltadas para a perspectiva militarista, mais homogênea em relação ao corpo, e que hoje a atuação profissional da área considera os aspectos mais sistêmicos. Já em relação ao esporte, lembra que na infância e na adolescência praticou a natação, inicialmente por questão de saúde (tem asma) e posteriormente para competir, porque “sempre fui mais introspectiva e me encontrei ali na natação, um espaço que eu me sentia segura e gostava, de estar nele” (Chaves, 2024).

Maia (2024a), ao lembrar dos conteúdos da Educação Física e Esporte, diz que a

ginástica é trabalhada nos primeiros anos e de que o esporte era muito forte, na ETFRN: “o que tinha de conteúdo, do que hoje existe, o esporte, o esporte sempre foi o conteúdo mais forte”, e como ela sempre praticou voleibol, tanto na rua como nas escolas, em especial na ETFRN, além de ter decidido ser professora de Educação Física para ser técnica, é assumidamente adepta do esporte de competição, mas acima de tudo com uma perspectiva educacional e participativa. Para ela:

[...] dávamos trabalhos às escolas privadas, então, começou esse amor pelo esporte, fiz a 7ª, a 8ª série, no Padre Miguelinho, jogando voleibol, quando eu entro na ETFRN, eu já fazia voleibol, então, já entrei na ETFRN e indo para uma seletiva do voleibol, que na época era, o voleibol feminino era com o Professor Serrano (Maia, 2024a).

O esporte também foi motivação de Maia (2024b) desde os 13 anos, quando houve a sua primeira convocação para seleção do Rio Grande do Norte na modalidade de basquetebol. Ela entrou na ETFRN para jogar basquetebol e ir para os jogos das escolas técnicas, porque o seu treinador era professor de Educação Física da ETFRN, então a Educação Física dela era a modalidade do basquetebol. Para ela: “Sim... O que me levou à ETFRN foi o esporte, porque eu jogava pelo Atheneu e jogava pela seleção, e o meu professor da seleção era professor da ETFRN” (Maia, 2024b).

A professora Melo (2024) também jogou basquetebol e ainda joga até hoje, mas apesar de não ter sido aluna da ETFRN, em suas aulas ministrava atividades de ginástica calistênica e de iniciação esportiva.

A ginástica é tema central da Educação Física e Esporte, mas Soares (2007) realça a influência das escolas alemã, sueca e francesa no país, em especial nas escolas, que, “considerada a partir de então científica, desempenhou importantes funções na sociedade industrial” (p. 52), uma vez que promovia o desenvolvimento de corpos saudáveis, fortes, dóceis e produtivos.

A escola alemã teve forte repercussão no campo militar; a sueca e francesa nas escolas, porém Rui Barbosa e Fernando de Azevedo³⁹ defendem a escola francesa como base científica para sua implementação nas escolas (Soares, 2007).

As narrativas das professoras participantes sobre as ginásticas remetem a uma crítica

³⁹ Fernando de Azevedo e Rui Barbosa foram defensores da escola de ginástica francesa como base científica para a implementação da Educação Física nas escolas. Fernando de Azevedo (1894-1974) foi um renomado educador, professor, administrador, ensaísta, historiador, jornalista e sociólogo brasileiro, figura central no movimento da Escola Nova e um dos responsáveis pela criação da Universidade de São Paulo. Por outro lado, Rui Barbosa (1849-1923) foi um político, diplomata, advogado, jurista, jornalista, orador e escritor brasileiro. Ele teve uma longa e ativa carreira política, atuando como Deputado Provincial, Deputado Geral, Ministro da Fazenda e Senador.

por considerarem o uso de maneira voltado a calistenia, ao militarismo, ou seja, aos exercícios repetitivos, intensos, não adaptáveis, que desconsideram o contexto sociocultural. Elas relatam que, em sua atuação profissional, buscam articular o contexto sociocultural, realizando festivais de ginásticas, em uma perspectiva de participação mais ampla das/os alunas/os, modificando e ampliando o uso das ginásticas ao contexto atual, considerando os aspectos técnicos, os diferentes tipos de ginásticas, apresentações e montagens coreográficas.

Já no esporte, que é um fenômeno competitivo muito intenso, quer seja na escola como fora dela, percebe-se que a Educação Física e Esporte no IFRN perpassam, através de seus profissionais, as diversas dimensões do esporte e do movimento, porém a dimensão de competição se perpetua. Conforme a narrativa das professoras participantes, a competição se faz presente na trajetória de vida das professoras e de sua atuação profissional.

Ainda destacam-se, nas narrativas das professoras participantes, os aspectos históricos do esporte para a mulher, os quais perpassaram por uma diversidade de condições, tais quais, como observado:

A história da mulher no mundo esportivo perpassa muitos caminhos com vitórias e derrotas onde os principais argumentos para elas não terem o seu espaço no esporte era a delicadeza das mulheres e a constituição física menos favorecida, o que levou o esporte praticado por mulheres parecer indecente, feio e impróprio para sua resistência. Contudo, as conquistas das mulheres até os dias de hoje, as revelam como sujeitos capazes de enfrentar situações com alta demonstração de virilidade, força e resistência, demonstrando assim que tudo não passa de uma construção cultural patriarcal e machista (Maia; Chaves; Araújo, 2013, p.2).

A fala das autoras e do autor remete à compreensão eugênica apontada por Soares (2007), a partir das ginásticas e suas repercussões na prática esportiva, de que a mulher possuía corpos frágeis e delicados, discurso cultural de uma sociedade patriarcal e machista.

Seja na dimensão de competição (mas que, segundo as entrevistadas, primam por uma educação ampla em que o esporte é um meio para promover a educação integral), seja na perspectiva abordada por Moreira (2012), a qual associa o esporte à corporeidade como fundamento da Educação Física na escola, além da perspectiva de Kunz (1994) de ressignificar as práticas esportivas em suas aulas, fato é que há uma preocupação com as atividades esportiva e suas atuações.

As danças foram outro conteúdo abordado pelas professoras, em especial por Oliveira (2024), Monteiro (2024), Chaves (2024), Maia (2024a) e Maia (2024b), porém são as professoras Oliveira (2024) e Monteiro (2024) que mais se identificam com esta prática. Para

Oliveira (2024), que desde sua infância tem experiências com danças, pois em sua rua realizavam concursos de danças, como lambadas e quadrilhas, um dos motivos da escolha de Educação Física era de querer ensinar a dançar. Enquanto na graduação teve a oportunidade de participar do grupo parafolclórico⁴⁰, no mestrado voltou-se para os estudos das danças dos orixás e, em sua atuação, preza pelo trabalho com danças e capoeira, porque segundo ela, tem característica de dança (Oliveira, 2024).

Monteiro (2024) relembra que, em sua atuação, antes e no próprio IFRN, procura oportunizar suas/seus alunas/os a vivenciarem os conteúdos ginásticas, danças, lutas, com a intenção de não ficar apenas no esporte. As demais professoras apenas comentam sobre os conteúdos de danças e lutas.

As principais referências das temáticas sobre danças para as professoras Oliveira (2024) e Monteiro (2024), desde a época de estudantes na ETFRN e no CEFET/RN, respectivamente, são: Porpino (2006) e Nóbrega (2015). Para Porpino (2006), a dança é educação, porém não a qualquer conceito de Educação que se refere, mas sim “[...] a uma possibilidade de educar que não se limite à instrução ou aquisição de conhecimentos já prontos, mas que permita a vivência fascinante da criação de sentidos personalizados” (Porpino, 2006, p. 17-18).

A dança que se propõe a uma ontologia do sensível, a partir dos estudos de Nóbrega (2015, p. 39 - 40), é uma “obra de linguagem, de palavra como a literatura e a filosofia; obra de movimento, como a dança, o teatro, a pintura”. E, ainda “Movimento, pensamento, obra. Circularidades”. A sensibilidade é acusada a partir da linguagem dançante em circularidades, proporcionando a/aos alunas/os sua compreensão enquanto ser e possibilidade de ressignificar sua existência. É essa a percepção que identifico nas narrativas das professoras em relação à sua atuação, a partir da dança e desses referenciais.

A abordagem sobre sexualidade foi temática das professoras Maia (2024a) e Chaves (2024). A professora Maia (2024a) relata a respeito do despertar da sexualidade nas brincadeiras da infância, afora a questão de quando em aulas tratava de temáticas como drogas, sexualidade, corpo entre outras. Consoante, Chaves (2024) destaca o despertar, sobre a temática, nos estágios da graduação, de ter sido bolsista de iniciação científica, do TCC, levando-a ao seu objeto de estudo que é corpo, gênero, sexualidade e educação.

Para Chaves (2016, p. 12), a sexualidade é uma temática cara à educação, porque trata da afinidade “de nossa experiência de ser corpo que se relaciona com os outros, com o mundo

⁴⁰ Grupo de dança do DEF/UFRN, que tem o estilo de danças populares, ressignificando estas danças e trazendo uma nova leitura para estes estilos.

e consigo mesmo”, e que historicamente

A narrativa sexual na memória do mundo é marcada por interdições, por influências de instituição como Igrejas e o Estado que ditaram os rumos que o corpo sexuado deveria tomar enquanto dimensão privada, secreta, temerosa, perigosa e pecaminosa dos homens (Chaves, 2016, p.12).

Assim, em seus estudos, Chaves (2024) se apropriou desta temática a partir da ferramenta de filmes para estabelecer o diálogo sobre corpo e sexualidade em seu mestrado.

A respeito da questão de gênero, três professoras relataram Araújo (2024) e Oliveira (2024) relacionado ao aspecto binário e Chaves (2024), além da questão binária, ampliou sua discussão, relatando sobre seus estudos na graduação, no mestrado e no doutorado, estudando os corpos *queer*. Para ela, “esses corpos queer não se satisfazem em transgredir as normas de gênero e sexualidade, desmantelando a lógica sexual que opera através dos binarismos” (Chaves, 2016, p. 16). Portanto, sua atuação é eivada do respeito aos corpos que se estendem às diversas dimensões da existência, indo das questões de vestimentas, das transgressões que a sociedade impõe aos corpos, ampliando as questões de binariedade, entre outras.

A professora Chaves (2024) rompe com o postulado apresentado por Louro (1997) ao considerar que a Educação Física apresenta um discurso explícito sobre o binarismo, na constituição de gênero, ao afirmar: “se em algumas áreas escolares a constituição da identidade de gênero parece, muitas vezes, ser feita através dos discursos implícitos, nas aulas de Educação Física esse processo é, geralmente, mais explícito e evidente” (Louro, 1997, p. 72). Assim, percebe-se a significativa evolução relacionados aos aspectos de gênero, a partir da atuação desta professora, bem como de outras/os do IFRN, embora, ainda exista o perfil apresentado por Louro (1997).

Uma categoria significativa nas narrativas das professoras participantes é a do corpo, abordado em suas dimensões ontológica, biológica e cultural. Por exemplo, ao ser questionada sobre a relação com seu corpo, Araújo (2024) descreve uma conexão não saudável, já que era considerada “muito magra” em uma época em que o padrão valorizava “coxa e bunda”, padrões esses que diferem dos atuais. Essa divergência nos padrões frequentemente a levava a sofrer *bullying*.

Araújo (2024) destaca que estabelecia uma relação positiva através do corpo em movimento, sentindo-se mais à vontade e interagindo com outras pessoas. Para ela:

E a minha relação boa com o corpo era quando o corpo estava em movimento, porque eu conseguia fazer, eu conseguia buscar as coisas que eu queria fazer

corporalmente, enfatizando que eu nunca busquei a questão do rendimento, mas assim, de estar nas equipes, ou nos grupos, de interagir, fazer amizades a partir disso (Araújo, 2024).

Ao se movimentar, a professora descobriu uma maneira de se conectar com ela e com o mundo a sua volta. Essa experiência, de seu corpo em movimento, lhe proporcionou uma linguagem para expressar suas emoções e suas percepções, corroborando a ideia de Merleau-Ponty (2018) de que o mundo não é apenas um objeto de conhecimento, mas uma experiência vivida. Dessa maneira, a partir do movimento, ela sentiu-se mais presente e integrada com o mundo.

Oliveira (2024) manifesta que a preocupação com a imagem corporal e os padrões estéticos a acompanham desde a infância. A percepção de um corpo que não se enquadrava nos padrões de beleza considerados ideais, especialmente em relação à forma física, gerou um profundo desconforto porque sofria muito *bullying*, criando uma imagem de si, de seu corpo.

Essa experiência traumática influenciou significativamente sua escolha esportiva, uma vez que na modalidade do handebol, o uniforme permitia cobrir as partes do corpo que ela considerava problemáticas. Tal reverberação pode ser entendida levando-se em consideração os estudos de Schilder (1999) em relação à imagem do corpo que é projetada em si e da sociedade. Ele avalia a imagem corporal sobre o prisma das bases fisiológicas, psíquicas e sociais, uma vez que “qualquer coisa que participe do movimento consciente de nossos corpos é acrescentada ao modelo de nós mesmos” (Schilder, 1999, p. 9).

Oliveira (2024) relata que evitava atividades exigentes da exposição do corpo, como a dança, apesar de ser uma apaixonada por danças, em função de seu constrangimento com sua aparência física. Ela revela que, mesmo imersa na cultura de movimento desde a infância, vivenciando a rua como um espaço de liberdade e expressão de seu corpo, não escapou da experiência do *bullying*. Essa experiência paradoxal demonstra como as relações sociais e as dinâmicas de poder podem interferir na experiência individual do corpo e do movimento, mesmo em ambientes que, em princípio, deveriam ser prazerosos e inclusivos. Em sua narrativa, diz:

eu sofria muito *bullying*, também, sofri, na minha, na minha, na minha infância, na minha rua, na potência da cultura de movimento existia também, uma exigência desse corpo magro, e eu era fora do padrão do magro, e eu, isso foi sempre muito, é..., isso foi sempre muito violento, eu deixava de fazer muitas atividades por causa desse corpo gordo, que eu tinha, e, e eu lembro que os, as minhas colegas, os meus colegas de infância, provocavam muito isso, a gente vivia muito esse *bullying* (Oliveira, 2024).

A experiência de *bullying* narrada pela professora Oliveira (2024) se assemelham com

os estudos de Sampaio (2021) que apontam para a relação entre a imagem corporal e a autoestima, especialmente em adolescentes no IFRN. Ao vivenciar o *bullying*, a entrevistada internalizou padrões de beleza imposto na sociedade, o que pode ter influenciado sua relação com o corpo e com a atividade física ao longo da vida.

A professora Monteiro (2024) faz um relato que manifesta sentimentos e experiências complexas com seu corpo ao longo de sua infância, adolescência e atuação profissional. Ela assinala uma relação paradoxal com a imagem corporal, marcada por momentos de insegurança e por outros de aceitação e empoderamento, como é o caso da influência recebida por revistas e programas de televisão e a educação recebida em sua casa, as quais moveram sua compreensão de corpo. Por outro lado, as vivências da cultura de movimento vivenciadas na infância estabeleceram uma relação positiva com seu corpo, ao fazer a seguinte reflexão:

apesar de todo conhecimento, de toda na, de tudo que a gente estuda, de tudo que a gente tem de empoderamento, mas eu acho que uma hora essas coisas batem na gente, em algum momento a mulher é cobrada do seu envelhecimento, eu acabei de ter um filho, então você fica muito insegura em relação ao corpo, se ele vai voltar, se não vai voltar, vai perder esse peso, se não vai perder, de vez enquanto você escuta esse comentário, eita tá gordinha, acabei de parir (risos), então assim hoje acho que sofro mais do que na adolescência (Monteiro, 2024).

A maternidade traz novos desafios em relação à percepção de corpo, ao julgamento ao qual está submetida e à preocupação em recuperar a forma física depois da gravidez é exacerbada. Apesar disso, ela reconhece sua boa relação com o seu corpo ao longo de sua trajetória de vida, que contribui para a sua atuação profissional, embora tenha sido influenciada por diversos aspectos sociais e culturais.

A professora Chaves (2024) relata ter sido uma adolescente muito introspectiva sem a consciência que tem hoje de seu corpo, dos seus aspectos biológicos, culturais e históricos, nem tampouco de experiências afetivas, sexuais e/ou emocionais. Ela percebe que aquele foi um período de pouca liberdade, em que não tinha um corpo livre, além de não ter uma boa imagem corporal de si mesma.

Chaves (2024) não tinha a liberdade de se expressar, por exemplo, em relação à fala, pois era tímida. Tinha dificuldade em apresentações de trabalhos, seminários e nos trabalhos de artes, que exigiam encenações, exacerbando sua dificuldade de expressar-se corporalmente. Para ela:

[...] meu corpo na adolescência, era um corpo contido, um corpo envergonhado, que não, que não colocava sua potência, ali para fora, não

expressava essa potência, e eu fui encontrando essa forma de expressão ao longo dos anos (risos), e acho que a própria graduação, também, os estudos do corpo que eu fiz, durante esses vários anos (Chaves, 2024).

No entanto, ela confirma que os estudos sobre o corpo, gênero, sexualidade e educação foram as ferramentas que a permitiram compreender e lidar melhor com seu corpo, aperfeiçoando assim sua atuação profissional na área, e por conseguinte no IFRN.

A professora Maia (2024a) relata que sua primeira imagem corporal se baseava em aspectos biológicos e físicos, que compreendia a percepção de membros superiores e inferiores, aquele do qual o padrão era de perfeição, sem deficiências. Inicialmente, esse corpo era visto como desprovido de sentimentos e emoções. Posteriormente, a questão social do corpo e as relações interpessoais passaram a influenciar sua visão, especialmente a estética do corpo relativo à mulher, pautada em padrões de beleza idealizados pela sociedade, em que a cintura, bunda e coxa eram bem definidos. Essa imagem, para ela, era associada ao corpo de desejo masculino (Maia, 2024a).

Com o tempo, a professora Maia (2024a) percebeu que o corpo não se limita ao aspecto físico e visual, mas é "[...] um corpo sensível, é um corpo que fala, é um corpo que expressa, que você não precisa muitas das vezes, falar verbalizando, você pode falar com gestos, com movimentos e esse corpo vai estar expressando sentimentos". Ela destaca que, quando o corpo é tolhido por normas rígidas de gênero, assim, se reprime e se inibe, portanto, vai criando as chamadas amarras e couraças corporais. No entanto, através do movimento e de atividades como esportes, de sensibilização e consciência corporal, aliado a tratamento terapêuticos, este corpo pode se libertar de amarras ou couraças (utilizando das expressões dos estudos idealizados por Wilhelm Reich⁴¹).

Ao ser questionada sobre sua relação corporal, a professora Maia (2024a) afirma que reproduzia comportamentos padrão, atendendo às expectativas sociais direcionadas às mulheres. Segundo ela:

Hum, executando desse modelo, que a menina tinha que sentar, tinha que puxar a saia, que tinha que sentar com a perninha fechada, cruzada, que tinha que ter cuidado, que era, era isso que eu reproduzia, eu tinha, você tinha, não podia chegar, como hoje que a gente encontra um amigo, e dá dois beijinhos, não, não podia, porque essa expressão de ir abraçar um amigo, e depois abraçar um outro amigo, você vai ficar uma menina falada, seu nome vai cair na boca do povo, não pode, no bairro do Alecrim, na boca do povo, de jeito nenhum (Maia, 2024).

⁴¹ Wilhelm Reich abordou as couraças musculares em seus estudos de 1920 a 1933, era psiquiatra, psicanalista, sexólogo e psicólogo freudiano. Nascido na Áustria, com ascendência judia, falecido aos 60 anos nos Estados Unidos da América.

Apesar do tom brincalhão do relato, ela revela a determinação de um discurso social que reduz a mulher a padrões de comportamento considerados femininos. Nos estudos de Goellner (2003) a respeito da imagem no período das décadas de 1930 e 1940, ela identificou que a maioria dos textos eram de homens que determinavam atributos das mulheres, originados dos desejos masculino, “através de temas que envolvem questões como padrões estéticos, qualidades que definem a feminilidade, cuidados com a saúde reprodutiva, vestuário esportivo, conselhos morais, entre outros” (Goellner, 2003, p.29), portanto, a narrativa da professora Maia (2024a) ainda carrega características daquele período.

Maia (2024b) se autodefine como uma pessoa expressiva, reconhecendo o seu corpo como um canal de doação incessante. Ciente dessa característica, ela se adapta aos diferentes ambientes que circula, procurando estabelecer relações de reciprocidade. Em suas palavras, “a minha expressão corporal tem que ser uma expressão de dizer assim ‘olha só, você me dá um sim, mas você também não vai sair perdendo, não [...] A gente vai sair, numa boa [...]’ é uma troca”. Pode-se considerar que sua atitude em relação ao corpo seja um convite para uma troca positiva, em que todos saem ganhando, ou seja, de autoconfiança. Assim, se propõe uma autoformação, que é formar para a vida a partir de um projeto de vida:

E, eu digo sempre aos meus alunos: ‘o seu projeto de vida só termina no dia que você fechar os olhos aqui, quando sua matéria [...] fechar os olhos, entendeu? Você partir, espiritualmente. Enquanto você tiver aqui vida, você tem que cuidar de si, cuidar da sua matéria’. É por isso que eu vou para academia, por isso que eu corro, por isso que eu jogo basquete, eu jogo *beach* tênis... Porque eu preciso cuidar dessa matéria, para que o meu espírito viva mais aqui na terra. Mas, para isso, eu tenho que ter o projeto de vida. Nesse projeto de vida, é onde eu vou agora buscar essas molas propulsoras para a minha autoformação (Maia, 2024b).

Para a professora Maia (2024b), o seu corpo é seu cartão postal e o trata com muito carinho e vigília, se cuidando a partir de práticas corporais e esportivas, leituras, cuidando da pele, estética e do lazer, o que ela define como autocuidado, para atingir, em suas palavras “sua autoformação” e poder proporcionar as/aos suas/seus discentes ferramentas para atingir esse projeto de vida.

Vale salientar que no PTDEM do EMI do IFRN, essas unidades significantes, ou categorias que emergem das narrativas das professoras, devem ser trabalhadas levando-se em consideração os aspectos conceituais, históricos, filosóficos e sociais. Desse modo, nos primeiros anos, é abordada a cultura de movimento como um todo: os jogos - origem e evolução; conceitos e suas aplicações; criações e ressignificações; inter-relações do jogo com

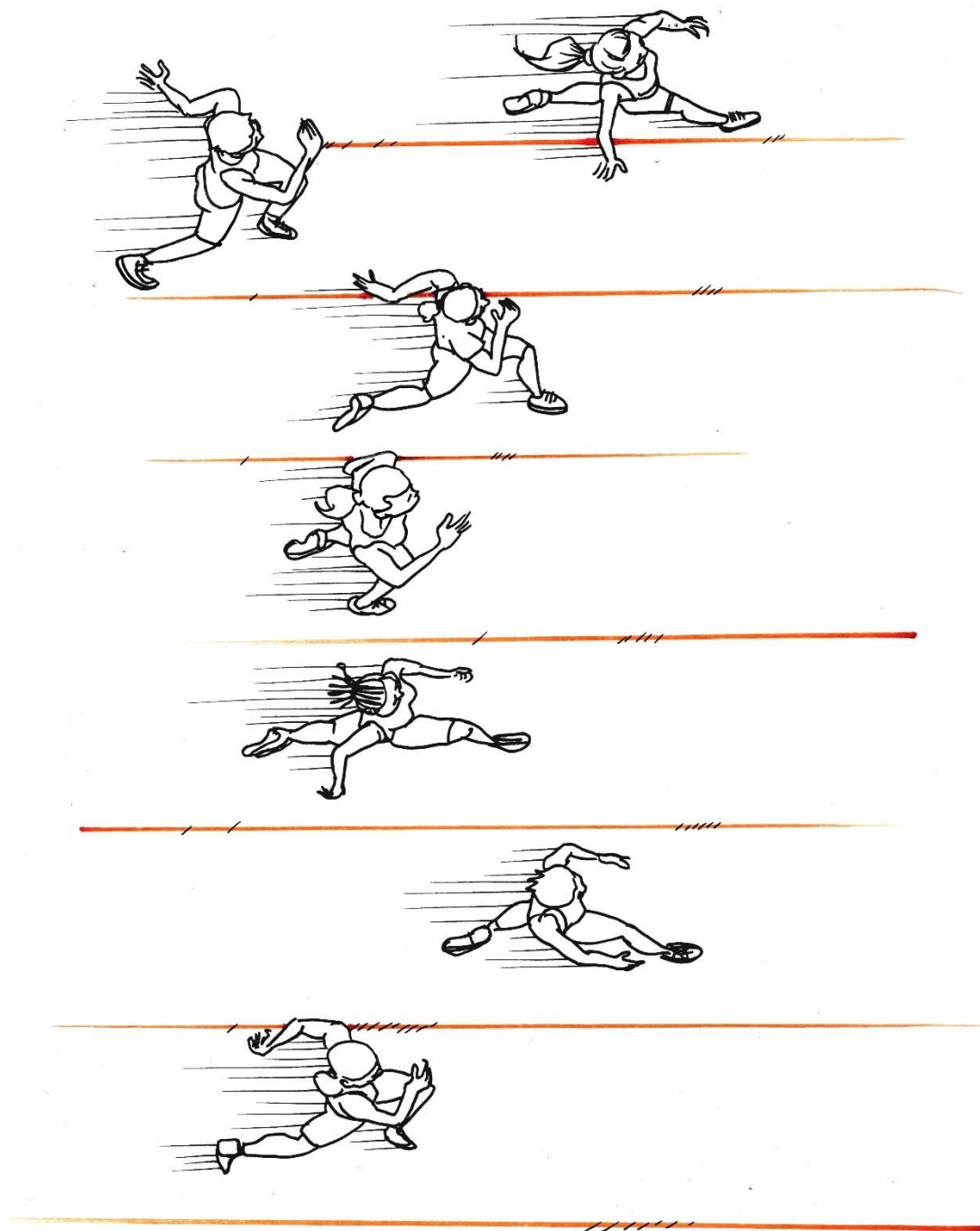
saúde e outras temáticas sociais. Na ginástica, deve-se abordar a origem e a evolução; conceitos e classificações; ginástica de condicionamento; ginásticas competitivas seus fundamentos técnicos, táticos e culturais; e ginásticas e saúde. Nesse contexto, o conceito da ginástica é ampliado e ressignificado, indo além da ginástica calistênica narrada pelas professoras.

Nos segundos anos, o que consta no PTDEM (2012), trata-se dos esportes – aspectos históricos, culturais e sociológicos do esporte e do esporte adaptado; do esporte educacional, de lazer, de rendimento e o mundo do trabalho; os tipos e classificações do esporte; as diversidades e identidade culturais do esporte; os fundamentos técnicos e táticos dos esportes; as relações entre esporte, saúde e aprendizagem de valores sociais; esporte e mídia; os investimentos e a tecnologia no esporte; e o seu uso político e econômico. Ou seja, a proposta amplia as dimensões sociais de Tubino (2001), atendendo ao preconizado por Moreira e Darido.

Além dos esportes, no segundo ano, o que consta no PTDEM (2012), as/os professoras/es de Educação Física e Esporte devem tratar das lutas e das danças. Para as lutas, devem ser trabalhados os conceitos e as classificações; aspectos históricos e socioculturais das lutas; princípios gerais e movimentos básicos; e sentidos e significados filosóficos das lutas. Já para a dança, tem-se: aspectos históricos, políticos, culturais e sociais das danças; tipos de danças; aspectos teóricos e metodológicos da coreologia; e a dança e consciência corporal.

Apesar de não ter questionado todo o processo de planejamento de suas aulas, por não ser a intenção do estudo, uma vez que já existem estudos com este objetivo, constatou-se que as temáticas demandadas do PTDEM (2012) são objetos da atuação das professoras participantes, as quais desenvolvem suas atividades a partir de suas experiências de vida, dos referenciais teóricos disponíveis no PTDEM e do arcabouço teórico dos seus objetos de estudos e do IFRN.

Na próxima seção, apresentarei procedimentos metodológicos, escolhas teóricas e práticas adotadas na instituição para a área de Educação Física e Esporte. Tendo já destacado as professoras protagonistas do estudo, que narraram e contaram um pouco de suas histórias e trajetória de vida e da atuação profissional, assim chega-se ao desenvolvimento dessa corrida em direção à reta final. Juntas no percurso, cada uma em sua raia, elas exercem da melhor maneira possível seu papel como docentes nesta instituição.



3 DESENVOLVENDO A CORRIDA: JUNTAS NO PROCESSO

Também a história é sempre ambivalente: o lugar que ela destina ao passado é igualmente um modo de dar lugar a um futuro.

(Certeau, 2022, p. 89).

Iniciada a prova de 100m, após os primeiros passos da largada, desenvolve-se a corrida, a qual divide-se em três momentos, definidos aqui neste estudo, até a ultrapassagem da linha de chegada, quais sejam: corrida inicial, aceleração e manutenção. Se a história é ambivalente, como apontado por Certeau na epígrafe, neste estudo tem-se observado que as experiências do passado têm sido uma maneira de dar lugar tanto ao presente quanto ao futuro, em relação à disciplina de Educação Física e Esporte no IFRN e ao papel desempenhado pelas professoras.

Na seção anterior, apresentei as professoras participantes em suas raízes e discutido suas vivências e experiências. Nesta seção, iniciarei um diálogo para entender as tendências metodológicas e pedagógicas adotadas pela instituição, desde a sua institucionalidade como EIN⁴² até o IFRN, no que se refere à disciplina de Educação Física e Esporte. Além disso, trago uma breve contextualização de uma etapa da história das práticas de Educação Física e Esporte no IFRN, nos detendo da década de 1970 em diante, uma vez que o foco da pesquisa advém da condição de estudantes egressas da ETFRN e CEFET/RN que se tornaram professoras. Por último, discutirei o papel do esporte enquanto princípio pedagógico e educativo nesta instituição.

3.1 CORRIDA INICIAL: TENDÊNCIAS METODOLÓGICAS E PEDAGÓGICAS DAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DE ESPORTES NA ETFRN, CEFET/RN E IFRN

Após alguns metros da largada inicial, já se sente o desenvolvimento da corrida presente, assim intensifico a aceleração para, em seguida, manter a corrida. Neste momento da tese, trarei o entendimento do fenômeno esporte nesta instituição. Para isso, remeto ao consenso do papel da disciplina de Educação Física e Esporte, responsável por tratar de projetos e da produção do conhecimento sobre esportes competitivos na instituição.

A referida disciplina teve diversas concepções em seu percurso histórico, de

⁴² Início com a EIN porque foi sob essa institucionalidade que encontrei os primeiros documentos e estudos que registram a disciplina de Educação Física e Esporte.

constituição como especialidade no País, correntes, tendências metodológicas e pedagógicas, seguindo a conjuntura de ordem política, social e econômica (Pereira, 2019).

Diante dessas reflexões, elaborei o Quadro 4, fundamentado nos estudos de Pereira (2019), Castellani Filho (2009) e Souza Filho (2011) a respeito das correntes e tendências metodológicas da Educação Física no período da EIN ao IFRN e nossa interpretação para o Esporte. A construção desse quadro objetivou sintetizar as principais correntes e tendências metodológicas da Educação Física em seus diferentes contextos históricos, desde a Escola Industrial de Natal até o atual IFRN.

Em seguida, interpreto o Quadro 4 e apresento conceitos de esporte de autoras/es da área, até relatar o consenso da compreensão de Educação Física e Esporte, como sinônimo da disciplina de Educação Física nesta Instituição, explorando as características de cada fase, relacionando-as ao contexto histórico e às transformações sociais, políticas e educacionais.

Quadro 4 - Correntes e tendências metodológicas da Educação Física: da Escola Industrial ao IFRN

Período	Educação Física na Instituição	Correntes e tendências metodológicas da EF e esportes	Lei de criação
Escola Industrial de Natal - 1930 a 1960	Atividade física predominante: ginástica e exercícios de calistenia, de ordem unida, exercícios cadenciados e enfileirados.	Higienista, militarista, biologiscista e esportivista.	Decreto nº 4.073 - 30/01/1942
ETFRN - 1968 a 1999	O predomínio, neste período, foi da ginástica calistênica e do esporte de competição	Militarista e esportivista	Portaria Ministerial nº 331 - 06/06/1968
CEFET/RN - 1999 a 2008	Dois grupos: 1) Prático - Esportivização; 2) Teórico e prático - esportes e outras possibilidades de conteúdos, como ginásticas, danças, lutas, jogos, enfim, a cultura corporal de movimento.	1 – Militarista e esportivista 2 – Educação Física renovadora: esportivista, abordagens crítico-superadora e emancipatória, abordagem sistêmica, cultural, jogos cooperativos, saúde renovada, cultura de movimento entre outras.	Decreto de 18 de janeiro de 1999.
IFRN - 2008 aos dias atuais	Esportes e cultura de movimento	Além das anteriores soma-se os aspectos do lazer, da Qualidade de Vida, das práticas de aventura, entre outros.	Lei nº 11.892 - 29/12/2008.

Fonte: elaboração própria (2023), a partir dos dados retirados de Pereira (2019), Souza Filho (2011), Castellani Filho (2009), Moreira (2012) e Soares (2007).

Para contextualizar, antes do período estabelecido no Quadro 4, considero os estudos de Soares (2007) que abordam o espaço da Educação Física na escola no final do século XIX.

Ela compreende que a Educação Física se construiu historicamente, do século XIX aos dias atuais, como uma disciplina com conceitos anatômicos e fisiológicos do corpo e do movimento que realiza. Segundo a autora, "o seu referencial estará carregado de intenções como: regenerar a raça, fortalecer a vontade, desenvolver a moralidade e defender a pátria" (Soares, 2017, p. 49). A base de suas concepções são a moral burguesa e as ciências biológicas.

Com as escolas de ginásticas (alemã, sueca e francesa) sendo incorporadas ao país, no final do século XIX e início do século XX, o político Ruy Barbosa defende a ginástica sueca de Ling como corrente para a disciplina de Educação Física escolar. Posteriormente, o intelectual Fernando Azevedo adere a essa escola, além da francesa, restando a escola de ginástica alemã ao militarismo (Soares, 2007).

O Quadro 4 é uma síntese no período da IEN ao IFRN do predomínio das práticas da Educação Física e Esporte e os principais pressupostos utilizados pelos/as professores/as, que são endossados nas narrativas das professoras participantes. Consta-se que, o aspecto procedimental, ou seja, a prática em si da atividade, ainda se encontra presente até os dias atuais. Apesar de o conceitual atitudinal iniciar no final da década 1990, acredito que ele sempre esteve presente, levando-se em consideração os padrões de moralidade de uma sociedade patriarcal e seus aspectos históricos (Brasil, 1988).

Em relação ao aspecto atitudinal, a professora Oliveira (2024) narra que sua experiência no handebol, como aluna, foi com um professor que era muito “casquinha”, mas foi maravilhosa, porque alcançaram os melhores resultados. Para ela, hoje ele receberia punições mais severas devido à sua postura perante as alunas, mas reconhece que era outra realidade e que as atitudes produziam o efeito esperado (Oliveira, 2024).

Sobre a postura desse mesmo professor, por outro lado, a professora Maia (2024a) lembra que ela e outras colegas tentaram ludibriá-lo, e relata a atitude dele dizendo:

“Gizelda procura uma ginecologista, em dois meses você menstruou 10 vezes”, a gente pensando que estava dando o pulo do gato, professor Ferdinando, pronto acabou nossa desculpa, minha gente, a gente teve que fazer todas as aulas, ele dizia, “essas meninas do voleibol estão tudo doente” (Maia, 2024a).

A professora Maia (2024a) achava que estava sendo esperta, porém o professor tem uma ação de desconfiança diante da atitude da aluna e reage de maneira a orientá-las para uma atitude de orientação para a formação de vida.

As narrativas distintas das professoras participantes Oliveira (2024) e Maia (2024a) sobre as atitudes de um mesmo professor na ETFRN revelam considerações importantes quando

analisados à luz dos estudos de Portelli (2016). Como demonstra o autor, a história oral não se limita ao que aconteceu, mas se concentra em como as pessoas interpretam e ressignificam os eventos. Essa perspectiva nos permite compreender a subjetividade da memória evidente nas narrativas das professoras: enquanto Oliveria (2024) considera o professor rigoroso, porém eficaz em seus resultados, Maia (2024a) denuncia aspectos repressivos de seu método, especialmente nas aulas de Educação Física.

Essa dualidade mostra como experiências individuais constroem memórias distintas sobre um mesmo contexto. Por um lado, o relato de Maia (2024a) evidencia uma memória coletiva que, segundo Portelli (2016), revela as estruturas de poder da época. A desconfiança do professor em relação às alegações de menstruação frequente reflete uma visão patriarcal sobre o corpo feminino, característica das instituições escolares daquele período.

No que diz respeito à dimensão pedagógica, observa-se que Oliveira (2024) justifica o método do professor (ela diz que "era outra realidade"), demonstrando como a memória reconcilia críticas contemporâneas com afetos do passado. Já Maia (2024a), ao denunciar práticas hoje consideradas inaceitáveis, utiliza um tom quase humorístico ("menstruou 10 vezes"), revelando como o trauma é processado por meio da ironia. Para Portelli (2016), tais estratégias narrativas são formas de atribuir sentido a experiências contraditórias, destacando a complexidade da relação entre memória individual e contexto histórico.

Dando continuidade ao que trata o Quadro 4, Pereira (2019), ao abordar sobre as tendências da Educação Física e Esporte na instituição, em especial no período de 1930 a 1960, ressalta que este predomínio se dá pela atividade física, em que a utilização do método ginástico e de exercício calistênico é o mais comum. Além disso, a autora apresenta imagens, em sua dissertação, em que os alunos executam exercícios cadenciados e enfileirados, caracterizando, assim, um adestramento físico e moral dos discentes.

Cerca de uma década antes, constato, por meio dos estudos de Soares (2007, p. 67), que: “no Brasil, a ginástica francesa foi oficialmente implantada em 12 de abril de 1921, através do decreto nº. 14.784”. Tal implementação, como demonstrado por Soares (2007), a ginástica francesa no Brasil não foi uma escolha pedagógica neutra, mas um projeto político de normatização dos corpos que repercute nas práticas da Educação Física e Esporte ao longo do século XX, no país e, por conseguinte, no IFRN.

Neste período, identifico, no boletim da Comissão Brasileiro-Americana de Ensino Industrial - CBAI, que o objetivo geral a respeito da Educação Física e Esporte, no período do ensino industrial, no ano de 1961, era:

Nos estabelecimentos de ensino industrial, Educação Física visa, como objetivo geral, a suscitar, desenvolver e aprimorar as qualidades físicas do educando, estimular o funcionamento dos órgãos e assegurar-lhe a saúde. Como objetivo especial, desenvolver, excepcionalmente, certas qualidades físicas que a natureza da profissão escolhida exige para maiores rendimentos do trabalho (Salibian, 1961, p.13).

Percebe-se o aspecto funcional da Educação Física e Esporte com a citação acima e, além do que foi apontado por Pereira (2019), acrescenta-se no boletim da CBAI a questão relativa à saúde no período em discussão.

Observa-se ainda que neste período houve um fortalecimento ao Decreto-Lei nº 4.244 de 09 de abril de 1942, que regia o Ensino Secundário e que, no Título III, abordava especificamente a respeito do Ensino secundário feminino. No seu Art. 25, por exemplo, o texto constava ser preferível que a educação das mulheres fosse constituída em estabelecimentos de ensino exclusivo para elas e, caso isso não houvesse viabilidade para tal, deveriam haver classes exclusivas. Vale esclarecer que na nossa instituição não se tinha alunas, apenas professoras, uma vez que, neste período, o ensino era primário e técnico nesta instituição.

Por outro lado, para Souza Filho (2011, p. 27), a Educação Física e Esporte sempre estiveram atreladas aos aspectos políticos educacionais “ideais” ao país, e que:

Entre as décadas de 1940 e 1960, no período político brasileiro que oscilava entre o nacionalismo e a influência desenvolvimentista do capital estrangeiro, a Educação Física ficou sujeita, mais uma vez, à obrigatoriedade de acordo com a LDB 4.024 de 20 de dezembro de 1961, nos cursos primários e médios até a idade de 18 anos. Na esteira da história, várias alterações nos textos legais são acrescentadas, como a da lei 5.692 que obrigava a inclusão da Educação Física nos currículos plenos das escolas.

Vale esclarecer, assim como a consideração apresentada acima, que a disciplina de Educação Física e Esporte muitas vezes serviu de apêndice para os aspectos morais vigentes ao contexto histórico vivido. Por outro lado, o período entre 1968 e 1999, para Souza Filho (2011), Pereira (2019) e Castellani Filho (2009), apresentava-se de predomínio do esporte competitivo. Na ETFRN não era diferente, ou seja, também havia ênfase na competição. Porém, tal como apresentado por Tubino (2001), a prerrogativa era do esporte educacional e escolar, ou seja, com o cunho educativo, também considerando os aspectos de competição.

Tal período, portanto, caracteriza uma Educação Física e Esporte com predominância de práticas como ginástica, exercícios de calistenia, ordem unida e movimentos cadenciados/enfileirados, conforme evidenciado nos estudos das/os autoras/es que fundamentaram a construção do Quadro 4. O foco da atuação pedagógica na área centrava-se na disciplina, na obediência e na padronização dos corpos, refletindo um modelo de formação

alinhado aos interesses do Estado.

Destaca-se que, esse contexto histórico foi marcado pelo autoritarismo e pela industrialização, nos quais a Educação Física assumiu um papel instrumental, servindo a um projeto de controle social e preparação para o trabalho de forma mecanicista — ou seja, priorizando a eficiência produtiva em detrimento de uma reflexão crítica sobre a dimensão ontológica do trabalho e suas implicações na formação humana. Essa abordagem reduzia o corpo a uma ferramenta de produção, negligenciando aspectos como autonomia, criatividade e emancipação, que só ganhariam espaço em correntes pedagógicas posteriores.

Para Daólio (2019), a Educação Física permaneceu encarcerada em modelos cientificistas e no estilo positivista de perpetrar a ciência, a qual reproduzia tendências e correntes de cunho higienista, militarista, pedagogicista, desportiva generalizada, competitivista e popular. Essa disciplina acompanhou a corrente e tendência metodológica de forma reprodutora do conteúdo esporte na escola, fato observado ao analisar o período de 1968 a 1999. Identifica-se, no arquivo do CNAT, a Imagem 6, expressiva deste período, em que é possível constatar que as atividades de Educação Física e Esporte eram ministradas em separado entre meninas e meninos.

Imagem 6 - Aula de educação física para estudantes



Fonte: Arquivo IFRN/CNAT, fotografia do ano de 1978, captura realizada em 2023.

A ficha de catalogação da Imagem 6, localizada em seu verso, descreve a imagem:

tratam-se de alunas que recebiam aulas de Educação Física na ETFRN, em 1978. Vale salientar que, neste período, ainda temos uma nítida referência ao Decreto-Lei nº 4.244/1942, que no seu Art. 25, item 4, constava: “A orientação metodológica dos programas terá em mira a natureza da personalidade feminina e bem assim a missão da mulher no lar”.

A Educação Física no Brasil sempre esteve sob a égide da saúde, da higiene, raça e moral, como identificado por Soares (2007). Dessa maneira, os discursos médicos higienistas são privilegiados. No que tange às mulheres, Soares (2007, p.66) considera que havia uma preocupação “com a ‘saúde’ da mulher, particularmente com a sua função reprodutora”, o que era excessivamente lembrado nos pareceres e palestras dos intelectuais brasileiros.

Em “Bela, maternal e feminina”, a professora Silvana Goellner (2003) faz uma análise da Revista *Educação Physica*, da década de 1930 e 1940, em que muitos dos anúncios estão relacionados às atividades físicas às quais mulheres devem realizar para se manterem belas, maternais e femininas. Para a autora, “a ginástica, a dança e a natação são assinaladas, pela Revista *Educação Physica*, como as atividades mais aconselháveis ao organismo feminino porque os efeitos resultantes da sua prática pouco prejudicam o seu desenvolvimento anatômico e fisiológico” (Goellner, 2003, p. 73, grifo da autora).

Além disso, a autora pontua que a revista considera que a ginástica:

Pode ser feita individualmente, a qualquer momento, sem que os minutos a ela dedicados atrapalhem a execução de todas as tarefas que a mulher desempenha no recôndito do lar, favorecendo, inclusive, sua permanência neste espaço identificado como de seu domínio. Acrescenta-se a esses aspectos, o fato de que a ginástica, ao contrário de muitos esportes, é desprovida do caráter competitivo, observado, nesse tempo, como prejudicial à formação da personalidade feminina (Goellner, 2003, p.73).

Diante do exposto por Goellner (2003), embora, a revista estimule mulheres a realizarem exercícios físicos em espaços públicos, como praias e parques, ao tocar no assunto de casamento e maternidade, é notória a intenção de determinar quais tipos de práticas corporais as mulheres devem executar, controlando os corpos e as necessidades delas, algo que repercute nas escolas, o que era padrão à época se repercute a décadas seguintes.

Esse é o caso observado na leitura da Imagem 6 feita neste trabalho: aulas separadas por sexo e no contraturno, para exercícios destinados às mulheres, com práticas de ginásticas e exercícios localizados. Ao se fazer uma relação da Imagem 6 com o Quadro 4, pode-se observar um predomínio da atividade física de ginástica e de exercícios calistênicos cadenciados e enfileirados, ou seja, de exercícios com o predomínio de adestramento físico, tanto para as mulheres como, ao fundo da imagem, para os homens. Além disso, observa-se que os primeiros

diários de alunas aparecem a partir deste ano de 1978⁴³.

Percebe-se, ainda, que: o primeiro plano da Imagem 6 corresponde ao espaço da quadra poliesportiva 02 do atual IFRN/CNAT; na lateral direita da foto observa-se a empresa de confecções Guararapes, em construção; o piso da quadra é feito em cimento; todas/os estão devidamente uniformizadas/os para a prática da Educação Física, as meninas com shorts azuis, estilo *lycra* curtos, e camisas brancas, tênis e meias curtas; os meninos, de camiseta branca (não é possível identificar a cor dos shorts), e estão realizando movimentos, supõe-se que em coluna ou caminhando, ou correndo, na quadra poliesportiva 01 do atual IFRN/CNAT, atualmente coberta e com piso de cerâmica.

Esse período tem uma forte tendência na área, em que o predomínio é de uma Educação Física e Esporte de ginástica calistênica e do esporte de competição, reflexo da corrente metodológica militarista, persistindo a disciplina e a hierarquia, contextualizada na Ditadura Civil-Militar brasileira (1964-1985). Também é possível perceber uma influência da corrente metodológica da esportivização, em que o esporte é uma ferramenta de seleção de talentos e a competição é exacerbada, alinhada aos princípios ideológicos do período, algo marcante nas narrativas das professoras.

Essa abordagem estava alinhada aos princípios ideológicos da época, que valorizavam o desempenho, a obediência e o nacionalismo. A Educação Física, nesse contexto, reforçava não apenas um modelo técnico-esportivo, mas também um projeto político de controle e conformação social.

Tendo analisado o que é retratado no Quadro 4, o CEFET/RN teve atuação de dois grupos de profissionais da área de Educação Física e Esportes na Instituição. Tal divisão corresponde ao período entre 1999 e 2008, quando a Educação Física começou a tensionar seu papel entre a tradição esportivista e as novas demandas sociais. Dois movimentos que, analogicamente, se assemelham com o que Gonçalves (2012) considerou como a especialização e a integração. Para ela, a Educação Física deveria se preocupar com uma visão de homem como unidade, e tal perspectiva, no meu entendimento, refletiria o que vem se desenhando atualmente no IFRN na disciplina: a junção desta divisão. Recorro à afirmativa da autora:

A visão do homem como unidade que se relaciona dialeticamente com o mundo permite uma concepção do movimento humano que pode tornar-se o movimento integrador, que dará um sentido teórico-prático à especialização e, ao mesmo tempo, será a ponte para a interconexão entre as ciências que estão

⁴³ Ao acessar alguns diários de Educação Física e Esporte, no arquivo do IFRN/CNAT, constatei que apenas em 1978 é que encontro diários com relações nominais de mulheres, embora já houvesse alunas desde o ano de 1975.

na base da Educação Física (Gonçalves, 2012, p. 141).

Em suma, havia, naquele período, uma divisão entre dois grupos distintos: um de caráter mais prático-instrumental, especialista, que mantém o esporte como eixo central de sua prática pedagógica, numa perspectiva mais competitiva; e outro de abordagem teórico-prática (unicidade entre a especialização e a integração), que amplia a finalidade da Educação Física e Esporte de ordem crítica e progressista, que consideram a cultura de movimento como conteúdo a serem ministrados pela área de Educação Física e Esporte, além de: ginásticas, danças, lutas, jogos, caminhadas, entre outros. Dessa forma, essa segunda vertente amplia as possibilidades de ação educativa e de unicidade das práticas da Educação Física e Esporte e seu princípio educativo, aqui despontando as abordagens crítico emancipatória (Kunz, 1994) e a crítico-superadora (Coletivo de autores, 1992).

As correntes metodológicas desse período se alinham à Educação Física renovadora, que critica o modelo tradicional e incorpora abordagens críticas, como as perspectivas crítico-superadora e emancipatória - amplamente discutidas na literatura da área e neste estudo. Essa transformação é acompanhada pela valorização de práticas diversificadas como expressão cultural, fundamentada nas contribuições teóricas de autores como Daólio (2003), Bracht (2005), Moreira (2012), Darido (2003), entre outras/os.

Esse contexto reflete um momento histórico de redemocratização do Brasil, marcado pela promulgação da Constituição de 1988, que trouxe avanços nas discussões sobre os direitos humanos e a inclusão social. Na Educação Física e Esporte, observa-se o surgimento de teorias pedagógicas críticas, que refletem as transformações sociais em andamento, assinalando uma ruptura com os paradigmas anteriores e a construção de uma prática educativa mais reflexiva e plural.

No IFRN, esta realidade foi intensificada e houve continuidade às tendências e movimentos críticos e reflexivos, utilizando-se dos conteúdos da cultura de movimento, com o fim de oportunizar um maior leque de vivências as/aos discentes em suas mais variadas vertentes. Essa perspectiva contrasta com os períodos anteriores (como o militarista ou esportivista), demonstrando uma transformação paradigmática na Educação Física e Esporte do IFRN.

A Educação Física e Esporte no IFRN reflete as demandas do século XXI, caracterizadas pela valorização da diversidade, das questões ambientais e da saúde integral. Esse enfoque está alinhado ao contexto histórico contemporâneo e à expansão da educação técnica e tecnológica, consolidada pela Lei nº 11.892/2008, que ampliou a Rede Federal de

Educação Profissional e Científica com base nos princípios de formação humana integral.

Nessa perspectiva, a área prioriza a integração entre esportes, cultura de movimento, lazer e qualidade de vida, adotando metodologias que enfatizam uma abordagem holística. Tais práticas visam ao bem-estar e à formação plena das/os estudantes, agrupando desde atividades tradicionais até modalidades inovadoras, como *parkour*, escalada e esportes de aventura. Essa diversificação não apenas amplia o repertório corporal, mas também reforça o compromisso com uma educação integral, crítica e harmonizada com as necessidades sociais contemporâneas.

Nas entrevistas das professoras, destaco dois relatos de experiências como alunas, no que diz respeito à abordagem metodológica da Educação Física e Esporte: o primeiro é da professora Chaves (2024) e o segundo, da professora Araújo (2024).

Era algo mais, assim, naquele sistema, de vamos fazer atletismo, o futsal, queimada, então, assim, não me lembro de muitas experiências muito diversas em Educação Física, nesse período, 1 e 2º mesmo, no CEFET não, foi, foi algo muito tradicional, nos moldes tradicionais, essa experiência...[...] Acho que mais esportivista, assim, que tinha o pessoal que ia para os treinos e tal, e era muito assim, meninas que quisessem jogar voleibol e os meninos querem jogar futsal, está de boas, não tinha essas coisas assim, não lembro de aulas teóricas e de conteúdos mais críticos, sabe, era mais eminentemente prático, experiências práticas e experiência não tão diversas (Chaves, 2024).

Não me lembro de nenhum professor conversando sobre princípios metodológicos ou pedagógicos em relação à Educação Física e também não tenho conhecimento, assim, documentalmente falando, qual era o viés que se pretendia costurar aí essas práticas, mas assim, extremamente esportivizante e não consigo fazer um paralelo do que acontece hoje (Araújo, 2024).

Dessa maneira, esse percurso histórico da Educação Física e Esporte enquanto disciplina, e até mesmo hoje, possui uma adaptação dos profissionais da área às novas abordagens no IFRN. Entretanto, o Esporte na perspectiva competitiva se manteve como conteúdo predominante desta disciplina até meados dos anos 2000, como apontado por Chaves (2024), que foi aluna nestes anos, atestando que a competitividade permanecia como um elemento de fundamental importância da área e que em as atuações profissionais no IFRN, nas narrativas das professoras, ressaltam atender a integração entre os esportes, ampliar a cultura de movimento, oportunizar lazer e qualidade de vida.

Ademais, com a elaboração do PPP (IFRN, 2012), passa a se constituir um conteúdo da disciplina de Educação Física escolar⁴⁴, como estruturado no PTDEM da disciplina. Com

⁴⁴ Devido à dualidade de sentido e utilização histórica do termo Educação Física ser considerado esporte, nesta tese estamos considerando o esporte no sentido amplo de práticas, como: lutas, caminhadas,

isso, a prática de modalidades esportivas continua com seu valor na formação das/os discentes, e constituinte de um conteúdo optativo como modalidade esportiva. A prática de modalidades esportivas dá-se com equipes que visam à participação em eventos esportivos, tanto da própria instituição, organizados pelos profissionais da área, como por outros órgãos, quer sejam de nível local, estadual ou nacional.

Na elaboração do PPP de 2012, mais especificamente na Proposta de Trabalho da Disciplina de Ensino Médio Integrado⁴⁵ (PTDEM), as/os professoras/es dialogaram com dois trabalhos de cunho mais crítico ao conteúdo esporte, quais foram: a crítico-emancipatória e a crítico-superadora, de Kunz (1994) e do Coletivo de autores (1992), respectivamente.

Neste período, o esporte institucionalizado tem a premissa de que o corpo “é entendido unicamente como instrumento que quando bem-ajustado pode trazer bons rendimentos, e o movimento é entendido apenas pela sua funcionalidade técnica” (Kunz, 1994, p. 25). Neste estudo, a intenção é despertar nas/os alunas/os que o esporte normatizado apoia-se numa intencionalidade cujo verdadeiro sentido/significado só o professor/técnico conhece. Em virtude disso, as soluções são apresentadas e produzidas em determinadas tarefas motoras, bem como as próprias vivências e experiências adquiridas pelo se movimentar, são aceitas sem o menor questionamento, ou seja, produzem-se indivíduos por meio da prática repetitiva com técnicas pré-determinadas no intuito de obter vitórias.

Na intenção de quebrar e ampliar o leque de conhecimentos e de oportunidades socioculturais em relação ao Esporte, Kunz (1994) lança mão dessa concepção, isto é, com o propósito de que os profissionais de Educação Física e Esporte, no sentido mais amplo, possam ter elementos para a sua prática e, com eles, oportunizar as/aos suas/seus discentes a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados do esporte para a sua vida com uso da reflexão crítica. Por consequência, isso implica em afirmar que o esporte na escola não deve ser apenas praticado, mas também estudado, analisado e refletido.

Ao problematizar o ensino do esporte, Kunz (1994) considera três categorias de fundamental importância para promover um aprendizado do esporte de forma crítico emancipatória, em todas as dimensões do corpo humano, ou seja na dimensão física, psicológica e crítico-social: a) Trabalho - em que devem ser aproveitadas as experiências individuais e coletivas, desenvolvidas e inerentes a cultura de cada indivíduo para trabalhar o conteúdo

danças, jogos, entre outros.

⁴⁵ Na oportunidade, pude colaborar e participar deste processo de elaboração do PTDEM, desde o ano de 2009, quando ainda era professora substituta do CNAT. No ano de 2023, embora afastada para formação, no doutorado do PPGEF, também contribuí em sua atualização.

esporte, isto é, transcender os limites pelas experiências; b) Interação - parte-se do postulado que a/o aluna/o não desenvolve experiências sozinha/o, ou seja, necessita-se de uma interação social para desenvolver as premissas anteriores. Assim, promove-se uma transcendência de limites pela aprendizagem; e, c) Linguagem - as/os discentes devem ser estimuladas/os a competência comunicativa, fazendo uso de questionamentos e incentivos à produção e à fala dos elementos apresentados sobre o conteúdo esporte e processos sociais envolvidos. Promovem, por consequência, uma transcendência de limites criados.

Diante disso, assinalo que a concepção em que se embasa Kunz (1994) é a de que a prática esportiva tem por objetivo promover as/aos discentes um aprendizado do esporte de forma crítico emancipatória em todas as dimensões do corpo humano: física, psicológica, crítica e social. Dessa maneira, essa é umas das correntes as quais procuro trabalhar na Instituição durante as aulas, além da crítica superadora, defendida pelo Coletivo de autores (1992).

Ambas as correntes estão como suporte teórico metodológico da PTDEM de Educação Física e Esporte, com mais ênfase na perspectiva complexa de compreensão corporal, aliadas às dimensões sociais apontadas por Tubino (2001), de uma perspectiva de princípio pedagógico e educativo, defendida por Moreira (2012), Nóbrega (2006, 2015, 2018), Melo (2006, 2020), entre outros. Considero, assim como postulado pelo Coletivo de autores, que “o esporte, como prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal, se projeta numa dimensão complexa de fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica” (1992, p. 70).

Por outro lado, o livro intitulado “Epistemologia, saberes e práticas da educação física”, organizado por Nóbrega (2006), discute as questões epistemológicas da Educação Física a partir do mapeamento do estado da arte, levando-se em consideração as palestras e as questões advindas da área, sendo fruto do I Colóquio Brasileiro sobre epistemologia e Educação Física, realizado na UFRN, em que se coletou a fala dos oito autores os quais realizaram as palestras naquele colóquio.

Em um dos capítulos do livro, de autoria de Nóbrega (2006) e com o título “Corpo e epistemologia” a partir de uma analogia da obra da dança Butoh, há uma discussão acerca do interesse de áreas científicas sobre o corpo humano, bem como da sua materialidade biológica e cultural, na perspectiva de pensar as técnicas de corpo na Educação Física e na Arte. Para Nóbrega (2006, p. 71):

O interesse pelo corpo na Educação Física coloca-se, portanto, como problemática a ser investigada a partir de uma nova perspectiva de conhecimento. Frente à complexidade do contexto social, econômico e

cultural no qual estamos imersos, coloca-se o desafio de uma reflexão epistemológica que considere a diversidade do conhecimento e das práticas sociais.

Essa diversidade de conhecimentos parte do postulado de levar-se em consideração as possibilidades que a corporeidade oportuniza. Assim, ao destacar o texto de Silva (2006), o qual reflete a respeito de alguns elementos metodológicos e teóricos na criação das condições de problematizar o corpo e a corporeidade, entendo que a aproximação da complexidade do corpo e da corporeidade dá-se a partir do pensamento atravessado pela formação discursiva e não discursiva, ou seja, “pensar os saberes do corpo na ordem da diversidade e da diferença, rompendo o projeto positivista que o constitui como objeto” (p. 85-86). Essa premissa faz parte do pensamento de alguns/mas professores/as, a exemplo das entrevistadas, a respeito da perspectiva da Educação Física e Esporte como princípio pedagógico e educativo.

Se para Daólio (2019), a Educação Física passou pelas tendências pedagógicas referenciadas anteriormente, por outro lado, Melo (2006) discutiu e refletiu os conceitos e as contextualizou, a respeito das terminologias assumidas pela área e sua relevância, uma vez que, ao interpretá-las, haverá pontos de divergências e convergências. Segundo Melo (2006, p. 107):

Observamos que nas últimas décadas, a educação física tem sido alvo de reflexões filosóficas, pedagógicas, sociológicas, conceituais, entre outras, que tem proporcionado grandes avanços no sentido de delinear novas intervenções pedagógicas, bem como no fato de situação como área acadêmica a partir da definição do seu objeto de estudo, como evidencia nos trabalhos de Manuel Sérgio, Pierre Parlebas, Kolyniak Filho, Ana Feitosa, Wagner Moreira, entre outros.

Considerando que, o objeto de estudo da área de Educação Física e Esporte, em seu sentido amplo que estou tratando aqui, seja o corpo em movimento, contemporizar a compreensão sobre corporeidade não definirá o conhecimento da área, mas o seu conceito atravessa as referências pedagógicas discutidas por ela, além de que propiciará novas categorias subjetivas na ação pedagógica da Educação Física (Melo, 2006).

Portanto, é preciso considerar este corpo que se interconecta entre natureza e cultura; biológico e social, de maneira que esta dualidade seja dissolvida entre estes domínios, visto que as experiências do corpo mostram a intercambialidade desses campos, vividos concomitantemente, ou seja, não existe biológico sem o social, nem o social sem o biológico.

Pensar o esporte institucionalizado, que é um espaço que normatiza regras e imposições técnicas e morais, contribui para o confronto nos problemas da educação atual, seja informal ou formalmente, assim colaboro o que postula Moreira (2012, p. 27) a respeito de esporte enquanto fenômeno social.

O esporte, entre os fenômenos sociais, é aquele que pode fomentar paixão, desejo, trazer preceitos e deveres para dentro de nós, motivando nossas ações. É o esporte colaborando para o ato educativo e não sendo utilizado com sentido meramente utilitarista de rendimento ou de mascaramento da realidade.

Além dessas compreensões a respeito de esportes, acho conveniente apontar o que consta no nosso Conselho Federal de Educação Física - CONFEF, que, ao abordar sobre sua política institucional, defende o esporte com a perspectiva de “alertar de que o esporte não é um fim em si, um fator, uma ferramenta, um meio para a saúde, formação, bem-estar e desenvolvimento” (CONFEF, 2022, p. 5). Em vista disso, a política intenciona que o esporte atenda aos pressupostos acima apresentados do Coletivo de autores (1992), de Kunz (1994) e de Moreira (2012), numa perspectiva não apenas competitiva, como também crítica, superadora, emancipatória e em toda sua corporeidade.

Por outro lado, também considero os estudos de Lucena (2001), em que o autor trata da introdução do esporte no Brasil, no final do século XIX e início do século XX nas principais cidades, à época, que foram implementadas usando o esporte como meio pessoal e social, bem como a estrutura da sociedade. A tese do autor tem como principal referência os estudos sociológicos de Norbert Elias e sua configuração de um esporte tendo como análise uma sociologia das emoções. Assim, para Lucena (2001, p. 9): “[...] o esporte é aqui considerado como um aspecto da mudança do padrão social a que o indivíduo é submetido, primeiramente, pela restrição externa, e é reproduzido, mais acentuadamente ou menos, no seu íntimo, através de um autocontrole específico”.

Já Goellner (2004), uma autora de significativa relevância nos estudos sobre história e memória do esporte no Brasil, com estudos os quais perpassam, também, a mulher no esporte, considera que:

O esporte é plural e manifesta-se de diferentes maneiras em diferentes culturas e tempos e a essas manifestações agregam-se múltiplos valores. Solidariedade, consagração, celebração, são palavras por demais positivas se pensarmos nas zonas de sombra que também residem no interior do mundo esportivo. Nacionalismos exacerbados, exploração comercial e econômica, corrupção, especialização precoce, doping, violência, discriminação sexual também tem sido temas a fazer parte do cotidiano esportivo mesmo que, por vezes, os minimizemos e busquemos, a todo custo, recuperar a tradição e com ela fazer valer o que do esporte pode ser identificado como promotor de uma humanidade imanente a cada um de nós (Goellner, 2004, p. 03).

A compreensão do esporte para a autora é ampla e atende às novas perspectivas de abordagens nas escolas. Além disso, os estudos da professora Goellner (2003; 2004) são uma referência de fundamental importância nesta pesquisa, pois afora levar em consideração toda a

pluralidade que perpassa o fenômeno esporte, considera, acima de tudo, todas as questões relativas à participação das mulheres neste fenômeno, em especial no nosso país.

Assim, trouxe para as suas marcas o contexto histórico da Educação Física e Esporte na instituição, uma vez que já tendo apresentado as professoras e suas narrativas, neste momento estou a correr com elas, identificando, analisando e comparando os conceitos de que se utilizam na atuação da profissão aqui no IFRN. Assim, juntas, neste processo revisitando o passado e considerando suas experiências, refletindo e dialogando com as principais correntes, que as/os professoras/es do IFRN tem se referendado na trajetória histórica da área e da atuação profissional. A seguir, trarei o momento de prontidão da largada da prova, ou seja, um ciclo da história das práticas de Educação Física e Esportes do IFRN.

3.2 ACELERAÇÃO: UM CICLO DA HISTÓRIA DAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE NO IFRN

Iniciada a corrida, tendo discutido as tendências, contextualizado a história da Educação Física e Esporte e apresentado conceitos sobre esporte, compreensão das protagonistas juntas no processo no IFRN, agora, acelera-se a corrida na intenção do seu desenvolvimento. Nesse contexto, apresento e discuto, a partir do acesso ao acervo do arquivo do IFRN/CNAT, que práticas de Educação Física e Esporte passaram a ser integradas por mulheres considerando as primeiras estudantes a entrarem na instituição na década de 1970.

Antes de abordar a respeito das práticas esportivas pelas mulheres, senti a necessidade de trazer um fato histórico relevante na área de Educação Física e Esporte na instituição: trata-se dos Jogos Estudantis Brasileiros do Ensino Médio - VII JEBEM, realizado na ETFRN no ano de 1972. Esse evento mobilizou toda a cidade de Natal: políticos, jornalistas, médicos, membros do Conselho Escolar da ETFRN, educadores, corpo da elite social do estado, servidoras/es e os professores de Educação Física e Esporte da instituição⁴⁶.

Identifiquei algumas imagens desse evento no acervo do arquivo do IFRN/CNAT, como: coquetéis realizados pela instituição para a comunidade local e os participantes do evento; abertura do VII JEBEM; momentos da realização de algumas das modalidades; e um totem com o *slogan* do evento, implantado no cruzamento da antiga Av. Bernardo Vieira com a Av. Senador Salgado Filho. As imagens abaixo retratam alguns destes momentos encontrados no arquivo do IFRN/CNAT.

⁴⁶ Vale esclarecer que neste ano havia apenas professores homens de Educação Física e Esporte na Instituição.

Imagem 7 - Coquetel de Abertura do VII JEBEM -1972



Fonte: arquivo IFRN/CNAT, fotografia do ano de 1972, captura realizada em 2023.

Neste contexto histórico e institucional retratado pela Imagem 7, datada de 1972, período da institucionalidade ETFRN (1968-1999), a Educação Física e Esporte era marcada pelas correntes militaristas e esportivista (Quadro 4). Portanto, observa-se que o VII JEBEM reflete a importância do esporte como ferramenta de integração social e visibilidade institucional durante a Ditadura Civil-Militar, em que eventos de tais natureza serviam para promover a imagem de ordem e progresso do então governo, usando o esporte como propaganda do regime (Castellani Filho, 2009).

O coquetel de abertura do VII JEBEM deixa evidente o quanto o evento repercute na sociedade natalense da época, reunindo a comunidade interna e externa da escola. A ocasião teve a participação de importantes personalidades da sociedade potiguar, como o jornalista Jota Epifânio e dona Noilde Ramalho. A presença da comunidade externa (como figuras e autoridades locais) revela que o esporte escolar era um veículo de relações públicas para a instituição.

A Imagem 7 nos instiga as seguintes reflexões: no que tange aos elementos visuais, observa-se um cenário composto por quatro mulheres e dois homens, entre elas dona Noilde Ramalho⁴⁷ e a esposa do Dr. Dirceu Holanda (homem branco da imagem, enquanto o homem negro é um jornalista). Não se trata de um simples registro, mas uma astúcia que expõe como o esporte escolar nos anos 1970 era um palco para performatividades sociais e políticas,

⁴⁷ Dona Noilde Ramalho foi uma educadora potiguar que atuava na Escola Doméstica de Natal, onde foi diretora por mais de 50 anos. É uma grande referência de dedicação ao ensino e à educação do estado do RN e do País.

reforçando hierarquias mesmo em momentos de celebração. Fato é que a ausência de atletas com uniformes esportivos no coquetel diferenciava-o das competições, mostrando que o evento era um espaço de relações sociais institucionais, momento em que se materializavam alianças e se legitimava o esporte como ferramenta política, como constatado em Castellani Filho (2009).

Imagem 8 - Rainha dos jogos na abertura do VII JEBEM - 1972



Fonte: arquivo IFRN/CNAT, fotografia do ano de 1972, captura realizada em 2023.

A magnitude destes jogos pode ser observada nesta Imagem 8⁴⁸, quando a rainha dos jogos chega para a abertura, no então estádio Castelão (atual Arena das Dunas), o maior estádio de futebol do Rio Grande do Norte, sendo conduzida em um helicóptero, que está no primeiro plano da imagem. O contexto histórico é o mesmo da Imagem 7, refletindo as questões relativas à Ditadura Civil-Militar e à Educação Física e Esporte como instrumento desse regime.

A imagem nos faz perceber algumas relações de gênero incorporadas à sociedade patriarcal: as três mulheres (sendo a de branco e a de azul as princesas e a terno marrom, a rainha) estão representadas como foco simbólico, um cunho conotativo, de uma função decorativa. A escolha de uma rainha para os jogos tem uma simbologia observada e identificada

⁴⁸ Ficha de catalogação da imagem no verso: chegada da rainha no Castelão. Desfile de abertura do VII JEBEM - 1972. Estádio Humberto Castelo Branco, 1972 (09 a 17/12/1972).

nas narrativas das professoras Ingrid Patrícia e Paula Nunes, ao observarem esta imagem, enquanto “objetificação” do corpo da mulher, reforçando os estereótipos de feminilidade e ao corpo disciplinado (Goellner, 2003), além da passividade, porque não protagonizam ações esportivas, uma vez que se trata de um evento esportivo.

Joly (2012), destaca uma dualidade quando se realiza uma comunicação através da linguagem visual, que é a questão denotativa, seu significado literal, e a significação simbólica, o qual depende do conhecimento cultural compartilhado entre o emissor e o receptor. Diante disso, observo que os homens ao redor assumem papéis ativos: um observa o helicóptero, denotando um controle técnico, e outros olham para as mulheres numa notável relação de vigilância e/ou admiração. O uso de um helicóptero reflete, por um lado, a questão de poder (Ditadura Civil-Militar) e, por outro, a espetacularização do evento, típica do modelo esportivista da ETFRN (como constado no Quadro 4), o que evidencia o papel instrumental da Educação Física e Esporte, auxiliar do projeto de nação do período histórico vivenciado.

Imagem 9 - Realização da Gincana Cultural - 1972



Fonte: arquivo IFRN/CNAT, fotografia do ano de 1972, captura realizada em 2023.

A imagem 9⁴⁹ retrata um momento dos VII JEBEM de 1972, a gincana cultural⁵⁰. A

⁴⁹ Ficha de catalogação da imagem no verso: Alunos participantes do torneio cultural. VII JEBEM. Sala de projeções da ETFRN, 1972 (09 a 17/12/1972).

⁵⁰ A modalidade da gincana cultura era assim denominada, mas deve-se esclarecer não se tratar de uma modalidade

presença da estudante da Escola Técnica do Paraná evidencia a participação de mulheres em um evento predominantemente masculino, já que a ETFRN não contava com alunas na época. A ausência de alunas na ETFRN contrasta com a presença da estudante paranaense, indicando diferenças regionais na inclusão de mulheres no ensino técnico.

É possível observar que a imagem, registrada na sala de projeções da ETFRN, captura um momento de interação ou competição intelectual, possivelmente com aluna/os concentrados em responder as questões. A expressão de concentração e a postura da estudante podem indicar seu engajamento e representatividade como minoria no evento.

Imagem 10 - Totem - slogan do VII JEBEM - 1972



Fonte: Arquivo IFRN/CNAT, fotografia do ano de 1972, captura realizada em 2023.

A imagem 10⁵¹, embora aparentemente simples, constitui um registro valioso da identidade e do clima dos VII JEBEM. O totem, com seu slogan, transcende sua função inicial

esportiva, porém era habitual nos jogos promovidos a nível local e nacional, das Escolas Técnicas (e posteriormente das demais institucionalidades) se ter um momento de gincana cultural, em que era oportunizada uma gincana de conhecimento aos/as alunos/as que não praticavam esportes, a partir de questões que, geralmente, envolviam a temática do evento.

⁵¹ Ficha de catalogação da imagem no verso: Faixa da Escola com *slogan* do VII JEBEM - 1972 (09 a 17/12/1972). Procurei informações a respeito do totem e os/as servidores/as mais antigos relataram nunca terem visto este totem. O livro “Do ensino industrial ao técnico: um ciclo de empreendedorismo no IFRN” dos professores Francisco das Chagas Mariz Fernandes e Severino do Ramo de Brito, também aborda a respeito deste totem, relatando-o como um símbolo de boas-vindas aos jogos, mas não elaboram maiores detalhes a respeito dele.

de ferramenta motivacional: ele se torna um elemento de identidade visual do evento, reforçando a representatividade da instituição perante a sociedade. Segundo Fernandes e Brito (2019), o totem simboliza as boas-vindas aos participantes, agindo como um marco simbólico de acolhimento.

No que diz respeito ao contexto espacial, a imagem foi capturada no cruzamento da Av. Senador Salgado Filho com a Av. Nevaldo Rocha — então o final da rodovia urbana, hoje um dos pontos mais movimentados de Natal. A presença de uma rodovia de barro evidencia a infraestrutura da cidade em 1972, em contraste com seu desenvolvimento posterior. Essa via era crucial para conectar as áreas periféricas ao centro, destacando as disparidades urbanas da época.

Quanto aos elementos visuais, destacam-se: ônibus estacionados, provavelmente de delegações estaduais participantes do evento; um fusca, automóvel típico dos anos 1970, representando a mobilidade urbana da classe média; e pedestres, com ênfase em uma senhora de vestido branco e sombrinha.

Ao considerar a preservação do visual do totem pelo arquivo do IFRN/CNAT, mesmo que seu destino final seja desconhecido, estamos diante de um lugar de memória, conforme os estudos de Pierre Nora em "Entre memória e história: a problemática dos lugares". O totem, ao ser guardado no arquivo, transcende sua materialidade para se tornar um elemento que ancora a memória visual de um evento passado.

Essa ação de resgate e guarda não é meramente um ato de arquivamento, mas um processo ativo de elaboração. A "ciência do passado", nesse contexto, não é uma entidade estática, mas uma construção contínua. Através da preservação desse registro visual, abre-se um diálogo entre o presente e o futuro, permitindo que novos significados emergjam. O arquivo, portanto, atua como um espaço onde a memória coletiva pode ser constantemente revisitada e reinterpretada, assegurando que o passado, em sua representação científica, continue a ter relevância e a ser compreendido sob novas perspectivas.

Ao se compreender o quão significativo foi este totem, por representar um monumento o qual contribuiu na articulação política e social na constituição do parque poliesportivo do IFRN/CNAT, uma vez que, naquele período, o conselho de representantes já vinha estimulando a participação dos alunos em jogos municipais, estaduais e nacionais, cumprindo o estabelecido nos objetivos de formação dos estudantes, integrando o conhecimento das artes, cultura, música, pintura e esporte. Isso foi um fator decisivo para a escolha da ETFRN pelo Departamento do Ensino Médio do Ministério da Educação para sediar o VII JEBEM - 1972 (Fernandes; Brito, 2019).

É importante levar em consideração que, naquele período, houve uma queda de aceitação popular da Ditadura Civil-Militar. Assim, por meio do esporte, o governo percebia uma via de dilação ao regime e, assim, investe massivamente no esporte, como apontado por Pereira (2019, p.76): “somado aos interesses com a aptidão física, o esporte, que recebeu volumosos investimentos do governo, foi considerado elemento importante ao colaborar na melhoria da força de trabalho para o milagre econômico brasileiro”. Ademais, o regime realizava campanhas como a da copa do mundo de futebol, com o *slogan* “Pra frente Brasil”, nessa incessante tentativa de aceitação popular.

Diante de tais circunstâncias, deduzo que os VII JEBEM - 1972 contribuíram como parte de um verdadeiro impulsionador e articulador da conquista dos espaços esportivos hoje existentes no IFRN/CNAT, resguardando que esse fato está inserido dentro de contexto histórico da Ditadura Civil-Militar no Brasil, que investiu significativamente em aparatos esportivos de cunho ideológico, civilizador e disciplinador, uma vez que, no ano de 1975, foram inaugurados o ginásio, a pista de atletismo e o Estádio de futebol da ETFRN e, no ano seguinte, iniciaram-se os jogos internos nesta instituição, sendo sua primeira edição no ano de 1976. Esse parque poliesportivo foi e é um verdadeiro impulsionador na realização de práticas de Educação Física e Esporte e no esporte competitivo no IFRN/CNAT.

Ainda a respeito dos VII JEBEM - 1972, Medeiros (2022) realizou um trabalho em uma exposição virtual, divulgado no Instagram, do arquivo do CNAT (@arquivoifrnecnat), que recupera a história dos jogos brasileiros realizados no ano de 1972: “Como parte da 6ª Semana Nacional de Arquivos, de 06 a 10 de junho, o Arquivo do IFRN/Natal Central realizará a exposição virtual ‘Esporte escolar e identidade institucional: histórias, disputas e conquistas da ETFRN nos VII JEBEM (1972)’” (Medeiros, 2022⁵²).

A autora reporta, por meio desses jogos, com imagens e reportagens, as experiências de profissionais da área da Educação Física e Esporte daquele período. Ademais, faz uso de entrevistas gravadas e filmadas, em que debate o esporte e a Educação Física daquele período com duas professoras que trabalham no IFRN atualmente, a respeito do esporte na instituição e sua importância como meio de formação das/os estudantes.

Após três anos da realização do VII JEBEM - 1972, é inaugurado o ginásio poliesportivo da ETFRN, como pode-se constatar nas Imagens 11 e 12.

⁵² Há quase 50 anos, Natal sediou o evento que foi apontado, à época, como a maior competição esportiva escolar já realizada na cidade. Os VII JEBEM (Jogos Estudantis Brasileiros do Ensino Médio), promovidos pela ETFRN, envolveram 25 escolas técnicas e mais de 1.200 atletas, que competiram em sete modalidades em diversas praças esportivas da capital, no período de 09 a 17 de dezembro de 1972.

Imagem 11 - Jogo de basquete: inauguração do ginásio da ETFRN - 1975



Fonte: Arquivo IFRN/CNAT, fotografia do ano de 1975, captura realizada em 2023.

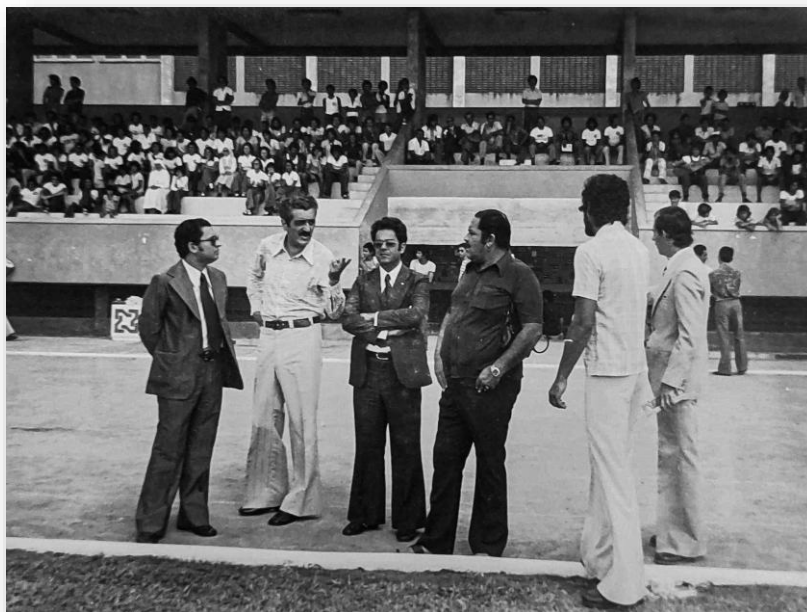
Do ponto de vista visual e simbólico, a Imagem 11⁵³ retrata um jogo de basquetebol masculino, esporte valorizado pela instituição e no país, na época. Sua prática é associada a valores como disciplina e trabalho em equipe — ideais alinhados ao discurso da ditadura civil-militar e promovidos por meio da Educação Física e Esporte na ETFRN. A partida não se resumia a uma competição esportiva, mas funcionava como um ritual de inauguração, em que o esporte servia ao lema "ordem e progresso". A construção do ginásio reforçava seu papel como instituição de excelência, alinhada às políticas nacionais de educação e esporte.

Em 1975, ano do evento, as alunas haviam começado a estudar regularmente na instituição, mas ainda não existiam equipes de basquete para elas — um reflexo das desigualdades de gênero no esporte e na educação técnica da época.

Apesar da baixa qualidade da imagem, é possível observar uma plateia numerosa, indicando a relevância do evento para a comunidade escolar e local. Embora não se identifiquem autoridades presentes, a magnitude da ocasião sugere sua provável participação.

⁵³ Ficha de catalogação da imagem no verso: Alunos na modalidade de basquete. Inauguração do ginásio de esportes da ETFRN, 23/09/1975.

Imagem 12 - Inauguração do estádio de futebol da ETFRN -1975



Fonte: arquivo IFRN/CNAT, fotografia do ano de 1975, captura realizada em 2023.

As imagens 11 e 12⁵⁴, de 23 de setembro de 1975, inauguração do ginásio poliesportivo e do estádio de futebol, respectivamente, sugerem um evento integrado para destacar a infraestrutura esportiva da ETFRN.

Os elementos visuais e simbólicos identificados na imagem 12 são compostos por: prof. Arnaldo Arsênio (Diretor Geral) e professores em primeiro plano, que simbolizam a hierarquia institucional e o alinhamento com as políticas governamentais, em que se observa uma composição na imagem com o diretor ao centro, ladeado por docentes, refletindo a estrutura de poder da instituição da época.

Em contrapartida, na plateia, observa-se a presença de estudantes e moradoras/es locais na arquibancada, demonstrando o caráter comunitário do evento, além do papel da ETFRN como espaço de integração social. Pode-se inferir, também, que as vestimentas formais (paletós, vestidos) indicam a formalidade do ato inaugural.

A partir da análise das fontes imagéticas, complementada pela consulta a documentos institucionais (como boletins e portarias do acervo do IFRN/CNAT) e por dados extraídos de jornais locais da época, realizei um cruzamento dessas fontes para elaborar o Quadro 5. Este

⁵⁴ Ficha de catalogação da imagem no verso: Diretor da Escola - Arnaldo Arsênio. Professores e visitantes. Inauguração do campo de futebol da ETFRN, 23/09/1975.

quadro busca reconstituir cronologicamente os jogos internos do IFRN/CNAT no período de 1975 a 2024, com um enfoque particular na participação das mulheres na área de Educação Física e Esporte no IFRN, numericamente e qualitativamente.

Quadro 5 - Cronologia dos jogos internos realizados nas institucionalidades ETFRN, CEFET/RN e IFRN no IFRN/CNAT

Números JI	Ano	Números JI	Ano
1º	1976	24º	1999
2º	1977	25º	2000
3º	1978	26º	2001
4º	1979	27º	2002
5º	1980	28º	2004
6º	1981	29º	2005
7º	1982	30º	2006
8º	1983	31º	2007
9º	1984	32º	2008
10º	1985	33º	2009
11º	1986	34º	2010
12º	1987	35º	2011
13º	1988	36º	2012
14º	1989	37º	2013
15º	1990	38º	2014
16º	1991	39º	2015
17º	1992	40º	2016
18º	1993	41º	2017
19º	1994	42º	2018
20º	1995	43º	2019
21º	1996	44º	2022
22º	1997	45º	2023
23º	1998	46º	2024

Fonte: elaboração própria (2024), a partir do confronto dos dados das portarias, boletins e das imagens acessadas no arquivo do IFRN/CNAT.

A constituição desse percurso quantitativo da história dos Jogos Internos se deu pelo confronto entre imagens do acervo do arquivo do IFRN/CNAT e portarias de organização dos jogos internos do portal do site oficial do IFRN/CNAT, na aba “atos administrativos”⁵⁵. Então elaborei o Quadro 5 e apresento algumas fotografias para registrar a história dos jogos internos, fato de relevância na tessitura desse ciclo histórico.

Para Fernandes e Brito (2019), com a Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, e adesão da escola em formar parceria com alguns Colégios de Natal, houve mais acesso de alunas a instituição, sendo que a partir de 1975, segundo Pegado (2006), acontece a primeira matrícula de uma aluna na ETFRN.

O ingresso aconteceu devido à sua transferência, uma vez que seu pai era militar, portanto, a instituição se viu compelida a aceitar a matrícula da referida aluna, denominada Nelma S. Marinho de Bastos, do curso técnico de Edificações. “Essa realidade permitiu que, a partir de 1976, fossem abertas vagas para estudantes de ambos os sexos nos diversos cursos ofertados pela Instituição” (Fernandes; Brito, 2019, p. 126).

Pode-se observar a repercussão da inclusão das mulheres alunas na instituição nos jornais de grande circulação da época, a exemplo d’O Poti, que no dia 7 de dezembro de 1975, emite a nota retratada na Imagem 13, a respeito do processo seletivo para o ano de 1976, em que 600 mulheres se inscreveram para esta seleção. Trecho da manchete, constando a seguinte redação:

O teste de seleção, que será realizado na Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte, nos dias 3, 4 e 5 de janeiro, terá uma conotação diferente. Desta vez aproximadamente 600 mulheres se inscreveram, para disputarem vagas com mais de 1600 alunos. Pela primeira vez a Escola Técnica abre vagas para mulheres, a exemplos de outras do sul do país.

A frequência de alunos na Escola Técnica começou no ano passado, quando se firmaram convênios entre a Escola e vários colégios da cidade. Estes convênios visam a intercomplementariedade de cursos de auxiliares técnicos, em desenhista de arquitetura, de instalações elétricas, de instalações hidráulicas e torneiro mecânico. [...]

A época que não tinham mulheres na ETFRN, era normal surgirem certas reações inesperadas, como assovios sempre que algumas alunas de outros colégios iam vender ingressos de festas (O Poti, 1975).

⁵⁵ Na época da pesquisa, realizada no dia 15 de fevereiro de 2023, o site oficial do IFRN/CNAT estava no seguinte endereço: <https://portal.ifrn.edu.br/campus/natalcentral/atos-administrativos>.

Imagem 13 - Captura de tela do Jornal “O Poti” - 1975



Fonte: Captura de tela do Jornal “O Poti” (07/12/1975), edição 02095(2), 2025. (1º acesso dia 28/08/2023; 2º acesso: 24/06/2025).

A manchete apresenta um tom machista, pouco destaque ao processo de inclusão e tece comentários desnecessários, sob meu ponto de vista, ao abordar os assovios que os meninos realizavam ao verem meninas na Instituição. Outro destaque descontextualizado é a falta de conhecimento de como se deu a entrada da primeira aluna, sem falar a ausência da menção ao aspecto legal da Lei nº 5.692/1971, como se o acesso das mulheres fosse mérito exclusivo do Diretor Geral.

Após o acesso das alunas na Instituição, têm-se os primeiros registros, identificados no arquivo do IFRN/CNAT, de alunas participando de práticas esportivas e dos Jogos Internos.

Imagem 14 - Competição de atletismo - 1978



Fonte: Arquivo IFRN/CNAT, imagem datada pelo arquivo do IFRN/CNAT de 1978, captura realizada em 2023.

A Imagem 14 reflete que a instituição consolidava sua infraestrutura esportiva após as inaugurações de 1975 (pista de atletismo, ginásio e estádio), refletindo o investimento em educação técnica aliada ao esporte.

Nos elementos visuais e interpretativos, observa-se cinco corredoras em ação, provavelmente em prova de velocidade (100m, 200m ou 400m), pela disposição nas raia e ausência de barreiras, em que a atleta em primeiro plano (raia 1), à frente das demais, sugere um momento decisivo da prova (final ou virada), destacando a competição acirrada.

Na imagem, notam-se uniformes simples: shorts, camisetas, tênis ou sapatilhas de corridas (não se sabe ao certo), mas também algumas sem calçados, denotando fragilidade em equipamentos esportivos, algo que revela limitações materiais ainda existentes na atualidade. Na plateia, uma arquibancada lotada e espectadoras/es próximos à pista indicam o interesse da comunidade escolar pelo evento, possivelmente uns jogos internos, um JERNs ou outra competição.

O simbolismo da imagem é raro e valioso, pois apresenta mulheres em ato competitivo no atletismo da ETFRN em 1978, período em que o esporte para mulheres ainda enfrentava barreiras e resistências. Contrasta com a ausência de equipes para mulheres em 1975 (Imagem 11), o que indica uma gradual evolução da participação das mulheres em atividades esportivas na instituição.

Rubio (2011), organizadora da obra “As mulheres e o esporte olímpico brasileiro”, considera que o atletismo escolar nos anos 1970 era um espelho das contradições do Brasil: entre o discurso de inclusão pelo esporte e as barreiras materiais e culturais enfrentadas pelas mulheres, como foi a situação de Aída dos Santos em participação nos Jogos Olímpicos de 1964, única mulher brasileira nos jogos e na modalidade (Rubio, 2011).

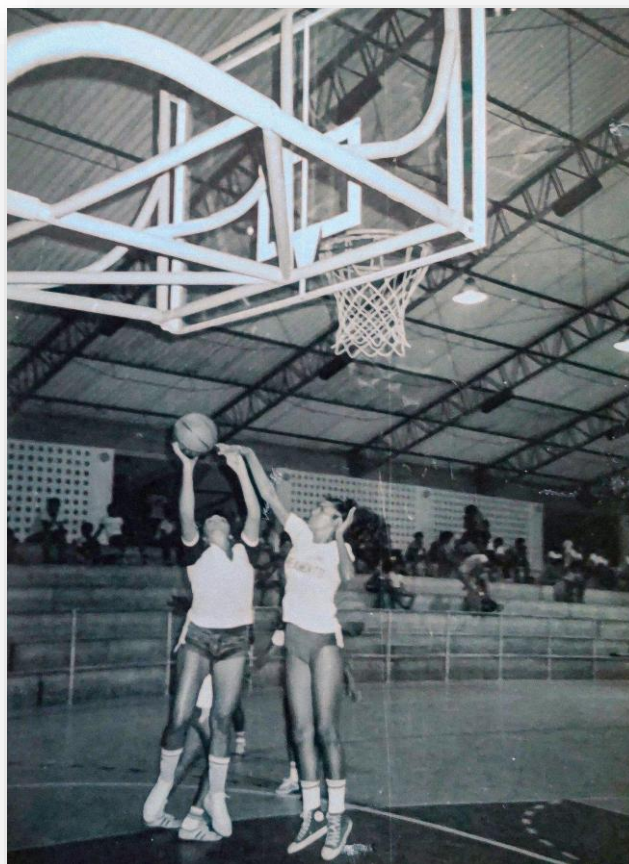
Dentre as diversas imagens identificadas no acervo do arquivo do IFRN/CNAT e do acervo pessoal da pesquisadora a respeito da participação das mulheres em práticas de atividades de Educação Física e Esporte, destaco mais três imagens (15, 16 e 17) do período compreendido entre 1979 a 1999, marcado por transformações na instituição (de ETFRN para CEFET/RN) e na sociedade brasileira (redemocratização, constituição de 1988, políticas de gênero, entre outras).

Imagem 15 - Tênis de mesa nos IV Jogos Internos - 1979



Fonte: Arquivo IFRN/CNAT, fotografia datada pelo arquivo do CNAT de 1979, captura realizada em 2023.

Imagem 16 - Basquetebol feminino nos VII Jogos Internos



Fonte: Arquivo IFRN/CNAT, fotografia datada pelo arquivo do CNAT de 1982, captura realizada em 2023.

Imagem 17 - Basquetebol feminino nos XXIV Jogos Internos



Fonte: Arquivo IFRN/CNAT, fotografia datada pelo arquivo do IFRN/CNAT de 1999, captura realizada em 2023.

A Imagem 15, correspondente aos IV Jogos Internos, em 1979, retrata a fase inicial de inserção das mulheres em modalidades esportivas na ETFRN. Visualmente, percebem-se duplas femininas concentradas, com um árbitro masculino. No que diz respeito aos uniformes, percebe-se que são simples (camisetas, shorts e tênis).

Essa modalidade foi uma das poucas em que as mulheres não foram impedidas de participar, em consonância com o Decreto nº 3.199/1941 (como proibições de esportes “incompatíveis com a natureza feminina”; lista de modalidades que eram permitidas às mulheres; e justificativas pseudocientíficas sobre as capacidades físicas da mulher).

A Imagem 16 retrata os VII Jogos Internos, em 1982 – quando basquete de mulheres já estava consolidado com equipes por cursos (Edificações x Saneamento), fato observado na narrativa da professora Sônia Cristina, ao relatar ter ido estudar na instituição para participar da equipe de basquete. Na época, o professor desta modalidade da ETFRN também era responsável pela equipe da seleção do Rio Grande do Norte.

Observa-se uma clara disputa de bola entre duas atletas, no garrafão e subindo em bandeja para a cesta, em uma evidente demonstração de técnica apurada da modalidade, em uma analogia aos estudos de técnicas corporais de Marcel Mauss (2003).

As/os torcedoras/es na arquibancada comprovam o envolvimento da comunidade escolar. Existe uma nítida indicação da institucionalização do esporte para as mulheres, uma vez que se tem equipes organizadas por cursos (Edificações x Saneamento), em um contraste com a Imagem 11 (1975), em que só havia o basquete masculino.

A Imagem 17, dos XXIV Jogos Internos, revela integração entre servidoras (professoras e técnicas) e alunas, refletindo a socialização entre as categorias. Visualmente, identificam-se as servidoras: Sônia Cristina, Ana Kátia, Edna Evaristo e Glacia. A arquibancada vazia pode acontecer devido ao formato ou horário do jogo. Os uniformes coloridos (vermelho e verde) e a participação das servidoras são uma nítida referência à quebra da hierarquia institucional promovida pelo esporte ou no momento da disputa.

Imagem 18 - Portaria nº 180/2004-DG/CEFET-RN

BOLETIM DE SERVIÇOS DO CEFET-RN
NÚMERO: 05 ANO: 2004

FRANCISCO DAS CHAGAS DE MARIZ FERNANDES
Diretor Geral

PORTARIA Nº 180/2004-DG/CEFET-RN **Natal(RN), 26 de maio de 2004.**

O DIRETOR DA UNIDADE SEDE DO CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DO RIO GRANDE DO NORTE, usando das atribuições que lhe foram conferidas através da Portaria nº 084/2004-DG/CEFET-RN, datada de 15 de março de 2004, publicada no Diário Oficial da União de 22 de março de 2004,

CONSIDERANDO

o que consta no Memº nº 021/2004 - NUAD, datado de 26 de maio de 2004,

RESOLVE:

DESIGNAR as comissões abaixo relacionadas para, sob a orientação da Coordenação Geral, tomarem todas as providências necessárias à realização dos 28º Jogos Internos – 2004, da Instituição.

I – COORDENAÇÃO GERAL:

- Prof. Dennis Fernandes Lisboa

II – COMISSÃO TÉCNICA:

- Coordenadora da Comissão Técnica - Profa. Zelma Wanderley de Farias Ribeiro
- Coordenadoras da Comissão de Abertura – Profa. Edna de Oliveira Evaristo e Maria Leonor de Araújo Moura
- Coordenadora da Comissão Administrativa – Profa. Sônia Maria de Moura Damasceno
- Coordenadores da Comissão Disciplinar – Profs. Wharton Martins de Lima, Nilson Cavalcanti Pinto e Sônia Maria de Moura Damasceno
- Coordenador da Modalidade Esportiva Atletismo – Prof. José Amóbio de Araújo Filho
- Coordenador da Modalidade Esportiva Handebol – Prof. Fábio Luiz Fernandes Lisboa
- Coordenadores da Modalidade Esportiva Futsal – Prof. Nilson Cavalcanti Pinto e Luiz Guerra da Costa Machado

28

BOLETIM DE SERVIÇOS DO CEFET-RN
NÚMERO: 05 ANO: 2004

- Coordenadoras da Modalidade Esportiva Voleibol – Profa. Betânia de França Aires e Gizelda Lúcia dos Santos Maia
- Coordenador da Modalidade Esportiva Natação – Prof. Raimundo Antônio Gomes Dourado
- Coordenador da Modalidade Esportiva Karatê – Prof. José Henrique de Souza
- Coordenador da Modalidade Esportiva Judô – Prof. Fábio Romano Freire
- Coordenador da Modalidade Esportiva Xadrez – Prof. João Holanda Cavalcante

DÊ-SE CIÊNCIA, PUBLIQUE-SE,
CUMPRE-SE E REGISTRE-SE.

ENILSON ARAÚJO PEREIRA
Diretor da Unidade Sede

A referida portaria foi publicada pelo prof. Enilson Araújo Pereira, Diretor da Unidade-Sede de Natal (como era denominado o CNAT), no dia 31 de maio de 2004. Observa-se, nesta portaria, seis mulheres designadas na comissão técnica dos jogos, sendo elas: Profa. Zelma Wanderley de Farias Ribeiro, coordenadora da comissão técnica; as professoras Edna de Oliveira Evaristo e Leonor de Araújo Moura, coordenadoras da comissão de abertura; a técnica administrativa Sônia Maria de Moura Damasceno, coordenadora da comissão de administração; e as professoras Betânia de França Aires e Gizelda Lúcia dos Santos Maia (professora que foi entrevistada neste trabalho), coordenadoras da modalidade esportiva voleibol. Trata-se da 28ª edição dos jogos. A comissão técnica era composta das/os suas/seus coordenadoras/es por área, indo desde a administração, passando pelas modalidades esportivas, entre outras.

A análise das imagens, dos boletins e das portarias que acessei no acervo do arquivo do IFRN/CNAT propiciou uma convergência dos dados e a consequente montagem da estrutura do Quadro 5, com a história do quantitativo de Jogos Internos do IFRN/CNAT nas diversas institucionalidades desde a década de 1970, com sua primeira edição no ano de 1976 e a última analisada em 2024⁵⁶, a quadragésima sexta edição. Naquela primeira edição, dispunha-se do estádio de futebol, da pista de atletismo e do ginásio. Não consegui identificar quais modalidades esportivas foram realizadas em suas edições.

No ano de 2003, não foram realizados os Jogos Internos. Segundo relato em reunião administrativa, de colegas professoras/es de Educação Física e Esporte, isso aconteceu por falta de recursos financeiros, em período difícil, saindo do governo Fernando Henrique Cardoso e entrando no governo Luiz Inácio Lula da Silva. Nos anos de 2020 e 2021, os Jogos Internos não ocorreram devido à pandemia COVID-19 (infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2) e o desenvolvimento exclusivamente remoto das atividades.

Considerando o exposto nesta subseção, pude fazer inferências sobre algumas situações em relação à participação das mulheres/alunas e servidoras nas práticas esportivas. A primeira delas é que, com a inserção das alunas no ano de 1975 e com os primeiros Jogos Internos em 1976, encontrei imagens de alunas competindo a partir de 1978, ou seja, dois anos após o início dos jogos internos; em segundo lugar, tem-se que a participação das mulheres é enaltecida mais nas aberturas dos jogos do que na realização das modalidades, na ação dos jogos, uma vez que houve dificuldades de encontrar imagens e matérias, nos jornais e nos boletins da instituição, que enalteçam a ação das mulheres. Porém, a valorização de situações

⁵⁶ No ano de 2024, houve a quadragésima sexta edição, apesar de ter fechado o quadro quando produzi um artigo que foi apresentado em evento e publicado em um livro, frutos do III EPEF/IFRN, fiz a atualização em 2024 para esta tese.

como a rainhas dos jogos é latente, até mesmo antes dos jogos internos, como foi o caso dos VII JEBEM - 1972, estudado e analisado; por último, é válido perceber que as professoras começaram a aparecer nas portarias de organização dos jogos internos apenas no início da década de 1980. Na década de 2000, as mulheres professoras já estavam no patamar de 50% em relação aos professores, especialmente em participação na organização dos jogos internos.

A seguir, abordarei a manutenção da prova, nesta jornada compartilhada na pista, cada uma em sua raia, ou seja, considerando as fontes: leis, decretos nacionais e normativos da instituição, dialogando com as autoras e os autores já referendados, e analisando a história do esporte na educação técnica e profissional da ETFRN ao IFRN, de como se deu o trato da compreensão pelas professoras e pelos professores de Educação Física e Esporte desse processo para fortalecimento de suas atuações profissionais na instituição.

3.3 MANUTENÇÃO: BASE ORGANIZACIONAL, REGULAMENTAÇÃO E NORMAS DA INSTITUIÇÃO

Iniciado o processo da corrida, sua saída e a corrida inicial, chega o momento de manter o máximo da velocidade da prova. Para isso, abordarei a base organizacional, regulamentação e normativo sobre a mulher e esporte no país e no ensino técnico e profissional, da ETFRN ao IFRN, a partir da pesquisa documental, e suas consequências como princípio pedagógico e educativo, numa perspectiva de Educação Integral.

A discussão será realizada através da relação das/os autoras/es que tratam sobre a mulher e o esporte, dialogando e discutindo essa base legal, além dos documentos do acervo do arquivo do IFRN/CNAT sobre os normativos da instituição, a partir do acesso ao *drive* do arquivo do IFRN/CNAT, dando subsídios ao entendimento do objeto de estudo **as memórias e as trajetórias narradas pelas professoras de Educação Física e Esporte no IFRN**.

Inicialmente, apresento duas leis: Decreto nº 3.199 de 14 de abril de 1941, publicado como capítulo da obra do livro digital (e-book)⁵⁷, e a Lei nº 5.692 de 11 de agosto de 1971, publicado na revista *caderno pedagógico*⁵⁸.

O Decreto nº 3.199/1941 teve como ementa “Estabelecer as bases de organização dos desportos em todo o país” (Brasil, 1941) e será apresentado e discutido a partir do Quadro 6.

⁵⁷O artigo intitulado “Interdição de mulheres em modalidades esportivas”, de autoria de Francinaide de Lima Silva Nascimento, Ivana Lúcia da Silva e Von Klaus Dantas Bezerra foi publicado como capítulo da obra do livro digital (e-book) *Sociedade em Foco: Explorando as Ciências Sociais*, ISBN 978-65-85284-17-2 e DOI 10.5281/zenodo.10429784. Código do Trabalho: DOI <https://doi.org/10.5281/zenodo.10429784>.

⁵⁸Batista, AC, Medeiros Neta, OM de, Silva, IL da, & Bezerra, VKD (2024). A Lei nº 5.692/71 em seu contexto de produção. *Caderno Pedagógico*, 21 (3), e3375. <https://doi.org/10.54033/cadpedv21n3-179>

Quadro 6 - Elementos jurídicos do Decreto nº 3.199/1941

Instrumento	Significado
Título	Decreto nº 3.1999 de 14 de abril de 1941.
Ementa	Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país.
Autoria	Presidência da República e Ministro da Educação e Saúde
Objetivo	Em seu “Art.1º Fica instituído, no Ministério da Educação e Saúde, o Conselho Nacional de Desportos, destinado a orientar, fiscalizar e incentivar a prática, dos desportos em todo o país”.
Motivo de criação do Decreto	Regulamentar o esporte no país através do Conselho Nacional dos Desportos e dos Conselhos Regionais de Desportos, regulando ações esportivas de confederações, federações, ligas e associações desportivas, descritas a partir do Art. 9º.
Fechamento	Através do “Art. 61. Este decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, ficando revogadas as disposições em contrário”, assinam o presidente da república e o Ministro da Educação e Saúde.

Fonte: elaboração própria, com base no Dec. 3.199/1941 e Stamatto (2012).

Os elementos do decreto são fortalecidos no princípio que Stamatto (2012, p. 281) aponta ao afirmar:

A norma contempla ações que agem em uma dada realidade. Pode fomentar ou coibir ações sociais. Nesse sentido, ressaltamos também que se, por um lado, há proibições, censuras, cerceamentos constituídos nas ações legalmente regulamentadas; por outro, existe o incentivo fiscal, a isenção de impostos, prêmios, concursos, financiamentos, estímulos a determinadas ações e finalidades que orientam políticas educacionais. A lei normatiza e direciona ações do poder instituído; limita poderes discricionários; permite e delimita ações de agentes sociais; garante direitos e cria possibilidades para ação de indivíduos e grupos sociais.

Em analogia à premissa revelada por Stamatto (2012) a respeito das normativas educacionais no contexto brasileiro, presumo que o acesso das mulheres às práticas esportivas - especialmente em modalidades competitivas - enfrentou significativos retrocessos. Tanto na condição de praticantes quanto como treinadoras e gestoras do esporte, as mulheres encontraram barreiras sistêmicas que se estenderam até mesmo ao campo científico. Esses obstáculos foram marcados por profundos preconceitos, exigindo constante superação de desafios tanto na esfera profissional quanto pessoal.

Constatei algumas questões a respeito do que o Decreto nº 3.199/1941 acarretou às mulheres esportistas no país, como:

1) Nos artigos analisados, observou-se que durante o período de vigência do decreto, há registros do seu descumprimento em múltiplas oportunidades. Apesar de o decreto proibir a prática de algumas modalidades esportivas pelas mulheres, existiu uma grande resistência e

violação por parte delas, que continuaram a realizar muitas modalidades, repercutindo, por exemplo, na participação das mulheres nas modalidades de futebol e futsal no país;

2) Embora a revogação tenha ocorrido desde o final da década de 1970, os resquícios de tal proibição dão-se até o contexto atual, devido aos valores culturais agregados e originados da sociedade patriarcal na qual estamos inseridas/os;

3) Identifiquei que a maioria dos artigos, mais especificamente seis dos sete analisados, tratam a respeito das modalidades esportivas do futebol e futsal. Logo, relaciono tal constatação ao fato de que esta modalidade é a que mais sofreu e sofre preconceito em relação à prática pelas mulheres. Portanto, as consequências da proibição nestas modalidades são mais intensas até os dias atuais e repercutem-se nas questões de atuação profissional, pessoal e de gestão no futebol e futsal para mulheres;

4) Por fim, ressalto, que a revista “Movimento” (2022) é uma excelente fonte de referência aos estudos de mulheres e esporte no país.

Destaco, ainda a respeito desse Decreto nº 3.199/1941, o artigo da autora Grespan (2015, p. 369), ao afirmar:

[...] existem mulheres indiferentes às convenções sociais que se sentem seduzidas e desafiadas a aderir à prática de modalidades consideradas masculinas, seguindo a carreira como lutadoras, se apropriando e conferindo novos significados a esse território ainda tão marcado pela hegemonia masculina.

Ao tratarem sobre a representação de feminilidade de lutadoras, as autoras destacam que a sociedade, de modo geral, acha mais admissível que sejam coadjuvantes em algumas modalidades esportivas, atuando em esportes que preconizam a beleza e a graciosidade, características geralmente consideradas femininas, entretanto a transgressão aos padrões estabelecidos na sociedade leva a conquistas de espaços e até mesmo a quebra de normas limitantes, a exemplo do referido decreto.

Por outro lado, deve-se considerar o contexto social de sua imposição: a sociedade primava por práticas corporais as quais valorizassem a moral e a disciplina, a partir dos pressupostos da eugenia e saúde, na intenção de que o Estado mantivesse o controle de hábitos e comportamentos sociais de homens e mulheres. Castellani Filho (2009) é um crítico ferrenho da valorização eugênica de raça e da submissão ao papel que as mulheres deveriam desempenhar na sociedade.

Tal postulado também é palco de discussão de Souza (2007). Essa concepção médico-eugênica age como fundamento para a implantação deste decreto, relativo aos cuidados

corporais, à alimentação, ao trabalho, ao ócio, aos cuidados dos filhos, entre outros. Porém, a sociedade vai instituindo novos princípios e as mulheres são cada vez mais ativas em suas necessidades pessoais, sociais e familiares, de maneira a conquistar espaços na sociedade.

Esse decreto foi revogado apenas em 1979, a partir da deliberação do Conselho Nacional de Desporto - CND de número 10. Segundo Castellani Filho (2009), essa revogação se deu devido a uma situação específica na modalidade do Judô, em que o diretor da confederação brasileira troca os nomes das atletas femininas por nomes masculinos, ensejando, dessa maneira, a revogação da interdição de algumas práticas esportivas de contato pelas mulheres.

Algumas questões relacionadas à Educação Física e Esportes permanecem inalteradas ou apenas readequadas ao contexto histórico e social, a exemplo da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, que estabeleceu as diretrizes e bases da educação para os primeiros e segundos graus da década de 1970 e da década de 1980, instituindo a profissionalização do ensino do 2º grau de maneira compulsória e universal, sendo relevante destacar que o contexto histórico da implantação desta lei se dá no período dos governos da Ditadura Civil-Militar no Brasil (1964-1985), substituindo a então Lei de Diretrizes e Bases da Educação - a Lei nº 4.024/1961.

A profissionalização compulsória da Educação na Lei nº 5.692/71 alinhava-se ao anseio de um projeto desenvolvimentista, tendo a Educação como mola propulsora para o país tornar-se uma potência econômica, papel forjado a partir do acordo MEC-USAID. Nesse contexto, a Educação Física continuava exercendo o papel, de maneira instrumental, para o aspecto técnico e profissional da Educação, no Ensino de 2º grau. Para Castellani Filho (2009, p. 107):

Teve ela - dada a contundente presença tecnicista nas Leis nº5.540/68 e 5.692/71 - reforçado o seu caráter instrumental, caráter esse que, num primeiro instante, veio a configurar-se no zelar, enfaticamente, pela preparação, recuperação e manutenção da força de trabalho, buscando com esse proceder, assegurar ao ímpeto desenvolvimentista então em voga, mão-de-obra fisicamente adestrada e capacitada.

Assim, seguindo o destino traçado da Educação Física, na Lei nº 5.692/1971, o Art. 7, constitui-se sua obrigatoriedade, porém não há na lei uma instrução sobre incorporação aos currículos escolares, isto é, se ela poderá acontecer por meio de atividades, práticas ou como componente curricular obrigatório, configurando, portanto, uma Educação Física instrumental, pois a ideia era a melhoria da força de trabalho, o auxílio ao projeto nacional e a formação de trabalhadores saudáveis, fisicamente adestrado e capacitados (Castellani Filho, 2009).

Por outro lado, o Decreto nº 69.450/1971 veio regulamentar as normas e princípios

para a Educação Física do país, vácuo deixado pela Lei nº 5.692/1971, em que se validam os objetivos almejados de uma Educação Física como uma prática acessória à educação técnica e profissional da época, confirmando seu caráter de desempenho, de aptidão física e biológica. Além de sua instrumentalização, expostas no Decreto nº 69.450/1971, Art. 1º e no inciso II do Art. 3º, neste último encontravam-se os objetivos da Educação Física para ensino médio ou 2º grau.

II - No ensino médio, por atividades que contribuam para o aprimoramento e aproveitamento integrado de todas as potencialidades físicas, morais e psíquicas do indivíduo, possibilitando-lhe pelo emprego útil do tempo de lazer, uma perfeita sociabilidade a conservação da saúde, o fortalecimento da vontade, o estímulo às tendências de liderança e implantação de hábitos sadios. (Brasil, 1971).

O primeiro parágrafo do Decreto nº 69.450/1971, em seu Art. 1º, ratifica que o planejamento, controle e avaliação devem ser guiados pelo referencial dos aspectos atinentes à aptidão física. Além desta orientação, os artigos subsequentes abordam sobre a adequação curricular, elaboração e execução dos planos de cursos, que eram de responsabilidades dos diretores e professores; da distribuição das sessões semanais, bem como do tempo e da composição das turmas, que deveriam ser compostas do mesmo sexo e mesmo nível de aptidão física; da facultatividade nas atividades: alunos dos turnos noturnos, maiores de 30 anos, prestadores do serviço militar, portadores de afecções congênitas e adquiridas, entre outras; estudantes em competições esportivas oficiais, quer sejam estaduais, nacionais ou internacionais, as quais eram consideradas atividades curriculares regulares para efeito de assiduidade nas aulas, desde que não houvesse prejuízo ao seu desempenho escolar; do ensino superior; e dos recursos financeiros para programas e projetos de Educação Física.

Outro elemento jurídico da área naquele período foi a Lei nº 6.251/1975⁵⁹, que institui as normas gerais do esporte no país e tinha por objetivos o exposto no Art. 5º e nos cinco incisos, que afirmavam:

I - Aprimoramento da aptidão física da população; II - Elevação do nível dos desportos em todas as áreas; III - Implantação e intensificação da prática dos desportos de massa; IV - Elevação do nível técnico-desportivo das representações nacionais; V - Difusão dos desportos como forma de utilização do tempo de lazer (Brasil, 1975).

⁵⁹ Essa lei ficou vigente no período de 08 de outubro de 1975 a 06 de julho de 1993, sendo revogada pela Lei nº 8.672, de 06 de julho de 1993, que por sua vez foi revogada pela lei nº 9.615, de 24 de março de 1998, atual lei vigente que institui o esporte no país e suas atualizações por leis mais atuais, a qual altera alguns artigos específicos.

Os incisos são taxativos no investimento da legislação da Educação Física e Esporte, em que predominavam os aspectos biofisiológicos no entendimento de saúde, instrumentalizada como instrumento ideológico, político e prático para a perspectiva de potência olímpica do projeto de nação da Ditadura Civil-Militar. Porém, o que aconteceu foi uma gradativa crise substancial da área, em especial na esfera escolar, em seus pressupostos teóricos, políticos, metodológicos e pedagógicos (Coletivo de autores, 1992).

A Lei nº 6.251/1975 ainda reconheceu as seguintes formas de esporte: comunitário; estudantil; militar e classista. A lei atribuía ao Ministério da Educação e Cultura (MEC) a elaboração do Plano Nacional de Educação Física e Desporto (PNED), que por sua vez definiria as responsabilidades de atuação em cada órgão, sendo que no estudantil, o qual a instituição estaria inserida, competiria: “Art. 26, “§ 2º O desporto escolar abrange, sob a supervisão normativa do órgão competente do Ministério da Educação e Cultura, as atividades desportivas praticadas nas áreas de ensino de 1º e 2º graus, e será organizado na conformidade das normas a serem estabelecidas por aquele órgão” (Brasil, 1975).

Por outro lado, a Lei nº 6.503, de 13 de dezembro de 1977, institui a Educação Física em todos os graus de ensino no país. Em seu Art. 1º, alínea f, ela diz que “à aluna que tenha prole”, sua prática é facultativa. Para Castellani Filho (2009), esta alínea enseja algumas reflexões a respeito da participação da mulher nas práticas de Educação Física, uma vez que vai ao encontro do que recomenda o Decreto-Lei nº 705/1969, cuja recomendação era da dispensa de cursos noturnos. Dessa maneira, para o autor, o decreto “[...] deixa transparecer o pensamento de que a educação da prole é de responsabilidade única e exclusiva das mães” (Castellani Filho, 2009, p. 65-66).

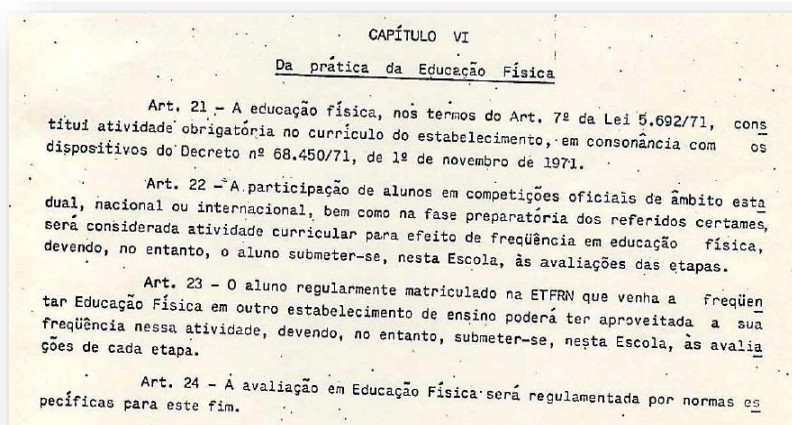
Respeitando o ordenamento jurídico do país, como leis, portarias e decretos nacionais, a Instituição, à época ETFRN, elabora, no ano de 1989, um “Ementário de Legislação do Ensino”⁶⁰ objetivando a consulta à Legislação Federal do Ensino. Os/as professores/as de Educação Física e Esporte poderiam acessar essas orientações (páginas 28 a 32 deste documento), que foi elaborado por meio da Assessoria de Ensino e da Diretora Geral a época, professora Luzia Vieira França.

Ainda nos espaços do arquivo do IFRN/CNAT, tive acesso às organizações didáticas de 1984 e 1985. Nelas, pude identificar, em seu capítulo VI, os regramentos a respeito da prática

⁶⁰ Ementário de Legislação do Ensino, volume 1, elaborado pela Assessoria de Ensino da ETFRN, em julho de 1989. Documento em que tive acesso, a partir da disponibilidade ao drive, pela servidora do arquivo do CNAT, senhora Arilene Medeiros, responsável pelo arquivo.

da Educação Física e Esporte. Observou-se que, não tinha nada que diferísse do ordenamento jurídico do país, nem que apresentasse uma discussão mais detalhada e específica da área, como, por exemplo, discutisse as questões relativas à participação de alunas nas práticas e nos eventos desta disciplina, como é possível constatar nos artigos de 21 ao 24 da Organização Didática de 1984 (Imagem 19):

Imagem 19 - Organização didática: da prática da Educação Física - 1984



Fonte: acervo digital do arquivo do IFRN/CNAT, captura realizada em 2024.

Estes artigos são evidenciados nas pesquisas dos diários que realizei no arquivo do IFRN/CNAT. Neles, pude observar a distinção por sexo e modalidades esportivas. Além disso, durante as entrevistas, as professoras relataram que as práticas corporais da Educação Física e Esporte eram diferenciadas, ou seja, existia uma prática hegemônica de diferenciação entre as alunas e os alunos.

Esta separação entre alunas e alunos das atividades da disciplina é superada a partir das novas conjecturas da área, no contexto da década de 2000 em diante. A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação - Lei nº 9.394/1998, a Educação Física é incorporada como componente curricular, de forma que Instituição passa a seguir o que preceitua a lei, implementando-a no seu novo PPP, de 2012, a partir da PTDEM de Educação Física e Esporte.

A mais recente normativa sobre o assunto, a Lei nº 14.597, de 14 de junho de 2023, institui e normatiza a lei geral do esporte no país. Em seu Art. 1º, § 1º, “Entende-se por esporte toda forma de atividade predominantemente física que, de modo informal ou organizado, tenha por objetivo a prática de atividades recreativas, a promoção da saúde, o alto rendimento esportivo ou o entretenimento” (Brasil, 2023).

Tomando-se como referência este parágrafo constata-se que o esporte recebe regulamentação informal ou formalmente para as atividades recreativas, promoção da saúde, o esporte de alto rendimento e de entretenimento, porém não há referência para o esporte da escola. A estrutura desse artigo aproxima-se ao que as/os autores da área atualmente primam em suas atuações profissionais, mas há lacunas significativas como esta questão do esporte na/da escola.

Por outro lado, existe nos artigos 17; 18; 31; 39; e 49 da Lei nº 14.597/2023, referências ao esporte educacional. Para o Art. 17, cabe a competência de destinar recursos para programas que visem a manutenção e desenvolvimento do esporte educacional. No Art. 18, destaca-se a questão das competências dos municípios em destinar recursos para manutenção do esporte educacional. O Art. 31 esclarece a quem compete o uso das bandeiras, dos lemas, dos hinos e dos símbolos olímpicos e paralímpicos e exprime permissões, para tal quando for relativo à formação esportiva, em especial ao esporte educacional. O art. 39 é relativo à destinação que o poder público destine recursos na intenção da fomentação da prática esportiva, dando prioridade ao esporte educacional. Por fim, o art. 49 relaciona os recursos destinados do Fundesporte.

No que concerne às mulheres, identifiquei cinco artigos na Lei nº 14.597/2023, que regimenta casos específicos para elas, que são: Art. 3º, § 3º; Art. 36, incisos: IX, XI; Art. 86, § 10; Art. 87; Art. 201, § 7º. O Art. 3º, ao instituir que o acesso as múltiplas e variadas manifestações às práticas esportivas é direito de todos, entendo que todos refiram-se a todas/os/es. Porém, existe uma especificidade no § 3º relativo ao direito à mulher, de que em qualquer idade, elas poderão participar em todas as categorias esportivas, podendo exercer funções de direção, supervisão e decisões na Educação Física, nas atividades físicas e no esporte, quaisquer que sejam suas intenções: se recreativas, promoção a saúde ou do esporte de alto rendimento. Porém, como visto na análise do Decreto nº 3.199/1941, há dificuldades culturais e estruturais para o exercício de tais funções.

Caso este parágrafo (§ 3º, Art. 3º da Lei nº 14.597/2023) consiga ser implementado em sua íntegra, na *práxis*, na realidade do cotidiano, se fará justiça social, por meio de instrumento legal, ao que antes se coibiu, a exemplo do Decreto nº 3.199/1941. Os demais artigos, incisos e parágrafos, da Lei nº 14.597/2023, que tratam sobre as mulheres versam sobre a porcentagem nos conselhos fiscais; a questão da isonomia das competições relativas às premiações; relativos aos contratos com mulheres não estabelecerem condições de restrição relativas a maternidade; e que as convenções e acordos coletivos devam respeitar as particularidades das mulheres; violências de qualquer natureza, como a invasão dos espaços destinados às competidoras, incitação à violência, cujas penalidades são duplicadas.

Consegui identificar também artigos relativos à Educação Física. São eles: art. 3º, relativos às mulheres, já apresentado; Art. 47, relativo aos objetivos de viabilização pelo Fundo Nacional do Esporte (Fundesporte), além da valorização dos profissionais da área; art. 75, o qual exprime que o exercício da profissão se destina aos profissionais portadores de diploma de Educação Física, não especifica se bacharelado ou licenciado.

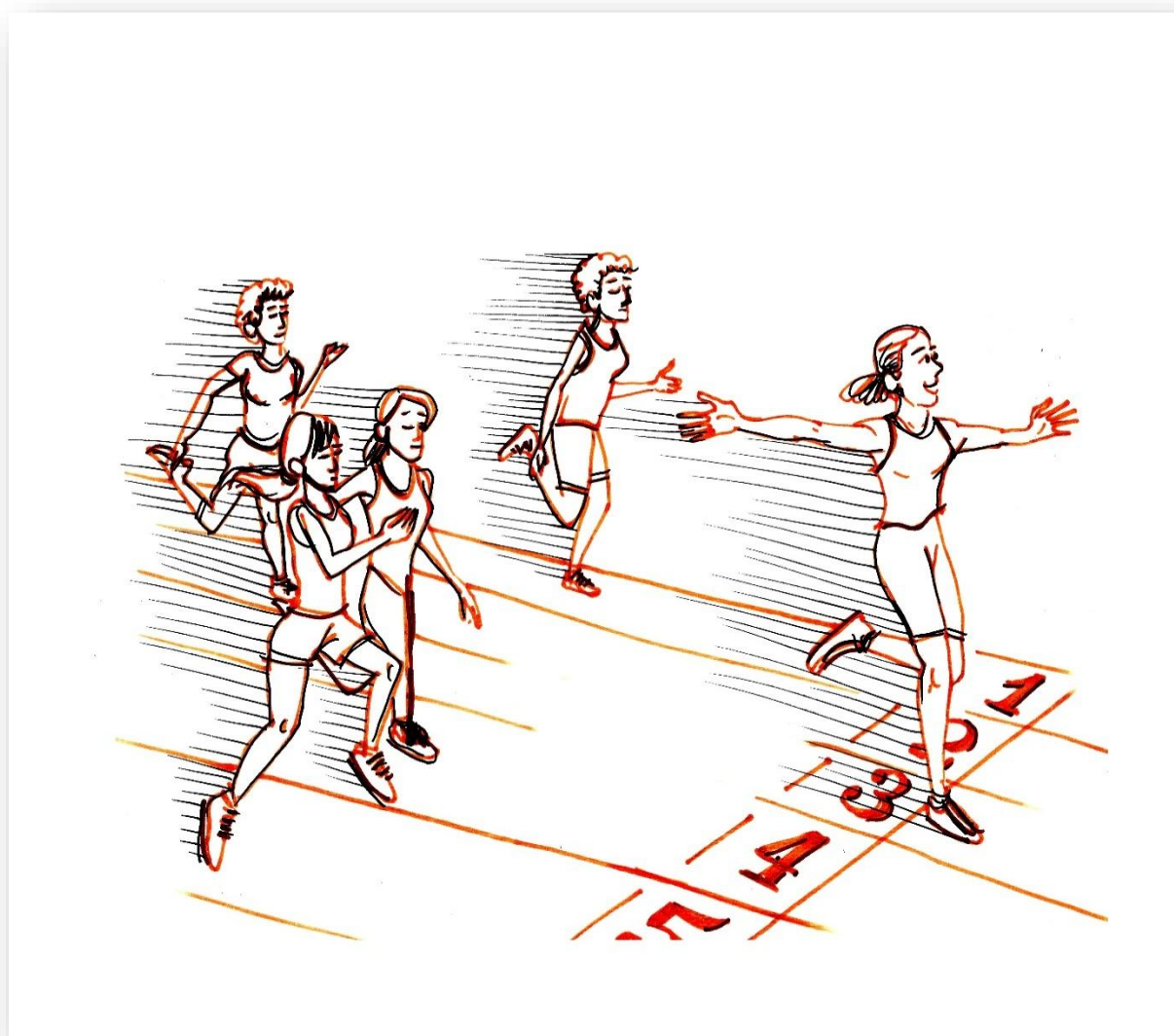
A partir dos estudos destas legislações, infiro que o estudo dos elementos jurídicos, em especial o Decreto n.º 3.199/1941 e a Lei n.º 6.251/1975, me levou a considerar algumas questões relativas às práticas de Educação Física e Esporte na instituição. No que tange às questões atinentes à participação das mulheres nas décadas de 1970 e 1980, essas duas leis e suas recomendações são carregadas de intenções políticas, sociais e educacionais.

Observou-se a predominância dos aspectos de dominação da sociedade patriarcal, em que, para as mulheres, as práticas deveriam ser na perspectiva de preparar a mulher à procriação, com revigoramento e fortalecimento corporal, portanto, de maneira instrumental, de controle e docilização do corpo da mulher. Algo que também prevalece na instituição neste período.

Por outro lado, a partir da década de 1990, gradativamente e por meio de conquistas de espaços físicos, políticos e sociais, as alunas e professoras foram sendo admitidas e incorporadas às práticas corporais na instituição, a exemplo dos relatos das professoras nas entrevistas realizadas, como é o caso da professora Oliveira (2024), que era atleta de handebol, umas das modalidades proibidas para mulheres de acordo com o Decreto n.º 3.199/1941. Suas atuações profissionais, considerando as narrativas das professoras, e a análise das fontes aqui trabalhadas, me fazem creditar e confirmar a tese: mulheres na Educação Física e Esporte são protagonistas de princípios educativos, de formação e de trabalho no IFRN.

Constata-se, ainda, que o MEC é quem propunha ou vetava as regulamentações do “desporto estudantil” nas instituições de ensino pública ou privada do país, desde a sua criação aos dias atuais. A Lei nº 14.597, de 14 de junho de 2023, institui o esporte de maneira geral, embora alguns artigos relacionem ao esporte educacional e a Educação Física, mas não identifiquei sua aplicabilidade na escola.

Na próxima seção, denominada “A chegada – presente das narradoras”, serão apresentadas e discutidas as impressões observadas e analisadas dos *slides* feitos para as entrevistas, em que se analisam as experiências vividas, sentidas e as emoções das professoras, ao se reviver as impressões da entrevista e do fechamento com esses *slides*. Ainda trarei, nessa seção, as conquistas, regadas de superações dos desafios e da possibilidade de futuras pesquisas.



Fonte: Torres, Daniel Ferreira, 2025.

4 A CHEGADA: PRESENTE DAS NARRADORAS

Fato igualmente interessante, a relação com a tradição muda. [...] Dessa maneira o “retorno às fontes” é, também, sempre um modernismo.
(Certeau, 2022, p. 142).

Na chegada de uma prova de 100m rasos do atletismo, deve-se atingir seu máximo desempenho no processo técnico e tático para atingir seus objetivos finais. Aqui nessa pesquisa, o “retornar às fontes”, como enunciado na epígrafe por Certeau (2022), e o diálogo estabelecido com as professoras de Educação Física e Esporte do IFRN, me fizeram recuar ao passado e realizar o processo de cruzamento das fontes investigadas, de maneira atualizada e modernizada. Assim, me permitiram uma análise histórica contextualizada, ao integrar métodos contemporâneos de pesquisa para reinterpretar criticamente os dados e suas implicações no presente.

Diante disso, trago, nesta seção, ao cruzar a linha, as experiências vividas e as emoções emanadas nas professoras participantes diante das apreciações dos *slides* produzidos para o encerramento das entrevistas. Seguindo o que se preceitua uma prova de 100m rasos, após sua chegada, tem-se o pódio. Aqui, analogamente, apresento as conquistas e os desafios alcançados na pesquisa, ou seja, a consistência da hipótese, da tese, respondendo às questões e aos objetivos aos quais me propus investigar.

Ao subir no pódio, recebe-se a premiação, medalhas, recursos financeiros entre outros. Em meu trabalho, apresento os desafios e os resultados atingidos na pesquisa, além de apresentar probabilidade de estudos futuros e reflexões a respeito da área no IFRN.

4.1 CRUZANDO A LINHA: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS E AS EMOÇÕES DAS PROFESSORAS

A satisfação de cruzar a linha de chegada em qualquer prova é imensa, aliada ao prazer de cumprir sua meta. Os dias de treino dedicados para alcançar esse objetivo representam o ápice de todo o esforço. A conquista independe de chegar em primeiro ou último lugar, pois é essencial respeitar aquelas que não estão disputando essa final, mas que foram peças fundamentais para o sucesso de quem aqui está. A história não se constrói sozinha – ela é fruto de um processo coletivo, arquitetado em parceria com outras pessoas. Embora, em uma competição, o desejo seja superar todos os obstáculos e chegar à frente das adversárias, é crucial

compreender e respeitar essas contradições para, então, tecer as memórias – aqui identificadas nas narrativas – e responder às indagações que me propus investigar.

Nesse estudo, tive muitos desafios no alinhamento dessa corrida com as narrativas das professoras. Primeiro que na prova lá de 1997, houve uma vencedora ao cruzar a linha de chegada. Porém, aqui o mérito não é destacar uma vencedora, mas sim é apresentar, de forma o mais fidedigna possível, de maneira honrada, a trajetória de vida e a atuação das professoras de Educação Física e Esporte do IFRN, contando, refletindo, analisando as memórias dessas 7 professoras que correram comigo, alinhada à minha própria memória e respeitando as que aqui estão e as que não estão. Assim, para o fechamento de cada entrevista, apresentei *slides* personalizados a cada professora. Dessa maneira, as fiz refletir sobre a entrevista e sobre sua trajetória nessa instituição, como aluna e docente, perceberem suas experiências vividas, sentidas, emoções e os sentimentos que reverberaram naquele momento.

Dirigindo-se ao final da primeira entrevista, com a professora Araújo (2024), distribui todos os *slides* impressos na mesa para sua apreciação. Inicialmente, ela faz um silêncio e passa os olhos por todas as imagens, parando na que ela se reconheceu, a foto com a mão na cabeça, na torcida, em uma abertura dos jogos internos e diz: “eu acho, eu tinha essa camisa, é o meu jeito, não tem como não, essa mão aí no cabelo”, fazendo o gesto com a mão na cabeça e dá um sorriso de alegria ao se reconhecer repetindo seu gesto.

Foi emocionante, para mim, ver a reação da professora, desde seu primeiro contado com esta Imagem, em uma visita ao arquivo do IFRN/CNAT, em um dos momentos em que eu estava realizando o acesso a elas dos jogos internos, e mais uma vez, na apreciação dos *slides* ao final e durante a entrevista.

Na continuidade da apreciação aos *slides* com imagens de espaços da instituição, de períodos anteriores à quando era aluna, além de sua atuação profissional, ela identifica os espaços físicos como eram e faz relações com o atual. Reconhece as/os amigas/os de seu período de aluna, discute as datas, concordando, para algumas, com a catalogação do arquivo, enquanto fica em dúvida em outras, e diz que irá confirmar com uma amiga. Ao narrar alguns momentos vividos, ela afirma se sentir saudosista.

Essa aqui eu acho que é de 87. E, aqui, algumas participações, já algumas atuações já como professora aqui, ao seu lado, do lado de atletas, os meninos de formação do PIBID, viagens, jogos dos servidores que é bem impactante, para a gente, que tem..., que traz essa coisa de unidade de grupo (Araújo, 2024).

A narrativa da professora destaca amizades de mais de 35 anos, feitas através de

atividades esportivas e acadêmicas (atuação profissional, jogos dos servidores). Esses laços transcendem as questões profissionais, revelando que a instituição propicia uma cultura de afetividade.

O olhar concentrado, compenetrado, carinhoso com as imagens, sugere que ativaram memórias afetivas, atuando como "objetos biográficos" (Pollak, 1992) que materializam histórias compartilhadas, demonstrando o quanto este momento, além do saudosismo, a impactou.

Essa questão levantada pela professora Araújo (2024), de estabelecer uma relação de amizade de longo período, remonta à importância dos vínculos afetivos construídos durante a trajetória de vida, representada aqui no vínculo da ETFRN ao IFRN, nutrido pelas vivências e experiências coletivas (viagens, jogos, prática da docência). Analogamente, sou remetida às receitas de afetos da obra de Cyrulnik⁶¹ (1995).

Imagem 20 - Apreciação de Ana Cristina Araújo (2024)



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

O clima das entrevistas foi preparado para que as professoras participantes se sentissem o mais confortável possível, criando uma atmosfera de aconchego. Então, para Araújo (2024), preparei a sala da CODESP, sala da coordenadora, em que se observa a professora

⁶¹ Cyrulnik (1995), em seu livro “Os alimentos do afeto”, aborda sobre as relações interpessoais e sua importância na constituição saudável e afetiva do ser humano ao utilizar de analogias, com animais ou com receitas alimentares, vai descrevendo como são estabelecidos os afetos nas sociedades, nas culturas, nos ambientes sociais como um todo.

Araújo (2024) na apreciação das imagens com um leve sorriso no rosto. Além disso, há cadeiras vazias, denotando que apenas eu e a professora estávamos no espaço. As imagens estão dispostas na mesa, parte de meu computador, um pano vermelho, garrafa vermelha, xícaras brancas, copos descartáveis e parte do lanche que levei para degustar durante e ao final da entrevista. Estar presente e viver esse momento com a professora foi uma satisfação afetuosa, que é descrito por ela como:

Enfim, é isso, são momentos de saudades mesmo, de cada um desses momentos bem [...] são momentos diferenciados, como aluna, como profissional e, como amiga, aqui, nos jogos dos servidores que a gente volta a ser atleta, mas aquela atleta que não tá pensando muito no rendimento, mas, mais na resenha, vamos dizer assim, porque é bem isso, é bem essa situação mesmo. Muito bom mesmo, ver essas imagens (Araújo, 2024).

A narrativa da professora Araújo (2024) me remontou à compreensão da origem do esporte definida por Gonçalves (2012, p. 138): “o esporte é uma realização humana, cuja origem reside na necessidade de brincar, de exteriorizar-se no movimento, em convivência e confraternização com os outros”, é esta convivência harmoniosa de que fala a professora Ana Cristina. Portanto, as memórias que a professora Araújo (2024) teve a partir desta entrevista, constituem uma memória que se edifica e reedifica-se, da mesma maneira que sua individualidade ao longo de sua trajetória de vida.

A preparação do espaço físico da segunda professora entrevistada ficou para definição e percepção da chegada à casa da entrevistada. O processo de ida foi combinado com a professora Oliveira (2024), e fui acompanhada de Jonatas Moura⁶². Levou-se todo aparato técnico necessário (descrito na seção 1 dessa pesquisa), bem como um lanche para o deguste ao final da entrevista, na intenção de organizar, analogamente ao que Cyrulnik (1995) institui, o alimento que favorece relações de afeto entre as/os envolvidas/os. Portanto, toda a entrevista foi um ato de memória afetiva de ambas, pesquisadora e professora entrevistada, mas acima de tudo, em busca de elementos e respostas as questões propostas.

Ao se deparar com o espaço físico da sala da professora Oliveira (2024) — uma sala com um sofá, onde nos sentamos para realizar a entrevista —, havia quadros dispostos, nichos com objetos decorativos, cortinas, um espelho, almofadas e uma mesa com cadeiras. O ambiente foi organizado para acomodar os equipamentos (filmadora, tripé, celular), posicionados de modo a enquadrar tanto a mim quanto a professora.

⁶² Jonatas Gabriel de Moura foi meu auxiliar em assuntos técnicos de montagem de equipamentos para a filmagem e a gravação, ele é técnico em audiovisual. Me acompanhou nas três entrevistas nas quais as professoras permitiram a filmagem: Gizelda Lúcia, Ingrid Patrícia e Sônia Cristina.

Após organizar o espaço, alinhei com Jonatas Moura os detalhes do encerramento da entrevista. No momento combinado, espalhei duas cartolinas contendo os *slides* no chão da sala. A professora Oliveira (2024) reagiu com expressões variadas: alegria, espanto, admiração, inquietude, entre outras. Exemplifico com a análise das imagens 21 a 23, nas quais identifica-se, em sua linguagem corporal, alegria, espanto e admiração e, por outro lado, um ar de nostalgia, regada de um forte sentimento de tristeza e empoderamento das mulheres, em sua narrativa.

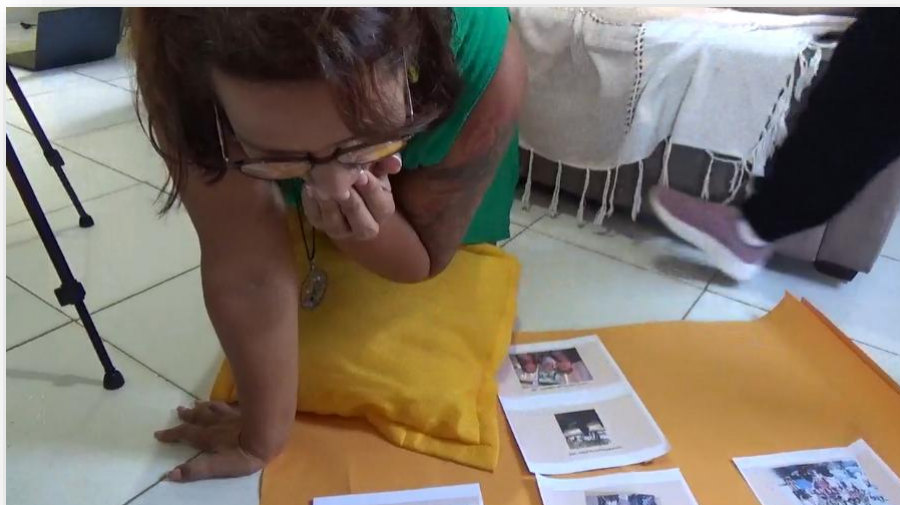
Imagem 21 – Primeira apreciação de Ingrid Patrícia B. de Oliveria (2024)



Fonte: Acervo pessoal. Captura do vídeo na entrevista, 2024.

Quando distribuo os *slides*, com diversas imagens de diferentes épocas da instituição, dela na graduação, da gente em momentos distintos, ela imediatamente expressa alegria e aponta para as imagens, ainda sentada no sofá com uma almofada no colo. Em seguida, se debruça sobre elas, indo literalmente ao chão, como observado na Imagem 22.

Imagem 22 - Segunda apreciação de Ingrid Patrícia B. de Oliveria (2024)



Fonte: Acervo pessoal. Captura do vídeo na entrevista, 2024.

A disponibilidade corporal da professora Oliveira (204) ao literalmente se abaixar ao chão de joelhos para apreciação dos *slides* nos remota a Mauss (2003), que ao se debruçar sobre análise de técnicas corporais, considera haver ter uma tríplice condição, ou seja, uma intermediação física, mecânica e sociológica. Ao se pensar na questão simbólica social, a professora ficaria sentada, porém sua disponibilidade ultrapassa essa simbologia, pois ela se entrega às suas emoções e afetos, de forma sensível, ecoados pelas imagens, que são refletidas em sua linguagem corporal. Ao levar a mão à boca, encantada, ela diz: “Meu Deus!”, ao rememorar distintos momentos vivenciados na instituição, relatando-os.

Em determinada imagem, questiona, espantada: “que foto é essa? É um concurso de beleza?” (Oliveira, 2024). Tratava-se do momento de exposição das rainhas dos jogos, quando ela relata remeter à imagem corporal que tinha em relação ao seu corpo, do padrão corporal exigente para a mulher, afirmando que o corpo da mulher é tratado de forma objetificada, denotando aspectos simbólicos e políticos da sociedade patriarcal ao tratar sobre os corpos das mulheres. Isso me transportou aos estudos de Goellner (2003), Louro (1997) e Bourdieu (2023). Porém, a alegria é notável, a partir de sua linguagem corporal de maneira expressiva e espontânea durante toda a entrevista.

Imagem 23 - Terceira apreciação de Ingrid Patrícia B. de Oliveria (2024)



Fonte: Acervo pessoal. Captura do vídeo na entrevista, 2024.

Na Imagem 23, a professora Oliveira (2024) primeiro levanta a cabeça e depois a baixa, tocando minha mão, pronunciando: “[...], aqui somos nós, nosso grupooooo (rimos juntas), ... Eu, você, Jonas e Kadydja, poxa, todo mundo do IF, nosso grupo, todos professores do IF! Gente, nós somos potentes viu, amiga, ah que legal”. Esse é um gesto que entrelaça essa história de vida, simbolizando uma potência de experiência acadêmicas e de atuação profissional que culmina no ingresso como docentes no IFRN.

O gesto da professora Oliveira (2024) me trouxe à questão abordada por Merleau-Ponty (2018) do corpo próprio, isto é, o corpo não é um objeto, mas uma forma de me fazer presente no mundo. Uma ação corporal não é apenas uma representação mental, mas também se manifesta na intencionalidade do gesto corporal, nas simbologias que o gesto representa, como na ação do toque da entrevistada comigo, que representa uma percepção e ação simultâneas de ambas, numa sincronidade sensível e afetuosa, em uma comunicação direta através do corpo e do espaço que compartilhavam, algo análogo ao pensamento de Merleau-Ponty (2018). A experiência se presentifica no corpo em movimento.

Ainda passando por sua apreciação, ela rememora muitas de suas falas em relação ao seu corpo, à professora Karenine Porpino, à objetificação do corpo da mulher, e ao fato de que essas imagens representam em seu corpo uma sensibilidade, uma memória de muito afeto e alegria, mas também de sofrimento, por lembrar o *bullying* sofrido na infância, em relação ao seu corpo. Embora não lembre de datas, de detalhes, essas imagens e a entrevista a fizeram refletir sobre o papel da mulher na gestão do IFRN, as lideranças e representatividade ela tem nessa instituição. Ela afirma:

a entrevista me despertou para pensar sobre as lideranças dentro da escola, despertou, porque, assim eu nunca tinha parado para pensar sobre isso, sobre a mulher nesse papel, porque lá a, a única experiência que eu tive com, com a coordenadora, diretora, é com a que, aqui em João Câmara, a coordenadora ela é a Diretora de Ensino, Acadêmica, e eu nunca tive nenhuma experiência com, e aí eu acho muito mãezona, sabe? (Oliveira, 20240).

A professora Oliveira (2024) considera que lideranças de mulheres refletem uma sensibilidade maior, que o acesso a mulher é mais flexível, fazendo relação de aconchego e de fraternidade voltadas até mesmo à questão materna. A entrevista despertou nela o sentimento de pouca participação das mulheres na gestão do IFRN. Paralelamente a esse aspecto, ressaltou que no esporte, também, gestões e lideranças de mulheres ainda são raras. Em seus estudos sobre a gestão no esporte de alto rendimento, Gomes (2008) procura descortinar a representação das mulheres na gestão do esporte brasileiro. Para a autora:

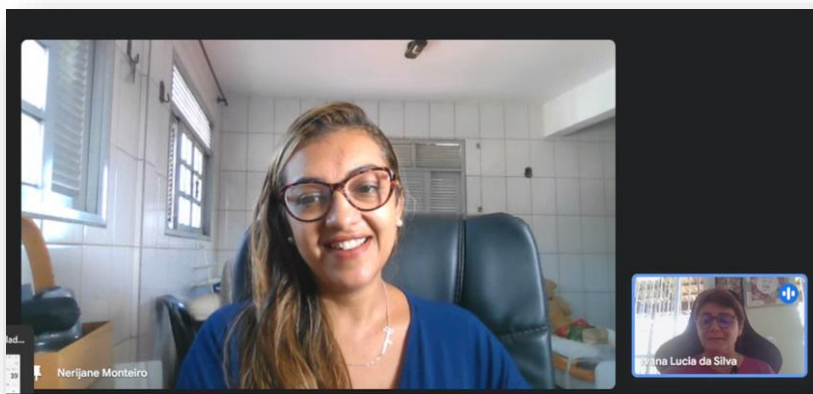
[...], as estruturas das instituições esportivas brasileiras contribuiriam para a violência simbólica da divisão hierárquica do trabalho entre os gêneros, no campo da gestão do esporte. Principalmente quando mantêm em sua estrutura organizacional estatutos e leis que dificultam a entrada das mulheres (Gomes, 2008, p. 96).

Gomes (2008) utiliza da expressão *habitus* – de Bourdieu (2002) – para explicar como os cargos políticos de poder no esporte, no país, são destinados aos homens. Da mesma maneira, utilizei o conceito para destinar o espaço das mulheres no IFRN.

Ainda concernente à entrevistada, sua expressividade é notória a partir das expressões de seu corpo, dos gestos (apontar para as fotografias, Imagem 20; mão na boca, Imagem 21), da postura de levantar e se debruçar diante dos cartazes com as imagens e suas narrativas, da disponibilidade corporal latente, da expressão olhando para mim com um largo sorriso no rosto etc. Enfim, são expressões corporais que manifestam alegria, admiração, carinho, afeto, conhecimento, descobertas e consciência política. Parafraseando Rancière (2012, p. 68), uma potência em que a imagem e o que se parafraseia dela “[...] está tensionada entre dois polos, dialético e simbólico”.

Na entrevista de Monteiro (2024), não consegui observar as expressões e sentimentos exacerbados a partir da gravação, porque ao compartilhar os *slides* na tela via Meet não tive acesso às expressões dela. Porém, a Imagem 24 representa uma de suas expressões durante a entrevista, de forma que só consegui realizar algumas inferências visuais e da própria fala dela durante a entrevista.

Imagem 24 - Expressão de Nerijane Monteiro (2024)



Fonte: Acervo pessoal. Captura do vídeo na entrevista, 2024.

Na Imagem 24, Monteiro (2024) apresenta uma expressão em que seu sorriso e olhar estão baixos, o que demonstra uma sensação de saudosismos e de uma leve alegria. Isso se alinha à sua narrativa: “foi uma nostalgia boa, rever essas imagens” (Monteiro, 2024), uma vez que neste momento final da entrevista, a professora expressou uma profunda gratidão e nostalgia em relação à sua experiência como estudante no CEFET/RN.

Afirmou também que, a instituição é um local que transforma as pessoas e a transformou, demonstrando um aspecto social e político que a instituição promove, porque nela teve a oportunidade de conviver com pessoas de diferentes origens e realidades, o que contribuiu significativamente para sua formação como pessoa.

No que diz respeito ao aspecto visual da Imagem 24, observa-se um ambiente claro e uma poltrona de estudo, demonstrando profissionalismo. Imagino que ela esteja em seu local de trabalho online. Monteiro (2024) usa óculos, tem cabelos longos todo caído no ombro direito e veste uma blusa azul. Percebi, em sua fala, um tom de voz por vezes mais enfático, por vezes mais suave, ao narrar as imagens que apreciava da projeção. Assim, podia imaginar algumas expressões de concordância, de euforia, de discordância, de empolgação etc.

Ao relatar sobre as imagens vistas em sua apreciação, Monteiro (2024) destaca que a disparidade encontrada no IFRN/CEFET/RN foi um divisor de águas em sua trajetória de vida, uma vez que os espaços físicos eram grandes em relação ao que viveu em outras escolas e que a convivência social se ampliou devido à diversidade de pessoas que teve acesso. Ela ressaltou a importância da instituição para sair de sua zona de conforto e aprender a conviver com a diversidade, aprimorando habilidades de empatia e consciência em relação ao próximo.

Além disso, Monteiro (2024) relata sobre sua surpresa ao retornar como docente,

revelando nunca ter se imaginado professora no IFRN, levando em conta ser um lugar quase sagrado e inatingível. No entanto, a vida a levou por esse caminho e ela se sente realizada em poder contribuir para a formação de novas/os discentes.

Ao observar as imagens de atividades esportivas, dos jogos internos e dos espaços físicos (piscina, pista de atletismo, ginásio, sala de dança e quadras) e de sua experiência como aluna, Monteiro (2024) lastima, em um tom de tristeza, não ter vivenciado mais atividades esportivas e práticas. Embora reconheça a importância da formação no curso técnico, percebe a falta de não ter explorado mais esses espaços físicos da instituição e da não participação nos eventos esportivos.

Finalizando as análises a respeito da apreciação de Monteiro (2024), em relação a sua atuação profissional, ela relata que busca criar um ambiente de aulas dinâmicas, em que as/os alunas/os possam participar mais efetivamente, de maneira dinâmica, para favorecer o protagonismo de princípios educativos, de formação e de trabalho no IFRN. Ela valoriza a escuta e a construção participativa das/os alunas/os em seu planejamento de aulas e atividades esportivas e, em relação aos aspectos competitivos, procura desenvolver um ambiente saudável e com troca de experiências.

A professora Chaves (2024) se encantou com as imagens, manifestando surpresa ao descobrir a existência do arquivo no CNAT. Estabeleceu uma conexão imediata entre as imagens apresentadas na entrevista e o livro de Carmem Lúcia Soares (2005), citou a obra “Educação Física: raízes europeias e Brasil”, mas na realidade se referia ao livro “Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX”.

A cada imagem Chaves (2024), fazia perguntas e comentários, evidenciando um profundo interesse pela história da Educação Física e Esporte no IFRN, comparando-a com a história da Educação Física do país. Ela refletiu sobre as transformações ocorridas nas aulas, exemplificando com sua própria experiência e atuação profissional, em que se apropria de seu objeto de estudo corpo, educação, sexualidade e gênero, tendo o cinema como meio. Tal perspectiva denota que a professora na Educação Física e Esporte atua como protagonista de princípios educativos, de formação e de trabalho no IFRN. Ainda percebendo que, atualmente, as/os alunas/os chegam à escola tendo maior contato com a cultura de movimento.

Assim como Oliveira (2024), ao se deparar com a imagem das rainhas dos jogos internos, afirma: “Meu Deus! Como assim gente? O que é que essas meninas estão fazendo aqui? É um concurso de beleza?” (Chaves, 2024). Essa manifestação e espanto é observada na Imagem 25.

Imagem 25 - Primeira expressão da apreciação de Paula Nunes Chaves (2024)



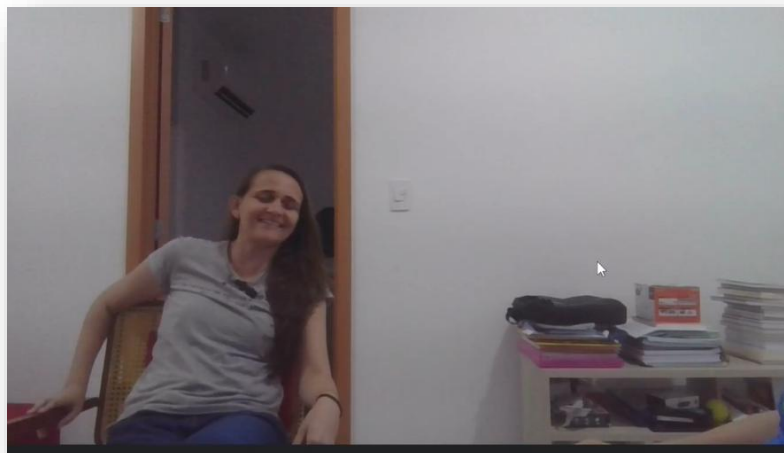
Fonte: Acervo pessoal. Captura do vídeo na entrevista, 2024.

No que diz respeito ao aspecto visual da Imagem 25, percebe-se uma sala preparada para receber a professora Chaves (2024), composta de: uma mesa de computador com cadeira, uma mesa para a professora se acomodar confortavelmente, um raque com livros e objetos de decorativos, uma mesa para duas pessoas e ambiente bem iluminado. A professora, de posse do meu celular, aprecia mais aproximadamente os *slides*. No momento da Imagem 25, levanta a cabeça para mim e, com um sorriso de espanto, afirma: “Uma objetificação do corpo da mulher tremenda” (Chaves, 2024).

Na continuidade de sua apreciação, depara-se com a imagem de uma colônia de férias e demonstra curiosidade ao questionar quem organizava esses eventos. Relato que eram as/os professoras/es de Educação Física e Esportes, então, identificou existir uma maior quantidade de meninos do que de meninas nos espaços da piscina e estabeleceu uma interessante conexão com a realidade atual, presumindo sobre a jornada de trabalho da disciplina.

Destaco que, apesar dos avanços em alguns aspectos e retrocessos em outros pelas/os novas/os professoras/es, em termos de carga horária, a perda da carga horaria dos terceiros e quartos anos e a prática de realizar atividades em feriados e finais de semana, especialmente durante campeonatos como os JIFs e JERNs, que ainda persiste. Tal leitura feita pela professora Chaves (2024) e, pela minha análise, vejo como uma analogia ao trabalho de Rancière (2012), uma vez que as imagens apreciadas pela professora a impuseram uma presença de compreensão de formação e aspectos sociais, políticos e trabalhistas.

Imagem 26 - Expressão final da apreciação de Paula Nunes Chaves (2024)



Fonte: Acervo pessoal. Captura do vídeo na entrevista, 2024.

A Imagem 26 representa o momento final da entrevista. Em dado momento, Chaves (2024) fala da memória, da potência da mulher e, quando perguntada sobre a imagem que mais a impactou, ela responde ter sido a da piscina, por fazer parte de sua trajetória de vida. A professora Chaves (2024) agradece a oportunidade de vivenciar esse momento e destaca que a memória não é apenas uma função biológica que acontece no cérebro; ela também possui aspectos sociais e culturais, pois traz afeto e não se limita a fatos, mas também envolve emoções e sensações, moldando nossa identidade. Para ela:

É, faz parte da nossa história, assim, e a memória afetiva, a memória não é só algo biológico que acontece no cérebro, a memória ela traz afetos à tona, ela traz outras sensações, e assim, essas experiências são importantes, nos constituem como sujeitos, as experiências, assim, formativas e profissionais, pessoais também, o esporte é muito forte na formação da gente, na nossa educação também, enfim foi muito bom ver essa história aí passando, essa cronologia do tempo (Chaves, 2024).

A professora Chaves (2024) relaciona a memória individual com a memória coletiva, reconhecendo o papel do esporte em sua formação profissional e na construção que aproxima de uma identidade coletiva. Assim, como postulado por Alberti (2004b, p.27): “A constituição da memória é importante porque está atrelada à construção da identidade”.

Ao encerrar a sua fala na entrevista, a professora Chaves (2024) revela uma profunda reflexão sobre a importância das mulheres na Educação Física e o papel fundamental que elas desempenham na formação de outras mulheres, inclusive na dela. Ela mesma, as professoras Aparecida Dias (UFRN) e Teresinha Petrúcia de Nóbrega (UFRN), além de mim, evidenciando

a potência da mulher e asseverando:

Fiquei pensando nessa potência feminina, o quanto é importante a gente ver essas potências e trabalhar essas nossas potências, expressar, ter liberdade para expressar e, e poder galgar cada vez mais espaço, eu fiquei pensando nessa, nessas potências femininas que me atravessaram, que atravessaram a minha trajetória, assim, você como professora de Educação Física que entrou no IF, enfim, na graduação as várias professoras que eu tive, também, de Educação Física[...] Cida, a minha sempre orientadora, Petrúcia, potente Petrúcia, também, no mestrado e doutorado, reconhecer a importância dessas potências, dessas mulheres, que me orientaram, fazem muito parte da minha formação, acadêmica, profissional e pessoal. Assim, são, realizam atividades importantes para gente, para mim [...] É, viva, é [...] Viva as mulheres aí, no esporte, na Educação Física, em todos os lugares. (Chaves, 2024).

É evidente o reconhecimento da professora Chaves (2024) à força e ao potencial das mulheres na Educação Física, realçando a importância de visibilizar e valorizar essas potencialidades. A alusão às professoras como mentoras e orientadoras evidencia a importância de arquitetar e solidificar redes de apoio entre mulheres, e no caso da instituição, das professoras de Educação Física e Esporte do IFRN, a partir do compartilhamento de suas experiências e conhecimentos.

Para a entrevista cinco, com a professora Maia (2024a), também tive o auxílio de Jonatas. O encontro foi realizado na sala de reuniões da ASIF, uma sala com uma mesa redonda e seis cadeiras, um raque com uma TV e troféus e uma estante de alvenaria com materiais esportivos, de escritório, pastas, folhas e medalhas. O espaço foi preparado com a montagem do tripé, da câmera e do celular para a captação de áudio e vídeo, distribuídos de tal maneira a enquadrar a mim e a entrevistada.

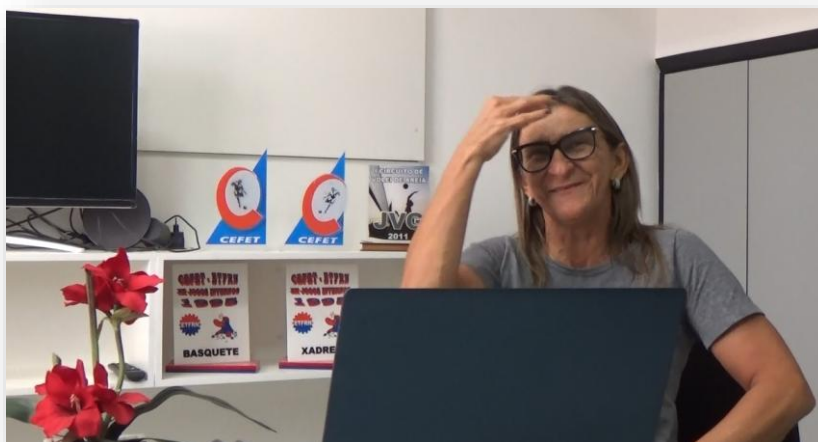
A professora Maia (2024a) relatou diversas experiências em cada imagem que ia aparecendo nos *slides*. O primeiro slide tem a fachada frontal do ginásio no ano de 1975. Sobre ele, a professora descreve que o espaço em frente ao ginásio, hoje as rosquinhas, foi e é um local de muitas emoções, e narra algumas situações que considera alegres e tristes, entre elas de que é reconhecida por ter sido jogadora de voleibol na escola. Esse espaço era o local de encontro de ir para os treinos, jogos e competições, de conversas e encontros das/os alunas/os nos intervalos de aulas, entrada de treinos esportivos e de momentos festivos, sempre com uma expressividade de alegria por reviver e rememorar essas experiências.

Destaco que, a narrativa da professora Maia (2024a) é corroborada a partir das imagens como aulas de ginásticas calistênicas, exercícios para meninos e meninas, aulas separadas por sexos, entre outras características das práticas de Educação Física e Esporte na instituição. Além disso, ela observa os espaços físicos e suas mudanças, o que faziam neles, e o que se faz hoje.

Ao se deparar com a imagem da rainha dos jogos internos, Maia (2024a) dá uma gargalhada, dizendo “eita, a rainha dos jogos internos”. Ao analisar as rainhas nos jogos, menciona que primeiro é o sinônimo de beleza, não havia nenhuma relação com os jogos, mas era um ponto muito importante nos jogos internos. Maia (2024a) ressalta que aquele período era de muita segregação, porque só as/os atletas participavam dos jogos, cabendo as/aos demais alunas/os a torcida, o desfile, a abertura. Para a professora Maia (2024a), a rainha era o espelho desse processo de segregação (como as tendências higienista, militarista e esportivista), uma vez que para ser rainha, tinha que ser bonita, alta e desfilar bem, com os padrões que refletem o “corpo perfeito”.

A expressão ao ver seu nome em uma imagem que apresento de um diário⁶³ escolar, é representado na Imagem 27, em que reconhece ser o diário da professora Carmem. Maia (2024a) diz: “Meu Deus, menina, Ivana foi longe!”. Maia (2024a) destaca que eram diários apenas de mulheres, reconhece os nomes de suas amigas, relatando histórias da época, lembrando dos amigos/as e relata como estão hoje.

Imagem 27 - Reação de Gizelda Maia (2024a) ao visualizar o diário



Fonte: Acervo pessoal. Captura do vídeo na entrevista, 2024.

A Imagem 27 foi capturada do vídeo, no momento que a professora Maia (2024a) viu seu nome no diário. Na imagem, são visíveis troféus de jogos dos servidores/as, de eventos organizados pela ASIF e pelo IFRN. Ao levar sua mão à testa, afirma: “Ivana do céu, foi 10”, referindo-se que havia tirado 10 na avaliação, estampando um sorriso de alegria e satisfação em

⁶³ O acesso aos diários de classe da disciplina de Educação Física e Esporte, no arquivo do CNAT, me proporcionou identificar: as professoras: Ana Cristina, Betânia França, Gizelda Lúcia e Sônia Cristina (todas alunas da década de 1980), além de mim mesma.

se reconhecer.

Ao analisar imagens de sua atuação profissional (imagens do meu acervo de minha época de substituta), Maia (2024a) traz à tona história que vivi e que não lembrava mais, como a situação no Rio São Francisco, em Petrolina/PE, em que uma rede de televisão queria filmar as/os alunas/os e as/os professoras/es, mas houve a solicitação para que o momento não fosse filmado. Ao identificar seus alunos do voleibol, ela relata todas as profissões que seguiram, denotando total conhecimento e acompanhamento contínuo de seus alunos, ou seja, uma educação com princípio educativo, que aproxima da formação integral.

Apresentei alguns dos seus atletas de voleibol e Maia (2024a) relatou sobre cada um. Além disso, trouxe dois depoimentos de ex-alunos/atletas que hoje são seus colegas de profissão no IFRN: um enviado por escrito e outro em vídeo, ambos pelo WhatsApp. A emoção da professora Maia (2024a) era perceptível, mas uma de suas características é tratar suas emoções de forma alegre, desviando dos sentimentos mais intensos e se mostrando sempre animada. No entanto, a expressão de seus lábios a denunciava, como pode ser observar nas imagens 28 e 29.

Imagem 28 - Primeira reação de Gizelda Maia (2024a) ao relato do ex-aluno



Fonte: Acervo pessoal. Captura do vídeo na entrevista, 2024.

Ao apresentar o relato de um de seus ex-alunos, perguntei-a se poderia lê-lo, e Maia (2024a) concordou. Nas imagens 28 e 29, pode-se ver duas expressões da professora: nos lábios cerrados e olhos concentrados, ela parece esforçar-se para conter as emoções (Imagem 28). Essa intensidade aumenta na Imagem 29, quando ela abaixa o olho esquerdo e franze os lábios. Ao terminar de ler o relato, ela exclamou: “Menina, Carlos, viu? Arrasou, não foi não?” (Maia, 2024). Sorrindo e colocando a mão na cintura, como se procurasse alívio, ela começou a narrar

como esse ex-aluno havia sido incorporado à equipe.

Imagem 29 - Segunda reação de Gizelda Maia (2024a) ao relato do ex-aluno



Fonte: Acervo pessoal. Captura do vídeo na entrevista, 2024.

A emoção e a gratidão transparecem nas palavras do ex-aluno, construindo um retrato vívido da influência de Maia (2024a) em sua vida e carreira. Os valores transmitidos pela professora, como trabalho em equipe, disciplina, perseverança e respeito ao próximo, são evidentes. Esses ensinamentos e atitudes se revelaram um aprendizado essencial para a vida pessoal e profissional do ex-aluno e atual colega de profissão, permeando seu relato com profundas emoções e percepções.

Ao se aproximar da finalização da entrevista, questionei à professora como ela havia vivenciado esse momento. A professora Maia (2024a) afirmou ter sido um momento maravilhoso, pois abordou-se o processo histórico da Educação Física e do Esporte no IFRN, sua evolução e a conquista de seu espaço. Tentei retratar a trajetória como aluna até sua atuação profissional e procurei discutir a participação da mulher em todo o contexto institucional. Além disso, a professora Maia (2024a) afirma que rememorou situações de sua infância, como brincadeiras e jogos populares, que a moldaram a profissional que é.

Na sexta entrevista, a professora Maia (2024b) escolheu uma sala de estudo reservada na universidade UNI-RN, com uma mesa de computador, duas cadeiras e um computador. O Jonatas me acompanhou mais uma vez nesta entrevista. Os equipamentos foram distribuídos no espaço da sala com a montagem do tripé, câmera e do celular para a captação de áudio e vídeo, espalhados de maneira a enquadrar a pesquisadora e a entrevistada, além de ter providenciado um lanche para degustação durante e ao final da entrevista.

A professora Maia (2024b), ao apreciar os *slides*, rememorava e relatava diversas situações, expressando uma gama de emoções através de expressões corporais, entonação de voz e gestos. Nesses momentos, era possível perceber sentimentos como orgulho, saudade, alegria e preocupação. A Imagem 30 é a captura de um instante em que ela descreve com entusiasmo sobre os jogos internos. Para a professora Maia (2024b), esses eventos eram sempre um momento de inovação, e o professor Jorge Moura, em particular, era conhecido por suas ideias criativas. Ao relatar uma abertura dos jogos em que o voleibol foi apresentado com efeitos de luz neon, a professora Maia (2024b) gesticulava ativamente, reforçando a ideia de um grande sucesso. Seu olhar direcionado a mim, nesse momento, parecia confirmar a intensidade de suas lembranças.

Imagem 30 - Expressão a respeito do voleibol com luzes neon



Fonte: Acervo pessoal. Captura do vídeo na entrevista, 2024.

Estabeleço uma analogia com o exemplo do instrumentalista, quando Merleau-Ponty (2018) retrata os gestos e sua relação corporal no processo dos ensaios e da execução. Assim, a professora Maia (2024b), ao se deparar com a apreciação dos *slides*, gesticula e se transporta para aquele momento, relatando os movimentos da bola e as luzes que reluzem no ginásio, a sincronia entre os gestos dos alunos (eram todos homens), os movimentos corporais para se sincronizar com o objeto bola e com o espaço da quadra poliesportiva, alinhados à escuridão, ao ritmo da música, aos aplausos no compasso da música, ao público, à torcida em uma participação eufórica do momento. Para Merleau-Ponty (2018, p. 202), “na realidade, seus gestos, durante o ensaio, são gestos de consagração: eles estendem vetores afetivos, descobrem fontes emocionais, criam um espaço expressivo”, algo que vem à tona na rememoração da professora ao apreciar as imagens dos jogos internos.

Maia (2024b) também relata sobre a rainha dos jogos, lembrando que todo curso tinha a sua respectiva rainha, que era a representante do curso. Segundo Maia (2024b), essa tradição da rainha deve ter nascido porque as instituições, principalmente as masculinas, incluíam a mulher apenas como um símbolo de beleza. Então, cada curso tinha sua rainha, mesmo que, muitas vezes, ela nem participasse das atividades esportivas, em uma clara objetificação do corpo da mulher.

Mas, Maia (2024b) também considera que aquela época era realmente especial. Os eventos esportivos, os jogos internos na ETFRN eram grandiosos, com desfiles e apresentações que mobilizavam toda a cidade. Hoje em dia, afirma: “sinto que esses eventos perderam um pouco da magia” (Maia, 2024b). A professora entende que se tornou mais banalizado, que pode, na minha concepção, ser causada pelo processo líquido que se vive, considerando os estudos de Zygmunt Bauman⁶⁴, por exemplo, em que tudo é muito líquido, fluído e de muitas opções de práticas na sociedade.

Ao apresentar a imagem do diário da equipe de basquete feminino da ETFRN, a professora Maia (2024b) demonstrou grande alegria, exclamando: "coisa linda!". Ela solicitou a foto para rememorar o número de matrícula e guardar de recordação, afirmando que todas as atletas faziam parte da seleção do Rio Grande do Norte.

Compreendo que a emoção, ao passo que nos apresenta variavelmente como ser no mundo, porque não são mecanismos de respostas automáticas, também são reflexos da existência situada no mundo, uma vez que dependem do contexto e da interpretação de determinada realidade e sociedade. Para Merleau-Ponty (2018, p. 256), “não é apenas o gesto que é contingente em relação à organização corporal, é a própria maneira de acolher a situação e de vivê-la”, e “o que importa é a maneira pela qual eles fazem uso de seu corpo, é a informação simultânea de seu corpo e de seu mundo na emoção” (p. 256 - 257). Então, ao identificar cada uma de suas antigas companheiras de equipe, apontando seus nomes com entusiasmo, a professora Maia (2024b) tinha uma emoção contagiante, que se refletia na minha expressão, quando me aproximei para compartilhar, junto a entrevistada, esse momento especial (Imagem 31).

⁶⁴ O referido autor, em sua obra, em especial no livro “Tempos líquidos”, tem como marca geradora dos tempos líquidos moderno, a insegurança, a volatilidade das coisas.

Imagem 31 - Reação de Maia (2024b) ao visualizar o diário do basquetebol feminino da ETFRN



Fonte: Acervo pessoal. Captura do vídeo na entrevista, 2024.

Outras imagens que apresento são dos jogos das/os servidoras/es. Em uma delas, a professora Maia (2024b) relembra com entusiasmo os jogos em que a orientei sobre a técnica da corrida de 100m rasos. Ela faz uma descrição detalhada de como conseguiu executar minhas orientações e conquistar o primeiro lugar na prova. Com um sorriso radiante, ela aponta para a camiseta, dizendo que estava com ela na bolsa e que iria levar para o treino de basquete, que seria naquele dia no finalzinho da tarde, expressando surpresa e admiração ao reviver aquele momento marcante, repetindo a frase "Jesus amado!" (Maia, 2024b). As imagens dos jogos de futebol, das peladas com as amigas e do festival de futsal que organizei proporcionaram momentos de conversa animada, repletos de lembranças e alegrias.

Imagem 32 - Expressão de Maia (2024b) ao visualizar a foto de conquista dos 100m



Fonte: Acervo pessoal. Captura do vídeo na entrevista, 2024.

Ao visualizar a fotografia do I EPEF, a professora Maia (2024b) expressou seu lamento pela instituição não oferecer o curso de graduação em Educação Física. Segundo ela, o IFRN conta com um corpo docente altamente qualificado, com diversos mestres/as e doutores/as, cujas formações também passam por ela.

A professora Maia (2024b) ressaltou, ainda, que esses profissionais possuem produtos educacionais e de excelência em suas áreas, sendo uma grande perda para a instituição não aproveitar esse potencial para a formação de novas/os profissionais. Também apresentei alguns de seus trabalhos: *podcast* e palestras, além de um relato de uma ex-aluna (outra pessoa de quem consegui o relato) que atualmente é professora no PPGEP/IFRN. Essa ex-aluna destacou a importância da orientação da professora Maia (2024b) em seus trabalhos na área da Educação Física e do Lazer, enfatizando que o foco da professora não se limita à formação técnica, mas abrange também a formação humana integral.

O relato da ex-aluna-atleta confirma integralmente os pontos abordados na entrevista. É evidente o impacto duradouro que a professora Maia (2024b) exerceu sobre sua vida, moldando tanto sua trajetória profissional quanto sua vida pessoal. É respeitoso identificar como a professora influenciou sua ex-aluna desde a adolescência. A narrativa da ex-aluna emocionou a professora Maia (2024b) profundamente. A conexão entre ambas é evidente, demonstrando analogicamente o que Merleau-Ponty (2028, p. 505) descreve ao afirmar: “um sentimento, considerado em si mesmo, seria sempre verdadeiro, a partir do momento em que fosse sentido”. Deduzo que as lágrimas que brotaram de seus olhos representam esse sentimento verdadeiro e genuíno.

Após a emoção da professora, eu me aproximo da entrevistada (Imagem 33), que também evidencia um sentimento verdadeiro, como o olhar, o sorriso e o aconchego em um afetuoso abraço, além da representatividade da professora, como mulher que atuou em cargos de gestão nessa instituição.

Imagem 33 - Momento de afetividade



Fonte: Acervo pessoal. Captura do vídeo na entrevista, 2024.

Com a voz embargada, relembrou um momento em que estava em um quarto de hotel em João Câmara, e relatou:

Eu estava lá em João Câmara, eu disse que direção de *campus* é muito solitária. Nós somos solitários!... E uma certa vez, eu me perguntei: “por que estou aqui”? Aí eu disse “poxa, por que eu tô aqui”? [...] Tinha acabado de receber mais uma das agressões, que se faz com a mulher... Eu dizia “por que eu estou aqui? Eu sou muito maior do que isso! Preciso nem estar aqui, deveria estar em Natal, saindo com as minhas amigas e estou aqui, sozinha, nesse apartamento, e ainda levo uma dessa [...]”, Mas fiquei tentando encontrar uma resposta [...] E eu lembro que [...] e foi quando [...] eu mesma me respondi, [...] Eu disse “eu estou aqui, porque falta muita gente para eu ajudar”. “E se eu cheguei até aqui, com os conhecimentos que eu tenho, não vai ser mais essa que vai me derrubar” (Maia, 2024).

É sobre confiança, amizade, profissionalismo e afeto que as entrevistas se encaminharam, na intenção de trazer à tona a trajetória de vida e a atuação dessas mulheres no IFRN. O movimento humano, a partir dos gestos e suas expressões corporais, são formas de comunicação que os sujeitos utilizam, antes mesmo da fala.

Na sétima entrevista, tive um momento que fugiu aos meus planejamentos. Como não conhecia a professora Melo (2024), o espaço que ela escolheu foi uma padaria, embora não

estivesse muito movimentada, devido ao horário, porém tinha muitas mesas, cadeiras, televisão ligada e pessoas circulando. Mesmo assim, conseguimos estabelecer um diálogo profícuo para o que se pretendia. A Imagem 34 corresponde à professora realizando a apreciação dos *slides*.

Imagem 34 - Professora Melo (2024) apreciando os *slides*



Fonte: Acervo pessoal. Captura do vídeo na entrevista, 2024.

A felicidade estampava-se no sorriso e no olhar atento da professora Melo (2024) ao rever as imagens dos espaços físicos onde trabalhou. Ela relatou que a coordenação de educação física era situada no ginásio — "uma sala lá embaixo" (Melo, 2024) —, referindo-se ao que em 2024 era a sala de lutas (embaixo da arquibancada do ginásio). Contou ainda que pegava as bolas e se dirigia às quadras, destacando que nada era rigidamente determinado: se houvesse algum colega no espaço, ela simplesmente ia para outro. Percebi sua satisfação ao reviver esse momento e, quando afirmei que ela ficaria com os *slides*, agradeceu-me com outro sorriso.

Aqui utilizei bastante as imagens de maneira a capturar, mobilizar e registrar esse movimento, esse gesto, essa expressão, esse sentimento e, desse modo, historiografar a memória dessas professoras. A imagem propiciou a argumentação, o registro manifesto das aparências, do fragmento, do autoconhecimento e das lembranças, que segundo Kossoy (2020,

p. 115),

São estes fragmentos interrompidos da vida, que por vezes revemos, uma insuperável, por vezes constrangedora, fonte de recordação e emoção. São os documentos fotográficos também um insubstituível meio de informação.

Desta feita, as imagens expressas aqui na pesquisa correspondem ao registro das informações trazidas das diversas lembranças e emoções sentidas pelas professoras. As imagens remontam ao vivido pelas professoras ao revisitar o passado, em fração de segundos, e a imaginação faz com que se reconstrua os acontecimentos experienciados (Kossoy, 2020). Um exemplo disso é a Imagem 32, do relato da conquista dos 100m nos jogos das/os servidoras/es e a camiseta que por coincidência estava na bolsa de Maia (2024b). A Imagem 22 remete ao espanto da professora Oliveria (2024) ao ver uma imagem de alunas rainha dos jogos internos, como se fosse um concurso de beleza, assustada coloca a mão na boca, em uma expressão de espanto.

Para Ciavatta (2002, p. 16), “a fotografia como recriação da realidade, como simulacro que é e não é, ao mesmo tempo, o objeto real, a fotografia no que mostra e no que dissimula, como conhecimento dissociado da experiência que redefine a própria realidade”. Logo, assim como apontado pela autora, as referidas imagens têm a representatividade de rememorar lições de vida tatuadas no corpo das entrevistadas que transcendem as escolhas profissionais, ou seja, tratam-se de experiências que oportunizam a resolução, as escolhas de tomadas de decisões e que, enfim, as engradem enquanto ser para o exercício de sua atuação profissional.

A imagem faz rememorar o que de mais significativo e emocionante se vivencia, percebe e sente no corpo. Elas conduzem para realidades vivenciadas, considerando e acessando um acervo de memórias que se presentifica, bem como traz sensações e percepções corporais indescritíveis, por meio das emoções que extasiam no corpo. Essa passagem, de Merleau-Ponty (2018, p. 291), tem essa representatividade: “pela sensação, eu apreendo, à margem de minha vida pessoal e de meus atos próprios, uma vida de meus olhos, de minhas mãos, de meus ouvidos, que são tantos Eus naturais”. Por outro lado, Ricoeur (2007, p. 53) nos envolve ao afirmar:

Não nos lembramos somente de nós, vendo, experimentando, aprendendo, mas das situações do mundo, nas quais vimos, experimentamos, aprendemos. Tais situações implicam o próprio corpo e o corpo dos outros, o espaço onde se viveu, enfim, o horizonte do mundo e dos mundos, sob a qual alguma coisa acontece.

É fato que estes autores não remetem diretamente à imagem em si, mas sim ao sentir, às sensações, como em Merleau-Ponty, e à polaridade entre a *reflexividade* e a *mundanidade*,

em Ricoeur (2007). O paralelo que tracei se baseia nas imagens e nas expressões, sensações e emoções observadas. Ou seja, ainda refletindo: “aquilo que chamamos de sensação é apenas a mais simples das percepções e, enquanto modalidade da existência, ela não pode, assim como nenhuma percepção, separar-se de um fundo que, enfim, é o mundo” (Merleau-Ponty, 2018, p. 324).

Concordo que a sensação é um elemento básico e isolado da experiência, que poder-se-ia relacionar o toque do olhar as imagens, a partir dos *slides*, ao toque do olhar entre as entrevistadas e a pesquisadora, até mesmo o toque físico, entre a mão da pesquisadora e a de Oliveira (2024) e ao abraço com Maia (2024b). Ainda há de se levar em consideração que as sensações são experiências situadas em um tempo e em um lugar, as quais são influenciadas pelas experiências vividas no passado e suas expectativas de futuro.

Ao dialogar com os estudos de Nóbrega (2015, p. 76) sobre estesiologia — que retoma os cursos de Merleau-Ponty no *Collège de France* —, é possível observar que “a vida perceptiva é expressiva”. Em seu primeiro curso, o filósofo destacou três eixos centrais: o esquema corporal, o movimento e a visão.

No esquema corporal, há uma percepção do corpo e do mundo em uma fusão na formação da práxis. O movimento, por sua vez, não é apenas deslocamento mecânico: é através dele que o corpo se abre às possibilidades do espaço, transcendendo sua materialidade. Já a visão não se reduz a passividade; nela reside uma “idealidade”, ou seja, a capacidade de apropriação e significação do que é visto, permitindo que o sujeito se projete no mundo (Nóbrega, 2015).

Assim, ao apreciar os *slides* carregados de histórias da instituição e de suas trajetórias de vida, as professoras se entregaram as sensações e percepções corporais, imbricadas nessas três camadas. Como Oliveira (2024) e Monteiro (2024), ao se incomodarem com a estrutura do corpo físico, padrão corporal estabelecido pela sociedade de um corpo magro, porém procurando reelaborá-las, a partir de suas experiências, do corpo em movimento, das práticas corporais na infância, na rua, na modalidade esportiva, em sua atuação profissional, constituindo visões que a fazem abrir-se ao mundo. Nas palavras de Nóbrega (2015, p. 89):

O corpo com fonte de sensações, o corpo estesiológico celebra essa ontologia do ser bruto, ser da indivisão que não busca mais ultrapassar noções, conceitos dualistas, mas realizar a experiência do ser pela arte, pela linguagem, na história.

Ao abrir-se ao mundo, as professoras participantes permitiram que suas experiências, sua trajetória de vida e profissional, se entrelaçassem e se harmonizassem. Essa integração

possibilita um desenvolvimento mais conciso e completo do ser, que se reconhece como parte de um todo.

A trajetória de vida e profissional estudada de cada professora é única e singular. Ao compartilharem suas experiências neste estudo, as professoras não apenas enriquecem a pesquisa, mas, a mim e a si mesmas, ao viabilizarem elementos para a formação das/os alunas/os, em uma educação integral rica e diversa.

Assim, volto à analogia da prova dos 100m, rememorando que ao cruzar a linha de chegada, naquela prova lá em 1997, retornei para me apresentar a arbitragem, ao costumeiro aqui nos jogos internos, então passou um filme de toda a corrida, dos treinos, do que fiz para cruzar essa linha. Trazendo esse paralelo para a tese, é isso que tentei proporcionar às professoras: esse filme sobre sua trajetória nessa instituição, desde aluna até sua atuação profissional, vendo, revendo, vivendo e revivendo alguns momentos, *flashes* possíveis de serem lembrados e relembrados, a partir dessa entrevista e das imagens apresentadas. A seguir, apresento as conquistas, os frutos dessa tecitura com as professoras.

4.2 PÓDIO E PREMIAÇÃO: CONQUISTAS

Na prova em que corri, houve uma seleção até a chegada da final. Uma vez que se pretendia atingir o topo do pódio, aqui também tive que selecionar oito mulheres para a reflexão dos dados, mas, isso não exime as demais professoras. Recordo que, depois de realizar a primeira cirurgia no joelho, tive minha última prova de 100m dos jogos internos nessa instituição, porque agora não consigo mais correr, então, não terei a oportunidade de corrê-la como servidora. Mas esses são alguns dos desafios com que nos deparamos na trajetória de vida. Resta-nos encontrar outros caminhos a serem percorridos, quando, então, me encontro na corrida dessa tese, que é fruto desse processo como aluna e ex-atleta da ETFRN, docente do CEFET/RN e do IFRN. O retorno à aluna desta instituição, no PPGEPI/IFRN, é um interstício para, em seguida, dar continuidade à docência.

A conquista da pesquisa neste momento se faz quando apresento as respostas às questões e aos objetivos aqui levantados. Além da confirmação da tese como procedente, algo realizado durante toda a dissertação do texto, o diálogo com as/os autoras/es com quem me propus a tecer essa trama, nessa corrida, se estabelece e se materializa nesse pódio e na premiação, para em seguida propor novas corridas, isto é, os frutos advindos deste produto⁶⁵.

⁶⁵ Como o texto está estruturado em torno de uma analogia a uma prova de 100 metros rasos da modalidade do atletismo, uma prova de cunho competitivo, não poderia fugir à sua sequência, mas durante a escrita da tese, tentei

Ao considerar o objeto de estudo “As memórias e as trajetórias narradas pelas professoras de Educação Física e Esporte no IFRN”, apresentando-o nas seções, e em relação a hipótese de que a presença de professoras de Educação Física cresceu ao longo das últimas décadas do século XX e primeiras do século XXI e, possivelmente, suas trajetórias na instituição guardam aproximações e particularidades que podem ter interferido na própria prática esportiva do IFRN, observadas na iconografia e nas narrativas das professoras por meio das entrevistas, teço as constatações a seguir.

Ao investigar a presença das professoras de Educação Física e Esporte no IFRN ao longo das últimas décadas do século XX e primeiras do século XXI, com base nas memórias e trajetórias das professoras, constatei que apenas na institucionalidade da ETFRN houve a contratação de uma professora para a disciplina de Educação Física e Esporte, no ano de 1979. Era uma professora na modalidade de Treinamento de grupo de Ginástica Rítmica, contratada apenas por quatro meses, para exercer o cargo de professora colaboradora, portanto a primeira professora que identifiquei como sendo da disciplina.

Tal questão se deu somente passados 70 anos de criação da instituição. Até então, só se tinha, no quadro funcional da instituição, professores de Educação Física e Esporte do sexo masculino. Por outro lado, identifiquei que a primeira professora efetiva desta disciplina assume seu cargo no ano de 1981, em uma discussão apresentada a partir da análise das portarias acessadas no arquivo do IFRN/CNAT, sintetizada no do Quadro 1 (p.74), dessa tese.

A presença de professoras de Educação Física e Esporte teve um crescimento acentuado, constatado na discussão apresentada e sintetizada nos Quadros 1 (p.74) e 2 (p.77), dessa tese, os quais demonstram esse crescimento quantitativo de ingresso de mulheres professoras de Educação Física e Esporte a partir do final da década de 1970 até as primeiras décadas do século XXI.

Creditou-se, inicialmente, tal aumento à formação pela UFRN nas primeiras turmas do curso de graduação em licenciatura em Educação Física, e a consequente formação de professoras na área. Por outro lado, quando as alunas ingressaram na ETFRN, os professores não tinham interesse em ministrar aulas às alunas, então, começou-se o empenho na contratação de novas professoras. Assim, as primeiras professoras são através de contratos colaborativos, temporários, e posteriormente, algumas logram o cargo por meio de concursos públicos.

Factualmente, na década de 1970 foi contratada apenas uma professora. Na década de

demonstrar as conquistas, os desafios e as superações não apenas das 8 finalistas, mas de todas as professoras efetivas de Educação Física e Esporte do IFRN que arquitetaram e protagonizarão princípios educativos, formativos e de trabalho no IFRN.

1980 foram contratadas 6 professoras, sendo que duas delas se efetivaram por meio de concurso público interno e externo. Na década de 1990, 7 professoras passam e assumem o cargo efetivo de professora. Do período de 2000 a 2010, 8 professoras assumem o cargo, todas passaram em concurso público para exercício público de forma efetiva. Já na década de 2011 a 2021, a instituição empoeira 15 professoras, através de concurso público realizado pela instituição ou transferência, acompanhamento de cônjuge, entre outras situações previstas no Regime Jurídico Único de servidores públicos federais.

Infiro que, estes períodos em que se detecta mais ingressos de professoras advêm do fato de, pela primeira vez na história política do país, se tem um governo progressista. Então, ocorre uma substituição do Decreto n.º 2.208/1997 (Brasil, 1997) pelo Decreto n.º 5.154/2004 (Brasil, 2004), durante os governos Luiz Inácio Lula da Silva, que valorizou o Ensino Médio Integrado (EMI) e expandiu os Institutos Federais, gerando uma demanda por novas/os professoras/es na Rede Federal. A disciplina de Educação Física e Esporte, no IFRN, foi contemplada em maior proporção nos concursos de 2009, 2011 e 2015, resultando em um aumento significativo na contratação de professoras para essa área, como apresentado na Imagem 5 (p.80), discutida na seção 2 dessa tese.

Essa identificação no aumento da contratação de professoras, sem a preocupação de estabelecer uma relação comparativa entre as contratações masculinas, deu-se, segundo pode-se inferir com os dados aqui discutidos e as narrativas das professoras, a partir dos seguintes fatores: a) a crescente adaptação ao modelo pedagógico, uma vez que na elaboração do PTDEM em 2012, mais de 50% dos proponentes na elaboração da proposta eram mulheres, professoras de Educação Física e Esporte; b) à formação delas na UFRN, como apresentado e discutido na seção 2; c) a participação efetiva de ex-professoras da instituição e referências na produção acadêmica e na produção do conhecimento científico na área, a exemplo das professoras da UFRN Porpino (2006), Nóbrega (2006; 2015; 2018) e Mendes (2009; 2013).

Além da construção identificada e analisada dessas produções e do pensamento crítico da área, destaco algumas mulheres que estão no centro das discussões: os estudos de Pereira (202019) na produção do PPGEP/IFRN; os estudos de Goellner (2003; 2004) sobre a história das mulheres no esporte no país; de Soares (2005; 2007) sobre a história da Educação Física; de Darido (2003) ao tratar, entre várias temáticas da área, o ensino médio; de Gonçalves (2012), que propôs uma Educação Física como prática transformadora; do Coletivo de Autores, 1992 (das/os sete autoras/es, cinco são mulheres), numa Educação Física com a perspectiva crítico-superadora; e outras que neste estudo não foram abordadas, como: Celi Taffarel, Maria Elizabeth Varjal e Micheli Ortega.

Diante das memórias narradas das professoras e suas trajetórias de do IFRN a docentes no IFRN, constata-se que sua formação e suas atuações profissionais guardam aproximações e particularidades as quais interferiram na dinâmica de prática esportiva do IFRN. No que diz respeito a suas formações observou-se que as primeiras professoras foram formadas nos currículos considerados por Darido (2003) como o currículo tradicional, então sua atuação profissional é carregada das características de um curso mais técnico, algo que se detecta nas entrevistas a respeito da deste perfil na atuação das professoras. Ademais, o esporte competitivo é uma temática latente.

Por outro lado, as professoras das décadas de 1990 em diante já se formam em um perfil científico, como considerado por Darido (2003). Assim, já desenvolvem uma atuação profissional sob os novos prismas teóricos e metodológicos da área, bem como levam em consideração suas produções científicas, respeitando os pressupostos do PTDEM e se aproximando dos pressupostos teóricos do PPP do IFRN. Observei, ainda, que, embora, algumas (a pesquisadora, Oliveira (2024) e Monteiro (2024)) relatem o desconforto com esporte de competição, ele se faz presente, de forma que elas se sentem compelidas a atuar com essa dimensão, devido às demandas das/os alunas/os e pela compreensão do papel que esta dimensão acarreta na formação de suas vidas.

Diante do exposto, a atuação das professoras participantes guarda aproximações e particularidades, que por um lado, estão arquitetando interferências na prática esportiva do IFRN, mas, que ainda não conseguiram conceber maneiras diferenciadas que agreguem mais alunas/os nas práticas esportivas, visto que o modelo dos JIFs não propicia congregar e sim segregar, como destacado, principalmente, nas narrativas de Oliveria (2024) e Monteiro (2024), em consonância com as/os autoras/es que tratam das tendências esportivista e biologiscista, por exemplo.

Ao se apresentar, discutir e argumentar, fundamentada em aparatos legais, documentos institucionais, bases teóricas da História Oral, da história e da memória, dos pressupostos teóricos da Educação Física e Esporte, das categorias *a priori* e as emergentes das narrativas das professoras participantes, das fontes iconográficas, das questões de gênero na escola e no esporte, espero realçar a perspectiva do papel das mulheres como protagonistas na Educação Física e no Esporte, destacando os princípios educativos, de formação e de trabalho para o campo no contexto do IFRN.

Concluo que, a atuação das professoras participantes e da pesquisadora – ao analisar as experiências que marcaram as trajetórias de vida e a atuação profissional de docentes de Educação Física e Esporte do IFRN, alunas egressas da instituição – aproxima-se do conceito

de trabalho como princípio educativo, defendido por Ramos (2005), Moura (2007), Ciavatta (2019) e outras/os autoras/es da educação profissional.

As narrativas das professoras expostas durante o trabalho ratificam a confirmação real dessa preposição, uma vez que suas atuações profissionais vão além da formação apenas na instituição. Elas ultrapassam os muros da instituição, compartilham essa formação com as/os familiares, protagonizando princípios educativos, de formação e de trabalho na vida dessas/es discentes, como observado no relato da/os ex-aluna/os de Maia (2024a) e Maia (2024b), para exemplificar.

Durante o texto, identifiquei e analiso, nas narrativas das trajetórias de vida e da atuação profissional, as categorias *a priori* e categorias emergentes, temáticas que se aproximam e se distanciam, porém que se constituem como parte de um arcabouço coletivo para a área. A percepção da internalização coletiva, embora muitas vezes - em suas narrativas, deixem claro não terem participado diretamente de algum processo -, fez-se presente no pertencimento à instituição em todas as narrativas das professoras ao relatarem suas memórias individuais. Esse pertencimento também se fez atualizado nas categorias emergentes, como: calistenia, esportivização, jogos internos, professoras de Educação Física e Esporte, escola e ensino público, brincadeiras e jogos de rua, ginásticas, danças, lutas, capoeira, sexualidade, gênero e corpo, em que as narrativas das professoras estabelecem uma aproximação, e, por vezes, um afastamento, do que se constitui esta memória individual e coletiva.

Por meio da análise, identifiquei um ciclo da história das práticas de Educação Física e Esporte, com auxílio das fontes no arquivo do IFRN/CNAT, documentais e icnográficas, além das próprias entrevistas com as professoras participantes. Essa análise comprovou, mais uma vez, que o espaço de trabalho e formação é uma disputa constante na instituição e as mulheres vem neste embate de maneira empoderada, protagonizando ativamente o papel delas, a partir de sua atuação através da Educação Física e Esporte, como um meio constituinte de um princípio educativo, formativo e de trabalho no IFRN.

Na perspectiva de desvelar as experiências vividas, sentidas e as emoções das professoras do IFRN em Educação Física e Esporte, recorri à dimensão imagética. Digo isso porque as imagens aqui apresentadas e analisadas não são meras ilustrações, mas, sim, elementos que deslocam o olhar para a reflexão sobre a vivência histórica dessa disciplina, além de potencializar o simbolismo das experiências relatadas nas entrevistas. Para tal, parti de uma compreensão ancorada nos estudos de autores/as que propiciam a análise visual, imagética, simbólica e política decorrente da apreciação das imagens, através das concepções teóricas apresentadas pelas/os autoras/es discutidas/os ao longo do texto.

As memórias evocadas ou disparadas por meio da produção individualizada de *slides*, na realização de práticas de Educação Física e Esportivas, de momentos vivenciados nos espaços da instituição, relatos de ex-alunas/os, imagens capturadas do Instagram das professoras, de suas atuações profissionais, entre outros, reforçaram que elas desempenham um papel de protagonistas e participantes ativas, uma vez que sua atuação profissional é parte de um processo que colabora como princípio educativo, a despeito da disputa que enfrentam do espaço de formação e de trabalho na instituição, que é respaldado por aparatos legais e culturais apresentados, discutidos e analisados na seção 3, os quais indicam que a instituição se encontra em uma sociedade patriarcal e machista.

Assim, infiro que, a Educação Física e o Esporte desenvolvidos pelas professoras com base nos pressupostos atuais da área, apresentados e discutidos por autoras(es) já referenciados, como: Kunz, Coletivo de autores, Darido, Tubino, Castellani Filho, Pereira, Melo, Nóbrega, Souza, Moreira, Gonçalves, entre outras/os, têm uma prerrogativa, uma abordagem pedagógica e educativa, propiciando uma aproximação aos fundamentos conceituais de EMI. Portanto, aproximam-se⁶⁶ do que propõe o PPP/IFRN, quando considera que a instituição promove uma educação *omnilateral*, admitindo, assim, a tese de que as mulheres na Educação Física e Esporte são protagonistas de princípios educativos, de formação e de trabalho no IFRN.

Mais uma vez, volto à analogia da prova dos 100m. Se lá houve um pódio ainda mais seletivo, aqui no estudo obtive resultados significativos para a área e a disciplina na instituição, evidenciado as mulheres como protagonistas. Por outro lado, se as medalhas foram as premiações, aqui me proponho a correr novas provas, dando proposições de continuidade à pesquisa.

4.3 PRÓXIMAS CORRIDAS: CONTINUIDADE DA PESQUISA

Ao subir no pódio, tem-se a tão sonhada premiação. No caso dos jogos internos, recebi uma medalha. Aqui, a premiação são as viabilidades de estudar novos objetos temáticos para área da Educação Física e Esporte na Educação Profissional, além de algumas proposições observadas das narrativas das professoras para a melhoria da área na instituição.

Um primeiro objeto latente que percebi que poderá ser desenvolvido é abordar e ampliar para a história de vida ou história e memória de cada uma dessas professoras, e das

⁶⁶ Digo se aproxima, porque, embora não tenha sido objeto de análise o aspecto da educação *omnilateral*, e por ter percebido que falta apropriação ao esse conceito por parte das professoras.

demais que não foram entrevistadas, considerando a área.

Outro objeto que poderia ser mais explorado nas pesquisas no arquivo do IFRN/CNAT ao acessar os diários de classe da disciplina, diz respeito às questões de conteúdos contidos nos diários, a relação com as normativas institucionais, as didático-pedagógicas e práticas pedagógicas, como material, espaços explorados e avaliações utilizadas, entre outras. Como não era o objetivo deste estudo, abro a perspectiva de explorá-lo futuramente em uma pesquisa de pós-doutorado.

Outra questão que intenciono realizar será a criação de um grupo de estudo sobre memória e história da mulher no esporte, vinculados a uma base de pesquisa do IFRN, explorando novos objetos de estudos, como as questões étnico-raciais das professoras na Educação Física e Esporte no IFRN, no Rio Grande do Norte e no país; mulheres trans no esporte; maternidade e esporte; mulher e empoderamento no esporte; diversidade e inclusão das mulheres no esporte, entre outras.

Algo latente nas falas das professoras Oliveira (2024) e Monteiro (2024) foi a questão relativa ao Conselho Federal de Educação Física (CREF). A obrigatoriedade de ter o CREF para participar de eventos esportivos estudantis do estado do RN e outras competições tem sido motivo de grande constrangimento para as/es professoras/es de Educação Física e Esporte não cadastradas/os no CREF, por considerarem que são regidos pelo MEC e, portanto, consideram que essa associação não deveria ser cobrada. Assim, faz-se necessário exigir um posicionamento oficial do IFRN a este respeito, por meio do Núcleo Central Estruturante da disciplina (NCE) e da coordenação sistêmica de esporte na Pró-Reitoria de Ensino do IFRN. De posse desses dados, irei entrar em contato com o NCE para realizar essa solicitação.

Um dos grandes incômodos relatados pelas professoras nas entrevistas diz respeito à realização dos JIFs. Apesar de terem consciência da importância da realização dos jogos para a formação integral das/os alunas/os, porque também foram formadas participando de tais jogos, suas falas revelam uma profunda angústia em relação à organização dos jogos como um todo. Essa angústia atravessa o sofrimento na seleção das/os alunas/os, o formato dos jogos e o desgaste do processo como um todo.

Como se dispõe de uma coordenação sistêmica de esporte na Pró-Reitoria de Ensino do IFRN desde o primeiro semestre letivo de 2024, há uma oportunidade de ser elaborado um documento solicitando a esta Pró-Reitoria, a partir de sua coordenação, que seja criada uma comissão para discutir encaminhamentos de melhoria nos JIFs, tais como: ampliar a participação das/os alunas/os; buscar apoio e recursos em editais de fomento ao esporte; repensar o formato dos jogos; fortalecer a comunicação; promover festivais esportivos, de lazer

e de esportes da natureza, entre outras tantas atividades.

Durante o curso do doutorado, tive a oportunidade de fazer parte do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior – PDSE, Edital Nº 06/2024 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, no período 10/2024 a 12/2024, com a parceria com o Instituto de Educação da Universidade de Lisboa - ULisboa, tendo participado do Programa Intercalar de Doutoramento de Outra Universidade por um semestre. Essa parceria me proporcionou o intercâmbio com outras/os alunas/os de Portugal e do Brasil, promovendo uma experiência e crescimento a partir das atividades realizadas em grupos, coordenadas e orientadas pelo professor Dr. Joaquim Pintassilgo, além de visitas a museus e encontros sociais, fortalecendo laços pessoais, acadêmicos, profissionais e a perspectiva de elaboração de trabalhos futuros juntas/os.

O relatório do Programa Intercalar já foi submetido, aprovado pelo professor Dr. Joaquim Pintassilgo e encaminhado ao Conselho Superior da ULisboa. Durante o período, obtive o certificado de conclusão do doutorado sanduíche. Outro trabalho desenvolvido na ULisboa foi um projeto de pesquisa submetido e aprovado pelo Comitê de Ética local, em que entrevistei uma professora do Ensino Básico de Portugal da área de Educação Física, a partir da metodologia da História Oral e da técnica da entrevista oral. Este estudo está na fase de análise da entrevista, sendo já realizada a transcrição, em sua íntegra. O resultado dele já foi apresentado no III Simpósio de Gestão e Avaliação em Educação Profissional, Políticas Públicas em Educação Profissional: perspectivas e desafios – III SIGAEP/PPGEP/IFRN, e pretendo escrever um artigo para submeter a periódicos da área da Educação e/ou da Educação Profissional, além da publicação do relatório e outros trabalhos que serão produzidos.

Por ter gravado em áudio e filmado três das entrevistas, além de ter capturado a tela do computador, pelo programa OBS Studio, de uma entrevista e parte de outra, irei submeter este material a um edital de pesquisa da instituição, com o objetivo de gerar um produto de melhor qualidade, visando aprimorar a edição dos vídeos e disponibilizá-los nos meios digitais oficiais da instituição.

Esta tese terá ainda, como, frutos a publicação em eventos científicos de destaque nas áreas de Educação, Educação Profissional, Educação Física e Esporte, bem como em revistas e periódicos especializados. Adicionalmente, a pesquisa será submetida a editais que fomentam a publicação de livros, com o objetivo de transformá-la em um livro.

Para finalizar este texto, registro algumas barreiras que precisei superar ao longo deste doutorado para concretizar a escrita: conciliar as questões profissionais, pessoais e familiares com o doutorado; como servidora do IFRN/CNAT, a dificuldade em estabelecer um

distanciamento saudável do ambiente de trabalho demandou tempo para compreender os papéis de aluna e servidora, com muitas sessões de terapia para estabelecer limites e uma compreensão clara; as limitações físicas foram superadas com intensas sessões de fisioterapia e massoterapia; o longo hiato entre a conclusão do mestrado e o início do doutorado foi um vetor de superação, pois o distanciamento dos grupos de estudo, da elaboração de trabalhos científicos e da participação em eventos foram gradativamente readaptados e incorporados ao cotidiano de aluna, docente e pesquisadora.

No entanto, o maior desafio foi alinhar as entrevistas e manter o distanciamento científico necessário, já que as entrevistadas são, em sua maioria, amigas da vida e da profissão, e uma delas foi minha aluna. Cada entrevista representava um desafio pessoal, com a preocupação de que a pesquisa fosse representada de forma ética, científica, respeitosa, zelosa, fidedigna e honrosa, e acima de tudo, com o amor que sempre envolveu todo o processo.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. A Entrevista. In: ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004a. p. 81-136.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004b.
- ARAÚJO, Ana Cristina de. **Entrevista concedida a Ivana Lúcia da Silva**. 11 jan. 2024. [A entrevista encontra-se no Anexo da tese de doutorado de Ivana Lúcia da Silva, defendida em 02 jun. 2025, no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do IFRN – PPGEPI/IFRN].
- BATISTA, Ana Cristina; MEDEIROS NETA, Olívia; SILVA, Ivana Lúcia da; BEZERRA, Von Klaus Dantas. A Lei n.º 5.692/71 em seu contexto de produção. **Caderno Pedagógico**, v. 21, n. 3, e3375, 2024. DOI: 10.54033/cadpedv21n3-179. Disponível em: <https://doi.org/10.54033/cadpedv21n3-179>. Acesso em: 10 jun. 2024.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Educação e realidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 21. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2023.
- BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso: 20 dez 2021.
- BRASIL. **Decreto n.º 2.208, de 17 de abril de 1997**. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os Arts. 39 a 42 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d2208.htm. Acesso em 30 abr. 2025.
- BRASIL. **Decreto n.º 5.154, de 23 de julho de 2004**. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os Arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm. Acesso em 30 abr. 2025.
- BRASIL. **Decreto n.º 69.450, de 01 de novembro de 1971**. Regulamenta o artigo 22 da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, e alínea c do artigo 40 da Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968 e dá outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-69450-1-novembro-1971-418208-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 27 de abr. 2024.
- BRASIL. **Decreto-Lei n.º 3.199, de 14 de abril de 1941**. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm. Acesso em: 31 jul. 2022.
- BRASIL. **Lei n.º 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11892.htm. Acesso em: 10 abr. 2023.

BRASIL. **Lei n.º 14.597, de 14 de junho de 2023.** Institui a Lei Geral do Esporte. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/114597.htm. Acesso em 30 abr. 2025.

BRASIL. **Lei n.º 5.692, de 11 de agosto de 1971.** Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm. Acesso em: 10 fev. 2023.

BRASIL. **Lei n.º 6.251, de 08 de outubro de 1975.** Institui normas gerais sobre desportos, e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/L6251impressao.htm. Acesso em: 10 abr. 2023.

BRASIL. **Lei n.º 6.503, de 13 de dezembro de 1977.** Dispõe sobre a Educação Física, em todos os graus e ramos do ensino. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6503.htm#:~:text=LEI. Acesso em 02 mai. 2024.

BRASIL. **Lei n.º 6.503, de 13 de dezembro de 1977.** Dispõe sobre a Educação Física, em todos os graus e ramos do ensino. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6503.htm#:~:text=LEI. Acesso em 02 de maio de 2024.

BRASIL. **Lei n.º 9.394/96, de 23 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em 02 mai. 2025.

BRASIL. **Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do Ensino Médio.** Brasília, DF: MEC/SEF, 2000. p. 1-23.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física no Brasil:** A história que não se conta. Campinas, São Paulo: Papirus, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica Ano Vogel. 3. ed. [Reimpr.]. Rio de Janeiro. Editora Forense, 2022.

CHAGAS, Kadydja Karla Nascimento. **Sensível no trabalho docente:** representação social entre docentes do Institui Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio grande do Norte. Natal, 2014.

CHAVES, Paula Nunes. **Corpo Queer e a experiência da sexualidade:** notas para o conhecimento da Educação Física. Dissertação (Mestrado em Educação), UFRN. 2016. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/21243/1/PaulaNunesChaves_DISSERT.pdf. Acesso em 02 mai. 2025.

CHAVES, Paula Nunes. **Entrevista concedida a Ivana Lúcia da Silva.** 27 de fev. 2024. [A entrevista encontra-se no Anexo da tese de doutorado de Ivana Lúcia da Silva, defendida em 02 jun. 2025, no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do IFRN – PPGEPI/IFRN].

CIAVATTA, Maria (Org.). **A historiografia em trabalho-educação: como se escreve a história da educação profissional.** Uberlândia: Navegando Publicações, 2019.

CIAVATTA, Maria. **O mundo do trabalho em imagens:** a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992. Coleção Magistério 2º Grau – Série Formação do Professor.

CONFED - CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Diretrizes e Estratégias:** 2017-2020. Disponível:

https://www.confef.org.br/arquivos/DIR_ESTRAT_CONFED_17_20.pdf. Acesso: 10 de nov de 2022.

CYRULNIK, Boris. **Os alimentos do afeto**. Tradução de Celso Mauro Paciornik. São Paulo, SP: Editora Ática S. A., 1995.

DAÓLIO, Jocimar. A ordem e a (des)ordem na Educação Física brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 1, p. 115-127, set. 2003. Disponível em:

<http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/RBCE/article/viewFile/179/186> Acesso em: 05 ago. 2019.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Guanabara Koogan S. A., 2003.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FACUNDO, Lucas Alves *et al.* **Trajetória profissional de treinadores no contexto do esporte paralímpicos**. Lucas Alves Facundo, Marco Túlio de Mello, Mário Antônio de Moura Simim, Tiago Duarte, Aline Ângela da Silva Cruz, Fernanda Veruska Narciso, Roberta Ariane de Andrade Ramos, Alberto Martins da Costa, Andressa Silva (organizadores). Movimento, Porto Alegre, v. 25, e25034, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.87115>.

FERNANDES, Francisco das Chagas Mariz; BRITO, Severino do Ramos de. **Do ensino industrial ao técnico: um ciclo de empreendedorismo no IFRN**. Natal: Editora IFRN, 2019.

FERNANDES, Vera; MOURÃO, Ludmila; GOELLNER, Silvana Vilodre & FERREIRA, Marieta M, AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos & abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.

FREIRE, João Batista. **Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física**. São Paulo, SP: Scipione, 1997.

GAMA, Jean Carlos Freitas; NETO, Amarílio Ferreira; SANTOS, Wagner dos. Formação para atuação com o esporte: características bibliométricas e redes de colaboração. **Movimento** (Porto Alegre), v. 27, e27017, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.109936>.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, materna e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003. – 152p. – (Coleção educação física).

GOELLNER, Silvana Vilodre. Esporte moderno: memória e história. **Revista Digital**, n. 77, ano 10, out. 2004. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=989039>. Acesso: 20 de dez. 2022.

GOMES, Euza Maria de Paiva. **A participação das mulheres na gestão do esporte brasileiro: desafios e perspectivas**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar e agir: corporeidade e educação**. 15. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012. (Coleção Corpo e Movimento)

GOODSON, Ivor F. **A vida e o trabalho docente**; tradução de Daniela Barbosa Henrique. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

GRESPLAN, Carla Lisboa. Mulheres em combate: representações de feminilidades em lutadoras de boxe e MMA. **Rev. Educ. Fís/UEM**, v. 26, n. 3, p. 367-376, 3. trim. 2015. DOI: 10.4025/reveducfis.v26i3.26009.

HALBAWCH, Maurice. Memória Coletiva e Memória Individual. In.: HALBAWCH, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto Político Pedagógico do IFRN (PPP): uma construção coletiva**. Organizado por: Anna Catharina da Costa Dantas; Nadja Maria de Lima Costa. Natal: Editora IFRN, 2012. 326 p.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE. **Proposta de Trabalho das Disciplinas nos Cursos Técnicos de Nível Médio Integrado Regular e na modalidade EJA (PTDEM)**. 2012. Disponível: <https://portal.ifrn.edu.br/ifrn/institucional/projeto-politico-pedagogico-1/lateral/menu-1/ptdem/>. Acesso: 20 jan. 2021.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Tradução de Marina Appenzeller; revisão técnica de Rolf de Luna Fonseca. 14. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. (Série Ofício de Arte e Forma).

JUBÉ, Carolina Nascimento. **Educação, educação física e natureza na obra de Georges Hébert e sua recepção no Brasil (1915-1945)**. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: [s.n.], 2017.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1994.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana F. Borges. 5. ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1990.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estrutural**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2001.

MAIA, Gizelda Lúcia dos Santos. **Entrevista concedida a Ivana Lúcia da Silva**. 13 mar. 2024a. [A entrevista encontra-se no Anexo da tese de doutorado de Ivana Lúcia da Silva, defendida em 02 jun. 2025, no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do IFRN – PPGEPI/IFRN].

MAIA, Mayara Cristina Mendes; CHAVES, Paula Nunes; ARAÚJO, Alison Carvalho de. **O espaço da mulher na cultura esportiva: Análise da obra offside**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 18., CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 5., 2013, Brasília, DF. **Anais do XVIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE), V Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONICE)**. Brasília, DF, 2013.

MAIA, Sônia Cristina Ferreira. **Entrevista concedida a Ivana Lúcia da Silva**. 20 mar. 2024b. [A entrevista encontra-se no Anexo da tese de doutorado de Ivana Lúcia da Silva, defendida em 02 jun. 2025, no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do IFRN – PPGEPI/IFRN].

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MEDEIROS, Arilene Lucena de. **6ª Semana Nacional de Arquivos, de 06 a 10 de junho**. In: @arquivoifrn, 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CeCIAMGuWaV/>. Acesso: 20 set 2022.

MEDEIROS, Arilene Lucena de. **A forja e a pena: técnica e humanismo na trajetória da Escola de Aprendizes Artífices de Natal à Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte**. Natal: Editora IFRN, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Operação Prática de História Oral. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 173-220.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro**. **Revista de História**, São Paulo, n. 155, p. 191–203, 2006. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v0i155p191-203. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19041>. Acesso em: 2 maio. 2025.

MEIHY, José Carlos. **História Oral: Como fazer, como pensar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 43-62.

MELO, Cristina Maria da Cunha. **Entrevista concedida a Ivana Lúcia da Silva**. 15 maio 2024. [A entrevista encontra-se no Anexo da tese de doutorado de Ivana Lúcia da Silva, defendida em 02 jun. 2025, no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do IFRN – PPGEPI/IFRN].

MELO, José Pereira de. Educação Física e critérios de organização do conhecimento. In: NÓBREGA, Terezinha Petrucia da (org.). **Epistemologia, saberes e práticas da educação física**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2006.

MEMORIA IFRN. **Repositório Institucional do IFRN**. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/>. Acesso em: 18 de jan. 2021.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza. **Corpo e cultura de movimento: cenários epistemológicos e educativos**. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2013.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza; NÓBREGA, Teresinha Petrúcia da. Cultura de movimento: reflexões a partir da relação entre corpo, natureza e cultura. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 12, n. 2, 2009. DOI: 10.5216/rpp.v12i2.6135. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/6135>. Acesso em: 7 jan. 2025.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

MILISTETD, Michel; BRASIL, Vinicius Zeilmann; SALLES, William das Neves; TOZETTO, Alexandre Vinicius Bobato; SAAD, Michel Angillo (Orgs.). Percepção de estudantes universitários de educação física sobre o estágio curricular supervisionado em treinamento esportivo: estudo em uma universidade pública brasileira. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 3, p. 903-916, jul./set. de 2018.

MONTEIRO, Nerijane Almeida. **Entrevista concedida a Ivana Lúcia da Silva**. 08 fev. 2024. [A entrevista encontra-se no Anexo da tese de doutorado de Ivana Lúcia da Silva, defendida em 02 jun. 2025, no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do IFRN – PPGEPI/IFRN].

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 3. ed. rev. e ampl. Ijuí: Ed. Unijuí, 2016. (Coleção Educação em Ciências).

MOREIRA, Wagner Wey (org.). **Aulas de educação física no ensino médio**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

- MORI, Rafael Cava; OLIVEIRA, Gilmar Araújo de. Aspectos educacionais do karate: discutindo suas representações no cinema. *SciELO. Educ. Pesq.*, São Paulo, v. 45, e192837, 2019. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201945192837>. Acesso: 02 de jan de 2023.
- MOURA, Dante Henrique. Educação básica e Educação Profissional e Tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração. *Holos, [S. l.]*, v. 2, p. 4–30, 2008. DOI: 10.15628/holos.2007.11. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/11>. Acesso em: 2 maio. 2025.
- NÓBREGA, Terezinha Petrucia da (org.). **Epistemologia, saberes e práticas da educação física**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2006.
- NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Corpo e epistemologia. In: NÓBREGA, Terezinha Petrucia da (org.). **Epistemologia, saberes e práticas da educação física**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2006.
- NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Sentir a dança ou quando o corpo se põe a dançar**. Natal: Editora IFRN, 2015.
- NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Um estesiologia do corpo. In: NÓBREGA, Terezinha Petrucia da (org.). **Estesia: corpo e fenomenologia**. São Paulo: LiberArs, 2018. p. 11-28.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. In: *Projeto História*. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.
- O Poti. **Mais de 600 mulheres inscritas na antiga escola só de homens**. In: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=031151_03&pasta=ano%20197&p-esq=1975&pagfis=5707. Edição 02095 (2) do dia 07/12/1975, 1975.
- OLIVEIRA, Marcus Vinicius de Faria; SILVA, Nádia Cristina Costa da; FERNANDES, Renata Patrícia da Silva. **Brinquedos e brincadeiras populares: identidade e memória**. 2. ed. rev. e ampl. Natal: Editora IFRN, 2010.
- OLIVERIA, Ingrid Barbosa de. **Entrevista concedida a Ivana Lúcia da Silva**. 05 fev. 2024. [A entrevista encontra-se no Anexo da tese de doutorado de Ivana Lúcia da Silva, defendida em 02 jun. 2025, no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do IFRN – PPGEPI/IFRN].
- PEGADO, Erika Araújo da Cunha. **A trajetória do CEFET-RN desde a sua criação no início do século XX ao alvorecer do século XXI**. 1. ed. Natal: Editora do CEFET RN, 2010.
- PEREIRA, Mônica de Lima. **Memórias e histórias de professores: os percursos pessoais e profissionais entrelaçados nas identidades de docentes de educação física do IFRN**. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional). Programa de Pós-graduação em Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3 - 15.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200 - 212.
- PORPINO, Karenine de Oliveira. **Dança e educação: interfaces entre corporeidade e estética**. – Natal, RN: EDUFRN, 2006.
- PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. Tradução: Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e voz, 2016. (Coleção Ideias)

- QUINAUD, Ricardo Teixeira; FARIAS, Gelcemar Oliveira; NASCIMENTO, Juarez Vieira. Formação profissional do gestor esportivo para o mercado de trabalho: a (in)formação dos cursos de bacharelado em educação física do Brasil. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 1111-1124, out./dez. de 2018. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.75557>.
- RAMOS, Marise N. Possibilidades e Desafios na Organização do Currículo Integrado. In: RAMOS, Marise N; FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria (Orgs.) **Ensino Médio Integrado: concepção e contradições**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Tradução: Mônica Costa Netto; Organização Tadeu Capistrano. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Editora Unicamp, 2007.
- RUBIO, Katia (Org.). **As mulheres e o esporte olímpico brasileiro**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. (Coleção Psicólogo do Esporte).
- SALIBIAN, Nubar V. Valor da Educação Física nas Escolas Industriais. In: **Boletim da CBAI**, vol. 15, n.º 2, 1961.
- SAMPAIO, Ana Kamily de Souza. **“Espelho, espelho meu”**: um olhar sobre as práticas pedagógicas da educação física a partir da imagem corporal de estudantes do ensino médio integrado. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do rio Grande do Norte. Natal, 2021
- SCHILDER, Paul. **A imagem do corpo**: as energias construtivas da psique. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwach. Memória Coletiva e Experiência. **Psicologia Usp**, v. 4, n. 1-2, p. 285-298, 1993.
- SILVA, Ana Márcia. Corpo e epistemologia: lgumas questões em torno da dualidade entre o social e o biológico. In: NÓBREGA, Terezinha Petrucia da (org.). **Epistemologia, saberes e práticas da educação física**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2006a. p. 75-105.
- SILVA, Ana Márcia. **Corpo, ciência e mercado**: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade. Campinas, SP: Autores Associados: Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.
- SILVA, Ivana Lúcia da; NASCIMENTO, Francinaide de Lima Silva. Mulher e esporte: incentivo, investimento e produção científica no IFRN. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 10, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/issue/view/69>. Acesso em: 10 dez. 2022.
- SILVA, Ivana Lúcia da; NASCIMENTO, Francinaide de Lima Silva; BEZERRA, Von Klaus Dantas. Interdição de mulheres em modalidades esportivas. In: PEREIRA, Luiz Fernando; SANTOS, Rosiane dos (Orgs.). **Sociedade em Foco**: Explorando as Ciências Sociais. Rio de Janeiro, RJ: Editora Científica Digital, 2023. p. 10-18. ISBN 978-65-85284-17-2. DOI: 10.5281/zenodo.10429784. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10429784>. Acesso em: 10 de jun. 2024.
- SILVA, Nina Maria da Guia de Sousa. **Escola para os filhos dos outros**: trajetória histórica da escola industrial de Natal (1942-1968). João Pessoa/PB: IFPB, 2019.
- SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física**: raízes europeias e Brasil. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.
- SOARES, Carmem Lúcia. **Imagens da educação no corpo**: estudo a partir da ginástica

francesa no século XIX. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SOUZA FILHO, Moysés de. **A configuração da Educação Física no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN: contexto e perspectivas atuais** / Moysés de Souza Filho. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Pós-Graduação em Educação. – Natal, RN, 2011.

STAMATTO, Maria Inês Sucupira. A legislação como fonte para a História da Educação. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; VASCONCELOS, José Geraldo; CASTRO, César Augusto (Orgs.). **História da Educação: memória, arquivos e cultura escolar**. Rio de Janeiro: Salvador: Quartet: Uneb, 2012.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões Sociais do Esporte**. São Paulo: Cortez, 2001.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação**. Maringá: Eduem, 2010.

UNESCO. **Carta Internacional da Educação Física e do Esporte da UNESCO, 21 de novembro de 1978**. Paris: UNESCO, 1978. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000216489_por. Acesso: 22 dez. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança. Movimento**: Revista da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento>. Acesso em: 24 jul. 2022.

VAZ, A. F. **Da modernidade em Walter Benjamin: crítica, esporte e escritura histórica das práticas corporais**. Educar, Curitiba, n. 16, p. 61-79. 2000. Editora da UFPR.

APÊNDICES

APÊNDICE A – FORMULÁRIO PARA QUESTIONÁRIO PRÉVIO

Formulário para questionário prévio – etapa zero da pesquisa – após aprovação no CEP
Formulário auxiliar à pesquisa sobre História, Historiografia e Memória da Educação Profissional em uma perspectiva de atuação das professoras de educação física e esporte no IFRN.

Convidamos você para participar da pesquisa “**MULHER NO ESPORTE: UMA HISTÓRIA DA ATUAÇÃO DE PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE NO IFRN**” coordenada pela pesquisadora Ivana Lúcia da Silva e que segue as recomendações das resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares.

Sua participação é **voluntária**, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Caso decida aceitar o convite, a Sra. será submetida ao seguinte procedimento: questionário via google forms com questões prévias, para subsídios ao recorte dos demais passos da pesquisa, que serão: entrevista temática individual, através de um roteiro semi estruturado, a ser realizada presencialmente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

A Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 (BRASIL, 2013) expõe que “toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes”; adotaremos garantias éticas para impedir ou diminuir eventuais riscos as participantes, caso necessário, nos comprometemos com o anonimato, a privacidade e o sigilo, porém solicitaremos as entrevistadas sua permissão em identificá-la, quando necessário, dessa maneira nos isentando da obrigatoriedade da garantia de sigilo e confidencialidade, uma vez que foram devidamente informadas e nos deem o seu consentimento. A responsabilidade de aplicação é da pesquisadora Ivana Lúcia da Silva, estudante do Curso Doutorado Acadêmico em Educação Profissional do IFRN, Campus Natal-Central. Os dados serão manuseados somente pela doutoranda Ivana Lúcia da Silva e a orientadora responsável, Profª. Drª. Francinaide de Lima Silva Nascimento, em eventuais publicações dos resultados, bem como serão informadas que podem se sentir à vontade para responder às entrevistas, para desistir em qualquer fase da pesquisa e que há anuência da Instituição de ensino para a realização da pesquisa.

Concordo em participar desta pesquisa “**MULHER NO ESPORTE: UMA HISTÓRIA DA ATUAÇÃO DE PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE NO IFRN**”. Declarando, para os devidos fins, que fui devidamente esclarecida quanto aos objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetida e dos possíveis riscos que possam advir de tal participação. Foram garantidos a mim esclarecimentos que venham a solicitar durante a pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que minha desistência implique em qualquer prejuízo a minha pessoa ou a minha família. Autorizo, assim, a publicação dos dados da pesquisa.

() Sim, estou de acordo

() Não desejo participar

1 – Nome completo

2 – Idade (mm/dd/aaaa)

3 – institucionalidade em que realizou o Ensino Médio?

a) ETFRN

b) CEFET/RN

c) IFRN

3.1 – Se foi aluna da ETFRN ou CEFET/RN ou IFRN. Qual foi o ano de ingresso?

3.2 – Se foi aluna da ETFRN ou CEFET/RN ou IFRN. Qual foi o ano de conclusão?

3.3 - Se foi aluna da ETFRN ou CEFET/RN ou IFRN. Qual foi o curso que concluiu?

3.4 – Foi atleta?

a) Sim

b) Não

c) Apenas cursou como estudante a disciplina Educação Física

3.5 - Tendo sido atleta, participou de qual modalidade?

4 - FORMAÇÃO ACADÊMICA - Graduação☐ Licenciatura Plena em Educação Física☐ Licenciatura em Educação Física☐ Bacharelado em Educação Física☐ Outro:

4.1 Ano da formação inicial:

4.2 Instituição de formação inicial:

4.3 Formação atual

☐ Graduação☐ Especialização☐ Mestrado☐ Doutorado☐ Pós-doutorado

4.4 Outro(s) curso(s) de graduação:

4.5. Área de Formação atual:

4.6. Outro(s) curso(s) de graduação:

5 – ATUAÇÃO DOCENTE

5.1 Tempo de atuação docente como professor(a) de Educação Física e Esporte

5.2 Assinale todos os níveis em que atuou na Educação Física geral e esporte:

☐ Educação Infantil - Ensino Básico☐ Ensino Fundamental - Ensino Básico☐ Ensino Médio- Ensino Básico☐ Ensino Superior - Ensino Superior☐ Pós Graduação - Ensino Superior

5.3 Assinale todos os níveis em que atua na Educação Física geral e Esporte:

☐ Educação Infantil - Ensino Básico☐ Ensino Fundamental - Ensino Básico☐ Ensino Médio- Ensino Básico☐ Ensino Superior - Ensino Superior☐ Pós Graduação - Ensino Superior

5.4 Assinale todas as modalidades em que já atuou, na educação geral:

☐ Ensino Regular☐ Educação de Jovens e Adultos (EJA)☐ Educação à Distância (EAD)☐ Educação Profissional☐ Técnico de modalidade esportiva em clube ou escolinha

- () Academia de Ginástica e Musculação
 () Outros: _____
 5.5 Assinale todas as modalidades em que atua na educação geral:
 () Ensino Regular
 () Educação de Jovens e Adultos (EJA)
 () Educação à Distância (EAD)
 () Educação Profissional
 () Técnico de modalidade esportiva em clube ou escolinha
 () Academia de Ginástica e Musculação
 () Outros: _____

6 – ATUAÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL GERAL

- 6.1. Assinale a(s) esfera(s) institucional(ais) em que atuou na Educação Profissional:
 () Municipal
 () Estadual
 () Federal
 () Privada
 6.2. Assinale a(s) esfera(s) institucional(ais) em que atua na Educação Profissional:
 () Municipal
 () Estadual
 () Federal
 () Privada

7 – ATUAÇÃO DOCENTE no IFRN

- 7.1 Assinale a categoria em que atuou e na Educação Profissional:
 () Professor substituto ou temporário
 () Professor efetivo dedicação exclusiva
 () Professor efetivo T20
 () Professor efetivo T40
 () Aposentada
 () Outro: _____
 7.2 Assinale a categoria em que atua na Educação Profissional:
 () Professor substituto ou temporário
 () Professor efetivo dedicação exclusiva
 () Professor efetivo T20
 () Professor efetivo T40
 () Aposentada
 () Outro: _____

7.3 Que ano ingressou como docente no IFRN?

 7.4 Já se aposentou?

- a) Sim
 b) Não

7.5 – Se sim, na questão anterior, qual foi o ano?

 7.6 Tempo de atuação no Instituto Federal como professor substituto e/ou temporário?

 7.7 Tempo de atuação no Instituto Federal como professor efetivo:

7.8 Selecione todos os eixos que desenvolve, ou já desenvolveu, trabalhos no IFRN:

- () Ensino
 () Pesquisa
 () Extensão
 () Treinamento Esportivo
 () Outros: _____

7.9 Enumere, de 1 a 4, numa ordem de prioridade, os eixos de interesse na instituição, sendo 1 a primeira opção e 4 a última opção

	1	2	3	4
Ensino ()	()	()	()	()
	1	2	3	4
Pesquisa	()	()	()	()
	1	2	3	4
Extensão ()	()	()	()	()
	1	2	3	4
Treinamento esportivo ()	()	()	()	()

8. Em quais setores atua ou atuou no IFRN, além da atuação como docente?

- () Coordenação administrativa de algum setor;
 () Direção geral;
 () Diretora de Ensino;
 () Pró-reitora de Ensino, pesquisa, extensão, gestão de pessoas, administrativa;
 () Em outra instituição;
 () Outros: _____

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista⁶⁷

1. Discorra sobre as práticas que você vivenciou na educação física e no esporte, como estudantes;
2. Discorra sobre as práticas que você ofertou na educação física e no esporte, como professora;
3. Na época que você estudava existia uma representatividade de mulheres, na área de educação física e esporte na instituição, se sim, como se dava a atuação delas?
4. Enquanto docente, como você observa sua atuação na educação física e no esporte na instituição?
5. Vendo estas imagens/fotos⁶⁸ o que elas reverberam em suas lembranças, memórias e em seu próprio corpo? Que sensações elas te causam?
6. Gostaria de falar algo mais que você acha conveniente abordar e que não tratamos?

⁶⁷ Em cada entrevista, no início, retomei um pouco da infância delas para. E no decorrer da entrevista foram sendo incorporada, a partir do dialogo mais questões. As questões aqui apresentadas foi um contudo para outras.

⁶⁸ Imagens/fotos disponíveis na Pesquisa Documental aos acervos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Arquivo Central do IFRN/CNAT; no acervo pessoal da pesquisadora; e/ou, conseguidas durante a pesquisa com as entrevistadas, familiares e/ou amigas delas.

APÊNDICE C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE ÁUDIO

Eu (*PARTICIPANTE DA PESQUISA*), depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios desta pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade da gravação de áudio produzido por mim, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores IVANA LÚCIA DA SILVA e FRANCINAIDE DE LIMA SILVA NASCIMENTO, do projeto de pesquisa intitulado **MULHER NO ESPORTE: UMA HISTÓRIA DA ATUAÇÃO DE PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE NO IFRN**, a realizar captação de áudios que se façam necessários sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destes áudios (e suas respectivas cópias) para fins científicos e de estudos (livros, artigos, monografias, TCC's, dissertações ou teses, além de *slides* e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Lei N.º 10.741/2003), das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004) e da Lei Geral de Proteção de Dados (Lei N.º 13.709/2018).

Natal/RN, 05 de abril de 2023.

Assinatura do participante da pesquisa

Ivana Lúcia da Silva - pesquisadora responsável

APÊNDICE D - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu (*PARTICIPANTE DA PESQUISA*), depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios desta pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade da gravação de vídeo produzido sobre mim, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores IVANA LÚCIA DA SILVA e FRANCINAIDE DE LIMA SILVA NASCIMENTO, do projeto de pesquisa intitulado **MULHER NO ESPORTE: UMA HISTÓRIA DA ATUAÇÃO DE PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE NO IFRN**, a realizar captação de imagens que se façam necessárias sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destes vídeos (e suas respectivas cópias) para fins científicos e de estudos (livros, artigos, monografias, TCC's, dissertações ou teses, além de *slides* e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Lei N.º 10.741/2003), das pessoas com deficiência (Decreto N° 3.298/1999, alterado pelo Decreto N° 5.296/2004) e da Lei Geral de Proteção de Dados (Lei N° 13.709/2018).

Natal/RN, 05 de abril de 2023.

Assinatura do participante da pesquisa

Ivana Lúcia da Silva - Assinatura do pesquisador responsável

APÊNDICE E - TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL PARA USO DE DOCUMENTOS

1 Esclarecimentos

Esta é uma solicitação de autorização para uso de documentos institucionais na pesquisa intitulada **(MULHER NO ESPORTE: UMA HISTÓRIA DA ATUAÇÃO DE PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE NO IFRN)** a ser realizada no IFRN, *Campus Natal Central-IFRN/CNAT*, pelas pesquisadoras IVANA LÚCIA DA SILVA e FRANCINAIDE DE LIMA SILVA NASCIMENTO, essa pesquisa tem como objetivo geral: Investigar a História e Memória das professoras de Educação Física e Esporte do IFRN-*Campus Natal Central* entre os anos de 2008 a 2018. Para consecução desse objetivo, elencamos como objetivos específicos: a) realizar uma arqueologia das práticas de educação física e esportivas desenvolvidas por professoras do IFRN-*Campus Natal Central* e, em particular, as destinadas às estudantes no recorte temporal; b) investigar o discurso das professoras de educação física e do esporte do IFRN-*Campus Natal Central* no período recortado; c) identificar a estesiologia das professoras do IFRN-*Campus Natal Central* em seus períodos como alunas da instituição e enquanto docentes, a partir das memórias das práticas de educação física e esportivas. O caminho instituído é no campo historiográfico (CERTEAU, 2022; RICOUER, 2007) com pesquisa a documentos, fotografias e entrevista temática com estudantes egressas que se tornaram professoras do IFRN/CNAT. No que toca à pesquisa documental, realizaremos uma investigação aos acervos e fontes do Arquivo Central do IFRN/CNAT, onde buscaremos acessar: jornais, ficha funcional das servidoras, fotografias e outros registros iconográficos, leis sobre o Esporte no país. Na Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional, e no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN) serão pesquisados jornais do período, leis e decretos educacionais e governamentais. Em outros repositórios digitais, acessaremos a Carta Internacional de Educação Física e Esporte da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). E, nos documentos da rotina administrativa do IFRN, serão acessados normativos e documentos pedagógicos, tais como: Projeto Pedagógico de Curso (PPC), Propostas de Trabalho para as Disciplinas do Ensino Médio da disciplina de Educação Física (PTDEM). Para a coleta de dados, considera-se os aportes da história oral quando utilizaremos da entrevista temática com as estudantes egressas que se tornaram professoras de Educação Física e Esporte com atuação no IFRN/CNAT. O percurso metodológico da pesquisa será constituído pelas seguintes etapas, após aprovação pelo Comitê de Ética: 1. Pesquisa Documental aos acervos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), Arquivo Central do IFRN/CNAT; 2. Pesquisa no Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP-IFRN) aos documentos da rotina administrativa da instituição - consulta à Diretoria de Gestão de Pessoas do IFRN/CNAT e da Reitoria, acerca do enquadramento funcional das servidoras e seu *status* funcional ativo ou aposentadoria; 3. Aplicação de Questionário (Anexo I) a todas as docentes de Educação Física do IFRN/CNAT, ativas ou aposentadas, visando identificar quais docentes são egressas da instituição; 4. Realização de Entrevista (Anexo II) com as participantes selecionadas: professoras com atuação no IFRN/CNAT que tenham sido egressas da instituição (ETFRN, CEFET); 5. Categorias: as categorias dadas *a priori* são História, Memória, Mulheres professoras, Práticas de Educação Física e do Esporte; 6. Análise dos dados: a análise das fontes

historiográficas considerará as categorias fundantes da pesquisa no objeto particular, quais sejam: história e memória das professoras de educação física e esporte no IFRN. Dessa forma, serão analisadas à luz de teóricos como: Certeau (2022), Le Goff (1990), Ricouer (2007), Stamatto (2012), Nóbrega (2015; 2018; 2006), Kunz (1994), Moreira (1990). Para a análise iconográfica serão utilizadas Ciavatta (2002), Kossoy (2020). Além disso, terão relevância as categorias emergentes das entrevistas, sendo o *corpus* constituído analisado na perspectiva da análise do discurso de Foucault (2008).

Assim sendo, solicitamos sua valiosa colaboração, no sentido de autorizar o acesso e utilização de: fichas, fichas cadastrais de pessoas, arquivos físico e/ou digital, pela pesquisadora responsável e sua orientadora.

Salientamos que os dados coletados serão mantidos em sigilo e utilizados tão somente para realização deste estudo, em acordo à Resolução nº 510/2016 - Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde e da lei nº 13.709/2018, que tratam da Pesquisa envolvendo Seres Humanos e da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), respectivamente.

Serão tomadas também as seguintes precauções para que não haja danos aos documentos: Seguir os protocolos de manuseios estabelecidos pela Instituição; fotocopiar quando autorizado pelo/a servidor/a da Instituição; resguardar sigilo as informações, sendo utilizadas apenas para fins de informação da pesquisa.

Os dados coletados serão, ao final da pesquisa, armazenados na forma digital, em pen-drive e drives institucionais das pesquisadoras protegido com senha, e guardados por no mínimo cinco anos sob a responsabilidade da pesquisadora responsável Ivana Lúcia da Silva e sua orientadora Dra. Francinaide de Lima Silva Nascimento, em armário fechado com chave, no Instituto Federal do Rio Grande do Norte, *Campus* Natal Central, a fim de garantir a confidencialidade, a privacidade e a segurança das informações coletadas.

A instituição ficará com uma via deste documento, elaborado em duas vias, e toda dúvida que tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente ao Pesquisador responsável (Ivana Lúcia da Silva), pelo telefone fixo/celular (84) 99663-6636, ou pelo e-mail ivlusil@gamil.com.

Dúvidas a respeito da ética dessa pesquisa poderão ser questionadas ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IFRN.

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Esclarecimentos

Convidamos você para participar da pesquisa “**MULHER NO ESPORTE: UMA HISTÓRIA DA ATUAÇÃO DE PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE NO IFRN**” coordenada pela **pesquisadora Prof^ª. Doutoranda Ivana Lúcia da Silva** e que segue as recomendações das resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares. Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Caso decida aceitar o convite, a Sra. Será submetida ao seguinte procedimento: uma entrevista, cuja responsabilidade de aplicação é da pesquisadora Ivana Lúcia da Silva estudante do Curso de doutorado do PPGEP do IFRN, Campus Natal Central - CNAT. Os dados coletados serão, ao final da pesquisa, armazenados na forma digital, em pen-drive protegido com senha, e guardados por no mínimo cinco anos sob a responsabilidade da pesquisadora responsável (Ivana Lúcia da Silva e sua orientadora Dra. Francinaide de Lima Silva Nascimento), em armário fechado com chave, no Instituto Federal do Rio Grande do Norte, *Campus Natal Central*, a fim de garantir a confidencialidade, a privacidade e a segurança das informações coletadas. As informações também estarão salvas no Google Drive, vinculado ao e-mail institucional da pesquisadora e compartilhado com a orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Francinaide de Lima Silva Nascimento. Cabe ressaltar que os cuidados com a pesquisa seguem todas as orientações da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD – Lei Nº 13.709/2018). Temos como objetivo geral: Investigar a História e Memória das professoras de Educação Física e Esporte do IFRN-*Campus Natal Central* entre os anos de 2008 a 2018. Para a consecução desse objetivo, elencamos como objetivos específicos: a) realizar uma arqueologia das práticas de educação física e esportivas desenvolvidas por professoras do IFRN-*Campus Natal Central* e, em particular, as destinadas às estudantes no recorte temporal; b) investigar o discurso das professoras de educação física e do esporte do IFRN-*Campus Natal Central* no período recortado; c) identificar a estesiologia das professoras do IFRN-*Campus Natal Central* em seus períodos como alunas da instituição e enquanto docentes, a partir das memórias das práticas de educação física e esportivas.

A Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 (BRASIL, 2013) expõe que “toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes”; adotaremos garantias éticas para impedir ou diminuir eventuais riscos as participantes, caso necessário, nos comprometemos com o anonimato, a privacidade e o sigilo, porém solicitaremos as entrevistadas sua permissão em identificá-la, quando necessário, dessa maneira nos isentando da obrigatoriedade da garantia de sigilo e confidencialidade, uma vez que foram devidamente informadas e nos deem o seu consentimento. Os dados serão manuseados somente pela doutoranda Ivana Lúcia da Silva e a orientadora responsável, Prof^ª. Dr^ª. Francinaide de Lima Silva Nascimento, em eventuais publicações dos resultados, bem como serão informadas que podem se sentir à vontade para responder às entrevistas, para desistir em qualquer fase da pesquisa e que há anuência da Instituição de ensino para a realização da pesquisa.

No que toca aos riscos durante a entrevista, destacam-se: cansaço físico no dispêndio do tempo de concessão da entrevista; desconforto com a rememoração dos fatos ou de situações desgastantes de sua vivência na atuação docente. Os quais serão sanados ou diminuídos a partir das garantias éticas expostas.

Por outro lado, os benefícios são concernentes à: rememorar situações positivas do ato da atuação docente na instituição; recuperar momentos com suas/seus colegas de trabalho ou do convívio com os estudantes; promover, através de seus relatos de experiências, contribuições à área de sua atuação, à educação física e ao esporte; percepção da ampliação de possibilidades de atuação aos profissionais da área; sensação de coparticipante e da contribuição com a

divulgação da história do esporte na instituição, em específico de suas atuações; à promoção da reconstrução da história e memória, a partir da historicidade da profissão e da atuação das professoras da educação física e do esporte no IFRN.

Se houver algum gasto de qualquer natureza, em virtude da participação neste estudo, é garantido à participante, o direito à indenização (Res. 466/12 II.7), cobertura material para reparar dano e/ou ressarcimento (Res. 466/12 II.21) e compensação material, exclusivamente de despesas da participante e seus acompanhantes, quando necessário, tais como transporte e alimentação – sob a responsabilidade da pesquisadora Ivana Lúcia da Silva.

Você ficará com uma via original deste TCLE e toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente para a pesquisadora Ivana Lúcia da Silva do Instituto Federal do Rio Grande do Norte, *Campus* Natal Central, no endereço Av. Senador Salgado Filho, 1559, pelo telefone (84) 4005-9871, celular (84) 99663-6636 e e-mail: ivana.silva@ifrn.edu.br.

Dúvidas a respeito da ética desta pesquisa poderão ser questionadas ao **Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-IFRN)** – Av. Rio Branco, 743, salas 73 e 74, Cidade Alta, Natal – RN, CEP 59025-003, fone: (84) 4005-0950/(84) 4005-0951, horário de atendimento: 8h às 12h de segunda-feira a sexta-feira.

Não será efetuada nenhuma forma de gratificação por sua participação. Os dados coletados farão parte do nosso trabalho, podendo ser divulgados em eventos científicos e publicados em revistas nacionais ou internacionais. A pesquisadora estará à disposição para qualquer esclarecimento durante todo o processo de desenvolvimento deste estudo. Após todas essas informações, agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Consentimento Livre

Concordo em participar desta pesquisa “**MULHER NO ESPORTE: UMA HISTÓRIA DA ATUAÇÃO DE PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE NO IFRN**”.

Declarando, para os devidos fins, que fui devidamente esclarecida quanto aos objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetida e dos possíveis riscos que possam advir de tal participação. Foram garantidos a mim esclarecimentos que venham a solicitar durante a pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que minha desistência implique em qualquer prejuízo a minha pessoa ou a minha família. Autorizo assim, a publicação dos dados da pesquisa.

Natal, 01 de junho de 2023.

Ivana Lúcia da Silva

Assinatura do Participante

APÊNDICE G – CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DAS ATIVIDADES

Atividades	Início	Término
Submissão do projeto ao comitê de ética em pesquisa com seres humanos	01/06/2023	02/06/2023
Aplicação do questionário prévio	28/08/2023	28/09/2023
Realização das entrevistas – 1ª etapa	28/11/2023	28/03/2024
Realização das entrevistas – 2ª etapa: auto confrontação, ou seja, um retorno individual, apresentando o produto da primeira entrevista e questionando as entrevistadas sobre a possibilidade de manutenção, alteração ou acréscimo das respostas. De acordo com o roteiro do anexo III.	28/07/2024	28/10/2024
Tabulação e análise dos dados obtidos na aplicação do questionário até a conclusão da 2ª etapa de entrevistas	28/09/2023	28/02/2025
Escrita da Tese	01/06/2023	31/03/2025
Defesa	01/04/2025	12/04/2025

Natal/RN, 01 de junho de 2023.



Ivana Lúcia da Silva
Pesquisadora Responsável
CPF: 655.295.294-53

ANEXOS

ANEXO I – SÍNTESE DA ANÁLISE DO FORMULÁRIO - QUESTIONÁRIO PRÉVIO

Quadro da análise dos dados dos questionários

Nome	Nascimento	Inst realizou o EM	Foi aluna da instituição	Ano de Ing e saída	Qual curso	Atleta/mod
Karenine de Oliveira Porpino	11.11.1967	Neves	Não	Não	Não	Sim/GRD
Maria Elizabete Sobral Paiva de Aquino	27/02/1971	Instituto Maria Auxiliadora	Não	Não	Não	Sim/Natação
Nerjane de Almeida Monteiro	04/02/1985	CEFET/RN	Sim	1999-2002	Geologia e Mineração	EF escolar
Ana Kamilly de Souza Sampaio	06/04/1985	CIC	Não	Não	Não	Sim/Karatê e Ginástica Rítmica
Sônia Cristina Ferreira Maia	30/04/1964	Atheneu	Sim, mas não concluiu	1982-	Saneamento	Sim/Basquete
Zelma Wanderley de Farias Ribeiro	12/10/1963	Colégio e Curso Radier	Não	Não	Não	Não
Mônica de Lima Pereira - Pseudônimo: DeLima	07/02/1981	Colégio professor José Miranda	Não	Não	Não	Sim/Aletismo
Ana Cristina de Araújo	08-12-1971	ETFRN	Sim	1987-1990	Estradas	Sim/Aletismo e handebol
Marilia Padilha Martins Tavares	09/02/1994	CESA (Assu/RN)	Não	Não	Não	Sim/Natação, basquete, taekwondo e futsal
Loreta Melo Bezerra Cavalcanti	09/01/1982	CIC	Não	Não	Não	Sim/GR
Rosalva Alves Nunes	23/07/1973	informou errado, IFRN	Não	Não	Não	Sim/Basquetebol
Maria Leonor de Araújo Moura	03/10/1954	Liceu Paraibano	Não	Não	Não	Sim/Aletismo
Paula Nunes Chaves	12/05/1992	CEFET/RN	Sim	2006-1009	Controle ambiental	Sim/natação
Gizelda Lúcia dos Santos Maia	19/03/1971	ETFRN	Sim	1985-1988	Estradas	Sim/voleibol
Ligayme Karla de Alencar	18/06/1975	Colégio Nossa Senhora das Neves e Salesiano noturno (publico)	Não	Não	Não	Sim/Ginástica artística e natação

Liege Monique F da Silva	29/04/1983	Sagrada Família	Não	Não	Não	Sim/handebol
Andressa Lima da Silva	04/12/1985	Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio RICARDO CANTANHEDE (Ariquemes/Rondônia)	Não	Não	Não	Sim/futsal e Tênis de mesa
Iracyrara Maria Assunção de Souza	29/05/2013	Sagrada Família	Não	Não	Não	Sim/voleibol
Ingrid Patricia Barbosa de Oliveira	07/07/1976	ETFRN	Sim	1992-1997	Saneamento	Sim/handebol
Jane-mery Nunes da Costa Lima	15/04/1977	Escola Estadual professor Antônio Dantas	Não	Não	Não	Não/EF escolar
Betânia de Franca Xavier	08/07/1965	ETFRN	sim 1980-1982	1980	Edificações	Sim/voleibol
Kadydja Karla Nascimento Chagas	03/05/1978	Instituto Sagrada Família	Não	Não	Não	Sim/Basquetebol
Creusa Ribeiro da Silva Lelis	05/07/1970	Lyceu Paraibano	Não	Não	Não	Não
Ivanilda Maria Freire	11/09/1967	Escola Estadual Anízio Teixeira	Não	Não	Não	Sim/Voleibol
Maria Josely Figueiredo Gomes	19/03/1966	Instituto João XXIII	Não	Não	Não	Sim/Voleibol
Mônica Messias de Mesquita/tinker bell	1973	Público	Não	Não	Não	Apenas EF escolar
Terezinha Petrucia da Nóbrega	24/03/1968	Atheneu	Não	Não	Não	Sim/Dança e EF escolar
Teresinha Elizabet Portella Ximenes						
Bertyza Carvalho Falcao Fernandes						
Maria Isabel Brandão de Souza Mendes	15/11/1967	Instituto Guanabara do rio de Janeiro	Não	Não	Não	Sim/voleibol

Quadro da análise dos dados dos questionários

Nome	Graduação	Instituição	Ano de formação	Escolaridade atual	Outra graduação	Tempo de atuação docente EF e Esporte	Atuação na EF e esporte geral	Modalidades que atuou na EF e esporte geral
Karenine de Oliveira Porpino	Licenciatura Plena em Educação Física	UFRN	1990	Doutorado	Não	24	Ensino fundamental, médio e superior	Ensino regular, profissional e academia de ginástica e musculação
Maria Elizabete Sobral Paiva de Aquino	Licenciatura Plena em Educação Física	UFRN	1990	Doutorado	Não	33 anos	Ensino infantil, fundamental e médio	Ensino regular, profissional e técnica de modalidade esportiva em clube ou academia
Nerijane de Almeida Monteiro	Licenciatura Plena em Educação Física	UFRN	2008	Mestrado	Direito	13 anos	Ensino fundamental, médio	Ensino regular; EAD; Academia de ginástica e musculação
Ana Kamily de Souza Sampaio	Licenciatura Plena em Educação Física	UFRN	2007	Mestrado	Não	16 anos	Ensino infantil, fundamental e médio	Ensino regular; EJA; EP; técnica de modalidade esportiva em clube ou academia; Academia de ginástica e musculação
Sonia Cristina Ferreira Maia	Licenciatura Plena em Educação Física	UFRN	1990	Pós-Doutorado	Ciências Sociais	33 anos	Ensino infantil, fundamental, médio, superior e pós-graduação	Ensino regular; EAD; EP; técnica de modalidade esportiva em clube ou academia
Zelma Wanderley de Farias Ribeiro	Licenciatura Plena em Educação Física	ESEF/UPE	1984	Especialização	Não	32 anos	Ensino infantil, fundamental, médio, superior	Ensino regular; EP; técnica de modalidade esportiva em clube ou academia; Academia de ginástica e musculação

Mônica de Lima Pereira - Pseudônimo: DeLima	Licenciatura Plena em Educação Física	UEPE	2003	Mestrado	Não	20 anos	Ensino infantil, fundamental, médio e pós-graduação	Ensino regular; EJA; EAD; EP; Academia de ginástica e musculação
Ana Cristina de Araújo	Licenciatura Plena em Educação Física	UFRN	1990	Mestrado	Não	29 anos	Ensino infantil, fundamental, médio	Ensino regular; EJA; EP
Marília Padilha Martins Tavares	Licenciatura em Educação Física	UFRN	2015	Mestrado	Não	6 anos	Ensino médio e superior	Ensino regular; EJA; EP; técnica de modalidade esportiva em clube ou escolinha;
Loreta Melo Bezerra Cavalcanti	Licenciatura Plena em Educação Física	UFRN	2005	Doutorado	Não	21 anos	Ensino infantil, fundamental, médio, superior e pós- graduação	Ensino regular; EJA; EP; EAD; técnica de modalidade esportiva em clube ou escolinha; Faculdade privada
Rosalva Alves Nunes	Licenciatura Plena em Educação Física	UERN	1997	Doutorado	Não	12 anos	Ensino infantil, fundamental, médio e superior	Ensino regular; EJA; EP; técnica de modalidade esportiva em clube ou escolinha; academia de ginástica e musculação
Maria Leonor de Araújo Moura	Licenciatura Plena em Educação Física	UFPB	1980	Especialização	Não	1980-2006	Ensino médio	Ensino regular; EJA; técnica de modalidade esportiva em clube ou escolinha
Paula Nunes Chaves	Licenciatura em Educação Física	UFRN	2013	Doutorado	Não	6 anos e meio	Ensino infantil, fundamental, médio e superior	Ensino regular
Gizelda Lúcia dos Santos Maia	Licenciatura Plena em Educação Física	UFRN	1989	Mestrado	Não	31 anos	Ensino infantil, fundamental , médio e superior	Ensino regular e técnica de modalidade esportiva em clube ou escolinha

Ligyanne Karla de Alencar	Licenciatura Plena em Educação Física	UFRN	1994-1998	Mestrado	Não	25 anos	Ensino infantil, fundamental, médio e superior	Ensino regular; EP; Associação e clínicas para atendimento à pessoas com deficiência
Liege Monique F da Silva	Licenciatura Plena em Educação Física	UFRN	2008	Doutorado	Não	14 anos	Ensino infantil, fundamental, médio e superior	Ensino regular; EP; técnica de modalidade esportiva em clube ou escolinha; academia de ginástica e musculação
Andressa Lima da Silva	Licenciatura Plena em Educação Física	Universidade de Brasília	2008	Mestrado	Sim/Pedagogia	11 anos	Ensino médio e superior	Ensino regular; EP; EJA; Educação Infantil / Educação do campo
Iracyara Maria Assunção de Souza	Licenciatura Plena em Educação Física	UFRN	1991	Doutorado	Sim/Pedagogia	32 anos	Educação; infantil, ensino fundamental, médio, superior e pós-graduação	Ensino regular; EAD; EJA; EP; técnica de modalidade esportiva em clube ou escolinha.
Ingrid Patrícia Barbosa de Oliveira	Licenciatura Plena em Educação Física	UFRN	2001	Doutora	Não	21 anos	Ensino médio	Ensino regular
Jane-mery Nunes da Costa Lima	Licenciatura Plena em Educação Física	UERN	2008	Mestre	Não	17 anos	Ed infantil, fundamental e médio	Ens. Regular; EJA; EP; Técnico de modalidade esportiva em clube ou escolinha
Betânia de França Xavier	Licenciatura em Educação Física	UFRN	1983	Doutorado	Não	32 anos	Ensino fundamental e médio	Ensino Regular e Técnico de modalidade esportiva em clube ou escolinha

Kaddyja Karla Nascimento Chagas	Licenciatura Plena em Educação Física	UFRN	2001	Pós-doutorado	Não	22 anos	Educação infantil; ensino fundamental, médio, superior e pós-graduação	Ensino Regular; EJA; EAD; EP; Técnico de modalidade esportiva em clube ou escolinha; Academia de ginástica e musculação; Hidroginástica e Personal Trainer
Creusa Ribeiro da Silva Lelis	Licenciatura Plena em Educação Física	UEPB	1996	Doutorado	Não	26 anos	Educação infantil; ensino fundamental, médio, superior e pós-graduação	Ensino Regular; EJA; EP
Ivanilda Maria Freire	Licenciatura Plena em Educação Física	UFRN	1995	Mestrado	Não	26 anos	Ensino fundamental, médio	Ens. Regular; EJA; EP; Técnico de modalidade esportiva em clube ou escolinha
Maria Josely Figueiredo Gomes	Licenciatura Plena em Educação Física	UNIFE/João Pessoa	1989	Pós-doutorado	Não	27 anos	ensino fundamental, médio, superior e pós-graduação	EAD; EP; Técnico de modalidade esportiva em clube ou escolinha; Academia de ginástica e musculação
Mônica Messias de Mesquita/Inker Bell	Licenciatura Plena em Educação Física	UFRN	2001	Mestrado	Não	23 anos	Educação infantil; ensino fundamental, médio, superior	EAD; EP; Técnico de modalidade esportiva em clube ou escolinha; Academia de ginástica e musculação
Terezinha Petrucia da Nobrega	Licenciatura Plena em Educação Física	UFRN	1986	Pós-doutorado	Sim/Filosofia	34 anos	Educação; ensino infantil, fundamental, médio, superior e pós-graduação	Ensino regular; EAD; Técnico de modalidade esportiva em clube ou escolinha; Academia de ginástica e musculação

Paula Nunes Chaves	Federal	Professor efetivo dedicação exclusiva	2017	Não	6 anos	Ensino e extensão	Ensino=1, pesquisa=2, extensão=3, Treinamento esportivo=4
Gizelda Lúcia dos Santos Maia	Federal e Privada	Professor efetivo dedicação exclusiva	1996	Não	27 anos	Ensino, pesquisa e treinamento esportivo	Ensino=1, pesquisa=2, extensão=2, Treinamento esportivo=1
Ligyanne Karla de Alencar	Municipal e Federal	Professor efetivo dedicação exclusiva	2012	Não	11 anos	Ensino, pesquisa, extensão, treinamento esportivo e Outro: Administrativo (processos de ajuda de custo e aulas de campo - transporte de discentes- organização de eventos esportivos- acompanhamento discente em eventos esportivos), etc...	Ensino=4, pesquisa=2, extensão=3, Treinamento esportivo=2
Liege Monique F da Silva	Municipal, Federal e Privada	Professor efetivo dedicação exclusiva	2016	Não	7 anos	Ensino, pesquisa, extensão, treinamento esportivo e coordenação	Ensino=1, pesquisa=3, extensão=1, Treinamento esportivo=2

Andressa Lima da Silva	Federal	Professor efetivo dedicação exclusiva	2021	Não	5 anos no IFRO e 2 anos IFRN	Ensino, pesquisa, extensão, treinamento esportivo	Ensino=1, pesquisa=1, extensão=1, Treinamento esportivo=1
Iracyara Maria Assunção de Souza	Federal e Privada	Professor efetivo dedicação exclusiva	2009	Não	14 anos	Ensino, pesquisa, extensão, treinamento esportivo	Ensino=1, pesquisa=4, extensão=1, Treinamento esportivo=4
Ingrid Patricia Barbosa de Oliveira	Municipal, Estadual, Federal e Privada	Professor efetivo dedicação exclusiva	2013	Não	10 anos	Ensino, pesquisa, extensão, treinamento esportivo	Ensino=4, pesquisa=2, extensão=3, Treinamento esportivo=1
Jane-mery Nunes da Costa Lima	Municipal, Estadual, Federal e Privada	Professor efetivo dedicação exclusiva	2013	Não	10 anos	Ensino, pesquisa, extensão, treinamento esportivo	Ensino=1, pesquisa=2, extensão=2, Treinamento esportivo=3
Betânia de França Xavier	Municipal; Estadual e Federal	Aposentada	1991	Sim/2018	27 anos	Ensino, pesquisa, extensão e treinamento esportivo	Ensino=1; pesquisa=2; extensão=1; treinamento esportivo=1
Kaddyja Karla Nascimento Chagas	Municipal; Estadual; Federal e Privada	Professor efetivo dedicação exclusiva	2009	Não	14 anos	Ensino, pesquisa, extensão e treinamento esportivo	Ensino=1; pesquisa=1; extensão=1; treinamento esportivo=4
Creusa Ribeiro da Silva Lelis	Federal	Professor efetivo dedicação exclusiva	2007	Não	16 anos	Ensino, pesquisa, extensão	Ensino=1, pesquisa=2, extensão=1, Treinamento esportivo=4
Ivanilda Maria Freire	Federal	Professor efetivo dedicação exclusiva	2011	Não	12 anos	Ensino, pesquisa, extensão e treinamento esportivo	Ensino=1, pesquisa=2, extensão=1, Treinamento esportivo=2

Maria Josely de Figueiredo Gomes	Municipal, Federal e Privada	Aposentada	1995	Sim/2018	23 anos	Ensino, pesquisa, extensão	Ensino=1, pesquisa=1, extensão=2, Treinamento esportivo=3
Mônica Messias de Mesquita/tnker bell	Federal	Professor efetivo dedicação exclusiva	2011	Não	12 anos	Ensino, pesquisa, extensão e treinamento esportivo	Ensino=4, pesquisa=4, extensão=4, Treinamento esportivo=4
Terezinha Petrucia da Nóbrega	Federal e Privada	Professora Titular UFRN	1995	Não	1 ano	atuo na UFRN em todos os níveis, na efnm atuei no ensino	Ensino=4; pesquisa=4; Extensão=4; treinamento esportivo=1
Terezinha Elizabet Portella Ximenes							
Bertyza Carvalho Falcao Fernandes							
Maria Isabel Brandão de Souza Mendes	Municipal, estadual e privada	Professor efetivo dedicação exclusiva	2006 a 2009	Não	3 anos	Ensino, pesquisa e extensão	Ensino=1; pesquisa=1; Extensão=2; treinamento esportivo=4

Quadro da análise dos dados dos questionários

Nome	Sectores que atua ou atuou na instituição além da docência	Gostaria de adicionar algo sobre sua trajetória profissional?
Karenine de Oliveira Porpino	Só docência	Minha trajetória na ETEFRN foi curta, mas muito importante para minha atuação docente, pois foi de grande aprendizado pedagógico e político. Uma oportunidade ímpar de colocar em prática os aprendizados da área advindos da graduação e da especialização.
Maria Elizabete Sobral Paiva de Aquino	Coordenação administrativa de algum setor	A importância do tripé ensino, pesquisa e extensão na área de Educação Física nos campi do interior (João Câmara, São Paulo do Potengi e Ceará-Mirim). Coordenadora de projetos de extensão da terceira idade aproximando a comunidade do cotidiano do IFRN, proporcionando momentos de retomada de dignidade e reelaboração de histórias de vida.
Nerijane de Almeida Monteiro	Coordenação administrativa de algum setor	-

Ana Kamilly de Souza Sampaio	Nenhum	-	
Sonia Cristina Ferreira Maia	Coordenação administrativa de algum setor; Direção geral; Diretoria de Ensino	O IFRN me proporcionou autoformação.	
Zelma Wanderley de Farias Ribeiro	Em outra instituição	Não	
Mônica de Lima Pereira - Pseudônimo: DeLima	Coordenação de esportes	Não	
Ana Cristina de Araújo	Coordenação administrativa de algum setor	O orgulho de trabalhar numa instituição que transforma vidas através da educação e da cidadania, da qual também já fui aluna e tive minha vida transformada.	
Márlia Padilha Martins Tavares	Coordenação administrativa de algum setor	-	
Loreta Melo Bezerra Cavalcanti	Coordenação administrativa de algum setor	Participação no NCE	
Rosalva Alves Nunes	Pró-reitora de ensino, pesquisa, extensão, gestão de pessoas, administrativa;	Não	
Maria Leonor de Araújo Moura	Coordenação administrativa de algum setor	Não	
Paula Nunes Chaves	Pró-reitora de ensino, pesquisa, extensão, gestão de pessoas, administrativa	Não	
Gizelda Lúcia dos Santos Maia	Diretoria da associação dos servidores , perfazendo o tempo de 8 anos.	Fui professora do curso técnico e depois passou a ser superior, O curso de Lazer.	
Ligyanne Karla de Alencar	NAPNE	Dedicação	
Liege Monique F da Silva	Coordenação administrativa de algum setor; Pró-reitora de ensino, pesquisa, extensão, gestão de pessoas, administrativa;	Não	
Andressa Lima da Silva	Em outra instituição	No momento não.	
Iracyara Maria Assunção de Souza	Coordenação administrativa de algum setor; Coordenação de Extensão campus/Macau e Coordenação de curso campus/Cidade Alta (Centro Histórico)	Essa é a trajetória profissional Institucional mais desafiadora, por exigir o exercício/aprendizado constante da prática pedagógica integradora nas dimensões do ensino/pesquisa/extensão/prática esportiva	
Ingrid Patricia Barbosa de Oliveira	Em outra instituição	Por vezes conturbada por viver contexto difíceis, mas sempre buscando escapar para cumprir a missão da qual escolhi	

Jane-mery Nunes da Costa Lima	Apoio a gestão/coordenação de esportes	Não	
Betânia de França Xavier	Nenhuma outra atuação	Uma contínua vivência de novas experiências de aprendizagem	
Kadyia Karla Nascimento Chagas	Coordenação administrativa de algum setor; Pró-reitora de ensino, pesquisa, extensão, gestão de pessoas, administrativa	Amor compartilhar conhecimentos e aprender diariamente!	
Creusa Ribeiro da Silva Lelis	Sempre atuo como docente	A minha trajetória profissional no IFRN tem sido marcada por experiências positivas no campo da valorização profissional, da visão educativa do esporte e não apenas voltada apenas ao aspecto do treinamento desportivo com fins competitivos. É uma instituição que oferece condições dignas de trabalho ao docente da Educação Física, com recursos materiais e espaços físicos adequados para o desenvolvimento de todos os temas da Cultura Corporal de Movimento.	
Ivanilda Maria Freire	Coordenadora do NAPNE	Não	
Maria Josely de Figueiredo Gomes - Maria Josely	Pró-reitora de ensino, pesquisa, extensão, gestão de pessoas, administrativa; EAD	Foi importante coordenar por 2 vezes pesquisa da QVT do IFRN, acredito que os resultados dessas pesquisas será um alicerce para a gestão de pessoas.	
Mônica Messias de Mesquita/tinker bell	Não	Não	
Terezinha Petrucia da Nobrega	Atuo na UFRN	Atuei na ETEFRN por 1 ano, foi muito bom	
Teresinha Elizabeth Portella Ximenes			
Bertyza Carvalho Falcao Fernandes			
Maria Isabel Brandão de Souza Mendes	Coordenação administrativa de algum setor; em outra instituição - UFRN	Essa Instituição é referência em educação de qualidade. Tive a honra de ser docente e contribuir de alguma maneira com esta Instituição.	

ANEXOII – Quadro síntese das entrevistas

Professora entrevistada	Motivo da entrevista	Data	Local	Duração da entrevista	Materiais utilizados
Ana Cristina de Araújo	Egressa ETFRN	11/01/2024	Coordenação de Educação Física e Esporte - CODESP/CNAT/IFRN	56'19" de gravação	Motorola G9 plus, por meio do aplicativo "Gravador de Voz".
Ingrid Patrícia Barbosa de Oliveira	Egressa ETFRN	05/02/2024	Residência da professora – Ceará Mirim/RN	1h 29'44" de gravação	Motorola G9 plus, por meio do aplicativo "Gravador de Voz". E uma filmadora portátil da marca Sony em alta definição - FULL HD
Nerijane Almeida Monteiro	Egressa CEFET/RN	08/02/2024	Plataforma Meet	1h 07'34" de gravação	Plataforma Meet
Paula Nunes Chaves	Egressa CEFET/RN	27/02/2024	Residência da pesquisadora – Natal/RN	1h 31'44" de gravação	Motorola G9 plus, por meio do aplicativo "Gravador de Voz". E parte pela Plataforma Meet
Gizelda Lúcia dos Santos Maia	Egressa ETFRN	13/03/2024	Associação dos Servidores do IFRN-ASIF/CNAT/IFRN	3h04'45" de gravação	Motorola G9 plus, por meio do aplicativo "Gravador de Voz". E uma filmadora portátil da marca Sony em alta definição - FULL HD
Sônia Cristina Ferreira Maia	Egressa ETFRN	20/03/2024	Centro Universitário do RN - UNI/RN	2h41'10" de gravação	Motorola G9 plus, por meio do aplicativo "Gravador de Voz". E uma filmadora portátil da marca Sony em alta definição - FULL HD
Cristina Maria da Cunha Melo (nome atual, após o divórcio)	Uma das primeiras professoras de EF/ETFRN	15/05/2024	Padaria Marcatto – Natal/RN	Aproximadamente 1h de gravação	Motorola G9 plus, por meio do aplicativo "Gravador de Voz".

Fonte: elaboração própria (2024).

ANEXO III - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA

ENTREVISTA COM A PROFESSORA ANA CRISTINA DE ARAÚJO. Dia: 11/01/2024. NA CODESP/CNAT/IFRN.

Ivana - Boa tarde, professora Ana Cristina. Você será a nossa primeira professora a ser entrevistada. O nosso trabalho, ele está na linha de pesquisa 3, do PPGEF. A linha de pesquisa é História, Memória e Historiografia da Educação Profissional. E, o tema da nossa tese vai ser História e Memória na Atuação das Professoras de Educação Física no IFRN, e aí, um dos critérios que a gente estabeleceu para a entrevista foi ser egressa da instituição e trabalhar na disciplina de EF e Esporte do IFRN, tá? Por isso que você foi uma das nossas selecionadas, e aí, qualquer coisa, qualquer questão que a gente faça, se houver dúvidas, pode falar. A gente já se conhece a muito tempo, a gente é amiga, apesar de ser colega de trabalho, mas primeiro a gente é amiga, né, e aí tornar esse momento agradável tanto para mim como para você. (Questão reorganizada)

Cris – Maravilha

Ivana - A gente vai rememorar algumas questões nossas, daqui, da instituição como um todo, mais sua. Inicialmente, eu gostaria que você comesse a falar um pouco da sua história de vida, porque pra gente chegar à sua atuação profissional, é importante que a gente conheça um pouco da sua história até chegar na sua atuação profissional. Embora eu conheça algumas coisas suas, mas é importante que a gente tenha esse registro, certo? Então, um primeiro ponto que eu gostaria que você pudesse estar falando pra gente, é você se identificar: seu nome, família, de onde veio, quando era criança, o que fazia? Gostava de brincar? Quais as brincadeiras que você fazia? Identificar-se, de uma maneira geral.

Cris - O meu nome é Ana Cristina de Araújo, tenho 52 anos. Nasci em Olinda, Pernambuco, mas vim pra Natal com a família com 5 anos de idade e, desde então, Natal tem sido a minha casa, né? Com relação à infância... Sou filha de uma família que teve 9 filhos, hoje somos 6, 3 (deles) já falecidos: 3 eram do primeiro casamento do meu pai; nós (os) 6 do segundo casamento do meu pai. Então, nessa trajetória, nessa diversidade toda aí de pessoas, eu sou a caçula, tenho 52 anos, porém, sou a caçula. Em relação às brincadeiras de rua, ou as brincadeiras da infância, eram todas brincadeiras de rua, e aí toda aquela diversidade: brincadeiras de *pega-pega*; brincadeiras com bola, com corda, subir em árvores... Tudo o que as crianças brincavam e tinham oportunidade de brincar, naquela época, então eram assim, estritamente [...] Dentro de casa um pouco de brincar, lógico, de boneca e tal, mas assim, a grande parte do tempo era com a vizinhança, com as brincadeiras de rua. E, aí, tentavam também brincadeiras, é... que na época, não se referenciava muito em relação a gênero e, então, assim, empinava pipa, também, junto com os meninos, não se preocupava muito, na realidade, não se preocupa muito com isso, então assim, jogava futebol ou era com menina ou era com menino, é [...] Peão, corda, o que se imaginasse... Tinha tanto criança, tanto do sexo masculino, quanto do sexo feminino brincando juntos. [...]

Ivana - E, tinha algum preconceito com essas brincadeiras? Percebia algo, hoje rememorando?

Cris - Não... Hoje, rememorando, não, até porque, assim, meus irmãos faziam parte dessas brincadeiras. Na realidade, assim, na época, criança mesmo, a gente se misturava muito pra brincar, depois, na adolescência, não, na adolescência você já via uma separação maior em relação a brincadeiras mais voltadas para os meninos do que para as meninas, né, aquela separação meio cristalizada... É... Essas brincadeiras tanto em Recife, muito pequena, quanto aqui, em Natal, quando viemos morar... Na escola, comecei a ter, além de todas essas brincadeiras, que a gente já fazia mesmo, comecei a ter contato com handebol e atletismo, que se chamava de ginásio (5ª e 6ª série, naquela época), foi o primeiro contato começando essa fase e, vindo aqui para a questão da ETFRN, já tinha interesse, e o voleibol, também presente

na minha vida nessa primeira fase de ginásio, vindo aqui, para ETFRN, no caso, procurei atletismo, continuei o vínculo com relação a essas práticas esportivas, mas uma coisa que sempre me acompanhou foi a questão de não ser apenas pela questão do competir. Na realidade, eu durante a minha vida inteira, a questão do esporte não é só uma questão de competir, mas a questão do fazer parte; sempre foi mais a questão do fazer parte, de tá fazendo amigos, de tá vivendo junto daquela galera que fazia, que praticava a modalidade. Nunca fui muito desse pensamento do esporte de rendimento, não. Apesar de, naquela época, nem saber que existia essa diferenciação.

Ivana - Cris, você veio sempre de escola pública ou privada?

Cris - De escola pública, o tempo inteiro. Todo o tempo.

Ivana - [...] O que a levou a vir estudar aqui, na escola?

Cris - Na realidade, meu irmão fez Edificações aqui, e, a partir do contato dele com a escola, nós [...] eu também tive o conhecimento dessa escola, né, e passei a almejar vir pra cá em função de ter uma educação com qualidade, já que meus pais não podiam pagar uma escola particular, e ter uma educação de qualidade e pública, que não se precisasse realmente pagar, porque não se tinha como. Então, assim, foi através de meu irmão ter feito a escola e a gente conhecer a fama e a qualidade do ensino que ele estava tendo que me motivou a querer vir pra cá, também.

Ivana - E o curso, porque Estradas?

Cris - O curso foi aleatório, assim... Quando eu peguei o programa dos cursos que tinham, já que não tinha nenhuma pré- formação em relação a essas áreas, né?... Meu irmão fez Edificações e poderia ter sido uma área que eu poderia ter seguido também, mas aí, assim, foi meio aleatório em relação [...] assim, peguei o programa e fui ver e pensar o que é que [...] não tinha muito bem ideia o que cada curso era naquela época que a gente não tinha essa gama de informações mais apuradas que se tem hoje. Hoje, se você entrar em qualquer canal de busca, principalmente no próprio site da escola, você vai saber exatamente o que cada curso vai explorar. Naquela época, não tinha essa coisa muito detalhada não, além de você ter tudo no papel, você tinha que vir aqui, tinha de [...], então, assim, foi meio aleatório, não foi assim: “ah, eu quero fazer ‘Estradas’”, não, foi “eu quero estudar naquela escola”, e aí, escolhi o curso e vim fazer.

Ivana - Você poderia recordar como era a escola, na época? Em relação à [...] quando você estudava (você entrou antes de mim). Você lembra como eram a organização curricular, as disciplinas que eram ministradas, a questão disciplinar que existia na escola (se era rígida, se não era), fardamento, essas questões?

Cris - É que, assim, os cursos eram 3 anos e meio e as disciplinas, consequentemente, eram semestrais. Em relação à questão da organização, em relação à disciplina, era bem rígida, você tinha que estar com o fardamento completo e, em relação a estar andando pelos corredores, não era permitido; tinha, inclusive, pessoas que ficavam nesse papel de não deixar que tivessem pessoas... Meio que vigiasse se tinha alunos nos corredores ou não. Então em relação à disciplina, era bem isso, e aí tinha todo um [...] esse é só um exemplo, né, mas tinha todo um padrão de comportamento, vamos dizer assim. Mas, assim, era uma [...] a questão em relação à disciplina, era bem rígida.

Ivana - O Curso de Estradas... E os professores, eram também rígidos? Tinha laboratórios? Que aprendizagem você teve, que experiência você teve no curso, em si?

Cris - Eu não usaria a palavra rígida, não. Eles eram todos muito comprometidos, bem sérios, no que estava fazendo, vamos dizer assim. Principalmente com relação às questões de segurança, né, e aí eu não encaro isso como uma questão de rigidez. A partir do momento que a segurança... Você precisa adotar determinados critérios de segurança e segui-los, né? Os laboratórios são ambientes que requerem realmente que tenham uma gama de protocolos para ser seguidos por conta da segurança e do bom andamento, vamos dizer assim. Por exemplo, numa aula, eu não considero que isso fosse rigidez, considero que era um empenho deles para que as coisas acontecessem de forma segura. A relação com os professores, a grande maioria

deles (não dá pra generalizar também), era tranquilo, assim, em relação [...] com uns mais flexíveis com relação às notas, os conteúdos; outros, um pouco mais flexíveis em relação, em questão de [...] o próprio, vamos dizer assim, comportamento em sala de aula de laboratório [...] mas era uma relação tranquila. Eu, particularmente, nunca tive problema de rigidez de professor, não.

Ivana - E os colegas? Como que era a relação com os colegas?

Cris - A relação com os colegas... A minha turma teve uma particularidade que, em um determinado semestre precisou juntar a turma da manhã com a turma da tarde e aí quando se junta duas turmas tem um pouco de, vamos dizer assim, de estremecimento de relações até os dois grupos se ajustarem, né? Assim, são duas turmas diferentes que vão se juntar, então existe um processo de adaptação, mas também sempre foi tranquilo, assim, uns estudavam mais, outros estudavam menos; uns tinham um comportamento, assim, de fundão, outros menos. As turmas como são, mesmo: turma de estudante, até hoje, né?

Ivana - Cris, como é essa questão dos jogos internos? Como é que era no seu período? Porque, assim, você entrou um pouquinho antes de mim, né, então como era essa organização? Como é que a gente se organizava, enquanto aluno, enquanto professores? O que os professores de Educação Física ofereciam pra gente, pra organização dos jogos internos?

Cris - Jogos internos sempre foi um grande evento. Funcionava por cursos, na época eram 7 cursos que tinha na escola, então funcionava por cursos e a questão da abertura sempre foi um ponto muito alto e continua sendo até hoje, em relação a show mesmo, as turmas, os alunos darem show em relação aos, a abertura mesmo, ao que era apresentado na abertura... Eu digo que os principais...

Ivana - Neste momento apresentei umas fotos dos jogos internos do período que ela era aluna.

Cris - [...] tudo muito [...] aqui, analisando essas fotos, realmente relembra esses momentos, esses momentos ficam bem marcantes mesmo (inclusive até hoje eu tenho dúvidas se essa aqui sou eu (Ivana - trata-se de uma foto de uma adolescente no meio da torcida, em uma abertura dos jogos internos, que ela afirma ser ela), mas eu acho que sou [...] essa que está com mão na cabeça, de camisa de Estradas [risos de ambas], (Ivana - a gente ficou nessa dúvida, né?(rindo)), tenho certeza que sou eu [...] sabe quando você, oh, (Ivana - daí ela tinha colocado a mão na cabeça) sabe é uma coisa que você faz? (Ivana - fala de maneira enfática e com ar de felicidade, por se reconhecer no gesto que via na foto) ... um gesto que lhe, puxa realmente, (Ivana - que é próprio?) é, exato [...]. Então, assim, os jogos eram bem organizados em relação à quantidade de equipes, era um universo bem menor, você tratava com 7 cursos, das 7 equipes, e aí a gente sabe que essa questão da organização em relação aos jogos com poucas equipes ela é muito mais eficiente do que você tá tratando com 'n' equipes e, as modalidades convencionais: atletismo, natação, voleibol, handebol, futsal (futebol de campo eu não lembro se tinha, acredito que não, não lembro, sinceramente, pode ser que tivesse, mas eu não lembro), e o basquete (modalidades de quadra, atletismo). Basicamente isso daí, eu acho que tinha tênis de mesa, se não me engano. Vera participou ainda do Tênis de Mesa, tenho essas lembranças aí [...].

Ivana - Nas organizações desses jogos tinha [...], os professores participavam, tinha alguma pessoa em específico que dava maior apoio, como que era essa relação?

Cris - Para o nosso curso, tinha o coordenador do curso, na época o professor Túlio, eu acho que ele era o coordenador (aqui pensando), e aí ele dava um apoio grande em relação a essa organização, de abertura, de arranjar lugar pra treino, pra gente treinar antes das competições, às vezes até algum material esportivo para algum atleta... Tudo isso tinha, assim [...] os outros professores, eles participavam, assim, os outros professores do curso, eles participavam meio que assistindo, incentivando; tinha também alguns que estavam sempre presentes, não todos, mas alguns estavam sempre presentes.

Ivana - E você foi bolsista na época? Fez algum projeto de extensão, na época (não, que não tinha 'extensão'), mas fez parte de algum processo desses, aqui, na escola?

Cris - Na escola diretamente, não, mas eu fui bolsista lá no DNER, e era um convênio que tinha: DNER e ETFRN e Curso de Estradas, né, justamente pelo coordenador do curso ser lá do DNER, ser engenheiro lá do DNER e levava algumas pessoas daqui pra ser bolsista lá, e aí, as áreas de atuação no DNER, elas não eram necessariamente ligadas ao curso, não, era [...] você ia ser bolsista em algum setor lá, independente do trabalho que fosse, não necessariamente ligado a parte de projetos dessas coisas.

Ivana - Especificamente de 'Estradas'.

Cris - Sim.

Ivana - E você chegou a fazer estágio?

Cris - Não, não cheguei. Na realidade, eu não cheguei a concluir o 7º período, porque passei na universidade, até tentei manter os dois, mas como o curso de Educação Física era durante o dia, eu não fiz o último período, comecei a frequentar o último período, mas, não finalizei. Então, na realidade, eu não sou Técnica de Estrada, eu sou Auxiliar Técnica de Estradas, né, meu diploma saiu como Auxiliar Técnico, justamente porque faltava o último semestre que era, também, o semestre do estágio, com umas últimas disciplinas, acho que 1 (uma) disciplina só, eu acho, era o estágio.

Ivana - Você acredita que eu fiz o estágio, aqui, no laboratório de Estradas?... E eu vim entregar o meu relatório (quem avaliou foi até o professor Ênio) agora, em 2014.

Cris - Minha nossa.

Ivana - Cris, você vivenciou, nós vivenciamos como alunas em um período em que o ensino era técnico, diferente do que a gente tem hoje. Você quer rememorar como eram ministradas as aulas de Educação Física e Esporte? Você já falou um pouco, né, mas fale um pouco mais dessa atividade desenvolvida nas aulas de Educação Física, se você conseguir lembrar. Você também já falou que praticou aqui, né: o atletismo e handebol... Hoje, você conseguiria identificar qual a proposta de Educação Física e Esporte, lá, daquela época? E, assim, daria para fazer um paralelo com hoje? Você tem o conhecimento de qual era (ou é) a orientação pedagógica da disciplina de Educação Física, na ETFRN? Você lembra-se de algo nesse sentido, se algum professor, se ele comentava, se passava pra gente nas aulas, alguma coisa nesse sentido? Existia um princípio, você consegue, hoje, na condição que você tem hoje, de conhecimento, você consegue compreender se existia algum princípio norteador para nossa disciplina, para os nossos treinos?

Cris - Bom, que eu me lembre, as aulas de Educação Física eram todas práticas e com um viés esportivizante bem acentuado, então, assim, elas eram divididas, no caso das turmas que eu [...] nos semestres que eu paguei né? Elas eram assim meio que divididas: em "ah, o primeiro bimestre a gente vai fazer basquete", mas também era só a parte mais prática do basquete; no segundo bimestre, segunda etapa (nem lembro como chamava na época), a gente vai fazer voleibol. Só que eram práticas voltadas bem pra coisa da esportivização mesmo, para os fundamentos e para as práticas daquele esporte, né? Não me lembro de nenhum professor conversando sobre princípios metodológicos ou pedagógicos em relação à Educação Física e também não tenho conhecimento, assim, documentalmente falando, qual era o viés que se pretendia costurar aí essas práticas, mas assim, extremamente esportivizante e, não consigo fazer um paralelo do que acontece hoje, né, que é uma Educação Física [...] que a gente contextualiza cada prática que vai fazer, que a gente pensa na questão de produção de conhecimento e não só reprodução do gesto técnico... Enfim, assim, é um pouquinho diferente do que era naquela época. Graças a Deus, hoje em dia é bem diferente do que era naquela época, e assim, não [...] mas era basicamente isso: aula prática e esportivizante e a questão das modalidades esportivas, aí essas é que eram mesmo, porque tava ali já pensando em montar as equipes da escola – equipes fortíssimas, diga-se de passagem, em todas as modalidades, mas o viés era esse mesmo: organização da Educação Física... E algumas pinceladas, algumas, não, a questão higienista mesmo, né? De pensar muito no viés higienista da prática em si. Educação

Física como forma de melhorar condicionamento, como forma de hábitos de convivência, de higiene, de coisa muito pautada nesse sentido aí [...] Calistenia bem presente, que hoje tá moda, né, calistenia. Calistenia bem presente, que hoje está na moda Calistenia.

Ivana - Então, você falou do viés higienista, né, e aí eu fiquei pensando: como eram as divisões das turmas?

Cris - Meninos e meninas, sempre. Então, assim, a turma de Estradas do 1º ano, elas... Tinha a professora das meninas e tinha a professora dos meninos. E aí a coisa mesmo de [...] a coisa dos exercícios calistênicos e esportivização.

Ivana - Porque que eu estou te mostrando estas imagens? Porque corrobora exatamente o que você está dizendo, né, desde 1978. Você sabia que a primeira aluna a entrar na instituição, realmente, foi em 1975?

Cris - Não, não sabia.

Ivana - Em 1976 nós tivemos os primeiros jogos internos, né, você lembra? Porque a gente fez o trabalho juntas [...] 1976, aqui... Enfim, só tinha aqui, Campus de Natal Central e, essas duas imagens são de 1978, existe, exatamente, descrevendo aí, pelo o que você falou: o aspecto de calistenia e o higienismo presentes nas aulas de Educação Física.

Cris - Isso, muito presente, mesmo.

Ivana - [...] Além, dessas características, características físicas, o que você observa em relação ao o que a gente tem hoje? Nas imagens, coloquei todas juntas para ela observar e falar sobre o que ela observava.

Cris - A gente tinha a questão do fardamento, ele era obrigatório, também né, obrigatório, todo mundo igualzinho, padronizado em relação às vestimentas, é... Características físicas em que sentido, você está perguntando?

Ivana - De espaço mesmo

Cris - Os espaços, aquelas quadras lá de baixo, elas não eram cobertas, né, a aula de Educação Física, *que eu me lembre* era às 6h da manhã, antes da aula, *fisicamente*, então a gente chegava muito cedo aqui, fazia a aula e ficava para as disciplinas de sala de aula, pra início da aula; é... Eu não lembro bem, mas acredito que na parte da tarde, é... As aulas deveriam ser no *final* de tarde, mas eu não lembro, especificamente, porque eu não estudei à tarde, estudei de manhã, mas a da gente era de manhã *cedão*, bem cedo mesmo...

Ivana - [...] Na verdade, depois das aula e antes dos treinos.

Cris - Então, perpetua até agora? Por isso que fica desse jeito, a gente fica desse jeito sem poder mexer em horário? Já era pra ter mudado isso há muito tempo.

Ivana - Nesse período que a gente tava comentando..., não sei se você lembra, mas a gente teve uma professora (profa Luzia), que ela foi até hoje a única professora que foi diretora geral... (Cris - Sim, ela foi diretora na minha época), foi diretora geral eleita, acho que foi em 86, 87, eu não lembro. *Você lembra-se desse período dela?*

Cris - Acho que ela ficou até 88.

Ivana - Mas você *lembra da* gestão dela, você lembra de algum comentário, por que ela [...]. Como é que era essa relação?

Cris - Lembrar que tínhamos uma diretora mulher, eu lembro. Todo mundo sabia que a diretora era a professora Luzia de França, se não me engano, mas assim, a questão de aluno e direção geral, era uma coisa muito distante. Então, assim, eu a vi poucas vezes, em alguns eventos, mas, assim, você não tinha uma relação de proximidade com a gestão da escola, era uma coisa assim bem separada, você tinha... É... Eu acho que a gestão maior com que eu tinha algum contato - eu especificamente, não: alunos -, era o professor Diógenes. Hoje eu entendo que o cargo dele era um cargo de gestão, eu acho que na época ele era coordenador, mas ele é *quem tava muito preocupado com essas coisas de disciplina* e tal e que eu me lembre, de gestão, de contato com pessoas de gestão, no meu entendimento, foi o professor Diógenes. Então, assim, pra cima, era uma coisa muito distante (Ivana - imagino). Eu acho que eu estudei aqui o tempo inteiro e eu

não sei dizer se a direção geral já era no mesmo lugar que é hoje, ou se era em outro lugar, se era em outra sala, eu não me lembro disso, onde era a direção geral, pode ser que tenha sido ali a vida inteira, mas eu não lembro [...].

Ivana - Acho que tinha na época tinha uma professora mulher, de Educação Física...

Cris - Professora Carmem, bem idosa, assim, ela... Parece que ela já tinha assim, uns 70 anos, eu acho, 60, pelo menos [...] Carmem Galvão... (Ivana - Você sabia que ela não era concursada? (Quando entrevistei a professora não tínhamos identificado nem no SUA, nem no SIAPE, porém mais tarde tive acesso a sua pasta funcional e a portaria de posse da professora Carmem.) Não. [...]) Ela era esposa do professor Pedro. E aí eu não sei, qual foi ali a situação dela vir da aula, mas era ela.

Ivana - E a gente tinha os grupos de ginástica, né, que geralmente era ela... Não sei na sua época...

Cris - Não, na minha (época) não tinha aula de ginástica.

Ivana - Mas ela chegou a ser a sua professora? De Educação Física? Mesmo?

Cris - Foi. Lembro perfeitamente das aulas de vôlei, de basquete.

Ivana - E a [...] Professora Terezinha...

Cris - Tia Carmenita, como dizia Rutiane. Professora Terezinha, professora de dança, né?

Ivana - Não, Terezinha Ximenez. Não?

Cris - Só me lembro de uma Terezinha, que era professora do grupo de dança, devia ser professora de alguma turma de Educação Física, também, mas eu não... Terezinha [...] não sei...

Ivana - Terezinha Ximenez...

Cris - Não lembro o sobrenome, não. Eu lembro que Roberta ficava tirando onda com ela... O grupo ensaiando (dava certo não, viu?... risos) e Roberta ficava "Terezinha!" [risos] da parte do ginásio... Por isso que eu lembro bem. Na época ela era do grupo de dança e devia ter alguma aula com ela também [...]

Ivana - Era só a professora Carmem, né?

Cris - Não, tinha Terezinha, também [...] eu conheci... Não me lembro de outra não, outra que eu vi chegar foi já Leonor, né?

Ivana - É... *Chegou* Leonor e depois Karenine, e depois Petrúcia

Cris - Karenine e Petrúcia, eu já não estava aqui, eu já tava na UF.

Ivana - [...] Sônia, Gizelda, Betânia... Você foi gestora, né, lá em São Gonçalo?

Cris - Sim...

Ivana - Quais as dificuldades, enquanto mulher, você teve que enfrentar e superar? Como você ver nossos enfrentamentos, enquanto profissional de Educação Física e Esporte nessa instituição?

Cris - Espere aí... Esse aí é complexo [risos]. No papel de gestora, eu não me lembro, especificamente, de ter passado alguma coisa no sentido só por ser mulher, eu realmente não lembro (nesse papel de gestão). Eu acho que... É... foi, eu consegui desenvolver [...] esse período lá, sem ter esse embate de ser questionada com alguma coisa em relação a isso por ser mulher, né? Isso em relação ao ambiente de trabalho em si. É... Não sei se por sempre ter me dado extremamente bem com todos os técnicos, de todas as salas, lá, em São Gonçalo. Eu era tipo... Eu chegava e saía praticamente de sala em sala falando com todo mundo. Não sei se isso tem alguma interferência, mas assim, por ser mulher, nesse papel de gestora específico, em São Gonçalo do Amarante, eu não consigo me lembrar de algo que tenha sido dificultoso em relação à questão de gênero, não. Não consigo lembrar. Teve uns embates normais, as dificuldades normais burocráticas, financeiras (com alunos, enfim), mas assim, especificamente por tá no papel de gestora mulher, não me lembro, não. Nenhuma situação. Porém, a gente sabe que ser mulher, né, é uma luta diária pra tá tentando meio que provar coisas que os homens não precisam provar, porque parece que já há um pacto específico de que, o que o homem faz é certo e a mulher precisa provar que sabe fazer. Parece, parece, não, em uma sociedade patriarcal

é bem isso que ocorre, né? Então, assim, esses enfrentamentos enquanto professora, não só aqui, mas em todos os espaços que a gente trabalhou, sempre tem umas barreiras a mais, sempre você tem que provar alguma coisa. É... Inclusive, eu costumo dizer que a própria Educação Física parece que já tem que provar uma coisa, diariamente, porque, muitas vezes, as disciplinas não são questionadas com relação às coisas rotineiras e a Educação Física tem sempre que tá se justificando por que é que precisa ser daquele jeito, por que é que vai precisar de determinada coisa; tentar justificar e mostrar sua importância diariamente, enquanto que outras disciplinas não necessitam disso, né? E... É, vamos dizer assim, nas relações de trabalhos gerais, não estou falando especificamente de IFRN, mas de IFRN também. É... Nós vivemos em sociedade patriarcal, né? E, sempre, nós mulheres temos que provar alguma coisa a mais. Então, assim, esse enfrentamento é diário.

Ivana - Teve alguma situação, assim, que tenha [...] concorda que tenha tido um impacto muito grande, em relação a essa questão?

Cris - Em relação à questão de gênero, no IFRN, pessoal minha?

Ivana - Sim

Cris - Deixa eu pensar um pouco. (Ficou em silêncio um tempo) [...] Alguma coisa impactante, não, mas, a gente percebe *umas investidas meio* veladas, né, em relação a [...] isso é diariamente, né... Assim, alguma coisa impactante em relação a mim? Por conta do gênero, não. Mas, tentativas veladas a gente sempre enfrenta.

Ivana - Silêncio - Cris, você poderia fazer um breve relato, embora você já tenha feito, já, mas desde quando você saiu né, você começou a atuar como docente de Educação Física, assim que você saiu lá, da universidade, em escola pública, privada... Faz esse relato, por gentileza.

Cris - Eu saí aqui, da ETFRN, direto pra o curso de Licenciatura em Educação Física, de 90 a 94, paralelo a estar finalizando o curso de onde eu já comecei a trabalhar nas escolas particulares pequenas, da zona norte, que era onde eu morava... É... A partir daí, quando [...] depois de formada, quando surgiu o concurso para o Município e Estado [...] eu fiz, né? Trabalhei nos dois, durante quase 10 anos, cada um; e, no concurso de 2009, eu passei aqui, para o IFRN, e aí assumindo em 2010. Mas, assim, minha atuação em escola particular foi por uns 3 anos, 3 ou 4 anos, eu acho (quando eu entrei no Município, eu ainda permaneci numa das escolas) e, fora isso, Município, Estado e IFRN, sempre educação pública.

Ivana - De que maneira você acha que sua atuação profissional, ela impacta na instituição, nos alunos? Já pensou sobre isso?

Cris - De vez em quando a gente começa a pensar nessas questões. Eu acho que, a partir do momento que você tem uma prática profissional que é, vamos dizer assim, que instigue ao aluno a crescer, a evoluir, seja na disciplina de Educação Física, na questão da produção do conhecimento, como também na questão das equipes esportivas, você ver o aluno buscar melhorar e evoluir em relação ao que tava antes; ele chegar e falar que, enfim, a prática da modalidade tá sendo muito importante porque ele tá enfrentando situações bem complicadas e é isso que tá fazendo com que ele busque soluções e não atropelos na vida... Eu acho que não é só a questão de você trabalhar o conteúdo ou a técnica, é você trabalhar de forma mais humanizada, você, realmente, trazer o aluno pra perto e *fazer ele* acreditar que ele pode, e tá ali, nunca tentou, você atrás, você mostra pra ele que é possível ele ver pequenas vitórias, vamos dizer assim, pequenas superações... Ele passa a acreditar que ele, cada vez mais, que ele pode tentar outros louros, não necessariamente relacionadas à Educação Física e não necessariamente relacionados a alguma modalidade que ele pratique, mas que ele, sim, tem potencial pra vida, né, pra buscar. Não é uma garantia que vá ter um futuro brilhante, mas ele [...] o importante é saber que ele tem potencial de buscar, de querer mais; acreditar no potencial dele. Eu acho que isso é uma coisa bem importante e que eu procuro sempre fazer com que os alunos pensem dessa maneira, que eles podem buscar.

Ivana - Eles podem né? A gente tenta mostrar pra eles que eles podem; que são capazes e aí a

gente trabalha muito com o corpo, né? E, como era essa sua relação com o seu corpo, você se recorda? Pensando hoje, como é que você se sentia, lá? Porque na adolescência era um período complicado, você chegou a aqui...

Cris - É... Eu sempre fui uma pessoa muito magrela, extremamente magrela e aí com toda aquela questão dos apelidos, né, do bullying, que antes não se davam esses nomes, mas que é, realmente, a mesma coisa. Porque na hora que uma brincadeira, ela é engraçada para uma pessoa e para outra, não, ela não é uma brincadeira, é sempre preciso frisar bem isso... E, assim, é uma coisa que sempre perseguiu muito isso e, assim, a questão do corpo, a não ser do tipo no padrão... Hoje em dia, se fosse pra ser magrela, estaria super no padrão, mas, naquela época, era a menina que tivesse mais coxa, bunda [...] são outro tipo de padrão de beleza, né, que padrão de beleza, a gente sabe que ele vai mudar o tempo inteiro; ele muda, e os padrões são estabelecidos, restabelecidos e a sociedade buscando sempre maneiras de segui-lo. Então, assim, a relação com o corpo nunca foi muito tranquila em relação a isso, porque era um corpo que era muito atacado, em relação aos padrões da época. E a minha relação boa com o corpo era quando o corpo estava em movimento, porque eu conseguia fazer, né, eu conseguia buscar as coisas que eu queria fazer corporalmente, enfatizando que eu nunca busquei a questão do rendimento, mas assim, de estar nas equipes, ou nos grupos, de interagir, fazer amizades a partir disso. Eu tenho amizades de, sei lá, 35 anos, que foram geradas nessa relação com o esporte. E, foi essa coisa de colocar o corpo em movimento que me permitiu, então, a minha relação boa com o corpo, era sempre o corpo em movimento; o corpo na área esportiva, nas aulas, eu conseguia executar as coisas dentro de um padrão bom e isso me deixava feliz, mas assim, em relação à estéticas corporais, não, sempre foi uma coisa sempre muito perseguida. Hoje em dia, queria eu ter o corpo que tinha naquela época, por que assim, o peso vai chegando, a articulação vai doendo e tudo o mais, mas, queria eu ser magrela como era naquela época.

Ivana - Mas você sentia algo em relação aos colegas, aos professores, especificamente?

Cris - De quê?

Ivana - Chegava a ser *atacada*, não ser atacada [...] quero dizer discriminada?

Cris - É... Mas assim... Não, não era bem assim aqui, na época da ETFRN, não, era um pouquinho antes, era na época do ginásio mesmo, da 5ª a 8ª série, vamos dizer assim, *onde* essas questões vinham mais fortes que aqui. Aqui, apesar *da gente* perceber os olhares... Os olhares *iam* pros corpos dentro do padrão estabelecido pra época... para as meninas mais... Assim, perceber, a gente percebia, mas assim, aqui mesmo, não, não tinha essa coisa do bullying, não, pelas questões corporais, não.

Ivana - O que você faria de diferente (se é que faria) hoje nas aulas de Educação Física escolar, nos treinos e nas competições? Que atitudes você não tomaria, que você tomou, se é que teve?

Cris - Falando de prática profissional aí, né? Eu acho que, assim, especificamente, eu não lembro de uma atitude, assim, que seja assim extremamente desabonada, não, mas, talvez, assim [...] e é o que eu procuro fazer no dia a dia, é ter um pouco mais de paciência em algumas situações de aula mesmo [...] (Ela colocou a mão na cabeça e comentou): Oh como aquela foto sou eu mesmo, (e rimos, continuou), não tem como não ser eu e ainda mais é o mesmo braço. Algumas situações de ter mais paciência de, é, [...] Às vezes a gente já passa o dia na correria e acaba atropelando algumas ações, mas são coisas que, não pra eu me lembrar disso agora e dizer assim: “ah, eu não teria feito isso [...] com fulano de tal”... Não, no geral ter mais paciência, ter mais paciência com os alunos, ter mais paciência com o andamento em si, do processo, que é, às vezes, um pouquinho difícil, principalmente nas situações de indisciplina, que é uma coisa que me tira meio do eixo, assim né, a indisciplina. Mas, uma coisa em específico, assim, da prática, eu não [...] confesso que eu não lembro, mas eu acho que ia ouvir mais, ter mais paciência.

Ivana - Neste momento coloquei todas as fotos que levei. Silêncio. Queria te mostrar aqui, essas imagens que eu trouxe que tem, provavelmente tem você, né, que você acha (foi a foto que ela

se reconhece)

Cris - eu acho, eu tinha essa camisa, é o meu jeito, não tem como não

Ivana - [...] Minha amiga, eu queria pedir permissão pra você e fotografar, um pouco *da gente*, aqui.

Cris - Sim.

Silêncio

Cris - Grandes amigas aqui nas fotos. Eita, acho que eu não tenho essa não. (Foto eu com ela)

Ivana - Qual?

Cris - Essa.

Ivana - [...] Se você puder ir descrevendo o que você lembra, desde as mais antigas (fotografias) às mais novas [...] ir descrevendo aos pouquinhos, essa relação que você tá tendo aí, com essas imagens, que impactos ela traz, que sentimentos ela reverbera aí no corpo, na sua memória.

Cris - [...] Traz um certo saudosismo, né? Você ver aqui [...] Abertura de 88, então assim, era bem a época que eu estudava aqui mesmo. Eu entrei em 87 e fiquei até final de 89, tentei 90, ainda, mas não permaneci... E aí eu vejo aqui grandes amigos, da época mesmo de escola, que a gente jogava junto... (88?)

Ivana - O ano de 88 foi o ano que eu entrei aqui. Quando eu entrei aqui... (Cris - Rossana não tava aqui mais não)... Você lembra?...

Cris - Rossana não tava aqui mais não, aqui não é 88, não. Quando eu entrei, Rossana não tava mais. Eu conheci Rossana por causa do DNER, ela tinha acabado de sair.

Ivana - Essa imagem aqui tá no arquivo, como 88.

Cris - Acho que isso aqui deve ser 87, porque quando eu entrei [...] só perguntando a Vera, mas eu acho que... Eu acho, inclusive que tá o contrário aqui [...] isso aqui eu acho que é 88...

Ivana - Eu acho que é 87...

Cris - No máximo eu devo ter pegado um semestre aqui com Rossana, não me lembro... Eu já entrei... Eu acho que é 87, porque em 88 eu já tava grudada com a turma de Vera e em 88 ela não tava mais.

Ivana - Em 88 teve um evento no curso *da gente*, de Estradas, você recorda?

Cris - Em 88 tu não tava aqui, não, Ivana...

Ivana - Entrei, entrei em 88.2

Cris - Ah, foi, sim, 88... Eu entrei em 87. Então, aí aqui essas lembranças das aulas, como a gente tava falando da questão mesmo né [...] bem calistênico, né. Aquele movimento bem descontextualizado... Lembrando aqui das competições de atletismo, dos jogos, né [...] bem antiga essa foto...

Ivana - Diz lá, no arquivo...

Cris - [...] É... Tem no arquivo [...] Essa aqui eu acho que é de 87. E, aqui, algumas participações, já algumas atuações já como professora aqui, ao seu lado, do lado de atletas, os meninos de formação do PIBID, viagens, jogos dos servidores que é bem impactante, pra gente, que tem... Que traz essa coisa de unidade de grupo, né, a coisa dos jogos dos servidores, que, aliás, esse ano eu pretendo participar (eu vou logo fazer os exames pra não ficar dependendo...). Enfim, é isso, são momentos de saudades mesmo, de cada um desses momentos bem [...] são momentos diferenciados, né, como aluna, como profissional e, como amiga, né, aqui, nos jogos dos servidores que a gente volta a ser atleta, mas aquela atleta que não tá pensando muito no rendimento, mas, mais na resenha, vamos dizer assim, porque é bem isso, é bem essa situação mesmo. Muito bom mesmo, ver essas imagens.

Ivana - Cris, pra você existe... Qual a dicotomia, se é que existe essa dicotomia, se é igual. Qual seu pensamento com relação à disciplina de Educação Física e Esporte? Que momento que elas se entrecruzam, que momento que elas são distintas?

Cris - Assim, quando eu penso mesmo na questão das equipes esportivas, né, no caso do atletismo, que é o que a gente trabalha, eu não penso nos alunos como atletas, simplesmente,

como seria o normal de uma equipe esportiva, né? Eu penso ali, como alunos. Tanto é que assim, alunos que vão competir, alunos que busca o melhor que eles puderem fazer, e, como exemplo, esse ano tem gente com idade de competição, com 19 (às nossas competições vão até 19), tem gente com 21, tem gente com 35... Não tem, assim, pra mim tá todo mundo ali, pra aprender, pra construir, pra melhorar... É... Cada coisa que eu passo, eu tento contextualizar um pouco; o porquê daquilo e não pensar só na questão da parte técnica mesmo, né? Então, assim, o esporte em si, ele, apesar de ser uma coisa [...] se a gente pensar em termos burocráticos, separado das aulas de Educação Física, mas ele também pode ser uma aula, ali, não precisa ser só uma prática esportiva, né? E, ao mesmo tempo, esse esporte, ele tem que tá dentro das aulas de Educação Física, tanto é que ele tem espaço no nosso programa de disciplina, só que aí ele vem com essa roupagem mais de construção de conhecimento, mesmo; vem como um veículo de construção de conhecimento, né? Prática, sim, mas pensando sempre em construir. E, nos treinamentos de atletismo, eu tento buscar esse inverso, também, de não ser só a prática esportiva, mas também, mas também construir alguma coisa de conhecimento. Seja de conhecimento técnico, seja de conhecimento de mundo, ou do conhecimento do aluno se conhecer melhor e ele se identificar melhor naquilo que ele tá fazendo. Então, assim, pra mim é muito difícil quando eu penso em aula de Educação Física, quando eu penso no esporte, eu pensar um, de uma forma totalmente tecnicista, no caso, as equipes esportivas e outro descontextualizado do esporte. Então, eu acho que eles se relacionam, tem que se relacionar só que cada um deles vão pensar assim, tem um lugar de fala, ele enquanto prática esportiva e ele enquanto conteúdo que a gente vai tá trabalhando nas aulas de Educação Física.

Ivana - Show. Era isso.

Cris - Se você tivesse ligado uma filmadora não teria dado certo, porque eu ia ficar preocupada, eu não ia falar.

Ivana - Não, é. E aí, você gostaria de complementar mais alguma coisa? Gostaria de falar alguma coisa que você acha que a gente não explorou?

Cris - Não, eu acho que não. Eu acho que a gente conseguiu explorar tudo, essa relação do esporte enquanto atleta, enquanto professora e, as questões de gênero, assim, que bom que hoje em dia não tem (é bom enfatizar isso), não tem mais essa divisão de masculino e feminino nem nas aulas, né? Assim, em algumas modalidades esportivas, é necessário ter, pela questão da coesão de grupo, como as modalidades de quadra, mas no atletismo a gente não trabalha assim, graças a Deus, trabalha todo mundo junto, assim, pra mim, é uma coisa que fica muito mais rica. Claro que assim nas modalidades coletivas fica bem mais difícil você querer trabalhar com todo mundo junto, porque você não vai chegar ao seu objetivo e, sim, é meio complicado, mas que bom que no atletismo consegue trabalhar com todo mundo junto, independente de gênero, independente de idade, independente até do objetivo que tem no atletismo... O pessoal, uns tem objetivo de competir e outros, não tem; tem de praticar [...] outros [...] tem até a questão do objetivo de condicionamento, ali, no atletismo, a gente também tem... Alunos do subsequente ou de graduação, né? Mas, assim, cada um com o seu objetivo de tá todo mundo junto.

Ivana - Show. Gratidão.

Cris - Finish?

Finish. Vou desligar.

ENTREVISTA COM A PROFESSORA INGRID PATRÍCIA BARBOSA DE OLIVEIRA
Dia: 05/02/2024. Local: Casa da entrevistada. Ceará mirim/RN.

Ivana - Boa tarde estamos aqui com a professora Ingrid Patrícia vamos fazer a nossa entrevista para nossa tese de Doutorado, como expliquei para ela antes, a nossa Tese está na linha 3, do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional, que é História, Historiografia e

Memória da Educação Profissional. E o nosso trabalho ele vai abordar sobre a mulher e o esporte no IFRN, na institucionalidade IFRN, mas pegando todas as institucionalidades ETFRN, CEFET e IFRN, então o foco é “A atuação de professoras de Educação Física, né, na Instituição” que tenha sido egressa da instituição. Por isso que você é uma das nossas entrevistadas, porque você foi ex-aluna nossa. Então assim, é, nesse momento Ingrid a gente quer com essa entrevista, que a gente rememore um pouco das experiências como aluna e da sua atuação, na Instituição nessa disciplina. Certo, a intenção é essa. Mas para isso a gente precisa conhecer um pouquinho da sua história de vida, essa trajetória que você tem, tanto na sua profissão como na própria instituição. Seria isso de forma bem espontânea, bem natural, nós somos amigas a muito tempo, fizemos graduação juntas, temos, eu tenho conhecimento de muitas coisas suas, você minha, mas neste momento a gente precisa registrar isso. Por isso da importância de fazer essa entrevista. E aí, uma primeira questão que a gente gostaria que você falasse um pouco é sobre sua família, se identificar, a sua origem mesmo, certo, de forma bem, isso falar um pouquinho de sua história de vida, como é que você chegou aqui, nessa dimensão, (risos de ambas), nesse momento?

Ingrid - Então é, boa tarde, prazer, ne, acolher você aqui na minha casa.

Ivana - Obrigada

Ingrid - Vocês, na minha casa, pra poder rememorar um momento tão significativo da minha vida, né, que é a minha experiência na instituição, foi muito importante, embora no início eu resisti a entrar no IF, sabia disso? depois eu conto, mas enfim (Ivana - ri). Mas, assim, foi um momento muito é, potente, é, e eu vou falar depois, mas eu vou falar sobre a minha pessoa, né, sobre como foi que eu estive, existi por aqui, então meu nome é Ingrid Patricia Barbosa de Oliveira, sou filha de Flávio Tinoco e Maria das Graças, meu pai semianalfabeto, né, trabalhava como agente de saúde, né, na SUCAN, e minha mãe era professora de Português, né, tinha, tinha um ensino superior, que o meu pai não tinha, né. E ela sempre me deu muito, muito, muito incentivo para, para estudar então esses são os meus ancestrais, né, meus pais, primeiramente. Tive dois irmãos, Yasmin, Yasmin (risos, porque Yasmim é sua filha) Isis Priscila e Patrick, que acabaram não fazendo, né, uma progressão mais acadêmica, ficaram, assim pelo caminho, eu fui a única que, né, tive essa motivação, né, de estudar mais um pouco. E eles hoje não, não tiveram, não teve a chance de experimentar o que eu experimentei, de percorrer as escolas que eu percorri, né, eu acho que o if, no caso a ETFRN, na minha época, deu-me um impulso, né, para que eu estivesse hoje nesse lugar. É o que mais que eu posso falar de mim? Acho que é.

Ivana - Nesse primeiro momento e aproveitando já aí, como é que era sua infância? você tinha liberdade? como é que era os jogos, brincadeiras?

Ingrid - Então, assim, meu pai sempre foi de estar muito fora de casa, né, então eu estive muito, muito mais próxima da minha mãe, minha mãe sempre foi, assim trabalhava na escola, mas ela era quem cuidava da casa também, né, e ela sempre foi muito incentivadora do brincar da gente, né, então, ela sempre estava nas rodas de brincadeira comigo, com minhas, com meus amigos, né, com minhas amigas, a gente morava na Zona Norte, no Santa Catarina e a nossa rua, inclusive essa semana a gente recordou disso, a nossa rua era muito, muito rica, né, em cultura de movimento, a gente brincava muito no meio da rua e a gente passava, assim a noite toda, toda..., existia uma cultura na rua, né, eu acho, acho que anteriormente, né, no nosso tempo, o povo ia para as calçadas para conversar, né, depois do jantar, ia para as calçadas conversar e era a hora que a gente brincava muito, e aí na minha rua sempre tinha o futebol, a queimada, garrafão, tica trepa, menina era muita coisa, era aquelas brincadeiras todas que a gente conhece, eu vivenciei na minha rua, junto com os amigos, junto com as crianças que todos estavam na rua, então era um momento assim muito rico, e, além disso, a gente, ainda, promovia algumas atividades para o povo das outras ruas irem para as nossas ruas. Então, a gente fazia concurso de lambada, concurso de bambolê, a gente fazia quadrilha, nas festas juninas, então, assim, fazia

piquenique para sair para outros lugares, e meu pai e minha mãe, principalmente, a minha mãe era quem organizava, engajava essas coisas, né, e meu pai ia porque minha mãe, né, já incentivava, então, minha mãe era, era uma das que, que tava ali promovendo, então era a queridinha, era mãe, era mãezona que toda, toda criança queria ter porque era a mãe que fazia, né, liderava as brincadeiras e tal, eu recordo bem que ela até um tempo a gente brincando de garrafão a bichinha, brincou, torceu o pé, o joanete que ela tinha e nunca que, tadinha, nunca que depois ajeitou (risos de ambas), depois, depois desse joanete magoado, mas enfim eram..., eu tive uma infância muito rica, né, sobre, sobre essas questões do brincar, do dançar, né, do fazer circo, a gente, eu lembro que a gente fazia um circo, poleiros, os meninos criaram os poleiros, lá, e faziam as baterias de lata, enfim, e a gente ia dançar, né, se enfeitar e a noite era o grande espetáculo da gente. Então, a gente passava o dia ensaiando as coisas pra fazer o espetáculo do circo e a noite a gente cobrava umas moedinhas pro povo das outras ruas (ri) de irem brincar (rindo) e assistir o espetáculo da gente. Eu sei que isso foi tão, foi crescendo, foi crescendo, até que chegou as, a, como é, a quadrilha, né, que a gente fez a quadrilha, né, que a gente participava era só pra nós, só pra nós, o nome da quadrilha, primeiro era só pra nós, depois ela se expandiu e saiu nos concursos, por aí, né, depois virou estilizada, que antes era só matuta, depois virou estilizada, enfim, aí da nossa rua surgiu muita coisa, às vezes a gente fechava, depois na adolescência, isso na infância, na adolescência já foi, já era outras coisas muito mais elaboradas, a gente fechava a rua, cobrava o ingresso, e era, eram as bandas que iam tocar, então sempre teve, né, essa, esse movimento cultural assim, na minha rua, e eu acho que uma das escolhas para ser professora da Educação Física foi por perceber que a Educação Física permitia aos outros esse acesso, né, a essa cultura de movimento e por isso que eu queria ser professora de Educação Física que eu queria ensinar dançar, que eu queria ensinar, né, esportes, ensinar a brincar, essas coisas, então acho que veio a minha vontade de fazer o curso por causa dessa minha vivência, né, dessa minha experiência, muito rica na infância e na adolescência em relação a tudo, as brincadeiras.

Ivana - Aproveitando que você está falando exatamente dessas brincadeiras, dessas experiências, dessa escolha do curso fala um pouquinho da trajetória específica lá na escola, como que se deu? Essa trajetória na escola, também tinha essas vivências?

Ingrid - No fundamental e ensino médio, né?

Ivana - Isso, até chegar na escola, rememora um pouquinho.

Ingrid - Pronto. Aí o que, que aconteceu...

Ivana - Tinha Educação Física, ou não?

Ingrid - É eu estudei na educação, na educação infantil e ensino fundamental I, na educação infantil eu não lembro bem, eu, eu acho que eu estudava no feijãozinho, era Escola pequeninha, eu não me recordo muito bem, né, mas o ensino fundamental eu estudei no Sagrada Família, que era uma escola particular ali no Alecrim, né. E que nós tínhamos, no fundamental 1, nós tínhamos, sim a Educação Física e para mim era sempre muito, muito cheio de descobertas, né. Eu sempre fui muito disponível para fazer e a Educação Física ela tinha, eu acho que era uma vez por semana, né, e aí a gente ia brincar e eu recordo bem que era muito mais a história da queimada e do futebol, né, muito mais e o que existia às vezes era um ensaio, às vezes era substituído pelo ensaio, para que a gente pudesse apresentar: Dia das Mães, festa de, aquelas festividades, as datas comemorativas, né, era bem isso, a Educação Física servia muito mais para, para esses ensaios, para as festividades. E, aí o esporte era muito mais a queimada, e tica-tica, aquelas coisas que eram bem, bem básicas. Eu recordo pouco, no ensino fundamental, não é no ensino fundamental 2, que é quinta a oitava série, na época, né, eu já lembro que a gente tinha uma, um apelo para aderir aos esportes, né, qual era o esporte que você gosta? Então, a gente fazia algumas experiências e os professores fazia os convites, né, a gente tinha, tinha, eu acho que é um evento que a escola fazia para tipo, assim escolher..., (Ivana - tipo um festival?) É tipo um festival para os professores escolherem, assim os alunos

mais, assim danadinhos para ir para a história dos esportes..., (Ivana - mais habilidades em determinados esportes?), é, aí eles fazia algumas, alguns festivais, assim com as habilidades motoras básica, e a gente ia fazer, e aí eu lembro que eu fui convidada, e fiquei super feliz por isso, por Flávia Tinoco, que era professor, né, de handebol e ele me convidou para participar do handebol e, eu fiquei super feliz porque eu já admirava desde..., assim eu tava na quarta série eu já admirava as meninas que eram do handebol, na quinta série, porque na quinta série é que a gente tinha que aderir de fato ao esporte, e aí, eu fiquei super feliz porque eu fui convidada pra fazer o teste, num sei quê e fui e acabei ficando, né, fiz a experiência toda desde a quinta série até o oitavo ano, é com o handebol e participei das equipes de ponta, né, foi campeã com a turma, com o grupo no Mirim, no infantil, no juvenil eu já tava na ETFRN, e já joguei contra o Sagrada.

Ivana - O que te levou a ir pra ETFRN?

Ingrid - Então, tem, tem esse negócio, aí, porque foi justamente que eu não queria ir para a ETFRN, porque eu queria ficar no sagrada, né.

Ivana - Porque era muito forte, né?

Ingrid - É, o handebol era muito forte no sagrada, e aí meu pai e minha mãe que queria, meus tios queriam muito que eu fosse para a ETFRN, né, eu tinha um tio que era Professor Substituto, de elétrica, eletricidade, lá no IF, 'não ela é muito inteligente, ela vai fazer, ela vai fazer sim, bote ela para fazer, homem faça só para ver se ela passa, não sei o quê', aí eu fui nessa história, né, eu fui ver se fazia, para ver se passa (risos). Ai pronto eu sei que eles ficaram muito mais felizes que eu, porque eu não queria ir para ETFRN, eu queria ficar no Sagrada, porque eu queria continuar o Juvenil no Sagrada, para jogar no Sagrado, enfim, aí quando deu o resultado do meu, que eu passei, né, porque eu fui fazer, sem nenhum compromisso, é tanto que eu fiz para, a primeira opção foi para edificações e a segunda opção foi o saneamento, eu passei na segunda opção, que foi saneamento, aí por isso saneamento, que também não foi nem uma escolha, foi porque, assim, bota a primeira, a segunda, aí pronto, aí eu sei que meus tios, depois que eu passei todo mundo feliz ah ela passou, não sei o quê, como não, você vai deixar de fazer ETFRN, para fazer, pra estudar no Sagrada? Como assim? né, todo mundo questionando, eu disse tá, tá, eu vou fazer, eu vou fazer os dois, mas na verdade eu acabei indo fazer o primeiro, eu ainda fiz o primeiro ano, numa escola lá em Mossoró, que foi com Ferdinando que eu fui para lá, Ferdinando não, Oceano o nome dele, que era um professor de handebol também, que eu fui para lá, meu pai foi transferido para lá, para Mossoró, e eu fui para lá, para fazer o primeiro ano, e fiz por lá ainda, e joguei handebol por lá ainda, (Ivana - No CEFET, lá?) arranjei bolsa..., não era uma escola particular, Instituto Dom Bosco, quando eu voltei, eu já tinha feito o primeiro ano e foi a história de ter passado no IF, aí quando eu voltei, mãe, eu queria voltar para o Sagrada, para continuar o meu processo com o esporte, né, no Sagrada, porque fiquei frustrada quando eu fui para Mossoró, não ganhava nada e jogava sozinha, eu como assim, eu deixei minha equipe, não sei o quê, aí pronto aí eu sei (risos de ambas) que eu voltei, né para, para cá, tentei voltar para Sagrada, mas fui convencida de que tinha que ficar na ETFRN, né.

Ivana - Aí teve que iniciar do primeiro ano?

Ingrid - Aí voltei para o primeiro ano de novo, aí, assim, enfim me desestimulei, né porque eu não queria, eu queria fazer o handebol, a pulsão era muito mais jogar do que estudar, eu acho, né. E aí, foi quando chegou o Ferdinando Teixeira, Ferdinando Teixeira, é, chegou por lá, e aí eu acho que teve um concurso, não sei se foi..., não isso aí é outro caso, é o caso de, o caso...

Ivana - Deixa eu só te atualizar, (Ingrid - atualize), Ferdinando, ele entrou em 67, ele, ele era do futebol, aí, nesse período..., que você diz, ele chegou, eu imagino que ele tenha ido para handebol, não é isso? Assumir a equipe de handebol.

Ingrid - É, então foi isso, agora eu lembrei, então foi assim, quando eu cheguei quem tava no handebol era Fábio Lisboa, aí ele se afastou para o doutorado, exatamente, ele se afastou, e aí a gente ficou a mingua, né, aí eu disse pronto foi quando eu me desmotivei, caramba e agora

que a única chance que tinha de poder desenvolver uma equipe aqui, era, era ele, né. Ai pronto ele se afastou, aí veio, aí foi quando Ferdinando assumiu, né, no lugar, ai pronto, foi quando a gente..., foi a potência, a gente começou a treinar, né, e é tanto que eu só fazia treinar, inclusive eu reprovei um semestre porque eu gazeava tanta aula para jogar, para ir jogar. Gazeava, aula, gazeava, gazeava (ri) pra ir jogar.

Ivana - Agora entendi porque você terminou em 97.

Ingrid - Foi, foi, eu reprovei um semestre, por causa disso, aí, enfim, a trajetória que o Ferdinando, foi maravilhosa, ele é muito casquinha, né, muito casquinha, é, assim era (ri) um professor, era um professor assim, hoje em dia ela ia receber muita punição, né, porque era um professor assim que não respeitava muito bem, né, ...ahh?

Ivana - Era outra realidade!

Ingrid - Era, ele instigava a gente, chamando nome, ele instigava a gente chamando de, de boraa, boraa pora, passou, eu vou dizer (um ar de revolta), passou o dia batendo punheta com o namorado (ri, mas com ah de raiva), que essa bola tá escorregando da mão, néeee, essas coisas assim, então assim, era... E aí a gente engolir aquilo e achava isso muito normal, né, nunca que, hoje em dia se a gente fosse ver um professor falando isso e as meninas mesmo ia como assim? né, mas na época a gente (faz uma respiração profunda) inclusive ria da situação, achava isso assim, tão natural, que a gente ficava rindo das coisas assim, e isso a gente, nos nossos treinos eram muito espetaculoso, porque tinha também essa, essa fervura dele, assim esse foco de, de fazer a gente se desenvolver, e ia muita gente assistir, né, e assim a gente ficava de fato constrangida e tinha que ficar em silêncio, né porque, porque ... enfim era o professor, a gente tinha que respeitar e, a gente tava ali para evoluir e, aí tinha que ceder essas, esses colchões de mesa, né.

Ivana - A gente fica também indefesa, né, na adolescência? Não querendo, hoje é outra realidade.

Ingrid - Sim, e não tinha essa noção, assim de que era uma agressão e uma violência isso, né.

Ivana - Aproveitando exatamente, aí nesse sentido, desse aspecto que você tá falando naquele período lá 90, a escola era ETFRN, era uma institucionalidade de ensino técnico, e aí em 99, ela, ela passa a ser Centro Federal, vai para uma outra institucionalidade, né, você sai em 97, dois anos antes dessa transformação, o que eu tô querendo chegar é, como, como que você percebe hoje, né, eu tô dizendo hoje memorando, porque naquele período a gente não se percebia muito, a questão da organização curricular, disciplina, como, você recorda alguma coisa, como é que era na Instituição? Questão disciplinar mesmo, as vivências do comportamento, você tá falando do handebol, especificamente, que foi uma modalidade esportiva, de um determinado Professor, mas no geral, no todo, a questão disciplinar da instituição, como é que você vivenciou? você recordar?

Ingrid - Ivana, assim, eu confesso que eu recordo muito pouco, né, até porque eu acho que a minha experiência por lá, teve muito, eu tinha um super foco no esporte, né, então eu pouco me preocupava com a questão da disciplina, disciplina pare, parece que era um segundo plano, né, porque eu gostava muito de esporte, e aí, e aí de fato eu não recordo muito como era essa questão disciplinar, eu, eu acho que não era tão preocupada com essa questão acadêmica, até porque eu gazeava muita aula, né, eu lembro que eu fui convidada sim, por um funcionário, né, para que eu pudesse chegar junto da psicóloga, para poder entender o que é, o que é que tava acontecendo, porque eu desisti, né, porque eu desisti, porque eu estava sem, sem motivação. Na verdade eu acredito que tenha sido também um processo de rebeldia meu, com os meus pais, por terem exigido que eu ficasse na escola, né, aí eu fiquei na escola e fui aproveitar na escola o que eu queria muito, entende? eu acho que que tem um pouco disso, talvez seja essa a explicação que eu possa dar, como eu tava, assim com muita raiva porque eu queria ter ido para o Sagrada e não para a ETFRN é que existia isso, né, de, de a nossa..., a época de adolescente, a gente é muito revoltado, rebelde, então, enfim, eu não aproveitei muito, depois, né, que passou

Jerns não sei o quê, aí que eu já estourei, foi que...

Ivana - Você é daquela turma da Áurea, da conquista da ETFRN, contra o Sagrada?

Ingrid - Sim, (risos de ambas) pois é a gente foi, uma coisa (risos de ambas), foi isso que eu eu disse (risos), um ano a gente foi, um ano eu ganhei do..., no Sagrada eu ganhei da ETFRN e daí no outro ano eu tava do outro lado, né, na ETFRN e ganhei do Sagrada...

Ivana - Eu tava nessa final...

Ingrid - Essa final é histórica. (Ivana - é histórica). É, e aí porque a gente sofreu muito para poder conquistar isso, né, porque Ferdinando queria fazer o nome dele, a gente tinha sido rejeitada pelos professores, porque ninguém queria assumir o handebol e tava a gente querendo muito, e eu acho que foi nesse ímpeto mesmo, né, eu, eu ter ficado no foco do handebol, porque eu queria muito ganhar, junto com esse incentivo todo e esqueci todo o resto acadêmico, né. Gazeava aula pra fica jogando, pra brincar, enfim, eu sei que a gente, eu acho que foi 1997, foi 97? ou 96? (Ivana - acho que 96). Pronto, nós fomos campeãs (Ivana 96 ou 95) em cima do Sagrada, teve briga, né, foi a torcida da ETFRN, foi toda pro Sagrada, era um lado só, só ETFRN, do outro lado o Sagrada e aquele sufoco e, gol lá, gol cá (Ivana - foi de um gol, né?) foi um gol a diferença, e o ano anterior também foi de um gol de diferença, foi um jogo assim todo, meu Deus (risos de ambas). Enfim, histórico. (Ivana - É).

Ivana - Então, Ingrid você vivenciou como aluna um período que era o ensino técnico, já falamos um pouco, pra você, você fazia Educação Física, rememora uma aula de Educação Física, como é que era? ou você foi liberada?

Ingrid - Não eu tinha..., eu fiz algumas vezes, às vezes, era manhã logo cedo, né, tinham umas aulas logo cedo, eu lembro que eu fui uma vez, acho que foi uma aula de Lerson, não sei, não lembro, acho que era alguma coisa de ginástica. Mas aí, acabou, essa história de ir para o handebol, o pessoal vamo para o handebol, vamos fazer aqui, que não sei o quê, e aí a gente era liberado, né.

Ivana - Nessas aulas que você foi, você lembra se era mista? (Ingrid - Mista). Já era mista? (Ingrid - É)

Ingrid - É, eu acho que era Ivana, eu lembro não, não vou nem confirmar, mas..., porque foi uma experiência que eu tive, depois eu não fui mais para a Educação Física porque, justamente, não era componente curricular, né, era liberado para ir fazer esporte. E, a gente, eu fiquei o tempo todinho no esporte, né. E a gente se achava, eu faço esporte e, não faço Educação Física (risos).

Ivana - Apesar de você ter esse foco no esporte, e tal, e ser de um professor, você recorda se tinha alguma professora de Educação Física e Esporte? No IF.

Ingrid - Eu lembro, inclusive eu paquerava com o trabalho dela, que era Karenine. Na época Karenine montou um grupo de dança popular, e eu era louca pela dança também, porque na minha rua a gente dançava muito. Inclusive eu queria entrar mais como o, o, o processo lá dos treinos era muito puxado, não dava pra eu ficar, mas eu já paquerava com Karenine, né com as danças, porque eu queria também vivenciar esta questão da expressividade, né, e lembro de Karenine assim, é.. eu lembro, eu acho que era Betânia, do vôlei, que também era muito forte, né, pronto eu acho que das professoras de esporte, que você tá falando, né, (Ivana - Educação Física e esporte), esporte e Educação Física acho que são as duas que eu recordo, Betânia e Karenine.

Ivana - Você já falou um pouco dessa questão, mas eu queria que você, se você pudesse aprofundar um pouquinho mais, como era sua compreensão, eu acho que é rememorando hoje, passando um filme aí na sua cabeça, como é que você se compreendia enquanto corpo? Você conseguiria descrever, isso? E como é que você se vê hoje, sua compreensão de corpo? Como se constitui para você?

Ingrid - A minha compreensão de corpo, né? Não acho que minha compreensão de corpo era muito do padrão, né, do, do senso comum, eu lembro bem que apesar de participar do esporte,

eu tinha um certo engessamento com o meu corpo, a preocupação era com a aparência, né aquela questão do corpo..., eu tenho uma tendência a ser gorda, a ter obesidade, e tinha muita preocupação com isso, né, sobre, e muitas coisas, por exemplo, o meu enfrentamento de ir para um grupo de dança, por exemplo, né, é..., eu já não ia muito porque eu tinha que expressar isso e, às vezes tinha que vestir alguns figurinos que o corpo estava nu, mas nu, e aí eu não ia ter coragem, isso foi umas das coisas que me impediram, né, então eu tinha muito isso, arraigado muito forte, e acho que a escolha também para o curso de Educação Física se deu para que eu pudesse subverter isso, sabe? porque era muito forte, muito forte essa exigência de ter um corpo perfeito dentro dos padrões, né e eu sofri muito bullying, eu sofria muito bullying, também, (Ivana - sofria?), sofri, na minha, na minha, na minha infância, na minha rua, na potência da cultura de movimento existia também, uma exigência desse corpo magro, né, e eu era fora do padrão do magro, e eu, isso foi sempre muito, é..., isso foi sempre muito violento, eu deixava de fazer muitas atividades por causa desse corpo gordo, que eu tinha, né, e, e eu lembro que os, as minhas colegas, os meus colegas de infância, provocavam muito isso, a gente vivia muito esse bullying, né, e dentro da escola eu acredito que a minha decisão de não adentrar para, por exemplo, para o grupo de dança era isso, era sobre, sobre isso.

Ivana - No esporte você não sentia?

Ingrid - Não, porque, aí no esporte a gente botava um camisão, um short que aparecia, né, a camisinha tava por cima, uma joelheira, não tinha, aí ela não ia mostrar.

Ivana - Certa forma, resguardado, né.

Ingrid - Resguardado, não ia mostrar minha barriga, por exemplo, que a barriga, que eram, que era meu, o meu grande temor de expor, né, não ia mostrar. Embora eu tenha tido uma experiência, na escola mesmo, no if, a gente fez um trabalho, eu não lembro bem qual foi a disciplina, eu acho que era Português e Literatura, e nós dançamos uma música que chamava-se 'Pai afasta de mim esse Cálice', era alguma coisa sobre ditadura, que a gente tava refletindo, e aí a gente, e, e eu me expus, foi inclusive uma experiência, assim bem, eu tenho até, eu acho que eu tenho até uma foto sobre, sobre essa experiência, e eu me vi...

Ivana - Me passa essa foto?

Ingrid - E eu me vi, não sei, eu, eu posso depois procurar, mas, mas foi uma experiência de palco, que foi muito significativa de poder me expor, expor meu corpo.

Ivana - Você acha que essa experiência pode ter te proporcionado é, por exemplo, né, é porque eu sei... escolher Educação Física...

Ingrid - Ter ido pra Educação Física, que, eu posso, daqui eu posso ir mais, né, eu acho.

Ivana - E quando você chegou lá na Educação Física, que aí a gente já tá entrando na graduação, e você participou do grupo parafolclórico.

Ingrid- Do grupo parafolclórico, mas ainda com receio, ainda com receio, mas eu acredito que essa experiência com a, com a disciplina de poder dançar e poder me expressar e poder, né, colocar o meu corpo à vista, ela deu impulso para que eu pudesse, né, e toda a minha infância, também, né, de dançar, de fazer o circo, não sei o quê.

Ivana - o teu mestrado também, né.

Ingrid - Sobre dançar, sobre dança, danças populares, as danças dos orixás, né, mas, mas eu acredito e eu enquanto espectadora também, né, eu acho que ver também os espetáculos do grupo de Karenine, e depois a experiência com Karenine na graduação, porque depois Karenine saiu do if e foi para graduação, ..., pra UFRN, e aí a experiência com Karenine antes vem do grupo, a Experiência estética ...

Ivana - E na nossa disciplina ela foi a primeira, o primeiro festival de dança que ela fez, foi com a nossa disciplina, com a nossa turma, você lembra?

Ingrid - Com a nossa turma, pois é. Aí pronto, aí essa experiência com Karenine foi que me permitiu assim, me encorajar, né, para ir para o parafolclórico, porque foi naquele, naquela disciplina do grupo de dança, né, da disciplina de dança, que eu me encorajei para poder entrar

no grupo de dança parafolelórico, lá da UFRN. E aí, mesmo cautelosa, mesmo com receio, né, entrei, mas ainda com aquela conimagemção de corpo, do corpo perfeito, do corpo padrão, do corpo..., né. Muito aquela ideia.

Ivana - Fica, né, Ingrid, da infância, a gente carrega pra vida toda?

Ingrid - Muito, foi..., era muito violento assim o que eu vivia com meus colegas, porque eu era mais gordinha, me chamava de Boeing 737, (Ivana - nossa, rimos), e fala rindo, hoje a gente ri, né, porque já superou, mas eu era gordinha, pequenininha e, assim a gente tinha as referências da televisão, das paquitas, louras, né, as paquitas (Ivana - magrelas) com corpo magro e, e a gente queria tá dentro daqueles padrões, quem, quem não estivesse daqueles padrões era feio, era, né, era o gordo, era o não saudável, né, geralmente era isso e a gente queria tá, e aí como a gente brincava muito sobre, de circo, aí pronto, das paquitas, a gente fez um espetáculo com as paquitas, a mãe da minha colega fez as roupas, aí quem, quem era eu, sorvetão, que era a paqueta mais (ri), mais robusta que tinha era eu, então eu sempre tava ali, e aí eu mesmo nesse, nessa vergonha que eu sentia muito eu ainda estava ali, enfrentando né, mas eu vou, mas eu vou, aí era um pé na frente, e outro, dois atrás, mas aí depois dois na frente e um atrás, e assim eu fui, né, e hoje eu ainda tenho essa, eu ainda tenho, eu carrego ainda..., carrego, porque assim, às vezes, com os meus alunos não, né, eu me solto, jogo assim, mas às vezes eu fico assim, receosa para fazer certas atividades, certas atividades de danças com eles, né, e poder ser muito mais expressiva, porque eu guardo ainda isso, pouco mais eu guardo.

Ivana - É, isso que você tá falando..., você falou aí com os alunos, não. Eu sinto isso...com os alunos não, você sabe que eu sou tímida, né? (Ingrid - Éééé)

Ingrid - É, com os alunos...

Ivana - Mas com os alunos, não, eu não me sinto tímida. Fala um pouquinho dessa sua relação da atuação pra quebrar um pouco esta questão desse corpo que foi tão..., é discriminado, digamos assim.

Ingrid - Então é,..., é engraçado a gente destacar isso na nossa atuação e às vezes, às vezes com os alunos a gente não tem, não tem muita vergonha, né, a gente se joga, mas quando a gente vai, por exemplo, para um público mais acadêmico a gente tem medo de julgamentos, né, e eu sinto isso muito presente ainda, assim, hoje eu estou muito mais tranquila de poder falar, porque antes eu, eu não tinha, eu nem queria saber disso, né, mas hoje eu tô tranquila diante da câmara, assim falando, mas tempo atrás eu, eu não ia me senti confortável, de fato de ter uma câmara me olhando pra depois alguém poder ficar julgando o meu jeito, as minhas falas, entende? E, e isso pra mim já é um, um, uma conquista muito grande, e aí, eu, eu..., na minha atuação por exemplo quando, se eu tiver que falar diante de um público é que não seja só os meus alunos, que tenha outras pessoas, outros professores, pronto aí vem, aí eu não sei o que, treme, trava, não, não consigo falar, não consigo liberar a, o discurso, a fala claramente para que as coisas possam fluir bem, eu não consigo me expressar, sabe, sempre há um engasgo, uma ..., sabe? mas, mas é, é uma coisa que, é a questão do corpo, né, o corpo que foi podado, que foi tão julgado, que foi tão apontado, riram muito de mim, né, e aí você fica com aquilo, e não, é um trauma que você leva e que você fica com medo de passar por aquele constrangimento de novo, né, e, e assim, assim como a minha infância foi muito, e adolescência, foi muito potente em relação a viver, mas, também, foi muito potente em relação a apontar, né, a me agredir, né, as questões do bullying foi muito contundentes e em meu corpo padeceu, né, padeceu com essa.... (37' – discurso da trava de falar em público).

Ivana - Pensando nessa questão, hoje você tem condições de fazer essa relação, né, da atuação profissional, então a gente tava falando um pouco da sua atuação profissional, né, como você percebe, por exemplo, que em alguma turma tem um aluno que tem essa timidez, essas limitações, você tem esse olhar, eu conheço você, eu sei que você tem esse olhar, né, me fala um pouquinho como é que você trabalha essa questão.

Ingrid - Eu, eu acho que por viver tudo isso, quando eu estou em sala de aula, né, a minha

sensibilidade são muito mais pra esse que são o gordo, o deficiente, as meninas, então a gente tá sempre sensível, ... (Ivana - o negro), o quê? (Ivana - o negro), o negro, né, então a gente, eu, eu particularmente eu tenho uma certa sensibilidade pra perceber nas atuações dos jogos, na atuação das lutas, das atividades que a gente vai fazendo com nossos conteúdos, de perceber como são essas relações pra poder, nos fatos que acontecerem ter uma oportunidade de chamar a atenção, né. Recentemente houve uma, uma sobre a questão da negritude, a gente lá fez um evento pra chamar o pessoal pra participar, pra poder ouvir, e eu percebendo os alunos fugindo da programação, era uma programação, foi novembro negro, né, os alunos fugindo da programação, aí a última programação era minha vez de levá-los, porque coincidiu com a minha aula, quando eu cheguei em sala de aula pra levá-los tinham uns quatro ou cinco alunos, o resto tinha sumido, eu disse cadê o povo? E num vão não pra lá, vamos sim, 'e você vai dá aula professora?' não, eu vou levar vocês pra o evento, evento, 'ah professora, pois então, eu, os meninos não querem não, só querem fazer se for sua aula, se não, não querem ir para o evento não, tão achando chato, não sei o quê. Aí é o quê? Chama todo mundo vai ser minha aula, bora é minha aula, aí vieram. Chegando, chegando gente, é..., bati, né, a real, no pensamento de, de dizer para eles que eles estavam sendo preconceituosos, né, porque quem era convidado era uma menina, era uma mulher negra, gorda, né, dançarina, quebrava os padrões. Uma mulher gorda, dançando, que ia dançar e ia falar um pouco sobre a história dela, né, e negra, uma negrona, assim, e a gente tinha colocado é..., publicado cartazes, né, aí qual é, eu..., a gente achava qual era a deles, qual era a dos alunos poxa deve ser interessante, uma mulher negra dançando, deve ser uma potência, agente julgou assim, só que não (admirada, no tom de voz) eles se desinteressaram por isso, aí eu disse porque vocês acham que uma mulher negra, gorda e dançarina não tem a contribuir com vocês, porque vocês estão julgando isso, aí vocês preferem ficar nos corredores, sem assistir a aula e sem poder ouvir a fala dessa mulher? Porquê? O nome dela é Flásia. Pois vamos, 'não professora não é isso não', é, o que eu tô entendendo é isso, vocês estão desconsiderando o valor dessa mulher..., vocês estão desconsiderando..., porque tipo assim ah num valorizo isso pra mim não vai acrescentar, não sou negra, num sou..., aí pronto eu sei que dei uma batida de real, e aí eles foram, e se apaixonaram por ela, porque a menina é maravilhosa, aí ela foi falar sobre a história dela, né, sobre, sobre todo o fato, né, da violência de ser negra, de ser mulher e de ser gorda, né. E, aí foi quando eles desconstruíram, né, poxa eu tava sendo preconceituoso, sim, né, enfim, mas, assim, é sobre isso, a atuação da gente, no caso a minha atuação, passa muito por isso, né, de entender que eles têm, eles têm corpos sensíveis, eles se afetam com as coisas, né e a gente precisa criar meios para afetar esses corpos, né, diante de tantas questões dos Direitos Humanos, né, da questão da negritude, do feminismo, do empoderamento, de tudo isso a gente acaba perpassando na nossas aulas, porque são relações, são, né, na Educação Física ela permite muito, né, o corpo permite muito essa, essa descoberta deles mesmo, né, é, a gente, também passou por um processo, de, das meninas que se, se... acho que chegar ao IF elas se descobriram não binárias, né, e se reconhecer isso e se afirmar, diante dos pais, e a gente teve algumas experiências na Educação Física, que acabaram desembocando nessa conversa, né, que existiam enrijecimento porque não podia se expressar assim ou assado porque os pais, né, tinha um certo moralismo, e aí como tratar disso, né? E aí foi legal essa experiência, eu acho que só, só, só permite uma evolução, né, desse aluno que é eu, por exemplo, não tive...

Ivana - Então, era isso que eu ia perguntar, né que eu também não tive, né.

Ingrid - Eu não tive, né, eles hoje têm, eles hoje têm chances de poder refletir sobre esse corpo, muito mais do que nós tivemos, né, porque a gente, acho que a gente enquanto professor já, já entendeu que é um novo processo, que é um novo atuar, né, professor de Educação Física ele atua hoje de forma muito mais sensível, do que, do que na experiência que a gente teve, assim...

Ivana - Você falar um pouquinho, né dessa experiência, que a gente teve, né, eu digo a gente porque eu, eu fui um pouco antes de você, você entrou em 92 até, eu sai em 91, né, E aí você

consegue, você falou da sua atuação, dessas novas formas, vou dizer assim, formas que a Educação Física vem abordando, né, essa nova proposta, você recorda um pouquinho de como era a proposta da Educação Física, lá na ETFRN? fazendo um paralelo, você já até, já citou aqui um pouco, e se as professoras que você citou, que você lembra, né, que era professora de Educação Física elas tinham, a atuação delas você rememora?

Ingrid - Na verdade..., eu não tive a experiência com a Educação Física, de forma, (Ivana - Digo Educação Física e Esporte)...., é o esporte eu tive a experiência com Ferdinando que era um professor que eu acho que compreendia o corpo, muito mais como uma máquina, né, era aquele corpo que precisava ser potencializado, evoluindo para poder garantir a conquista, que era o ganhar....., (Ivana - seria o esporte de rendimento?)...., é era muito mais conimagemdo como esporte de rendimento, ele, que também, tinha o papel de um professor de futebol, né, então ele acabou atuando como no futebol, tipo num processo muito árduo, a gente treinava muito, a gente tinha, não tinha essa preocupação de pensar o corpo de forma mais sensível não, nada disso não, era dor, vamos lá para a dor e vamos lá, e não refletia sobre essa dor, não existia reflexão sobre a dor, não existia... (Ivana - questão de gênero não existia), ..., de gênero, se era binário, se não era, às vezes até, vixi..., ridicularizado, né, porque não tinha, né às vezes, sei lá, eu lembro, 'tá com ovo nas pernas', né, então a gente não tinha de fato essa educação mais, não sei nem como é que chama, nem somática, nem democrática, (risos) nem...

Ivana - era uma mistura de higienismo, de calistenia, de esportivização...

Ingrid - É é é..., esportivização desse modelo.

Ivana - Então, você já falou, mas eu vou questionar, pra explorar um pouco mais, você já comentou que não, de repente você não vai lembrar, mas na época que você era aluna recorda se tinha no quadro de gestão, mulheres atuando como Diretora, Coordenadora de ensino, outras coordenações? Se, sim, como você ver o papel delas para a época e sua repercussão hoje? Se, não, o que você pensa sobre essa falta de mulheres na gestão, que repercussão temos hoje para a inserção das mulheres na gestão do IFRN?

Ingrid - Nega de verdade, eu não recordo não, geralmente eram coordenadores, Diretores, é verdade, não recordo, ou seja, a gente não tinha representatividade feminina nas coordenações, né, acho que talvez por isso que a gente não tinha essa chance de, de poder falar de nós mesmos, não tinha...., (ela ficou pensativa)

Ivana - Você acha que reflete isso? A questão de ser mulher?

Ingrid - Acho que, que quando existe uma mulher na coordenação, na direção, né, eu acho que ela acaba criando oportunidades de também pensar o feminino, né, ela, ela ali como representante ela, ela vai dizer não peraí, não..., as coisas que acontecerem, que possam vir a violentar, ela vai de uma certa forma criar alternativas para que as coisas possam..., tinha que ter, eu acho, que, que quando a mulher assumi esses cargos, ela acaba representando, né, e acaba colaborando se essa mulher também, tiver, né, lucidez para isso, né, mas normalmente quando a mulher assume, eu acho que ela já assume para tentar, né, criar uma atmosfera muito mais favorável, né, menos violenta, menos opressora, eu acredito, ela dá uma certa sensibilidade, que eu acho que é o papel mesmo da mulher, né, é tá, ..., essa..., não sei como é que eu posso dizer, de desenrijecer, eu acho que é isso, de amolecer um pouco dessa questão da racionalidade, desse, do patriarcado, né.

Ivana - Eu vou só dá uma informação pra gente complementar essa questão, se você poder fazer essa relação do que eu pedi, assim do outro questionamento, da questão que seria, se repercute atualmente na gestão, porque assim nós temos poucas gestoras, ainda, no IFRN, não sei se você tem essa noção? (Ingrid - aram), nos campi que passou e na Reitoria, por exemplo? Nós nunca tivemos uma Reitora, nós tivemos apenas uma Diretora Geral que foi do período de 86, 87, eu não lembro direito, que foi a professora, não sei se você conhece, professora Luzia França, ou já ouviu falar, ela foi até 88. Ela foi a única mulher, que foi representante máxima dessa Instituição, a Instituição ela começou a iniciar, os trabalhos aqui em 1910, 1909 ela foi criada e

1910 a gente começou a atuar, a instituição, né, a Instituição começou a atuar no Rio Grande do Norte e nesse período todo, 2024, nós nunca tivemos, tivemos apenas uma dela, de tudo isso que você colocou, que você pensa? sobre esta questão? É lógico que a gente vive numa sociedade patriarcal..., mas repercute essa questão de não ser, de não ter essa atuação maior das mulheres? Pra você, o que você pensa sobre isso?

Ingrid - Eu acredito que sim, é precisamos ocupar os espaços, né, dividir os espaços com os homens sim, até porque para que, como eu já falei, né, são alternativas pra que a gente possa tá colaborando, né, com eventos que possam diluir, diminuir essa questão do, das opressões, do patriarcado, acredito que as mulheres elas tem sim competência, capacidade, tem é potência pra poder de fato gerir, também, assim como os homens e, e acredito que sim, que elas conseguem não tem ..., elas tem que ocupar todos os espaços (diminuiu a voz e riu, também ri, e disse é, tentar minimizar), tentar minimizar, (rindo).

Ivana - Ingrid, por gentileza, faça um relato de sua atuação profissional antes de entrar na Instituição, você já falou um pouco, mas pode aprofundar mais, né. Abordando as questões relativas ao ensino, pesquisa, extensão e treinamento esportivo. Eu recordo que no questionário que você respondeu, eu pedi pra colocar uma ordem, né, você colocou Ensino, pesquisa, extensão e o treinamento esportivo o último, e toda a sua atuação, é lógico que eu te conheço, e diante do que você falou até agora, a gente percebe isso, realmente essa progressão de, eu vou dizer assim, mas é, fala um pouquinho mais e, em especial nos campi que você atuou, depois de ter entrado no IFRN, mas não esquece um pouquinho antes de entrar no IFRN, porque eu sei que você tem experiência, também no questionário e eu te conheço, você tem experiência desde do ensino infantil até a graduação, né, a pós, né? Então fazer um pouquinho desse relato, dessa tua atuação profissional. Rememora um pouquinho.

Ingrid - Só no IF, né?

Ivana - Não, antes, como um todo, antes e no IF.

Ingrid - Tá. Vamos lá, depois que eu me formei né, logo eu adentrei no, como professora no ensino público, na prefeitura, no estado, né, e também, nas escolas particulares, né, (não..., quero não), ..., é e aí eu lembro que a minha atuação com as escolas públicas do Estado e no Município não existia uma exigência com a questão do treinamento, né, eu acabei na minha formação fugindo um pouco dessa história do treinamento, né, eu acho que talvez por perceber que eu fui tão cobrada, então sei lá, houve alguma, talvez eu não tenha consciência disso, mas houve alguma, algumas coisas que não foram felizes para mim, e eu acabei me apaixonando pela Educação Física, no sentido, de pensar que eu poderia colaborar com os meus alunos e, principalmente, com aqueles alunos que eram taxados, né, de incapazes, os alunos deficientes, os alunos gordos, os alunos negro, então desde que eu sai da formação, eu já tinha esse impulso e essa inquietude de tentar promover nas minhas aulas, né a, a consciência corporal dos alunos pra que eles pudessem de fato, é pensar sobre si, pensar sobre os cuidados sobre si, pensar sobre o seu próprio corpo, sobre seus medos, sobre as suas inseguranças, né, então é, eu acho que desde de lá eu já inconscientemente eu passei a valorizar muito mais a Educação Física neste formato. E desde da minha, da minha entrada no Município e no Estado eu já, já tinha essa intenção de fazer, às vezes fazia inconscientemente esta história da consciência corporal que eu estou estudando muito mais agora, eu fazia isso sem, né, sem ter o aprofundamento, mas existia essa intenção e essa é, talvez muito pela, pela minha experiência lá com Karenine, na formação, né, no parafolclórico, com Petrúcia, com esse professores que trabalhavam muito mais essa educação somática, essa educação preocupada com o corpo, né,..

Ivana - A nossa graduação foi recheada...

Ingrid - A nossa graduação com elas, eu acho que permitiu eu valorizar esse lado da Educação Física, né, e aí acabei valorizando que passei a rejeitar, esse lado, meio mais esportivizado, né, que não é legal, que não é legal, então eu fui para um outro polo, eu passei a ter uma certa ojeriza, aí não, treinamento esportivo, apesar de que eu era louca pelo esporte, eu fico, né,

cheguei a rejeitar minha academia, ou a minha, minha, algumas disciplinas por causa do esporte. E, eu, na formação já foi o contrário me apaixonei por isso e acabou que eu atuei assim, então eu buscava muito nas aulas, nas minhas aulas do ..., lembro lá, em, trabalhei no Planalto, no CAIC, trabalhei, e agora esqueci o nome da Escola Estadual..., Fernando..., aí enfim Escola estadual..., então eu buscava fazer experiências pra que os alunos pudessem vivenciar a capoeiraaaa, vivenciar a dançaaaa, vivenciar a, a dança popular, que era aquilo que eu, que eu tinha muito mais próximo, então eu, eu lembro que eu buscava fazer aquilo que eu gostava, né, buscava ..., oportunizar a eles aquilo que eu gostava, que era as danças e as lutas, principalmente, a capoeira, que também tem um pouquinho de dança (ri), então eu lembro que as minhas atuações era (rindo), eram muito mais propensas para isso, embora a gente tivesse que dá os outros conteúdos, né, mas eu lembro que, que nas escolas que eu andei, que não tinha muito é, muito recurso, eu tirava, era muito comum eu tirar, arrastar as carteiras pra o lado pra fazer atividades no chão, né, atividades de enfim, aquelas atividades que a gente, depois é que passa a entender o que é de fato, né, dinâmicas corporais, essas coisas, principalmente quando eu trabalhava no ensino médio, né. Ensino fundamental, também, eu lembro que no fundamental eu criei um grupo de dança lá no CAIC, tinha, tinha um grupo de dança bem legal, lá.

Ivana - Você se lembra do grupo de rip-rop que você criou?

Ingrid - É, lá, na, na ..., lá na, como

é? (Ivana - Guarapes, Francisco Varela, né?), no Guarapes, Francisco Varela, é então lá no Francisco Varela eu lembro. Quer que eu falei sobre aquele grupo?

Ivana - Fique à vontade. Foi uma

atuação que a gente ainda estava na graduação, né?

Ingrid - Eu lembro. Sim, era a gente tava, era mesmo Ivana. (Ivana - ia eu e você, lembra não, na motinha?) Foi uma das primeiras experiências em escolas, e eu me afetei logo por esses alunos, eram os alunos negros, de periferia, né, eram negros de periferia, e eles não tinham chance de dançar, nem tinha lugar na escola, pra ensaiar, vixe é mesmo, isso foi muito importante, e eu lembro...

Ivana - rindo falo, tu lembra o que a gente passou ali?

Ingrid - Meu Deus (rimos juntas), lembro, e eu lembro que eu tive, tive que brigar, de uma certa forma com a professora de Artes, pra tirar os cacarecos da sala pra poder fazer uma sala de dança pra esses meninos dançarem, num foi (ri) lembrei agora, pronto, então era isso, ainda mais porque sentia que os meninos eram rejeitados, porque eram meninos negros, eram meninos que queriam se expressar e não tinha apoio, né, dentro da escola, eu lembro que inclusive a gente sair pra, a gente sair pra fora da escola, algumas vezes que, eles passaram a ensaiar dentro da escola, que não deixavam, aí com a minha chegada eles ensaiaram e, aí a gente passou a ir, eles passaram a representar inclusive o nome da escola e, lembro que eu fui uma vez com eles até pra o passo da Pátria, menina a foi uma festa que esses meninos entraram no ônibus, isso me marcou muito, eu fui no ônibus público com eles, e a Diretora me deu um monte de tickets, e com os tickets na mão e eles iam apresentar em outra escola e aí, eles passaram..., entraram no ônibus e quando chegou lá foi barrado pela cobradora, porque acharam que eles não iam pagar, e aí eu mostrei que tava com os tickets, 'professora diga que você vai pagar', aí eu mostrei os tickets aí ela não aceitou aí, eu tive que subir pra poder pagar estes tickets pra eles poderem passar e, lembro da sensação que eu tive naquele dia, que foi quando eles passaram a catraca do ônibus as pessoas era tudo assim (puxando a blusa como se tivesse escondendo algo), escondendo o material delas com medo das criaturas, né, e eu lembro assim, foi uma cena de preconceito que eu depois chorei com eles, porque eles 'você viu professora o que é que a gente passa? E, eu acho que essa experiência com eles me deu também uma certa sensibilidade pra

essa questão da negritude é, porque, porque eu senti muito o racismo neles, estando com eles, né, e essa cena foi assim, eu lembro de mais, que foi uma cena muito potente, eles passando pelo, pelo centro do ônibus e as pessoas escondendo as coisas, né, e eles estavam ali pra ir para uma apresentação de dança (Ivana - não pensavam em outra coisa), não pensavam em outra coisa e, agente tava lá né, e eu senti 'tá vendo professora porque a gente às vezes se revolta? Por causa dessas sensações que a gente vive durante o dia a dia', e aí eles fizeram música, inclusive tinha até uma música sobre a história da passagem do ônibus, mas enfim eu acho que a atuação, nessas, nas duas escolas, nas duas escolas foram muito potentes assim, é pra que eu também aprendesse, né, pra pensar também outras, outras questões, eu também não fui uma professora como eu sou hoje, né, obviamente a gente vai evoluindo com as coisas que vai vivendo, aprendendo com eles mesmos, porque esses alunos também, eles guardam muita sabedorias, né, eles têm experiências assim muito significativas e, principalmente esses alunos do interior, né, trabalhei lá em Apodi, fui primeiro pra Apodi, aí depois fui pra Ipanguaçu, depois foi Nova Cruz e agora João Câmara, e nessa, nessa passagem assim foram muitas experiências, muitas coisas que a gente planeja pra fazer, aí, e acaba dando certo e aí, você repete, daqui a pouco não dá mais certo, e você ressignifica, mas assim, sobre, sobre a questão de, de atuar, nessa questão da sensibilização do corpo foi uma, foi um processo né, de, de muitas experiências, a gente vai, vai experimentando os conteúdos e vai vendo que dá certo e o que não dá certo e vai replicando e, vai melhorando e vai estudando, acho que veio o Mestrado, veio o Doutorado, e aí vem uma lucidez maior sobre, desse corpo, né, e aí a gente acaba atuando de uma forma melhor, fazendo-os refletir de uma forma melhor e, eu, é isso, hoje eu tenho um projeto é, lá embora eu esteja com uma certa dificuldade de João Câmara, porque lá em João Câmara é muito fervoroso a questão do treinamento esportivo, (Ivana ri), eu assim, eu já entendo que eu não posso ter uma atuação de rejeição total, né, eu preciso entender que aquilo também é importante pra eles, e que tem significado, assim como teve pra mim né, é..., mas eu ainda entendo que as duas coisas precisam equilibrar as experiências, tanto da Educação Física como do Esporte, né, na escola...

Ivana - E como fazer isso, se a gente, a gente tem braço pra fazer isso? A minha angústia, enquanto professora, desculpas (Ingrid - sim), é exatamente isso, porque a gente tem essa mesmo..., um pouco da sua vivência que você teve, na graduação e tudo..., essa transformação..., eu fui ser professora de Educação Física porque eu era atleta e, a gente sabe dessa importância, mas a gente também tem essa questão da consciência corporal, desses, de oportunizar aos nossos alunos uma maior amplitude de movimento, e tal, mas na instituição historicamente, sempre trabalhou o esporte muito forte, como que a gente se divide nisso? E você que tá...

Ingrid - Pois é, acho que a escola, a escola não, não ainda não tá preparada pra, pra atuar nas duas formas, né, ou a gente faz uma coisa ou a gente faz outra e, aí a gente é cobrado pra um papel de desempenho esportivo e, lá no João Câmara isso é muito cobrado e aí a gente vai deixa, deixa a desejar, né, porque fica alimentando essa questão do treinamento e tal, e deixa a desejar na Educação Física e vice versa, né, quando você se empenha muito mais na Educação Física. Eu acredito que eu, eu, por exemplo, eu como funciono com foco é, como eu funciono com foco, né, eu, eu preciso focar em alguma coisa, se for pra eu focar e, aí eu tô nessa, eu tô num grande dilema, hoje na Instituição do, de João Câmara me colocou esse grande dilema, eu preciso ...

Ivana - desculpas, você tá só? lá?

Ingrid - Não, tô com Rafael, que tá afastado.

Ivana - Ainda tem essa questão que são só dois?

Ingrid - E, são dois professores, apenas, não tem como dá conta de todos os esportes que, que demandam, as necessidades deles, são muitos os esportes, principalmente, os hegemônicos, né, mas ainda fui, não sei se eu fui infeliz, ou se feliz, ainda inventei de colocar lá o badminton e,

eles se apaixonaram, né, ofereci uma experiência de badminton lá e, agora eles estão querendo treinar pra ir pra o Jerns, (rimos), e aí, esse é meu dilema, vou botar esses alunos pra treinar, dei uma ressignificada também, lá na natação, porque também tava parado, a, a piscina, aí pronto, aí todo mundo que gosta de nadar também quer treinar, e aí tá, eu vou ter que atuar com essa história desse treinamento, né, eu vou ter que me redimir dessas coisas e, vou ter que atuar...

Ivana - Aí vem outras questões, Ingrid, que é da nossa área (Ingrid - É) que é a questão do CREEEFFff...

Ingrid - exatamente, (ri), aí é que tem ... (ri), aí isso precisa ser registrado, né, sobre essa questão do CREF, porque eu passei, como assim eu sou professora da Instituição, né, e não posso atuar nos eventos esportivos que é de Educação, que é Educação, também, mas por considerarem performático, eu não posso atuar e, às vezes o evento é dentro da Escola e eu não posso atuar como professora, eu fico do lado de fora, isso é muito constrangedor, e eu tenho relutado com isso, e aí, e esse ano eu vou ter que dizer, eu vou me redimir, eu vou, que, que eu vou fazer? Porque eu vou ter que atuar que, que os alunos, os alunos vão me impulsionar ou então me rejeitam, porque lá em Nova Cruz me rejeitaram porque eu não tinha CREF, eu sofri rejeição dos alunos, porque eu não tinha CREF, mesmo eu sabendo do meu papel, né, mas a Instituição num, não, não acolheu sobre isso.

Ivana - É, é como eu tô te falando, veja, a Instituição e muitos gestores e, administradores é, tem muito essa visão, da esportivização, ainda, esporte de rendimento, que a gente tem que atuar em Jerns...

Ingrid - Então, exatamente

Ivana - Eles não entende, por exemplo, que nós temos uns jogos, então a gente tem que começar a definir, eu posso participar só do meu jogos, eu não tenho pernas pra atuar em outros..., que o que no Campus Natal Central, a gente vem tomando essa posição, né, não, eu não posso ir para essa competição, porque eu tenho uma que a Instituição ela promove, a gente planeja, a gente, a gente atua no momento e depois, pra, pra avaliação, então, tem todo esse processo, a gente tem que começar a, a orientar ou apresentar isso para os nossos colegas pra que aja essa compreensão maior e, pra comunidade, né, porque no interior, eu passei no interior, eu sei que é muito forte, né isso. O jerns.

Ingrid - É, o Jerns e o juvern, né, são dois eventos que eles cobram muito e de fato a gente, eu por exemplo, sou uma professora que não tenho CREF e, não ter CREF isso me impede de atuar, né, muitooooo e é muito constrangedor, esse ano eu acho que vou ter que ir atrás desse negócio.

Ivana - Eu quero te mostrar uma coisa aqui (neste momento peguei dois cartazes com diversas fotos, de épocas diferentes da instituição e dela na graduação e da gente), tem tudo haver com o que a gente tá falando, acho que soltou (riu). Pra gente ver, né, como a Escola, eu tava aqui falando, a Escola ela é muito esportivizante.

Ingrid - Meu Deus (com o olhar vidrado, admirada, nas imagens. Ahhhh, “bem expressiva, como ela é”).

Ivana - Eu queria te mostrar essas imagens, pra que você visse e uma das maiores atuações nossas, e aí tem o ano, tem o período, tem algumas imagens, o espaço, que a gente tem (vale esclarecer que é do CNAT), né, num tá muito legal aí mas tem..., começaria aqui, tá, nessa ordem aqui (neste momento ela se debruça em cima da almofada que está em seu colo para contemplar as imagens, encantada com o que ver, porque coloquei no chão, próximo ao sofá, onde ela estava sentada, depois foi se debruçando e comentado das imagens, uma por uma, sua empolgação é latente e expressiva como ela é, foi um momento muito rico, de rememoração dos momentos que ela viveu, como aluna e hoje como professora da instituição, e também momentos nossos de nossa trajetória na graduação e de amizade, ao longo desses quase vinte e sete anos).

Ivana - E aí, eu queria que você, queria que você falasse um pouquinho, né, que, que você

observa das imagens, quais os insights que ela te dá...

Ingrid - No caso esse... 75, construção da piscina, espaço de convivência, as rainha, afff os jogos internos, muita memória boa, competição de atletismo, isso é Lerson é?

Ivana - Não, Ferdinando.

Ingrid - Ferdinando? Magrinho desse jeito..., 78 oh.

Ivana - Observa, Ingrid, por gentileza, tanto o espaço físico, como as divisões das turmas, fala um pouquinho o que você observa.

Ingrid - O que eu consigo observar... (Ivana - é). (Silêncio, ela analisando as imagens, questiona): Isso aqui é um concurso de beleza é? (era a foto das rainhas dos jogos, em frente aos jurados, e daí explico).

Ivana - Ingrid todas as, todas as aberturas dos jogos se tinham a rainha, (ela se ajusta e diz:).

Ingrid - Ai meu Deus,

Ivana - Na década de dois mil, quando eu já tava, substitua (informação errada, isso foi na década de 90, quando ainda aluna, já se tinha a concorrência do Rei, também), que aí que comecei a exigir o Rei, mas era uma sumidade.

Ingrid - Mas aqui é esse corpo da mulher objetificada, né...,

Ivana - Na minha tese quando eu concluir e naquele trabalho que eu apresentei no EPEF, eu falei um pouquinho dos jogos brasileiro que houve em 1972, aqui, e pra você ter ideia a rainha chegou de helicóptero, no castelão, porque a abertura foi lá no castelão...,

Ingrid - Aí isso me vem uma memória com a história do meu corpo, né, porque era uma exigência pra as meninas estarem com esse corpo padrão aqui..., (silêncio), e engraçado isso me chamou muito a atenção.

Ivana - Toda a abertura dos jogos tinha e a maioria das, essas, das fotos aqui, algumas é do meu arquivo, outras, a a maioria é do arquivo lá, lá do CNAT, e sempre que eu pesquisei não tinha o Rei, só a Rainha, depois vem o Rei, que a gente começou a exigir... (até hoje não consigo ver o sentido e significado dessa Rainha, mas é mesmo a questão do patriarcado, do corpo objetificado da mulher, e na época era todos professores homens...). Mas, em relação a, a aula de Educação Física, quer que você pode ..., destacar aqui?

Ingrid - Por lá,..., as aulas ..., eu vejo assim a questão do ..., é o corpo aí ..., como se fosse tendo que, é assumir ali um gesto padrão, né, professor na frente, ditando como se tinha o que fazer, né, que hoje a gente já desconstruiu um pouco desse modelo, porque a gente entende que o corpo individual ele tem sua própria expressividade, né, seus próprios gestos e tem potência de criação e não precisa desse, mas aí é uma modelo também esportivizado, né, é uma aula, assim, meio da ginástica, eu acho que, não sei se ali é um relex (imagem que tem os meninos deitados e professor Ferdinando a frente), é?

Ivana - Também não sei..., não sei se estão se preparando pra o abdominal...

Ingrid - Mas é muito, a questão do professor espelho, professor espelho, o professor na frente e os outros alunos atrás tendo que corresponder,...

Ivana - Além disso, qual o destaque entre essas duas fotos de 78, que você pode destacar, aqui é só o quê? (das imagens das meninas e meninos, fotos separadas)

Ingrid - Aqui é só meninas, né, e aqui só os meninos, é mesmo aqui ó (ri), mulher era desse jeito mesmo, era só, era ... a meu deus, é verdade Ivana, só as meninas iam pra um lado, só os meninos ia pro outro ... agora eu não lembro de ter vivido essa época da Educação Física, ...

Ivana - Essa aí é 78 você numa tava nem aqui, (risos)

Ingrid - Eu tava nascida, eu tava com dois anos. Construção da piscina, os espaços que não tinham né, ainda tavam sendo construídos, a piscina o centro de convivência, ...

Ivana - Essas duas imagens aí do meio Ingrid embaixo são do seu esporte, do handebol 82.

Ingrid - 82, eu num tava não, jogos internos..., já..., aí muitas memórias dos jogos internos, né..., muito bom..., era, era o evento máximo, assim da, da escola, a gente se preparava, meu deus, era muito tenso, porque, porque exigia assim da gente, um pouco de (ri) cooperação,

exigia performance, exigia ganhar, eu lembro, tô recordando aqui do handebol, na minha experiência com os jogos internos era meio frustrante pra mim (rindo), porque era um momento que o grupo se desmembrar, e ia competir entre si (tá falando de suas colegas de equipe do handebol da escola) e, como eu era muito insegura, aí dizia, aí meu temi vai perder, né, existia essa vontade muito louca de ganhar mais ao mesmo tempo vinha, eu sentia muito insegurança, muito medo de enfrentar as minhas colegas, do outro (curso) que era Edificações, né, sempre era Edificações e Saneamento, que ficava..., era, aqui é Edificações e Geologia (imagem apresentada do handebol), menina pois é, eu lembro, eu, essa imagem (aluna de handebol meio frustrada) recordou as inseguranças que eu tinha, e eu não era preparada pra conversar sobre as minhas inseguranças, né, não existia essa preparação...,

Ivana - Interessante como o Universo faz, eu não ia colocar essa imagem, eu ia colocar uma outra mais atual, de Lisboa, aí eu disse não vou colocar essa...despertou...

Ingrid - É, é ..., despertou esse gatilho das minhas inseguranças também, porque eu não estava com as minhas colegas, porque eu ia jogar com outras colegas que não era tão habilidosas como as outras, não eram tão habilidosas e, aí gerava essas insegurança mesmo de você, agoraa é o centro (aumenta o tom da voz e firmeza), era você, é você quem sabe jogar handebol mais, então é você quem é responsável, isso pra mim era muito pesado, né, se comprometer com isso assim, mas também das inseguranças do ver, entendeu, Yasmim, minha filha, tem guardado isso, sabia? De tá sobre as câmaras, assim, aiiii, não gosta de, de tipo assim, ser a atração principal, e quando eu ia pra os jogos internos eu era da equipe e aí eu passei a ser a célula da equipe, né, uma representação do handebol dentro da, da minha equipe que é uma nova equipe, então pra mim, eu, eu ..., eu era o centro, e todo mundo ficava esperando de mim, aí a geração de, de insegurança (ri), enfim eu tô dizendo a mesma coisa de novo, mas é isso, ...

Ivana - É isso mesmo, a intenção das imagens é exatamente isso, certo?

Ingrid - Quê mais? Aqui a torcida, é, na torcida eu não participava muito não viu, confesso que a gente era muito egóica, porque a gente era do handebol, e era as meninas do handebollll, as gostosas do handebol, que todo mundo ia ver, ia assistir, apreciar, então a gente era estrela, né, e a gente não torcia muito não, não a gente eraa, aí meu deus, tanta coisa, acho que era isso...

Ivana - Essa é bem mais antiga, essas são mais atuais, (mostrando o outro cartaz), mas tem duas aqui oh que você até falou de uma professorinha aí...

Ingrid - Ahhhh (ao ver a imagem da professora Karenine, sorrir feliz...). Meu deus, maravilhosa, sempre inspiradora, muito inspiradora, Karenine Porpino (bem enfática). Isso foi aula do grupo de dança?

Ivana - Grupo de dança. Aqui é década de 90, Karenine entrou em 93, Petrucia entrou em 94,

Ingrid - Sim isso lá no IF?

Ivana - No IF. Aqui é no IF, na sala de dança.

Ingrid - Isso, pois é, eu já admirava essa mulher, desde de lá, eu nem sabia, eu acho que já era (ri) o povo num diz, né, que existe um, sempre há um futuro no presente, pronto, porque eu já admirava o trabalho dela, na experiência, a partir da experiência da, do grupo de dança na ETFRN, né, então, amava ver os espetáculos de dança dela, ..., e depois ela foi minha musa inspiradora, na formação e eu acho que ..., enfim, muita coisa do que eu sou veio daqui, né, daqui das experiência que eu tive de ver e de sentir o grupo de dança da escola, né, provocado por essa mulher, exatamente, de ver e sentir..., (Ivana - muler, muler, é assim que a gente a chama (Karenine)). E, a Betânia também, né, ... Deixa, eu ver mais aqui, aqui somos nós, nosso grupooooo (rimos juntas), porra (Ivana - rindo, falo, nosso primeiro trabalho fora). De... (Ivana - Lembra?). Eu, você, Jonas e Kadydja, poxa todo mundo do IF, nosso grupo todos professores do IF, gente nós somos potentes viu, amiga, ahhh que legal. E aqui foi no ... lá no Guarapes

Ivana - Sim, você com a dança, lembra e eu com o esporte.

Ingrid - Com o esporte, era mesmo, meu deus, também foi uma experiência muito, muito potente, Guarapes, 19..., ri, (Ivana - não lembro), mas uma coisa a gente tava terminando a

graduação...(Ivana - 98, 99, então era 2000, 99 ou 2000), era, (Ivana - num lembro), aí meu deus, ali foi muita experiência trágica, (Ivana - foi demais...), muita experiência boa, a gente aprendeu muito, né, Ivana (Ivana - demais). É, mulher que coisa boa essa experiência (com ar de encantada e feliz).

Ivana - E essa daqui, depois você vai pra aquela dali...

Ingrid - Aqui festival de futsal e handebol, vixe maria, eu não lembro não dessa daqui.

Ivana - tu lembra? Eu fiz um festival de handebol e futsal e...

Ingrid - Sim foi mesmo...(admirada)

Ivana - Que eu convidei você, ...

Ingrid - Menina porque você não fez de novo, em?

Ivana - vou fazer.

Ingrid - só com as exs, é?

Ivana - É..., não, aí até que tinha outras pessoas que não era da instituição, sabe.

Ingrid - Ah foi muito legal, isso. Eu lembro, festival de futsal e handebol, pois é, né, (Ivana - é) essas coisas, olhaaa, foi muito bom, né, a gente poder encontrar as amigas, Séfora, (Ivana - Dianne) foi, e a viver, né Ivana, essa vivência do, do esporte, foi muito bom, eu acho que...

Ivana - aqui é você, ficou apagadinho, mas eu vou, vou te passar ali.

Ingrid - Ahhh é mesmo..., menina tu tem essas fotos, aiiii (quando ver a foto nossa e com Su) queridaaa.

Ivana - A de baixo é que você faz parte da minha vida, desde a graduação).

Ingrid - Né, eu que sou grata por essa amizade, que bom (rindo). E, Su, aqui toda lindaaa. Saudade dela.

Ivana - vamo lá, vamos lá matar essa saudade.

Ingrid - Né.

Ivana - Então, fala um pouco do que essas imagens trouxeram, aí pra você, o que reverberou aí no teu corpo? Tua mente.

Ingrid - Aí..., eu acho que... re... sensibilidade, né eu acho que ... são memória de muito afeto, assim, de muita..., eu já tinha tratado sobre todas, nera, só não tinha lembrado desse festival.

Ivana - eu sabia que você não ia lembrar.

Ingrid - É...

Ivana - porque foi muito pontual, ..., foi um sábado, só.

Ingrid - Foi um final de semana, né? Foi.

Ivana - E você nem podia ir, e deu certo pra você ir.

Ingrid - Foi, mas essa aqui (a nossa foto no evento científico), caramba, a gente ...

Ivana - lembra onde foi?

Ingrid - Os trabalhos, juntos tanta agonia..., era, algum...

Ivana - EDFENE, lá no, em Fortaleza, naquela viagem que a gente fez.

Ingrid - Não mulher esses detalhes você sabe que eu não me lembro, (rimos juntas), a pessoa tem TDAH, aí mais assim, trouxe, essa imagem trouxe muita, muitas vivências de nossas, da nossa formação, né, dos nossos estudos, de você ir lá pra casa, de eu ir lá pra sua casa, então das, das inquietações com Ka, que Ka sempre chegava por último, e a gente já tava, você, né, que era sempre mais adiantada, eu sempre muito mais procrastinador, e de Ka era de última hora, já tava o trabalho todo pronto, meu Deus e, Jonas era um sábio daquilo tudo ali, equilibrando tudo aquilo ali, né, aí vieram assim, muitas (rindo) lembranças da nossa formação, como a gente aprendeu junto (nos cumprimentamos, batendo uma na mão da outra, em respeito e com alegria)...

Ivana - continua aprendendo.

Ingrid - Muito legal, eu não conheço muita gente não, né, (em relação a uma foto do grupo de dança, pós Karenine).

Ivana - Eu acho que não).

Ingrid - Ohhh...

Ivana - eu não conheço eu trouxe para ver se conhecia mesmo, porque é bem do mesmo período.

Ingrid - Não..., é algumas carinhas, dançando, né, porque ..., algumas carinhas eu conheço, mas eu não sei de nome, assim, porque eu, eu ia assistir, não tive encorajamento de, de me disponibilizar, por causa de meu corpo, enfim (passou mais uma vez a vista em todas as fotos, admirada e com ar de felicidade), e o Guarapes, cara, só lembro daquela vez que a gente teve que fugir, né, lembra? Que a gente teve que fugir, da escola, porque, meu deus, tinha uma mãe querendo me bater, porque eu rindo, tu lembra? Que eu disse, que a menina, que o menino tava menstruado, porque que você não vai fazer aula? Tá menstruado, também? Que a menina tinha acabado de dizer, professora não vou fazer aula não, porque tô menstruada, aí veio o menino aí disse, professora eu não vou fazer a aula não, aí eu disse, porque tá menstruado, também, aí pronto, aí por causa disso a mãe dessa criatura veio mostrar os negócios do menino, disse que queria me matar, porque (rindo) eu perguntei se o menino estava menstruado, rsrsrs, aí eu e Ivana teve que fugir, aí Ivana, muito bom, muito bom essas memórias. Auu, pois é, né amiga. Eu espero que eu tenha contribuído, tem mais? rimos juntas.

Ivana - Não acho que era isso. É, é agradecer se você quiser colocar mais alguma coisa. Se você acha que gostaria. Que a entrevista te fez lembrar, que eu não explorei.

Ingrid - Não, não a entrevista me despertou pra pensar sobre as lideranças dentro da escola, né, despertou, porque, assim eu nunca tinha parado pra pensar sobre isso, sobre a mulher nesse papel, porque lá a, a única experiência que eu tive com, com a coordenadora, diretora, é com a que, aqui com, com, em João Câmara, a coordenadora ela é a Diretora de Ensino, Acadêmica, e eu nunca tive nenhuma experiência com, e aí eu acho ela muito mãezona, sabe?

Ivana - como é o nome dela?

Ingrid - É, Gilmara.

Ivana - Gilmara, é da época de Sônia. Sônia foi diretora de João Câmara.

Ingrid - Ah é né.

Ivana - E, aí na época de Sônia, Sônia conseguiu colocar muitas mulheres em cargos de coordenação, sabe, e Gilmara é uma

Ingrid - Pronto, aí é a primeira experiência que eu tive foi com Gilmara, que eu acho ela...

Ivana - Você passou em quatro Campi, né?)

Ingrid - Foi quatro, aí ela, aí eu acho aquela coisa, coisa mais, parece mais maleável, sabe? Assim, as coisas acontecem mais sensível, as coisas, mais, eu não sei, talvez eu não consiga explicar mais acho que você entende como é. E, ela é muito mãezona, né, com os alunos assim. Os alunos tem um acesso assim, a ela e consegue, assim as coisas com ela de forma mais branda, né, num é aquela coisa ditadura.

Ivana - Eles conseguem ter um acesso com elas, sentem mais acolhido, eu acho.

Ingrid - Menina é um calor, em...

Ivana - Aí desculpas eu desliguei ali, né). (retornamos pra o sofá e deixe o gravador ainda gravando).

Ingrid - Tem mais?

Ivana - Não, é isso minha querida, não só se você quiser falar.

Ingrid - Amiga seu trabalho tem muita coisa linda pra dizer, viu? Rimos, muito legal, eu parabenizo pela iniciativa, é um registro importante pra, pra ficar, sabe, pra gente mesmo, refletir no grupo, né do quão a gente precisa, ainda, é ver o nosso papel, rever o nosso papel, né,..., tem muitos, muitos pontos aí importante pra gente dá uma repaginada, reconimagemr, nossa atuação de forma mais humana e tentar equilibrar essa história do ...

Ivana - Exato, era isso que eu ia falar.

Ingrid - É tentar arranjar um jeito de equilibrar essa história do treinamento, né. (Ivana - do esporte, né), desse esporte performático.

Ivana - E não sobrecarregar a gente, né).

Ingrid - É, e não sobrecarregar, eu, eu digo a você que eu estou numa situação muito delicada, de sendo que, não sei, ser cobrada por isso, ...

Ivana - Aqui como foi que eu fiz só pra registrar (mostrado as imagens, como fiz no Canva), como que eu fiz as fotos, ..., aqui é a de Cris, eu fiz a de Cris, pra cada uma eu tô fazendo uma..., uhum,

Ingrid - São oito é nega?

Ivana - Oito comigo, né,

Ingrid - Sim, ..., uma hora e quinze. Foi muito ou foi pouco?

Ivana - essa foto Ingrid é de uma aula de Educação Física, em 1975.

Ingrid - Aí, nem vi, só vi o prédio).

Ivana - Veja, em 1975, aqui tinha uma Lei, que é 5692, tipo essa Lei atual do ensino médio, ..., que era o ensino médio compulsório, ou seja, todo ensino médio deveria ser técnico, e aí o que que acontecia, as escolas particulares, e outras, elas vinham fazer o ensino técnico, aqui na Instituição, isso na década de 70, em 1975, e não tinha mulheres, até 75, mas antes de 75, algumas mulheres, por exemplo, do Neves e tal ia fazer, essas aula técnicas lá na escola, mas aluna mesmo, da instituição foi em 1975, que foi no curso de Edificações, e aí ela veio, a escola foi obrigada a receber, porque ela veio transferida, porque o pai dela era militar, enfim tiveram que aceitar ela. E a primeira vez que teve concurso, né, pra entrar exame de seleção foi em 76,..., foi que as mulheres começaram a entrar, até então já tinham mulheres professoras, administrativas e tal, mas aluna mesmo só em 76, de seleção, só em 76, e aí outra curiosidade em 76 iniciou-se os jogos internos, que foi um investimento muito grande, do regimento militar, nesse período, aí foi criado esses espaços, por isso que eu trago essas imagens dos espaços pra depois fazer essa contextualização, com vocês, porque a maioria não tem esse conhecimento, (Ingrid - é não conheço), é, então tem essa questão e a, uma outra coisa que eu venho descobrindo no meu trabalho é que as primeiras professoras de Educação Física efetiva foi em 1981, (Ingrid - 81, vixe maria), pra você ter uma ideia, 1909, começou, 1981 a gente tem a primeira professora de Educação Física efetiva, antes nós tivemos..., (Ingrid - Quem mais além de Karenine?). Tem a professora Carmem, Carmem Galvão, é, teve a professora Terezinha Ximenes, ela trabalhava com dança, natação e Educação Física escolar, e aí tiveram..., Petrucia ficou muito pouco, meses acho que não chegou nem a ser ano, muito pouco 94, 95 ela já tava na UF, ou 94 mesmo, eu tenho essas datas, agora eu não lembro (aham...,) de cabeça, aí veio a professora Leonor, que foi a minha professora do atletismo, na sua época ela já tava, em 89 (Ingrid - é mais eu não me recordo), aí Betânia, Gizelda e Sônia, (Ingrid - sim Sônia eu lembro...,), Zelma, Edna, Edna você conhece, né? Que era do projeto da terceira idade. (Ingrid - eu acho que de vista só, não lembro, não), ..., negra, ela bem..., ela é do Pará, ela voltou pra Universidade, que ela veio em acompanhamento de cônjuge. Ela passou 10 anos na Instituição, e voltou. Aí voltou pra UFPA. Edna isso geral, né, (Ingrid - aqui já é 78, né? aqui é um professor? fazendo...,) não é um aluno, é. Nos diário que eu observei ..., em 76, 77 não tem diários de Educação Física pra mulheres, aí em 78 começa a surgir, que eram diários separados, ..., tem diários de esportes, alguns, é muito pouco, aí que eu começo a confrontar os dados, aí que eu começo a ver, sabe, essas relações, olha pista como era lotada (foto de competição de atletismo), o atletismo era muito forte, aqui era a construção dos espaços, olha a quadra, você pegou essas quadras assim descobertas? (Ingrid - peguei descobertas, ainda, na época da gente que cobriram, num foi, no último ano que eu tava saindo que cobriram). E, essa aqui é muito emblemático, que tem na abertura dos jogos, é só foto das rainhas, é incrível, eu tenho um acervo assim, sabe, e essa aqui porque era a sua modalidade, por isso, que eu trouxe, agora essa aqui foi emblemática (a do handebol..., aqui era Karenine, sabia que Karenine era impactante, como é pra mim, mas eu não sabia que era tanto, pra você. A gente. Eu me atentei hoje, sabe, pra trazer fotos da gente, na graduação, isso, ..., (Jhonata alerta que tá gravando, eu digo, “aqui é como é aquilo que os meninos chamam aquela parte”, Ingrid responde - make

off).

Ingrid - esse banquinho aí tem tanta história (abrindo a boca).

Ivana - A escola, esses espaços físicos tem história.

Ingrid – É, porque eu sou muito, eu, num, num prezo detalhes, só se for muito impactante assim, mas eu não tenho detalhes de data, eu não consigo não, você tem.

Ivana - Agora que eu tenho, mas é porque assim.

Ingrid - você gosta, né?

Ivana - Gosto. Gosto muito de história, preciso fazer história, quero fazer história.

Ingrid - Tenho vontade de fazer psicologia, na verdade psicanálise.

Ivana - E eu num fiz um curso de psicanálise, no período da pandemia, via..., psicanálise e espiritualidade, ...

ENTREVISTA COM A PROFESSORA NERIJANE DE ALMEIDA MONTEIRO – Dia: 08/02/2024. Via Plataforma Meet.

Ivana - A minha tese ela está no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do IFRN/CNAT/PPGEP. Eu vi que você fez o mestrado na EPT, no IFPB, tem a ver com o ensino profissional, porque muitos colegas da gente, de Educação Física, não estudaram Educação Profissional, né, eu tive essa curiosidade de verificar isso no seu currículo. Então, nós temos três linhas de pesquisa, eu estou na linha 3, que é história, historiografia e memória da educação profissional. Por enquanto, né, que eu pretendo ir até o final, o título do meu trabalho é Mulher e esporte: atuação das professoras de Educação Física no IFRN. É, só que o recorte ele é de quem foi egressa, né, por isso que você tá nesse segundo momento, você já participou do primeiro momento, que foi o questionário, e aí esse segundo momento, é a entrevista, nós temos, identifiquei sete, comigo oito egressas, que atualmente são professoras de Educação Física no IFRN, e duas já se aposentaram, certo? Então, Nerijane, eu vou projetar aqui para você, as questões, eu vou falar um pouco do roteiro, que a gente pretende que você responda, é um pouco da sua história de vida, pra que a gente registre, até chegar na sua atuação profissional e na sua atuação profissional no IFRN, né, então sua experiência enquanto aluna, na instituição e, sua experiência da atuação docente, nessa disciplina, ok, então, as questões elas, elas vão perpassar dessa natureza. Eu vou projetar aqui pra você, daí eu vou ficar aqui sem ver, eu vou e volto, tá na projeção? Uma primeira questão, seria, a gente pediria que você se identificasse, nome, idade, gênero, identidade sexual, se quiser, origem familiar, se é filha única, caçula, mais velha, profissão dos pais, origem social de uma forma geral...

Nerijane - Certo, já pode responder?

Ivana - Por gentileza (rsrsrs)

Nerijane – Ok. Então, eu sou Nerijane de Almeida Monteiro, né, minha origem familiar, eu sou daqui de Macaíba, só, nasci em Natal, tenho 39 anos, sou professora de Educação Física, meus pais, também, são professores, o meu pai é professor de Educação Física e, minha mãe é pedagoga, né, trabalha com ensino fundamental, ambos são servidores públicos, eu sou a mais velha de cinco filhos, mas por enquanto, a única professora, meu irmão é formado em Educação Física, mas é Bacharel, trabalha na área de academia. E, é isso (ri), somos, essa é a nossa origem, né, nossa família, basicamente isso, não sei se contemplou sua pergunta, se faltou alguma informação.

Ivana - Contemplou, sim, ótimo. Nerijane, me fala um pouquinho da sua infância, as atividades que você desenvolvia com amigos, familiares, que tipos de atividades você fazia, brincadeiras, jogos, em escola, ou mesmo na rua, de uma forma geral, como era, como foi sua infância?

Nerijane - Minha infância foi uma infância muito feliz, onde eu tive muito acesso, ainda, a brincar na rua, como eu moro no interior, sempre morei em Macaíba, era uma cidade tranquila,

na minha infância, então eu tive muito essa vivência do brincar na rua com os amigos, queimada, vôlei, andar de bicicleta, patins, toda noite a gente se reunia pra brincar, na escola, também, porque, os vizinhos acabava que a gente estudava todos na mesma escola, né, (ri), além de brincar na escola (ri), eu tenho muitas memórias de brincar de elástico, né, na escola, no intervalo, de queimada e, como meu pai é professor de Educação Física, eu acompanhei muito ele, tinha aulas de, ele dava aulas de natação, me levava, ele dava aula em alguns lugares e, eu acabei que vivenciei muito isso, aula de ginástica, meu pai dava aula de ginástica,

me levava pra ficar lá ajudando, na época, era fita, a fita acabava, trocava, o lado da fita, (ri) era minha função, né, a funcionária de rebobinar a fita, rsrs, então assim, sempre tive essa vivência do movimento, desde criança, ...

Ivana - Qual o nome dos seus pais, Nerijane?

Nerijane - Meu pai se chama Nerilson, Nerilson Monteiro, minha mãe se chama Edjane, Edjane Carneiro, meu pai é bem conhecido aqui em Macaíba, porque ele foi um dos primeiros professor de Educação Física, da cidade, né, que antigamente não era muito comum, assim o pessoal no interior, então ele é muito conhecido aqui, por muito tempo só teve a academia dele (ri), ele tem uma academia até hoje, mas por muito tempo a dele, tinha ..., mas acho que com professor formado, eu acho que a primeira, era..., acaba que muita gente conhece ele, aqui.

Ivana - Já dá pra perceber porque você escolheu Educação Física, (ambas riem), porque é uma das nossas questões. Fala um pouquinho da sua trajetória na escola até chegar no, desculpa que eu coloquei ETFRN, né, mas no CEFET, né?

Nerijane - É tinha acabado de virar CEFET. Eu estudei da educação infantil até o ensino fundamental, em escolas privadas, né, daqui da cidade, onde tinha Educação Física e, na minha infância eu fiz natação, aí cheguei na ETFRN, né, meu pai, muito mais, queria muito, não era nem pelo curso técnico em si, pela profissão, era pela questão do ensino mesmo, pela qualidade da escola, fez muita questão que eu estudasse lá, assim cobrou muito, assim foi uma coisa de muita pressão pra passar, (ri), pra o CEFET, na época, e fui aluna do CEFET por quatro anos, só, e lá fiz natação, durante, eu acho que uns dois anos que eu fiquei, fazendo natação, porque era muito cedo da manhã...

Ivana - Era, quem era seu professor? Era Guerra?

Nerijane - Mulher, esqueci o nome dele agora.

Ivana - Luiz Guerra?

Nerijane - Guerra, isso mesmo, Guerra, e era muito cedo, assim, tipo seis e meia, sete horas, era um negócio muito cedo, e como eu morava em Macaíba, ia de ônibus, eu tinha que acordar muito cedo, pegar o primeiro ônibus, pra chegar nessa aula, no, na, no CEFET, na minha época, não sei se já pode entrar nessa seara, (ri).

Ivana - Pode. Fica à vontade, aliás, é só um roteiro, tá.

Nerijane - É, eu não tive aulas de Educação Física.

Ivana - Era modalidades?

Nerijane - Não tive na minha época, na minha época se mandava escolher um esporte, né, e a gente ia pra aula desse esporte que era no contra turno, só que não se exigia muito, assim essa frequência, tanto, quando eu deixei de ser caloura, (ri), já não fui mais (rindo), 3º e 4º ano quando o negócio arroja, já não lembro de praticar mais nenhuma atividade física, no CEFET, porque eu lembro que tinha várias coisas pra escolher, eu fui para natação que já era minha vivência antiga, nunca gostei muito dos esportes coletivos, eu tinha muita vontade também de entrar na aula de dança, que na época era Karenine só que muito concorrido, é não conseguia essa vaga, aí eu me conformei na natação mesmo, mas essa foi...

Ivana - E você tentou?

Nerijane - Oi.

Ivana - chegou a tentar, lá com Karenine?

Nerijane - Tentei, várias, mas nunca tinha vaga nesse grupo de Karenine.

Ivana - É, é difícil, Karenine, eu lembro..., desculpas, pode falar.

Nerijane - Era concorrido, (ri). Pronto essa foi a minha vivência no IFRN, não, não tive a aula de Educação Física, ...

Ivana - Eram modalidades, né?

Nerijane - Era. Era bem esportivista, na minha época, (Ri). O negócio era bem...

Ivana - É uma das questões que a gente vai falar, mas eu acho que você já, já contemplou, porque você escolheu o curso de Geologia e Mineração, teve algo específico?

Nerijane - Não, na verdade, meu pai disse você vai fazer o teste do IF, você escolha qualquer coisa, você vai ter que estudar lá, você estude pra passar (Risos), porque, né, ele sempre teve essa visão de que era uma escola muito boa, ele foi aluno da escola de Jundiá, né, na época, minha avó não tinha condições de mandar ele estudar na, lá no, na ETFRN, então ele ficou por aqui, que era perto de casa, e ele sempre, já vinha com essa visão da, de nível Federal, da, mais organização, então assim, sempre, então eu cheguei a escolher o curso sem bem muito saber o que era, assim, mas até que me identifiquei, foi um curso, não foi uma coisa sofrida, então, foi bacana, cheguei a estagiar e tudo. Ainda fiquei bem balanceada pra seguir na área.

Ivana - O curso é muito bonito, né, a gente tem o museu de Minério, o trabalho da professora Narla, e, você até falou um pouquinho aí, mas poderia rememorar um pouquinho assim, como era a questão disciplinar, organizacional, como um todo, né, não só na disciplina de Educação Física, mas como um todo na instituição, você entrou num período que estava saindo da institucionalidade ETFRN, pra institucionalidade CEFET, então era uma mudança que nem os próprios professores entendiam, então imagine os alunos que estavam chegando, mas você hoje, nessa condição de servidora, como é que você poderia falar ou rememorar um pouquinho daquele tempo, daquele período?

Nerijane - É. Sempre foi um lugar, assim, de muita organização, isso sempre me chamou atenção, desde o primeiro dia, que eu coloquei o pé, né, dentro, da minha época CEFET, eu tive vivências maravilhosas, eu acho que foi assim, fundamental para minha formação, para o meu crescimento. Eu não me lembro de falta de professores, muito pelo contrário, a gente tinha uma disciplina bem rigorosa, né, aqueles inspetores (ri), que ficavam o tempo todo, olhando se você estava em aula, se você estava com a farda correta, se você chegasse atrasado não passava no portão. Eu me lembro de ficar muito encantada porque, apesar de estudar na escola privada em Macaíba, era uma escola pequena, né, uma escola de cidade do interior, então, eu cheguei, eu fiquei muito deslumbrada com aquele mundo de laboratórios, de laboratório de inglês, de piscina, de quadra, daquele espaço de convivência, então, assim foi um lugar que eu me apaixonei logo de cara, e foram quatro anos muito felizes, né, eu sempre costumo dizer que os anos que eu passei na UFRN, nem de longe (ri), foram bons como os anos que eu vivi no CEFET, inclusive meus melhores amigos são ainda dessa época, a gente ainda tem um vínculo de amizade, então, assim foi uma experiência fantástica que eu acredito que me formou muito como ser humano, é, apesar de ter vivido ainda alguns momentos de greve, eu não recordo muito, eu não recordo dos anos ao certo, eu sei que peguei esse arrocho de Fernando Henrique, odiando os professores, mas sempre foi uma coisa, assim que foi muito bem explicado para os alunos, eu lembro da minha turma, que a gente apoiava muito esse movimento dos professores, então, assim mesmo tendo greves, no caminho, assim a qualidade do ensino, é para mim foi fundamental, é tanto que acho que 90% da minha turma, todo mundo verticalizou, né, foi para uma universidade, nos cursos que queria, nem todo mundo seguiu na área, muitos colegas da época ainda estão na área de mineração, muita gente da minha época que vivi do curso técnico que fez, fez outras faculdade, mas que entrou na área e se firmou, e tem uma vida hoje muito boa a partir da formação que teve, no IF, né, no CEFET, na época, então foi um experiência fantástica pra mim, eu agradeço sempre a insistência de meu pai (ri), quero eu ter a chance que os meus filhos consigam estudar lá, é uma meta.

Ivana - Verdade, os cursos de Geologia e Mineração, lá da DIAREN de uma forma geral, tem uma particularidade, que vocês precisam muito ir pra o campo, né, precisa muito fazer viagem de campo, então isso junta muito, né, a turma, e a gente tem, assim como nos jogos, a gente de Educação Física, o curso de vocês tem essa particularidade, diferente por exemplo de eletro, o pessoal de informática, sabe, os meninos falam muito isso pra gente. Você vivenciou, como aluna, um período que estava passando da institucionalidade ETFRN para CEFET/RN. Rememore, como eram ministradas as aulas de Educação Física escolar e Esporte, em sua época de aluna, a partir da experiência que você já tem hoje. Fala um pouco das atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física e Esporte, na sua época de aluna. Você já falou que eram modalidades esportivas, eu sei que você não participou de modalidades esportivas, você já falou e, também pelas respostas do questionário, né. Mas se você puder ampliar um pouquinho mais, por exemplo, você recorda, já vou adiantar uma outra questão, você recorda se naquele período tinham professoras mulheres, mulheres de Educação Física e modalidade esportivas, que você recorde, poderia falar um pouquinho delas? sabe ampliando.

Nerijane - É eu me lembro da, da do vôlei, eu não me lembro o nome dela, oi?

Ivana - Betânia ou Gizelda? Betânia do vôlei feminino e Gizelda do vôlei masculino

Nerijane - Gizelda, kaka, que ainda tá lá, (risos), até hoje, né, com 15 anos, é pronto, lembro dela, lembro dela no vôlei e, só, e Karenine que era professora de dança, são as minhas únicas memórias de professoras mulheres, né, se tinha outras realmente não me recordo.

Ivana - Só as duas?

Nerijane - é que eu me lembro, só assim, pode ser que tenham outras, mas eu realmente não me recordo de nenhuma, não, de Gizelda eu lembro e de Karenine que era a professora de dança, na época.

Ivana - Vou te dá uma informação. Tinha, nesse período que você estava lá, Betânia, que era do vôlei feminino, tinha Gizelda, que era do masculino, a professora Karenine, professora Petrúcia, não sei se ela foi sua professora na Universidade, (balança a cabeça que não, em negativa ao CEFET, e acrescenta - Nerijane - na Universidade foi), é, ela já tinha saído que ela saiu em 95, ela só passou menos de um ano, aí tinha a professora Leonor, do atletismo (franziu a testa em negativa de que não conhecia), a professora Edna e a professora Zelma.

Nerijane - Vixe tinha bastante, então, (ri)

Ivana - Nesse período tinha essas mulheres, então..., é...

Nerijane - É, mas como ..., eu acho que como não tinha esses momentos de vivência assim, porque era assim, que eu me lembro, a gente chegava naquele horário específico, o professor ministrava a aula, e acabou, então assim eu não tinha contato muito com os professores de Educação Física. Eu lembro de Gizelda, dando vôlei, porque o ginásio é ali mais central, então de vez em quando a gente ia assistir, para paquerar os meninos e, (risos), então dela eu lembro (risos), tinha um objetivo específico, né (risos). Eu digo essa mulher entrou aqui realmente com 15 anos, porque ainda tá lá até hoje, (Risos), (Ivana - e do mesmo jeitinho, né?), fazendo um trabalho incrível, é eu acho ela incrível, maravilhosa, e é isso, realmente eu não me recordo muito, de professores, assim, né, tirando o que eu fazia, né, a aula, eu, eu não me lembro assim de outros momentos, não, e Karenine que era da dança (risos), que era o que eu paquerava e não conseguia entrar, mas, não recordava.

Ivana - Então, eu vou fazer a seguinte questão, eu já pulei umas ali, mas depois eu volto, que pra ..., que a gente tá falando dessa questão das mulheres, né, eu vou fazer essa 9, 10 e 11, pra gente falar um pouquinho dessa representatividade das mulheres, né, da Educação Física, vou ler as três... 9 – Na época que você estudava, no CEFET/RN, existia uma representatividade de mulheres, na Educação Física e Esporte (Tinha professoras de Educação Física)? Se sim, elas eram atuantes? Se não, havia algum questionamento a respeito, por parte dos/as alunos/as e da Instituição como um todo do fato de não ter professoras? Você recorda se em sua época de aluna se tinha alguma professora de Educação Física e Esporte? Qual era as modalidades que

elas trabalhavam? Hoje, com sua experiência enquanto profissional da área, você conseguiria falar um pouco da atuação profissional delas, conseguiria perceber o papel delas na área? 10 - Diante de sua lembrança você conseguiria identificar qual ou quais a/as proposta/as da Educação Física e Esporte daquele período do CEFET/RN? Consegue estabelecer alguma relação paralelo com hoje? 11 - Na época que você era aluna, lembra se tinha no quadro de gestão mulheres atuando, como Diretora, Coordenadoras (curso, de Ensino, entre outras)? Se sim, como você vê o papel delas para a época e sua repercussão hoje? Se, não, o que você pensa sobre essa falta de mulheres na gestão, que repercussão temos hoje para a inserção das mulheres na gestão do IFRN? Seria só pra gente fechar um pouquinho das mulheres, né, tanto da educação física, como na gestão como um todo.

Nerijane - É eu acho que sim, elas tinham uma importância, né, grande, eu lembro que o time de vôlei é, participava nos campeonatos, né, a nível Nacional e, lembro que a atuação de Gizelda, no caso, era bem, assim, era ela, sempre foi vista como uma profissional de referência nessa área, né, do vôlei, né, então eu lembro sim da importância dela nesse sentido, de levar a representatividade do CEFET pra outros Estados, através dos campeonatos, né, dos eventos esportivos, e Karenine também, eu lembro que esse grupo de dança se apresentava, né nos eventos do CEFET, e saía também pra fazer apresentações fora, né, era um grupo bem respeitado e conhecido, então eu acho que de certa forma isso levava o nome da instituição pra outros lugares, além da formação mesmo de você participar de um, um coletivo desse, onde as coisas estão sendo construídas, então eu acredito que sim elas tinham uma representatividade sim, é importante, em relação a proposta, né, eu acho que na minha época era totalmente esportivista, (risos), porque como eu disse, eu não tive aula de Educação Física, eu não me lembro de nenhuma preocupação com a nossa saúde, mesmo, questão de exames médicos, como a gente tem hoje e, de verificar o básico mesmo, se aquele aluno tem condições ou não de frequentar a aula, eu não me lembro de ter tido isso, é quer mais, hoje eu acho que a gente deu uma avançada significativa, eu acho que o nosso quadro de professores é um quadro que entrega muita coisa assim, a gente vê que são pessoas comprometidas, que estão sempre buscando melhorar, que amam o que fazem, então a gente vê que é um povo que estuda, que produz muito, que se ajuda, que troca, então eu acho, não que os de antigamente não fosse, não sei, era outro momento, mas eu vejo isso, assim, eu tenho muito orgulho desse grupo que a gente tem, acho que apesar daquele encontro que a gente faz a cada dois anos, acho que é muito pouco, diante de tudo que a gente produz e constrói, acho que a gente precisava de mais momento de partilha é, eu vejo que a gente avançou muito, acho que os alunos de hoje, que entram na instituição eles têm uma Educação Física de uma qualidade muito diferente da que eu tive, né, enquanto aluna, né, porque eu só tive Educação Física no nome, né, na verdade eu fiz natação, (risos, nunca, tipo Educação Física mesmo eu nunca tive aula, enquanto aluna do CEFET, nos 4 anos que eu fui aluna, então eu acho que a gente cresceu muito, avançou muito nisso, precisa melhorar muita coisa ainda, acho que deu, deu uma ressignificada importante e, hoje os nossos alunos entende o que é a Educação Física, a gente..., um aluno nosso de 4º ano que viveu todo esse ensino médio com a gente, ele sai compreendendo de um modo diferente a cultura de movimento, né, entendendo a importância disso, para a vida dele, eu acho que, eu, assim acabou o ano letivo saio dizendo assim, ..., é acho que deu certo, lógico sempre pode melhorar, mas com aquela sensação fizemos um bom trabalho, né, quando eu vejo os resultados, não só, os meus, mas quando o pessoal compartilha lá no grupo..., sempre dá aquela sensação, que bom, estamos caminhando, acho que o caminho tá indo, no caminho certo, assim, eu tenho essa sensação, em relação ao que eu vivi lá atrás e, o que eu vivi em outras instituições, porque antes de ser professora do IFRN, eu fui do IFPB, não sei nem se pode falar isso aqui, qualquer coisa você..., (risos).

Ivana - Pode falar, eu vou repetir, mas pode falar.

Nerijane - Eu fui professora do IFPB, durante dois anos, antes de ser redistribuída, e lá a gente

tá nessa vibe esportivista até hoje, no Campus João Pessoa, (Ivana - IF ou UF?). IFPB, e é um vespeiro difícilimo de mexer, eu lembro que na época eu quis fazer um trabalho voltado pra essa questão, assim, então não fui acolhida pelos professores do *Campus* para a pesquisa e, é uma coisa assim todo mundo das antigas, ninguém quer mexer no que faz, a galera nova que entra não tem coragem de revolucionar (risos) e ainda é essa história de modalidade no contraturno, então assim, quando a gente se compara com o, os nossos vizinhos aqui, eu acho que a gente tá a anos luz, na questão da Educação Física...

Ivana - Interessante você fazer essa observação..., eu, eu entrei no CEFET, como substituta, passei 2 anos, lá no Natal Central mesmo, e foi de 2008 a 2010, logo em seguida eu passei no concurso, e a gente, você falando do período de Educação Física, e dessa questão dos novos que entram, porque a gente..., eu fui umas das, das primeiras turmas da mudança do curso, lá da UFRN, porque também era a questão da esportivização e tal..., e aí houve essa mudança licenciatura plena, com as novas disciplina, isso repercute, né, no que a gente vai, vai tendo no IF, porque em 2009, no concurso de 2009 entraram muitos professores dessa nova, que eu considero o novo currículo da Educação Física, lá da UFRN, então isso que você tá colocando eu senti também um pouco na pele, porque quando eu cheguei, aí eu tive que dá aula de vôlei, de natação, (risos), atletismo, handebol, turmas assim (Nerijane - Afff), então (risos) eu ..., e aí eu peguei ginástica, aí foi aí que eu me fiz, porque foi aí que é, é pude, né, dá um pouquinho de Educação Física, realmente, numa perspectiva de interação, e trabalhei os alunos, misto, aliás, até uma pergunta, as suas turmas de natação eram mistas ou eram, era só feminino?

Nerijane - Só feminina (risos) só feminina. Ainda tinha esse detalhe (risos) era um horário das meninas e um horário dos meninos.

Ivana - Pois é, e muito, eu tô descobrindo muita coisa, é muito gostoso ver isso, e aí, 2012, você falando do IFPB, 2009, 2010, acho que começou a produzir o nosso PTDEM, então foi ali, que aí foi da mudança do CEFET, de outra institucionalidade, que passou a nova realidade, ligando, lógico tem a questão histórica, que a gente, a disciplina de Educação Física foi considerado componente curricular, tem tudo isso, né, que também, historicamente a gente sabe que a disciplina passa por tudo isso. E, realmente isso que você tá dizendo, você percebeu isso tanto como aluno, como de instituição diferente, né, no Brasil todos nós, nosso currículo, nosso, a nossa disciplina tem essa proposta de disciplina, porque a gente ver que ainda não tem em muitos lugares do País, então realmente nós somos privilegiados, né, Nerijane.

Nerijane - Somos, hoje eu vejo, quanto.

Ivana - Minha querida, vou voltar um pouco nessas duas aqui, queria que você falasse um pouquinho, como: Você conseguiria rememorar como se constituía sua compreensão de corpo, à época de aluna, e como se constitui hoje? E aproveitando também, de que forma você, recorda, como seu corpo era considerado, em sua época de aluna? Que percepções corporais você tinha à época de aluna e hoje? Porque a gente tá tentando rememora, lógico, que antes você não tinha essa compreensão, hoje, você tem. Como seu corpo era considerado naquelas aulas, por você, seus colegas e professores? Rememora em relação a nossa vivência, em relação ao nosso próprio corpo como era que era considerado, você tem uma experiência muito rica boa na infância (ela balança a cabeça positivamente) seus pais eram professores e seu pai professor de Educação Física, então tem uma outra realidade, mas fala um pouquinho dessa questão.

Nerijane - É, naquela época eu acho que eu não tive, essa compreensão, nem dessa questão do corpo, é acho que a minha geração não era tão influenciada, pelo padrão estético, como é hoje, né, questão, os adolescentes de hoje, em relação a pressão que eles sentem pelas redes sociais e, tudo mais, então, na nossa época a gente tinha muito essa discussão, lógico que tinham padrões de beleza estabelecidos, assim, aquelas coisas as revistas, capricho, num sei quer aquelas coisas, traziam os padrões, eu sabia que eu não era uma menina padrão, porque eu era negra, então, assim, eu sentia essa preterição de alguma forma, né, mas isso também sempre foi muito bem trabalhado na minha casa e, eu fui, também sempre fui bem resolvida com isso,

então, assim ninguém botava o pé, no meu pescoço, que meu pai, já desde criança a gente já foi muito bem, assim, educado nessa questão do racismo, e eu também não sentia isso de uma forma tão pesada não, como, como eu acho que hoje é mais, como eu posso dizer, o enfoque é maior, como eu também tive muita vivência motora, na minha infância que, tipo, eu nunca foi aquela excluída da brincadeira, eu sempre tava no meio dos que eram escolhidos, então assim eu não senti ah, eu fui excluída, porque eu não tinha muita vivência ou era desajeitada, desengonçada, eu não tive essa, essa experiência, eu sempre fui das que estava ali, dos grupinhos de brincadeiras, mas como criança, também vivi as experiências de ver crianças sendo excluídas, e hoje eu entendo, mas naquela época a gente não fazia, num tinha essa percepção, ah fulano, a gente dizia assim fulano não cabe no meu time não, é fraco, café com leite, esse não vale, mas assim eu particularmente não vivi isso, é e esse padrão de beleza não sofri, na minha adolescência, graças a Deus, porque eu acho que por falta de entendimento mesmo, acho que a minha geração, ainda teve esse privilégio de ser um pouco protegido, porque é a gente não tem essa exposição toda, essa comparação toda, hoje eu acho que sofro mais do que na época da adolescência, (risos), porque você vai envelhecendo, também, né, apesar de todo conhecimento, de toda na, né, de tudo que a gente estuda, de tudo que a gente tem de empoderamento, mas eu acho que uma hora essas coisas batem na gente, né, em algum momento a mulher é cobrada do seu envelhecimento, né, eu acabei de ter um filho, então você fica muito insegura em relação ao corpo, se ele vai voltar, se não vai voltar, vai perder esse peso, se não vai perder, né, de vez enquanto você escuta esse comentário, eita tá gordinha, né, acabei de parir, né, (risos), então assim hoje acho que sofro mais do que na adolescência, nessa minha época de escola eu passei por essa fase de uma forma muito tranquila, eu tinha uma boa relação com o meu corpo, hoje eu acho que sou mais sedentária (risos), lutando para ser mais ativa, o povo acha que professor de Educação Física é atleta, né, vixe, mas professor de Educação Física, cansado, eu digo, pois é, porque uma coisa não tem nada a ver com a outra, mas eu também não vou parar pra lhe explicar (risos de ambas) já vou com esse discurso, ...

Ivana - Legal (risos de ambas), verdade também sofro muito, o povo ainda me ver como atleta. (risos de ambas), não tem condições. Minha querida, você poderia fazer um breve relato de sua atuação profissional, você já comentou um pouquinho, eu sei que você tem experiência, no Município, agora eu soube que você tem experiência no IFPB abordando as questões relativas ao ensino, pesquisa, extensão e treinamento esportivo, é lógico que essas dimensões a gente já sabe que é depois da institucionalidade de IFRN e você, realmente, já entrou na institucionalidade IFRN, né 2016, entrou quando lá no IFPB?

Nerijane - em 2016

Ivana - E nos campi que você atuou, os impactos deles e neles, a partir de sua atuação. Você acha que impacta positiva ou negativamente, os/as alunos/as, com sua atuação profissional, Porquê?

Nerijane - É pra responder

Ivana - É muita pergunta numa só, né (risos)

Nerijane - Eu já me perdi, mas vou aqui pela sequência.

Ivana - Não, é sua atuação antes da instituição e na instituição, ...

Nerijane - Eu me formei em 2008, e assim que eu me formei, em 2009 eu entrei no Município de Natal, e atuava lá nos Guarapes, no ensino fundamental I, então de 2009 até 2015, essa foi a minha atuação, né, na escola municipal, é no Município de Natal, em 2016 eu entrei no IFPB, fiquei de 2016 até 2018, 2018 eu fui redistribuída pra o IFRN, né, no *Campus* Macau, aonde eu tô lotada até hoje. É, como é que eu posso falar da minha experiência (risos), o ensino público, na escola municipal é, me deu a experiência necessária, né, você sai muito verde da Universidade e ir pra uma escola de periferia, com crianças com muitas carências, me fez enxergar, o mundo, né, sair da minha bolha e conviver com crianças que passa fome, que tem pai preso, que tem mãe, drogada, então assim, foi uma realidade bem assim, que eu dizia assim,

ou eu posso ser mais uma que vai passar aqui na vida dessas crianças ou posso ser uma professora que vai trazer alguma coisa de bom pra vida dessas crianças, então eu me recusei, por, sempre desde o início de ser aquela professora que joga a bola e fica lá olhando as crianças se matarem, eu, eu sempre tive uma verdadeira aversão a esse comportamento, né, então, assim, foi um época que eu fui estudar, formas de lidar com aquela situação, com aquela realidade, muitas vezes comprei bolas com meu dinheiro, material com meu dinheiro, produzi material, com, com material reciclável para ir dar aula, assim até conseguir uma parceria de gestão, até um, uma gestora que é uma nova como eu, e acho que tinha vindo da Universidade com esse vigor, ou com novos ares, ela conseguiu entender que eu queria fazer uma Educação Física diferente daquela de alguns profissionais que tinha passado por ali, que era essa dá a bola, queimada e futsal, né, então assim, ela depois desse esforço ela começou a dizer, não, a gente não tem tanto dinheiro, mas a gente vai direcionar um recurso pra conseguir comprar algum material pra você, então a partir daí, dessa parceria, a gente conseguiu fazer coisas muito bacanas, nessa escola, e eu acho que nesse período que eu estava lá, eu consegui fazer os alunos entenderem um pouquinho de Educação Física, vivenciar bem, terem novas experiências, com ginástica, com lutas, com dança, sair daquele futsal e queimada, que foi difícil porque eles eram muito adaptados, a isso, então rolava muita negociação, primeiro a gente vai fazer a nossa aula e depois 30 minutos da bendita queimada e o futsal, consegui conquistar os espaços, então eu digo que essa experiência de Natal, ela me formou, ela realmente me fez professora, porque quando eu fui pra o IFPB, que já tinha era outra realidade de ensino médio, eu já trazia uma bagagem, né, e aí chegar no IF é bem mais fácil, porque você olha e tem um mundo de possibilidades, se bem que o IFPB, pra o *Campus* que eu fui não tinha nada, (risos), nem uma quadra batida tinha, (Ivana - Você foi pra qual?) Princesa Isabel, no fim do mundo, (risos) é o Pau dos Ferros da Paraíba. E lá não tinha nada e lá eu comecei do zero de novo, mas outra experiência já, com alunos mais maiores, e tentando organizar com o que a gente tinha, é outra questão também, de quebrar essa ideia dos próprios colegas professores tem, que a gente é professor da recreação, né, isso na Paraíba me incomodava muito porque era uma coisa escrachada, assim, como eu disse é uma visão assim muito reduzida, porque aqui a gente é mais respeitado, assim, como professor de Educação Física, professor, tanto de Artes como de Educação Física (risos, e pegando no colar) lá sofre um bocado, né, porque você conseguir se impor pra realizar um trabalho ainda é difícil, então os dois anos que eu fiquei nesse *Campus*, nesse *Campus* não tinha nada, aí eu consegui fazer um convênio com uma escola da Prefeitura pra usar o espaço da quadra da prefeitura, né, então a gente conseguiu esse espaço que era pra os alunos poderem ter um momento de prática, porque senão a gente só ia ter aula teórica, porque o *Campus* não tinha nenhum espaço adequado pra atividade, e quando eu ocupava os outros espaços eu sempre levava uma enxurrada de reclamação porque atrapalhou a aula de fulano, porque fez zoadas, porque o aluno chegou suado, porque num sei quer, então, assim foram anos bem difíceis (risos), quando eu consegui chegar no IFRN e, no Campus de Macau (fez uma expressão de alívio e alegria, ajeitando os óculos) foi o céu pra mim, né, (risos de ambas), porque eu olhei aquela estrutura piscina (uma expressão de alegria, elevando as mãos...rindo), academia, sala de dança (e mexendo o corpo), num sei quer, ..., (Ivana - se fez, né, porque um monte de projeto que você faz..., risos de ambas), as meninas que passaram por lá Kamilly, Mônica, Carlos, também, deixaram um negócio já pronto (risos), pra gente chegar e ser feliz, então assim, hoje a minha realidade, e *Campus* Macau é muito feliz, lógico que a gente tem percalços, mas a gente tem uma gestão muito parceira da Educação Física, que eu não sei se é a realidade de todos os Campi, porque eu não conheço, mas em Macau, eu sinto, até agora, né, dos gestores que foram, desse período que eu estou lá, gestores muito parceiros da Educação Física, muito parceiro mesmo, olhe a gente precisa, então a gente tem muito material, lógico que vai se desgastando, teve esse período do Governo Bolsonaro que não veio nada, então muita coisa veio se desgastando, mas assim a gente tem uma estrutura muito boa, é um *Campus* que

eu amo muito, se não fosse tão longe, eu acho que eu ia morrer lá (risos, bem expressiva com as mãos), propriedade do *Campus*, porque eu tenho um afeto sentimental, aquele *Campus*, e, acho que lá a gente consegue desenvolver, as coisas têm fluído, é um *Campus* grande, a demanda é alta, os problemas existem, mas a gente tem conseguido caminhar e, eu digo com orgulho, os alunos de Macau, a equipe de Educação Física que hoje compõem o *Campus* é uma equipe que é comprometida com a Educação Física, então isso me dá um orgulho de falar de ter essa vivência. Vou pegar só o cabo do meu computador que tá querendo descarregar. Mas pode ir falando, risos.

Ivana - E esse trabalho que vocês fazem, qual o impacto que você vê na vida dos alunos e da comunidade como um todo?

Nerijane - Eu acho que uma das coisas mais bacanas que eu vejo é o aluno ele se senti capaz, os alunos de escolas públicas eles tem uma estima muito baixa, né, eles chegam pra gente com a auto estima muito baixa, então quando eles saem de uma aula, seja ela do que for, entendendo o potencial que ele tem e, tendo capacidade de canalizar essa energia pra o crescimento dele, então eu acho que isso é fantástico, então, sim a minha disciplina, como as outras, impactam muito positivamente na formação desse alunos, né, como eu disse, quando eu sento pra pensar a minha aula, eu fico pensando, quer que isso, quer que eu vou, que eu posso discutir, além das questões técnicas da Educação Física, da questão social, da questão de convivência, quer que eu posso explorar nessa aula pra que esse aluno, ele abra o horizonte, ele veja os conteúdos de outra forma (abria a mão com os olhos brilhando), pra que ele fuja daquela vivência vazia só da bola sem sentido, só do..., então eu acho que os alunos do 1º ano eles têm uma resistência muito grande, né? (risos). Ninguém quer pegar o 1º ano, porque o 1º ano vem naquela cultura do futsal e, da queimada, na maioria das escolas públicas, né a gente sabe disso, poucos..., pelo menos lá em Macau é difícil pegar alunos que tenham tido outras vivências, e venham com isso desconstruído, são bem poucos. E, aí o 1º ano é o ano da lapidação mesmo, pra gente construir coisas novas e quando eu pego essas turmas no 4º ano eu sinto total a diferença assim, tem total entendimento, o comprometimento deles, a forma como as atividades fluem, porque eles já entenderam o sentido da coisa, né, então eu acho que sim, o trabalho que a gente realizar ele impacta, sim, positivamente, porque é além da formação técnica, né, daquela matéria que a gente se dedica a dá, eu acho que a formação humana, que é o que a gente fala tanto, né, na Educação Profissional, a formação humana, ela tem que tá ali presente, então eu saio satisfeita quando eu vejo que a aula fluiu pra outros (risos) ares além daquele, apenas da disciplina (deixo só eu encaixar, aqui, risos...).

Ivana - Posso?

Nerijane - Pode.

Ivana - Nerijane o que é que você faria de diferente, se é que faria, hoje nas aulas de Educação Física escolar, na pesquisa, na extensão, nos treinos e nas competições? Que atitudes você não tomaria mais? Que você acha que tomou, que você acha que foi impactante pra você profissionalmente, enquanto profissional?

Nerijane - Quer que eu não faria mais, aí meu Deus (levantou a cabeça pensativa, rindo), é, é muito angustiante, por exemplo, essa questão das competições escolares, (risos) pra mim, porque você de certa forma tem que ali, segregar e selecionar, né, porque o que eu acho mais complicado e mais difícil é você querer montar um evento, e eu acho que o evento é importante é grandioso, mas a estrutura de recursos não ajuda o professor que vai na frente de grupo, porque a gente sabe que é um trabalho desesperador, quando a gente tem que organizar esses jogos, mas assim, eu nunca me arrependo de levar, mas sempre me desgasto muito no processo, então eu acho que se eu pudesse (mexe no cabelo, rindo) ter uma forma, num sei (levanta a cabeça e ri) montar esses times sem fazer, sem causar tanto sofrimento, tem uma hora que eu acho triste, porque você causa sofrimento, porque todo mundo gostaria de participar, e mais nem todo mundo consegue vir, e essa questão do orçamento que só tem dinheiro de levar trinta, se virem

vocês pra escolher quem vai, então isso, é uma hora, é algo que eu mudaria, eu não sei se eu faria esses jogos no formato que eles são executados, mas enquanto professor não tenho esse poder de determinar isso, mas eu acho que é algo muito angustiante, do jeito que é feito hoje, quando a gente tem que selecionar, quem vem de interior longe, é sempre uma coisa assim de sofrimento pra gente, porque todo mundo gostaria de ter essa vivência. A num sei se de repente montar eventos, estratégias de, de ter outras possibilidades dos alunos participarem, de não ser só aquele mesmo grupo que passa do 1º ao 4º ano compondo as equipes e viajando e tendo acesso aquela vivência, eu acho que essa parte é bem complicada (olhar pensativo), assim é uma parte que eu não gosto, (risos, triste), não de participar do evento, mas desse processo, eu acho esse processo bem desgastante...

Ivana - É estressante pra gente, é desgastante..., né, a gente ver alunos que poderia vivenciar outras coisas que a gente pode oportunizar, porque tem gente, por exemplo você tá falando do interior, tem gente que nunca foi na capital, que num viu um cinema (ela balança a cabeça concordando com minha fala), nunca viu uma praia, quantas vezes, eu fui de Currais e de Ipanguaçu, eu trazia os meninos aqui para fazer aula de campo, né, no Parque das Dunas e tal, né, na Paraíba, a gente levava, aí meu Deus professora praia não sei quer, né, muito impactante, né, e os jogos, de certa forma, proporciona isso (ela dá um sorriso e confirma com a cabeça), tem esse lado, mas tem toda essa angústia de nós profissionais, ..., é algo que a gente tem que refletir muito no nosso grupo eu acho que a gente pode encontrar alguma saída aí, né, não sei como, né, (ambas rimos), é difícil, ...

Nerijane - É eu não sei como, mas eu acho que, que é algo que deveria ser mais discutido, eu acho que é pouco discutido é, muito imposto, eu ainda não vejo esse espaço de discussão não, e é um imposto, assim, se virem total, (risos, nervoso). (Ivana - total, né, pra), que você tem, dá conta de tudo, além de trazer as equipes e treinar, você tem que procurar onde o menino vai dormir, o que o menino vai comer, se um menino quebra a perna aí você tem que levar pro..., então assim acho que é muito desgaste, né, tem que tá pedindo, implorando pra um servidor vir com você, porque todo ano é assim, ninguém quer vir, essa batata quente com o filho dos outros, então assim é um processo que eu acho muito desgastante, eu não sei (risos, nervosos), não sei como faria diferente, mas do jeito que tá não é bom (risos, nervosa).

Ivana - Com certeza. Quando eu projeto pra você, aí eu tirei, um pouquinho pra ficar te vendo, sabe, você percebeu isso, ou estava projetado as questões?

Nerijane - E tava você no cantinho.

Ivana - Tá, então tava só a projeção normal, né, (É). Eu fiz uma apresentação no Canva com algumas imagens, do meu trabalho, porque eu venho resgatando, recuperando..., a história da Educação Física, desde da década de 70, na instituição, mas eu venho neste período, porque foi em 1975 que nós tivemos a primeira aluna matriculada na instituição, em 1976 nós tivemos o primeiro concurso de seleção pra alunas, mulheres, né, aí esse percurso todo, em 1981 é que a gente teve a primeira professora efetiva de Educação Física (faz uma expressão de espanto com a boca, e atenta a minha fala), sabe, e aí pra você ver, a gente começou a, não sei se você chegou a ver, mas as escolas, as escolas técnicas de uma forma geral ela começou seu trabalho em 1909, e até hoje, vem tendo, nós começamos em 1910, mas fomos criados em 1909, e tinha professoras em outras modalidades, administradoras, ..., técnica administrativas, e tal, mas professora de Educação Física mesmo, lá no Campus Natal Central, que era único, só em 1981, a gente ver essa disparidade todinha, né. E aí eu fiz, vou pedir licença, de novo, aqui pra você pra gente compartilhar, tá projetando (Neri - tá sim), uma imagem de 1975, essa imagem você identifica algumas coisas nela, poderia descrevê-la?

Nerijane - O ginásio, né, e a praça das rosquinhas, sem as rosquinhas, aí (risos de ambas).

Ivana - Isso, ou mais oh, aqui temos (circulando os alunos realizando atividades físicas) os alunos fazendo..., aqui, o professor.

Nerijane - Simmm, fazendo Educação Física (risos). Eu achei que eram árvores..., (risos). Tô

vendo agora...,

Ivana - Essa imagem, e a maioria que você vai ver aqui, são imagens do Arquivo do Campus Natal Central, então, nós temos um arquivo lá que a gente tem imagens, documentos, uma série de coisas, e eu venho pesquisando tanto documentos, diários, eu tô na fase de diários, é essas imagens, já, já pesquisei lá, organização didática, tudo isso a gente vem fazendo essa relação, além do questionário e da entrevista, a nossa tese ela vai se compor dessas fontes. Essa imagem é de 1978, como eu falei as primeiras alunas foi em 76, 75/76, você poderia descrever um pouquinho dessa imagem, pensando de quando você foi aluna, se tem alguma relação, como é que era, que proposta era essa aqui?

Nerijane - Eu tô vendo aí, parece uma aula só feminina, né, não tô vendo nenhum menino, tá me chamando a atenção o uniforme (risos), o tamanho desse shortinho (risos), e tem uma mulher à frente, não sei se, não é a primeira professora é? (Ivana - não...), como se fosse aluna a frente do, da atividade, né, uma atividade de calistenia, aí, e os meninos, se não me engano, são meninos do outro lado, ali. (tem uns meninos no fundo da imagem e fiquei passando o cursor).

Ivana - Isso, muito bem. Essa, essa quadra aqui Nerijane é, quando eu fui aluna eu peguei essa quadra aqui, mas ela já era um pouquinho melhor, mas é aquelas quadras lá em baixo, né, aquelas três quadras, essa que tá na parte central, a gente chama quadra 02, e aqui (mostrando com o curso) é o local onde é o Midway, (Nerijane - sim), que na época era confecções Guararapes, uma empresa...

Nerijane - E quando eu fui aluna ainda era assim, eu acho. Não era Midway, tinha alguma coisa aí acho que era de fábrica, mesmo.

Ivana - Era, parecido, acho que tava começando a construir o Midway..., nos anos 2000. Essa (imagem dos meninos) é lá no ginásio, você poderia também falar um pouquinho dela.

Nerijane - Eu vejo só menino fazendo um alongamento, o professor conduzindo...

Ivana - (apresento a imagem da piscina em construção). Ela se admira e diz: (Nerijane - Eita que massa). Pra ilustrar os espaços. (Aí que lega, com um sorriso no rosto, admirada). Mostrei que ao fundo estavam as quadras e a construção da piscina. Ela foi inaugurada em 81, lá continuam os mesmos, a fábrica, pra você conhecer um pouquinho como era antes, aqui é o espaço de vivência (outra imagem com alunos no espaço de vivência). Não sei se você aproveitou esse espaço na época de aluna (Ela afirma que sim). Apresento uma imagem, alunos acendendo a tocha, e questionei: O que você vivenciou dos jogos internos?

Nerijane - Aaa, era maravilhoso (risos, com o semblante feliz). É, na verdade, era interclasse, no meu tempo, né, então os cursos de matavam, era uma coisa assim absurda, aquele ginásio só faltava vir a baixo, (uma expressão feliz e tensa). Eu nunca participei como atleta, mas eu ia pra fuzarca da torcida, né, que era sempre

Ivana - da torcida da Diaren, né...

Nerijane - Era muito animada, já era intercursos...

Ivana - Eu trago essas imagens pra vocês terem uma noção, primeiros jogos internos que a gente realizou, na instituição, foi 1976, e aí sempre houve uma sequência na abertura, né, a gente fica muito nas fotos que nós temos lá no arquivo, nessa daqui (foto de rainhas em frente ao jurado) na sua época o que, essa imagem lhe diz alguma coisa?

Nerijane - Eu não sei se é o que eu tô pensando, mas na minha época tinha a história da rainha dos cursos, (dá um sorriso).

Ivana - exatamente...

Nerijane - E as meninas desfilavam, as mais bonitonas do cursos (risos) e também era um moído grande esse desfile, essa confecção aí de que elegia esse Rei e essa Rainha, dos cursos.

Ivana - Então na sua época já tinha Rei?

Nerijane - Tinha. Tinha Rei e Rainha.

Ivana - Porque, o Rei ele começou a surgir já no final da década de 90, e início de 2000.

Nerijane - Eu entrei em 99, né, ...

Ivana - Só tinha Rainha...

Nerijane - Mas eu lembro de Rei, (enfática), porque eu lembro, que em alguns anos eu lembro de Rei...,

Ivana - não, isso...

Nerijane - O menino da minha turma foi candidato, eu lembro de arrumar ele, dá uma roupa pra ele desfilar..., ele era bem bonito.. (sorriso e ar de feliz).

Ivana - Exatamente, é isso que eu tô te falando, antes era só rainha, aí depois no final de década de 90, início dos anos 2000, aí começou-se a incorporar o Rei, certo? Pra você ter uma ideia a gente, teve um brasileiro aqui, Jebem, em 1972, a Rainha chegou, a abertura dos jogos foi no castelão, hoje Arena da Dunas, e a Rainha chegou de helicóptero, pra você ter uma ideia a noção que era, né, forte, as aberturas dos jogos como você diz, você não participava, mas você participava da organização, né de uma forma geral, tava na torcida ali. Apresento uma imagem de um jogo de handebol. Essa imagem é um jogo de Geologia contra Edificações, de handebol, handebol feminino, né, sempre procuro pegar mais as imagens relacionadas a prática das mulheres, aqui também (outra de handebol, com uma aluna olhando pra cima, com ar de tristeza, decepção). Questiono: Em relação as duas últimas imagens, você poderia fazer alguma relação dos jogos que você assistia?

Nerijane - Simmm, era, era sempre a presença da torcida, né, dos alunos que não participavam como atleta, a gente sempre era convidado a assistir a tá lá interagindo e, era um momento de troca bem bacana, assim, mesmo pra quem não estava competindo, era sempre um momento de muita interação, né, então eu gostava muito de assistir.

Ivana - (apresento a imagem do grupo de dança, que tem Karenine, e questiono:). Essa imagem?

Nerijane - Ahh, o grupo de dança (olhos brilham), de Karenine (risos e brilho nos olhos), aqui..., (risos) ela no cantinho, que não tinha vaga (risos, desbotada), (Ivana - (rimos juntas) e fiz o comentário: que você foi excluída), foi preterida.

Ivana - Mas tentou, né?

Nerijane - Tentei. Mas, não entrei, fui ..., reclamei com ela quando virei aluna dela..., (Ivana - foi, rere, rimos).

Ivana - Apresento outra imagem de grupo de dança e, digo: aqui já foi um pouquinho depois de Karenine, mas também é grupo de dança. Passo o cursor em uma das pessoas da imagem, e afirmo: essa daqui era professora, não sei se ela era estagiária, mas não sei se, porque ela não é do quadro sabe, só sei que ela passou um período lá com o pessoal de dança. Oh mais uma vez na abertura, aqui já tem o Rei, como você ver. (imagem com os reis e rainhas, na abertura dos jogos de 1999). Você entrou (Nerijane - em 99), em 99, mas no primeiro semestre ou no segundo?

Nerijane - Sim, acho que em março de 99.

Ivana - Então, você já pegou os jogos de 99. Aqui, também, já é, abertura do... coloco outra imagem da abertura dos jogos de 99, e em seguida dos professores de Educação Física no I EPEF, em 2016, e digo: aqui foi nosso primeiro EPEF, você tava na Paraíba, então, porque quando eu olhei no seu SUAP eu tinha entendido que você tinha vindo em 2016, mas foi 2018 que você.

Nerijane - 18, 16 eu entrei.

Ivana - Esse foi o nosso primeiro EPEF, que a gente realizou lá, lá no *Campus* Parnamirim, né, e aí depois teve um lá ..., daí a gente veio realizar em 2020. 2020 o segundo e o ano passado o terceiro, você chegou a participar?

Nerijane - O que foi virtual eu participei, e o ano passado eu não participei, começou no dia que meu filho nasceu, (risos) (e eu comento, ahhh), eu até mandei um resumo eu acho, mas não participei porque tava, foi bem no dia que ele nasceu...,

Ivana - Ahh, que legal. Pronto, aqui era umas imagens (mostro a última que ela com a família

dela, peguei do insta dela, ela dá um sorriso de alegria e supressa). Daí tomei a liberdade de pegar do seu (Ela diz, é público), né, isso, a expressão dela. E aí, é, eu queria que você falasse um pouquinho, né, vendo essas imagens, o que repercute aí na sua cabeça, o que que traz, tanto de aluna, como de servidora, dessa nossa vivência, dessa nossa prática, né.

Nerijane - Foi uma nostalgia boa, rever essas imagens, como eu disse é um lugar muito especial pra mim, de muita, que eu me formei mesmo como pessoa, porque você convive com pessoas de realidade muito diferentes, eu lembro de ter essa, da minha turma ter gente de diversas nuances, assim, pessoas muito diferentes, e isso forma, né, diferentemente de escola particular, meio padronizadinho, que todo mundo tem a mesma vivência, as mesmas coisas, aquele mesmo..., então assim, esses extremos acho que nos educam muito, pra gente ver a nossa realidade, vê, conseguir entender o outro, então eu acho que o IF, CEFET, naquela época, foi um espaço muito importante pra isso, pra eu sair da minha bolha (abra as mãos de forma expressiva), e, e conhecer o diferente, a diversidade, acho que sempre foi uma escola muito diversa, o comprometimento dos professores sempre foi algo que me chamou a atenção, eu confesso que nunca foi um sonho meu enquanto ..., profissional, me imaginar no IFRN, eu não ..., mesmo quando eu me projetei professora vou fazer Educação Física, porque era algo que parecia tão inalcançável, na minha cabeça, era algo... (risos), parecia algo..., era um lugar tão sagrado pra mim, que eu acha, nunca tive nem a pretensão de achar que eu poderia um dia voltar docente, mas a vida foi levando (movimenta as mãos em círculos, uma sobre a outra), por outros caminhos, né, e no dia que eu realmente voltei docente, eu ..., foi um dia bem emocionante pra mim, porque eu caramba eu voltei pra casa e vou voltar como professora nesse outro papel..., em relação com a Educação Física, eu queria enquanto aluna ter vivido mais coisas, ter tido a chance de ter aproveitado mais os espaços da escola, é, ter sido mais, acho que não sou eu, mas eu acho que da minha turma também, pouco gente teve essa experiência intensa com os esportes, a gente teve mais da formação, mesmo, profissional, é aula de campo, sessão lá naqueles laboratórios, é tanto que eu lembro de passar o dia, chegar de manhã e voltar pra casa à noite, tinham sempre muitas atividades do IF, mas mais da questão da formação mesmo técnica, do esporte, das vivências foram poucas, eu, eu gostaria de ter vivido mais isso, mas essa fase dos jogos é uma memória afetiva grande, porque realmente era muito divertido, era uma semana bem feliz, de muita interação, e, é isso, na minha prática docente eu tento ser essa professora (risos) que faz a aula ter, num ser aquele carma, vamos pra aula de Educação Física (fala compassada e balançando o tronco), eu tento ouvir meus alunos sempre, o que é que eles, que que eles esperam, como é que a gente pode fazer pra melhorar, sem ser também muito liberal, porque se a gente liberar eles só querem jogar bola mesmo, (risos, balancei a cabeça positivamente), então assim, tem que ser aquele, aquele jogo de cintura, mas de vez em quando gosto muito de fazer o festival de ginástica, um evento que move o *Campus* (empolgada na fala, mexendo a mão, expressivamente) e eles se matam, competindo e é uma coisa e, assim, aí eu vejo que a competição estimula eles, mas também, sempre prezo pra que seja uma competição saudável, que não ultrapasse aquele limite da (risos), do respeito, mas é..., eu sempre tento ouvi-los, o que que a gente pode fazer, de interação, para movimentar? Pra, pra que não seja aquela coisa maçante, cansativa, né, de, da rotina de, de aulas, né, então assim, sempre procurando aprender, eu gosto muito quando o pessoal compartilha coisas, no grupo, porque às vezes dão ideias maravilhosas, de coisas que um fez, outro fez, então acho que essa, essa troca é muito importante, e é isso (risos). Sempre correndo atrás, aí, pra dar conta.

Ivana - É a gente tá fechando, queria saber se você gostaria de falar mais alguma coisa, ..., no mais agradecer. Agradecer imensamente, pra mim foi muito bom esse momento...

Nerijane - Não, só espero ter colaborado..., com a sua pesquisa, que eu vejo que é um trabalho grandioso, né, fazer essa retomada, né, histórica, dessa participação feminina, é algo muito importante, muito necessário, pra gente entender (mãos em círculo, explicativa) o que a gente construiu e, o que tá, o que ainda pode fazer, um trabalho acho que muito necessário mesmo.

Parabéns pela iniciativa (risos). E, é isso.

Ivana - Obrigada, obrigada pela sua participação e dizer que você é ao, ao me autorizar, né, o uso do áudio e da imagem, você vai fazer parte dessa história, e do meu processo, nós somos coautoras nesse trabalho

Né.

Nerijane - Então eu desejo muito sucesso, que seja um trabalho, que você conclua maravilhosamente bem (risos), a gente sabe o quanto é suado esse processo de pesquisa, ..., eu vou começar agora...

Ivana - Eu vi que você fez da UF, deu certo?

Nerijane - Foi deu certo.

Ivana - Aii, legal, parabéns, e parabéns também (Nerijane - preparando o espírito..., risos e falando com as mãos), eu vi que foi seu aniversário, dia 04 agora foi seu aniversário? (Nerijane - foi, foi), parabéns também,

Nerijane - E é isso, vamos aí preparando o espírito pra terminar esse processo com saúde mental.

Ivana - Com saúde mental, o que é mais importante, você que tem dois, duas crianças.

Nerijane - Uma colega mandou uma mensagem tá com a terapia em dia? (risos)

Ivana - É importante.

Nerijane - Tô tá tudo certo, vai dá certo.

Ivana - Já sabe quem vai ser o orientador?

Nerijane - Cida, Cida Dias

Ivana - Ahhh meu Deus, maravilhosa.

Nerijane - É, maravilhosa, eu fiquei muito feliz, quando eu vi, eu disse aí meu deus.

Ivana - E, qual vai ser o tema da sua dis..., tese?

Nerijane - A gente quer falar da inclusão no *Campus* Macau, né.

Ivana - Que legal.

Nerijane - A minha proposta inicial, é promover uma formação, né, pros professores, do *Campus* Macau e, se possível, se a gente desenvolver bem ampliar, uma formação inclusiva, né, mais que vá além da, daquela formação pinceladinha, mas talvez produzir uma cartilha ao final, um processo de formação inclusiva que fosse mais intenso mesmo, de imersão mesmo com os professores, de construção de materiais pedagógicos, assim, ainda não conversei pessoalmente com ela, porque ainda vai ter o período de matrícula, né, pode ser que a gente discuta de mudar algumas coisas, mas a ideia central é essa...

Ivana - Que maravilha. Que Maravilha. Sucesso.

Nerijane - Trabalhar em construção, pretendo estender pra todos os Campi.

Ivana - Que legal, parabéns. Muito obrigada mesmo. Sucesso, sucesso na profissão, com os babys, né, que também é ralado, (risos de ambas)

Nerijane - Pois é, eu que agradeço a oportunidade e, o que precisar viu, só entrar em contato o que eu puder ajudar, e muito sucesso na pesquisa, viu? Quando for defender, avise pra gente assistir.

Ivana - Balanço a cabeça afirmativamente. Tchau, obrigada

Nerijane - Tchau.

ENTREVISTA COM A PROFESSORA PAULA NUNES CHAVES – Dia: 27/02/2024.

Local: apartamento da pesquisadora – Lagoa Nova

Ivana - Paulinha Nossa tese por enquanto está com o título: Mulher e esporte: uma história da atuação de professora de Educação Física no IFRN, considerando sua trajetória profissional. Por isso que você está na condição, no recorte que a gente fez de ser mulher, de ser egressa da instituição e atualmente está como professora. E, aí eu tenho um roteiro aqui com algumas questões, nós somos do PPGEP - Programa de pós-graduação em educação profissional, que é

daqui do Campus Natal Central, estamos na linha três, que é história, historiografia e memória da educação profissional, por isso que nosso trabalho está vinculado a memória, a historiografia das mulheres, que são professoras de Educação Física, certo? E, aí, a gente tem um roteiro aqui, que na realidade eu já fiz as questões em si, mas quero deixar você bem a vontade pra ser uma conversa, pra gente já..., até foi minha aluna, né.

Paulinha - Aluna, estagiária.

Ivana - Estagiária, né?

Paulinha - Estagiei, foi. Educação..., do ensino médio..., aqui do central.

Ivana - Tava terminando a graduação, né? A gente fez até um artigo sobre lutas, né? ...

Paulinha - Eu tenho até que ver isso, nem lembrava mais, foi das experiências lá dos alunos, da aula.

Ivana - Foi, foi. Tô lembrando aqui, agora.

Paulinha - É a memória, rsrs (risos de ambas).

Ivana - Pois é, é isso mesmo. E aí um dos autores que a gente aborda é Le Goff, Certeau,..., né, são os principais da história, historiografia e memória,..., meu Deus oh a memória...

Paulinha - Você falou que vai usar o meet, é só no final que você vai usar?

Ivana - É só no final, quando chegar numa questão específica.

Paulinha - Tá. Você ligou o negócio do word, na...

Ivana - Não, ainda não, vou voltar nela, porque aqui vai me auxiliar, porque aqui, eu queria te mostrar, porque a nossa tese, por enquanto ela está: **Às mulheres no esporte protagonizaram e participaram ativamente da constituição dele como princípio educativo na instituição, disputando o espaço de formação e de trabalho, com a hegemonia da cultura masculina respaldada por aparatos legais e culturais.** E pra defender essa tese, né, o principal foco é exatamente a questão, mas dá..., a metodologia é História Oral, e aí por isso dessas entrevistas com vocês. Certo? Mas pra isso eu quero iniciar primeiro, conhecer um pouco mais de você (ela sorrir), vindo..., dessa sua trajetória de vida, até chegar nessa sua escolha profissional, se a gente pudesse conversar um pouquinho sobre isso (ela concorda, dizendo, ham). E um primeiro momento que eu gostaria que você falasse, falasse um pouco da sua família, da sua origem familiar, filha única, não é, qual sua identidade, se você quiser comentar, enfim idade, nome, gênero...

Paulinha - Pronto, vou falando, se tiver alguma coisa que eu esqueça, você pergunta.

Ivana - Certo, tá bom, é sou pra deixar registrado essa tua origem.

Paulinha - Eu me chamo Paula Nunes Chaves, tenho 31 anos, me identifico como mulher, eu só do interior do Estado do RN, meus pais são de Olho D'água do Borges e, eu nasci em Mossoró, era onde tinha maternidade na época, e eu precisava, minha mãe precisa que era alto risco a gravidez, enfim, e eu morei até os 6 anos de idade, em olho d'água do Borges, com meus pais, sou filha única e, aí, eles resolveram se mudar para Natal e, eu estou aqui em Natal desde então, desde 1997, moro por aqui e, a minha trajetória do esporte ela começa com a Natação quando eu tinha 6 anos, justamente com essa mudança, né, que, dos meus pais, pra Natal, em busca da vida melhor, né, aquela narrativa do interior, enfim, de poucas oportunidades, e, eu era muito alérgica, sempre com muito problema respiratório e, aí quando eu vim pra Natal, o clima daqui, piorou a questão da respiração, e aí, eu tinha o nariz entupido, enfim, gripava muito e, o médico aconselhou que a minha mãe me colocasse na Natação e, eu comecei a praticar Natação quando eu tinha 6 anos de idade, e..., foi um esporte que me acompanhou na minha infância, na minha adolescência, eu gostava muito de nadar, me encontrava ali naquele espaço, eu sempre muito quieta, então, nunca fui dos esportes muito badalados ou coletivo, sempre fui mais introspectiva e me encontrei ali na Natação, né, um espaço que eu me sentia segura e gostava, né, de tá nele. E, eee minha mãe tentou me colocar no balé, também, mas eu não me..., não era, não me aproximei muito, num, não me apeteceu muito, aquela, aquela dança, né, preferi ficar na Natação, e na época, é, eu fiz Natação, acho que dos 6 aos 10, 11 anos, direto sem parar

e aí, participei de competições, aí, ganhei medalhas e tal, e aí, na escola, na época que fazia fundamental 1, depois Fundamental 2, não era obrigatório Educação Física, se você fizesse um esporte fora da escola, você levava a declaração, e você era isenta das aulas, e eu fiz isso, assim, né, porque as pessoas faziam, mas hoje eu vejo, que, né, (sorri) com a perspectiva que a gente tem hoje, né seria muito legal se eu tivesse participado das aulas, né, teria experiências, mais de movimentos corporais, provavelmente, teria muito mais né? Um leque maior.

Ivana - E nessa questão que você falou, um leque maior, você fez natação desde os 6 anos, mas como é que era a sua infância, brincadeiras com amigos, na escola, como é que era essa vivência, essa experiência da cultura do movimento?

Paulinha - Eu brincava muito, assim na rua, né. Eu senti muito a mudança pra Natal, porque aqui era mais presa, né, a questão da segurança e tal, né, no interior é diferente, né. Na época, principalmente, né, 25 anos atrás, no interior era muito livre, assim, brincava muito, subir nas árvores, assim, no quintal, na minha casa, e tal, eu era uma criança assim, que brincava muito, ao ar livre, e quando eu vim para cá é, ainda era numa época em que pessoas brincava na rua, hoje a gente não vê mais muito isso, né, pela segurança, enfim, as crianças estão cada vez mais presas, a questão da tecnologia, também, mas na época ainda tinha muita essa cultura de brincar na rua à noite, tipo assim, é estudava de manhã, e aí, as crianças da rua, alguns estudavam a tarde, mas à noite a gente se encontrava na rua, pra brincar, e aí brincava de esconde-esconde, os ticas, as variações dos ticas, brincava de coelho na Toca, sete pegados, essas brincadeiras Populares, jogos populares, eu me lembro muito assim, eu tive uma infância, mesmo com essa mudança para Natal, mas eu tive uma infância muito ativa, assim nesse sentido, dos jogos, das brincadeiras, brincava de bola, com os meninos, né, às vezes era a única menina a brincar, de jogar futsal, né, futebol, na verdade, né, na rua, a rua não era calçada, na época, no início, assim, e brincava mesmo, né, pelada na rua, de tardezinha, a noite, andava muito de bicicleta, também, gostava de andar de bicicleta, e eu ia de bicicleta, também, pra escola, então, eu, eu era uma criança que gostava, uma criança, adolescente bastante ativa, assim.

Ivana - Aproveitou muito bem, né?

Paulinha - É..., é assim, só a dança, que eu nunca fui muito próxima, da, dessas questões da dança, mas Natação, jogar bola (sinônimo de jogar futebol/pelada...), jogo, bicicleta, a questão do vôlei começou a tomar, na minha adolescência, comecei a gostar muito do vôlei, e isso impactou muito a minha escolha, né, pela Educação Física, ali pelos idos do ensino médio, né, porque eu sempre tive essa vontade, acho que essa vontade de ser professora, inclusive brincava quando era criança de escolinha, né, e eu era sempre a professora, então, eu sempre tive essa veia, assim, mas não tinha escolhido ainda a área, né, as vezes eu achava que eu queria biologia, às vezes Geografia, mas, aí eu resolvi não, vai ser Educação Física, aí eu, eu acho que esse meu histórico, né, com o movimento, acabou me levando também a essa escolha e essa paixão, né, pela Natação e pelo Voleibol..., na adolescência, nunca joguei, assim profissionalmente Voleibol, eu era bem amadora, só gostava muito de jogar, de forma amadora, então, inclusive eu entrei na faculdade com essa, essa história, com essa idéia de ser treinadora de vôlei, olha, onde é que fui parar (kaka, risos de ambas), estudando o corpo, sexualidade...

Ivana - Fenomenologia

Paulinha - Sexualidade, Fenomenologia, haha (risos), mas é a vida, são as trajetórias.

Ivana - Sim

Paulinha - Mas é isso, assim, o movimento sempre fez parte, desde a infância à adolescência, até hoje.

Ivana - Você estava falando, quando eu interrompi, (risos de ambas), é do ensino fundamental, né, 1 e 2, como foi essa questão lá, você era liberada da Educação Física, fala um pouquinho mais.

Paulinha - É, no ensino fundamental 1 eu nem me recordo assim, dessa obrigatoriedade assim, né, eu lembro que a gente saía da, era uma escolinha de bairro bem pequenininha, né, que a

gente não tinha muitas condições financeiras, mas meu pai tirava ali do suor e, pagava uma escolinha de bairro, e, eu, eu não, não me recordo, assim de aulas de Educação Física, eu me recordo da gente saindo uma vez na semana, na sexta-feira pra correr na rua, brincar na rua, assim, mas num, não que esse..., como disciplina, como, nesses modos, que tem conceito, tem conteúdos, era como se fosse um momento livre, assim, de você poder se movimentar e correr, isso no fundamental 1, e, no fundamental 2, eu mudei de escola, fui pra uma escolinha um pouquinho maior, mas também, nessa perspectiva de uma escolinha de bairro na Zona Norte, em Natal. E, lá foi quando começou a ter essa história de Educação Física, né, que era obrigatório, mas quem estava, fazia uma outra prática é, levava declaração e não precisava fazer, e aí eu sempre levava a declaração da Natação, né, que eu fazia 2, 3 vezes por semana, e aí a escolinha me dava, e aí, eu levava e, aí eu não fiz, infelizmente, Educação Física no ensino fundamental, porque eu passei os 4 anos na mesma escola e, sempre este sistema.

Ivana - Público ou privado?

Paulinha - Era privado. E aí foi quando eu entrei no IF, né, e no IF também continua ser obrigatória, mas aí já não tinha a história de levar declaração, e também eu sai da Natação nessa época, né, foi muita mudança aí eu parei de nadar voltei somente no 3º ano do IF, do CEFET, na época, deu uma acalmada eu resolvi é começar a treinar, na verdade participei da seletiva e fiquei treinando com a equipe.

Ivana - E chegou a participar de alguma competição pelo IF?

Paulinha - Participei de um EDECENE, na época, né? Que era EDECENE...

Ivana - 2009

Paulinha - Foi 2008

Ivana - 2008.

Paulinha - 2008, eu estava no 3º ano.

Ivana - Você chegou a ir para Petrolina?

Paulinha - Foi Petrolina.

Ivana - Eu fui

Paulinha - Você foi. Eu lembro, hahaha (risos)

Ivana - Eu ontem tava procurando as fotos, né, pra ver se eu conseguia encontrar alguma sua, mas não encontrei...

Paulinha - É ..., eu era muito quieta, muito introspectiva, na época, provavelmente você não vai encontrar foto, hehehe (risos), minha, mas é eu fui pra natação, né, e eu lembro que a gente ficou com a equipe de basquete e tal..

Ivana - Hu (concordando).

Paulinha - E foi no IF, no CEFET de Petrolina, né, que a gente ficou hospedado, lembro, foi a primeira vez que eu viajei pra fora do Estado, sem meus pais, é... (risos de ambas), é pra fora do Estado e sem..., foi sim, eu lembro que eu gostei muito dessa experiência, de Petrolina...

Ivana - Já tava no 3º ano?

Paulinha - Já

Ivana - Como é que foi a Educação Física no 1 e 2º anos aqui no IF? E, porque, desculpas, antes, e porque escolheu o curso de controle ambiental?

Paulinha - Eu acho que foi uma escolha assim não muito pensada, eu acho que dentro as possibilidades que tinha, assim, eu não tinha muita consciência, do que se tratava o curso, sabe, não tinha muita informação, como a gente tem hoje, num tinha, o espaço assim das redes sociais, enfim, num tinha isso, na época, né, hehe..., então a gente fazia meio que assim na, no filem, né, informática eu acho que não é minha praia, turismo também não, e aí eu gostava da natureza, né, vou fazer controle ambiental, assim foi um curso completamente diferente do que eu achava que era, né, assim foi por outro caminho que eu nem imaginava e, aí acho que por isso eu me desencantei com a área e resolvi também ir pra docência, né, ser professora.

Ivana - Mas a escolha da, do CEFET, foi porquê? escolher a escola.

Paulinha - Assim desde que eu me entendo por gente que a minha mãe fala do CEFET, né, na época, CEFET, ela sempre quis que eu estudasse lá, e, além de ser uma escola pública, de qualidade, e aí não tinha a questão também de ter que pagar, né, porque a gente pensava muito nisso, assim, ensino médio fica mais caro, escola privada, e tal e, a gente se, muita, sem muito aporte financeiro, então a minha mãe ela sempre, eu acho que ela sempre pensou nesse investimento, desde que ela me colocou na escolinha particular lá perto de casa, e comecei a ir pra o fundamental 1, fundamental 2, e sempre me, me, é, instigando muito a estudar, né, minha mãe ela, assim, ela não, ela só concluiu o ensino médio, eu acho que ela queria muito ter feito uma faculdade, mas na época ela não conseguiu e, eu acho que ela lutou muito para que eu conseguisse, né, e sempre desde o início, desde que eu comecei a estudar, você tem que estudar, seu, seu casamento em primeiro é o estudo, enfim, ela sempre teve uma mentalidade muito progressiva, assim nessa parte, sabe, de me influenciar muito positivamente nos estudos, assim, dá foco nos estudos, e eu fui indo, né, e ela sempre, não, vou botar você num cursinho, pra você estudar, pra você ir pro IF, CEFET, né, pra passar no CEFET, assim, foi uma alegria imensa, né, quando eu consegui, eu passei, eu lembro que não, como não tinha essas coisas de internet, na época tão fácil, a gente veio de ônibus da Zona Norte, para ver o resultado pregado na parede aqui, hehe (risos), do Natal Central, porque na época não tinha o IF da zona norte, ainda, eu acho que estavam terminando de construir. Aí a gente veio até aqui de ônibus pra ver o resultado ..., aquela coisa assim, muito bom, né, (ri) e muito fruto desse investimento, né, que ela fez desde sempre, nos meus estudos, nesse discurso dela né, é muito forte, né, eu deveria estudar, estudar, estudar e era primordial isso, né, pra minha vida.

Ivana - Você estava falando, né, e eu voltei um pouquinho a questão da Educação Física, como é que foi no primeiro e segundo ano, para você, você disse no terceiro ano você entrou na equipe, fala um pouquinho dessa questão, que você rememora, que vivenciou a Educação Física, quais eram os professores, se você lembra? tinha professoras mulheres, como é que é, não tinha professoras mulheres? Como é que era?

Paulinha - Não tive professoras mulheres, no 1º e 2º ano, do CEFET, é a minha primeira, na verdade, primeira referência de professora Mulher, no CEFET é você, quando você entra, eu acho que eu já tava no terceiro ano, e aí, eu ia pra suas aulas, inclusive, de voleibol, que eu nem pagava mais Educação Física, porque não precisava mais, mas eu ia só pra estar, né, ali porque gostava do voleibol e, vou assim, era uma referência, porque, das, do 1º e 2º anos, acho que por uma questão de formação, também, né, eram, eram professores mais idosos já, mais assim, já tiveram a formação bem antes, num tinha assim essa preocupação com essa diversidade, das práticas de cultura de movimento, sabe, era algo mais, assim, naquele sistema, né, de ah vamos fazer atletismo, ah o, o futsal, queimada, então, assim, não me lembro de muitas experiências muito diversas em Educação Física, nesse período, 1 e 2º mesmo, no CEFET não, foi, foi algo muito tradicional, nos moldes tradicionais, essa experiência...

Ivana - Você, no conhecimento que você tem hoje você identificaria já que perspectiva era aquela? Você conseguiria dizer?

Paulinha - Acho que mais esportivista, assim, né, que tinha o pessoal que ia pros treinos e tal, e era muito assim, meninas que quiserem jogar voleibol e os meninos querem jogar futsal, tá de boas, né, num tinha essas coisas assim, não lembro de aulas teóricas e de conteúdos mais críticos, sabe, era mais eminentemente prático, experiências práticas e experiência não tão diversas. Então, eu acho que era essa perspectiva aí mais, né, esportivista, de aula tradicional de Educação Física, claro hoje, com meu olhar de professora, (risos), na época não tinha esse olhar, (risos), obviamente, mas lembro que eu não gostava muito, hu, (risos) daqueles moldes ali não, de chegar no campo, ah tem que dar aqui 4 voltas no campo, e eu asmática, e, enfim cansava..., pois é não era muito boa a Educação Física, naquela época não, eu vim me apaixonar ali pelo vôlei, e talvez é, pela Educação Física mais tardiamente, né, nesse processo de formação mesmo que eu tive, assim, mas no IF, não me lembro, eu lembro que era mais tradicional, na

época, né. E aí, eu lembro que você chegou e, a perspectiva das suas aulas eram mais diferentes, eu lembro que tanto que eu me aproximei ali, também, eu acho que eu já estava, com essa, né, ideia de fazer Educação Física, também, e aí conhecer um pouquinho mais, né, de outras perspectiva e tava querendo ser professora de voleibol, hahaha, (risos)

Ivana - Eu queria ser de atletismo

Paulinha - Tá vendo oh, (Ivana - né), são as experiências, né..., (Ivana - é, haha) e aí vai mudando, né, o quadro...

Ivana - Como era nessa época que você era aluna, foi de 2006 a 2009! Você pegou a transição, 2008 a gente passou de CEFET pra IFRN,...

Paulinha - isso eu sai em 2009, 2008 mudou.

Ivana - Exatamente. Você pegou essa transição, você recorda como é que era a organização, isso lógico, que quando a gente fala isso, né, não era lá naquele período, você fazendo uma análise hoje, rememorando lá, é como é que era a questão da organização curricular, disciplinar, como um todo da escola, e da Educação Física já falou um pouquinho, né, mais, mas como um todo da escola, organização curricular, tanto do seu curso de disciplina, de postura de professores e alunos, assim geral, você consegue...

Paulinha - Tenho memória, assim não, haha (risos), dos professores assim, engraçado as minhas memórias são mais no movimento, né, nos esportes, assim, eu lembro que a gente, uma coisa que eu esqueci de falar é, jogos, e assim lembro que a gente tinha, tinha arte, né, já tinha, eu acho que já tinha essa formação mais, tinha claro, obviamente, essa formação mais ampla, né, arte, filosofia, sociologia, além das disciplinas técnicas, né, não gostava muito das disciplinas técnicas é, é um ambiente muito masculino, esse ambiente técnico, assim, de professores, ali também já mais experientes, que não tinham muito abertura didática, alguns, né, obvio que tinham alguns mais jovens também entrando com outra mentalidade, mas tinham digamos assim com a perspectiva mais arcaica de ensino, né, e tal, acho, acho que foi um período de transição mesmo, das novas tecnologias chegando, né, então, assim, acho que você definiu bem, foi realmente um período, um divisor de águas assim, CEFET pra IF, mas eu não tenho muitas lembranças não, assim, do curso como um todo, você quiser pincelar algumas coisa mais específica, pode ser que eu lembre, mas...

Ivana - O seu curso, a Diretoria que é do seu curso é a Diaren, ...

Paulinha - Diaren, recursos naturais

Ivana - E é uma Diretoria reconhecida, assim, por fazer muitas viagens de campo, o seu curso fazia?

Paulinha - Eu só fiz uma. Na verdade, a gente tinha uma briga, a gente brincava, né, porque ...

Ivana - Geologia e Mineração que tem...

Paulinha - Geologia e Mineração que viajava, né, a gen..., eu brincava com as meninas, assim oh..., eu, eu fiz o curso errado, né, porque o pessoal de geologia e mineração vivia viajando e a gente fazia, nossas aulas de campo era pra CAERN, é, que é do lado aqui, né, fez uma aula de campo pra uma ETE - estação de tratamento de esgoto, então, assim, uma vez a gente foi pra um lixão hamhamham (risos) e, eu ficava brincando eu fiz o curso errado, o pessoal tá na Paraíba, tá num sei aonde, e a gente aqui, na CAERN, né, e uma vez a gente assim, fez uma aula de campo fora de Natal, fora dessas, a gente foi uma que foi pra Martins, Martins e Portalegre, foi fazer, foi a professora que levou a gente, ela dava a disciplina, acho que era, análise de águas, e aí a gente fez o projeto de analisar as águas das nascentes de Martins e a gente pernitoitou lá em Portalegre, Portalegre, .., enfim foi uma aula de campo de dois dias, e ..., foi uma experiência bem bacana, mas foi só essa assim de sair, fora da cidade e, teve o EDECENE, né, essas duas experiências...

Ivana - E aí o EDECENE já foi como atleta, né?

Paulinha - É, e uma semana, né, foi oito dias eu acho

Ivana - Pra mim foi muito emblemático...

Paulinha - aquele EDECENE?

Ivana - enquanto profissional, eu tava entrando, né, na instituição

Paulinha - Uhum, foi o primeiro, então?

Ivana - Substituta. Era substituta

Paulinha - Uhh, ahh, eu pensava que já era efetiva, na época.

Ivana - Eu me efetivei em 2010. Terminei de substituta passei pra efetiva.

Paulinha - É, então quando você foi minha professora, você era substituta?

Ivana - Era

Paulinha - E aí quando eu voltei pra estagiar você já era efetiva, (Ivana - já), foi em 2012, né, por aí.

Ivana - Era, eu já tinha passado um ano e meio no interior, fui pra Ipanguaçu, fui pra Currais, depois voltei pra cá.

Paulinha - Han, então foi por isso, aquele EDCENE, foi o único que eu fui, porque no quarto ano eu, eu sai da nataçao, porque eu achei que eu não fosse dá conta, né, de treinar, porque eu treinava era todos os dias, de segunda a sexta à noite, e aí eu estudava de manhã, passava o dia na escola, aí chegava em casa quase dez, nove, dez horas, né, porque tinha que pegar ônibus, ir pra casa ainda, zona norte, então assim eu tava muito cansada, e aí era ano de TCC, estudar pro vestibular, porque eu peguei o último vestibular, na época e, aí eu acabei saindo da nataçao, porque não dei conta, de tarde eu comecei a fazer um cursinho, né, e também não dei conta de terminar, acho que passei uns três meses só, no cursinho e, sai, fui fazer o TCC e, aí, não sobrou tempo, né, (risos) pra me dedicar a nataçao.

Ivana - É muito puxado, né

Paulinha - É o último ano, é bem puxado. E, aí infelizmente não dei continuidade aos treinos, né, o que eu fiz no 3 ano, porque era muito bons

Ivana - Era o professor Dourado, né?

Paulinha - Era Dourado, era. E, aí, era o masculino e o feminino, né, junto lá.

Ivana - Paulinha e como era lá, é lógico que sempre memorando com a experiência que você tem hoje, quando a gente faz a questão, né, (Paulinha - uhu), você consegue memorar como era a sua compreensão de corpo, observando hoje, lá naquela época? Sentia alguma pressão dos colegas, alguma cobrança? Como é que você..., tanto da escola como fora?

Paulinha - Na verdade eu era um, eu fui um adolescente muito introspectiva, assim, não tinha consciência, assim, obviamente do meu corpo como eu tenho hoje, né, era muito pouco consciente, hehehe (risos), tá do meu corpo assim, biológico, cultural, histórico, de experiências, afetivo, né, sexual, e tudo mais e tal, eu vejo que, foi um período muito, que eu, na verdade é não tinha liberdade, não, não, não era um corpo livre, assim, não, não tinha uma imagem corporal bacana de mim mesma, então assim, eu me escondia muito, eu num tinha essa liberdade, assim, essa, essa coisa da fala, por exemplo, né, e aí eu fico me perguntando como é que eu virei professora? né, porque na época realmente tinha muita dificuldade (enfática) de colocar isso no corpo, né, assim, em cena nas apresentaçõessss de trabalhoooo, de seminárioooo, tinha uma, uns trabalhos de artes com encenação também, e, assim eu tinha muita dificuldade, de expressarr (enfática) meu corpo, né. Não somente a expressão verbal, a expressão corporal como um todo, o gesto, eu era muito contida, acho que essa é a palavra, que define, assim, meu corpo na adolescência, era um corpo contido, um corpo envergonhado, que não, que não colocava sua potência, ali para fora, não expressava essa potência, é eu fui encontrando essa forma de expressão ao longo dos anos, hehehe (risos), e acho que a própria graduação, também, né, (Ivana - ajuda muito, né?), os estudos do corpo que eu fiz, né, durante esses vários anos, né, ...

Ivana - Você, recorda, se em algum momento, vou usar a expressão, que se utiliza muito hoje, né, bullying, você acredita que tenha passado por bullying? Por causa do seu corpo?

Paulinha - Bullying..., não, não assim, eu dei a sorte de entrar no IF e, ter um ambiente muito

acolhedor, né, embora eu fosse muito contida e tal, assim no ensino médio eu tive aquele grupinho de amigos que é o seu apoio né, e assim, no IF, eu não me recordo de ter sofrido, né, assim, bullying, sofri ali um pouco no ensino fundamental, né, que as pessoas sempre mexem, né, um pouquinho com você ali, e tal, e eu talvez por isso, eu tenha ficado mais contida ainda, né, que eu não queria ser o centro das atenções, né, queria ficar na minha ali, as pessoas não me enxergasse, haha (risos de ambas), queria ficar esquecida, né, no IF não tive esse problema, no ensino fundamental um pouquinho assim, sempre, né, os meninos arranjavam alguma característica ali pra brincar, mas ao mesmo tempo, né, eu, assim em termos de padrão corporal eu não, eu nunca fui tão fora desse padrão, assim, em termos de peso, sou branca, né, cabelo loiro, então, assim, não fui uma pessoa que mexeram muito comigo, ..., algumas vezes eu ouvi alguns comentários com relação a, digamos a um corpo que não é tradicionalmente feminino, não, não expresse uma feminilidade tradicional, como se esperar, né, dentro aí dos moldes, do feminino e do masculino, e a gente sabe que o espectro de masculinidade e feminilidade é gigantesco, né, não existe apenas o extremo, existem várias formas de ser masculino e feminino, mas essa, essas discussões era muito incipientes, na época, e na escola principalmente, então assim, eu acho que teve um pouco disso no ensino fundamental 2, principalmente, ali, né, início da adolescência, mas quando eu entrei no IF eu me senti mais acolhida nesse sentido da diversidade, né, corporal, de...

Ivana - Mas você se sentiu acolhida por todos? Por todas as categorias? Alunos, professores e servidores?

Paulinha - Sim, não me recordo assim de não me sentir, é, num me recordo de nenhum episódio assim, no IF, com relação a isso, não, de exposição e tal, não me recordo, eu acho que era um ambiente seguro, assim, com os meus amigos, mas talvez porque também, Ivana, não se conversava muito sobre essas particularidades na época, né, assim, com os professores, não se tinha esse, essa discussão, que cê tem hoje, né, mas aberta, assim, sobre essas diversidades corporais e de expressão, enfim de gênero e tal, se vive hoje outros tempos, né, na época acho que existia assim, no silenciamento, né, não se conversava sobre, não me lembro de ter espaço, ...

Ivana - Nem, nem um professor que tenha despertado? Do IF, específico?

Paulinha - É.

Ivana - Teve algum professor?

Paulinha - É, teve uma época, assim que eu, que eu fiquei meio depressiva, sabe? dentro ali do IF, do ensino médio, questões pessoais minhas, ali, de descoberto do meu corpo, dos meus afetos, de como eu ia me portar no mundo, esse processo que, a gente tem, e eu lembro de ter passado, assim, por um momento bem difícil, bem complicado, pessoalmente, e eu lembro de uma professora que ela percebeu, que eu não tava bem e, ela me perguntou, né, assim ela prestou atenção, e aí, conversou um pouquinho, assim comigo, mas nada muito profun..., aprofundado, não, mas eu me lembro sim, desse, eu achei muito afetuoso, né da parte dela, de se preocupar, né, e de perceber, a gente tem, professor tem esse olhar, né, alguns professores (risos), mais atencioso, assim, a gente as vezes percebe, né, que o aluno não tá bem, enfim, às vezes é um aluno, eu era estudiosa, né, bem nerd, na época, hahaha (risos), e aí, ela percebeu que eu não tava bem, não tava, não prestando atenção na aula e tal, na época não lembro de ter assim, esse acompanhamento, essa coisa de Psicologia, também,...

Ivana - Tinha, você não teve oportunidade

Paulinha - É, não tive acesso, não sei se faltou informação ou se eu não quis ir...

Ivana - É.

Paulinha - Ao encontro, de desse processo, né, mas lembro que atravessei esse período assim, mas sozinha e com meus amigos, né, num...

Ivana - É, isso que eu ia te perguntar, você, porque assim como eu fui tua professora, eu não conhecia você, né, mas eu percebia que você tinha um grupo, as meninas do futsal, né, ali, tava

sempre ali com você...

Paulinha - Na verdade não, na verdade o meu grupo era, era da minha turma e, nem era dos esportes, eu vim conhecer as meninas do futsal já depois, eu acho que o EDCENE foi uma porta de, de, que assim, abriu para outras amizades, fora da minha turma, porque como eu era muito introspectiva, eu não era muito popular da escola, hahaha, então meu grupo de cinco pessoas, na minha turma mesmo, de aula que a gente fazia os trabalhos, enfim, que saia conversar, de amizade, que era o quinteto, né, que a gente se auto intitulava, e no terceiro ano, quando eu fui para o EDCENE, aí eu conheci mais gente de outras turmas, né, e..., tinha as meninas do futsal e, enfim, a gente acabou se aproximando a partir, eu acho que desse EDCENE e, também, algumas dela, Maiara, por exemplo, foi para graduação também, Educação Física, na minha turma, então, a gente foi para a mesma turma, (Ivana - mesma turma?) é, a gente fez a graduação juntas, né, e aí foi aproximando aquela relação... (Ivana - Bruninha, também?), Bruninha entrou, um ano depois, mas também, foi, né, então a gente tinha esse laço, e acabou se intensificando mais na uf, do que no IF, no IF foi mais, assim se conhecer, entende? É as meninas do futsal, torcer, né, por elas e coisa e tal, aí esses laços foram sendo é, mais aproximados na graduação...

Ivana - Paulinha você ainda é novinha, né, pra mim é novinha, (risos de ambas), você, você pelo questionário que você colocou, pelas respostas, é, foi seu primeiro trabalho, o IF?

Paulinha - Não, eu trabalhei quatro, uns quatro, cinco meses na prefeitura, porque eu passei no concurso da prefeitura, porque eu tava no mestrado, aí, tinha bolsa, aí eu ia acabar o mestrado, ia acabar a bolsa e eu ia ficar sem ter nada, e aí chamaram esse concurso, que tinha na prefeitura, aí eu assumi o concurso, no finalzinho do mestrado, e aí comecei a trabalhar com o ensino infantil no CEMEI e, eu não, não consegui me adaptar, eu não, não gosto de trabalhar com o ensino infantil, não é minha praia, gosto de trabalhar (risos) com as pessoas mais velha, né (Ivana - Aham), de ensino médio pra lá, só que era o que tinha, né, então eu sofri muito nesse período assim, me adaptar, tentava dar meu melhor ali, mas sabia que não, não era aquilo que eu queria, e aí foi quando eu passei no doutorado, aí eu consegui a bolsa do doutorado, porque eu meio que emendei, né, mestrado com o doutorado, meio não eu emendei, terminei um comecei o outro, e quando eu consegui a bolsa do doutorado, aí eu pedi exoneração da prefeitura, porque eu sabia que não era aquilo que eu queria e ia me dedicar para o doutorado, então eu trabalhei esses 5 meses, na prefeitura, e quando eu estava no meio do doutorado é, me chamaram pra o Estado, e aí eu fiquei com medo, né, porque a gente tava vivendo um momento político, muito complicado na época, e aí eu fiquei com medo, é bolsa, não é pra sempre, então assim, eu assumi o, o Estado, e aí em 2017, eu assumi o Estado, no início do ano, tipo fevereiro, por aí, de fevereiro pra março, e aí quando foi em setembro de 2017, no mesmo ano, o IF, me chamou, então eu passei, também uns 5 meses só no estado, aí o IF me chamou em setembro de 2017, e aí eu fui pro IF, mas eu trabalhei no estado, na prefeitura, um pouquinho, mas trabalhei.

Ivana - Então, essa, essa, na realidade você investiu bastante, né, na parte acadêmica, de sua formação, né, como você acha que essa sua experiência vem colaborando sua atuação profissional no IF, de que maneira?

Paulinha - Minha experiência acadêmica?

Ivana - Sim.

Paulinha - Minha pós, as pós? Total, né, assim, total, ahh, realmente eu fiz um investimento bem alto, e assim, em temáticas que são, que eu julgo que tem importância para a escola, corpo, gênero e sexualidade, educação, então, sexo, conhecimento sobre o corpo, impacta a forma, né, como, como eu ministro minhas aulas, os conteúdos, eu sempre gosto de trabalhar as questões de corpo, gosto de usar o cinema, porque, eu trabalhei com cinema, também, no mestrado e no doutorado, então eu acho que o cinema é essa forma, né, de olhar, diferentemente, da matemática, e de sensibilizar, também, os alunos, para sistêmicas do corpo, da diversidade,

então, assim, impacta profundamente diretamente, né, o meu fazer pedagógico, na escola, meu olhar, eu acho, pras os alunos, esse olhar mais atencioso, esse olhar mais é, é próximo, né, (Ivana - sensível), é mais sensível, né, essa educação mais sensível, né, que a gente trabalhou aí durante esses 7 anos de pós-graduação, mas, sobretudo sobre o corpo, né, a experiência do corpo, as subjetividades...

Ivana - Você tá falando da sua, que é umas das questões que a gente, colocou aí, da sua atuação profissional, se fala da experiência (Paulinha - sim), é, fala um pouquinho mais da experiência, que você teve, de sua atuação profissional, né, é, desde lá da graduação, em estágios, se você pudesse aprofundar, até chegar no IF e, como é que tá no IF? E se essa experiência, esse seu investimento, ele, ele impacta, você acredita que ele impacta, os alunos e de que maneira?

Paulinha - Uhum. É, assim, eu fiz estágio, numa escolinha privada, os primeiros estágios, do fundamental, né, infantil, infantil, foi no CENEI, perto da minha casa, da zona norte, quando eu morava lá,...

Ivana - onde você estudou?

Paulinha - Não. (risos de ambas), tem uma amiga minha que trabalhava lá, e aí, eu fui fazer lá, e aí eu fiz o fundamental 1 e 2, também, na escolinha particular, perto, lá da zona, na zona norte, e aí, assim, tem coisas que sempre me chamaram a atenção, né, nessa escola, por exemplo, que eu fiz o estágio, é já começou a me chamar atenção a questão do gênero, na, né, nas aulas, tinha uma menina que jogava futsal com os meninos, e aí, a professora que tava lá, não dava tanta atenção, com relação a isso, ah aquela é Maria homem gosta de..., e aí começou já me, assim, a, a...

Ivana - Despertar

Paulinha - Despertar, né, assim, pra essas discussões, que elas são importantes, né, pra iniciação na escola, ee na época eu, eu era, tinha iniciação científica, trabalhei, trabalhava com saúde, no início da graduação, mas depois eu fui pra o PIBID, e no último ano da graduação, eu consegui uma bolsa de iniciação científica, né, com Alison Carvalho, que era para trabalhar justamente gênero e esporte, e aí eu comecei a me encantar mais ainda, pra essas discussões, que eu já vinha, né, percebendo assim, muito forte, nas experiências dos estágios, nas experiências da própria graduação nas disciplinas, e aí, a gente começou a trabalhar, analisar filmes, né, e fazer essa pesquisa sobre gênero e Esporte, fez alguns trabalhos, alguns, pra congresso, alguns artigos, e eu lembro que meu TCC, também, foi por esse caminho, a gente trabalhou com voleibol, né, sexualidade e voleibol, a gente entrevistou um time de voleibol, da época, aqui em Natal, né, e foi, foi bem legal assim, bem interessante esse, esse trabalho, e eu vi um pouco, essas pessoas, esses corpos diversos de se vê, né, e aquilo foi, né, me, enfim, me deu vontade de aprofundar cada vez mais essas discussões, e aí, veio o estágio, também, aqui no IF, no CEFET, na época (era IF, mesmo), eu lembro que a gente trabalhou com boxe, que é um conteúdo, assim um pouco escanteado e, tem a questão da, da própria lutar, ser um conteúdo ainda generificado, muito voltado pro masculino, né, enfim...

Ivana - Você trouxe um vídeo também, né, uma parte do filme...

Paulinha - Eu acho, não lembro se foi menina de ouro, eu passei inclusive o ano passado pra os meninos, meus alunos, meninas de ouro. Eu gosto de sensibilizar com esse filme também, e aí, já tinha essa, essa, eu acho que o artigo que a gente escreveu também, tinha essa, essa discussão do gênero, né, das lutas, dentro da escola, e aí eu fui por esse caminho, né, e, e o mestrado aprofundei, com a Teoria Queer, também, a discussão do gênero, né, sexualidade do corpo, e fiz essa ponte, né, esse diálogo da Teoria Queer com os escritos de Merleau Ponty, o que cada teoria dessas nos tinha a dizer sobre corpo, sobre sexualidade, e como é que isso poderia ajudar a Educação Física, a pensar sobre esses corpos, então, aí eu comecei no mestrado a trabalhar com Merleau Ponty, também, né, porque até então eu não tinha aproximação com a filosofia dele, com a Fenomenologia, e aí foi pro doutorado também, essa..., só que no doutorado a gente aprofundou mais essa questão do corpo e da sexualidade, a questão de gênero ficou um pouco

de lado, né, foi mais assim a questão é, gênero, ou desculpas, corpo, sexualidade e educação, também com cinema, eu lembro que a gente fez uma experimentação pedagógica, lá na, no IF de Nova Cruz, eu levei alguns filmes da minha tese, e aí, a gente passou para alguns alunos, e aí, esses alunos deram um feedback para a gente, também, a gente fez um formulário, né, e foi bem bacana, assim, eles nos dizendo o quanto os filmes, eles sensibilizaram pra algumas questões que eles nem pensavam, né, eu lembro que a gente levou a garota Dinamarquesa, né, que era um filme, da época, tava bem, fazia parte do *corpus* de análise da minha tese também, então, assim foi uma experimentação bacana, também, para mostrar o quanto esses, né, esse, quanto o filme tem essa potência educativa também, e a minha tese é justamente essa, a minha tese, na verdade o desejo educa, né, e o desejo para Merleau Ponty, é o que nos leva ao outro, essa experimentação do outro, então quando eu experimento o outro, quando eu me relaciono com outro, né, com o diverso, com o outrem, eu me educo, eu me transformo, né, educação enquanto transformação, eu consigo ver de outras formas o mundo. Então, cinema é um outro, né, que me educa, um outro corpo diverso, diferente do meu, também, me educa, né, quando a gente tem essa, esse processo, de experimentação, desses outros, então, eu vim por esse caminho aí, a tese, né, usando o cinema, como esse método, também, de olhar o corpo, e, enfim as expressões, os gestos, a sexualidade, os afetos, então acho que a trajetória ela me levou, né, acho não tenho certeza, né, que essa trajetória, me levou pra professora que eu sou hoje, né, por isso que eu tento ser, né, (risos), eu tento ser, ficar mais atenta, assim a essas questões, tento ficar mais atenta a essas discussões na escola, nas aulas, né, que a gente sabe que tem pouco, né, professor disposto a, a gente viveu um período completamente obscuro, né, agora, em que isso, também, era bem complicado

Ivana - E não querem deixar, né, a peteca, cair...

Paulinha - Pois é, né, e aqui foi bem difícil, né, mas passou, assim, o pior, e é isso, não sei se respondi a sua pergunta, mas...

Ivana - Respondeu sim, nem te ofereci água, ...

Paulinha - Não, quero não Ivana, agora não, (Ivana - deixa eu abrir aqui, calor, tá calor aí?), não tá não, eu vou querer uma aguinha. (Ivana - Gelada, misturada?). Pode ser, ser misturada. Risos...

Ivana - Eu acho que sim, minha querida, e eu acho, eu acho, que impacta positivamente, e você?

Paulinha - Eu...

Ivana - Toda essa sua experiência, essa sua atuação que você teve com os alunos...

Paulinha - Com certeza, não só, não, não só com os alunos, mas em mim também, com certeza. A Fenomenologia, fenomenologia tem isso, né, é uma atitude de vida também, vai, vai lendo, vai estudando e vai se transformando também... faz parte do processo.

Ivana - Você falou..., mas eu queria que a gente voltasse um pouquinho mais, e aí, em você buscar lá na sua memória mesmo, (risos) os professores de Educação Física, no seu período, quais eram que você lembra?

Paulinha - Você quer lembrar, você quer o nome deles?

Ivana - Eu queria que você, se você lembrar, tudo bem, né, se você fizesse uma relação, até mesmo se você conseguir lembrar do quantitativo mesmo, de mulheres e homens, mesmo.

Paulinha - Eu posso dizer os nomes?

Ivana - Pode, sem problema,

Paulinha - Porque eu falei um pouquinho, né,.. mas assim, eu falo e você na.... Risos

Ivana - Se você quiser ou não falar o nome, fica à vontade, mas a minha questão que eu queria que você falasse um pouquinho é se existia professoras, você já disse que existia, tinha eu por exemplo, (risos). Se sim, elas eram atuantes? Se não, mas aí, eu já estava presente né, e eu me considero, eu me reconheço, né, como mulher.

Paulinha - Embora você chegou depois, né, 2008, num foi?

Ivana - 2008.

Paulinha - É eu lembro de outras duas, além de você, que eram Betânia e Gizelda, na época eu só lembro dessas duas e de você, não sei se tinham mais, porque a gente não tinha muita proximidade, né, e os meus professores, da disciplina, foram homens, né, eram professores homens, e aí eu não, se tinham mais professoras, na época, de Betânia e Gizelda eu ficava muito próxima do vôlei, né, na época Betânia com o feminino e Gizelda no masculino, e depois, né, 2008 chegou você dando aula da disciplina de Educação Física, né, trouxe pros alunos, né, mas assim aí tinha Dourado, que era da Natação, né, que eu treinava, tinha um na minha percepção assim, da época era mais homens do que mulheres, (risos), bem mais. Tinha João Holanda, tinha Guerra, acho que eram dois irmãos inclusive, tinha, tinha dois Guerras é? num ...

Ivana - Não Era Fábio Lisboa e Denis Lisboa, que eram irmãos

Paulinha - Ahhh, pronto eram esses dois irmãos

Ivana - Na sua época tinha Fabio, deixa eu te lembrar: tinha Fábio Romano, Fábio Lisboa, Dennis, Nilson, ...

Paulinha - Nilson, do futsal, é...

Ivana - Guerra, Dourado, Arnóbio, é..., João Holanda, Betânia e Gizelda, Edna, professora Leonor já tinha se aposentado ...

Paulinha - Ahhh, eu lembro dessa aí, pronto Edna ficava mais com a questão da ginástica eu tive aula com ela, aproximação com ela, agora que você falou eu lembrei, mas realmente eram três, né...

Ivana - Tinha Zelma

Paulinha - Não lembro dessa aí..., acho que não tive na aula, nem uma situação, assim, porque com Betânia eu ainda cheguei, cheguei a ir no vôlei uns dias, aí, mas assim com essas outras não, então eram poucas, né? Muito poucas, né

Ivana - Aham..., hoje a gente já tá chegando aos 50%, equiparado.

Paulinha - É,

Ivana - Eu vou até fazer esse levantamento direitinho, teve um dia que eu cheguei até fazer, eu tenho esses cálculos em algum lugar. Uma outra ... indo nessa mesma linha, né, como eu te falei meu foco é realmente na questão da mulher, né, da atuação da mulher, e aí você recorda, na sua época e, aí se existia alguma gestora, mulher atuando, como diretora, coordenadora de curso, entre outros?

Paulinha - Não

Ivana - Se sim, como você ver o papel delas para a época, e sua repercussão hoje? se não, o que você pensa sobre a falta de mulheres na gestão? Que repercussão temos hoje, para a inserção das mulheres na gestão do IFRN? Essa pauta, essa atuação das mulheres.

Paulinha - Eu não me lembro de nenhuma gestora na minha época, não me recordo, os gestores da Diaren eram homens, isso aí eu me recordo, eu não sei se tinha, mas assim, da minha..., digamos assim, lá dessa Diretoria não me lembro de ter mulher na gestão, e assim, isso reflete até hoje, isso acontece até hoje no IFRN, como um todo assim, no Campus lá da gente, isso é uma discussão que sempre aparece, né, e não tem mulheres em nenhum cargo de gestão, nem de coordenação, de diretorias, então assim, ainda é um gargalo, mulher no cargo de gestão, eu, nãooooo, não saberia dizer, assim, mas tem várias causas pra isso, acho que a primeira delas, assim, é o fato que algumas de nós, ainda tem a questão, né da maternidadeeee, algumas, né, de filhos e tal, e aí no caso do campus do interior é mais difícil, né, você ter filhos aqui em Natal, por exemplo e ter que ir, né, todos os dias, no cargo de direção, por exemplo, achooo que tem esse aspecto, acho que tem a questão do machismo estrutural, a gente sofre isso, né, às vezes de forma implícita, às vezes de forma explícita, eu tive um caso muito é interessante disso o ano passado, com a professora Liege no inter..., no nordeste, na verdade, né, o quanto a nossa voz como mulher, como autoridade, como treinadora, foi desrespeitada, muitas vezes, pelos alunos, da equipe que a gente tava, uma equipe masculina, a gente tava responsável por eles, né, no nordeste, vinha treinando e nos jogos e, antes, né, eles tinham uma Imagemmasculina a

frente, então assim, a gente teve muita dificuldade, né de ser ouvida, e até que, a gente teve uma conversa com eles, porque num jogo, durante o jogo Liege pedia pra eles fazerem uma coisa e eles faziam outra, eles faziam o que eles queriam, né, adolescentes, né, homens todos, e acostumados com essa autoridade masculina, né, mais a frente deles, e a gente conversou com eles, eles pediram desculpas, né, mas a gente falou que às vezes é algo que a gente, nem, nem pensa conscientemente, mas é algo que tá tão enraizado, né, que a gente desqualifica ou invalida a voz ..., de uma mulher treinadora, de uma mulher, assim, num cargo de autori, autoridade, estava acima deles, obviamente, enquanto treinadora, treinadoras, né, então isso foi algo que impactou bastante, né, e a gente conversou sobre isso, tanto é que no século XXI, a gente tem que tá falando sobre isso, né, 2023, 2024, mas é algo que acontece, né, assim, foi algo que me impactou, porque eu não tinha, né, sofrido assim na pele, isso ainda, de forma tão explícita, e aí teve um outro aluno, porque no nordeste a gente sai montando a equipe, né, com os outros *Campus*, e teve um aluno de outro *Campus*, também que tava no hotel e eu pedi pra ele fazer uma coisa e ele não fez, não seguiu a minha orientação e era de menor, então a gente perguntava pra eles, né, a gente conversou com eles e tal, se fosse um homem aqui, se fosse um homem, lá falando pra fazer a jogada, vocês teriam feito, o que a gente pediu, né? Ou será que, né, é porque foi a gente falando, e aí vocês não conseguem seguir a orientação de duas mulheres? tem muito isso ainda, né, até hoje, e aí eu penso que isso, também, reflete, né, no, na questão da gestão, claro que a gente tem que se impor cada vez mais nessa, se colocar nesses espaços, mas ainda é difícil porque às vezes ainda somos invalidadas, num espaço em que nós temos experiências, por que assim, Liege tem experiência com handebol de ..., num precisa nem se falar sobre isso, né, é algo inegável, então assim, mesmo assim, a gente tem que provar, né, porque desde o início eles ficavam, quem é essa? Quem é a professora? Ela é da seleção brasileira, tem uma vasta experiência no handebol, mas parece que a gente tem que estar sempre provando, né, exatamente provando que a gente sabe, né, que pode fazer algo, e esporte ainda é uma fortaleza, né, muito assim, da masculinidade tradicional (risos), alguns esportes principalmente mais que outros, né, a história do esporte ela mostra isso, né, o quanto a mulher ela tem que tá se impondo, se colocando e provando ali, coisas óbvias.

Ivana - Você tá falando dessa experiência com os alunos

Paulinha - Com os alunos

Ivana - E com, com os colegas administrativos, por exemplo, gestão de alto nível, professores mesmo.

Paulinha - uhum

Ivana - Você já teve alguma experiência desse nível, impactante, que você tenha percebido de forma tão explícita ou se de forma implícita?

Paulinha - Assim, especificamente comigo, não percebi, né, de colegas, de gestão e tal, mas a gente percebeu, logo no início quando eu cheguei no *Campus*, o pessoal tava, as mulheres estavam se organizando, no que elas chamavam de coletivo de mulheres, né, pra pensar, enfim, ações, né, desse tipo no *Campus*, né, vamos aqui, quem sabe alguma pessoa pra tá na gestão, alguma mulher e tal, pensar, esses casos no *Campus*, assédio, né, enfim, tava se formando ali aquele ..., aquele grupo pra pensar estas questões, pra discutir enfim, de mulheres, e eu lembro que alguns colegas não foram muito receptivos com o grupo, assim, né, colegas que não gostavam das discussões que o grupo trazia, mas explicitamente, diretamente comigo não percebi, de colegas, pode ser que tenha acontecido e eu não tenha percebido, né, implicitamente, mas lembro desse, desse movimento aí, desse coletivo de mulheres que não foi tão bem aceito, por alguns colegas lá, porque achavam que discussões que tava trazendo num eram interessantes (risos).

Ivana - Eu não sei se você tem conhecimento, deixa eu te trazer aqui um dado, é você, pra gente entender um pouquinho dessa relação das mulheres aqui no IF, né, a fundação mesmo da criação, hoje instituto, né, na época escola de aprendizes e artificios, foi em 1909, a gente

começou a atuar em 1990, aqui no Rio Grande do Norte, e desde de lá a gente já tinha no quadro funcional uma mulher, uma professora e essa professora ela era do ensino, na época, ensino primário, se denominava ensino primário, né, tinha oficinas e tal, e era para pessoas que tinha um poder aquisitivo menor, mas já tinha mulher, nessa e quadro funcional, mas nunca chegou ao cargo de gestão, a gente veio ter uma mulher no cargo máximo de gestão, não sei se você ouviu falar, professora Luzia França, (Paulinha - diretora, foi?), diretora, em 1986 a 88, ela foi diretora eleita, a única.

Paulinha - Mais de 70 anos depois do início, 1910

Ivana - Diretora, mas Diretora Geral do *Campus* Natal Central, que na época só tinha ele, de lá para cá a gente nunca teve, né, no órgão máximo, na, no cargo máximo, aliás, da Instituição, uma mulher.

Paulinha Uhum

Ivana - A gente, atualmente vem tendo pró-reitoras, né, de ensino...

Paulinha - Sim

Ivana - A gente tem de planejamento e tudo, mas reitora nós não tivemos, embora (risos) algumas pró-reitoras e algumas, algumas professoras tem assumido o cargo temporário, porque substitui o reitor, atualmente o substituto direto é a professora Antônia, e na época da intervenção uma professora de química professora, professora Keila, assumiu acho que dois ou três dias, (Paulinha uhum). O interventor..., né ele, a gente tem essa curiosidade aí, para você, (Paulinha - interessante), para você sedimentar um pouco esse conhecimento e ir de encontro que você fala, né, porque, assim é uma Instituição que historicamente ela é machista, patriarcal, né, e vem para formar o homem, na realidade é essa, e a gente, (Paulinha Uhum) tem a primeira aluna em 1975, que veio transferida e a escola foi obrigada a aceitar, porque ela veio transferida com o pai que era militar (Paulinha - Uhum) e aí em 1976 é que acontece o primeiro exame de seleção pra mulheres.

Paulinha - Eu vou até fazer uma ressalva, porque eu falei que não tinha mulher no cargo de gestão, mas tem, é uma coordenadora de extensão, que a gente tem, é a mulher, na extensão, pesquisa era homem, direção acadêmica homem, desde que eu estou são homens na geral e na acadêmica, e coordenação de pesquisa também sempre foram homens, e a extensão é uma mulher.

Ivana - Você só passou no *Campus* Nova Cruz?

Paulinha - Só foi Nova Cruz, desde sempre, desde de 2017, tô lá e assim é algo importante, né, porque essa questão da representatividade, por exemplo, você foi uma representatividade pra mim, hoje eu sou também pra outras, né, que não, não que vá fazer Educação Física, mas assim, que entende que a mulher pode galgar o seu espaço, né, no trabalho, enfim, onde ela quiser, né, acho que seria muito importante ter cada vez mais mulheres nestes cargos assim, de gestão, porque uma forma de generização, né.

Ivana - Complicado, muito né, e a nossa instituição é, eu sempre disse, ela, eu fui aluna, ela é ela é muito machista, muito patriarcal, um outro dado para você entender um pouquinho, a primeira professora efetiva de Educação Física ela foi, em 1981, que veio do Rio Grande do Sul, aí, depois só no final da década de 80, 89 chegou a professora Leonor, aí veio chegar Zelma, professora Sônia, Betânia, primeiro, depois Sônia, depois Gizelda, e por aí vai, aí a gente...

Paulinha - É, na minha época não tinha haha, eram poucas, e, eu não, não tive tanto contato assim.

Ivana - Enfim, mas me diga uma coisa, o que você faria de diferente, se é que faria, hoje, nas aulas de Educação Física, na pesquisa, na extensão, nos treinos e nas competições, em termos de atuação profissional que você tenha vivido, você faria alguma coisa diferente?

Paulinha - Assim, eu como professora...

Ivana - Que atitudes você não tomaria mais? que você tomou e não tomaria..., eu mesmo vejo que eu não deveria ter feito?

Paulinha - Que não deveria ter feito? Não sei, não me arrependo de nada não, hahaha (risos). Acho que tá muito cedo pra me arrepender, hahaha (risos), não, não sei, assim na pesquisa, na extensão, no ensino?

Ivana - Na sua atuação profissional?

Paulinha - Não, não me arrependo de nada não, na pesquisa, acho que o meu caminho foi muito bem traçado assim, e me ajudou muito como docente, a docente que eu sou hoje e, também, a pessoa que eu consigo ser hoje, né, não tem como a gente separar, né, a professora Paula, haharere (risos), da pessoa Paula, é uma pessoa só, e assim, acho que a minha formação me deu boas ferramentas, né, eu tive uma formação já mais progressista, né, 2010 até 2013, então assim, pensando de outra forma a Educação Física escolar, já tinha essas perspectivas, e na pós também, não, não me arrependo das escolhas que eu fiz não, nenhuma, na pesquisa, eu acho que eu tinha que fazer, como Merleau Ponty diz, aquele quadro só poderia ter sido pintado por Cézanne, a tese que eu fiz, só poderia ter sido feita por mim, a tese que você vai fazer só pode ser feita por você, com a sua experiência ou com seu olhar, se eu fosse fazer a sua tese seria outra tese, então, acho que, assim não me arrependo, de nada, até agora não, haharere (risos), de nenhuma escolha não.

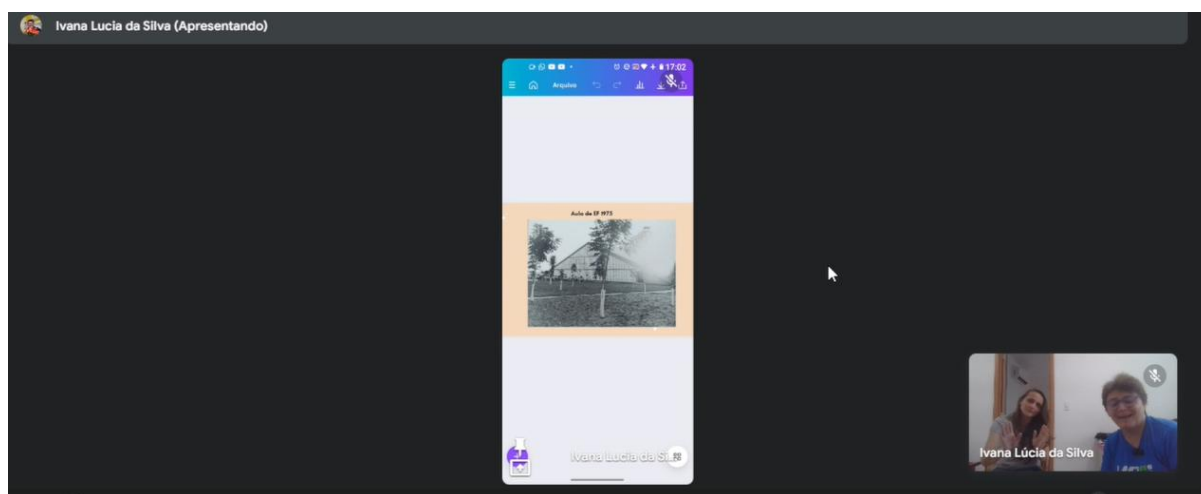
Ivana - Que legal. Paulinha tô mexendo aqui porque chegou naquele momento, tá?

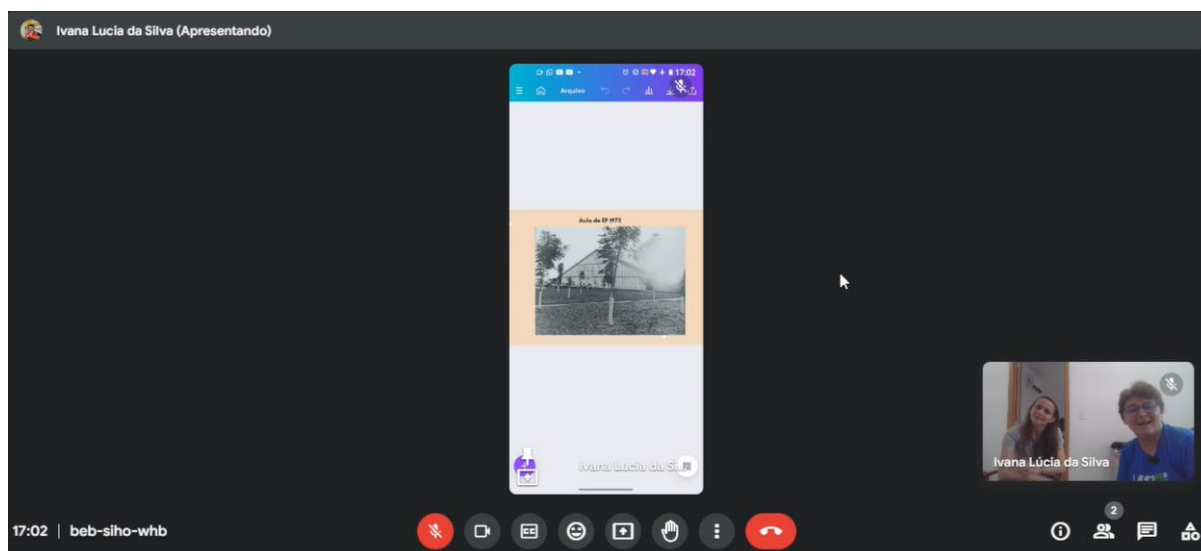
Paulinha - Tá pode ficar à vontade.

Ivana - Daí eu vou iniciar aqui a apresentação. Essa foto é de 1975, ano que a primeira mulher, como aluna entrou na Instituição, tá, mas assim, algumas imagens que eu vou trazer pra você, essa é, quero que você identifique, comente um pouquinho sobre ela, assim, o que você observa, onde é, se reconhece algo.

Paulinha - O ginásio, né, do *Campus* Natal Central, né, tem uma galera fazendo aula do lado de fora do ginásio, parece algo meio calistênico, aí, essa perspectiva aí da ginástica, né, tá diferente, aí é onde é as rosquinhas hoje?

Ivana - Exatamente, (risos) sem rosquinhas, né, (risos). A expressão das duas, abaixo





Paulinha - Na minha época já tinha as rosquinhas... (risos de ambas)

Ivana - Se na minha época já tinha (risos)

Paulinha - As lendárias rosquinhas...(risos)

Ivana - Essa daqui, já é 78, já

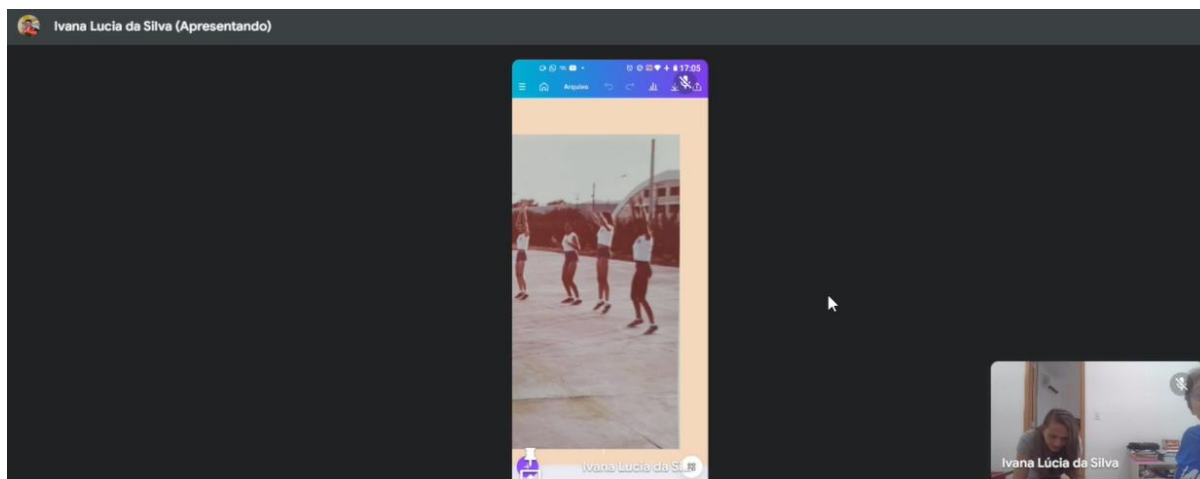
Paulinha - Ahh legal, que legal, também nessa perspectiva, né, da ginástica mais calistênica, essa educação do corpo..., é numa perspectiva mais militarista, né, mais homogênea, a gente tem outra perspectiva da educação do corpo hoje, né, hahaha (risos), mas faz parte da história, né...

Ivana - O que vê mais nessa foto? Essa imagem aí

Paulinha - É, é..., são só meninas, né, parece que tá dividido, né, o gênero aqui, as meninas, também algo bem forte na história, né, na Educação Física..., inclusive no IF, né! Deixa eu vê aqui, ..., e hoje acontece, mas eu acho que é acontece menos, sabe, a gente tá formando uma galera assim, eu sempre faço com meus alunos, eu gosto de ficar com os primeiros anos, ano passado eu não consegui, mas este ano eu voltei com eles e, desde de 2017, é assim, geralmente eu fico com eles, com os alunos que estão entrando, eu sempre faço um diagnóstico, peço pra eles falarem da experiência que eles tem, eles tiveram com a Educação Física e, no início, lá...(gesticula a mão para trás), não eram experiências tão boas, sabe, tinha muito essa questão aqui divisão de turmas, de gênero e tal (coloca a mão no queixo), de futsal para os meninos e vôlei pras meninas, queimada, só que esse ano eu tô fazendo esse levantamento de novo, eu percebi uma diferença, assim, que tem mais conteúdo sendo trabalhado, que não tem mais tanto essa diferenciação, sabe (Ivana - sim, ham), essa divisão, então eu acho que a gente tá num caminho bacana aí, pro futuro, né, hanhanhan (risos).

Ivana - Sabe que espaço é esse? (questionei apontando para a quadra que elas, as alunas, estava realizando a atividade)

Paulinha - Ahhh, não estou (aproximou a imagem) conseguindo identificar,



mas tem um ginásio aqui atrás..., (dou um sorriso e me afastando dando uma gargalhada, ela aproxima mais ainda a imagem e diz), num tem um ginásio aqui atrás, né, não, esse aqui?

Ivana - Aí é a quadra 2

Paulinha - ahh é a quadra

Ivana - E aí onde você tá achando que é o ginásio é a antiga confecções Guararapes, era uma fábrica, chamava confecções Guararapes.

Paulinha - Onde é o Midway, hoje.

Ivana - Onde é o Midway.

Paulinha - Minha mãe trabalhou lá, na Guararapes. A aula de Educação Física era lá, fora.

Ivana - Não era ali na, naquelas quadras lá de baixo 1, 2 e 3, essa daqui era a quadra 2 ...

Paulinha - Ahhh, porque não eram cobertas? No caso.

Ivana - Não eram cobertas, era cimento, eu ainda peguei elas assim descobertas ...

Paulinha - Sério???

Ivana - Mas sóóó que já era pintada, já tinha o emblema da ETFRN, ééé'(risos).

Paulinha - (Coloca a mão na boca e diz:) Meu deus...

Ivana - Era (risos)

Paulinha - Ei relíquia, essas fotos, viu, 78. Deixa ver aqui.

Ivana - Pode passar, por favor.

Paulinha - Aqui é o ginásiooooo!

Ivana - Desculpas você tira um pouquinho aqui, ohhh. (Paulinha - sim os cabelos, chega, saiu?). Sim. Brigada.

Paulinha - tem uma turma aqui deitada no ginásio, um professor dando aula, e parece que tem mais meninos, será que era as turmas, porque tem as turmas, né, essa época já tinha mulheres entrando?

Ivana - Já tinha mulheres. Mas, lembra a anterior?

Paulinha - Uhu..., dividido, né meninos e meninas, aqui era só meninos.

Ivana - Eu tenho acesso, a minha metodologia, além de ser história oral, tô cruzando algumas fontes, como imagens, por isso, eu trago, e documentos, e eu tô, no momento que eu tô lá no arquivo, agora, eu tô, investigando os diários, tem um catatal de diários (me expresso com as mãos bem enfática), (Paulinha - Meu deus), masculinos, um catatal de diários femininos, só que eu ainda não cheguei no teu período, que eu tô nos diários ainda de 1992....

Paulinha - Meu Deus que trabalho, Ivana. Aqui eu tô me sentindo no livro da Carmem Lúcia Soares, né (risos, meu). Com essas fotos (risos de ambas).

Ivana - Pois é, né, raízes...

Paulinha - É. Educação do corpo, ..., a piscinaaaa (Ivana - essa daí eu trouxe em homenagem a você, pra você saber quando foi criada, construída sua piscina) hahaha (risos), meu deus do céu (admirada)..., 1980

Ivana - em 81 foi inaugurada.

Paulinha - Quarenta e tantos anos, já tem a piscina, nossa senhora.... (ri). Quantas histórias essa piscina (ri, e olha pra mim). Que massa Ivana. Onde é que você conseguiu essas fotos?

Ivana - No arquivo

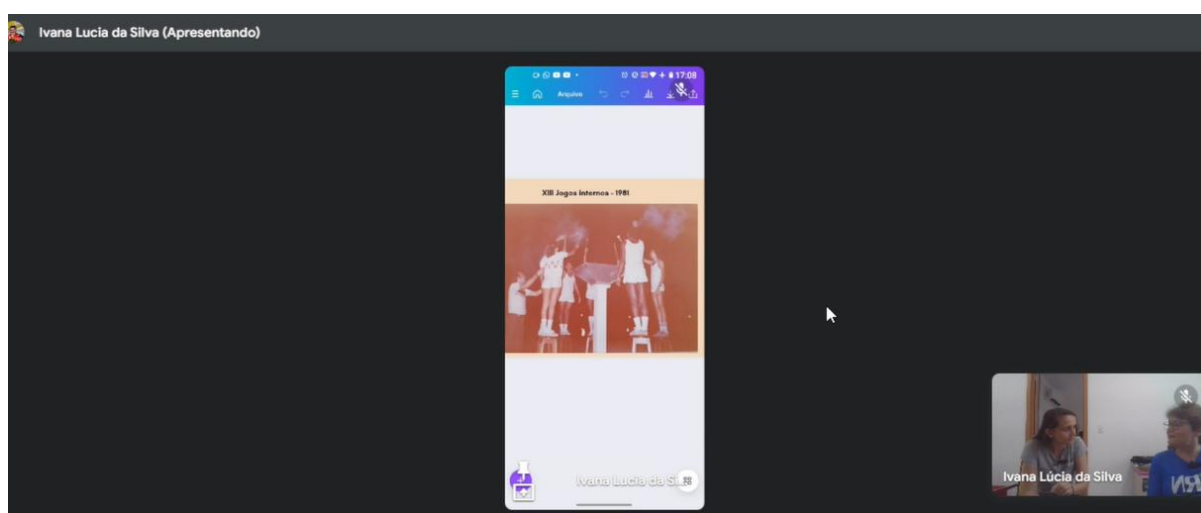
Paulinha - no arquivos ...

Ivana - *Campus* Natal Central. Tem um arquivo muito bom.

Paulinha - Ahhh, lá perto da cantina. (fotos dos alunos na área de convivência próximo ao Grêmio)

Ivana - Usufruiu desse espaço?

Paulinha - É, tênis de mesa..., não muito, mas só pra comer mesmo assim, mas não jogava muito não, tinha um totó lá, eu acho, que as meninas viviam lá jogando também, mas eu não era muito desse espaço aqui não, eu ia lá só pra jogar ou para comer mesmo, a cantina. Oxé, jogos internos 1981111 (o 1, ela enfatizar bem), a pira, ohhh, tem uma mulher aqui ohhh, é, 1981, mulher com a tocha e mais quatro meninos, né, ... (olha pra mim e fazemos a expressão abaixo, nos olhando),

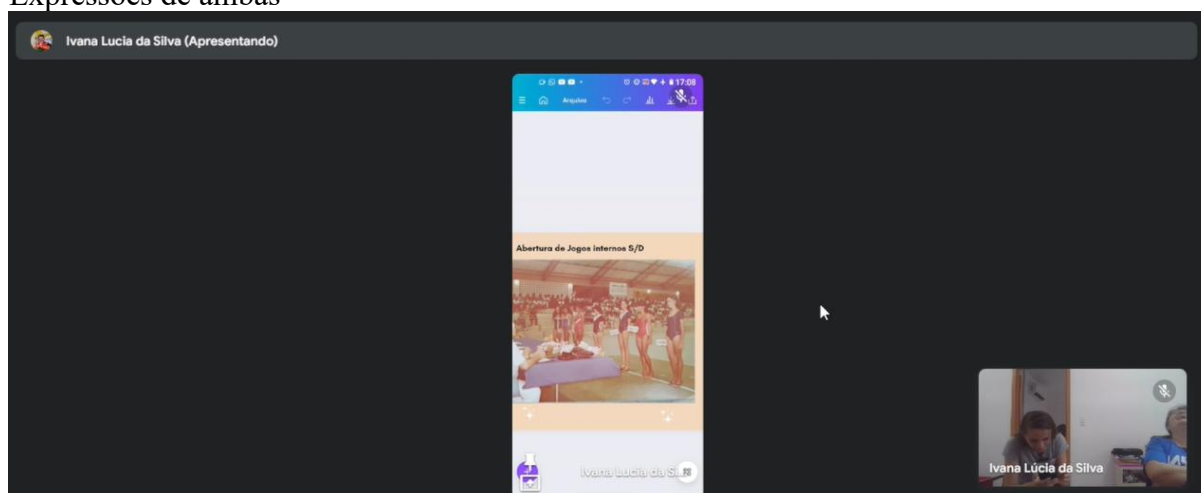


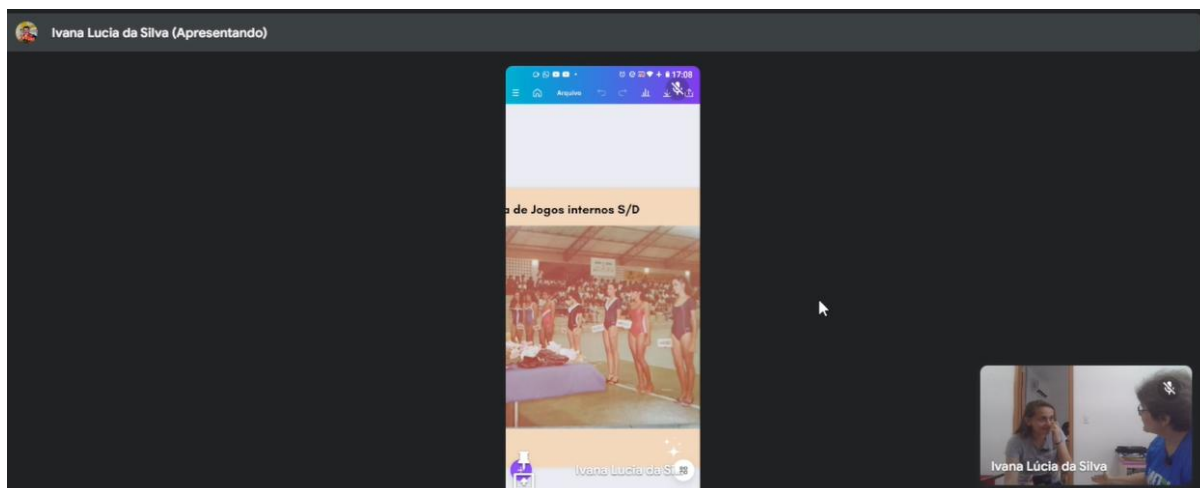
Paulinha - (Ela tá passando pelas fotos e de repente chega na foto das rainhas e fala). Jogos inter..., Meu Deusss...

Ivana - Essa foto...

Paulinha - Como assim gente? Que essas meninas estão fazendo aqui? É um concurso de quer? de beleza? (Dou uma gargalhada e me jogo para trás)

Expressões de ambas





Repete

Paulinha - É um concurso de beleza?

Ivana - Foi essa pergunta que Ingrid também fez.

Paulinha - (ambas rindo). Não pode ser não, quer dizer, pode, hahaha (risos)

Ivana - Mas olhe é o quê?

Paulinha - É abertura dos jogos interno, não tem data.

Ivana - Não tem data, mas desde de quer, só pra você ter uma ideia Paulinha, você foi pra o EPEF, você organizou o EPEF!

Paulinha Uhuhh

Ivana - No EPEF, eu fiz um artigo, e aí foi um recorte, porque a gente perdeu um pouco, como eu tô trabalhando com a história e a memória, a gente fez um recorte pra rememorar, é, e pra ver a cronologia dos jogos internos, que a gente perdeu (Paulinha uhuhu), aí eu fiz o cruzamento dessas imagens, de portarias e documentos, enfim, e aí identifiquei que o primeiro jogos internos foi realizado em 1976, (Paulinha - uhuhu), aí fiz cronologicamente até hoje, enfim, o que eu tô querendo chegar, pra te dizer dessa imagem, porque que eu trouxe essa imagem, porque em 1972 a gente teve um brasileiro aqui, foi o primeiro brasileiro que a gente sediou, a gente não tinha os espaços poli esportivos que a gente tem aqui, treinava fora da instituição, e a abertura dos nossos jogos, ela foi lá no Castelão, na época, essas moças, assim que desde dessa época e desde de sempre, teve, são as rainhas dos jogos, se fazia concurso de beleza pras rainhas dos jogos.

Paulinha - Ahhh, rainhas dos jogos, não tinha reis não?

Ivana - Aí os reis

Paulinha - Dos jogos, não, só as rainhas.

Ivana - Só as rainhas. Mas aí a gente começou, enquanto aluna, eu lembro, desse período, a gente começou a questionar cadê o rei? Aí, até que no final da década de 90 e início de 2000, começou-se a se fazer o rei (Paulinha - uhuhu). Mas a gente pegou, e aí vale salientar que se teve a primeira professora mulher em 1981 e depois, e desde dessa época de 76, que foi nosso primeiro jogos, de 72, que era de outra instituição, eu não consegui identificar, porque não tinha mulheres, se essa menina ela era da Instituição se não era e tal, essa, essa rainha lá de 72, não sei, só sei que ela chegou de helicóptero no castelão.

Paulinha - Meu Deus...

Ivana - É, eu tenho imagem, enfim, nesse artigo que eu fiz eu apresentei.

Paulinha - Que massa. Tô vendo aqui que ela tá com uma plaquinha do curso, né

Ivana - Do curso, é, representa o curso.

Paulinha - O curso.

Ivana - Então a gente tem....

Paulinha - Engraçado, né que até hoje a gente tem isso, né, as musas das olimpíadas, as musas

do campeonato, num sei quer, tá aqui, né, hahah (risos), de onde é que vem, né, (risos)

Ivana - Exatamente.

Paulinha - Que interessante Ivana

Ivana - O que tem mais imagens que a gente encontra, Paulinha, dos jogos internos, a primeira coisa é, são moças, sabe.

Paulinha - Uma objetivação do corpo da mulher, né, tremenda

Ivana - É. Tremenda.

Paulinha - (Silêncio). De maiô, né?

Ivana - Porque tem o desfile, de maiô e aí, tem o social, esses momentos aí, desfile de beleza...haha (risos)

Paulinha - (outra imagem). Colônia de férias 1989, na piscininha.

Ivana - É. Trouxe pra você ver

Paulinha - Não tinha a outra piscina ainda?

Ivana - Não, não, aqui era o estacionamento, oh, aqui do lado

Paulinha - Ahhh. Tem bastante gente aqui, né, muito menino.

Ivana - Então, era colônia de férias.

Paulinho - Muitos meninos, meninos, poucas meninas. Era pra os alunos do...

Ivana - Não geralmente, o pessoal de Educação Física, os professores de Educação Física eles promoviam colônias de férias, no período das férias

Paulinha - Eles não tinham férias?? Os professores de Educação Física não tinham férias (risos de ambas).

Ivana - Não tem férias, não tem feriados, continua assim.

Paulinha - sábados, domingos, hahaha (risos)

Ivana - Por isso o pensamento dos nossos colegas, né,...

Paulinha - Aham.

Ivana - E aí, eu vejo que vocês sofrem mais do que a gente, aqui do *Campus* Natal Central, agora, porque a gente tem..., as novas gerações têm se imposto mais nesta questão, da, da, do trabalho, dos direitos trabalhistas, mas pra vocês do interior é mais difícil.

Paulinha - É

Ivana - Principalmente, no período de jogos.

Paulinha - É (concorda e ajeita o cabelo, numa forma de atenção ao que estamos conversando).

Ivana - Vocês têm que vir pra os jogos e, ainda tem que pagar aula, né, que alguns colegas relatam isso...

Paulinha - Alguns colegas, sim, (balançando a cabeça num gesto de afirmação), mas isso daí é demais, né, ...

Ivana - Demais

Paulinha - Aula do grupo de dança, década de 1990, (outra imagem). Olha tem uns meninos aqui, na dança!!! (faz essa observação em tom de admiração, uma vez que não era normal encontrarmos meninos em grupos de dança, era fora do padrão).

Ivana - Tem.

Paulinha - Que interessante, gente...

Ivana - Tem alguém que você conhece, aí?

Paulinha - Karenine, hahaha, Karenine Porpino, tinha que ser, né, da dança, que ela é... a rainha da dança, hahah, Karenine gente boa demais, ..., que legal. 1999, quase 2000, aqui oh..., escolha do rei, aqui apareceu o rei...

Ivana - É

Paulinha - Eita, estão em traje de gala, né,...

Ivana - Então

Paulinha - Agora era o casal o rei e a rainha, kakaka...(risos),

Ivana - É

Paulinha - Ai, ai, ... (silêncio observando os detalhes da imagem). Engraçado, né, como vai transformando, o tempo vai transformando, as coisas, é, seriam cancelados, né, se fosse hoje, assim, essa exposição do corpo feminino, e aqui as pessoas já iam perguntar, né, e não pode ser dois reis, né, as, as questões vão mudando, né, com o tempo, muito interessante, muito interessante, mais é importante que se questione mesmo, né, pra que se modifique, né, porque senão ainda estaríamos fazendo o desfile da rainha até hoje, né, rerere (risos).

Ivana - Até hoje, né. Eu era indignada e quando cheguei como docente, então.

Paulinha - É. Jogos internos de 2000.

Ivana - Essa imagem aí é, são do desfile dos servidores, dos jogos internos que eles participaram.

Paulinha - Arrasou. Servidores. 2009, aqui já deu um pulo pra 2009, aqui já deu..., já tinha, a...o campo.

Ivana - É, porque eu tentei trazer um pouco mais pra sua realidade.

Paulinha - Sim, sim.

Ivana - Daí eu me perdi um pouco na, na...

Paulinha - 2009, foi meu último ano 2009 haha (risos)

Ivana - Uhu

Paulinha - Eu adorava...

Ivana - Jéssica, Jéssica, lembra de Jéssica da Natação?

Paulinha - Menina, Jéssica (apontando pra foto empolgada diz), era da minha turma, Tubarão, hahaha (risos).

Ivana - Tubarão

Paulinha - É a gente nadava juntas.

Ivana - Jéssica, correu no atletismo lá em Petrolina

Paulinha - Sim, que massa eu lembro que ela foi, caca, chamo ela de caca. Jéssica, não tinha visto oh. Adora, eu adorava os jogos internos, esqueci de falar, disso também, que eu sempre participava, né, quando tinha, né, controle contra outros cursos, né, só, que eu, assim, nadava bem, mas eu não..., sempre ia pras outras equipes só para, é digamos assim, completar, né, hahaha (risos) de basquete e tal.

Ivana - Então você participava das outras modalidades, nos jogos?

Paulinha - É, é eu lembro de ter jogado basquete uma vez, me machuquei, (risos), eu não sabia jogar e me botaram pra completar, ótimo..., hahaha (risos), ..., não lembro mais o ano, mas eu lembro que eu participei.

Ivana - Aí são os cursos, né, que ficam de frente pra torcida, aqui desse lado, né.

Paulinha - Bem capaz de eu tá por aqui, pela arquibancada, desfilando provavelmente não tava, hahaha (risos).

Ivana - Tentei ver se encontrava de controle, alguma imagem de controle, porque essa daqui já é do meu acervo, já não é mais do arquivo, o arquivo já não tem nesse período, sabe.

Paulinha - Uhhh, Hum.

Ivana - Pra não ficar muito longo, aí eu fui cortando, assim, tentando trazer que era pra você... Você entrou em 2017

Paulinha - Foi, já tinha acontecido.

Ivana - 2016 foi o primeiro EPEF que a gente teve, foi lá em Ceará, Parnamirim.

Paulinha - É, eu entrei no ano seguinte.

Ivana - É, aí foi a galera.

Paulinha - Não, mas as carinhas são conhecidas aqui, hehehe aí (risos, olhando todos da foto), eita, acho que acabou, haha, é muito legal ver foto. Eu não sei se tenho alguma foto...

Ivana - Não, não acabou não

Paulinha - Acabou não, não sei se tenho alguma foto minha dessa época.

Ivana - Pelo menos no meu arquivo eu não consegui encontrar não, (fiz bico com a boca de

decepção).

Paulinha - É

Ivana - Aqui

Paulinha - Ahhh, aí que legal,

Ivana - Tá público viu, não me processe... (risos)

Paulinha - Hahahaha (e ambas riem), onde é que você achou essas fotos Ivana? (risos)

Ivana - No seu Instagram, (risos de ambas)

Paulinha - Hahaha, eu tava recebendo a Lauri aqui.

Ivana - É?

Paulinha - De Cida Dias.

Ivana - Nossa.

Paulinha - Grande mulher, uma super mulher, Cida dias...Maravilhosa

Ivana - Eu fazia o mestrado, ela fazia doutorado.

Paulinha - É, essa aqui foi em 2013. E, aqui foi em 2019, defendendo minha tese, morrendo de nervoso, hahahaha (risos), mas foi muito bom esse dia, ...

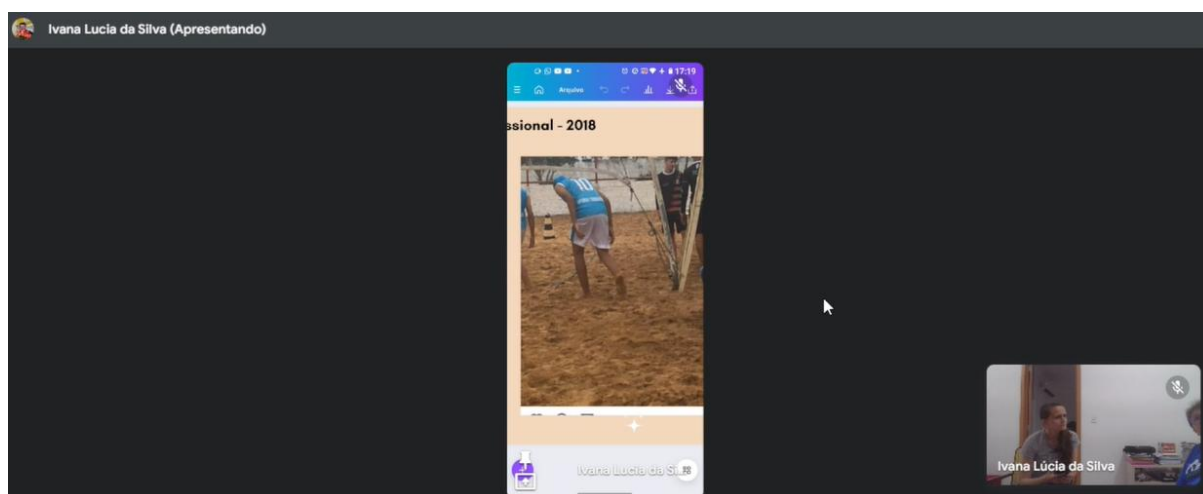
Ivana - Imagino

Paulinha - É, que legal, memória, né, faz parte da nossa história, né, aqui já tá, é, pronto essa aqui foi meu primeiro intercampi, hahaha, como professora, né, (risos), professora. Ahhh Joãozinho, Ingrid, meu deus, Débora tava como substituta.

Ivana - Irapuan tá fazendo 20 anos de IF.

Paulinha - Essa, tá vendo essa foto aqui, pra hoje já tá diferente, hahaha (risos, mostrando a foto dela de 2018), 2018, legal. Ivana você pegou tudo do meu Instagram foi? Hahaha(risos)

Ivana - Foi, eu não encontrei nos meus arquivos, hahum (risos). Eu fiz um, na época que eu era substituta, né, nesse período que eu tava lá, aí eu fiz um campeonato de vôlei, eu lembro que eu tinha, foi eu e Zelma, eu disse, bem eu lembro que Paulinha ia pras minhas aulas de vôlei (expressão dela, atenta a minha fala), então será que ela não tem, fucei nas minhas coisas tudinho, ontem eu passei até num sei que horas, né, não te encontrei nesse campeonato, você não foi pro meu campeonato.



Paulinha - Não, não fui pra o campeonato, isso foi qual ano?

Ivana - Acho que 2008 ou 2009.

Paulinha - Esse aqui foi o único intercampi dos servidores que participei, 2018, não consegui participar de mais nenhum, porque pegava as férias, né. Aí...

Ivana - É, eles estão explorando as férias.

Paulinha - É, eu tô viajando nas férias. Tô explorando outras coisas, (risos), outros locais.

Ivana - É.

Paulinha - Mas, mas foi bom essa experiência aqui...

Ivana - aí desculpas, eu lhe atrapalhei passei a mensagem bem no período de férias, porque eu tinha visto que você tinha ido pra uma viagem, eu fui acompanhando no Instagram...

Paulinha - ela vai voltar, né...(risos)

Ivana - Aí, então se ela não tá publicando nada eu vou passar a mensagem (risos), aí uma meia hora, quarenta minutos depois, depois eu vi que você tava em outro local, aí meu deus, que vergonha (risos)

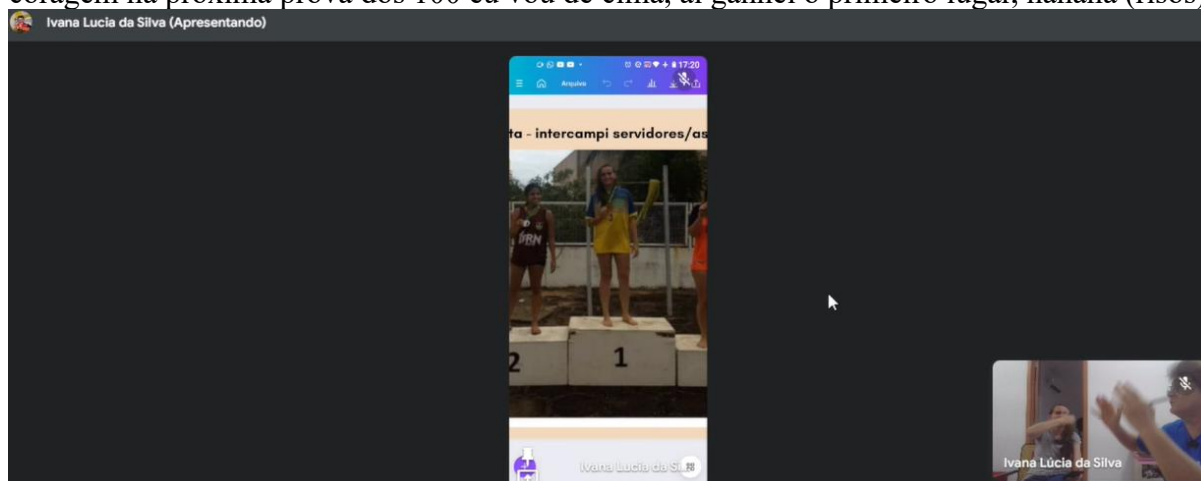
Paulinha - Essa menina num para não é

Ivana - Tá certa, (risos) eu que ..., a gente que tá fazendo esses trabalhos fica...

Paulinha - Engraçado aqui nesse intercampi, desculpas é só baixar aqui? esse intercampi eu lembro que foi a primeira, primeiro e único, né, aí me escrevi na nataçao e também joguei vôlei, fazia muito tempo que eu não nadava, tava sem nadar, num nadava, mas aí eu disse, mas eu vou, aí eu tava com medo de pular, né, da

Ivana - A é horrível

Paulinha - Porque é muito alto, eu tava muito tempo sem..., e eu nunca fui muito boa de pular, também não, gosto muito de bater com a barriga, aí da primeira prova eu fui de baixo da borda, aí fiquei em segundo, peguei a medalha de prata, aí Bete que também nada, tava olhando aí, eu sai aí Bete disse, Paulinha se você tivesse pulado de cima você tinha ganhado, aí eu tomei coragem na próxima prova dos 100 eu vou de cima, aí ganhei o primeiro lugar, hahaha (risos)



Ivana - A voz da experiência, né.

Paulinha - Pois é, aí eu fiquei com a medalha de prata e a outra de ouro. (risos)

Ivana - 2018 eu não participei porque eu, eu tinha sofrido uma queda e tinha quebad..., quebrado a cabeça do úmero

Paulinha - Aí (fez carreta)

Ivana - Aí, foi uma semana antes desses jogos, ...

Paulinha - Poxa vida

Ivana - Uma semana antes dos jogos dos alunos e, em seguida era dos servidores, perdi dos alunos e dos servidores.

Paulinha - tomara que esse ano, esse ano não fosse nas férias, acho que vai ser de novo.

Ivana - Vai, tá muito complicado. Mas, você poderia falar um pouquinho quer que trouxe, né, você, o que que trouxe pra você ver, rever essas imagens?

Paulinha - Foi muito bom, brigada Ivana, hahaha (risos) (Ivana - que bom) ... É, faz parte da nossa história, né, assim, e a memória afetiva, né, a memória não é só algo biológico que acontece no cérebro, né, a memória ela traz afetos à tona, ela traz outras sensações, e assim, essas experiências são importantes, nos constituem como sujeitos, né, as experiências, assim, formativas e (falando da memória coletiva, segundo Hawbshaws) profissionais, pessoais também, né, o esporte é muito forte na formação da gente, na nossa educação também, enfim foi muito bom ver essa história aí passando, essa cronologia do tempo, aí.

Ivana - Qual foi a que mais te impactou?

Paulinha - Qual foi a que mais me impactou? Meu deus..., (risos), a que mais me impactou (colocou a mão no queixo pensativa), é eu gostei de rever a piscina. Essa minha história aí, acho que foi onde tudo começou, ali. Onde tudo começou lá nos seis anos, hehehe (risos). Essa relação com o movimento, essa coisa da atleta ali se formando, e começar ir competição, vivenciar isso, né, experimentar essas relações com os outros, enfim, ganhar e perder, né, aprender a ganhar e aprender a perder, também, eu comecei na piscina e a piscina me levou pra outras, outros mares, hehehehe (risos) e hoje eu volto pra piscina, né, porque a piscina estava sem funcionar, aí vai voltar agora, olhe..., é uma...

Ivana - Que legal

Paulinha - É uma hahaha

Ivana - Mas a gente sempre volta, né, é.

Paulinha - É são ciclos, né, são ciclos...

Ivana - É verdade.

Paulinha - Gostei de rever a piscina.

Ivana - Minha querida, assim pelo meu roteiro a gente tá chegando ao final, haha, (risos).

Paulinha - Foi memória a bessa em hoje, (risos).

Ivana - É.

Paulinha - Espero ter ajudado de alguma forma aí..., você.

Ivana - Claro que ajudou...,

Paulinha - Com a minha pouca experiência, porque as outras são bem mais experientes, né, hahaha (risos), as outras suas entrevistadas.

Ivana - Você é a mais.

Paulinha - Tô engatinhando ainda

Ivana - Você..., engatinhando, mas experiência que você tem, minha querida.

Paulinha - hahaha

Ivana - Você já ultrapassou a gente. Hahaha, e aí isso que é o bom, né, de a gente enquanto profissional é, é saber que o nosso aluno ele vai evoluindo e, isso é a roda da vida.

Paulinha - O processo e, é muito bom assim

Ivana - É bom demais, eu, eu tô muito feliz, primeiro por você ter sido minha aluna, o pouco que foi né.

Paulinha - Uhuh

Ivana - Ter passado por mim ...

Paulinha - Sim, com certeza, eu reconheço a sua influência aí, (risos)

Ivana - Eita, que bom

Paulinha - Na minha trajetória ..., é

Ivana - Olha só. É, essa, essa nossa conversa, vou considerar como uma conversa, né, essa nossa conversa, nesse momento aqui, ela reverbera alguma coisa a mais aí do que você colocou?

Paulinha - Eu fiquei pensando assim...

Ivana - Gostaria de colocar?

Paulinha - Nessa potência feminina, né, o quanto é importante a gente ver essas potências e trabalhar essas nossas potências, expressar, né, ter liberdade pra expressar e, e poder galgar cada vez mais espaço, né, eu fiquei pensando nessa, nessas potências femininas que me atravessaram, que atravessaram a minha trajetória, né, assim, você como professora de Educação Física que entrou no IF, enfim, na graduação as várias professoras que eu tive, também, de Educação Física,...

Ivana - Cida, né?

Paulinha - Cida, a minha sempre orientadora, Petrúcia, né, potente Petrúcia, também, no mestrado e doutorado, reconhecer a importância dessas potências, dessas mulheres, né, que me orientaram aí, fazem muito parte da minha formação, acadêmica, profissional e pessoal. Assim, são, realizam atividades importantes pra gente, pra mim. É, viva, é...

Ivana - Viva...

Paulinha - Viva as mulheres aí, no esporte, na Educação Física, em todos os lugares, hahaha (risos).

Ivana - Essa é uma forma que a gente encontrou de estar aqui né, pra atuar no ensino...

Paulinha - E é importante Ivana a gente também, pesquisar o que a gente gosta, né, eu vejo, que você também gosta muito dessa temática, trabalhou no mestrado, né, com as questões, com gênero, já..., e a importância da pesquisa que você tá fazendo, né, de registrar essa história, numa tese, e outras publicações, né, isso é muito importante pro IFRN, inclusive, né, pra Instituição, (Ivana - pois é), assim, parabéns por suas pesquisa viu, eu adorei essa tarde aqui de conversas hahaha (risos).

Ivana - Ahhh, Paulinha eu, eu amei também Paulinha, amei, amei mesmo, eu sabia que não ia ser diferente,

Paulinha - Hahahaha (risos de ambas)

ENTREVISTA COM A PROFESSORA GIZELDA LÚCIA MAIA – Dia: 13/02/2024 – Na ASIF/CNAT

Entrevista realizada no dia 13/02/2024, a partir das 9:30 na ASIF

Ivana - Professora Gizelda nós estamos aqui,... Bom dia professora Gizelda nós estamos aqui para fazer nossa entrevista, da nossa tese de doutorado, como a senhora sabe e já participou do primeiro momento, e foi o questionário, aquele questionário, com alguns pontos que a gente vem pesquisando, é, fez com que você fizesse parte do nosso recorte, o nosso recorte é, que seja aluna, do *Campus* Natal Central, tenha sido aluna e que esteja na posição de docente de Educação Física e Esporte, aqui na nossa Instituição, certo? Como você sabe eu estou no programa de pós-graduação, aqui do nosso *Campus*, né, no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional, e a linha de pesquisa que eu estou inserida é história, historiografia e memória da educação profissional. A nossa tese atualmente, ela está, e é o que pretendemos, né, até o final, que ela fique com o seguinte título, caso a banca acate, né ..., você sabe como é que é esse processo, (risos), atualmente ela está: Mulher no esporte: uma história da atuação de professoras de Educação Física e Esporte do IFRN, certo, então, é nesse momento a gente gostaria de conversar, na realidade é uma conversa para recuperar um pouco da sua experiência e da sua atuação profissional, só que para isso a gente gostaria, nessa conversa, de fazer um percurso na sua trajetória de vida e consequentemente na sua atuação profissional, certo? A intenção dessa entrevista é exatamente essa. Então, seria algo bem formal, mas bem informal,

a gente já é amigas de um longo tempo aí, né?

Gizelda - Isso).

Ivana - Desde da década... (risos) de alunas, mas, é, tem algumas coisas que a gente, realmente precisa registrar e você sabe a importância da questão da memória para a nossa Instituição, e mais especificamente para atuação de nós mulheres, em especial na nossa área. Então a nossa tese ela tem a intenção, né, e, aí a proposta da tese está: As mulheres no esporte protagonizaram e participaram ativamente da constituição dele como princípio educativo dele na Instituição, disputando o espaço de formação e de trabalho com a hegemonia da cultura masculina, respaldado por aparatos legais e culturais, certo, então seria isso, eu tenho um roteiro aqui, coisas simples, que a gente precisa entender, nesse processo e aí, nada demais, (risos), certo, e eu vou fazendo as questões e a gente vai dialogando, certo?

Gizelda - Certo.

Ivana - Vamos iniciar, então?

Gizelda - Vamos.

Ivana - Então, primeiro momento que a gente tem conversado com as nossas entrevistadas é para você se identificar, dizer seu nome, a sua origem familiar, é, a profissão de seus pais, se você é filha única, mais velha, mais nova, esse momento, essa origem, lá.

Gizelda - Inicialmente agradecer o convite, né, pra tá participando, contribuindo nesse momento e acredito que venha a ter muita relevância e de muita importância na história mesmo da nossa instituição, né. E por enaltecer esse espaço da mulher, nesse ambiente do esporte, do fazer profissional, é assim, muito interessante mesmo seu trabalho. Me chamo Gizelda Lúcia dos Santos Maia, é estou bem pertinho dos 53 anos.

Ivana - dia 19

Gizelda - Venho de uma família de seis filhos, onde eu sou a mais nova, né, e o meu nascimento veio em decorrência do falecimento do meu avô materno, que minha mãe era muito ligada a ele, e aí ela teve um processo depressivo, e aí o médico orientou que ela engravidasse, porque uma criança ia ocupar o tempo dela, é tanto que meu irmão mais novo tem 8 anos, tinha 8 anos quando eu nasci, porque não tinha mais perspectiva de uma nova, de uma nova gestação, né, meus pais, meu pai era relojoeiro, no bairro do Alecrim, próximo ao relógio e consertava relógios e também era ourives, que trabalhava com peças de ouro, barras de ouro ele transformava em objetos, né, em peças. Minha mãe, vinha de uma família no interior de Patu, onde meu avô era uma pessoa de posses (risos), então tinha sido prefeito, da cidade, e aí, em função dessa situação, né, histórica, minha mãe fez pedagogia, e era professora só que o meu pai, bem machista assim, na atitude dele, quando casou com minha mãe não deixou mais minha mãe continuar sendo professora, então ela passou a ser dona de casa e ele é quem provenha o sustento da família, e aí, somos quatro irmãos homens e duas mulheres, a mais velha é a mulher, e a mais nova, também, que sou eu. E aí, assim é, essa história do núcleo familiar, do ponto de partida, né (risos).

Ivana - E nessa família, nessa sua infância, como é que foi sua infância? como é que foi a sua vivência, através da cultura de movimento? dos jogos, brincadeiras, tanto na família e aí já iniciando na escola? você poderia fazer, rememorar um pouquinho... (risos)

Gizelda - Menina, assim, nós, todos os seis irmãos, né, nascemos e nos criamos no bairro do Alecrim, (risos), muito orgulho dessa informação, e aí, lá na nossa rua tínhamos a prática de jogar queimada, então toda noite após o jantar, as meninas iam para rua, pra esquina, para gente jogar queimada, e também, fazer a rodinha, que hoje em dia os meninos chamam de ABCD, né, aquela rodinha do voleibol, do ABCD, nós também brincávamos, e era muito forte, principalmente a prática da queimada, em termos de movimento de rua, então era muito essa prática e, também, do famoso cozinhado, né, que já era aquela história da menina que era para cozinhar, tomar conta da casa e dos filhos, né, então nós fazíamos essa brincadeira das panelinhas de Barro, com areia, que misturava com água e ali a gente fazia as cozinhas que

eram as comidas, então tinha essas brincadeiras, elas eram, toda semana, elas aconteciam, cozinheiro, queimada e fazer a rodinha para jogar Voleibol e, assim, com o brinquedo, em si, tinha muito da Imaginação, né, assim, de brincar, montar os brinquedos na calçada, da casa, nossa casa não tinha a área, varanda, já era aquela casa que a porta já tá na calçada, então, ou você estava dentro de casa ou já estava na calçada, né, então na calçada a gente montava os brinquedos, um cachorrinho, que era segurança da casa, (ambas riem) e, os quartos, sala esses brinquedos mais ligados a questão da casa, da mulher com a casa, não tinha muito o espaço de jogos, como quebra-cabeça, dominó, baralho, é, não tinha muito essa atividade era muito realmente essas, ou brincar com coisas de casa na calçada ou essa outra parte com queimada, rodinha do vôlei e o cozinheiro.

Ivana - Essas brincadeiras elas aconteciam entre os meninos e as meninas ou eram grupos separados?

Gizelda - Não, eram grupos separados. Eram as meninas em si, e os meninos estavam brincando de outra coisa. Com um pouquinho do passar da idade, que também não era muito, os meninos começaram a entrar em duas brincadeiras que era: tô no poço, porque já era o despertar da questão da sexualidade, né, do desejo do namoro, então era tô no poço, então os meninos entravam, e também, o questionário, que era um caderninho onde a gente colocava umas perguntas e cada folha tinha uma pergunta e a primeira pergunta tinha uma numeração e a primeira pergunta era qual era o seu nome, então vamos supor eu fui a primeira a responder, então em todas as perguntas tinham lá número 1, então tudo que tivesse respondido no número 1, foi Gizelda, e o objetivo desse questionário era ver se o paquera tava respondendo a sua paquera também, né, porque lá na frente tinha uma pergunta você gosta de alguém? Pode dizer o nome? Mora na rua? Num sei quer..., (risos), então é, nessas duas brincadeiras que era de tô no poço e o questionário é que entrou a participação dos meninos, mas antes disso era mesmo só as meninas, e isso daí já foi a partir assim dos 13 anos, 13, 14 anos é que os meninos começaram a participar, porque antes era bem separado, meninas e meninos, até porque as meninas estavam na queimada, os meninos, normalmente, estavam jogando futebol, né, aí, daqui a pouco subia um menino chorando porque arrancou um 'chaboque do dedo', olha, que era, na rua, no meio da rua, paralelepípedo, né, tudo jogando descalço, então, tinha essa separação. Um pouco mais à frente é que começou a ter também as festas Americanas, onde as meninas levavam o famoso salgadinho de queijo, que era aquela massa que todo mundo sabia fazer, e os meninos levavam a bebida, que a bebida era refrigerante, (risos de ambas), e aí, a festa acontecia nas áreas das casas, dos amigos, com a música tocando na famosa radiola, né, e as meninas levavam o salgadinho de queijo e os meninos levavam o refrigerante.

Ivana - Nesse mesmo período, você recorda alguma situação da escola fazendo esse processo, aí, que você tá falando, como é que era a vivência da escola, lá, em relação, por exemplo, à cultura do movimento? Tinha Educação Física? não tinha? Desde a infância até você chegar aqui na instituição, por exemplo.

Gizelda - É, tinha sim a prática da Educação Física, eu sempre estudei em escola pública. Não só eu como todos os meus irmãos, né, porque nós éramos seis (risos), e aí, meu pai era autônomo, então todos estudavam sempre em escola pública, na realidade eu por ser a mais nova quando eu comecei a parte da Educação Infantil, hoje denominada assim, meus irmãos mais velhos eles já tinham uma renda, então eles já colaboravam com o orçamento da casa, e aí, eu pude fazer o Jardim numa escola de bairro, mas eu já fiz o Jardim, numa escola que já era privada, né, mas logo em seguida quando passou já, o que antes era chamado de preliminar, eu já fui para escola pública, e nessa fase da primeira à quarta série, que era assim que era chamado, não existia nada associado a prática da Educação Física, da quinta série a frente, que foi da quinta série a oitava série, é que começou a ter a Educação Física, né, e aí essa Educação Física, ela era muito voltada, eu não tenho memória de outras atividades que não fosse a queimada para as meninas e o futebol para os meninos, era realmente esse, era, era essas as atividades, o

que começou a mudar um pouco, que inclusive eu acho que eu até também, entrei nesse processo, foi a geração da década de 80, do voleibol nacional, que começou a despontar, então como começou a ter resultados, que daí veio a geração de prata, as escolas passaram também, os professores de Educação Física passaram a oferecer a brincadeira de jogar voleibol, né, então passou a ser um, uma atividade a mais, além da queimada e do futebol, tinha também, o voleibol, mas nada além do que isso, de outras atividades, não, tinha nesse período, nós alunos é que levávamos o elástico para escola, então, nos intervalos a gente brincava de elástico, que também, agora me veio a memória, na rua, também tinha o elástico e pular corda, também, que aí no pular corda a gente fazia umas brincadeiras, que era o relógio, né, que passava embaixo, aí depois dava um pulo, saía, então tinha o relógio, tinha uma musiquinha também, que você cantava, pulando a corda e, o elástico, também era uma coisa que era fácil de se levar para escola, então o elástico tinha o seu grau de dificuldade que era a altura, né, começava no tornozelo ia pra panturrilha, joelho, no meio da coxa, até chegar na altura do pescoço, era o limite do elástico, pronto, então tinham, tinha bem essas atividades, mas a vivência da Educação Física, realmente era voltada para essas principais atividades a queimada e o futebol, depois um pouco entrou o voleibol e pronto.

Ivana - Assim, você falou que fez o ensino, no caso hoje o ensino fundamental hoje, na escola pública, o que te levou a vir estudar aqui na Instituição, na época, ETFRN, e porque escolheu o curso de Estradas?

Gizelda - Na realidade foi assim, como eu coloquei anteriormente, pela condição financeira, meus pais diziam muito que era, a opção era estudar, né, e por eu ser a mais nova, então eu tinha um espelho em casa dos meus irmãos, e aí, os mais velhos tinham passado pela ETFRN e eu, particularmente, achava um luxo (risos), um deles, que fez edificações, andar com um cano, minha filha com um papel dentro, todo riscado, que na realidade eram projetos, né, (risos), mas eu na minha pouca idade, achava que era alguma coisa bem assim, que não tinha aquela função toda, de que ali saía um projeto de alguma edificação, então, eu achava muito interessante, e dizia vou estudar nessa escola, que eu vou andar com cano desse, também. E aí, assim, uma das, uma das, dos indícios que me levou na realidade, foi a questão financeira, porque nós não tínhamos a opção de estudar numa escola privada, né, então tinha que procurar um ensino de qualidade, numa escola pública e já era essa escola pública de qualidade, já era a ETFRN, eu tinha o espelho dos irmãos mais velhos e, que eles estavam sempre nesse apoio e orientação, meu pai mesmo que não tivesse tanto grau de estudo, mas também é, exigia muito da gente, né, essa questão do resultado. Em termos de educação, todas as noites ele tomava a lição, os mais velhos ainda levava umas palmatórias, eu escapei da palmatória viu (risos), mas os mais velhos ainda levava as palmatórias, umas palmadas de palmatórias, minha mãe, mesmo sendo da formação pedagógica, mas teve muito do arranjado político, da época, né, então ela era professora, não por ela ter feito o nível superior, mas por ter sido filha do Prefeito, coisa e tal, então, foi ser professora, mas eles sempre colocaram muito, que para a gente vencer tinha que ter essa questão do estudo, e aí, passou por esse percurso, né, do financeiro, a opção que tínhamos. E o curso de estradas, foi escolhido, não que eu conhecesse, eu fui tipo, vou ver aqui os nomes, aí, o que era que cada curso fazia, eu tinha um irmão que tinha feito Geologia, e ele tinha muita aula de campo, aí, quando ele, ia precisava viajar, passava uma semana, quando ele chegava, ficava contando, ah entramos numa gruta, pegamos, num sei quer, aí eu não quero isso não, aí, eu já sabia que esse eu não queria, aí mineração é parecido com geologia, então eu fui por eliminação e, talvez, até um pouco pela questão feminina, e aí vi que os que podiam ser mais femininos, na época, era Edificações, Estradas e Saneamento, e aí, eu terminei optando por Estradas, fiz uma ótima escolha, porque eu gostei muito do curso, me identifiquei muito, fiz excelentes amizades, que mantenho até hoje, a professora Ivana, é uma delas (risos), mas assim, mas eu, já sabia desde que, eu não ia seguir essa profissão, na realidade o inicial foi, a questão de ter uma educação de qualidade, numa escola pública, por não ter a opção de uma

qualidade de uma escola privada, talvez se meus pais tivessem a condição e não tivesse vindo para a escola, pra ETFRN.

Ivana - Você tá dizendo, que é exatamente no ensino médio, né?

Gizelda - Isso

Ivana - E aí, você disse que não continuaria Estradas, eu também não continuei. Mas, enfim, qual foi o motivo que te levou a fazer a graduação de Educação Física? (risos de ambas)

Gizelda - Na realidade foi o seguinte, um dos meus irmãos, ele foi atleta profissional de futebol de campo, um outro jogou o voleibol, também, inclusive foi atleta aqui pela ETFRN, também, o do futebol de campo, jogou nos clubes, nas equipes do Estado...

Ivana - Professor Lerson

Gizelda - Isso, foi Lerson jogou no ABC, jogou no alecrim, profissionalmente falando, né,

Ivana - Sabia que ele era do futebol, não sabia que era profissional.

Gizelda - Ele chegou a ter, ser chamado para jogar no Palmeiras, mas foi no mesmo ano em que ele passou no vestibular, aí quando ele chegou em casa e aí disse a papai, aí o papai disse que o estudo seria para sempre e o futebol seria momentâneo, então, ele não ia, ele ia querer realmente fazer a faculdade dele, então por isso que ele não foi, ele continuou, né, iniciou a faculdade na área, né, e aí nesse período quando chego na sétima série, né que hoje seria o oitavo ano do fundamental II, eu vou pra escola Instituto Padre Miguelinho, que fica no Alecrim, quase em frente ao cemitério do alecrim,

Ivana - Por trás do Sagrada

Gizelda - Isso, exatamente, e aí lá, começou a ter a prática do voleibol, justamente devido a esse boom do voleibol nacional, aquela geração de prata, do voleibol masculino, começou a ter a prática do voleibol, e aí, eu vou e começo a fazer voleibol, no Padre Miguelinho, com o Professor Irineu, e aí, (risos), o professor Irineu, inclusive tem uma geração muito boa, o professor Alisson Batista, também, estudou lá no Padre Miguelinho, era também dessa geração de voleibol, e ele fez um trabalho muito bom, por sermos uma escola pública nós chegávamos nas semifinais de JERN's, e assim, dávamos trabalhos às escolas privadas, né, então, começou esse amor pelo esporte, aí fiz a 7ª, a 8ª série, no Padre Miguelinho, jogando voleibol, quando eu entro na ETFRN, eu já fazia voleibol, então, já entrei na ETFRN e indo pra uma seletiva do voleibol, que na época era, o voleibol feminino era com o Professor Serrano, o voleibol masculino com o professor Jorge Moura, quem estudava pela manhã, treinava a tarde, de meio-dia, e quem Estudava à tarde, treinava de manhã.

Ivana - E as aulas de Educação Física?

Gizelda - E as aulas de Educação Física, elas eram no início da manhã, era os primeiros horários da manhã, e nós não éramos dispensados da Educação Física, nós tínhamos que fazer a Educação Física e o treinamento, e aí, tem um caso bem interessante, (rindo), que na minha sala, tinha muitas meninas que eram do esporte, e aí, a gente treinava aqui na ETFRN, e ainda treinávamos na AABB, então, tinha dias que a gente treinava, tinha dois treinos, e no dia seguinte tinha que chegar logo cedo (rindo), pra fazer Educação Física, aí, teve um ano, que foi, era professor Ferdinando Teixeira, o professor, e as aulas de Educação Física, elas eram corrida, abdominal, polichinelo, aí, flexão ou apoio, as aulas eram praticamente esses exercícios, né, e aí a gente chegava super cansada, aí professor Ferdinando hoje eu não vou poder treinar não, porque eu tô menstruada, porque tinha esse tabu, né, que a menstruação não podia fazer atividade física, aí professor Ferdinando, tudo bem, só que a gente não sabia, ele botava um pontinho ao lado do nosso nome, aí quando terminava a etapa, né, porque o bimestre era dividido em etapas, primeira etapa, segunda etapa, aí quando terminava a etapa, ele ia dizer quantas faltas você tinha tido e sua nota, aí, ele pegava o diário lá e, Gizelda procura uma ginecologista, em dois meses você menstruou 10 vezes (risos), a gente (rindo) pensando que tava dando o pulo do gato (risos de ambas), Professor Ferdinando, aí pronto acabou nossa desculpa, minha gente, a gente teve que fazer todas as aulas, aí, ele dizia, essas meninas do

voleibol tá tudo doente, porque tinha mais umas três na minha sala, aí, era todo mundo assim, uma menstruou 10 vezes, outra menstrua 8, e por aí ia, né, então, quando eu saio do Padre Miguelinho que venho pra ETFRN, dei continuidade a prática esportiva do voleibol, que realmente era uma paixão, né, as equipes da ETFRN, eram equipes muito boas, também, eu entrei na ETFRN bem precoce, né, eu fiz meu primeiro ano todo com 14 anos, então, quando eu entrei eu ainda fui da equipe infantil, quando eu terminei a escola eu, ainda tinha um ano de juvenil, mas já tinha terminado, eu entrei na Universidade, também com 17 anos, então, foi tudo muito rápido, né, e aí às vezes eu até digo, menina eu tomei uma decisão bem jovem, mas graças a Deus deu certo, né, e o que é que me fez ir para Educação Física? o que me fez ir para a Educação Física foram dois fatores: um, eu tinha um irmão, que também era formado em Educação Física, né, um dos irmãos, que estudou na ETFRN, né, que era, o que era atleta de futebol do campo, foi para Educação Física, e eu achava muito interessante, ele ia em casa, com os amigos estudar, e eu achava legal, só que na minha cabeça, eu ia fazer Educação Física para aprender a dar aula de voleibol, na minha cabeça eu só ia ter aula de voleibol, aí, chego eu na universidade, aí eu lá na disciplina, pedagogia da didática, didática um, aí, a história da Educação Física, aí, uma professora que estava chegando de São Paulo, do Rio de Janeiro, com os estudos do Lazer, a epistemologia do lazer, minha nossa senhora e cadê o meu voleibol, que não apareceu, né, porque, aí, e haja teoria e haja Sociologia, filosofia, aí, uma outra professora também, que tava chegando de fora e era muitas teorias, aí eu digo, ah eu acho que vim pra o curso errado, porque eu vim para fazer voleibol, porque na minha cabeça eu ia ser professora de voleibol, eu não ia ser professora de Educação Física, a faculdade ia me ensinar, só esse lado da formação técnica, né, e aí, seria um bom tempo até chegar no famoso voleibol, porque até então foram muitas disciplinas para dar a base, e a sustentação

Ivana - Então você é do primeiro, da primeira turma, da mudança do currículo?

Gizelda - Isso, isso a primeira turma.

Ivana - É da turma de Cris?

Gizelda - Não, uma antes, isso, uma turma antes, isso mesmo, né, porque antes eram 3 anos, o curso de Educação Física eram 3 anos, aí fazia os testes físicos, né, tinha que correr, não, tinha que correr, nadar, eu não tive essa parte, eu já fiz só mesmo prova e tinha um detalhe, quem fazia Educação Física e Artes, né, porque antes era Educação Artística, aí, colocava a segunda opção no vestibular, porque como tinha essa prova prática, se a pessoa não passasse na prova prática, então automaticamente ela iria fazer a segunda opção do curso. Então, assim, a opção por Educação Física veio da minha vivência de atleta, né, e a minha vivência de atleta surgiu do incentivo dos meus irmãos mais velhos, né, porque, assim um deles, tinha amizade com um professor chamado Pacal, que tinha um projeto no centro esportivo feminino, porque esse centro esportivo feminino, era a única quadra, tirando o ginásio do Palácio dos esportes e os ginásios das escolas, era a única quadra de voleibol, que tinha projetos em funcionamento, que o espaço foi cedido por Dona Letícia, que era um amante do voleibol, era uma pessoa que tinha condição financeira e ela tinha aquele terreno, cedeu o terreno, construiu a quadra pra que fossem feitas aulas de voleibol para as crianças da cidade. E aí, só que pagava uma taxa, né, e aí eu não podia pagar a taxa, aí meu irmão falou com professor Pacal, e aí, eu comecei a treinar, também, fazer parte desse projeto Centro Esportivo feminino e treinava no Padre Miguelinho, né, então tinha essas duas, esses dois momentos, depois que entrou na escola, aí eu, continuei treinando na escola, e aí, houve uma seletiva na AABB, eu fui fazer, aí fiquei na AABB, também, e treinava na AABB e aqui na ETFRN.

Ivana - Então você participava também das seleções do Rio Grande do Norte, pra representar o Rio Grande do Norte?

Gizelda - Isso, chegamos, chegamos a participar, tanto da seleção infantil, como da seleção juvenil, também, que eram assim momentos de muito aprendizado, né, (risos)

Ivana - Vou fazer uma pergunta, assim, que para você puxar um pouco pela sua memória, com

experiência que você tem hoje lógico, provavelmente, não sei se você vai conseguir rememorar, mas pela experiência que você tem na Instituição, e aí eu digo experiência, não apenas vivência, né, experiência, é você realmente sentir, você está, você faz parte dessa história, né, nesse processo que você viveu enquanto o aluna, você rememorar a relação da Educação Física incorporada no projeto político pedagógico, porque você entrou 85, né?

Gizelda - Isso

Ivana - 85, saiu 88, mas você vendo hoje e com certeza já leu algo, (Gizelda - uhuuu), né, a gente, de que maneira Educação Física tava nesse processo didático pedagógico, questão disciplinar como é que era esse processo, você poderia comentar um pouco.

Gizelda - Era um processo bem a parte mesmo, não, a Educação Física, não era inserida em projetos, a disciplina de ter conteúdos, não, era realmente bem a parte, era uma aula mesmo como diria os meninos de física, (risos) hoje tem aula de física? Assim, era mesmo a atividade física, mesmo, de corrida, de abdominal, polichinelo, não tinha nenhum outro elemento, aulas com outros elementos, não tinha nada que fosse diferente disso, por exemplo tinha dia que a aula era fazer o teste de cooper no campo de futebol, a gente ia pra o campo de futebol, alongava e dava, ficava dando as voltas ao redor do campo, então, não existia nada que fosse associado ao projeto político pedagógico da escola, como hoje acontece, não tem, era mesmo, assim, a prática da atividade física e, também, a prática assim, do jogar futebol para os meninos e as meninas, mais uma vez e para queimada, eram essas atividades.

Ivana - A gente tá voltando um pouquinho assim, né, tá indo e tá voltando, mas é, como eu te falei, é uma conversa mesmo tá, para depois eu desmiuçar isso, é problema meu, é para entender um pouquinho, porque eu preciso entender, por exemplo, você é uma pessoa que é muito chave, no meu trabalho, você, Sônia e Betânia, porque vocês, além de ter sido professora aqui na institucionalidade que era ETFRN, vocês iniciaram na ETFRN, enquanto docente, então vocês têm toda essa gama de experiência, desse processo didático, dessa relação com a Educação Física, então você vivenciou como aluna, na ETFRN, rememora essas questões como aluna, e aí, se você pudesse falar um pouquinho dessa relação quanto professora, desde a ETFRN, né, que você passou, você, acho que você entrou lá em Mossoró, né, isso?

Gizelda - Isso.

Ivana - Você entrou em Mossoró, como é que era essa relação da Educação Física no processo didático da instituição, até se você rememorar, alguma coisa de projeto mesmo, como é que era constituído isso, até passar pro CEFET, ETFRN e IFRN.

Gizelda - Na realidade foi assim, eu fiz o concurso, ETFRN, quando eu tomei posse era CEFET, porque já estava na transição, a documentação já tava...

Ivana - Você entrou em 96.

Gizelda - 96, isso...

Ivana - o processo de Cefetização ele foi para noventa e..

Gizelda - Eu acho que foi 97, né, Ivana, não lembro

Ivana - 98...,

Gizelda - 98, pronto

Ivana - 99, aliás, desculpas, é.

Gizelda - Foi. E tanto que aonde eu tomei posse, que foi Mossoró, lá não era chamado nem ETFRN, nem CEFET, era UNED, porque era uma unidade descentralizada, né, e já dizia unidade descentralizada do CEFET/RN, que eu já, já usava essa nomenclatura, né, e aí nesse período quando eu chego lá em Mossoró já tinha por lá a professora Sônia Cristina, né, que tinha sido o segundo lugar do meu concurso, e o primeiro tinha sido o professor Moisés, então o professor Moisés, continuava e, Sônia Cristina tinha vindo já transferida para Natal, e aí, eu chego lá, nessa situação, e aí, o que é que a gente encontra na realidade de Mossoró, independente do projeto que existia na Instituição para Educação Física, nós tínhamos uma escola nova, que já tinha um nome forte, na capital, né, uma escola de qualidade, para o ensino

gratuito, onde os alunos estavam, assim, loucos porque era aquele espaço todo, né, um ginásio para que eles praticasse e dois professores, e aí, eu e o professor Moisés, nós, nos virávamos nos 30, né, assim, fazíamos aquele famoso um menino que dominasse o futebol, ficava conosco, e aí vamos dar aula de futebol, um aluno ajudava a gente, usava a parte do conhecimento da Educação Física, e a parte específica do futsal, do basquete, ou de alguma outra modalidade, era compartilhada com esse aluno ou até muitas vezes com outros servidores, que tinha, que dominava essa parte, nós, aí nesse momento, além dessa vivência esportiva, que a gente precisava oferecer aos alunos, é onde se começa a discutir nas aulas de Educação Física, também, é deixar um pouco dessa aula da calistenia, vamos supor, né, dessa calistenia pura, né, pra aulas onde a gente falava sobre, vamos supor, um assunto sobre drogas, né, sobre comportamento, né, sobre sexualidade, então, eram ações que entravam nas aulas de Educação Física, não tinha é esse contexto histórico, de corpo, de movimento, né, de coisa de Cultura e Sociedade, não, não existia, essa parte tão forte, né, era muito voltada para essas questões de temas, que estavam ligados ao movimento, vamos supor, ao corpo, mas que fosse mais acessíveis, né, então o uso de anabolizantes, por exemplo, eu lembro bem que era um dos temas das nossas aulas, que aí eu e Moisés, a gente preparava material e tudo, porque era um tema que tava associado a atividade física, tava associada ao corpo e tava ligado à Educação Física, né, então nós tivemos esse momento da Educação Física, lá em Mossoró, paralelo a isso estava tendo aqui em Natal, né, tinha um novo grupo de professores que já vinham, é, tendo alguns embates, nessa repaginação, vamos supor ou nessa nova vestimenta da Educação Física, com os professores que estavam, antigos, né, porque quando eu retorno a instituição como docente, muitos dos professores da Educação Física, tinham sido professores na minha época, como por exemplo, o professor Fábio Lisboa, Professor Nilson, Professor Luiz Guerra eram professores, professora Leonor, né, eram professores que haviam sido professores, na minha geração e que continuavam na, na ativa, né, e aí, aqui em Natal tem entrado uns três ou cinco anos antes, um grupo de professores, que na época, era muito denominados os teóricos da Educação Física, né, que aí eram professores que tinha a teoria, que as aulas de Educação Física deixaram de ser o ocorrer, saltar e nadar pra ter uma fundamentação, né, onde realmente o movimento fosse o objeto de estudo, não através só dessa prática, né, exatamente, então aí nesse período aqui já tinha esse grupo de professores fazendo esse trabalho separado dos demais, porque os demais ainda tinham uma formação muito tecnicista, né, então vinha com aquele meu pensamento, vou fazer Educação Física, pra ser professora de voleibol, né, (risos)...

Ivana - Eu também, queira ser de atletismo.

Gizelda - Então, é, era o grupo que tinha aqui, mas assim eles não são, não eram culpados por esse pensamento, porque eles eram os produtos do meio, né, a formação deles era essa, eles foram formados para serem técnicos de basquete, técnicos de voleibol é tanto que eram professores renomados, de títulos inúmeros, né, justamente porque, assim, eles faziam muito bem, aquilo que eles se propuseram a fazer, né, e aí não existia essa interação, tá assim, por exemplo, não, Mossoró lá tava eu e Moisés, que já tinha passado Professor Arnóbio, né, a professora Sônia Cristina, o Professor Maurílio, é, não, a gente lá não se juntava aqui para fazer...

Ivana - Um projeto sistêmico?

Gizelda - Não, não tinha, como hoje nós temos, né, hoje nós temos os conteúdos do 1º ano, cada professor vai usar a sua didática, mas um aluno que saiu do primeiro ano aqui, se ele chegar no segundo ano em outro *Campus*, no segundo ano lá ele vai ver lutas, esportes e dança, porque no primeiro ano ele viu ginástica, viu a cultura, então, não existia isso, né, a gente ia nessa, nesse processo e lá a gente tinha muita rejeição, né, assim, os meninos aí professora hoje não tem aula da Educação Física não, quando dizia, é tanto que eu tinha muito cuidado, assim vamos para quadra, mesmo que fosse um texto, eu levava eles para o ambiente da sala de aula da Educação Física, que seria o ginásio, a quadra, porque quando ficava na sala, eles diziam

professora hoje não tem aula de Educação Física não, é assim, porque eles viam também dessa formação, da bola, né, da bola pela bola, então, não existia, tinha, o que tinha de conteúdo, do que hoje existe, o esporte, o esporte sempre foi o conteúdo mais forte, né, sempre foi, não, não tínhamos essa, essa junção, né, a gente sentia muita discriminação, hoje em dia, talvez esteja, talvez não, eu tiraria o talvez, eu acredito que hoje em dia, a disciplina, a profissão está mais valorizada, dentro da instituição, porque antes a gente escutava coisas do tipo assim, ei ser professor da Educação Física é bom demais, não corrige prova, num planeja, não sei quê, né, porque essa era a visão da formação de quem tava falando dele, né, como a formação de educação artística, por exemplo, que hoje é arte, as minhas disciplinas de educação artística foi aprender a pintar, aprender a bordar, né, eu nunca tive uma aula na disciplina da educação artística, que hoje é artes, que me falasse sobre música, sobre teatro, né, eu nunca fiz, então eu sou oriunda dessa formação tecnicista da educação artística, vamos supor, então, mesma coisa com alguns colegas de outras disciplinas, onde viam a Educação Física como simplesmente uma, um pastorador de bola, libera a bola, e tome, e começa a jogar menina, né, então por aí, aí assim, Ivana nós não tínhamos essa unidade de *Campus*, não existia esse planejamento sistêmico, não existia esses conteúdos, né, programados, o que era para ser visto em cada ano, até porque, também, nacionalmente falando, não existia esses documentos, né, o PCN's, né, a LDB, então, essa, não existia também para nortear a gente e, se existia, não sei dizer, mas, nós não tínhamos esse acesso, né, então, assim, nós não fazíamos uso, e aí, as aulas ela já foram bem diferentes da minha época, né, assim já eram as aulas onde a gente já fazia movimento, já tinha uma outra proposta, mesmo que muitas das vezes os alunos relutassem, né, é existia as diferenças, a minha época de aluno, menina fazia com menina, menino com menino, de preferência a professora das meninas, se fosse uma mulher, a dos meninos fosse um homem, só não era quando realmente não tinha como, mas a preferência, né, que a mulher desse aula as meninas e os meninos fosse um homem.

Ivana - Então na sua época tinha professoras de Educação Física?

Gizelda - Tinha, tinha,...

Ivana - Você recorda?

Gizelda - A professora Carmen, professora Leonor, ..

Ivana - Leonor chegou aqui em 98 (foi 89)

Gizelda - Não, mas ela como aluna, ela foi professora também, aí não, não Leonor, Leonor era do atletismo, isso Leonor não, era Carmen, e Carmen era a esposa, eu acho que esposa do professor, professor Oliveira não,

Ivana - Galvão

Gizelda - Galvão, isso, exatamente, professora Carmen, quem era mais...,

Ivana - Ver se você lembra..

Gizelda - Meu Deus, porque de homens eram: Serrano pai, Serrano filho, Jorge Moura, Chico Martins, professor Pedro Galvão, aí Chico Martins eu disse, né, o professor do atletismo, que é uma referência...

Ivana - Tião

Gizelda - Tião, aí Carmen...

Ivana - De mulher só Carmen?

Gizelda - Professora Inalda era esposa do professor Oliveira, mas ela era de Biologia, Inalda, era de Biologia, aí Ivana, mas eu acho que tinha mais alguém, ...

Ivana - Deixa eu te mostrar essa relação aqui e, essas em vermelho aí, era que eu gostaria de saber, de saber se você já ouviu falar, rememora...

Gizelda - Não

Ivana - Na sua época, eu acho que tinha Terezinha e Carmem.

Gizelda - Aí, Terezinha que dava aula de dança, que era casada com o Wallace, um servidor administrativo, isso...

Ivana - Isso, aí eu queria saber se essas de vermelho, você conhece, já ouviu falar?

Gizelda - Não, nem Doracelis, não ouvi falar e nem Cristina Maria. Agora me diga uma coisa Maria Aparecida e Rita Maria, são da UFRN não? eu acho até que Maria Aparecida faleceu, se for essa que eu tô pensando,...

Ivana - É isso que eu queria saber, porque eu não as identifico no Suap, por isso que eu trouxe de vermelho para saber se você identifica, né.

Gizelda - Não. Não identifico. Não identifico. Menina não ô. Será que só era Carmen, porque essas aqui é o ano que elas saíram, né, Ivana?

Ivana - Não é o ano que eu identifiquei no, no Diário, porque eu tô no momento, aqui no arquivo que eu estou nos Diários, ...

Gizelda - Certo.

Ivana - Aí eu pesquisei nos Diários a partir de 75, porque em 75, não sei se você sabe, que, né, a primeira mulher, aluna, nós tínhamos servidoras...

Gizelda - Certo.

Ivana - Mas aluna foi em 75, e aí, nos diários que eu identifiquei, só comecei a identificar...

Gizelda - Que ela entrou em Edificações, num foi?

Ivana - Isso, que ela veio transferida, né,...

Gizelda - Isso o pai era militar

Ivana - Aí a primeira seleção foi em 76, pra alunas, da instituição, mas a gente recebia alunas de fora, que era uma lei que tinha, 5692, ela dava o direito de, por exemplo alunos do Neves, vim fazer a parte técnica aqui, ...

Gizelda - Ah entendi, certo

Ivana - Semelhante a essa nova Lei

Gizelda - Certo

Ivana - A intenção vem desde de lá

Gizelda - Que foi parecido com um projeto que houve uma época, com escolas públicas, porque aqui em Natal era o Floca, o aluno fazia o médio, as disciplinas propedêuticas no Floca, e vinha aqui fazer as disciplinas técnicas,...

Ivana - Concomitante

Gizelda - Concomitante, Mossoró era do colégio Abel Coelho, com a UNED

Ivana - Exatamente

Gizelda - Ah, tá, Ivana, então será que só era Carmen e Terezinha?

Ivana - Era isso que eu queria saber (risos). Se você rememora, aí depois, assim, pelo que eu fiz o levantamento, entrou, entrou, entrou, veio professora Leonor, 98, em 89, desculpa, foi 99, foi 89,...

Gizelda - É porque eu sai em 88, isso.

Ivana - Aí em seguida entrou Karenine, foi a primeira, foi pelo que eu tô identificando, a primeira concursada, daqui, desta Instituição

Gizelda - Ah

Ivana - Porque, Leonor veio de fora, Terezinha Ximenes veio de fora, a professora Carmem, eu não sei, eu preciso saber um pouco mais da história da professora Carmen...

Gizelda - É, não, na época deles, de 90% desses professores, aí, não existia o concurso, né, porque eles são antes de 88, concurso só começou a acontecer a partir da Constituição, né, então eles são antes de 88 e, era assim, por exemplo, o professor Jorge Moura foi convidado pelo então o diretor, que era professor Abott Galvão, para que ele, Jorge venha você vai ser contratado para ser técnico do voleibol, aí, pronto professor Jorge veio contratado, ele não era nem formado em Educação Física, como a maioria deles, a maioria deles foram para Recife fazer um curso que capacitava eles usaram o título de professor, né, então.

Ivana - A partir dessa Lei de 5692...

Gizelda - Pronto, então é bem provável que só tivesse Carmem viu Ivana, será? Não, pode ser

que tenha antes...

Ivana - Tem ela, mas parece ser temporária ou coisa assim, que eu ainda não cheguei nas portarias que é o que a Arilene...

Gizelda - Arilene lhe orientou a pesquisar...

Ivana - Mas como eu tô nos Diários...

Gizelda - Mas também, a gente pode pesquisar isso perguntando a ex-alunos, no caso dos mais antigas, né, pronto lá em casa mesmo eu vou perguntar, por exemplo,...

Ivana - Professor Lerson

Gizelda - É, eu tenho um irmão que saiu em 79, né, então ele entrou tipo 75, né, e então ele pode ser que tenha algo sobre professores...

Ivana - Algo que você disse aí que tá concluindo com o que eu observei nos diários, né, que você falou as professoras, elas davam aulas para as meninas, os professores, geralmente, para os meninos, eu tenho identificado, pelos diários, muito isso e, muito que você colocou também que, é né, quando não era possível aí, se atendia, mas a preferência, realmente era essa, interessante.

Gizelda - Era isso mesmo.

Ivana - Gizelda você sabe que na Instituição agora que tá com esse formato que a gente tem, diversas, diversos *Campi*, mas no período que você foi aluna, nossa instituição foi criada em 1909, né, e até você ser aluna, eu ser aluna, a gente não tinha tido, no nosso período a gente começou a ter, né, uma representante máxima da instituição, que foi a única até o momento, né, que a professora Luzia...

Gizelda - Luzia Vieira de França

Ivana - Tem conhecimento disso, onde eu quero chegar, se no período que você foi aluna, você rememora se tinha coordenadoras, diretoras de curso, coordenadoras de pedagogia, essas coordenadoras de curso, você rememora se tinha, se não tinha o que que você acha que repercute hoje para nossa história, né, enquanto mulher nessa instituição?

Gizelda - Ivana, eu na realidade, não tenho, não tenho essa memória, de ter mulheres, assim nesses postos chaves, né, assim, inclusive eu participei dessa eleição da professora Luzia, como aluna, né, ela foi eleita justamente na minha geração, os candidatos eram ela, o professor Pedro Bandeira, o professor Gilson e, eu acho que teve mais um professor que agora me falha a memória, mas eu acho que eram quatro candidatos, onde só tinha a professora Luzia, mas assim, quando você faz essa pergunta, eu lembro bem, por exemplo, o psicólogo era Josfan, que é até hoje, continua na ativa, então é homem, o que nós chamávamos, na época de inspetor do corredor, era o professor Diogenes, que era também homem, os professores que ficavam a frente dos cursos, eles não eram coordenadores, mas eram aqueles professores, que vestiam a camisa do curso, então, que colaboravam com jogos internos e tudo mais, né, então Estradas era o Professor Túlio Souto, Saneamento era professor William Barreto, Edificações era Professor Carlos Nazareno, Eletrotécnica era o professor... aí me deu um branco agora, mas ele usava óculos, tinha uma barba, então assim, eram, não eram professoras, eram sempre os homens, que estavam à frente, né, assim, desses espaços, então, eu não tenho realmente lembrança de que se tinha mulheres nos postos de direção e de comando da Instituição, eu, eu acho sinceramente, eu acho que não tinha, sabe, porque, assim, rapidamente falando, eu não, não me vem a memória, me vem muito, assim, essas, aí aonde é que tinha, por exemplo mulher, tinha uma servidora, que é Miriam, que Miriam era responsável por quê? Ela trabalhava no gabinete, e aí, ela era responsável pela colação de grau, então, era ela que ensaiava com os alunos, como é que a gente ia entrar, ela que orientava as roupas, que aí você vê que Miriam, que estava nessa função, talvez por ser mulher, porque juntava a história da vestimenta, do comportamento, alguma coisa assim, então, tinha Miriam que fazia esse trabalho, mas eu não sei também se isso era um cargo de coordenação, ou se ela tava nessa função por ela tá trabalhando lá no setor que precisava, vamos supor, como se fosse um setor de eventos, né, não sei se era assim, mas era bem mais

homens, bem mais homens, nos pontos...

Ivana - Voltando um pouco para nossa área, específico, você falando que Miriam, ela falava, ela abordava essa questão da relação, né, apresentação e tudo e, nós professoras de Educação Física, né, você rememorando, enquanto aluna, você tendo essa visão hoje, e hoje você como docente, como é que você vê essa nossa atuação, por exemplo, nos jogos.

Gizelda - Ah, hoje em dia, em termos de comportamento como técnica de esporte...

Ivana - Não especificamente dessa parte didática, né, mas quando a gente vai, a gente sabe que quando a gente vai organizar os jogos, a gente tem o processo de organização de Projeto, a gente tem o processo de atuação nos jogos, a gente tem o processo de avaliação, pós jogos, né, como é que a gente atuava? como é que você via que as professoras, hoje você é rememorando, você vai ter isso, lá na época você não tava, nem interessa, eu muito menos, só no que...

Gizelda - Isso, exato.

Ivana - No fogo dos jogos, mas hoje a gente tendo essa visão, como é que a gente via, a atuação das nossas professoras, e hoje eu como professora, como eu atuei na ETFRN, no CEFET e no IF, em específico nos jogos?

Gizelda - Ah, sim, (risos), teve muita evolução viu Ivana, (risos), porque assim é hoje em dia a gente passa realmente por esse processo de construção, né, assim a gente tá em todas as etapas, vamos supor, em todas as etapas que eu digo, é, não que você vai fazer tudo, mas você toma parte de tudo, você tem acesso a esse processo total, que antes ele era mais fragmentado, vamos supor, sabe assim, é a gente era mais, ah sua parte é essa daqui, por exemplo ah, você tem uma equipe e pronto, sua parte é você tomar conta da sua equipe, vá fazer sua parte e o restante outras pessoas vão, vão tomar a frente, sabe? hoje em dia a gente sente mais o todo, você sente essa participação de uma maneira mais integral, de até de construção mesmo, até chegar a parte final, entendeu? Não sei se era essa sua pergunta, assim.

Ivana - Sim, é isso mesmo, mas aí você tá falando hoje, né, se você conseguisse rememorar um pouquinho lá, antes, como é que você via a atuação das mulheres, nesse processo, que você hoje tá dizendo que a a gente ...

Gizelda - Ah, não, lá antes era bem a parte, até, por exemplo, eu lembro bem, que eu acho que foi em 99, acho que foi em 99. Ou foi 2000 ou 99, não lembro, que teve uns jogos dos alunos, que foi em Salvador, foi na Bahia, e aí, na reunião que nós fizemos com os pais, eu ainda tava em Mossoró, e algumas equipes de Mossoró vinham e outros alunos, vinham, assim, como alunos para completar, vamos supor, no voleibol três pessoas do voleibol vinha pra se juntar a equipe do CNAT, o handebol, então, e aí eu e Moisés, íamos também, com os alunos, né, pra dar o suporte, e aí, na própria reunião, que foi feita lá em Mossoró, com os pais, eu tava lá só distribuindo beleza, simpatia e elegância, porque quem falou, assim o tempo todo, foi a direção, que era uma Imagem masculina, o diretor de ensino, que já tinha essa estrutura e pronto, eu acho que o professor Moisés, também, né, assim, eu só fui citada, assim, como a professora, vai uma professora e um professor, né, a professora vai ficar, porque na época que a gente ficava em alojamento, a professora vai ficar no alojamento com as meninas, o professor, mas em nenhum momento de fala, de então, realmente a gente ficava mais a margem, como se fosse secundário, a presença da professora, a do professor, do masculino, ela era mais, era aquela presença, que tava passando a segurança do evento, da coisa toda, sabe, nós ficávamos bem a parte, mesmo, e até mesmo, assim, a questão, por exemplo, eu particularmente, que trabalho com voleibol masculino, é, não é, não era e hoje continuo afirmando, nós não vemos, não é muito comum, por exemplo, em 2023, (risos), ontem, né, uma colega lá nos jogos que nós estávamos, em Fortaleza, um colega, de um outro estado, eu acho que era do Sul, só que interessante lá, um homem trabalha com vôlei feminino e a mulher com vôlei masculino, a gente ainda tem muito isso assim, você não vê muito nas modalidades coletivas, é um homem, uma mulher com os homens, os homens com homem, professor técnico, com a equipe feminina, sim, mas uma professora com a equipe masculina, não se vê muito e ainda causa uma certa estranheza.

Ivana - Você falando sobre isso, você recorda se em algum momento você foi, na Instituição, vou trazer só pra Instituição a pergunta (risos), você já tava respondendo a nível nacional, mas você recorda de ter passado por alguma discriminação, algum preconceito por ser mulher? Na nossa instituição, com nossos próprios colegas.

Gizelda - Na instituição, Ivana não, não, não, sinceramente, não recordo de ter vivenciado, se teve, mas assim, eu posso, posso não ter percebido, e até tenho uma experiência com os servidores, que é nos jogos dos servidores, eu colaboro com a equipe masculina, e assim, e são 15 homens e super tranquilo, é não percebo nada deles, nenhuma rejeição deles, por tá no comando uma mulher, é, é tranquilo, talvez até por essa evolução, né, essa evolução, claro, quem vai ter esse pensamento o tempo vai passar e vai continuar enraizado, né, essa estrutura mais machista.

Ivana - Tem a ver com a postura que você criou enquanto pessoa, enquanto profissional..., também, né.

Gizelda - Também. E como também o que foi passado, né, como educação, né, é eu acho, que, acho também...

Ivana - A gente tem que reconhecer que a nossa instituição ela foi criada inicialmente com a perspectiva de atingir um público alvo, que era masculino...

Gizelda - Um público alvo, o masculino, é isso.

Ivana - Tecnicista e tudo mais

Gizelda - E com uma perspectiva tecnicista, né, num precisava pensar, você precisava só fazer sapato, você precisava só apertar um parafuso, você não precisava estudar, o porquê daquele couro, de onde veio, né, então, isso daí também, e sobre o comando, assim, com relação aos meninos, por exemplo, eu nunca tive nenhum problema, com nenhum aluno, nem um aluno, ao contrário, assim, eu tenho uma relação muito, muito boa, que tem até um depoimento de uma colega nossa, que era do IF do Ceará, que trabalhava com voleibol masculino, também, e aí, um certo dia ela chegou e disse, vou me aposentar, houve um problema com a delegação dela, na época a gente ficava em alojamento nas escolas, e aí, ela teve um problema, os alunos saíam, trouxeram bebida, para dentro da escola, e foi bem desagradável, aí ela disse, não, eu vou me aposentar Gizelda, dizendo a mim e ao professor de Pernambuco, nós temos uma relação mais próxima, ela disse eu vou me aposentar, porque eu não consegui, ainda, construir a relação que Gizelda construiu com os meninos dela, porque para onde, aonde ela tá esses meninos tão tudo perto, e é tudo, e eu não consegui fazer isso, assim, e aí, talvez tenha sido uma construção feita, eu nem percebi, que tava construindo, assim (risos), mas talvez tenha sido feita baseada muito na parte de respeito, né, e aí, eu respeitar eles, e consequentemente eles já chegam com a perspectiva do professor/aluno e aí, vai vendo que o respeito ele precisa acontecer, né, de uma maneira sadia, não do medo, o respeito do medo, mas o respeito da maneira sadia.

Ivana - Não de imposição, né, mas de conquista.

Gizelda - Isso. Exato.

Ivana - É, falta um pouquinho também ainda mais, né, você conseguiria rememorar como se constituía sua compreensão do corpo, a época de aluna e como se constituiu hoje? De que forma você recorda como o seu corpo era considerado, em sua época de aluna, que concepções, isso tudo já com a experiência que você tem hoje, que percepções corporais você tinha, a época de aluna e hoje? como o seu corpo era considerado naquelas aulas? Por você, por seus colegas? Eu queria que você fizesse esse aparato geral. É muita informação, é muita coisa, que é que eu repita?

Gizelda - Não, ok. Tá.

Ivana - Pra fazer esse aparato, em relação ao seu corpo, né, essa imagem corporal, essa relação toda que a gente tinha...

Gizelda - Primeiro esse corpo, era cabeça, tronco e membro, né, era aquele da ciência, então, a gente fazia uma bolinha, que era cabeça, palitinho, e os palitinhos que eram os membros, né,

superior e inferior, inicialmente, o corpo era esse, né, que você tinha aquele visual, não era um corpo de sentimento, não era um corpo de emoção, não, não tinha nada disso, esse era a primeira imagem do corpo, a segunda imagem, era aquela imagem do corpo da mulher gostosa, vamos botar a palavra, né, que era aquela menina que tinha que ter a cintura, a bunda, a coxa que aí, era esse o corpo, que continuava sendo o visual, né, não tinha nada do que realmente o seu corpo representava, nesse contexto social, era somente o que era visto, inicialmente, era visto cabeça, tronco e membro, depois você via aquele corpo, que dizia que era o corpo, que tinha que ter a mulher, porque era o corpo do desejo masculino, então, assim, era o corpo que ia lhe atrair, por exemplo, namorados, você ia casar, né, porque senão você ia ficar no caritó, então, né, então tinha, assim essa, essa perspectiva, né, e que era o corpo padrão, né, você tinha que ter um corpo onde você tivesse membros inferiores, membros superiores, tudo ali em pleno funcionamento, ter um braço mais encurtado você já era um corpo aleijado, né, era essa a palavra, né, era um termo, você tinha um corpo aleijado, então você já não podia fazer nada porque você já era aleijado, seu corpo tava já diferente, mas aí depois, você percebe que o corpo não é apenas visual, né, só, que ele é um corpo sensível, é um corpo que fala, né, é um corpo que expressa, que você não precisa muitas das vezes, falar verbalizando, você pode falar com gestos, com movimentos e esse corpo vai tá expressando sentimentos, né, um abraço, por exemplo, é algo extremamente corporal, mas que passa uma emoção, um sentimento maior do que dizer eu lhe amo, né, então assim, esse corpo que se movimenta, que tem a liberdade de se movimentar e se expressar, sem ser tolhido, né, porque teve a fase que você não podia fazer determinados gestos, porque aquilo era um gesto masculino, aquilo era pra homem, você é menina, então você tinha que fazer assim, então ...

Ivana - E você como passou por isso, você entrou aqui na adolescência, uma menina...

Gizelda - Na adolescência, isso...

Ivana - Como é que você rememora, você tinha passado por todos esses sentimentos, toda essa relação corporal que você está descrevendo.

Gizelda - Hum, executando desse modelo, que a menina tinha que sentar, tinha que puxar a saia, que tinha que sentar com a perninha fechada, cruzada, que tinha que ter cuidado, que era, era isso que eu reproduzia, né, eu tinha, você tinha, não podia chegar, como hoje que a gente encontra um amigo, e dá dois beijinhos, não, não podia, porque essa expressão de ir abraçar um amigo, e depois abraçar um outro amigo, você vai ficar uma menina falada, seu nome vai cair na boca do povo, não pode, né, no bairro do Alecrim, na boca do povo, de jeitoouo nenhum, então, tinha, tinha e era esse o meu comportamento, também, mesmo que os meus pais, mesmo sendo de uma idade mais avançada, mas na minha casa, assim, alguns assuntos não eram tratados, até pela própria formação deles, mas eles também não ditavam regras corporais, né, vamos supor, não existia isso, mas o entorno todo existia, então, era assim que eu também me comportava, era desse modelo, né, assim, mas reprimido, né, vamos supor, mas reprimido, porque existia uma regra ser seguida, né, não podia ser é, do jeito que você quisesse, porque a sociedade, ditava as normas, né, como a mídia, dita o modelo de corpo, né. Qual é o corpo agora da moda? Ah tá, o corpo agora da moda é musculoso, perna fina, barriga chapada. Qual o modelo da moda amanhã? Ah, amanhã você vai ter que fazer muita musculação pras coxas, porque tem que ser coxa grossa, bunda grande e por aí vai, né, então, assim, existiam essas normas e que a gente precisava seguir, precisava, né, e que a própria geração seguia, as gerações para cá, eu sinto que elas são mais, é ei não é assim não, né, são mais tipo não sei se é ousadas, mas são mais corajosas, não é assim, então, a minha geração e o meu comportamento era mais do que fosse dito do que pudesse fazer, é para fazer assim, eu fazia assim,...

Ivana - Bem disciplina.

Gizelda - Bem disciplina, bem moça de família, (risos)

Ivana - (risos), bem Gizelda, que legal, porque você já tá respondendo tanto, sabe assim...

Gizelda - Ah é, aí Jesus, tá muito legal, tomar uma água,... Lá em casa,..., ei lá na casa dizia

bem assim, você vai, eu dizia, vai levar a boca, porque se levar a boca não é uma hora não (risos).

Ivana - A gente já tá num momento, tão, tão legal, aqui, né, nessa questão do corpo, das relações, da representatividade feminina na Instituição, como um todo, mas eu queria se possível a gente voltar, um pouquinho e você fazer esse percurso, né, desde quando você começou a atuar, enquanto docente, antes mesmo de você entrar na Instituição, aqui, nossa instituição, como é que foi, foi desde a graduação você já trabalhava na área, como é que foi? Fala um pouquinho assim da sua história até hoje aqui.

Gizelda - Certo, Ivana só um detalhe, tinha uma coisa também, que me marcava muito, nas aulas da Educação Física, que era assim, o professor pedia para fazer um determinado exercício, aí a gente perguntava, as meninas também é para fazer? porque tinha coisas que podia ser pesado demais, né, era só para os meninos fazerem, as meninas não faziam nenhum, vamos supor, um exemplo, é flexão, os meninos vão fazer 10, as meninas é para fazer? Aí, não as meninas não precisam fazer, então, tinha é, às vezes essa situação também, isso em alguma situação que tivesse junto, porque como era separado, né, mas em alguma situação que tivesse junto, é, não, os meninos faziam e as meninas não faziam.

Bem, a minha formação, inicialmente, foi com essa proposta, né, que eu ia fazer Educação Física para dar aula de voleibol, e aí, quando eu chego, eu entro na universidade aos 17 anos, quando eu chego aos 21 anos, um colega que era professor, que é professor de basquete, Palito, era da minha turma da faculdade, e foi estagiar no colégio CEI, o CEI tava, no primeiro ano de transição, ele antes era o IAA, Instituto de Artes e Aprendizagem, que era aqui em frente ao Batalhão, e aí, se tornou pequeno, porque eles faziam um trabalho, que os pais gostavam muito e os meninos só iam até a famosa quarta série, aí os pais começaram a pedir que eles passassem a ter quinta série, 6ª série, aí eles conseguem aquele prédio, que é o CEI Mirassol, e aí lá tinha ginásio, e pra ter o ginásio os alunos começaram a querer a parte de esportes, aí a coordenadora pediu que ele indicasse uma pessoa pra ir pra o voleibol, e aí uma pessoa pra o futsal, quando eu chego lá pra fazer a entrevista do voleibol, quem já estava lá era Arnóbio, sendo professor de Educação Física e ia começar o futsal, também, ele ia ficar com futsal, aí eu fiquei na vaga do voleibol, e aí já comecei no último ano de faculdade já a trabalhar, como estagiária, né, com a equipe de voleibol, lá do CEI. E aí, fico no CEI, quando eu passo no concurso daqui, na época não precisava ter dedicação exclusiva, não era obrigatório, então, eu optei em ficar aqui e continuei no CEI e no Auxiliadora, porque o Auxiliadora, foi como? O Auxiliadora, Petrucia era a coordenadora lá do Auxiliadora de Educação Física, eles lá separavam Educação Física e Esporte, e ela tava começando com esse trabalho justamente dos conteúdos da Educação Física, desse corpo que não seria o corpo do jogar bola, né, ela tava começando esse processo, e aí, ela assume aqui no IF, precisava indicar uma pessoa para lá, e aí, pela amizade, aí de cara ela não, assim, o grupo dela de amigos, já estavam encaminhado, né, grupo de faculdade e tudo, aí ela tinha muita amizade com meu irmão e lembrou, aí quando ela conversando com ele, aí ele disse, olhe tem minha irmã, aí ela disse sua irmã, aí ele disse o meu nome, aí ela disse, menino lembro, porque eu tinha no grupo de estudo que era eu, Suzy e Halusca, e aí, nós fizemos, fazíamos muita participação, né, nos congressos, falando do corpo, a epistemologia do corpo e, não sei o quê, então, a gente tudo menina engatinhando e a gente ia se embora pra esse negócio, e era sempre nós três, ah quero conversar com ela, e aí quando ela conversou comigo, achou que dava certo, aí então, eu fiquei o primeiro ano só no CEI, no ano seguinte surgiu o Auxiliadora, aí fiquei Auxiliadora e CEI, o Auxiliadora eu ficava a manhã toda e no CEI eu pegava tarde e noite. Porque em seguida já construíram a piscina, e aí, os professores que estavam fomos nos organizando, então o início da minha formação profissional ela foi realmente esportiva, né, porque foi assim, no CEI era voleibol e natação, né, no Auxiliadora é que eu fui pra coordenação de Educação Física, mas eu não dava aula de Educação Física, eu levava material para gente fazer leituras, pra preparar as aulas, mas as aulas realmente, eram dos professores.

Ivana - Era coordenadora

Gizelda - Isso, inclusive no Auxiliadora eu trabalhei com uma professora que tinha sido minha professora no Padre Miguelinho, que é Jair, quando eu cheguei lá, Jair, que trabalhava com GR, no CIC e no Auxiliadora ela dava aula de Educação Física, aí fui trabalhar lá, quando eu passo aqui no concurso, eu tinha a opção de não ter dedicação exclusiva, e aí, eu fui conversar com a irmã do Auxiliadora e conversar com a direção do CEI e eles pediram, se existisse a possibilidade de eu organizar tudo em 3 dias, dava para eu permanecer, em 3 dias, aí eu disse ok. Aí pronto aí, eu consegui organizar os três dias aqui em Natal, e em Mossoró existia um projeto que era desenvolvido com a comunidade, uma comunidade carente, que acontecia aos sábados, esse projeto, e ele ia parar porque não tinha ninguém que ficasse responsável pelo Campus, no sábado, que usasse a parte esportiva, porque os alunos, eles tinham uma atividade, que eram os próprios professores que não eram do IF, eram professores da comunidade, que davam aula de reforço de português e Matemática e a parte de atividade física, aí quando eu fui me apresentar, lá em Mossoró, o Diretor era professor Nivaldo, que tinha sido o meu professor de história, aqui na ETFRN, e aí quando eu falei a ele da situação, aí eu fui lancei a proposta, Professor tem alguma coisa que eu pudesse fazer, que eu ficasse o sábado? Aí ele disse tem, você tem interesse? Ele até achou estranho porque 90% dos servidores, lá na época, ou eram de Natal ou eram de Fortaleza, poucos eram de Mossoró. Os que eram de Mossoró, teoricamente, eram os administrativos, alguns administrativos, então, quando terminava o expediente da sexta era a maior, né, e aí ele disse tem, aí então eu fiquei assim, de segunda a quarta eu ficava em Natal, viajava na quarta à noite, de madrugada, pegava o ônibus de meia noite, chegava em Mossoró quatro da manhã, aí ficava lá quinta, sexta e sábado e sábado às 16 horas eu retornava, então, assim que iniciou essa, essa vida profissional, né, e aí vamos a parte da educação física, né, que aí como tinha o professor Moisés, lá em Mossoró e a gente fazia muito, as coisas muito combinadas, né, a gente combinava muito bem, então, eu consegui, como diria caminhar, né, mas com a Educação Física mesmo, foi em Mossoró, porque em um era parte é teórica da Educação Física, né, que era o Auxiliadora e no CEI era a parte esportiva mesmo, porque era voleibol e natação.

Ivana - Você passou quanto tempo lá em Mossoró, Gizelda?

Gizelda - 5 anos, foi 5 anos, menina mais eu fazia confusão visse Ivana (risos), Sérgio França disse, professor Sérgio França, eu não aguentava mais lhe ver, (risos) porque era assim, aquelas coisas, né, um exemplo, eu tava lá em Mossoró, viajando toda semana, menino pequeno, em Natal, aí eu sabia, ei Natal recebeu um professor que veio do Norte, dizia o quê? Pera aí ah minha filha, aí eu vinha embora, batia aqui na segunda-feira de manhã, ia para o Auxiliadora, organizava as coisas, falava com a irmã, vinha pra aqui, professor Sérgio França, e ele tinha sido o meu professor, na época que tinha uma disciplina em Estrada, chamada noções de Geologia, né, e aí era ele e o professor, ah mas professor Sérgio França, porque nessa época teve muita, veio muita gente do norte, sabe,...

Ivana - Leonor foi uma

Gizelda - Pronto. Veio a professora Leonor, veio Dourado, veio Zelma, aí Dourado trouxe Edna, né, aí, veio o professor Mário, que depois veio a falecer, o Professor Osvaldo Arraes que também veio a falecer, ambos são falecidos, já esse professor Osvaldo Arraes, inclusive a confusão foi grande, ele era uma pessoa muito gente boa, depois eu até pedi desculpas a ele, porque ele ia vir também pra Natal, e aí eu fiz a confusão, mas Gizelda você não pode vir pra Natal, pois ele vai pra Mossoró, porque que vai ficar trezentos professores em Natal e Mossoró só dois, aí a confusão foi..., aí eu sei que realmente ele foi para Mossoró e ficou lá comigo e Moisés e foi ótimo, que ele trabalhava com basquete, ele ficou com basquete, Moisés com handebol e eu com voleibol, mas tinha muito disso, aí era uma história que vinha, não mas veio com cooperação técnica, o ânus é lá da, da, do Instituto deles, né,...

Ivana - Foi aquela transformação, né, de Território pra Estado.

Gizelda - Isso, exatamente, porque esse pessoal assumiu lá, justamente naquela história de que precisava, tipo povoar, né, então não tinha concurso, não tinha nada e essa galera foi toda para lá, né, João Holanda, também, então, aí eu fazia muita confusão, porque eu queria vir embora e não,..., mas aí só conseguimos vir cinco anos depois e veio uma boa leva, eu acho que veio assim umas 12 pessoas, porque, aí veio de quase todas as disciplinas vieram para esses professores para Natal.

Ivana - Arnóbio assumiu lá?

Gizelda - Arnóbio assumiu lá, Arnóbio ainda, ainda ficou, acho que tipo um ano ou dois anos para poder vir para Natal. Arnóbio não foi o mesmo concurso que o meu,

Ivana - Foi depois?

Gizelda - Não foi um concurso antes, já ia expirar, ele já ia perder o concurso, aí foi chamado, bem já na reta final mesmo, aí foi quando ele foi para Mossoró e voltou, mas não ficou muito tempo. Sônia Cristina não ficou muito tempo lá, Arnóbio não ficou muito tempo também,...

Ivana - Não tinha uma re..., como é que é uma remoção, redistribuição, não, né...

Gizelda - Remanejamento?

Ivana - Remanejamento

Gizelda - Não porque só éramos duas unidades, né, aí para alguém vir aí tinha que alguém morrer ou se aposentar, né, ou aumentar a demanda. Aí pronto, aí...

Ivana - Aí como eles vinha de excesso, né, para gente era de bom grado

Gizelda - Isso, exatamente, exatamente é, e aí quando eu venho de Mossoró por campus Central, eu vim na realidade não foi pra o departamento de educação física, eu vim pro curso de lazer e qualidade de vida, que aí era uma proposta de Lerson, Sonia e Arnóbio de montar o curso de lazer, aí, o que foi que eles fizeram, aí, trouxeram uma especialização para Natal e Mossoró, com os Bambam do lazer na época, estudiosos que era do professor Marcelino, Cristiana, Cristiano Werneck, Elder, Leila, né, então era esses professores que tavam, né, era os tops do Lazer, a professora Kátia Brandão, também, e aí, esses professores vieram e nós fizemos uma especialização de dois anos, tinha uma turma em Natal e uma turma em Mossoró, foi, e aí, eu fiz essa especialização em Mossoró, eu não lembro se Moisés fez também, Moisés fez também, e aí, quando terminou, enquanto nós estávamos fazendo essas especialização o curso tava, o processo tava transitando para ser aprovado, né, aí o MEC aprovou, aí, quando o curso foi começar, aí precisava de professores, aí aqui em Natal, Betânia e Fábio Romano fizeram essa especialização, então, eles também foram dá aula no curso de lazer, e aí eu vim remanejada de Mossoró para ir para o curso de lazer, é tanto que eu quando vim para Natal, eu iniciei, minha lotação era na DAGESC e eu ficava com o curso de lazer, dava aula pra o curso de lazer, como tinha o sanguezinho do voleibol e não tinha ninguém na época com o voleibol masculino, que Edna tinha dado um suporte, mas aí tinha dito que não queria mais.

Ivana - Professor Jorge já tinha se aposentado?

Gizelda - já, já tinha se aposentado, fazia tempo, já tinha, o voleibol masculino já tinha passado por Nilson, por Edna, aí já fazia um ano que tava sem ninguém, aí João Holanda falou comigo, aí eu disse ah assumo, aí pronto aí fiquei com o voleibol masculino, ligado a educação física, mas minha lotação, na realidade era na DAGESC, e aí é tanto que a DAGESC quando acabou, né, a DAGESC, porque se transformou no Campus Cidade Alta, que até então era Campo Cidade Alta, a minha lotação foi pro campus Cidade Alta, eu não fiquei lotada aqui no CNAT. Aí depois de um tempo foi que eu fui transferida do Campus Cidade Alta pra cá.

Ivana - Aí sua história também não foi fácil, né, Gizelda? Aqui nessa questão, nesse processo.

Gizelda - Pois é. Isso, foi (risos)

Ivana - Também passei por isso (risos)

Gizelda - Foi, é um processo, num é Ivana, menina, ei interessante, eu tive um, nas idas pra Mossoró, né, eu acho que a carga de trabalho e tudo mais, eu tive, que era emocional, eu arrumava a bolsa pra ir pra Mossoró, no caminho da rodoviária, eu tinha vômito, mal estar,

tontura, febre, aí voltava pra casa, ia para o médico, atestado médico, eu dizia meu Deus tô morta de vergonha, nesse Campus o povo vai dizer que essa professora vai já morrer, porque é tanto do atestado médico, aí, me indicaram um médico, Doutor Teledon, me lembro bastante o nome dele, a clínica dele era da próxima a AABB, aí ele era gastro, porque era gastrite, era gastrite, era não sei o quê, fui lá, né, porque ia mudar a alimentação coisa e tal, quando eu relatei tudo, ele era pastor, não sei se ainda é vivo, né, aí quando eu, quando eu relatei, aí, ele olhou para mim, aí, pegou o papel, né, do receituário, rasgou, vixe o homem ia botar o remédio, agora vai mandar outro, aí ele disse, se eu lhe fizer uma pergunta você vai responder com sinceridade? Eu disse vou, aí, ele disse o seu sustento sai desse retorno financeiro, aí eu disse sim, aí se você ficar sem vai lhe fazer falta? eu disse sim, aí ele disse ah tá, aí pegou o papel de novo, aí escreveu, que nós temos que ficar bem onde é bom para você, então, se lá era bom para mim eu tinha que ficar bem lá, porque se eu não ficasse bem lá, aquelas minhas duas perguntas anteriores, que eu respondi sim ia me trazer problema, então, meu remédio era lê aquela frase todos os dias, ao acordar e ao dormir, (risos), aí pronto, aí foi assim que eu fiquei boa (risos), não tive mais ânsia de vômito, não tive mais nada, porque aí eu realmente é, incorporei que era lá, porque se eu tinha feito o concurso para lá, como é que eu queria trabalhar em Paris, não podia se eu fiz o concurso pra Mossoró eu tinha que ir pra Mossoró, né, aí foi quando eu incorporei, e vou dizer a verdade, foram os melhores anos em Mossoró, porque aí eu passei a acabar com aquela história, de aí meu Deus vou pra Mossoró, aí Jesus vou pra Mossoró, não, aí pronto as coisas foram acontecendo melhor, porque aí eu assumi que eu tenho que ir para Mossoró, aí não tive mais nenhuma doença, (risos), mas tem essas questões, né, e assim Ivana e outra coisa também, né, e aqui a nossa educação física, ela passou por todas as etapas da famosa história da educação física, né, nós tivemos a calistenia, tivemos a parte a, a calistenia militarista, né, tudo, tivemos a parte da segregação, da exclusão, quem era gordinho, ia no setor médico, pegava um atestado médico, não fazia as aulas, ficava sentado fazendo relatório, né, ninguém queria nas equipes quando ia fazer queimada, ninguém queria o gordinho, ninguém queria o mais fraquinho, na equipe, teve a fase que a educação física era Esporte, tinha um período de matrícula, né, então, aí ficávamos lá no ginásio, umas mesas aí uma plaquinha, voleibol, basquete, handebol, aí os alunos madrugavam aqui, pra poder pegar uma turma, no horário bom, então a educação física era Esporte, mas aí já era junto, meninas e meninos, mas era Esporte e aí, era no contra turno, não era dentro do turno, aí tinha muita falta, tinha muitas questões assim, porque aí o menino ia pra casa e pra voltar de tarde, eu vinha de manhã, pra voltar, para voltar de novo de tarde, era, tinha bem problemas, né, aí até, a ter esse modelo que nós temos hoje, né, que é dentro do horário de aula, que temos um conteúdo a seguir, que dá para você fazer de uma maneira muito interessante, sem os meninos acharem que a educação física é um saco, como eles acham outras disciplinas, né, e aí do professor de educação física que faltar, né, porque até o reitor sabe, agora se o professor de outras disciplinas faltar, ninguém sabe, eles guardam segredo, porque foi ótimo o Professor ter faltado (risos), mas o de educação física minha filha, é, é bem interessante, e eu acho que e esse objeto, né, que é o objeto de estudo da nossa disciplina, que é o movimento, o corpo em si, né, traz os alunos muito para perto da gente, porque eles sentam assim para relatar umas coisas, como se nós fossemos amigos deles desde pequenininho, né, aí abrem, você fica sabendo e você fica sabendo de coisas que você não imaginava nunca, que aquele aluno passa, né, por aquela situação e tudo, na disciplina, no conteúdo do primeiro ano, que tem essa questão da cultura do movimento, tudo, né, e aí quando a gente vai trabalhar o corpo, uma das atividades é que eles façam uma carta pro corpo deles, né, quem quiser se identificar pode, quem não quiser não precisa se identificar, então tem relatos que você não acredita, e tem relatos que se saem, assim de uma propaganda de televisão, que dizia que meu olho tem que ser verde, que se não for verde, eu sou feia, aí o menino quer pintar o olho de verde, o menino quer começar a juntar dinheiro para comprar uma lente, o menino, porque de uma simples propaganda ele começa a negar o corpo que tem, né,

porque ele acha que aquele corpo não vai ser aceito pela sociedade, não vai ser aceito pela comunidade, que ele precisa tá naquele padrão para poder ter amigos e por aí vai, né, então, tem muitos relatos, dessa confiança (risos) da disciplina.

Ivana - Como tem, tenho experiência também. Quando você, quando eu entrei como substituta, né, você tava relatando a questão do momento do Esporte, quando eu entrei como substituta aqui, eu não sei se você recorda, mas você me ajudou muito com o voleibol...

Gizelda - Foi Ivana?

Ivana - Foi (risos de ambas), então, ainda tem a ver com essa questão da sua atuação, porque você não só atua na, na, com os alunos, mas como a gente também, com seus colegas e aí, é eu sou muito grata, né, pelo que você, pelo aprendizado que tenho com você nesse processo, lá como substituta a gente passou não sei se você rememora, mas daqui a pouco você vai rememorar (risos)

Gizelda - Olha aí (risos)

Ivana - Daqui a pouco você vai rememorar (risos), é Gizelda você tem toda essa vasta, né, experiência, né, nessa instituição, mas você... aí pensando, aí agora, você acha que tem alguma coisa que você não faria? De atuação profissional, que você fez e que você não faria mais? Que foi impactante.

Gizelda - Ei, Ivana, vou dizer a verdade, eu acho que no início, sabe, das abordagens de alguns temas de aula, é eu não faria da maneira como eu fiz, de assim, teria me preparado mais, sabe? Teria, até pego mesmo ajuda de um colega, vamos lá conversar, porque, assim, por exemplo, quando a gente tratou, uma situação que me marcou muito lá em Mossoró, quando nós fomos tratar do tema da questão das drogas, né, então, as Drogas entraram as lícitas e as ilícitas, e aí tere tere, e aí eu pela minha pouca experiência, ah vamos ler o texto, vamos falar e vamos dizer que o álcool a pessoa vai ficar bêbada, vai comprometer o fígado, pode ter cirrose, um exemplo, né, e aí se for usar maconha, cocaína, então, vai ficar drogado, vai virar a bandido, então, na minha cabeça que podia ser coisa só assim, mas aí no meio da conversa um aluno diz que é usuário e que tá precisando de ajuda para deixar, eu fiquei sem saber o que dizer, saber o que falar, entendeu? assim porque na minha concepção a gente ia ler o texto e todo mundo ia dizer aí professora tá certo, então não é bom beber, não é bom fumar, não é bom porque a nicotina, né, pode causar câncer, então, tá bom, ok, né, então assim eu algumas coisas eu teria feito, principalmente, esses temas que a gente pode abordar na nossa vivência, eu teria me preparado melhor para eles ou até teria feito eles, usado eles, não como único, não como o dia da aula seria aquele, mas ele envolvido numa outra perspectiva, professor de química vamos fazer essa aula junto, eu queria o seu apoio, sabe, psicólogo vamos entrar na sala comigo, hoje eu vou abordar isso, para dar um suporte melhor, né, porque aí o menino abriu a boca para dizer isso, porque vinha de uma realidade onde na casa dele, o pai dele, no lugar de tomar o café da manhã, o pai dele cheirava a pó, né, então ele vinha naquela realidade e aí, assim, aí meu Deus e agora, né, então eu teria feito diferente sim e também teria feito diferente algumas práticas que eu fiz, eu teria buscado outras alternativas, sabe, para desenvolvê-las e que conseguisse o mesmo objetivo, porque às vezes até assim, pronto vamos supor, uma prática de, do autoconhecimento, do, né, do corpo coisa e tal e aí eu levava os alunos para quadra, formava duplas, cada dupla como uma bola e essa bola ia fazendo a massagem corporal, então, eu exigia que fosse menina com menina, menino com menino, né, e hoje eu vejo que não precisa, eu poderia ter feito menina com menino, do jeito que quisessem, formem em duplas, cada um ia formar a dupla que, né, lhe conviesse, exatamente, então, eu mudaria sim, com certeza, com certeza,...

Ivana - Você passou no Campus Mossoró, você passou aqui, cidade alta, você passou no CEI, você passou no auxiliadora, por isso vem essa gama de experiência e você, como você pensa que sua prática, que sua experiência, sua atuação profissional, a professora que você é impacta nos alunos? Você acha que impacta positivamente?...

Gizelda - É pra pessoa se achar viu numa pergunta dessa (risos), ei Ivana vou lhe ser muito

sincera, eu acho que impacta positivamente, sabe, pelo retorno, que eu tenho no dia a dia e não pós dia a dia, no pós dia a dia em que sentido, meninos que saíram a 10, 15 anos, eu recebo convite de casamento, convite de aniversário de um ano de Filho, informações aí professora passei na Petrobras, num sei quê, num sei quê, vamos almoçar. Chego no almoço, tá a mãe, avó e eu, entendeu, então, assim você percebe que, né, que ficou alguma coisa, entendeu? quando você tem ex aluno, que eu acho que você vai lembrar dele, Neto, Antônio Belarmino Neto (risos de ambas), quer é um grandão, hoje em dia ele tá grande de altura e de largura, aí, Neto fez eletrotécnica aqui, é de Santo Antônio do Salto da Onça e tá na Petrobras, e aí disse que na casa dele era o café da manhã com as filhas, vocês têm que ir pro IF, vocês vão pra o IF, aí a mais velha fez um ano retrasado, 2022 não passou, para estudar 2023, aí ele disse que fez um, né, um texto que você vai perder a oportunidade, e aí ela botou aquilo na cabeça, caladinha se inscreveu em 2023, passou tá agora aqui no campus, né, ele disse que nem relutou por aqui ser 4 anos, ela já ter feito o primeiro ano, ele trouxe, porque e trouxe, e ela faz Esporte, ela no Salesiano jogava voleibol e veio para jogar Voleibol, porque aí ele disse o quer, ele disse olhe o que eu aprendi da parte técnica, se não tivesse o Esporte eu não estaria em lugar nenhum. Precisava ter a formação técnica e a formação do Esporte, pra eu poder chegar aonde eu cheguei, né, e aí ele disse, na semana de retorno das aulas, aí ele tava com ela aqui mostrando, né, o campus aí ele disse que tinha dito, ele foi o primeiro da casa dele, da família a se formar e aí o exemplo dele puxou o irmão, né, que também, que aí hoje tá fazendo medicina, que não queria nada com estudo, nada, nada, era o famoso aprender por osmose, botava os cadernos embaixo do braço e ia se bora, pronto, hoje tá fazendo medicina e ele disse que deve ao esporte e a formação do Instituto, que na época era CEFET, né, quando ele fez, então, assim são esses retornos que você recebe e vários outros, né, assim, pronto ontem mesmo veio João Vitor, que saiu há dois anos, aí passou em medicina, que era o que ele queria, fez o primeiro ano não passou e aí passou agora, né, para iniciar esse ano, aí veio dizer que aquele momento, que ele tomou uma decisão muito difícil que foi e não ir para o Jif's Nacional, porque o JIF's Nacional, quando a gente chegasse com cinco dias era o Enem, e aí, ele teve que decidir se ia pro JIF's ou não, e aí decidiu não ir e aí ele veio dizer que foi muito sofrido, né, aquela decisão de não ir e tudo, mas que aquela decisão foi baseada no esporte, que no esporte ele tinha momentos que ele tinha que decidir, eu vou fazer o quê agora para ajudar minha equipe, então foi o que ele disse eu vou fazer o quê para me ajudar? foi do JIF's... e tá, então assim, você recebe esse retorno quando você encontra eles, né, você também passa por isso, que você encontra com seus exs alunos e a gente sabe, então, eu acredito que o impacto seja muito, muito positivo mesmo, que inclusive, eu vou dizer mais, viu bem amostrada, se perguntar aos alunos qual é a disciplina, se tiver sido do esporte ou não, qual foi a disciplina que mais deixou marcas, vai ser a educação física, com certeza, pode ter, eu digo até sem sombra de dúvida mesmo.

Ivana - A gente sofreu isso na pele.

Gizelda - Exatamente (risos) é, isso mesmo

Ivana - Gizelda, acho que faltou uma coisa, é, da sua atuação profissional, na Instituição...

Gizelda - HUUU

Ivana - Aqui nesse espaço que a gente tá, ...seu trabalho de atuação, né, na Associação, não é de hoje. Fala um pouquinho sobre. (Risos)

Gizelda - Menina, num sei não viu. Primeiro brigava viu lá de Mossoró, eu ligava todo dia (risos de ambas), Sérgio Ricardo era o presidente, aí saía o sorteio, eu nunca era sorteada, ah, como é que foi feito esse sorteio mesmo, porque eu nunca sou sorteada, aí Sérgio Ricardo dizia, menino essa professora é arengueira Deus me livre que ela venha pra Nata (risos),..., aí eu digo ainda bem que você não é o chefe de gabinete, senão eu tava de pau dos ferros pra mais longe (risos), e aí assim, aí quando eu venho pra Natal, coisa e tal, mas não tive nenhuma pretensão nada aqui, né, nem na associação, nem no sindicato, nada, né, mas essa vinda veio um grupo, né, de Mossoró e o professor Manoel Dias ele, ele não era da minha geração lá de MOssoró,

ela chegou depois, mas tava com umas brincadeiras, olha se tiver dois ou mais Mossoroense conversando é sinal de retorno, aí ficava com aquela brincadeira e aí eu fui e

Ivana - desculpas interromper, ver se o microfone está ligado

Gizelda - Não,... e aí Manoel Dias assume aqui Associação e nós tínhamos uma boa amizade, aí ele olhe vamos compor uma chapa, eu acho que você tem jeito com, tem essa parte da educação física, que queria montar um viés para parte esportiva de ter eventos e coisa e Tal, aí eu disse não não Manuel, não vamos, e aí eu entro na Associação com a tesoureira, mas nessa perspectiva de colaborar com eventos esportivos, tipo uma caminhada, bicicleta coisas assim e, dá um suporte maior aos, a pelada dos Servidores, que acontece aos sábados, que é uma pelada, já eu acho que já tem 40, 50 anos, essa pelada, ah então tá bom, e aí eu entrei nessa perspectiva, né, de colaborar, e aí fiquei o primeiro mandato como tesoureira, se eu não me engano, no segundo mandato Manoel Dias sai precisa se afastar para o doutorado e o os demais da chapa não podiam continuar, porque só pode ficar dois mandatos seguidos, aí Manoel Gizelda vai ter que ser você e você já tá aqui dentro, já conhece a dinâmica, e então, você tem que assumir, aí eu digo ai meu Deus, pelo amor de Deus, num sei quê, aí vamos você fica, eu vou lhe dando suporte, mesmo que eu vá para Santa Catarina, mas eu lhe dou um suporte, e aí então eu assumo essa presidência, assim, por insentivo do Professor Manoel Dias, como também, no primeiro momento, pra dar essa continuidade pra que ele no ano seguinte retornasse a presidência, novamente, né, numa eleição, e aí, assim eu começo na Associação e é interessante, é um trabalho bem interessante, porque a gente termina trabalhando com a dinâmica do bem-estar, da qualidade de vida, né, então é uma coisa interessante, porque você sempre vai estar trabalhando com coisas satisfatórias, né, vai tá buscando parcerias, que aí traz uma melhor qualidade de vida, vai organizar festas, que as pessoas no dia da festa, assim, é todo mundo muito feliz, no outro dia vem dar o retorno, então, são ações que faz o bem-estar, né, que termina trazendo esse bem-estar, tem alguma, algumas situações que são mais delicadas, mas que a gente vai administrando, né, com alguns colegas, associados, mas que vai administrando, então, assim, foi assim que eu entrei nessa questão da associação e é um espaço muito, muito interessante, que muitos deveriam passar por aqui, até assim pra ter conhecimento, de como realmente é gerido esse dinheiro do associado, como é que as coisas acontecem, né, porque às vezes a gente, atira umas pedras sem saber bem o caminhar das coisas, né, de como é que foi feito o processo, mas é um espaço muito interessante, e aí um dia, uma época dessa, um professor lá do sindicato me ligou disse, Gizelda oh tá montando a chapa aqui do sindicato e a gente pensou aqui no seu nome, eu disse homem de Deus, pois tira esse nome (risos de Ivana), porque eu acho que eu sou uma pessoa política, mas eu não sou politizada, aí ele diz como assim (risos), aí eu disse, não, porque eu acho o seguinte, que eu consigo transitar com todo mundo, eu falo com todo mundo, eu conheço muita gente, muita gente me conhece, mas politicamente falando, que é a base do sindicato, eu não sou, eu não sou uma pessoa que leio sobre política, que entende de política, não sou, então assim, é não me vejo nessa situação, aí ele agradeceu, disse gostei da sua avaliação, coisa e tal, mas realmente já na associação por eu achar que eu sou essa pessoa que seja mais política, então, eu acho que dá certo, mas já que se precisar da politizada, aí eu acho que já não vai muito, ...

Ivana - Legal, Gizelda, é nas minhas questões eu terminei, mas tem um momento aqui que eu queria compartilhar com você.

Gizelda - HUUU

Ivana - E aí, nessa partilha que eu vou fazer com você eu queria que você fosse, dialogando com o que você vai vendo, com o que você vai sentindo, se você pudesse ir falando, tá?...

Gizelda - Tá

Ivana - Eu vou trazer algumas imagens é...

Gizelda - Menina arrasa...

Ivana - Imagens da história da Instituição, que eu estou pesquisando, né, e, é antes da nossa

entrada aqui na Instituição como aluna, um pouco dessa história dos espaços físicos, né, que nós atuamos, e aí vai ter um pouco antes de você ser professora, de ser aluna, vai ter um momento de ser professora, vai ter..., enfim, vai ter, vai ter esse processo, se você poder ir é vendo e ir descrevendo esse, essas impressões que você vai tendo dessa ...essa imagem aqui é de 75...

Gizelda - Eita (admirada)

Ivana - É de 75, essa primeira..., pra eu ir passando...

Gizelda - Olha aí Ivana só meninas, ...

Ivana - É porque eu botei um vídeo é por isso que tem que ficar passando

Gizelda - Ah tá

Ivana - Mas seria ... essa imagem aí...

Gizelda - Olha aí

Ivana - 1975 essa primeira imagem

Gizelda - Olha aí viu já ... que aqui hoje é as nossas rosquinhas, né? É isso? Ei aí é ... Esse espaço aí é o espaço, (risos) que todo atleta, né nossa, o ser atleta aqui na instituição é aquela,..., o pessoal lhe conhece, né, sem você saber que é conhecido, é pronto

Ivana - Ainda hoje você percebe isso, Gizelda?

Gizelda - Hoje em dia exatamente, muitas as vezes eu me encontro com alguém, que diz, olha eu não lembro o seu nome, mas primeiro você estudou na escola, porque, aí a escola era a ETFRN, as outras eram um colégio, né, então você estudou na escola e você já sabe o que é a ETFRN, você era do vôlei? Era, ah eu via muito você jogando, aquelas equipes eram ótimas, não sei quê, e você nem sabe, né, que tá tendo essa visibilidade, né, mas esse espaço aí é o espaço de muitas emoções, alegres, tristes (risos) algumas, mas emoções e o que vale são isso, né, as emoções que foram vividas...quer sejam alegres ou tristes, mas que contribuíram pra formação...

Ivana - Olhe lembra que você tinha falado das aulas de educação

Gizelda - Hu

Ivana - O que a gente ver nessa imagem?

Gizelda - Menina (admirada) são os meninos é Ivana?

Ivana - Acho que sim, Gizelda (risos)

Gizelda - São os meninos, né, só meninos, olhe? E fazendo bem o exercício e olha a posição, a postura do professor, né, você viu Professor? A postura do professor, tá aqui, né, mãos pra trás, né, mesmo assim, fiscalizando o movimento, né, isso mesmo. Oh a outra imagem...

Ivana - É aquilo que eu falei que quando eu estava pesquisando nos diários, eu só encontrei diários de meninas em 1978

Gizelda - Sim

Ivana - Oh que imagem de educação física neste período

Gizelda - Oh Ivana

Ivana - Da década de 70

Gizelda - E aqui na frente é a professora?

Ivana - Eu acho que não Gizelda, olhe só...

Gizelda - Não né, é porque tá com a mesma roupa...

Ivana - Né

Gizelda - Né das meninas, por isso..., que, é verdade, tá vendo só as meninas..., você tá vendo, eu acho que aí tão fazendo polichinelo, né...

Ivana - É

Gizelda - É, que foi um dos exercício que eu disse que eram feitos, né, na época, ...

Ivana - Sabe qual é esse espaço aí?

Gizelda - Era isso que eu ia perguntar agora, esse espaço é o lá de baixo? Não aqui, aqui é um ginásio?

Ivana - Aqui é o quê? (apontando pra guararapes)

Gizelda - Aqui é o ginásio?

Ivana - Olhe,

Gizelda - Eita é não.

Ivana - você conhece danada (risos)

Gizelda - Ivanaaaa, pois eu não sei não

Ivana - Gizelda quadra 2, ali é a alpargatas..., alpargatas não, guararapes

Gizelda - Meninaaaa (admirada) a guararapes, verdade,

Ivana - alpargatas, era lá em Neópolis

Gizelda - Olha aí. Diga aí e veja que era céu aberto, mas era bem cedinho essa aula aí, era bem cedo, cedo mesmo...

Ivana - Mesmo ano, ginásio

Gizelda - Olha aí, isso. Só os meninos no ginásio e aí eles ia fazer abdominal...

Ivana - Você sabe quando foi inaugurado o ginásio?

Gizelda - Não

Ivana - Em 1976

Gizelda - 76, não

Ivana - Ginásio, o campo de futebol...

Gizelda - É eu lembro que meu irmão mais velho a colação de grau dele já foi no ginásio e ele terminou 79. Aí todos os meninos ... com a fardinha, menino isso é quem (perguntando quem era o prof). Ivana a pessoa precisava primeiro ter um boa visão nera (risos)

Ivana - Eu imagino que seja professor Ferdinando

Gizelda - Ferdinando, eu achei que fosse também, eu achei que fosse Ferdinando. Até pela postura, assim, sempre elegante, né, magrinho, eu achei que fosse ele também, com a famosa calça que todo prof de educação física tinha que ter, né, que era a calça com as listinha na lateral..

Ivana - Que outra característica você poderia identificar, nessas duas imagens (as meninas na aula de educação física, na quadra e os meninos no ginásio)

Gizelda - Característica, que eu vejo assim em comum que é justamente feminino e o masculino, e exercícios, realmente de calistenismo, né,

Ivana - Pode?

Gizelda - Pode. A construção da piscina, ...,

Ivana - Você sabe quando foi inaugurada?

Gizelda - Não, não sei

Ivana - 81

Gizelda - 81, eu ia dizer assim, quando eu cheguei ela já era do jeito que é hoje, ela já era, já era assim

Ivana - Teve um festival, uma competição com outros estados...

Gizelda - Pra inaugura

Ivana - Eu tenho imagens

Gizelda - Muito bem, deve ter Luiz Guerra. Nessas imagens, num tem não?

Ivana - Não identifiquei, mas Guerra tava nesse período.

Gizelda - Tava nesse período, que ele foi aluno, tb eu acho...

Ivana - Ele já era professor!

Gizelda - Já? ...E olha, olhe as quadras, é muita mudança viu. Uh, ah é esse espaço de convivência.

Ivana - O espaço de convivência, você usufruiu dele?

Gizelda - Ivana, não. Não usufrui dele! Eu não lembro, mas si..., já tinha, 1980, já tinha as mesas né, não eu não, não usava muito aí, porque nos meu intervalos, normalmente a gente já ficava com aqueles grupos de amigos conversando, de, até porque a gente interagia muito com

pessoas de outros cursos...

Ivana - Nas rosquinhas

Gizelda - Isso, aí, então a gente já, então não usava muito é esse espaço aí, eu acho que eu não tenho nem lembrança de, de ter ido algumas vezes nele. Normalmente a gente já ficava com os amigos dos outros cursos, que era o momento em que todo mundo se encontrava.

Gizelda - Oh aqui é Ferdinando, Ivana! Aqui é Ferdinando, também, menina esse momento é o ápice do atleta (imagem do acendimento da pira), né, porque é um momento de muita simbologia, e é o momento assim de que realmente tá iniciado aquela competição, né! E o que você sente e vaiii (risos de ambas), agora vai, né, e pro atleta é um reconhecimento, né? Acender a pira é, né, a tocha na realidade é uma, um reconhecimento...

Ivana - Você chegou a...

Gizelda - Não Ivana, não eu nunca, nunca fui uma das atletas que acendeu a tocha não.

Ivana - É muito impactante!

Gizelda - É, é demais..., eita aí Jesus a rainha dos jogos internos... (risos, uma grande gargalhada). Ei..., menina valha

Ivana - Fala um pouquinho desse processo da rainha dos jogos, você conhece isso

Gizelda - rainha dos jogos internos, conheço, primeiro era assim, era o sinônimo da beleza, porque ser a rainha do seu curso era top, era a menina mais bonita, ao pé da letra a menina mais bonita, mecânica e eletrotécnica, as meninas ficavam brincando aí ficavam dizendo, não eu fui a rainha porque só tinha eu mesmo daí vai tu mesmo, porque a minha geração ainda era uma geração de, que por exemplo, mecânica entravam 4, 5 meninas, eletrotécnica também, 4, 5 meninas, então não eram cursos como hoje, que a gente chegar a ter 10 meninas numa sala, longe, longe disso é tanto que nos jogos internos as pobes jogavam tudo, a tabela era feita baseada em mecânica e eletrotécnica, porque não podia ter agora um jogo de vôlei feminino e o basquete com mecânica e eletrotécnica, porque eram as mesmas meninas, então pra poder, porque elas se viravam nos 30, né, e aí esse processo, era um processo assim tinha um desfile de maiô, como tá mostrando e tinha também o desfile com uma roupa vamos supor de galha, né, mais ou menos como se fosse...

Ivana - pq tem um vídeo (explicando que tem um vídeo, daí porque tenho que passar as fotos e pausar, porque estava procurando a imagem do desfile das rainhas e reis vestidos de galha). Porque tem uma eles vestidos de galha, sabe?

Gizelda - Sei. E, e esse momento pra ser escolhida a rainha tinha uma escolha no curso, era feito uma escolha no curso, né, as meninas se candidataram, desfilavam pra ser escolhida, a rainha do curso, e aí essa rainha do curso, no dia da abertura dos jogos ela ia à frente do curso, com a faixa com o nome do curso, né, normalmente usava as cores do seu curso, mas não era senso comum, na roupa, mas muitas usavam e faziam esse desfile, e esse desfile era o ápice da beleza, toda menina quer seja, fosse tão ou menos bonita queria ser a rainha, porque todo mundo, oh lá vai a rainha de eletrotécnica, lá vai a rainha, então era uma coisa bem famosa.

Ivana - Gizelda, como é que você vê essa relação desse desfile com os jogos?

Gizelda - Uhuhuh (risos), nenhuma, nenhuma, na realidade o que passava pouco Ivana, porque assim, esse período, nosso período de jogos internos, foi um período de muita segregação, os jogos internos, porque só participava dos jogos internos os atletas, não participava os alunos de forma geral, o que cabia aos demais alunos eram torcida, era desfile, só isso, mais só jogava realmente os atletas. porque era montado uma seleção de cada curso, então como é que um curso que tinha duas turmas de manhã, duas turma de tarde vai atender aos calouros, o famoso calouro? Eram os primeiros a serem descartados, a não ser que já tivesse uma certa habilidade, ele entrava, mas senão ele já ficava fora e muitas vezes saiam da ETFRN sem ter jogado os jogos internos, porque não cabia, assim, porque era muito, muito do técnico realmente, os jogos era uma competição seríssima, né, não tinha ninguém que não soubesse jogar. em nenhuma modalidade, em nenhuma modalidade.

Ivana - Você está falando do peneirão do curso?

Gizelda - Isso. Do Curso, exatamente. Então, aí a associação que eu vejo, Ivana, é aquela associação do corpo perfeito, da beleza, quando eu digo corpo, entra tudo, entra da cabeça aos pés, e por um período a mídia nos mostra, que é aquele que tem que ser. O desfile das rainhas era simplesmente um reflexo dos jogos, nos jogos só tinhas, só jogava quem? Quem tinha habilidade, que era bom, quem sabia, né? A rainha, quem era a rainha? Era quem fosse bonita, quem fosse alta, quem soubesse desfilar, então só enaltecia as coisas positivas daquela situação, né, então, você não ia ver uma rainha baixinha, gordinha, não, não tinha, você pode olhar aqui, oh (mostrando a foto) todas as meninas são bem, né, pose mesmo de miss e tudo mais, né, então eu acho que a escolha da rainha, isso um tempo depois teve a escolha do rei, que mudou o nome de rainha e mister, né, miss e mister e coisa e tal, enaltecia exatamente esse corpo perfeito, né, que era o reflexo dos jogos que só jogava quem era bom e coisa e tal, era mais um caminho só, era só, haha (risos), uma não era nada...nada diferente do que os jogos na época pregava, né.

Ivana - Sabe, nas imagens do arquivo, a gente teve um jogos brasileiros aqui em 1972...

Gizelda - Isso, JEBEM, né, eu acho

Ivana - JEBEM, você viu, né, que a gente teve, aquela, aquela reportagem que Arilene

Gizelda - sim, sim

Ivana - Fez, foi até eu e você, que ela entrevistou...

Gizelda - Foi.

Ivana - então, e aí, sempre nos jogos, que eu observo, é que as imagens dos jogos elas são duas bem nítidas, a abertura dos jogos, as rainhas, né, tem muitas fotos e a composição da mesa, e alguma coisa, eventualmente o desfile, e muito pouco os jogos em si

Gizelda - em si

Ivana - É só uma observação empírica, rapidamente

Gizelda - sei

Ivana - Eu tô querendo chegar lá nesse JEBEM, nós não tínhamos alunas, mas nós tivemos a rainha, não sei de onde surgiu essa rainha, só sei que ela chegou de helicóptero no castelão...

Gizelda - Menina foi isso mesmo. Eu lembro dessa história, já ouvi falar sobre isso. Diga aí a rainha não era brinquedo não.

Ivana - Poderosa. E aqui minha querida... um diário de classe...

Gizelda - Um diário de classe, de Carmem.

Ivana - Da professora Carmem...

Gizelda - Oh Ivana a lista oh...

Ivana - Isso oh

Gizelda - só menina

Ivana - Olha aí nessa lista quem tá aí

Gizelda - Menina mentira, (risos) sou eu lá, pela amô de Deus foi um 10, né, Ivana (risos). Ivana agora essas, essas meninas não eram todas da minha sala não viu...

Ivana - É não, era misturado

Gizelda - Ahhh tá.

Ivana - eu também encontrei minha e não era da minha turma.

Gizelda - Ei é. Eliziana era da minha sala, Eliziana e eu, as outras não eram não. E Rosangela, Rosangela também era da minha sala, e ainda bem que a parte que tá aparecendo eu tô com todas as frequências, graças a Deus..., (risos)

Ivana - Não foi com Ferdinando, minha querida (risos de ambas)

Gizelda - Eita...menina Ivana foi longe viu...

Ivana - Aqui foram 3 que eu encontrei

Gizelda - Arrasou, tá aqui oh. É...

Ivana - E essa daqui é a professora Teresinha, que é, ela tá na rubrica, mas pela rubrica de outra ...

Gizelda - De outra aí você... é aqui pronto é já era, Ana Catarina era da minha sala, Cássia, Lidiane, Jarlene, Lenice, aí Valéria, Roberta tudinho aqui já era da minha sala, oh Vera, Vera Cordeiro...

Ivana - Vera...

Gizelda - E ao lado você viu que ela botava o nome do esporte?

Ivana - Isso

Gizelda - Oh vôlei, basquete, voleibol

Ivana - Mas você disse que não era liberado, né, achei interessante isso

Gizelda - Não. Não era liberado...

Ivana - Em determinado momento era, né...mas

Gizelda - Isso. Eu já tive a prática profissional com quem era atleta era liberado, mas porque quando ...(interferência de Jonatas, explicando algo)...só não fica gravado aí a imagem, mas fica a voz (Ivana - fica, fica). Ah então tá. Porque Ivana nesse período aqui talvez fosse o turno

Ivana - contraturno

Gizelda - Quando, quando o atleta era dispensado era quando era no contra turno. Aí ele já vinha no contra turno pra treinar já, aí vinha no contra turno pra educação física, aí acho que por isso ele foi liberado por um período, entendeu, porque depois passou a ser dentro do horário. Aí não precisou mais.

Ivana - Jonatas.

Gizelda - Menina, mas tá ótimo...Eitaaa arrasou (risos).

Ivana - Sua amiga Vera que eu consegui (São as fotos dela na época de aluna, com a amiga Vera, que falou que não tinha delas competindo, mas tinha do período de aluna e me cedeu algumas)

Gizelda - Mulher eu não acredito não (risos), foi...Ivanaaaa

Ivana - Eu tentei Rutiane, aí Rutiane até comentou fala alguma coisa do alecrim que ela vai saber que foi eu (demos uma gargalhada juntas)...

Gizelda - Oh essa é Conceição, daquela lista, Lenice, Gilmar, esse menino aqui a gente chamava ele de Gugu, Gilmar é uma referência na UFRN do Curso de Pedagogia, (Ivana - e é). É professor top da galáxias, aí Jarlene, Vanderlúcia, Vera, Kássia e Roberta. Kássia e Roberta jogavam handebol, não sei se você vai lembrar...

Ivana - Aqui é Kássia é?

Gizelda - É Kássia e Simone, a moreninha...

Ivana - E essa daqui?

Gizelda - Essa é Roberta Valéria...

Ivana - Ah é Roberta

Gizelda - Que o juiz é nos pés. É essa mesma.

Ivana - Eu achava que era uma tal de Célia, mas Célia era da minha época.

Gizelda - É

Ivana - Menina tu era uma criança mesmo.

Gizelda - Nera não, Ivana, diga aí, mulher e esses cabelos Chitãozinho e Xororó (risos de ambas), pelo amor de Deus. Meninas eu não sei não...

Ivana - Recorda o ano?

Gizelda - Não, não recordo Ivana. Não recordo...

Ivana - Aí Cris, Vera que vai ter.

Gizelda - E Vera tem tudo viu Ivana. Ei Ivana, eu tenho tudo de camisa. Tudo de camisa de jogos.

Ivana - Você tem?

Gizelda - Tenho. Eu fiz a doação de algumas coisas pro Museu, sabe a carteirinha, acho que eu fiz a doação de um uniforme completo, que era uma sunga e uma camisa de manga longa, mas ainda tenho um monte, aí eu tenho, essas camisas aqui tudo assinadas, ...

Ivana - Su joga tudo fora

Gizelda - Aí é. Pois Ivana tu acredita que eu tenho tudinho...

Ivana - Eu tinha uma camisa que era eu correndo, a única imagem que tenho eu correndo, eu uso muito essa imagem (Gizelda - Han). E aí quando eu vi ela tinha cortado. Minha sapatilha quando eu vi tava no lixo...

Gizelda - Eu não acredito não (risos). Pois Ivana eu tenho, tenho projeto, tenho cadernos, tenho coisas assim ainda...

Ivana - Legal

Gizelda - É, as meninas ficam dizendo se eu fosse famosa eu ia ter bem umas duas casa, só com essas coisas guardadas, ...

Ivana - Ei mas o museu vai ser reaberto

Gizelda - Vai, Ivana?

Ivana - Se Deus quiser.

Gizelda - Menina. Aqui todo mundo brincando...

Ivana - Quem é essa? Eu achei que era você...

Gizelda - Qual? Oh Sérgio França, aqui. Eu sou essa. Isso mesmo.

Ivana - É na formatura, é?

Gizelda - É na formatura. É.

Ivana - Eu tentei, eu tentei com sua filha através da sua sobrinha, que trabalha aqui...

Gizelda - Sim

Ivana - Imagens suas jogando, queria jogando

Gizelda - Ivana não tenho...

Ivana - Não tem...

Gizelda - Não tenho, tu acredita. Agora mesmo o Palácio dos Esportes completou 60 anos, né, aí foi feito (Ivana - Pediram) umas matérias, umas pessoas foram chamadas, coisa e tal, aí Cazuza, Gizelda traga uma foto, que foto Cazuza? Que foto? Não existe não, ele disse, homem eu não acredito não. Aí ele disse vou ver na Federação, depois ele me deu o retorno, aí disse, Gizelda parece que acharam 3 fotos. E aí Cazuza acharam, ele disse eu vou me certificar, mas não tinha. Aí um dia desses eu perguntei a Canjica, Canjica a AABB tem, porque sempre que a gente ia jogar que o jogo era lá, eles registravam, Canjica disse, Gizelda eu não sei, porque antigamente tinha uma gestão que valorizava essa prática, e as outras foram mudando e aí eu não sei se as outras digitalizaram isso, se jogaram fora porque era muita coisa, né, a AABB tem muito esporte, muita coisa, não sei, mas não se tem essa memória, nenhuma....

Ivana - Eu agora tô sentido sabe...

Gizelda - Essa necessidade...

Ivana - Dessa memória, e vendo o quanto eu perdi porque eu jogava minha carteirinha e tudo...

Gizelda - Olhe tá vendo...

Ivana - várias vezes

Gizelda - Aí Ivana eu não sei não. Eu tenho assim, jornal... menina isso foi na aula da saudade.

Ivana - Olha (mostrando a professora Luzia)

Gizelda - Olha a professora Luzia. Tá vendo, aqui foi na missa. Na nossa missa, que foi celebrada por padre Hudson. Esse menino aqui, Ivana, Aridar é o Secretário de segurança de Mossoró...

Ivana - Esse daqui?

Gizelda - É. Olhe Idaaa, faleceu, né, ...

Ivana - Aqui é a aula da saudade?

Gizelda - Aula da saudade.

Ivana - Professor Flávio, né

Gizelda - Flávio Márcio, que também...

Ivana - Essa senhora?

Gizelda - Que também já é falecido,..., isso aqui por incrível que pareça..., é, é Liziana, é a roupa que ela tá usando que deixou ela muito envelhecida, deixa ver se ela num tá aqui, mas é Liziana, acredita? Oh Carlos Guedes!

Ivana - É eu conheci Carlos Guedes, bem novinho, né?

Gizelda - Bem novinho! E Flávio Márcio, Flávio Márcio faleceu.

Ivana - Professor Flávio Márcio foi meu professor.

Gizelda - Isso.

Ivana - Máquinas e equipamentos, era?

Gizelda - Não, Flávio Márcio era Mecânica do solos.

Ivana - Mecânica dos Solos.

Gizelda - A gente estudava de manhã vinha fazer a prova de tarde e ainda tirava zero, porque não dava tempo e ninguém acertava nada, era. Desse modelo... (risos). Máquinas e equipamentos foi professor Albertino Cruz, lembra? Que falava assim meu nome é Albertinos Cruz.

Ivana - Lembro

Gizelda - É, pronto, exatamente. Era ele. Ei que massa, menina muito bom, muito...

Ivana - Brigada

Gizelda - (Risos) só as novinhas...

Ivana - Você lembra os anos aí, aqui já era 88, né?

Gizelda - Aqui já é 88, é porque aqui foi a missa, e aqui foi a aula da saudade, já foi 88.

Ivana - Ano que

Gizelda - É assim Ivana que você tá passando...

Ivana - É

Gizelda - Eita olha isso a missa, exatamente. É, oh Roberta que você disse, quem é essa? E Kássia.

Ivana - Muito parecida com Célia. Que fez Estradas

Gizelda - Que fez Estradas bem depois, eu acho...

Ivana - Um período depois do meu

Gizelda - Foi?

Ivana - Foi!

Gizelda - Muita mas (risos), essa menina Rosângela casou com o Padre, ela, na época de escola, ela ia assistir missa lá no convento Santo Antônio, conseguiu desviar o Padre da Igreja, a minha nossa senhora...

Ivana - Sério (risos de ambas).

Gizelda - Mulher num sei não viu

Ivana - Tem história!

Gizelda - Tem história! O famoso ginásio...

Ivana - Ei, essa foto é clássica, né?

Gizelda - O famoso ginásio, todo mundo tira essa foto, minha nossa, impressionante, veja o modelo dos cabelos... Ivana tudinho igual, oh.

Ivana - Chitãozinho e Xororó...

Gizelda - Todo mundo igual...(risos). Sueldo num tem mais um cabelo. É careca, careca, careca, exatamente, você não acredita. Menina, oh Gugu aqui já tá, é o que é da Universidade, esse é o que eu lhe disse que é o Secretario de segurança de Mossoró, essa foto é top.

Ivana - Olha era essa que eu queria chegar...Os jogos, sabe

Gizelda - Simmm

Ivana - A abertura dos jogos é a parte de gala, né...

Gizelda - Menina que povo chique...

Ivana - Num é do Rei e da Rainha, mulher. ...Aquela parte de gala que você falou

Gizelda - Menina, Ivana foi em 99,...

Ivana - Pois é, né.

Gizelda - Ainda era assim. Mulher, porque 99 eu tava em Mossoró, ..., isso mesmo, veja aí, olha aí aqui já tinha entrado o mister, né, pra dá esse ... glamour, aí, menina (admirada), muito bem só sucesso. Um abertura...

Ivana - Aí é os servidores...

Gizelda - Oh o professor Nivaldo...

Ivana - É.

Gizelda - Os jogos do servidores...

Ivana - Era os jogos internos, mas que os servidores participavam...

Gizelda - Participavam..., isso mesmo. Que é mais ou menos uma SEMADEC, hoje, né.

Ivana - É.

Gizelda - Né, só que na SEMADEC entra a parte Artística e também a cultural..

Ivana - É

Gizelda - Mas tinha...

Ivana - a gente tinha a gincana cultural, né?

Gizelda - Isso. Olha aí Hugo Manso, Tânia Carvalho, né? Menina num acredito que isso sou eu não...Ivana a gente tem que organizar esses registros (gargalhada de Ivana, risos de Gizelda), como é que a pessoa aparece desse jeito, os cabelos...

Ivana - Pois é.

Gizelda - Não Ivana vamos organizar...

Ivana - E se escondendo, né?

Gizelda - E se escondendo... exatamente, porque eu já sabia o nível que ia tá, né, então a gente já se escondeu pra não (risos)...

Ivana - Mas não se escondeu de mim (risos)...

Gizelda - Né não. Minha nossa, isso foi o quê? Um passeio ciclístico?

Ivana - É. Dos jogos internos, me parece

Gizelda - Nos jogos internos. ..olha aí

Ivana - Parece, tem outras fotos

Gizelda - Muito bem, tá ótimo. Só sucesso. Eita essa aqui foi uns jogos... foi aonde? Foi Petrolina? Petrolina, me lembrei por conta desse dourado

Ivana - foi meu primeiro jogos...essa daqui foi os bombeiros

Gizelda - E num foi, foi os bombeiros. Isso mesmo.

Ivana - Foi meu primeiros jogos... como docente

Gizelda - Foi Ivana?

Ivana - Como docente, né.

Gizelda - Ahhh. Ei a gente tinha até umas calcinhas iguais. Olha aí Clodoaldo, João Holanda, ..., Clodoaldo, e Clodoaldo é um dos que veio do Norte.

Ivana - Né.

Gizelda - É. Aí, Dr. Antônio. Betânia, Ivana, muito bem. Haver num sei...Ivana (risos de Ivana, gargalhada). Não mulher...

Ivana - Não só pra gente, num vou mostrar pra ninguém...

Gizelda - Não. ...Não num vamos divulgar não. Isso foi em alguma escola, num foi...

Ivana - Foi, a gente nem ficou num quarto, era uma sala de aula...

Gizelda - numa sala de aula...em Petrolina...

Ivana - Eu, você, Betânia e Zelma

Gizelda - Cheia de muriçoca, quem salvou a gente foi você que levou um negocinho de..., muito bem Ivana, olhe tá vendo...isso aqui foi o famoso passeio do Rio São Francisco? E nesse dia você vai lembrar do caso que teve, não? Tinha um quadro, um quadro no SBT com o nome de volta pra casa, voltando pra casa, de volta pra casa, e aí eram as pessoas, os nordestinos, que

iam pra São paulo tentar a vida, e lá não dava certo, eu acho que era aquele Rodrigo Faro, já, o apresentador, não era Gugu Liberato, ...

Ivana - Acho que era... ou era aquele César num sei quer...

Gizelda - Era, era Gugu e, aí essas pessoas queriam retornar pra suas casas, mas não tinha condições, porque não tinha dado certo lá, aí se cadastrava...., se inscreviam neste programa e o que fosse escolhido, o programa montava uma, uma forma de trazer de volta sem que a família percebesse e aí nesse dia, nós fomos fazer esse passeio no Rio São Francisco, você num foi também?

Ivana - Fui

Gizelda - Oh aqui..., estamos nós aqui (eu concordando), só que simplesmente quando a gente chega que o negócio para lá, o barquinho, a charanga, sei lá o nome desse negócio, e parou lá vem chegando um outro com a produção com esse homem que tava vindo com a família, com a esposa, num sei quer, de volta pra casa, minha filha quando a gente olhou o homem querendo filmar, e a gente tudo correndo

Ivana - Eu não lembro (rindo)

Gizelda - Nos jogos tomando conta de um monte de menino, e a gente tava fazendo passeio, se bem que os nossos alunos estavam juntos...

Ivana - Estavam juntos

Gizelda - Estavam juntos conosco, os nossos alunos estavam conosco. Mas, assim, teoricamente a gente tava lá então tava sua equipe, tava a minha, tava a de Betânia, eu acho que João Holanda foi conosco, que era quem coordenava tudo...

Ivana - Era o professor Sandoval

Gizelda - Sandoval. Então, a gente, lá foi a gente se escondendo não, não filme não aí alguém foi falar com alguém da produção que a gente não podia aparecer, o homem tava filmando todo mundo...(risos)

Ivana - (Risos)

Gizelda - No programa de volta pra casa, pronto. Pois é, quase que a gente sai em rede Nacional. (risos). E outra coisa esse colchãozinho aqui já foi uma evolução, viu? Porque a qui já era um colchão inflável, porque antes a gente levava aquele dessa finura (mostra com os dedos) enroladinho, e dormia nele...aqui a gente já tava na cama box.

Jônatas - Quando foi

Ivana - 2008

Gizelda - 2008. E antes a gente levava aqueles tipo colchonetes, bem fininho, não podia ocupar muito espaço no ônibus, porque o ônibus era pra levar a gente e mais os colchões e tudo. Tinha viagem que João Holanda deixava mais de metade de um ônibus só pra botar colchão, aí a outra metade ia alunos e professores e a outra só isso. E os outros ônibus ia todo mundo. Mas um ônibus a metade era pra isso...

Ivana - Você veio pra, pra Cidade Alta, né, cidade alta, mas na verdade você sempre foi nossa, né?

Gizelda - Foi, na cidade alta quando o curso de Lazer passou pra lá e aí eu continuava com duas disciplinas e que uma delas era totalmente prática, aí era aqui...

Ivana - Era aqui

Gizelda - Exato. E a outra disciplina, que era com o professor Leão Neto, que era Lazer e Meio Ambiente, aí Leão também preferia aqui porque ele usava muito o Laboratório lá da diaren. Então as duas disciplinas ficavam aqui. Então eu quase nunca ia lá.

Ivana - É, era só aqui.

Gizelda - Era. Mas tá ótimo, estamos bem ótimas na foto, todo mundo..., Chalane de óculos escuro, muito bem. Eita oh, Neto, o que eu falei. É esse aqui.

Ivana - Isso.

Gizelda - Aqui Carlos. Aí Jesus, oh Ivana. Esse menino, Midianderson é engenheiro elétrico da

cosern, Pedro é bomb..., bombeiro, né, aí Carlos, é professor do Campus de Macau, Igor é engenheiro de produção da Petrobrás, Daniel Camilo tá fazendo doutorado no Canadá, agora, foi pra área de engenharia, Marcel é da PRF, Neto é da Petrobrás, agora não tô lembrando o que ele fez arquitetura, não sei se ele seguiu na área, mas esses jogos aqui você lembra, o RN tem uma tradição muito boa, nos jogos do Nordeste e Brasileiro, também, né, mas...

Ivana - Sempre o último jogo é do voleibol...

Gizelda - O voleibol sempre o último, só pra atrapalhar a saída...

Ivana - Atrapalhar...

Gizelda - O negócio é pra começar de meio dia, começa de 2 horas da tarde, né, aí termina de 5, é uma confusão, esse voleibol é só pra atrapalhar. Mas, esse ano aí em Petrolina, quem foi foi campeão, lembra?

Ivana - E a gente só fica esperando vocês.

Gizelda - Somente

Ivana - Porque vocês vão pra finais toda vida.

Gizelda - Toda vida. Graças a Deus, né, Ivana. (risos). Graças a Deus. Que assim permaneça (risos). Ei nesses jogos aqui Dr Antônio recuperou Carlos em uma noite, Carlos se machucou, no dia seguinte era semifinal, Dr Antônio a gente precisa dele, e jogavam descalço, porque lá escorregava muito, essa quadra, lembra?

Ivana - Eu tenho muitas fotos de vocês...

Gizelda - É mesmo...

Ivana - Todos os jogos que eu fui, eu tenho, as finais.

Gizelda - Marcel (ri), esse Marcel é bem pequenininho, aí ele era o líbero, aí os meninos num, num tava fazendo ponto aí ele dizia s eo negócio apertar bote em roxinha que roxinha resolve, roxinha é ele, aí a gente dizia, roxinha você vai resolver como, passando de manchete? (risos). Eita olha aí, Edna a bichinha. Ivana tu acredita que eu estou com essas duas camisas lá em casa e separei se eu vou doar ou não porque tão lá boazinha.

Ivana - É isso que eu faço, sabe, quando chega alguém lá em casa pra ajudar a gente, daí eu vejo parada ali, penso vai servir, né,

Gizelda - É

Ivana - Né, daí, agora que eu tô fazendo esse trabalho eu vejo ...

Gizelda - Roupas assim eu dou, mas roupas que tenham esse significado assim de... sei lá uma roupa de batizado de menino, roupa do primeiro ano, roupa que saiu da maternidade tá tudo guardado, ..., roupa que jogou, roupa que num sei quer...

Ivana - tem que fazer o museu da Gizelda...

Gizelda - É, eu tenho isso tudinho. Menina os jogos de servidores.

Ivana - É nordeste aí

Gizelda - Foi nordeste, foi esse aqui?

Ivana - 2009. Aqui.

Gizelda - Sei não viu. E nós ganhamos foi?

Ivana - Acho que a gente ficou em segundo...

Gizelda - Eu acho que foi...

Ivana - Lembra que Adriana se machucou...

Gizelda - Lembro, aí lembro. Oh essa aqui é Ialusca. A menina que eu lhe disse. Isso Ialusca, fez o mesmo concurso, Suzi não fez, o concurso daqui, porque achou ah num quero ir pra Mossoró, num sei quer, Ialusca fez, só que Ialusca ficou mais atrás, e aí foi chamada pro IF do ceará, pra Juazeiro, ...

Ivana - É o mesmo que Rubens fez?

Gizelda - Mesmo de Rubens e Sávia. Que tava começando Campus, ela não pensou duas vezes aceitou, foi embora, chegou a ser já diretora duas vezes, do campus, hoje em dia tá trabalhando com o Esporte Adaptado, inteligentíssima, inteligentíssima...

Ivana - Legal. É da sua turma, então?

Gizelda - Era da minha turma da faculdade. Ialusaca Guerra. Isso aqui foi na zona norte, quando os jogos era misto!

Ivana - Isso

Gizelda - nera? A equipe era mista...

Ivana - exato, eu fazia só entrar de gaiata. (risos)

Gizelda - Menina, olha aí, conversa Ivana (risos de mabas). Olha a conversa. Lá vamos nós, Leão Neto, eita menina e essa foto aí, compartilha, ficou linda, no aniversário de Dalva, ...

Ivana - O ano passado, né? antes da pandemia?

Gizelda - Foi, não já foi depois, 24, 23, 22, 2022. Ficou linda a foto...

Ivana - inaudível

Gizelda - Nós estávamos todos tão bonitos, viu Ivana. Acho que a gente deve pegar essas fotos e ficar andando com elas. (risos de ambas). Aqui o encontro lá em Parnamirim.

Ivana - I EPEF.

Gizelda - Foi. É, show de bola. Foto é memória mesmo, né, isso aqui foi abertura de o quê em Ivana?

Ivana - Jogos Internos.

Gizelda - Jogos internos

Ivana - de 2022.

Gizelda - Ah é mesmo aqui tá legenda.

Ivana - Um pouquinho mais de seus alunos.

Gizelda - ah essa é a geração agora

Ivana - É

Gizelda - A de agora, Ha, Breno, ...

Ivana - Tá público, viu, só pra registrar...

Gizelda - Ah tá certo, não, não nada que um milhão, que eu tô sabendo que Luciano Hulk, tá entregando aí, você se inscreva se ganhar você me repassa, (risos). Show de bola, esse menino é maravilhoso, imenso de grande, mas é um menino de 10 cm, (risos de Ivana), você precisa ver, é.

Ivana - Esse daí é um depoimento de um dos seus ex-alunos, e atual colega de trabalho (depoimento do prof. Carlos).

Gizelda - Haaan. Eita.

Ivana - Quer que eu leia?

Gizelda - Leia Ivana. Por favor, Carlos escreveu, foi Carlos, né, isso tudinho?

Ivana - Carlos foi seu atleta, né, aí eu pedi a dois ex-alunos seu, né, que, lembra que eu fiz aquele questão se você impactava positivamente seus atletas? (Ahan - Gizelda) e você disse que sim, conficta e tá certa (ela dá uma gargalhada), porque você, também, é falou né, e aí eu trago a fala deles.

Gizelda - ei e porque eles também impactam, né, Ivana.

Ivana - nossa e como...

Gizelda - Eles também ensinam muito, nossa senhora.

Ivana - Ele colocou assim:

“Vitória x êxito. Essas foram as palavras que traduzem a última vez em que falei sobre Gizelda. Na ocasião, falávamos sobre qual o sentido do esporte e, mais ainda, a formação oferecida por professores de educação física a seus alunos/atletas. Em defesa de Gizelda, eu argumentei que o objetivo dela talvez fosse muito mais o êxito do que a vitória. Ou seja, a formação de um aluno que passa por ela está muito mais relacionada ao crescimento pessoal, à formação cidadã e ao desenvolvimento de valores, do que a conquista da medalha. E talvez eu seja um desses exemplos. Ao longo dos anos (foram 5 como atleta oficial, 8 como espectador e tem sido 8 como colega de profissão), Gizelda me deu inúmeras oportunidades de crescimento

e, através do exemplo, vem lapidando o professor que sou hoje. Ainda na fase de atleta, Gizelda me deu a oportunidade de capitanear a equipe. Junto ao posto, compartilhou dúvidas, atribuiu responsabilidades, acatou sugestões e usou da minha condição para ligar-se ao grupo. Essas conexões foram muito valiosas e talvez ela não lembre, mas era nesses momentos que eu via o cuidado dela com o grupo, com as questões financeiras, pessoais, familiares. Ao longo do tempo, vi Gizelda ser exemplo de educadora, desde os exemplos que ela citava de “alunos bem sucedidos”, passando pela defesa que fazia dos seus alunos, seja diante de outros professores ou dos setores administrativos da escola, até às inúmeras horas de treinamento que dava, em meio a feriados, distância da família e outras abdições. Tenho certeza que para qualquer aluno, todos os ensinamentos passados por Gizelda através dos exemplos (que não foram poucos e sempre em silêncio), estão marcados até hoje e contribuíram enormemente para o êxito que citei no início. As medalhas? Elas existiram e foram extremamente importantes para a construção e continuidade do trabalho, mas elas seguem na prateleira, enquanto os “seus meninos” viraram gente grande e levam consigo as aprendizagens, as amizades e todos os momentos oferecidos pela professora. Tem sido todos esses valores que hoje carrego comigo enquanto profissional. A entrada na área se deve muito ao que Gizelda me proporcionou e que eu tinha o desejo de fazer por outras pessoas também. Como no período de atleta, Gizelda novamente agiu e me estendeu a mão, oferecendo auxílio desde o processo seletivo. Vejo seu cuidado em me “levar para perto”, em compartilhar sua equipe para que eu cresça. Enfim, há muito caminho a ser seguido, mas tenho a certeza que a formação plantada lá na adolescência é reverberada ainda nos dias de hoje, me fazendo perceber que o voleibol é o pano de fundo para as oportunidades, crescimento e formação.”

Gizelda - Menina, Carlos viu (ri) arrasou num foi não Ivana, (com um sorriso estampado do rosto), na fala dele. Ei você tava lendo eu tava aqui, observando quando ele disse assim em defender..., num sei quer..., nessa época os meninos tinha uma história de chamar, minhas equipes sempre tiveram, de um tempo pra cá tem diminuído bastante, mas minhas equipes sempre tiveram muitos meninos homossexuais, nunca tive nenhum problema com eles, e nenhum, e nunca nenhum deles teve problemas com os outros que era heteros, nunca existiu falta de respeito, nada, nada, ne. E, aí eles tinham uma história de ficar a Paulo vem cá, a João venha cá, num sei quer, e aí eu, porque que esses meninos estão usando esse artigo, feminino, né? Aí eu vou entrando na sala dos servidores, mas isso já já tava me incomodando, esse artigo feminino que eles usavam, eu acho desnecessário, aí quando eu entro na sala dos servidores, aí tinha uns professores, alguém disse assim vai dá treino agora, eu disse assim é o voleibol masculino, agora. Aí disse o masculino que é feminino? Ah, minha filha, aí eu subi no salto, aí disse umas coisas aí o professor disse é mais engraçado eles ficam aí, eles mesmos se tratam como meninas, aí também quando eu voltei pro ginásio, que eu tinha ido encher a garrafinha, quando eu voltei pro ginásio, aí eu sentei eles tudinho, aí disse que eles precisavam se valorizar, porque na hora que eles não tinham essa postura de valorização eles davam direito aos demais a fazerem chacota deles, então, eles tinham..., aí fui dá exemplos (gesticulando com as mãos...), olha uma pessoa que trabalha na sua casa, cozinhando, limpando ela tem que se valorizar enquanto profissional do fazer aquilo, o professor vai se valorizar e vocês vão e valorizar enquanto pessoas neste contexto social, minha gente, porque se vocês ficarem com essa brincadeira (balança o tronco...), ah num sei quem, ah num sei quem, é um artigo feminino, ele não cabe na frente do nome masculino, então vocês, eu sou o João, o Paulo e sou homossexual e ponto, num tem pra quer a Paulo, a João num sei quer, aí eles (sorrisso no rostos), ficavam é professora tá certo, depois disso acabaram come sta história (risos), e eles, essa geração sempre retaram isso, olhe porque eu uma discussão agora na sala dos servidores (risos) aí fui contar, né, assim, e eu acho Ivana que Carlos, o que marcou muito Carlos foi o seguinte, quando Carlos veio aqui pro Campus, pro IF, Carlos estudava, a cunhada de Carlos, Rose, era da minha turma de Estradas, ela não aparece..., da minha turma não, ela era da manhã e eu era

da tarde, mas entramos e saímos juntas, ...

Ivana - Era duas turmas?

Gizelda - Era duas turmas. O irmão dele fez mineração e jogava futsal, na minha época também. E eu acho uma coisa que tenha marcado, também, muito Carlos foi o seguinte: Carlos estudava no Contemporâneo, super, hiper habilidoso jogando voleibol, veio aqui pro CEFET e quando ele veio pra aqui ele não apareceu nos treinos, os meninos, já existia a cultura da (desliza os dedos... em sinal de tempos) peladas e aí os meninos, professora tem um menino da tarde que joga pelada com a gente que ele é muito bom, num sei quer, num sei quer, diga ele que venha pro treino, aí ele veio, quando ele veio pro treino, ele começou a gostar do treino e do convívio com os meninos, aí chegou o momento que eu precisava pegar os dados pra inscrever na competição, aí ele foi e me disse professora eu não posso jogar por aqui, porque eu jogo no Contemporâneo. Aí eu disse você joga no Contemporâneo, como? Porque na época que Carlos estudou aqui era aquele concomitante, eles tinham aula manhã e tarde, num tinha como ele estudar no Contemporâneo, aí ele disse é professora eu jogo pelo Contemporâneo, aí aquilo ficou na minha cabeça e aí eu fui a procura e soube que ele tinha matrícula no Contemporâneo. Aí eu disse oh Carlos infelizmente você não pode mais continuar treinando aqui conosco, porque você estuda numa outra escola, vai competir por outra escola, pra gente não vai ser interessante, aí ele disse tá certo, então, eu vou deixar de vir. Só que nesse mesmo ano nós íamos pros jogos, que era norte e nordeste, foi em Belém, Belém do Pará, ele jogava muito bem, e os meninos tinha muita amizade a ele, porque ele é uma pessoa muito boa, aí os meninos começaram professora vamos levar Carlos, professora num sei quer, aí eu disse vamos fazer o seguinte chame Carlos aqui, Carlos veio no ginásio aí eu sentei todo mundo, a gente fez uma rodinha, eu disse oh alguns de vocês tem me procurado e pedindo pra Carlos fazer parte da equipe coisa e tal, e aí, eu quero colocar pra vocês o seguinte Carlos é muito bom jogando voleibol, se Carlos entrar na equipe ele vai pegar a vaga de um de vocês, um de vocês vai deixar de jogar, um de vocês vai deixar de ser titular, porque ele é titular, aí ele vai pegar a vaga e a gente precisa decidir, a equipe não é minha, a equipe é nossa e eu só a frente do processo, então nós vamos decidir em conjunto, e eu começo votando, meu voto é contra, eu voto contra que ele participe da equipe, Ivana só teve eu contra, todos os outros concordaram em Carlos ficar na equipe, aí eu disse ... (risos de Ivana) tudo bem, Carlos, então já que o esporte é coletivo, eu não sou dona, eu so estou a frente, ele é feito por todos nós, vamos, ok. Carlos ficou na equipe e daí desse processo foi construída toda a história. Porque, no decorrer desse ano, a muitos anos que a gente não ia pra uma final de Jern's e pegamos o Contemporâneo, na fase de grupo perdemos do Contemporâneo, com Carlos jogando pelo Contemporâneo, ele é muito bom, e aí perdemos o jogo, e fizemos... aí passamos, fizemos a final no Palácio do Esportes, a escola libera esses alunos tudinho, manda ônibus levar esses alunos pra torcida, minha filha quando começa o jogos, os meninos começam, todavida que Carlos pegava na bola esses meninos começava a chamar de traíra, judas, aí eu me dirigi a torcida e pedi que não fizessem isso, ei isso não vamos torcer eheheh ou é ou..., grita entre outras coisas, mas isso não, porque você olhava pra Carlos você via o sofrimento dele, Ivana, do outro lado tava todo mundo que era amigo dele, jogando pelo CEFET (fala olhando pra Jonatas e explicando), né, resumindo perdemos o jogo, perdemos o jogos, aí tudo bem, aquele xororó e coisa e tal, ahhh..., quando eu..., esse jogo foi tipo 10h da manhã, quando eu cheguei em casa, com pouco tempo uma ligação, né, ligaram lá pra casa, era aqui do gabinete, perguntando se eu poderia vir a tarde aqui, aí eu disse que podia, aí vim a tarde, quando eu cheguei tava dra Zita, até pensei que tivesse sido alguma coisa que tivesse acontecido, mas era Dra Zita, o Diretor na época, que eu acho que já era o professor Enilson, e num sei quem, num sei quem, dizendo que eles queriam dá entrada no processo pra protestar contra o jogo, que eles tinham informação que eles tinha um aluno irregular no Contemporâneo, mas só qu epra eles fazerem isso precisava da minha assinatura, ia ser redigido o documento e eu como professora teria que assinar e, eu disse que

não ia assinar, (vira e dá um sorriso), aí disseram, mas como assim professora a equipe ganhou irregular, num sei quer num sei quer, eu disse não, vamos lá a equipe ganhou irregular porque tinha um aluno, mas tinham 6 na quadra mais 6 no banco, a equipe eram 12, a nossa equipe perdeu porque tinha Carlos na outra equipe não, a nossa equipe perdeu porque era uma equipe boa mais a outra era melhor, nós jogamos duas vezes e perdemos as duas vezes, né, Carlos contribuiu e muito mas não foi ele sozinho que ganhou o jogo, né, ele contribuiu bastante, claro, mas num foi ele sozinho e outra coisa, a gente tá tratando de um adolescente, nós não sabemos o que levou Carlos a aceitar essa condição de continuar com uma matrícula no contemporâneo, mesmo estudando no CEFET, né, mas professora isso não tá justo, eu digo, tá, eu queria ganhar o jogo jogando, né? ter ido pra uma final, pra mim foi ótimo, nós fomos campeões, sim, uma escola pública e uma escola privada, que tem bolsa, era naquela época que existia campeão geral do Jern's e essa era a propaganda do Contemporâneo, num sei quantas vezes campeão do Jern's geral, num sei quer, lá todo mundo tinha bolsa, né, aí eu disse não, eu não vou assinar, mas professora..., aí tinha um prazo de 24h, pois esse moído rendeu porque o documento tava pronto, e eu tinha que assinar e eu bati o pé e não assinei, porque na realidade, Ivana, eu não achava justo, entendeu, eu não achava justo, se dissesse assim tinham 3 alunos, 3 irregulares, aí tudo bem, mas era só Carlos e você via o sofrimento dele em tá vivendo aquela situação, depois ele disse assim eu queria ter jogado com todo mundo, eu queria que o ônibus tivesse quebrado pra eu não chegar no jogo, então assim você via a angústia dele, né, aí depois vamos atrás porque que ele aceitou a situação, primeiro era um menino, né, era um menino, saiu da famosa 8ª série e veio pra o 1º ano, tinha..., a família não tinha condições, ele tinha a habilidade do voleibol, o professor Fábio deu uma bolsa a ele no Cotemporâneo, ele estudou da 5ª até a 8ª série com bolsa, tinha bolsa, ganhava livro, então na cabeça dele, ele devia isso a escola, né, a escola deu a ele o estudo esse tempo todo, então ele devia isso a escola, e por contra partida o professor (torce) tam'bem fazia a chantagem, né, você estudou aqui a vida toda, você num sei quer, né, então assim, foi uma coisa, aí eu acho que essa situação e depois ele soube que tinha tido esse momento, e que eu não tinha assinado o protexto, né, porque er auma coisa, a gente ia ganhar (olhando pra jonatas), porque como é que ele estudava de manhã e tarde, porque le era do cocomitante, e ele tava no Contemproâneo. Não existia, então a gente ia ganhar, né, mas ia expor Carlos, a escola, o professor Fábio, que precisava do trabalho, npe, que era uma escola pu..., né, privada, e por aí vai, aí eu acho que essas (me olhou e tipo você entende) entendeu? Esses pontos, é, contribuiu muito com Carlos, né, assim esses pontos, quando ele fala assim, ah a questão financeira, num sei quer, a gente viaja aí tem o famoso vamos hoje passear no shopping, né, aí eu chamo o capitão faça o levantamento como é que tá os meninos de dinheiro, todo mundo tem dinheiro pra pagar o ônibus, hoje eu digo o huber, né, tem uber, olhe não diga que fui eu não, mas eu vou dá tantos reais e vocês dividem pra uma pizza ou se for um sanduíche, mas não diga que fui eu não, porque tem alguns que tem vergonha, que não querem, num sei quer, aí ele, ele e Igor dizia haver Maria, quando eu contei, Igor estudou com a filha de Tânia, aí um dia Igor conversando com Tânia aí contou isso, aí Tânia disse, Gizelda eu fiquei sabendo de um negócio que eu não acreditei, você quando viaja com os meninos, você fica perguntando quem tá com dinheiro, você paga num sei quer, Tânia eu faço assim em teoria, a gente vai já tem o salário garantido aí de repente recebe a diária, né, aquela diária é extra né, então se houver um anecessidade ali com os alunos você usa, (risos). aí assim vai, então eu acho que essas coisas, que Carlos, assim colocou que tavés tenha marcado essa formação dele, né, acho que foi isso.

Ivana - Posso?

Gizelda - Pode.

Ivana - Só mais um colega.

Gizelda - Menina. Esse João Dias. (risos)

Ivana - vídeo com o prof. João "Olha Ivana, tudo bem, é tô aqui, pra falar um pouquinho, né,

da minha amiga, colega de profissão, eterna mestra, né, e grande inspiração pra mim, enquanto profissional de educação física, enquanto atleta, enquanto pessoa, então é falar da professora Gizelda Lúcia dos Santos Maia, tia Giza, né, como carinhosamente todos os seus alunos chamam é uma honra e satisfação, principalmente pelo fato de que Gizelda é uma pessoa muito humana, uma pessoa muito meiga, muito engraçada, é muito carinhosa e muito cuidadosa com as pessoas com quem ela convive, eu tive a oportunidade de conhecê-la no final da minha trajetória enquanto aluno da instituição, do então CEFET, é hoje IFRN, e ao sair dessa Instituição enquanto aluno, ela foi uma das inspirações para que eu decidisse é seguir a carreira da educação física, porque eu sempre a tive como um exemplo profissional, um exemplo a ser seguido, e assim eu o fiz, nessa minha trajetória acadêmica, e enquanto técnico de voleibol, e eu só tenho a agradecer, a professora Gizelda, minha amiga, que todos os ensinamentos que ela, né, transmite aos seus alunos eles vão além da quadra de voleibol, são ensinamentos pra vida, é e valores que ela tanto nos ensina como nos repassa, eles são perpetuados pra nossa vida, e hoje eu tenho a grande satisfação, né de dividir o espaço de trabalho, nós trabalhamos hoje juntos no IFRN/CNAT em além de dividir estarmos juntos, né, na mesma Instituição é nós dividimos a mesma modalidade que tanto amamos, sei que ela foi uma pessoa que me fez se apaixonar e se encantar ainda mais, hoje também somos técnicos da equipe do CNAT de voleibol, então dividimos o colgamos da profissão de educação física e de técnico de voleibol e Gizelda é uma pessoa que é parceira de vida, né, então merece todas as homenagens e desejo aí um momento muito especial, muito feliz, de muitas memórias e muitos sentimentos revividos, que vão ser, que vão acontecer a partir desse momento, então obrigada Ivana pelo convite de fazer parte desse momento, então bom bate papo pra vocês, Ivana, professora Gizelda beijos pras duas, carinho eterno (fez coraçãozinho com as mãos, tão lindo).

Gizelda - (risos) Ivana, eita (quando viu o coraçãozinho que ele fez), aí mais, menina eu não sei não Ivana, eu num sou a mais nova, Ivana? (Foto dela com as filhas).

Ivana - Eu acho.

Gizelda - Eu acho, também. Minha filha tá, tá dessa finura, assumiu a Polícia

Ivana - Foi

Gizelda - Os treinamento, minha filha, tu precisa vê como é, quando ela conta eu digo, vou fazer uma denuncia, ela mãe pelo amor de Deus... (risos de ambas). Mas está amando,

Ivana - Minha sobrinha passou, aí ela passou ..., foi convocada pra o TRT aí deixou e foi...

Gizelda - Pronto, ela na realidade quer a PRF, porque não teve logo o concurso, aí ela tá ainda no curso de formação, ela assumiu em setembro, e porque também o professor orientou ela, da PM, ela quer PRF, aí o professor orientou que quem tem Polícia Militar ou civil conta uma pontuação na PRF e na PF, que faz uma grande diferença, aí ela disse mãe eu continuo estudando e já vou recebendo o meu dinheiro, já vou garantindo alguma coisa e vou pleiteando aí esse..., é né, aí pronto, aí tá lá, já é dessa finura, (mostrando o dedo mindinho), já era muito gorda, aí tá dessa finura. E esse João Dias é só sucesso viu, João dias ele é maravilhoso, e é altamente explosivo, né, é João é muito heheh (articulado com as mãos agitada), é a gente vai, no jogo em si ele como atleta ah minha filha num bloqueasse ele não ou então ele errasse uma bola ou alguma coisa, bote em mim de novo e encarava o jogador do outro lado, eu digo João Dias, na época a gente chama..., hoje em dia a gente chama João dias, né? Na época era João Maria, né! João Maria por favor, aí ele aí professora porque num sei quer, mas muito, porque ele é muito intenso, muito intenso (bem enfática) e ele é muito é... competitivo, né, muito competitivo, aí hoje em dia a gente vai pra os jogos e eu procuro sempre que esteja ele e Carlos, nas competições do IF, sempre estamos juntos, né, a gente chama a comissão do vôlei, aí Ana Cristina diz eu vou entrar nessa comissão também, aí Ivana todo jogo João Dias leva um cartão amarelo, no banco, é, porque ele reclama da arbitragem, ele reclama que uma bola foi fora e num sei quer, num sei quer, aí eu digo João Dias não dá, porque além de tomar conta desse meninos aqui na quadra ainda vou tomar conta de você (risos de ambas), mas ele é assim, uma

peessoa maravilhosa (risos ao falar, com carinho), muita, é muito intenso. Muito dedicado..., isso, se deixar ele fica aqui de manhã, tarde e noite, com essas meninas no voleibol, aí eu digo a ele que eu tô começando, vou fazer o desmame, pra ele pegar o feminino e o masculino, a ele aí minha nossa senhor eu não vou dá conta não, eu digo dá, dá sim, nems e preocupe...

Ivana - Tem energia, né?

Gizelda - É (risos de ambas), você é jovem. Meu..., olha aí, essa de preta é bonita visse Ivana, né, não? (olhar direto pra câmara). Eu gostei também viu.

Ivana - Gratidão.

Gizelda - Ei, Ivana foi massa viu. Espero que eu tenha contribuído aí na sua pesquisa.

Ivana - Com certeza.

Gizelda - Que colabore, né. Eu sei que eu falo demais, né, mulher 3 horas.

Ivana - Tô frita... (faço o gesto de transcrever, risos)

Gizelda - Diga aí, é isso que eu tô pensando. Mas eu continuo dizendo que sou sua amiga...

Ivana - Tô acreditando ... (estou com a mão na cabeça e balançando e fazendo careta que sim)

Gizelda - As 3 horas (risos dela) não leve em consideração (risos de ambas). Ei ... João Dias fica brincando..., teve uns jogos, era norte e nordeste aqui em João Pessoa e no jogo da, acho que era semifinal, ele machucou o joelho e aí Arnóbio foi com ele pra o hospital e passou a noite no hospital, né porque existia a possibilidade de cirurgia, a ele fica dizendo sim meu filho eu quero saber aqui quem passou a noite no hospital com o reitor? só eu que passei (risos), aí ele se acha por conta dessa história, né, do hospital que passou a noite com o reitor, diga a minha nossa senhora ...pois é Ivana...

Ivana - Eu queria que você fizesse o fechamento

Gizelda - HUUU

Ivana - Desse momento, né, lembrança aí, desse bate papo. O que que reverberou pra você? E o que que você acha que a gente pode, se é que a gente pode, acrescentar algo que eu não tenho explorado, que você tenha entendido, que você gostaria de complementar, embora depois, quando eu conseguir transcrever, daqui a um ano, dois anos e meio (brincadeira)

Gizelda - Um ano e meio... (risos)

Ivana - Aí eu vou mandar para você de volta se você puder dar um retorno, se concorda, se não concorda, se quer desistir, ..

Gizelda - Tá, certo...

Ivana - fica tudo no seu tempo, no seu espaço...

Gizelda - Ei Ivana, eu acho que não ficou nada que você, assim tenha deixado de, de colocar que pudesse retratar, um pouco desse processo histórico, dessa, até evolução, participação, conquistas de espaço, mesmo, né, até de, da disciplina da Educação Física, nessa evolução histórica do nosso Instituto, né, dessa participação do feminino em todo esse contexto, de como aluna, de como atleta, de como profissional, né então, não, não tem eu acredito que foi bem atendido, né, é o momento foi maravilhoso, né, me reportou a brincadeira do cozinhado (risos, demonstrando as mãos fazendo como se fosse um retorno), até, né, então hoje assim os sentimentos ficam bem, né, bem vivos, né, você..., e a sensação que eu tive é de que valeu muito a pena, essa queimada que eu brinquei, né, essa, essa construção, porque você vê que vai, vai juntando, né, vai juntando e você consegue ir sendo, crescendo, construindo algo que pode estar sempre em reforma, né, mas que já existe algo de sólido, né, de concreto, então assim foi um momento muito, muito bom... não foi nem entrevista, né, foi na realidade, uma terapia de volta, né, (risos de ambas) há momentos vividos, ...

Ivana - Então o que você diria de impactante nessa conversa?

Gizelda - Isso que essa frase que eu terminei agora, sabe? de que foi uma terapia mesmo, como se fosse um assim, vamos, vamos voltar, que eu não tô lembrando o nome agora, que talvez seja a psicanálise que usa, alguma coisa, de que você volta, vamos voltar, né, como se fosse uma volta a vidas passadas, então, uma volta, uma terapia de volta a tempo passado, né, tempos

vivididos, vivididos e vivididos, né, tempos que foram vivididos e tempos que estão sendo vivididos, então eu deveria que foi uma terapia mesmo, assim uma volta ao túnel do tempo, né,...

Ivana - Que legal (risos)

Gizelda - Foi bem bem interessante mesmo, parabéns mesmo, eu acho que vai ter um resultado muito bem, bem interessante, importante e diria até impactante, né, pra a gente saber, poxa era assim, não acredito não, (risos) que hoje está sendo de outra forma e que as coisas vão acontecendo, né, e que uma coisa interessante também mesmo que tenha sido uma maneira feita, que não era o ideal, mas que mesmo assim deixou marcas, né, que mesmo sendo feito daquele jeito deixou marcas, deixou inquietações, porque é que eu tenho que fazer assim, os meninos tem que fazer assado, porque é que a gente não pode fazer juntos, porque é que eles são mais fortes do que eu, né, então me deixe inquietações, que se talvez hoje esteja da maneira que estar em funções dessa interrogações que foram surgindo, né, ...

Ivana - Verdade, (suspiro e digo) é isso.

Gizelda - Ok.

Ivana - MUITÍSSIMO obrigada

Gizelda - Que bommmmm.

Ivana - Ficou ótimo. Muito grata...

Gizelda - Meu empresário vai entrar em contato pra saber viu, com vocês, dizer direitinho qual o valor ...tudo viu Ivana (risos)

Ivana - Baixo a cabeça e começo a ri.

Gizelda - Ei espero que tenha sido legal mesmo.

Ivana - Oh Gizelda claro que foi, nossa só tenho agradecer, eu sabia que não seria diferente...

Gizelda - Espero que possa contribuir mesmo.

ENTREVISTA REALIZADA COM A PROFESSORA SÔNIA CRISTINA FERREIRA MAIA - Dia 20/04/2025 – Loca: UNI/RN

Ivana - Bom dia.

Sônia - Bom dia.

Ivana - Tudo bom, Sônia?

Sônia - Tudo bem.

Ivana - Estamos hoje aqui, na UNI-RN, para lhe entrevistar. Você é parte da nossa amostra na tese que estamos realizando no programa de pós-graduação em Educação Profissional do *Campus* Natal Central. Eu estou na linha 3: História, Historiografia e Memória da Educação Profissional. E a nossa tese, por enquanto, está com o título de - Mulher e Esporte: uma história da atuação de professoras de Educação Física no IFRN. Você já participou do nosso primeiro momento, que foi aquele questionário que a gente denominou questionário prévio, pra gente identificar a nossa amostra, que seria o recorte: ter sido aluna do *Campus* Natal Central e ter sido ou ser docente de Educação Física do IFRN. Por isso que você veio para esse segundo momento e você tá acatando. Então, a nossa entrevista é mais uma conversa, nós já nos conhecemos faz muito tempo, (risos) de longa data. Você sabe que você é uma referência para mim, na minha área, tanto profissional quanto pessoal também. E aí a gente vai fazer algumas questões, lógico que específicas, do trabalho, mas seria mais no sentido de *historicizar* um pouco tanto sua trajetória de vida como sua trajetória profissional. Como eu falei, apesar da gente já se conhecer, mas eu preciso registrar alguns fatos para que a gente possa estar colocando no nosso trabalho, certo? Então seria mais ou menos nessa linha, essa nossa conversa. Estou chamando de conversa. (risos de ambas). Em um primeiro momento, eu gostaria que você se identificasse: como você reconhece-se, a origem que você veio e a profissão de seus pais, ou seja, se você é filha única, se é a caçula, se é a mais velha. Fazer esse

momento, trazer essa informação para a gente.

Sônia - Tá certo. Eu sou uma mulher. Eu me considero mais pra uma pele mais escura do que clara, (risos), mesmo porque as origens da minha família, naquela época, eram consideradas os caboclos. Minha origem vem da Paraíba, a origem da minha família vem da Paraíba. Então, minha bisavô era uma mulher negra, meu avô era um homem negro, minha irmã é uma negra. Então, eu não sei como é essa cor, assim, meio *abronzeada*, mas eu não me considero branca, não, (risos) não tem nem condição. Mas, sou uma mulher que vou fazer agora 60 anos, próximo mês, 60 anos. Minha família, por parte de mãe, vem do interior de Campo Redondo. Eles moravam em Santa Cruz, depois vieram para Natal. Da família do meu pai é da Paraíba, e eles viveram um tempo em Catolé do Rocha, de Catolé vieram para Caraúbas né, e aí de Caraúbas eles vieram para Natal; outros foram para Mossoró e outros para Brasília - foram trabalhar naquela construção de Brasília. Então, eu tenho muitos primos lá de Brasília, porque meus tios, eu tenho muitos tios que moram em Brasília, a família do meu pai né? E aí depois (...) [a família] morava em Brasília e em Goiás, né, porque o povo ali, de antigamente, lá em Brasília, fazia muito isso. Meu pai é mestre de obra, hoje está aposentado, é vivo aos 90 anos. Minha mãe trabalhou na Guararapes, era enfermeira da Guararapes, e depois [...] hoje já é aposentada, com 82 anos; participou muito do projeto da terceira idade do Natal Central, ela foi uma das primeiras alunas. E eu fui... Estudei na creche, ali, por trás do IFRN Natal Central né, que chamava Creche de Irmã Lúcia. Então, [durante] minha vida inteira [...] minha mãe estudou lá, eu [...] estudei lá, minha irmã estudou lá, meu irmão já estudou na Guararapes né? Eu sou a filha mais velha, de três filhos: sou eu; segundo, minha irmã Isabel e, terceiro, o meu irmão, Silvam. Porém, minha mãe e meu pai, como são, vieram do interior, abrigaram muitos [...] muita gente da família, né? Então eu digo que eu tenho vários irmãos; eu considero como meus irmãos, que são primos e os outros são conhecidos da minha mãe, no interior, mas eu digo que tenho vários irmãos né e a gente se trata assim também. Então meus pais criaram além de nós três, [criaram] muita gente e isso é muito bom. Porque eu digo que isso é muito bom? Porque esse espírito de solidariedade, deles, passou como forma de educação para nós, para os filhos né, então isso é muito legal, a gente tem esse espírito de solidariedade. E aí eu estudei na creche, minha vida inteira foi [estudei] em escola pública né? Estudei na creche, e, da creche... Tinha o exame de admissão, [com] um livro bem grosso, que a gente estudava, [livro] da capa verde, que a gente estudava para ir fazer a quinta série, na época. E eu fui o primeiro lugar - na creche, eu passei em primeiro lugar. Não sei como (ri), porque eu era danada. Eu sempre fui muito danada. Sempre fui muito estrategista nas minhas brincadeiras de rua, né? Eu era campeã em [brincadeiras de rua]: bandeirinha, “tica-cola”, academia... Então, quando a gente ia brincar, todo mundo queria [...] me queria no seu time, porque eu sempre fui muito estrategista na forma de jogar na rua né? Eu jogava futebol, jogava *biloca* [...] O que tivesse de jogo de rua, eu me dava bem, eu estava no meio.

Ivana - Então, Sônia, aproveitando que você tá falando nos jogos, né, que você já está falando da questão da sua infância, dessa sua cultura de movimento, você continua nessa cultura de movimento? Explora um pouquinho mais ela, por gentileza.

Sônia - Ah, pronto. Então, eu chegava da creche né... Eu estudava de manhã, quando eu estudava na creche, e eu tinha que fazer uma tarefa, então eu já fazia com a roupa da escola, porque eu não podia perder tempo na rua né (risos), porque não podia perder tempo nos estudos, mas na rua... Por isso que eu não sei como eu passei em primeiro lugar... Mas na rua eu não podia perder tempo, então eu já fazia rapidamente a tarefa e não precisava de ninguém para me ajudar; eu já prestava muita atenção na sala de aula, pensando já em resolver logo a questão logo quando chegasse *em* casa, porque eu não podia perder a rua, entendeu? (risos) Então, a minha estratégia já vinha desde criança, eu já pensando que era o que eu tinha que fazer. E aí, quando chegava eu fazia logo a minha atividade [...]. Eu não tomava banho, não. Só fazia comer e só trocava roupa e ia pra rua. Então, minha mãe dizia que eu ser moleca: “como é que essa

menina já saiu”? Eu já saía escondido, ninguém me pegava. Então eu saía e eu passava o dia inteiro na rua e voltava pelas 4 horas da tarde, porque meu pai ia chegar e eu já tinha que estar tomada banho. Só que quando eu voltava, eu levava uma surra. Então, eu tinha a minha surra das 4 horas da tarde, por quê? Porque eu vivia na rua, e minha mãe dizia que eu ia ser moleca, que o meu pai tinha deixado a responsabilidade dela de me criar e me educar e ela não estava conseguindo, porque eu era moleca. E, quando eu ia para rua, ninguém me encontrava, mas ora ninguém me encontrava porque eu era estrategista (risos). Eu ia brincar com os meninos na rua de bandeirinha, então eu ia jogar mais pro final da rua, porque, como a casa da minha mãe era no meio da rua, então eu tinha que brincar sempre nas extremidades, para não ficar na vista dela, entendeu?

Ivana - É a mesma casa, na mesma rua?

Sônia - É a mesma casa, mesma rua. É tanto que, uma vez, eu jogando bola - quando chegavam uns tios, meus tios, quando vinham de Brasília, eles vinham de carro – e, quando meu tio entra na rua quase que ele me atropela. Aí ele chegou e disse: Sebastião quase que eu mato uma criança ali, na entrada da rua, com uma bola, num sei quer [...] E passou-se, e aí, quando eu chego em casa: “foi essa” que eu ia matando [risos]. Porque eu brincava muito nas extremidades da rua, né? Então, eu fazia baladeira, porque eu tinha um bom tiro de baladeira. Então eu fazia, confeccionava a melhor baladeira; pipa né soltar pipa, então eu sempre ganhava. Eu tenho um negócio, sei lá, eu acho que a minha *danadice* que fazia aguçar o meu cognitivo pra essas brincadeiras. Então, era soltar pipa, era usar a baladeira, brincadeira de triângulo e criando, né? Eu confeccionava os meus triângulos, o ferrinho né, com a ponta. E eu tenho até uma marca no meu pé... Porque quando eu fui tirar o olho do peixe, foi bem no meu pé e ficou enganchada, e agora? E as meninas disseram “eita seu pé”! Quando eu puxei foi sangue... E agora? Aí eu disse “se eu for pra casa, eu não volto mais pra brincar, vou levar surra e não volto mais pra brincar e vocês arranjem um negócio para estancar esse sangue, porque pra casa, eu não volto”.

Então, assim, e jogo, o que tivesse de jogo eu estava metida no meio, certo. Então, eu passava a minha tarde, em todas as tardes, eu era a dona da rua. Tanto que minha mãe me botou um apelido (dona da rua) durante muito tempo: “chegou a dona da rua”, por que... E tudo era do meu comando na rua, porque como eu era boa nas atividades né, os meninos só faziam as coisas que eu mandava.

Ivana - Aí você era dona de tudo.

Sônia - Aí eu era a chefe da rua (risos).

Ivana - E brincavam meninos e meninas, juntos?

Sônia - Era tudo junto, meninas e meninos, não tinha esse negócio, não. Depois foi que se criou essa história de menina só brinca de boneca e menino, de bola. Bom, naquela época, a gente era solto na rua, não tinha nem um pensamento estereotipado, entendeu? Era muita à vontade.

Ivana - Ali é próximo ao Parque das Dunas, né? Por acaso você entrava ali, naquelas trilhas?

Sônia - Sim! Pronto, ali atrás tem [...] ali, por trás do IF, não tem aquelas casas? Ali não tinha nada daquilo, era mato, certo? Então, a gente tinha umas histórias de umas cavernas. Cada grupo [...] meu grupo era chamado Turma da Pesada. Naquela época, cada grupo tinha o seu nome, né? A minha turma era turma da pesada. Então, a minha turma, a gente tinha umas grutas que a gente fazia né, as nossas cabanas. E, era justamente [...] pronto, a nossa, da minha turma, era bem vizinha à creche, a casa da criança, ali, onde tem aquelas casas. A gente tinha uma gruta ali, e a gente sabia quando alguém invadia a nossa gruta Aí, o que era que a gente fazia? Eu dizia assim: “vamos fazer uma armadilha, pra pegar quem é que tá entrando na nossa Cabana” (risos). Então, a gente cavava buraco, aí botava cheio de pedra, de espinho, de tudo dentro do buraco, aí botava umas folhinhas, assim, bem levezinha; depois jogava um pouquinho de areia e botava armado, para quem chegasse e metesse o pé lá dentro entendeu? (risos) E aí era uma forma da gente proteger a nossa Cabana.

Ivana - E essas suas aventuras, você recorda, rememora aí mais ou menos que período foi:

adolescência, adulto?

Sônia - Não! Isso eu tinha 9 ou 10 anos. Era isso, 8, 9 ou 10 anos. Eu sempre fui muito danada, entendeu? [risos] E, engraçado, eu era tão danada que Irmã Socorro, que ainda hoje é viva, disse assim: “Marlene (minha mãe), Sônia é muito esperta eu vou botar ela para ser professora de catecismo, porque ela, na disciplina de religião, ela é boa”, e eu disse tá certo. Eu fui professora de catecismo, danada do jeito que eu era (risos). Mas eu tinha raiva... Eu fui professora de catecismo e ia para igreja, mas eu tinha raiva do padre porque ele não me deixava ser anjo, não tinha os anjinhos, que ficava ali, durante a missa? Mulher, o padre não me deixava de jeito nenhum (ser anjo). Eu querendo me converter (risos). Mas, o padre não deixava, porque eu era muito danada. “Pois é, mas eu sou professora de catecismo, por que eu não posso ser anjo”? Então, eu sempre fui muito questionadora. E tinha umas coisas que eu achava que seria muito legal pra mim, entendeu? Então, eu sempre fui [...] sempre tive essa liberdade de ser assim, de ser muito independente, de questionar as coisas que eu achava certo [...] de jogar. Agora, o meu negócio era jogar.

Ivana - Então, seu negócio era jogar, daí quando você entrou... Assim, você tá falando que na Creche você foi até quinta série, e fez né a seleção, não é isso?

Sônia - Isso.

Ivana - [...] Daí ficou em primeiro lugar na seleção e tudo. Aí você foi para qual colégio? Lá tinha Educação Física? Fale só um pouquinho dessa questão, como é que era?

Sônia - Não, na creche não tinha, né? E aí, quando eu passei em primeiro lugar, eu podia escolher né? Aí eu disse “eu vou pra Atheneu”. Porque o Atheneu, naquela época, tinha um nome grande, pro esporte, né, [...] “E eu quero ser atleta, então eu vou pro Ateneu, porque lá tem esporte”.

Ivana - Já era 5ª série, tinha 5ª série, tinha 5ª série no Atheneu? Que legal!

Sônia - Já era a 5ª série e, sim, tinha a 5ª série. Aí, eu entro pro Ateneu. Quando eu entro pro Ateneu, na primeira semana, que os professores passam nas salas pra se apresentarem, aí foi o professor lá, se apresentar [...] os professores de Educação Física, de esporte, aí eu disse: “eu gostei desse negócio, de handebol”. Porque, eu pensando, na minha mente né: “se eu sou boa no futebol, com os pés, eu também vou ser boa e vou fazer gol com a mão, se eu já faço com pés, imagine com as mãos”.

Ivana - Transferência de aprendizagem, nossa, nessa época, né.

Sônia - Foi. [...] aí, eu pensei, eu acho que vou para o handebol, porque se faço um bom gol - porque eu era artilheira dos campeonatos de futebol da rua - com os pés, com as mãos eu vou ser melhor, porque eu boto onde eu quiser essa bola. Aí, eu fui para o handebol. Só que, a minha turma, na minha sala de aula, as meninas foram para o basquete, outras foi para o voleibol, aí eu disse, poxa só eu no handebol. Aí eu fiquei assim [...] a minha turma, não sei o quê [...] Aí eu fui para o handebol e, aí eu disse vou também testar o basquete. Aí eu fui para o basquete. Quando eu chego no basquete, eu corria, tinha as fintas, me safava... Ora, eu acostumada a me safar em bandeirinha (brincadeira de rua), de garrafão... Eu sentia facilidade de me desvencilhar das meninas e ir sozinha pra cesta. E aí passei a galgar determinado [...] isso aqui ora, pra criança, né [...] Eu sou boa no basquete, um negócio que era totalmente novo para mim, né? Aí eu pensei, eu acho que eu vou ficar é no basquete. Aí, pronto, eu entrei no basquete, comecei a me destacar por isso, pela minha vivacidade de me desvencilhar das adversárias, Aí fiquei no basquete até hoje. Aí, do basquete... eu, quando eu entro no Ateneu, com 10 anos de idade, né? Quando foi com 13 anos, na véspera do meu aniversário, eu recebo uma convocação para a seleção do Rio Grande do Norte, com 13 anos de idade e aí eu pensei: “menina eu sou boa mesmo”. Para você ver, que felicidade: naquela época, tinha o jornal “A República” era onde saía o noticiário do esporte... Quando eu vou pro Ateneu [...] aí uma colega minha, que é minha amiga até hoje, chegou e disse assim: “você foi convocada para a seleção do RN”, e eu: “o que é isso, como é? E aí “vamos ver no jornal” e a gente corre pra aquela banca do Ateneu”. Só que

não tinha dinheiro pra comprar o jornal, ela que comprou o jornal, olha o teu nome aí!... [...] Menina, eu fiquei tão feliz! Tão feliz, que eu não vi nem quando era que eu tinha que me apresentar, onde era. Eu saí na carreira do Ateneu para minha casa, para avisar a minha mãe.

Ivana - Sério? Meu Deus!

Sônia - Sério! E, como eu vinha muito a pé da minha casa para o Ateneu, porque eu achava perto... Ora, cheia de energia! Do Ateneu para a minha casa era um pulo. [...] Ficava aqui, do lado IF (hoje). Ora, eu ia correndo, num instante eu chegava! Isso pra mim era besteira, mas menina tirei em uma carreira do Atheneu lá pra casa, pra avisar a minha mãe que eu tinha sido convocada para a seleção. Aí minha mãe não entendia, sim foi, e eu morta de felicidade! E aí, a primeira viagem que eu fiz foi para Aracaju né, com 13 anos, e aí Vixe Maria!... Daí foi dedicação aos treinos no Palácio dos Esportes, todos os dias e final de semana; sábado, domingo e feriado, porque a gente tornou-se a melhor seleção e uma das melhores seleções do Brasil né? Foi segundo lugar. Quando foi aos 16 anos, eu fui convocada para seleção brasileira, né? Aí eu disse [pensava]: Seleção Brasileira Juvenil! E, eu via a seleção brasileira principal com Paula, Hortência, Suzete, Cristina Puo... Minha nossa senhora! Eu via, assim, o mundo se abrindo para mim, né? Porém, eu dizia assim, quando eu via [...] elas ganhavam muitos prêmios: carros, motos, assim. Sabe?... E, o pessoal dizia que eu não ganhava nada, aí eu pensei, rapaz, esse negócio não vai dar certo! Por quê? Porque eu preciso ganhar dinheiro, eu preciso me formar né, porque com 17 anos eu passo no vestibular né?... Eu não sou rica, eu sou pobre. Então, eu preciso ganhar dinheiro, eu preciso ter uma profissão, porque esse negócio aqui só dá pra Paula e Hortência (risos), pra mim tá dando não (risos de ambas), né. Aí sempre fui dos estudos, a vida inteira. Eu viajava muito na seleção, quando eu fui convocada aos 13 anos, e eu tinha que passar no Atheneu né, eu tinha que passar no 3º bimestre, naquela época, pra ficar livre no 4º, porque eu tinha dois grandes campeonatos durante o ano, que era o campeonato em fevereiro, que era os brasileiros né; e tinha outro que era por volta de setembro e outubro, que era os dois grandes campeonatos onde estavam as melhores jogadoras do Brasil, nesse campeonato, e como a gente era a segunda seleção melhor do Brasil, a gente sempre estava nesses campeonatos, que era parte da Confederação Brasileira. Porque, antigamente, até o 4º lugar no Brasil, a Confederação pagava tudo. Então a gente já tinha tudo garantido, ou seja, já tinha garantida a minha viagem. Porém, eu tinha que passar, senão não ia. Então, eu estudava, o tempo que eu passava fora... Eu viajava muito. Na minha adolescência, eu não passei muito tempo com minha família, porque eu viajava muito. No final de semana, a gente tinha avião da FAB à disposição, a gente vivia saindo em jornal, na televisão... Então, a gente tinha muitos recursos naquela época, para viagens. A gente tinha carro pra ir para João Pessoa; a gente tinha avião para ir jogar no final de semana no Maranhão, no Pará, entendeu?

Ivana - Tudo pela confederação.

Sônia - Tudo, era. Então, o que era que acontecia? Eu tinha que estudar, e como é que eu estudava? Minhas amigas copiavam no caderno as minhas tarefas. Então, eu viajava nos campeonatos e era estudando pelos cadernos das minhas amigas, porque quando eu chegasse eu tinha que passar né? E eu lembro um fato, que eu tinha um professor de matemática, e eu viajando e estudando e a primeira prova dele: eu tirei um 10!... [...] Ele: como é que essa menina, vive na rua, vive no mundo viajando e estuda por fora e tira nota 10? Não assiste a minha aula, não! Pois é, aí a segunda prova tira um 10 (dez)? Terceira? Agora você não tira nota 10 não! Você vai fazer a prova eu e você. Você não vai fazer com a turma não, ora, eu já tinha tirado duas notas 10, faltava muito pouco, faltava [...] eu acho que 240, naquela época, eu já tinha 200, só faltava 40... 40? Eu vou é repetir (a nota 10). Fui pra ele, eu e ele fazendo (a prova), só que o que ele fez? Ele fez uma pegadinha comigo: ele botava... Era de marcar, só que eu tinha que fazer o cálculo. Qualquer cálculo que eu fizesse, tinha a resposta lá (nas alternativas), ele fez, assim, com duas, três respostas, só que [...] ele me disse, na época, que tinha o cálculo que era o mais correto. Ora, eu pá, fazia o cálculo e botava a resposta pá pá! Aí ele, resultado da minha

prova: 0 (zero)! Aí eu disse, não, espera, fiz o cálculo [...] a não ser que eu tivesse feito o cálculo dessa forma, não (não pode)... Só que, naquela época, eu era uma adolescente, eu era uma criança buchuda, eu tinha o quê? 13 ou 14 anos, não tinha nem 15 anos, naquela época, aí não tinha como argumentar, né? Aí... Ou seja, ele brincou comigo: “não, eu vou dar os 40 que você precisa para poder passar”. Aí, eu disse: ah, tá certo. Eu inocente, mas deixei, eu queria era ficar livre, né? Então, assim, e aí, depois, eu participando de todos os campeonatos juvenis, brasileiro, adulto, e depois de clubes, né! aí, depois de campeonatos brasileiros e hoje ainda estou jogando pelas veteranas.

Ivana - Na época em que você entrou no Atheneu, nesse período, sempre viajando, mas, era dispensada da Educação Física? Como é que era a questão da educação física?

Sônia - Era, era dispensada, só que era assim, se o treino... Vamos dizer que, naquela época, as aulas começavam em fevereiro, no início de fevereiro, os treinos normalmente começavam em março, por quê? Porque os professores ainda iam passar nas salas para captar alunos para os treinos. Então, de fevereiro a março, a gente fazia Educação Física, a gente não era dispensada da Educação física não, fazia. Quando começava os treinos, o professor da equipe mandava a relação da lista dos alunos que estavam na equipe para o professor, pra ele dar baixa na caderneta.

Ivana - Você ainda rememora quais eram os professores?

Sônia - Vixe! Minha professora de Educação Física: Cristina Melo! Eu lembro, porque hoje ela joga basquete comigo né (risos), e eu digo: minha eterna professora Cristina Melo! Ela fazia calistenia comigo, ali, naquela quadra do Atheneu, do lado.

Ivana - Era isso que eu ia perguntar sobre a questão da metodologia...

Sônia - Era calistenia, eram abdominal, era aqueles apoios que a gente subia fazendo aqueles [movimentos] né, era aquele, era... não tinha essa história de brincadeira, era calistenia mesmo!

Ivana - Sônia, essa Cristina Melo por acaso é essa primeira, de vermelho, (numa lista que apresento a ela). Ela deu aula, na ETFRN?

Sônia - Ela deu aula naquela época que, eu não sei se é Cristina Maria Rosado, era Délio Rosado o marido dela, ... É essa aqui. Hoje ela tá até no Canadá, eu acho. O filho dela mora lá, mas está de férias, mas, ela vai voltar... Eu posso mostrar uma foto dela, pra você ver. Pronto. Cristina, ela deu umas aulas lá, porque naquela época, antigamente, a Escola Técnica aceitava professores que não eram concursados para dar umas aulas Aí depois quando veio [...].

Ivana - Tipo... Temporário?

Sônia - Era... Isso.

Ivana - Mas tinha contrato, você sabe dizer?

Sônia - Não sei dizer, ela vai lhe dizer. Por que era assim... Inclusive teve professores que se aposentaram no IF que não fizeram concurso. Então, naquela época tinha muito isso e Cristina Melo dava aula lá, no IF.

Ivana - Eu encontrei muito cadernetas dela, nesse período de 82 a 84.

Sônia - É... Ela era muito organizada. Eu digo por que quando ela foi minha professora tinha caderneta, porque eu tive outros professores, sem ser ela, mas eu nem lembro muito bem, porque os professores não tinha caderneta, mas, Cristina Melo tinha, aí eu não posso faltar muito a aula dessa professora, não, porque senão eu vou levar pau (risos), por isso que eu me lembro tá entendendo? É tanto que hoje, eu digo “minha eterna professora!” aí ela diz “eita!... Minha aluna que eu me orgulho (risos). Então, assim, Cristina é uma excelente professora, assim, que eu gostava... Ela não faltava, entendeu? Ela dava aula, então, como eu gostava muito disso, de agitação, de movimento, eu adorava as aulas dela.

Ivana - Mas... você falou um pouquinho da vivência do Atheneu né... Mas como foi que você chegou na (escola) ETFRN? O que a levou à ETFRN?

Sônia - Sim... O que me levou à ETFRN foi o esporte, porque eu jogava pelo Atheneu e jogava pela seleção né, e o meu professor da seleção era professor da ETFRN.

Ivana - Jairo (o professor)

Sônia - Professor Jairo. Jairo Tinoco, que era o Quincas. Então, Quincas era professor da ETFRN. Então, ele disse “é o seguinte, vocês todos vão fazer o concurso para passar na ETFRN”, porque tinha os jogos! E a gente tinha quer ser... Sabe?... A gente era o segundo melhor do Brasil, então a gente ia ser campeão nos jogos da Escola Técnica! Ai a gente foi tudo pra Escola Técnica: foi eu, Lurdinha, Sonja, Mércia. É... Quem era mais, meu Deus?... Eu sei que tinha uma turma. Tinha turma que era de seleção, que quando os professores eram os professores da Escola Técnica, que eram técnico da seleção, levava os meninos tudo pra lá e a mesma coisa era o masculino... Carlão, porque tinha Chico Martins que era técnico da seleção e técnico da ETFRN, né... Aí Dante, Carlão... Então foram tudo para lá, também nessa levada.

Ivana - Mas, você me falou uma vez que você não concluiu o curso, né?

Sônia - Sim, não concluí o curso. No final do curso, que era o quarto ano, né, quando chegou ao quarto ano...

Ivana - Semestral, né? Acho que eram semestral.

Sônia - Isso, [...] um negócio assim. Eu sei que, quando foi no último semestre, eu passo no vestibular porque eu fazia Atheneu e fazia Escola Técnica, certo? Como o Atheneu... Eu consegui fazer isso, por quê? Porque o Atheneu era mais leve, eu tirava 10 e tudo mais e as amigas me ajudavam, então... Entendeu? Era fácil para mim. Aí, quando eu chego já no último período para concluir a ETFRN, eu passo no vestibular da UFRN.

Ivana - Eu não vou nem perguntar, mas você vai dizer por que você escolheu Educação Física (risos)... Você fez Ciências Sociais, depois, não foi?

Sônia - Sim, eu fiz Ciências Sociais, primeiro eu passo para Ciências Sociais, aí vou pra Ciências Sociais e fiz especialização em Sociologia e Política. Ok. Como eu era atleta de seleção de basquete, vivia saindo em jornal; só vivia dando entrevista em rádio, que tinha muito naquela época, rádio e televisão, todo mundo me fazia a mesma pergunta: “Por que você não é uma professora de Educação Física? Por que...”, eu digo “homê, sabe de uma coisa”... [...] De tanto todo mundo perguntar (risos), “eu vou fazer Educação Física”. Aí fui fazer Educação Física. Foi por isso, foi pressão social (risos) que me levou a fazer Educação Física. Porque eu gostava muito de ler... É tanto que a Sociologia, a filosofia, eu gosto disso... Já foi o curso que eu fiz eu gostava disso, dessas questões sociais né? Aí fui para educação física porque as pessoas me questionavam muito. Aí diziam assim “proposta de empregos das escolas e tal... Se você quiser ficar com educação física, você está empregada”, e foi dito e feito. Quando eu passei em educação física, eu lembro que começava as aulas na universidade em março, acho que era no dia 2 de março, na época, o Salesiano soube que eu tinha passado e me contratou como professora, em fevereiro (risos). Eu só começo a dar aula no Salesiano antes de começar as aulas na faculdade (risos).

Ivana - Meu primeiro Jerns você era técnica de basquete, no Salesiano...

Sônia - Técnica de basquete no Salesiano, passei 12 anos no Salesiano. Eu nunca... Olha, isso é engraçado... Depois que eu fui para educação física, eu nunca fui pedir emprego a ninguém, entendeu? Quando eu entro em educação física, o Salesiano me contrata. O Salesiano me contratando quando soube que eu estava técnica de basquete e pá e tudo mais no Salesiano [...] disse... Não, peraí... [...] O América me contrata e eu vou tomar conta de todas as equipes femininas de basquete do América. Aí, depois [...] o Sagrado Família foi que foi interessante. Eu estava em casa, naquela época não tinha telefone celular, era fixo né? Então, o telefone toca e minha mãe disse: “é para você”. Eu atendi e (a pessoa na linha): “é professora Sônia? Aqui é da secretaria do (colégio) Sagrada Família”. “Sim, pois não?”... “É por que você não veio para a semana pedagógica e a gente tá ligando pra você vir à tarde”. Aí eu disse: “olha, deve tá (havendo) algum equívoco, por que eu não sou professora do (colégio) Sagrada Família”... “Não, é, tá aqui o seu nome, professora de basquete”, aí eu disse: “então tá certo, à tarde eu chego aí!” (risos). Eu nem sabia que era professora de lá, entendeu? Aí eu fui. Eu tinha América,

Salesiano e Sagrada Família, né? Ai, o Marista, como foi no Marista? O Marista [...] me ligam do Marista, certo? Porque iam trocar o professor de basquete do Marista e a indicação era o meu nome. Eu nunca soube quem indicou. O Irmão Inácio, na época, né, ele disse: “não, você que foi a escolhida para ser a técnica de basquete”... “É que”... Aí eu disse: “olha, Irmão, eu conheço o técnico de basquete de vocês aqui”... E eu chegando... E isso era assim, véspera da semana pedagógica do Marista, e o Marista fazia, naquela época, as semanas pedagógicas fora de Natal e a senhora tem que viajar... Minha nossa senhora, aí eu disse: “olha... *me dê* até a tarde para eu absorver isso e falar com o professor”. Aí o irmão disse: “não, você não tem que falar com o professor, a senhora já é a professora escolhida para ser a professora de basquete daqui”. Aí eu disse, “Irmão, me deixe ligar”... E ele disse “tá certo”... Isso eu vou pra casa pra ligar para o professor, pra entender e dizer..., como ele era professor a muito tempo e eu fui convidada e o Irmão disse “se você não for, vai ser outra pessoa, mas ele não vai ser mais”... Só que ele não me atende. Liguei, liguei e ele não me atendeu. E aí, quando foi à tarde o Irmão ligou. “E aí?”... “Irmão, eu vou aceitar”. Ora, mulher, a pessoa pobre, precisando de dinheiro, entendeu? (risos) Aí sendo professora do colégio Salesiano, de um colégio como o Marista, que naquela época se pagava muito bem, eu tava no céu! Aí eu disse “eu vou, né?” Depois, o professor ficou sem falar comigo, criou-se um atrito dele e ele começou a me perseguir dentro do Marista né? Aí ele disse eu disse a mim mesma né... Eu pensando “poxa, eu não mereço isso, né? *Eu procurei ele*, mas, ele não quis conversar... Eu vou estudar... Sim, isso também eu faço concurso da prefeitura, nesse ínterim., porque aí eu precisava de um estabelecimento que me desse segurança no pagamento todo mês. Eu tinha isso comigo, que eu precisava ter essa segurança. Porque quem trabalha em escola privada, a gente nunca sabe. Final de ano é o grande terror para a gente. As férias, pelo menos para mim, né naquela época, eu ficava pensando: “meu Deus, será que o meu contrato vai continuar, ou chegando em janeiro eu vou estar despedida, né? Então eu passava por isso. Ou seja, você nem podia assumir nem um compromisso de prestação, porque você não tinha certeza do salário. Eu tinha isso comigo, era por isso que eu sempre dei o melhor de mim na minha profissão, para que eu pudesse garantir o salário no final do mês, certo? Então, eu não levava minha profissão na brincadeira, e nem saía por aí inventando história e nem desrespeitando nem um colega né? Então, eu sempre cuidei muito da minha profissão. E aí, o que acontece? O concurso da prefeitura, e aí eu começo a estudar muito. E eu estudava aonde? Dentro dos ônibus! Saindo do Salesiano pro Marista... E era dentro dos ônibus, ali, estudando! Porque eu queria garantir o salário fixo. E aí eu passo em primeiro lugar... “E aí, disseram “escolha o local que você quer trabalhar” e eu disse “João 23”, que era ali perto da antiga (avenida) Bernardo Vieira né, que agora é Nevaldo Rocha... Saindo ali de casa, do Morro Branco, era bem pertinho. E aí eu fiquei e foi quando eu comprei meu primeiro Fusca. Aí eu disse “agora eu já tenho um dinheirinho pra comprar um carro e aí eu já andava no meu fusquete pra cima e pra baixo (risos).

Quando eu estou no Marista, que pra eu digo sempre e disse, inclusive, posso dizer na entrevista, porque disse ao professor, depois, esse que me perseguiu lá, no Marista né? Depois a gente começou e hoje a gente se fala, se abraça e tudo mais, porque eu não ia morrer com essa história no meu coração. Aí eu *procurei ele* para conversar e a gente conversou e esclarecemos tudo e ele me pediu perdão pelo que tinha feito. E aí, o que acontece?... Mas, eu disse a ele: “mas você me fez muito bem”, por quê? Porque diante dessa perseguição que eu sofria... E... Eu dizia: “eu não mereço isso”... E aí foi quando eu fui estudar para o concurso da ETFRN, que na época era a ETFRN... Concurso da ETFRN! E aí eu... Vixe! É a minha vez né? Aí disse uma vaga! Caramba! Vixe, pelo amor de Deus! Uma vaga, criatura. Mas... Eu assim: “mas vai ser minha!”. A minha mãe disse: “você é muito assim minha filha, você é... Vai ser sua”! E eu disse, vai ser minha!... Quando eu vejo a inscrição: 115 pessoas para uma vaga. Aí, quem concorre? Nossos amigos da Educação Física, já com doutorado e disse vixe, me lasquei. (risos) concorrer com os caras com doutorado! E eu estava terminando a minha especialização na UFRN, ainda tem

essa! Não tinha nem especialização, ainda.

Ivana - Em Sociologia? (a especialização em andamento)

Sônia - Não, em Educação Física Infantil. Aí eu disse “minha nossa senhora, como é que eu vou passar, nem o tempo de especialista eu posso comprovar porque eu não terminei”. Aí eu comecei a pensar... “Poxa... Vamos lá”!... É a prova escrita, prova prática e prova de título. Aí eu comecei já a arrumar a minha estratégia: prova de título, dancei, vai ser zero, porque quando eu via lá, eu me lembro que doutorado era 70 pontos. Eu disse, só de cara, assim, eu já estou vendo dois doutores (risos). Aí eu disse “bom, pra eu classificar e um dia ter uma vaga pra mim, sobrar pra mim, eu tenho que tirar 10 e 10”. Era a minha estratégia. Tirar 10 e 10 (risos), aí é que eu vou arrochar nos estudos. Na prática eu sou boa, eu me garantia na prática, mas na teoria? Deus é quem sabe!

Aí, pra você ter ideia, eu só dormia 3h por dia, no sábado e no domingo, era estudando direto e, ainda tinha uma coisa, eu trabalhava sábado até 5h da tarde. Eu trabalhava no Salesiano de 8h até o meio-dia e trabalhava no América de 2h às 5h, no sábado. Diga aí? Sim, eu não ia para casa almoçar, porque se eu fosse almoçar eu perdia tempo de estudar. Então, quando eu terminava a minha aula, de 12h10, no Salesiano, eu ficava lá estudando. E eu me lembro que Dona Maria, que era a mulher da Copa, dizia “eu tenho tanta pena dessa professora, eu vou guardar os biscoitinho” [...] Por que os padres são assim, ó (mão fechada). Os padres botavam os biscoitos cream craker para o lanche e (sobrando), mandava recolher. Então, ela guardava os biscoitinhos para mim em um papel desses, aqui (mostrando)... Aí isso era meu almoço eu ficava lá, estudando. Aí ou seja, eu dormia 3 horas por dia! No final de semana, no domingo... Tinha domingo que eu, para eu me levantar da cama, o meu corpo tremia. Eu não sei como era aquilo, não... Era involuntário, tremia, tremia de cansaço. Eu era tão cansada que aonde eu me escorasse, eu dormia, entendeu? Mas... Eu dizia a vaga é minha. “Eu não sei o que é que vai acontecer, não sei o que é que vai dar, mas eu vou fazer a minha parte né”? E aí foi, aí quando eu vou [...] prova, primeiro... [...] o resultado da prova teórica... Eu não lembro qual foi o resultado que eu fiquei (da classificação)... Não sei se foram o sexto (lugar) ou oitavo não sei... Eu disse “poxa vida, eu tenho que melhorar, minha nossa senhora”... Mas, quando... A minha chance aumentou, quando eu vi que os doutores não estavam antes de mim” eu digo “opa! Já melhorou a minha situação, pelo menos eu estava lá na frente, né, de 115... Eu estava entre os oito né? Aí eu disse “agora vamos para a prática (prova)”. Eu vou ter que me garantir. Eu lembro que era Janir. Lembra-se de Janir, que se aposentou? Janir era quem fazia os sorteios, gestão de pessoas, aí “vamos para o sorteio”, tinha aquela hora lá, marcada, bota a mão na sacola. Quando eu boto a minha mão na sacola, eu tiro... Aí basquete! Juro a você, quando eu vi basquete, eu disse “essa vaga é minha”. Eu tive a certeza que a vaga era minha. (risos) Meu Deus do céu, aí parei num sei quer. Ave Maria, tem que ser uma aula de movimento, de movimento que os alunos, possam, tipo assim uma aula de passe de basquete... Não podia ser muito monótono, né? Não pode... Aula de drible, né, de movimentar a bola, pá pá, pá, de passar a bola e movimento e tudo o mais... Menina, organizei bem direitinho, e assim, não dava nem tempo de eu pedir ajuda a alguém, porque era 24 horas né? Ou seja, não tinha tempo, eu tinha que fazer com os meus conhecimentos, ali mesmo!... Mas... Basquete, eu me garanto... Se fosse outro... E fazia [...].

Eu lembro que o professor de basquete de lá, queria que o outro pupilo dele tivesse passado, só que o outro pupilo não passou nem na prova teórica... Ele foi assistir a minha aula, que era a vaga dele, essa vaga. Aí eu vou para a prova prática, quando eu chego na prova prática. Eu lembro [...] eram quatro pessoas, eu vou ver se eu lembro de todo mundo: era Petrúcia que estava na minha banca era o professor, que foi diretor de Currais Novos, professor Radir, pedagogo, (pedagogo); Nilson Barrote e o outro eu não lembro não... Não era do basquete?... Ferdinando?... Não, não era do basquete e não, não era Ferdinando... Eu não sei se era aquele do voleibol... Eu não lembro agora, eu sei que era os quatro.

Aí eu cheguei, com os quatros planos de aulas... Vamos lá! Aí a turma? Turma masculina, de eletrotécnica, só marmanjo! Eu acho que era turma final, sabe?... Só sei que eram uns rapazes maiores que eu (risos). Quando eu olhei... Vixe!... Eu me dei bem (ironia?)... Aqui quem domina, quem sabe desse mitier aqui só eu mais ninguém. Aí comecei, dando aula. Aí um menino começou a fazer gracinha na minha aula, sabe? Aqueles meninos [...] aí eu disse “eu não acredito que esse menino quer bagunçar a minha aula”... Por que eu, eu me sentia à vontade, né, por que era basquete, né? Aí eu pá pá, dando os comandos e aí eu passo pelo menino e digo: “você se comporte direito, porque se eu não passar nessa prova por sua causa, eu vou lhe pegar lá fora”... *Homi*, eu não sei de onde eu tirei aquilo. Ora [...] Só que naquela época... Eu não tinha esse negócio de Serviço Público, esses negócios... Eu vinha de onde? Eu vinha de escola particular, onde eu era quem mandava em tudo, entendeu? Mas aí eu disse aquilo assim, bem baixinho, só passei por ele e foi ligeiro demais... Menina, esse menino se comportou de um jeito! Era um marmanhão!... ele se comportou de um jeito! Aí eu “ai, glória a Deus, deu certo”! Aí pá pá pá, comecei dei minha aula e resultado: 4, 10!... Aí eu fui lá para as cabeças né? Quando eu fui para as cabeças, aí eu digo “ah!... Agora é minha vez”! Agora eu vou passar. Eu vou [...] eu passando... Eu queria ficar entre os três, porque entre os três, eu tinha condições de ser chamada, né? Eu achava que era validade de dois anos, entendeu? [...] Aí eu disse “não, vai dá certo”. E fui lá para frente. Só que, quando,... Sim, depois desse menino... Eu fui professora dele, quando entrei (risos)... Ele: “minha professora querida!” E eu: “venha prá cá, me dê um abraço, seu danado!” (risos).

Aí eu vou e faço prova de título. Eu já sabia que a prova de título... Não, na prova prática, eu fiquei em primeiro lugar, foi isso, prova pratica fiquei em primeiro lugar, exatamente... Pronto. Aí eu disse “glória a Deus”... “Agora deu certo!... Por que aí, na prova de título eu vou cair! Eu não tenho título. Mas pelo menos eu tô ali, se eu tô em primeiro eu não vou cair pra décimo, vou cair ali pertinho. Aí eu fiquei em segundo, porque o primeiro já tinha especialização. E eu fiquei... Olha só!... Sabe qual foi a minha diferença, de mim para ele? Foram 0,01! Nossa! Ele ficou em primeiro e eu fiquei em segundo. Ele foi chamado (em primeiro) e eu (em segundo) fui chamada. Aí ficou tudo certo.

Ivana - Quando você foi chamada, você foi lá, para Mossoró?

Sônia - Eu fui para Mossoró.

Ivana - E como é que.. Me fala um pouquinho desse momento lá. Como é que era? Eu queria que você voltasse um pouco de como é que eram as suas aulas de Educação Física, lá, na ETFRN e sobre aquele sistema de aula, se você era liberada, como era do Atheneu, se não era... Você rememora?

Sônia - Sim, eu era. Eu lembro que tinha um (professor)... Como é que dizia, naquela época (inspetor)? Ali, do acadêmico, que vigiava os alunos?...

Ivana - Professor Diógenes?

Sônia - Sim, o professor Diógenes. Ele vigiava os alunos. Ele dizia “a aula de educação física...” E. “Eu sei, professor, eu vou!... Mas, eu sou atleta”, e ele, “mas você vai lá”. Eu tinha que ir na aula de Educação Física, que o meu professor de Educação Física... Eu lembro como se fosse hoje, era um professor que até já partiu, também, o Zé Maria. Zé Maria era meu professor de Educação Física. Eu disse, “professor, eu sou atleta de basquete”... E ele “eu sei, menina, deixe eu pegar aqui seu nome, ... Vá pro seu treino”. Aí, pronto anotava lá e eu ia pra o treino, entendeu? Aí... Eu sempre era dispensada, mas eu tinha que comparecer para avisar o professor que eu era atleta.

Ivana - E, nesse período, você lembra se tinha alguma professora mulher?

Sônia - Tinha.

Ivana - Como é que era o sistema de aula?

Sônia - Sim, é... Era masculino e feminino, separado. A professora mulher... Não vou me lembrar o nome dela, mas era, era... Carmem! E eu acho que ela era esposa de alguém... Ela era

esposa de outro professor de handebol, Pedro Amaral... Era, aí tinha duas (professoras), me lembro muito de Carmem, que andava muito com Carmem. Teresinha! É, elas eram muito parecidas, andavam muito arrumadas, essas coisas assim..., avé Maria eu quero ser professora daqui, essas professoras andam tão arrumadas, elas eram assim bem roupas, de calça de educação física e eram bem pintadas, bem arrumadas... Eu achava bacana. Eu me lembro delas duas.

Ivana - Você por acaso lembra como é que era atuação delas?

Sônia - Vixe não, porque nem uma das duas foram minhas professoras, mas eu sei que tinha um negócio com dança... Eu sei que tinha dança, mas como eu era do basquete, eu nem ia, minhas amigas da turma eram que iam. Eu era mais do basquete, eu era mais envolvida com as meninas do voleibol, handebol, sabe?

Ivana - Você, hoje, tem essa experiência que você tem né?... Atualmente você é coordenadora aqui, do curso de Educação Física, então, como é que você ver, naquele período, ... Era outro período histórico, é lógico que a gente não deve considerar todo o percurso histórico pelo que a Educação Física passou, e eu nem preciso falar isso pra você, mas como é, você poderia falar daquele momento lá, da educação física da ETFRN, em específico?... Eu não estou nem falando do geral, porque você está [...] A sua vivência foi mais a questão do esporte, né, que você tá relatando, e a gente sabe disso, mas, em relação específica a Educação Física e voltado para a questão do gênero feminino, como é que você ver hoje?...

Sônia - Olhe... Hoje eu vejo que a educação física evoluiu bastante, né? Eu fui do esporte, mas a minha... Eu atuei bastante no município na educação física, né, e no Salesiano, no Salesiano eu trabalhava no esporte, mas trabalhava na educação física, também, eu era professora de educação física, e a gente tinha grupo de estudo no Salesiano que, até assim, incentivado por mim e os meninos da época aceitavam um grupo de estudo para trabalhar educação física sabe? Assim, apesar de eu ser do esporte, mas o meu xodó foi muito educação física.

E assim, o que é que eu vejo daquela época para cá? Naquela época, a educação física, especificamente na ETFRN, né, era o esporte e era a calistenia, sabe? E eu não via, enquanto aluna, nenhum [...] tipo, assim, de avaliação que hoje se faz... Tem muito a questão de avaliação que eu vejo hoje os meninos fazendo nas escolas, a avaliação corporal de movimento. Naquela época, na ETFRN, não tinha, né? A avaliação que tinha era por frequência, quem frequentasse mais tinha 10, entendeu? Eu não sentia, assim, que tinha algo que pudesse me levar evolução da minha prática, sabe? Eu não vi (naquela época), que hoje eu já vejo. Eu vejo os meninos aqui, de estágio; os meninos são focados muito na questão da avaliação da turma, avaliação no que diz respeito a crescimento, ao desenvolvimento. Especialmente hoje, que tem muitos alunos autistas, com TDH e fazem parte da coisa. Hoje, os meninos aqui, do curso, eles detectam, eles detectam isso, já vivenciam isso no curso né, e como trabalhar uma turma dessa forma. A gente recebe várias escolas do município aqui, e eu vejo os alunos fazendo [...] tendo essa preocupação, sabe? Trabalhar essas habilidades, essas capacidades, tanto afetivas e cognitivas .. Eu não gosto muito de fazer essa distinção né, mais de movimento, sabe? Eu vejo que ela (a educação física, sua prática?) evoluiu demais. Mas eu não sei lhe dizer, hoje, como é que funciona no município e no estado, porque eu não estou acompanhando. Eu acompanho muito os meninos de estágio, e como eu vejo, aqui, como aqui também tem o Henrique Castriciano e a Escola Doméstica, e como *eu vejo eles* trabalhando, e eles são nossos ex-alunos, que a escola contrata né, aí eu *vejo eles* trabalhando, eu vou passando no estacionamento e vou vejo que eles têm essa preocupação.

Ivana - Você quando assumiu, foi lá para Mossoró, né, que a gente retornou esse um pouquinho, né? Eu acho que essa conversa, esse diálogo é de idas e vindas mesmo? [...] É. Quando você foi para Mossoró... Eu queria que você fizesse um pouquinho dessa rememoração, como você está falando da Educação Física, né, como é que era a sua atuação lá, em Mossoró? E, posteriormente, você veio para cá, e aí eu sei que... Quando você veio para cá, né, eu tenho esse

breve né, leve conhecimento, que você já participou de uma formação de um curso de graduação, não é isso? Você já começou a parte técnica e já foi evoluindo e participou desse processo né? Eu queria que você fizesse isso. Mas, além disso, se você pudesse também rememorar um pouquinho, porque eu sei a importância que você é para nossa área, na nossa instituição né; o que você contribuiu para disciplina, como todo. Você entrou e nós tínhamos acabado de aprovar o PPP né, de 1994. Você entrou em 95, não é isso? Então, como é que era esse processo, a disciplina em si. Você, que sempre foi muito atuante nessa questão desses processos pedagógicos, você participou efetivamente? Existia algum outro professor de educação física que fazia esse movimento que você fez? Fala um pouquinho dessa questão.

Sônia - Eu, quando entrei, fui pra Mossoró, né. E, lá em Mossoró, a gente trabalhava com educação física e eu cheguei... Como eu sou do esporte, né, eu vou montar uma equipe de basquete. Aí eu montei uma equipe masculina de basquete e assim que eu cheguei lá, a gente não tinha o ginásio ainda, e aí a gente dava aula no ginásio, ali, da ESAM né? E eu lembro que eu ia dá aula no ginásio e tinha várias pessoas assistindo ali, as minhas aulas, né, e eu ficava me questionando, “meu Deus, quem são essas pessoas”? Era anotando, era assistindo, e como eu não conhecia muito o povo de Mossoró, tava chegando, aí eu comecei a perguntar aos alunos, né? Disse não professora, esse aí é o professor fulano de tal, professor da ESAM, ah, professora, esse aí é o professor da UFERSA”... De onde era isso? Do curso! Aí iam assistir as minhas aulas! (risos)... Vote eu tô sendo novidade, aqui, né! (risos). Aí numa boa, depois eles iam conversar comigo e continuaram assistindo, mandavam os alunos dele assistirem as minhas aulas. Eu comecei dando aula lá no ginásio, enquanto o nosso ginásio ficava pronto. E aí, quando a gente foi para o nosso ginásio, eu dava aula da educação física e tinha essa equipe de basquete. Como eu passava o dia lá eu fui passava o dia lá dentro do campus, entendeu? Mossoró era muito quente, pelo menos dentro do campus eu tava trabalhando, tava tomando aguinha gelada, tomando... Um espaçozinho gelado para me refrescar né? E assim eu fui ficando... aí eu disse, “sabe de uma coisa?... Eu vou fazer... Aí, o professor Nivaldo, que era diretor, na época, ele querendo, lógico, evoluir o campus né?... Aí ele disse, “tem uma ONG italiana que tá aceitando alguns projetos”. Aí eu digo “opa!... Eu vou fazer um projeto! Entendeu?... Eu fiquei pensando “que projeto eu vou fazer”?... Como eu tava terminando, já concluindo a minha educação física, minha especialização em Educação Física Infantil, eu disse “eu só vou trabalhar com crianças”. Aí comecei a estudar redondeza e aí vi que tinha um bairro lá, que era chamado “bairro dos teimosos”, mas, na verdade, era um grupo de pessoas que morava ali... Por que ali, perto do campus, lá de Mossoró, tinha um rio, antigamente, que passava e, quando tinha enchente, o rio enchia alagava né?... E, depois que passava (a enchente), o rio secava, e as pessoas iam e vinham para aquela região ali, morar, né? E é por isso que se chamavam “teimosos”, entendeu? Aí eu disse “eu vou fazer com eles, lá”. Aí fui fiz um projeto, foi aprovado... Aí era eu, a assistente social, acho... Não sei se tinha psicólogo, as pedagogas, a gente fez um projeto e eu fazia essa parte da atividade física com eles, e elas davam assistência, visita a família, sabe? Aí pronto, aí eu escrevi sobre esse projeto né? Eu fiz, escrevi, publiquei, apresentei, foi uma coisa assim que eu me senti muito realizada, trabalhando com aquelas crianças né? Porque? Porque eu consegui muitos resultados! Eu, não, né? Eles conseguiram resultados excelentes!... (Experiência) Excelente de crianças chegando lá a assistente social disse “não, Sônia, isso aqui é muda”, na verdade, ela não era muda, era porque ela só falava com as pessoas que ela gostava, e comigo ela falava, entendeu? Então, assim, a gente trabalhou [...] Enquanto isso, eu ia detectando nas minhas aulas, as assistentes sociais faziam visitas às famílias, trabalhando as famílias... Porque, assim, era um negócio muito bacana.

E, nessas idas e vindas, Natal/Mossoró, o pessoal que tava em Mossoró queria sempre vir embora, né? Quem estava no interior queria sempre vir embora. Eu digo, “olha, eu quero ir embora, lógico, como todo mundo, vai chegar a minha hora”. E, lá, em Mossoró era agradável porque o diretor... Apesar de que como todo servidor gosta de “bater” em diretor, né?... Aí a

gente “batia” mesmo no diretor (risos)..., não sabia que ia ser Diretora. Era o professor Nivaldo Calixto era? Era, não era Nivaldo Calixto, aquele grandão, era outro um outro Nivaldo, né? Gente finíssima. E aí, ele tinha uma história, toda quinta-feira a gente tinha que cantar o hino nacional, a gente tinha que plantar árvore, e ia me envolvendo nas coisas, né? “Batia” (no diretor), mas eu me envolvia. Batia porque servidor é danado mesmo, “batia” mesmo (risos)... E aí, eu lembro... Sim, e na hora da educação física, como em todos os cursos, a gente era tudo igual, tinha prova, tinha as avaliações, tinha tudo, e eu seguia a regra.

Ivana - Então já tinha, nas normas didáticas da instituição, do PPP, já tinha essa relação nas disciplinas, era componente curricular?

Sônia - Já! Sim! Era tudo igual!... Eram dois dias na semana, igual à geografia, a biologia, era tudo igual: dois dias na semana, os planejamentos, as avaliações, seguia tudo normalmente.

Ivana - Mas, aqui, também no *Campus* Natal/Central, era esse mesmo sistema, era sistêmico, ou era só de campus individual? Só tinha os dois, né?

Sônia - Não, era... Porque quando eu cheguei também era assim, era assim também, mas nem todos faziam isso... [...] Calma, eu vou chegar lá. (risos)

Bom, lá em Mossoró, né, a gente fazia, né... Vixe, eu recém-chegada, eu seguia a regra. Porque no município, eu fazia. Então, no município, nós éramos sete professores, na escola do Município e quando eu ia entregar a caderneta [...] a menina, a secretária lá, do setor, ela dizia assim “é a única caderneta de educação física que eu já vi, em toda a minha vida”... Eu dessa professora (risos). Então, eu fazia no município. Quando eu fui pra ETFRN, eu já entrei no ritmo, eu já vinha do município, nesse ritmo, então... Sim... Aí, como foi que eu vim?... Eu tinha reprovado na educação física, né... Eu não reprovei, o aluno se reprovou. Eram uns 10 alunos. Aí professor Nivaldo convoca uma reunião com todos os professores que tiveram alunos reprovados. Então fui eu (de educação física), de física, de química, não sei quer olhe, vocês vão tal dia, de 4h da manhã, a van vai levar vocês para vocês aplicarem outra prova, porque o índice de reprovação foi muito grande e a gente já começa no *Campus* com o índice muito alto de reprovação, então vamos ver o que a gente pode melhorar. Tá certo. Quando eu chego na ETFRN, na portaria, 4 horas da manhã, Sr. Nivaldo me recebe e diz: “e já veio com a mala? E eu, “e não é não, professor”?... Não, “você, a partir de [...] quando você voltar de Mossoró, que você vai voltar logo, agora, você vai só aplicar e voltar, aí você já fica aqui. Você é a nova professora, aqui, do *Campus Central*... Homi, 4h da manhã e eu já me atraquei no pescoço dele e disse, “eu não acredito” e ele disse é.... Porque ele tava substituindo o professor Mariz, que tava de férias, e ele ficou assumindo a direção do Natal Central... O terceiro lugar (eu passei em segundo), o terceiro lugar era muito envolvido com políticas e políticos do Estado. Aí, o político chegou e disse “não essa pessoa aqui não vai para Mossoró, vai ficar aqui, em Natal”. Aí o professor Nivaldo disse “pois minha amiga também não vai ficar não”. Ou seja, eu não [...] por quê? Porque eu alego que foi um excelente trabalho que eu fiz em Mossoró, entendeu? Então ele achou que não era justo, certo? Aí ele disse “pois minha amiga também não vai ficar lá não”. Então o senhor, ao invés de arranjar um código de vaga, ou senhor arranje dois, porque ela vem.” Ai o político, que na época, era muito forte, era Ministro da Administração, foi e arranjou a segunda vaga. Aí o quarto lugar foi para Mossoró, mas eu fiquei em Natal certo? Quando eu chego em Natal... Aí vamos lá, quando eu chego em Natal, eu já vinha do município, já vinha de Mossoró seguindo aquela regra de caderneta, de avaliação, de avaliação diagnóstica, formativa e somativa né, com as minhas turmas, quando eu chego aqui, aí ele só tinha [...] Quando eu entrei aqui, em Natal, só tinha Velha Guarda da educação física, e ninguém fazia e eu fazia né? Aí tinha outros companheiros né, que fazia que era Petrucia, Karenine, Lerson, Então assim, era Arnóbio, Maurílio... Então a gente fazia a Velha Guarda não fazia... Aí disse os pedagogos de Educação Física... E eu insistindo pelos pedagogos da educação física... Eles querem inventar coisa, então a gente dava aula em sala de aula, a gente fazia planejamento... Só que ele não participava né? A gente fazia as nossas reuniões, planejamento, grupo de

estudo... A gente começou a se envolver muito com a educação física escolar, você veja bem era um time de peso Petrúcia, Karenine, Lerson, Arnóbio, Maurílio e eu. Bem, acho que não estou esquecendo ninguém não.

Ivana - Naquele período, lá, que você voltou não, acho que eram esses mesmo

Sônia - Então, quando eu chego em Natal já eram esses, né? A gente saiu de Mossoró e viemos para Natal... Já eram esses. E aí eu já entrei nesse grupo! Então quando tinha reunião de técnicos de esporte era que eu saía desse meu grupo e ia para lá! Quando eu chegava lá, só tinha eu de mulher e... Não só tinha eu de mulher, não, tinha [...] não sei se era Leonor [...] não, acho que Leonor já tava...

Ivana - [...] Leonor chegou (desculpa) em 89, ela já estava [...]

Sônia - [...] Não, porque eu volto de Mossoró [...]

Ivana - [...] em 89... Você volta de Mossoró, acho que 97/98?

Sônia - Não... É, tá certo. Eu volto de Mossoró em 95. Eu entro em 95 e passo quatro meses em Mossoró e venho pra Natal. Então, em 95 eu tô em Natal. Eu acho Leonor chegou depois.

Ivana - Leonor chegou em 89.

Sônia - Aí foi? Pronto. Então Leonor já estava... Eu acho que já tinha Betânia. Betânia já tava. Betânia era da turma do Esporte.

Ivana - Betânia entrou de 91

Sônia - Pronto, Betânia era da turma do Esporte, e, só quer a Velha Guarda começava a bater na gente, então era uma briga ferrenha, mas a gente era firme e forte, né? E aí eu lembro... Aí como foi que [...] eu comecei a ver outros horizontes aqui, em Natal (Natal Central)... Professor Mariz diretor, professor Otávio era diretor de ensino, certo? Eu, numa reunião com os professores, né, da velha guarda, dos técnicos, e aí um deles, lá, disse lá uma coisa e eu, simplesmente disse, “não, professor, não é assim, não!... O senhor está equivocado”, ele levanta-se da mesa e quase bate em mim né, estilo essa...

Ivana - [...] a defesa deles, né?

Sônia - É... Ele quase bate em mim. Eu, do jeito que eu tava, eu fiquei. Quando eu saio [...] era sobre atestado médico, a discussão era essa: atestado médico, a discussão era essa, atestado médico, eu disse “o senhor tá trazendo uma discussão de Paulo Renato, que era o ministro da época. O senhor tá trazendo uma discussão de Paulo Renato, que não é uma discussão nova. O senhor precisa ler a nova resolução”... Homi, esse homem quase me mata!... Eu digo “Ah é?... Tá certo”... Eu saí de lá, na calma que eu tava: professor Mariz! Eu nem conhecia o professor Mariz... “professor eu queria falar com o senhor... Professor, é que eu tava numa reunião ali e aconteceu isso, isso, e isso”... E ele disse “minha filha, não tem problema. É o seguinte, eu já soube que você é costumada a fazer projeto, né?”... Que eu fiz um projeto Italiano [...] lá, em Mossoró, e eu disse “é, eu sei fazer” [...] “você vai trabalhar com Marcos Aurélio, lá em relações empresariais”... O professor Marcos que já partiu, também... “Você vai trabalhar lá, e vai ficar com a professora Régia também coordenadora do setor e você vai fazer projeto”... Certo... Eu sabia lá que danado de projeto que eu ia fazer, eu só disse “tá certo”, porque eu queria, era me livrar daquela confusão. Aí eu fiquei com minha carga horária dividida. Eu fiquei só com a minha equipe de basquete masculino e trabalhava no setor de projeto. Comecei a fazer projetos para outras áreas. Eu fiz projetos para área de gestão ambiental, de [Diaren]... Diaren. Aí comecei a fazer os projetos e os projetos sendo aprovados... “olha, o negócio aqui, parece que eu sou boa nesses negócios” (risos). Aí, nessa história de fazer projeto... Aí o professor Mariz chegou e disse [...] aí nesse ínterim, a gente começou a fazer [...] Karenine e Petrúcia vão para a UFRN, aí ficou o grupo eu, Lerson, o Arnóbio e Maurílio. Aí, o presidente era Fernando Henrique: “vamos acabar com as disciplinas do núcleo básico e vamos deixar só as disciplinas do grupo técnico”... A gente se agarrou com a ETFRN, fizemos uma grande corrente, se agarrando com a ETFRN, dizendo daqui a gente não saía. Por que a ideia, o que era? Era a gente ir para os órgãos Federais... Estaduais, não?... Não, federais... Agente ia pra delegacia da

mulher

Ivana - Ele queria tirar as propedêuticas?

Sônia - Era,... Ele queria tirar Português, Matemática, Educação Física ... [...] É... Ia cair fora tudinho... ia ser distribuído. Aí a gente faz um grande movimento [decreto 2.208?] Foi... A gente faz uma grande confusão e “vamos nos reunir” eu, Lerson, Arnóbio, Maurílio, Isabel de Artes e Elane?... Elane, de Artes. E a gente se junta e “vamos fazer o curso técnico na nossa área”... E aí a gente começa a moer o juízo, que curso técnico pra gente se garantir aqui. Aí foi quando veio o Curso Técnico de Lazer aí a gente monta o Curso Técnico de Lazer pra gente se garantir na instituição, Entendeu? Aí a gente... Sim, aí do meu lado, eu fico no curso técnico, fico com a equipe de basquete - que levei a equipe à vice-campeã de Jerns perdendo por um ponto pra o Colégio das Neves, né... E aí... Masculino ou Feminino?... Masculino, lá eu trabalhei só com o masculino, porque Maurílio trabalhava com o feminino. Aí eu trabalho no setor de projetos, com o Curso Técnico de Lazer e com a equipe de basquete masculina, certo? Aí vai muda, caminha e caminha e muda de direção, não sei o quê e aí ele disse assim, “pronto Sônia, já que você é acostumada a fazer os projetos”... E, realmente, eu montei uns projetos bem legais, tá? E vinha verba pra isso, aí já começaram a ... E aí eu já comecei a ser substituta do gerente, que hoje é o diretor acadêmico... Eu era gerente, comecei a ser substituta de gerente, fui substituta do professor Marcos Aurélio, lá, em relações empresariais... Aí ele disse: “agora você vai ser Coordenadora de Pesquisa e Inovação”, que hoje é a pró-reitoria de pesquisa. Mas eu fui pra lá porque eu era apaixonada por fazer projetos, que eu aprendi na marra!... Risos... Aí vou coordenar a pesquisa, que era lá no NIT no último andar do NIT... Era eu sozinha e aí eu disse “mas professor, eu preciso de alguém pra me ajudar”, e ele me deu duas bolsistas.

Aí comecei a movimentar... Hoje, que é a [...] na UFRN, é CIENTEC, a gente é a ...aquele evento que é... Expotec?... Expotec é do Campus... A SECITEC?... Pronto, a SECITEC, pronto a secitec ideia foi minha, porque eu faço o que? O primeiro foro [...] Inclusive, o Zé Ivan que viajou né... Uma das aberturas lá em Mossoró, ele faz esse resgate, né, de agradecimento a mim... Aí eu vou e faço o primeiro Foro de Pesquisa e Inovação da [...] na época era agora o CEFET. Eu faço o primeiro Foro de Pesquisa e Inovação do CEFET, com duas bolsistas, que era Letícia e Carol. Monta-se todo o evento científico e... Handson, que hoje é professor, foi também meu bolsista. Ele foi seu bolsista?... Foi, sim, ele foi meu bolsista, lá na pesquisa.

Ivana - Ele, atualmente, está na [...] diretor de pesquisa do *Campus* Natal Central...

Sônia - É né?... Eu vou contar uma história, que ele morre de rir [...] Aí... Handson, meu bolsista, né... Eu fui... Nesse ínterim também, eu [...] eu sempre gostei muito de movimento, fiz Universidade Solidária. Fiz o projeto, fui aprovada e passei e levei os meninos, aí os meninos que foram comigo eram de Lazer e de Gestão Ambiental, aí foi quando Handson foi no grupo, comigo, né... Que eu conheço Handson e o que tá hoje no Rio, José Ivan, que foi nosso aluno, que hoje tá um sucesso na questão de água, ele foi meu bolsista também, na Universidade Solidária. Vamos... Sim, aí Handson [...] “professora”... “Handson, você vai ajudar”, porque naquela época, se fosse meu conhecido, meu filho, tava perdido, porque eu já trazia pra me ajudar. E aí, vamos lá ajudar a fazer esse grande foro de pesquisas. Aí... Eu me lembro dessa história que eu vou contar agora, porque a gente fazia uns [...] olhe, nós vamos montar uns Anais e [...]...Aí Handson,..., Eu, Handson, Carol e Letícia. Aí Handson: “professora, dê um nome melhorzinho pra isso, professora!”... Aí eu fiquei sem entender... “Como assim?”... “num documento que a gente vai publicar os trabalhos do povo e a senhora vai botar Anais, professora?”... (Risos). Eu não me aguentei!... “Gente, vamos lá que eu vou dizer o que são Anais em um congresso”. (Risos). E aí a gente monta esse [...] todo ano a gente fazia e depois, quando Zé Ivan assumiu, aí veio pra SECITEC, mas era um movimento que já vinha antes dele, né? Pronto. Aí, sim, aí nisso volta professor Mariz para a direção e aí, ficou assim: aonde tinha as complicações, ele me chamava e dizia “Sônia, você vai ficar ali um pedacinho, pra ajudar

ali, aquele povo”. (Risos). E aí foi ficando, mas da minha forma veio dos projetos que eu realizei lá com o professor Marco Aurélio e tinha aprovado junto de outras instituições. Eu aprovava projeto de R\$ 200.000 e R\$ 800 mil... Mulher!... Aí eu tive que estudar gestão ambiental, eu tive que estudar tudo que vinha da parte de construção civil, não sei o que mais... Os professores, na época, eram [...] na época eram poucos professores que faziam pesquisa né? Tinha um era [...] que era até um professor que foi diretor de Santa Cruz, não, Nova Cruz, Digeson... Eu fiz projeto Digeson me dava a ideia, aí eu catava, aí eu ia estudar. Eu passava o dia estudando, entendeu? Outras coisas pra montar; eu escrevia e botava para ele: “e agora”?... “Bota aí as partes técnicas”, tá certo, tá errado... E aí, nessa historinha, vinha dinheiro, né, aí o professor Mariz gostava das histórias, das minhas histórias. Aí quando [...] aí fui coordenadora de Curso. Fui coordenadora do Curso de Comércio Exterior, diga aí?... Porque ninguém queria e o movimento que estava vindo a fiscalização do MEC e “cadê, cadê?... Bota Sônia”... “Professor”... Menina é só enquanto passa “... ‘Tá certo’... Aí assim eu fui aprendendo. Eu acho que para mim a instituição foi uma grande escola. Eu acho que ela me serviu mais do eu servi a ela. Por que, assim, o que eu aprendi! Foi um negócio espetacular! Eu me envolvi porque era do meu interesse me envolver, porque eu gostava! Vinha aquele (projeto)... Mulheres Mil... Mulheres Mil, eu fiz parte da montagem do Mulheres Mil, do treinamento do pessoal que veio do Canadá, né? A gente trouxe até uma grande amiga minha que tem uma empresa de turismo, trouxe ela para dentro do movimento para empregar essas mulheres, sabe?... A gente fez de camareira na época. Então, assim, é a instituição me deu a oportunidade e eu peguei... E aprendi! E, se hoje eu tô aqui tirando uns quatro ou cinco nos cursos que eu coordeno aqui, mas a minha aprendizagem vem de lá, entendeu?

Ivana - Você está dizendo que você conseguiu fazer toda essa movimentação, mas você lembra se tinha mais alguém nessa questão da gestão, mulheres na gestão, além de você?... De curso, diretora de ensino... Como é que era esse movimento, por que, depois que houve a expansão e aí a gente já vem aqui, um pouco pra realidade do IFRN, né... Porque você veio desde a ETFRN, você passou por essa três institucionalidade, você tem essa gama de experiência que você tem... Quando você... Eu queria que você falasse um pouquinho desse movimento seu, que você já tá relatando, mas de outras mulheres, de outras mulheres na Educação Física, por exemplo. Como é que você ver?

Sônia - Na Educação Física eu não vejo muito, mas tinha outras mulheres: Régia era outra (dessas mulheres). Régia era uma, Régia uma batalhadora que até hoje, sabe?... Eu me enxergo muito sendo parecida com a Régia. Eu não sei se ela vê da mesma forma, mas Régia era uma batalhadora; outra, que eu não sei a que ponto ela chegou, porque eu não lembro, mas Gêrda era outra, entendeu? Tinha outras que assim, cito nomes, mas eu posso está esquecendo-se de outras mulheres, né? É, não, com certeza... Mas Narla era outra lutadora, sabe?... Então, tinha algumas mulheres que tava ali, na luta diária, sabe? Teve uma que se aposentou [...]; lá de Recursos Naturais também, que era ótima... Érica... Érica, tinha uma, Lessa, não sei o que... Lessa, que andava muito de saia, ela era evangélica e andava muito de saia. Ela também era outra lutadora.

Ivana - Sônia, como é que você vê [...] você está citando várias mulheres que a gente sabe que fez esse movimento na instituição, mas a gente também sabe que a instituição, ela, historicamente, né... E aí eu vou falar de forma leiga, mas por também fazer parte desse contexto, compreender que é uma instituição que ela, na sociedade patriarcal que a gente vive, ela é uma instituição que é criada para os homens, né, a realidade é essa, e é muito machista, em si, né? Como é que era esse movimento de vocês tá quebrando essas questões que tinha no dia a dia; os enfrentamentos, como é que era? Eu sei que você tem história!...(Risos).

Sônia - (Risos). Era enfrentamento mesmo. Primeiro, a gente cobrava uma mesa quando ia montar a mesa, quem vai estar na mesa? A gente ia mesmo! Eu, Régia, a gente... Eu digo por que eu cansei de ir, Régia cansou de ir... Eu *via ela* indo também... Quantas pessoas vão estar

na mesa de abertura de tal evento? Quem são as mulheres? Quantas são?... Não, quem são as mulheres, não: quantas são as mulheres?... Não importava quem fosse. Tinha que estar mulher, lá. Aí a gente sempre cobrava, cobrava muito ao professor Mariz, ao professor Willins, ao professor Erivan, ao professor Getúlio: tem que ter mulher!.... Aí diziam “ah, mas vai fulaninha”, “só vai ela? Tá muito pouco”. Sim, pelo percentual, a gente cobrava até o percentual.

Ivana - Eles colocam sem ter noção, né, eles criam...

Sônia - [...] “professor, só uma mulher”?... “Não, professor”... “Aí botam sete homens e uma mulher”?... “Tá desproporcional”!... A gente batia em cima, entendeu? E aí... Mas a gente sempre era atendida. E por que, Ivana? Eu digo assim, a gente era daquelas mulheres que iam para uma reunião e a gente não ficava calada, não! E a gente se organizava. A gente era sabida, a gente se organizava para saber quem é que vai! E a gente se defendia! Se batesse em mim, Régia entrava e se batesse em Régia, eu entrava, e assim vice e versa, entendeu? Eu tô dizendo, Régia mas [...] Tinha e tinha outras também. Então, por exemplo, é, a gente não ficava calada e a gente fazia boa argumentação. Mas, para isso, a gente se preparava. Então, eu dizia assim “eu tenho que me preparar”... Se eu tenho que me preparar para uma reunião X, eu tenho que me preparar dois X. Por quê? Porque a gente sempre era contestada, sempre, por um, dois, três, quatro. É tanto que, depois que saí já da gestão e tudo o mais, o professor Marcos Oliveira dizia: “pense numa mulher braba”! Uma vez, no Congresso, eu e ele e outros professores... “Pensa numa mulher brava”! Eu já tinha me aposentado pelo profEPT né? Aí eu disse “eu, Marcos”?... “Você fica dizendo isso de mim”, “O que”?... “Quando ela ia pra uma reunião, meu filho, você não se passe, você citasse alguma coisa”?... “João Câmara se dissesse alguma coisa que ela não concordasse, era a primeira a levantar a mão”. E eu disse: “mas é claro”! “Por que”? “Porque eu tinha que falar mais alto que vocês”. “Eu tinha que bater na mesa também”... “E ela bate na mesa”!... Eu dizia, “eu batia na mesa, sim, porque vocês não queriam me ouvir”. Então, quando eu ia pra reunião, eu lembrava muito das estratégias que eu usava quando eu era criança, no esporte, que eu levava pra minha gestão. Por exemplo, quando eu ia para reunião no colégio dirigente, eu não ficava nas pontas, porque nas pontas é difícil de ser ouvida, certo? Eu ficava no meio, eu sempre ficava no mesmo lugar, no meio, porque no meio todo mundo me ouvia. Meu eco fazia isso, entendeu? Até isso eu pensava. E eu tinha que me preparar [...] (Risos)..Eu dizia assim: . Quando eu ia... Eu queria provar alguma coisa, eu já sei, eu estudava os caras e dizia assim, “eu já sei, fulano vai bater assim, sicrano vai bater assim, [...] e eu vou bater nele aqui, porque o ponto fraco dele é esse”... Menina, então, assim, eu tinha todo um estudo pra ir pra reunião com esses homens, entendeu? Então não, não era fácil. Então, como dizia uma colega lá, da área de serviço: “Sônia, a mulher mais estrategista que eu conheço é você”! “como é que sabe”? “mulher, eu percebo você, a estratégia” [...] (Risos). Mas, por que eu fazia isso? Porque eu levava muita pancada, no colégio dirigente, entendeu? E se dissesse: João Câmara, aí que o negócio pegava fogo mesmo. Entendeu? Então, tudo eu tinha que ter uma argumentação, sabe? Por exemplo, os tabletes, que os professores, que veio pros professores. Aí o reitor disse, assim, “não, é muito caro”!... Tablet? Para que professor quer tablete? Aí uns dizem assim. “É, realmente, não vamos comprar, não”... Aí eu disse assim “por que, o professor precisa de tablet?” “Ah, claro que precisa de tablet”... Vamos lá por que... Aí eu começava pa pa pa pa pa pa pa pa pa por isso, por isso, por isso por isso... Os tablets chegaram. E olha que era só a minha voz que era a favor dos tabletes! Aí depois eu consegui convencer, na votação, outros colegas a votar a favor dos tabletes. Então, ou seja, eu tinha que ter um discurso muito argumentativo! Porque se eu fosse fraca... Eu me preparava muito bem, entendeu? Eu cuidava muito de mim, porque eu não posso chegar na reta tão frágil. Porque se eu chegar frágil eu vou ficar calada, macambúzia... Então, os meus problemas pessoais eu deixava lá fora, porque se eu trouxesse lá para sala da reunião, (risos) já sabia que eu ia perder alguma coisa, entendeu? E em reunião no dirigente, principalmente quando é orçamento, a briga é grande.

Então, quem tem melhor argumentação, leva. Então, eu tinha que estar preparada para isso... E onde foi que eu aprendi isso? No esporte, entendeu? Quando eu tava lá na minha equipe masculina, que eu ia para uma final, eu estudava a outra equipe, eu estudava o professor, qual era o tipo marcação que ele usa, como é que eu vou pegar ele de surpresa né? Eu lembro que teve uma vez que eu tinha uma equipe, e as minhas meninas do infantil né, elas disseram “professora, a outra equipe, no final, é muito grande e nós somos baixinhos!... “Não tem problema, calma”!... “Vocês se acalmem”! “Nós somos baixinhos, mas o que é que nós temos em favor, baixinhas né, velocidade”!... “Vamos ganhar em contra-ataque”! É um jogo de paciência, enquanto elas vêm e fazem um ponto, dois pontos embaixo do garrafão, porque eles são altas, nós vamos lá tentar fazer a cesta”. “Se a gente errar”? “Não tem problema, mas a gente vai ganhar esse jogo no final do jogo, certo”? “Aos pouquinhos”!... “Olhe, eles botam a melhor jogadora deles, eles botam no meio do Garrafão”... “O meio do Garrafão é onde circula muita gente, nós vamos organizar uma jogada para jogar em cima dela, porque a gente vai tirar ela com cinco faltas, mas a gente não vai tirar elas com cinco faltas não é no primeiro tempo, vai ser no segundo”. “Olhe, os dez últimos minutos é onde a gente vai virar o jogo, mas vocês precisam ter paciência. Não pode estourar bola, não pode... Tem que ser do jeito que eu estou dizendo!... Se vocês perderem o jogo, a culpa é minha, tá certo assim? A culpa é totalmente minha, mas, vamos fazer desse jeito”. Então, essas estratégias que eu aprendi a construir no esporte, que eu levei para minha vida, para passar nos meus concursos, na minha formação, que eu levei para fazer a gestão, e foi a gestão da minha profissão!

Então, se entrei na ETFRN né, eu vou dar o melhor de mim, porque eu também recebi muita coisa, entendeu? Eu fui muito agraciada com oportunidades!... Com oportunidade de estudar espanhol; oportunidade de estudar francês; oportunidade de viajar; de conhecer outras coisas; oportunidade de conviver com pessoas de outros países, para que a gente pudesse montar projeto para instituição; oportunidade de fazer o meu mestrado; de fazer o meu pós-doutorado, entendeu?

Então, se eu tive essas oportunidades, eu aprendi mulher! Se eu recebia, eu também tenho que dar, entendeu? Então, assim, mas eu digo sempre, o esporte foi quem me deu essa oportunidade de pensar melhor, entendeu? de pensar estratégias, de me impulsionar, sabe, de não ficar acanhada nos cantos, de me projetar. Quem me ensinou isso foi o esporte, sabe? E eu dou graças a Deus eu ter sido [...] se eu não fui uma bela atleta, mas, fui uma bela pessoa!

Ivana - Foi não, é, né? E você falando aí dessa questão de esporte, né?... A gente sabe que, pelo o que você tá falando até agora, você não teve muito essas questões que eu vou colocar agora, aqui, que é com relação à sua percepção corporal, né, porque o que você relata na sua infância ela foi muito bem vivenciada. Mas, você, em algum momento, na rua, na escola, na profissão, você se percebeu inibida... Não, não inibida, eu não diria isso, mas como era a sua percepção corporal, hoje, com essa noção que você tem de corpo, né? Como é que foi isso, em relação aos colegas, enfim, a vivência de uma forma geral, de trabalho, de tudo?

Sônia - Olha. Uma vez... Eu estava até pensando nisso “meu Deus”...

Ivana - [...] Imagem mais corporal [...] mais corpo...

Sônia - Olha eu não sou, nunca fui muito de me retrair, em nada, eu nunca fui. Eu sempre fui o que eu sou né? Sempre tive meus estilos de me vestir, de me comportar, né? Porque meus pais me ensinaram o seguinte: que você tem que saber chegar na casa das pessoas né? E, a casa, entenda-se, a casa, além de ser sua casa “física” é seu ambiente de trabalho, quando eu vou lhe visitar, aonde eu chegar, eu tenho que saber me comportar. E aí, eu sou uma pessoa muito expressiva, se você olhar para o meu corpo, você já vai ver que não estou gostando de uma coisa, eu tenho que me policiar... Mas eu sou expressiva porque? porque eu não sou muito de passividade, entendeu? Das coisas, assim, tá acontecendo e eu... É... você é ativa mesmo... Eu não sou essa pessoa, entendeu? Eu sou uma pessoa que eu quero ajudar, eu quero mudar, eu quero... Sabe? E se a gente vou diferente?... Mas tentar, mesmo que o resultado seja negativo,

mas pelo menos a gente tentou! E assim, então eu sempre, comecei [...] esse corpo enquanto forma de chegar né? Eu sempre me preocupei, mas é uma preocupação boa, porque eu gosto, entendeu? Porque, por exemplo, na hora em que você vai [...] se eu chegar para você... “Você é uma diretora, você”... Ou eu chego para pedir alguma coisa a você, eu tô precisando que você me dê um sim né? Então, eu tenho que saber chegar em você! A minha expressão corporal tem que ser uma expressão de dizer assim “olha só, você me dá um sim, mas você também não vai sair perdendo, não... A gente vai sair né, numa boa...” é uma troca né? É tanto que quando eu fui diretora, os professores diziam assim “olha... conversar com Sônia é um perigo, quando você vai pedir alguma coisa, porque, às vezes, vai levar um não e você vai sair, assim, feliz da vida”! (Risos). Então, isso vai o que? vai ... É essa expressão corporal que você acalenta as pessoas né... Que você... Quando você chega, você tem que chegar chegando né? Quando você vai arranjar um namoro, você vai toda bacana né, fazer com que o seu corpo influencie àquela, aquele namoro né, faz parte. Então, a vida é um namoro, então eu tenho que cuidar do meu corpo, porque eu tenho que saber chegar na hora que eu vou conversar com as pessoas, na hora em que [...] em tudo o que você for fazer na sua vida, você tem que ter disciplina. Você precisa desse cuidado, né? Se eu tenho uma pele [...], então eu nunca fiz botox. Eu nunca fiz, por quê? Porque eu uso creme todos os dias! (Risos). Eu me preocupo, porque eu tenho uma pele muito fina, então tudo eu fico logo vermelhinha... É porque ela é muito fina, a minha pele. Então eu tenho que usar protetor, né?... Eu não posso gritar muito, porque já gritei muito enquanto era professora nas quadras, e aí eu fico logo minhas cordas vocais ficam logo doloridas! O meu corpo todo... Então tudo isso, eu me percebo, aí eu me cuido né? Então, eu tô sempre fazendo atividade física, porque eu sei que com a idade o metabolismo vai diminuindo e eu não posso me apresentar muito além do meu pescoço que não é bom para minha saúde e não é bom para minha imagem, a imagem corporal que eu tenho de mim, entendeu? Eu não gosto de ser gorda (risos), estou, mas não gosto de ser, né, mas aí eu luto pra isso. Então assim, eu sempre tenho cuidado com minha imagem corporal, não pelos outros, mas por mim, entendeu? Eu gosto de me olhar, eu me olho muito no espelho... Quando todos os dias, quando eu saio de casa [...] e quero me sentir bem, por quê? Porque a gente troca energias e, nessa troca de energias, eu quero passar uma energia boa para as pessoas, porque eu também vou receber de volta, o que eu dou eu recebo de volta. E aí, eu não posso passar uma imagem ruim, porque eu vou receber ruim e isso vai me fazer mal e eu não gosto. Eu gosto de sempre estar bem, ficar tranquila, ficar leve, porque eu sei que na hora que eu estou tranquila, estou leve, meu fluído sanguíneo está fluindo, e eu vou viver bem isso aqui, entendeu? Então eu cuido, eu cuido de mim, pra saber cuidar dos outros, porque eu sei que eu vou receber.

Ivana - Sônia tudo isso que você tá falando, na minha cabeça, agora, e a gente já conversou uma vez sobre isso né?... Eu lembro até... Foi lá na quadra 2, eu não sei se você recorda, que você falou: “Ivana, eu estou estudando auto formação”. Então, assim, para mim, você falando tudo isso e aí agora que eu tô conseguindo perceber um pouquinho; um pouco de conhecimento dessa questão da autoformação. E, nesse momento, aqui, eu tô vendo o quanto você, desde a infância, a partir dessa cultura do movimento que você vivenciou...você hoje está chegando, né, nessa parte etária que você tá, e hoje que eu tô conseguindo entender porque que você tá aprofundando na automação né? Então, você falou que teve a oportunidade de fazer o mestrado e o doutorado e tudo... E que é sempre um retorno, e esse retorno, com tudo o que você passou no *Campus*, você vê de forma, de forma não, né [...] rememorando... E você já falou da sua atuação fora da instituição, aqui dentro da instituição, e fora da instituição também, né, atualmente... Todo esse percurso seu que é que a gente vem conversando agora, como é para você essa questão da autoformação, nesse momento? Eu sei que você está fazendo um trabalho dessa natureza e você já pesquisou algumas autoridades aí femininas, também, não é isso? Então, fala um pouquinho mais disso, e o que ela representa né, para o aluno e você vê, eu acho, pelo que você relata, e pelo que a gente sabe positivamente, para instituição e para a vida dessas

peessoas que passou e passa...

Sônia - Primeiro porque eu sempre acho assim, que quando a gente traz esse processo de autoformação para a vida da gente, é sempre uma renovação. Eu sempre estou me renovando. Porque para eu me impulsionar eu sempre vou precisar de algo que me impulse. Isso é o grande processo da autoformação, porque se eu não tiver algo que impulse, eu não vou ficar [...] não vou entrar nesse [...] eu não vou corporalizar esse movimento autoformativo, certo? Então, para eu me impulsionar, primeiro eu preciso muito me conhecer, saber quais são as minhas potencialidades e quais são as minhas fragilidades, e aí, eu traço um projeto de vida. Nesse projeto de vida, o que é que entra e o que é que sai e o que é que... Nesse projeto, eu preciso causar alguns pontos culminantes, porque o ponto culminante é o que me impulsiona né? E aí, para eu me impulsionar, eu preciso ver beleza e encantamento, porque se eu não me encantar, eu não vou me impulsionar. Se eu não ver beleza, o que é que vou fazer ali, se eu não vejo beleza nenhuma, entendeu? Então, eu preciso gerar isso dentro de mim, para que eu possa me impulsionar... Mas, primeiro, eu traço um projeto. E, eu digo sempre aos meus alunos: “o seu projeto de vida só termina no dia que você fechar os olhos aqui, quando sua matéria [...] fechar os olhos, entendeu? Você partir, espiritualmente. Enquanto você tiver aqui vida, você tem que cuidar de si, cuidar da sua matéria”... É por isso que eu vou para academia, por isso que eu corro, por isso que eu jogo basquete, eu jogo beach tênis... Porque eu preciso cuidar dessa matéria, para que o meu espírito viva mais aqui na terra. Mas, para isso, eu tenho que ter o projeto de vida. Nesse projeto de vida, né é onde eu vou agora buscar essas molas propulsoras para a minha autoformação; essas molas propulsoras, elas vêm com o quê? Vem com o encantamento. Eu preciso me encantar, pra eu ver beleza. Quando eu me encanto que eu vejo beleza isso... Quem trata muito desses encantamentos é aquela menina, Maria Cândida de Moraes, nos livros dela, né? E aí, eu preciso ver beleza e encantamento, aí eu me impulsiono. E o que é que nesse meu percurso eu tiro das arestas? São aquelas coisas que estão atrapalhando né? São aquelas pessoas que são muito negativas com as coisas... ”ah, eu não vou, não vai dá certo”... Pronto. Então, essa pessoa já não vai entrar no meu grupo aqui (risos) nessa proposta. Ela pode entrar, numa conversa, né?...

Gaston Bachelard fala muito dessas questões, né? Quando ele fala da Imaginação né? Que você tem que ir seguindo. Quando você tem um alguém que não tá [...] olha, olha de lado e continua no teu caminho né? Depois você pode até voltar e conversar. Mas, essa autoformação, ela me traz um bem-estar. Quando você vê que... “puxa! Tem um negócio aqui, eu consegui passar esse muro que era enorme, que era muito grande para mim e eu consegui através de que? De alguma coisa, enquanto ponto culminante, o que é esse ponto culminante? É algo que eu me estimulo, sabe? É algo que, uma conversa a gente tá aqui conversando e de repente, nesse meu caminho, aparece Ivana! Ivana entra e me dá uma dica que eu digo, eu não tinha pensado nisso, né? Porque a autoformação, você não constrói ela sozinha. Você constrói a partir de você, do outro e do meio né? Então, eu preciso desse sistema para que eu consiga evoluir. Ninguém faz nada sozinho, né? Ninguém. Então, assim, até a minha própria vida, a sua própria vida, né, a nossa própria vida né? A gente só vai conseguir, se aparecer pessoas que me incentive, que me dê um empurrão, que eu me ralo e eu consiga me levantar e seguir. Certo? Mas, eu tenho que ver: quais são as minhas potencialidades? Aí minha potencialidade enquanto professora, enquanto pesquisadora? Aonde é que eu posso chegar? Eu posso chegar até ali, mas para chegar ali vai ser doloroso, né? Mas eu consigo chegar, entendeu? E aí você vai... Eu acho que isso é, a autoformação, hoje em dia, é essencial. E as escolas, diga a você vou falar uma palavra forte, têm o dever de ensinar às pessoas que passam pela escola esse processo autoformativo, para elas serem pessoas cada vez melhores, porque senão a gente não vai mudar esse país, ele não vai mudar!... Eu não digo nem o país, eu digo o mundo! Eu não vou conseguir, gente, o que tem de criança, de jovem com transtorno de ansiedade, são tantos transtornos, por quê? Porque a sociedade não tá cuidando bem das pessoas, não tá cuidando porque não tá

ensinando as pessoas a serem fortes! E nós precisamos ser forte! E onde é que eu vou buscar essa Fortaleza? Na autoformação, por quê? Porque é quando eu vou dizer assim “ó eu tenho um erro aqui, eu tenho uma ferida aqui... vamos lá, vou tratar, vou ser forte, eu vou vencer né? Eu vou, próxima semana, eu vou dar uma palestra pelo CREF.

Ivana - Em Parnamirim, né?... Eu vi. Que legal!

Sônia - Sim, em Parnamirim... Eu vou tratar dessas questões, né? De como a educação física, ela pode, sim, criar um ambiente de Fortaleza, essas crianças, elas consigam ver beleza e encantamento pela vida. Sim, eu, enquanto professora de Educação Física, eu posso dar a minha contribuição no meu componente curricular certo? E isso é papel da escola, eu vou dizer que é papel da escola! E a escola não está pensando nisso. A escola ela vive muito distante da realidade! A grande verdade é essa. A escola botou os seus muros, e tá lá, no seu cantinho, mas ela não discute a realidade! Quando o menino sai dali, é outra vida, é outra realidade, que a escola não está tratando! Então eu tenho que educar pessoas e eu digo a escola né? Nós temos que educar pessoas para viverem bem longe da gente. Isso eu aprendi com o irmão Inácio lá, no Marista. Eu nunca esqueci disso, né? Você educa para que as pessoas sejam melhores quando não estão com você! E é isso que a escola tem que fazer. E aí, qual é o papel agora da educação física, que está lá, enquanto o comportamento curricular, e estar lá, educando aquelas pessoas? Quer, que eu posso fazer? Então, o que eu vou falar né, e o que eu penso da educação física, é o que eu vivi. Por que a educação física foi tão importante para mim? Porque a biloca, porque a bola de meia, porque foi tão importante para mim, para pessoa que eu sou hoje? Porque eles me deram desafios, eles me deram problemas. Eu tinha que entrar ali, no garrafão, e tinha que sair sem ser ticada. Eu tinha que ir, na bandeirinha e tinha que chegar em primeiro lugar, porque eu sou problemas. Então, são os problemas que nos fortalecem. Observem isso na vida, né? Quando eu estou na minha situação mais difícil, é ali a minha mola propulsora, é ali o meu ponto culminante, quando eu vou traçar estratégias para sair daquele momento difícil. Quando eu sair daquele momento, eu vou me sentir melhor, eu vou me sentir mais fortalecida, entende? E aí, onde é que eu aprendo isso, a vivenciar isso? Na escola. É na escola, com resolução de problemas! Não tenham medo que o aluno “aí não vou botar isso aqui não, porque o menino pode ficar traumatizado!” Não, não vai não! Sabe por quê?... Não sou eu que digo, não... Mas quando você vai para o processo de trabalho de cognição de [...] acho que é Piaget né, que fala da desequilíbrio, você desequilibra o aluno, depois você acolhe certo? Só que na educação física, a gente precisa fazer isso, a gente precisa dar problemas para ele através das atividades corporais e aí, depois, eu preciso acolher para que ele vá para casa em paz sabe?... Agora, tem feito isso? A gente tem trabalhado essas emoções, ou a gente tem trabalhado só a bola?

Ivana - Era isso que ia lhe perguntar. Historicamente, na educação física, nós temos trabalhado só a bola? Por que nós temos trabalhado só a bola? Aí, você está trazendo trazendo as questões emocionais, que a gente traz. Então, tem toda uma estrutura social né, que a escola está envolvida, e você tá falando dessa questão, desses três pilares da auto formação (a autoformação é uma delas)... Na heteroformação, a escola vem dando mais ênfase social, né?... A gente vai encontrar mais ênfase nisso, mas nós, da área de educação física e que estamos nesse meio social, pensando um pouco na nossa instituição que, historicamente trabalhou muito o esporte e ainda trabalha muito, a questão do esporte, né? Que desafios a gente tem para conseguir essa autoformação, né?

Sônia - Porque, assim, a educação física, ela tem trabalhado muito O “ter”, o “ter” o título, ganhar a competição, ter isso, ter aquilo, sabe?... “Você é forte, conseguiu levantar esse tanto de peso”... Sim, mas as emoções, cadê? Porque, na hora que você vai lá, levantar um peso, que aquele peso não vem e você joga para fora, você precisa dessas emoções, entendeu? Pra eu ser forte, porque na hora que eu perder, todo mundo vai me criticar, na hora que eu ganho, todo mundo bate palma pra mim... Na hora que eu perco, diz “ah, também, aquela bola, Ivana” ... “Poxa... Sozinha e perdeu o gol, vixe maria podendo ter passado pra perna esquerda, né”?...Ó

só o que tem é técnico, tá certo? Ninguém vem lhe acariciar não. Você... É um momento que você vai estar sozinha, solitária. E aí, esses nossos alunos, eles precisam aprender que no seu momento de solidão, como é que você ressurge.

Ivana - É a sua própria consciência de solidude...

Sônia - Tá, sabe? Como é que você vai ressurgir? Você está lá no fundo do poço. Por que... Olhe, eu digo sempre aos meninos, olhe, quando a gente tá lá em cima, a gente tem amigos demais, mas quando a gente tá lá embaixo, não chega ninguém pra puxar, não, entendeu?... Então a gente tem que educar esses meninos para serem fortes, para conviverem, no esporte e na educação física, as suas emoções, pra dizer assim “estou só”... E não estou só, porque a gente não pode dizer que se está só, tem a espiritualidade que nos ajuda né? Risos... Tem muita coisa... tem muita gente que tá nos ajudando e a gente não sabe, né? E então, é isso assim, é que esse esporte, ele trabalhe essas emoções e eu vou falar sobre essas emoções, também, na terça-feira né? Eu lembro que quando eu era diretora, lá em João Câmara... Que eu digo isso, muita gente quer ser diretora, né? Não sabe nem o que é ser diretora...todo mundo quer ser diretor, mas ser diretor é você ser solitário, tá? O diretor é tão solitário! E é uma pressão tão grande em cima dele!... Tô falando dele, lógico que [...] Por quê? Porque as pessoas só sabem criticar nunca nada tá bom. Você sabe que tudo está em suas mãos, as decisões finais [...] na hora de dizer assim você só, vive te atrasando, mas na hora de dizer assim “ó tem esse caminho e tem esse, qual o se seguir”? Não aparece um! Se você perguntar a um colega seu, servidor, ele vai dizer assim: “não... aí... Você não é a diretora”? Esconde... [inaudível 1:49:01] [...] Poxa vida, é uma função muito dolorosa, e se você não for forte o suficiente, você cai em desespero, então assim [...]. Então eu acho que o fato de ter nascido... Eu agradeço muito a Deus, ter nascido numa família pobre, de ter estudado em escolas públicas, por te encontrado barreiras... Oxe!... Se você já tá lá no fundo, criatura, você só vai encontrar barreiras e daí pra cima. (Risos). E aí, onde eu fui buscar apoio? Fui buscar apoio no esporte, entendeu? O esporte é quem me dava o encantamento, a beleza, foi através do esporte que eu conheci Maceió, aquelas praias, aqueles [...] (Risos)... Puxa vida, o negócio de jogar basquete é bom, porque a gente conhece outros lugares, a gente limpa a vista! (Risos). Menina veia, eu já vivi tanta besteira na minha vida (risos)... Mas era a verdade né?

Então, assim, a gente precisa ser forte! O mundo é para os fortes! E quem tem que ensinar essa fortaleza... Não é ensinar, é criar um ambiente favorável à fortaleza. É o esporte, porque as famílias estão muito fragilizadas...as famílias estão ó, só Jesus na causa!... E aí, quando você vai e pega uma criança dessa e joga duro com ela, você está [...] ele treme, mas deixa ele se tremer... Eu faço muito isso aqui com os meninos, aqui [...] eles se tremem todinho. Mas, antes de sair, eu digo “chegue me dê um abraço você vai conseguir, porque eu vou estar aqui para ajudar, entendeu?” Isso é importante... Não é você *fazer ele* tremer e soltar ele, não!... É tremer e segurar, sabe, para ensinar, porque é nessa dificuldade que você se passou. E eu agradeço, sinceramente, imensamente!... “Sônia, se você hoje tá aqui”... Eu agradeço ao esporte, eu agradeço ao esporte. Se eu sou o que eu sou, foi pelo esporte. Lógico que teve a minha família que sempre teve muita alegria dentro da minha família’. Eu tenho uma família bem estruturada, onde eu tive muitos ensinamentos né, depois veio o esporte, e depois veio, eu digo a você, veio a ETFRN, que me ensinou muito né, que me deu muitas oportunidades. Eu tive muitas oportunidades e agarrei na hora, oportunidades desafiadoras que “você vai agora tomar conta dos projetos”, “nunca fiz, mas tá bom, eu vou!... Entendeu? Nunca abri mão, não, que eu também não sou boba. Porque eu também sou assim, sabe Ivana? Quando eu não sei, Ivana eu não sei não, me ajuda aqui, mulher!... Eu tenho, como é que é [...] por que a gente diz assim, essa besteira de ter orgulho, não, eu sou do jeito que eu sou assim a vida inteira. Eu não sou... Eu sou essa pessoa... Não me peça para ser uma pessoa diferente, porque eu não vou ser e teve uma vez que uma pessoa me chamou: “Sônia, você é uma pessoa muito engraçada”, “mulher, por que eu sou engraçada? Você tem doutorado, tem pós-doutorado, podendo ser bem

assim”... disse, “assim como, mulher, eu não já sou assim, mulher”?... (Risos). Quer mais assim que já é? (Risos)... “Assim, é que tem uns doutores que são assim, tão cheios de coisas” ... “não, mulher, não me peça pra ser essa pessoa, porque eu não vou ser, né”?...

Eu agora, recentemente, a gente recebeu o MEC aqui de Medicina, e eu fui escolhida pra sair com uns avaliadores, sair com um pessoal, antes [...] consultoria, não sei o que, e aí fui levar pra almoçar num sei quê aí, uma das consultoras chegou e olhou pra mim, eu acho que ela não me viu com jeito de Doutora, eu acho... (Risos)... Ela chegou pra mim aí bem assim: “sim, mas você trabalha em quê recepção”? (Risos). Aí ela bem desavisada, né? Por que, eu acho que quando eu preciso sair com uma pessoa, eu pelo menos sou assim, se eu vou sair com você, eu quero saber quem você é, né? (Risos)... Aí eu disse “não, eu não trabalho em recepção, não” (Risos)... “Eu coordeno dois cursos, meus cursos têm conceitos 5”... Aí um outro professor que eu acho que já tinha lido alguma coisa, procurou saber quem era né, “não, ela já foi até reitora”! Eu disse “não, reitora, não” [Risos]. Eu fui diretora de *Campus*, fui, sou professora aposentada, professora titular do Instituto Federal... “Ai é?...” Coordeno aqui..., fiz Doutorado aqui, E o seu pós-doutorado?”... “Ah, eu fiz em Portugal, trabalhei [...]” (Risos). Menina, a mulher murchou, muchrou! [...] Tanto que não quis dizer mais nada. (Risos). Mas é assim, eu sempre vou ser assim, não tem como eu mudar, porque eu não vou me violentar, não vou. Eu sou o que eu sou.

Ivana - Interessante... Você nesse percurso todinho, que você está relatando aí né? E você, se é que você se arrepende de alguma atitude que você teve com os alunos, ou na gestão, que você faria diferente? Fez teve alguma coisa impactante por ser mulher ou não, que você, com aluno, [...] em um jogo, em alguma situação [...] “ah, hoje eu faria diferente”...

Sônia - Eu acho que... (Risos)... Mulher, eu fui tão ousada, que eu não sei se eu faria diferente... (Risos)... Olhe... Lá em João Câmara, quando diretora, é, eu fui ameaçada de morte, né, quando [...] E ele fazia isso porque era mulher... Tanto que eu cheguei a botar vidros em todas as portas, aqueles vidrozinhos, justamente pra [...] que os servidores ficaram muito perturbados, porque ele disse que ia matar a diretora, ia matar mais 50 pessoas, né? Então, todo mundo [...] foi um rebu dentro da instituição, porque todo mundo foi pra reitoria, querendo vir embora para Natal, e eu acalmar esse povo todinho e a primeira que ia morrer era eu, mulher! E eu pra acalmar, explicando...foi luta, foi moído grande! Quando eu começo a acalmar o povo, aí eu digo: “agora eu quero chamar o rapaz que disse que ia me matar. Aí todos os professores: “Sônia, não faça isso”! “Eu não faço”?... O menino tá entrando todo dia aqui no campus e ele vai dizer as coisas e eu vou deixar isso, por nada? Não!... minhas coisas eu tenho que resolver, porque eu tenho que prosseguir”. Se eu não tivesse resolvido, talvez eu, com essa sua pergunta, se eu dissesse isso, que eu vou dizer que foi o que eu resolvi... Porque eu sempre fui [...] Isso é um ponto muito importante na autoformação: Você não pode deixar nada sem estar resolvido, porque você não consegue se impulsionar, na autoformação, entendeu? Na autoformação isso funciona dessa forma. Então eu digo “chama o rapaz” e “vai conversar com ele só”? “Eu digo, vou, eu e ele, pode *mandar ele* entrar” “Ele não pode” [...] “Diga a ele que venha”... mandei a assistente social bater na casa dele!... “Diga a ele que venha pra instituição, que eu quero falar com ele”! Quando ele entrou, sentou-se: “tudo bem, Bruno”?... “Tudo bem”... “Bruno, fiquei sabendo que você disse que ia matar a diretora, Sônia, e mais 50 pessoas”?... “É, vou fazer isso mesmo”! Eu disse: “tá certo, agora deixa eu lhe dar um conselho: quando você chegar aqui para me matar, você [...] quando você vier dar o tiro, você dê bem aqui ó!... Isso aqui se chama glabella, e você acertando, meu amigo, eu caio aqui, tesinha!... Por que se você der em outro canto e você errar, eu lhe mato”!... Desse jeito, com essa calma que eu tô dizendo: “por que, se você errar... Estamos acertados”?... Menina, ele ficou branco! Eu acho que ele não esperava! (Risos). Do jeito que eu tô aqui, dizendo a você, eu dizia a ele... Ele não esperava, ele ficou [...] (Risos) “Estamos entendidos, Bruno”?... Depois de muito tempo, depois de perguntar várias vezes, que eu acho que ele não esperava... “Sim, senhora”... “Agora vá pra sua aula”... Aí o pessoal: “Sônia,

eu não acredito”!...

Pronto, Bruno terminou o curso, fez o discurso, lá, me agradeceu [...] porque hoje era um homem, graças a essa mulher, aqui. Bruno hoje é professor! Professor de um município depois de João Câmara, Jardim de Angicos... Eu lembro que eu disse: “eu só espero, Bruno, que você não encontre um aluno como você”... (Risos) professora... Mas teve um outro [...] doutora Zita... Era, era [...] Trabalhava ainda, doutora Zita, me chamou, pedindo pra eu voltar pra Natal... ”Doutora Zita, eu não vou voltar, porque eu não posso doutora Zita, porque eu sou mulher, fico sofrendo essas coisas lá no Campus e eu, simplesmente voltar Dra. e fracassada, não peça isso de mim doutora? eu não sou essa mulher”... “Mas professora, a senhora vai terminar se dando mal”... “Eu não vou, confie em mim”... Até a polícia federal me orientou como é que eu deveria viver lá em João Câmara... “Porque o menino, policial, entrou no *Campus* armado e eu disse que não podia entrar”!... “Ele disse que entrava e eu disse que não entrava”... “Aí ficou nessa lenga-lenga, e eu disse: chame ele e diga ao porteiro que fique, aqui, comigo, na sala”. “Aí o menino chegou e ficou aqui, em pé”... “A senhora me chamou”? Eu disse: foi! “Por que você não pode entrar armado na sala de aula, tá os meninos aqui todos nervosos, porque você tá armado”, é porque eu não vou... E sacou a arma, porque, aí e fez assim... Dá licença?... Porque a arma tá apontando pra mim”... Menina, isso foi não sei quantas horas de conversa, eu e ele... Ele pegou [...] e disse “tá certo”!... E pegou a arma e fez, chuchu, juntou as balas e disse “pronto, guarde essas balas aí”... Eu disse não, não vou pegar nessas balas, porque se eu pegar vai ficar as minhas digitais aí... E aí, o que é que vai acontecer com minha vida?... “Não, você bote essas balinhas, você guarde essas balas e você vai dar ao menino e a gente vai guardar, quando você terminar a sua aula” [...] não, não, não e não e eu disse [...] Eu sei que foi tanta conversa. Eu disse “meu amigo, é o seguinte, já que a gente não entra em um acordo você não quer tirar essa arma, o meu negócio é com polícia federal, que aqui é instituição federal, perai”!...Mulher, eu tinha lá número de polícia federal!...Eu fiz de conta que era ligando para a polícia federal, quando eu fiz assim ele: “não, não desliga”... E eu “perai, só um minutinho”... Foi mesmo?... Mentira, que eu não tinha feito ligação nenhuma, Ivana! Eu não tinha número?... Aí eu disse “como é?... “não, eu vou deixar”... E eu “tá, só um minutinho, depois eu falo com você”, desculpe aqui” e desliguei... vamos lá, aí guardou a arma, “na volta você pega”... E ele guardou a arma?... Mas não vou ficar por isso, porque tô descoberta, ainda. No outro dia eu liguei para um colega, um vizinho meu que era da praia, e ele era procurador, na época, do Estado, Procurador Geral, eu disse Sales como é que eu devo fazer?... Ele disse “Soninha, você vai fazer assim, assim e assim; primeiro prestar queixa, fui prestar queixa, fazer um B.O! Ele foi preso!... Foi?[...] foi, ele foi preso. Não pode, né? Não pode, Militar, e desse jeito. Ele foi preso, eu sei que nessa história de preso, esse menino terminou [...] ele tava desajustado, ele terminou dando um tiro em uma mulher lá de João Câmara, uma vereadora, um negócio assim. Aí o negócio dele por certo era com mulher! Pois ele deu tiro na mulher, a mulher, foram uns 6 tiros, mas ela escapou! Ele foi preso e hoje... A última notícia que eu soube dele foi que ele tava no hospital, internado no hospital João Machado. Mas eu resolvi e, não arredei o pé não, por ser mulher, entendeu? Agora dizer assim, que é perigoso, é! (Risos) Agora eu não sei de onde veio essa minha coragem, não, essa minha força”. (Risos).

[INTERVALO]

Ivana - Então, minha querida, chegou o momento agora que eu queria te apresentar aqui algumas coisas que a gente vem pesquisando. Como eu falei, a gente é de História e Memória, e aí, o meu trabalho, ele está exatamente fazendo essa questão de tentar rememorar um pouco dessa trajetória de vida, trajetória de educação profissional. Nossa. Eu digo nossa, porque eu sou posso parte, não posso sair disso, eu sou parte constituinte desse processo. E aí, eu quero apresentar, nesse momento, pra você, algumas fontes que a gente vem pesquisando [...] em específico a questão da iconografia, e a gente vem pesquisando, né, no arquivo dos espaços da nossa prática profissional [...] Mas é lógico que no *Campus* Natal Central, né, de onde nós

fomos oriundas, enquanto aluna, e também da nossa prática de atuação profissional é também trazer um pouco da sua trajetória de vida, com suas amigas e tal. Eu vou tá apresentando, nesse momento, e aí, o que eu peço a você, é que você possa tá comentando um pouco do que você possa tá visualizando. Então, eu vou passar aqui pra você mesmo ir passando [...] que você possa tá fazendo essa relação.

Sônia - Eita esse ginásio... (Risos). É de 1975

Ivana - Sabe quando foi inaugurado?

Sônia - Não

Ivana - O ginásio?... Em 1975

Sônia - Foi?

Ivana - Foi, o ginásio, o campo de futebol... Teve um momento que teve uma [inaudível]

Sônia - [...] É pra eu, comentar?

Ivana - É... Comentar o que é que vem, o que você sente..

Sônia - É, é [...] muitas lembranças boas, né? O bate-papo aqui, nessa estradazinha (se refere a entrada do ginásio) né, de Bojão, a gente pedindo as bolas de Bojão. (Risos)

Ivana - Bojão que cuidava, né, soninha?

Sônia - É... Bojão que cuidava das bolas.

Ivana - De basquete, então. Ele tinha um xodó, né? (Risos)... Reflexo das imagens que eu vi, então... Risos.

Sônia - Bojão, Ave Maria! era uma pessoa muito carinhosa com a gente, sempre contente, sempre... Então, assim, isso lembra aqui um pouco da minha adolescência, né, aqui, nesse ginásio, nesse bate-papo... Aqui, que tinha o bate-papo, à tarde, aqui tinha um bate-papo, sentado nessa...

Ivana - Essa imagem, aqui, ela é aonde? Olha aí o que está acontecendo lá?

Sônia - Ela é entrada... Não sei se isso é um pôr do sol, aqui. Eu sei que foi o sol, aqui, tem um reflexo... Risos. Mas tá tendo uma aula de educação física, eu acho, né?

Ivana - Esse espaço é aonde, nessa imagem anterior?

Sônia - Aqui é a frente...

Ivana - [...] o que é que tem de emblemático, aí nessa imagem, hoje?

Sônia - O que lembra?... Essas árvores... Eu lembro que ao redor dessas arvores foi construído aí as rosquinhas [...] essa área aqui... Hoje não tem mais, né?... Tá faltando as rosquinhas mais essas árvores...

Ivana - Na sua época, já tinha rosquinha? Os bate-papos eram lá também, nessas rosquinhas, ou era só na entrada mesmo?

Sônia - Eu acho que tinha essas rosquinhas [...] eu acho que [...] porque era a entrada e a saída do ginásio, entendeu? Ali, a boca do negócio, ali é que era legal, porque você fazia parte da conversa, porque você fazia parte da conversa de cá e assistia o negócio (Risos)... E esse jogo de basquete? gente! (a foto do jogo de basquete da inauguração do ginásio)

Ivana - Então, foi na inauguração e era o que eu ia dizer. A inauguração desse Parque Poliesportivo, porque foi em 1975... Aí, o ginásio, o campo de futebol... Teve um campeonato (tem algumas imagens). Um Campeonato dos Solteiros x Casados. Aí Jorge Moura tava no time de solteiro, ele era goleiro, sabe? Tem umas imagens bem legais.

Sônia - E assim a equipe do basquete? O basquete naquela época ainda era muito forte, tanto o masculino, ... Oa, na época do masculino era muito forte! Era Carlão, era Dante, era esses homens grandes. E no feminino tinha eu, Sonja, Lurdinha, sabe?

Ivana - Lurdinha, é?

Sônia - Era eu Sonja, Lurdinha

Ivana - Tudo de Saneamento?

Sônia - Não, Sonja e Lurdinha eram Construção Civil. Então, de Saneamento, era eu e Jandira. Aí, basquete era... Eita danado! Essa Calistenia, em 78, era lá naquelas quadras lá de baixo?

Ivana - Isso!

Sônia - Era, minhas aulas de educação física eram nessa quadra aqui, de baixo e ela era assim, ela não era coberta, não, era assim.

Ivana - Na minha época, ela também já não era coberta! já tava, quando eu tava saindo...

Sônia - A cobertura veio de um projeto do professor Nivaldo, você sabe? É, Nivaldo Calixto, das escolinhas [...] Isso aqui era lá embaixo, eu tive aula assim.

Ivana - Mas, na minha, já tinha o emblema da ETFRN, no Centro, sabe? [...] Foi em 82?

Sônia - Ah, eu acho que não tinha não.[...] Mas menina, isso aqui, sabe quem é?...É. Do handebol, o professor de handebol, né?... Como é o nome dele? Esse aqui era... o Oliveira? Ferdinando?

Ivana - Não, era Ferdinando. Porque você falou... Ferdinando, nessa época aí ele era do futebol, né? No handebol, ele veio lá na década de 90.

Sônia - Que coisa bacana, sim, o tênis de mesa, sempre teve esse tênis de mesa. É? É.

Ivana - E era forte também? Todas as modalidades eram fortes, né?

Sônia - Era sim! O tênis de mesa, vixe!... Era uma diversão!

Ivana - Mas você vivenciou alguns Jerns? Porque você estava no Ateneu. Na realidade, você jogava pelo Ateneu, né?

Sônia - É, é. Não, lá na ETFRN, a gente jogava os campeonatos, ... não eram de clubes, era dos, os jogos que tinham entre as escolas.

Ivana - Os JET's. Jogos das Escolas Técnicas

Sônia - É. Eita, que coisa bacana!... Os jogos internos!... Menina [...] Olhe, os jogos internos, da Escola Técnica sempre tinham inovação [...], sempre tinha inovação, O Jorge, o Jorge inventava cada coisa! Ali era criativo!

Ivana - É mesmo?

Sônia - Menina, Jorge Moura fez uma abertura dos jogos internos que foi um sucesso!

Ivana - Da bola!

Sônia - Da bola!... Os meninos com luvas brancas, e jogaram voleibol, aqui, nesse ginásio. Foi a coisa mais linda do mundo, foi a coisa mais comentada!

Ivana - Nilson, tentou fazer algumas vezes também, sabe?

Sônia - Pois foi o Jorge Moura... Eita!... Jandira!

Ivana - Essa daqui, a primeira vez que eu vi essa foto, eu mandei pra Ka, eu mandei... Eu achei que era você.

Sônia - Não, aqui é Sonja. Sonja e Jandira

Ivana - Ela falou

Sônia - Sonja era de Construção Civil, e Jandira era da minha equipe de Saneamento.

Ivana - Você jogou esses jogos internos? Você entrou no primeiro semestre ou no segundo semestre?

Sônia - Foi. Eu jogava, menina, aqui com elas, eu já estava aqui, com elas! Onde tava uma, tava todas! (Risos). Eu me lembro...

Ivana - Não, não. Essa aí não era do seu ano, não! Mas, sabe por que eu trouxe essa imagem? Eu queria trazer uma questão pra você. Eu queria entender... Na realidade, o que é que aconteceu?... Por que que tinha a rainha dos jogos internos?

Sônia - Sim!

Ivana - Olha a rainha! Olha só!... E, sempre nas imagens que eu pesquiso no arquivo, que foi o primeiro momento que eu fiz, o que mais se tem é só tem imagens de rainha, e, as primeiras, que foi esses jogos brasileiros, que não tinha mulheres, alunas na instituição... Porque eu cheguei em 1975, não sei se você sabe. Aí eu fiquei pensando: "eu acho que Sônia vai refletir um pouco a esse respeito".

Sônia - Porque todo curso tinha a sua rainha. Era a sua representante e entrava [...] Talvez, viesse, essa história de rainha [...] porque, como era uma instituição, como é uma instituição,

muito masculina, em todos os sentidos, né, botasse a mulher como se fosse a beleza da escola. Então, sempre tinha rainha, todo curso tinha a sua rainha. E, muitas vezes, muitas vezes mesmo, a rainha nem jogava!

Ivana - Então, essa daqui, em 72... A gente [...] Eu não encontrei, não tinha modalidades para as mulheres. Eu só encontrei na Gincana Cultural. Nós não tínhamos mulheres... Nós não tínhamos alunas e de onde saíram essas meninas que chegaram no “Castelão”, né, na época, porque não era denominado de Castelão... Elas chegaram de helicóptero, gente!

Sônia - É! Tinha umas histórias de helicóptero, antigamente. Eu digo por que eu jogava futebol, né? E tinha umas ondas aí cheias disso [...] Menina, era um sucesso! Era um sucesso! Menina o negócio era. Homi, antigamente, tinha tanta coisa bacana, interessante (Risos), que hoje em dia não tem mais, hoje em dia acho que banalizaram muito, sabe? A abertura dos jogos, os jogos, sabe? Eu acho. Tem muito [...] Banalizaram muito, mas, antigamente, se você visse, antigamente tinha desfile! Desfiles, aqui, nessa avenida!... A abertura dos jogos! Então era desfile em Jeep, certo? A gente ficava no Jeeps, a pessoa [...] é moto... Era a abertura dos jogos mobilizava a cidade! Então, cada escola que botasse mais inovação. Aqui, Dona Noilde botava Jeep!

Ivana - Era mesmo? Nossa e eu assim [...]

Sônia - É! Tinha muita coisa interessante... Olhe era a ETFRN! Quando dizia ETFRN podia esperar que vinha coisa diferente de todo mundo.

Ivana - E, sempre os alunos, né, Sônia?

Sônia - Sempre! Sempre tava Jorge Moura e tava os professores, eles se envolviam muito, né, junto com os alunos. Os alunos eram muito criativos! Olha, só, era tinha o desfile, escolha [...] minha filha, era desse jeito! Risos. Era uma onda.

Ivana - Aí, o segundo momento da minha pesquisa, no arquivo, foram os boletins informativos. E aí, esse boletim em específico, que eu tô trazendo aqui, é a abertura dos jogos. Foi o ano que você entrou, em 82, aí nesse ano né? Como é que era essa abertura [...]

Sônia - Foi sim. Depois foi lançada a revista, não sei se você teve acesso.

Ivana - Ainda não

Sônia - Eu, eu não sei se ainda eu tenho. Eu devo ter guardado uma ou duas revistas da ETFRN.

Ivana - Mas, eu recordo das revistas.

Sônia - Tinha esses boletins informativos, soltavam toda semana... Eita!... Olha esse!...

Ivana - Olha o tempo. Era esse mesmo?

Sônia - Era esse mesmo... Basquete feminino, Jesus!

Ivana - Olha quem tá aí?

Sônia - Joaquim Jairo, criatura!...

Ivana - Primeiro professor meu

Sônia - Minha nossa senhora!(admirada e risos)... Adriana Assunção! Risos. Clênia, Jandira, Gédina, Kátia... Kátia Regina!... Mulher, isso tudo era da seleção... Márcia!... Misericórdia!... Maria Auxiliadora, Maria das Graças, Maria de Lurdes, Maria do Socorro, Marlí, Mércia, Nadir, Rita, Sandra, Sônia, meu Jesus... Ah, eu queria essa foto!

Ivana - Eu passo. Essa apresentação vai pra você.

Sônia - Ave Maria! Que coisa linda, Jesus Amado! Maravilha!

Ivana - E aí esse é o terceiro dia...

Sônia - Eu nem me lembro da minha matrícula, deixa eu me lembrar da minha matrícula, sabe qual era minha matrícula? (risos)... Que legal!

Ivana - Nesse momento, no arquivo, eu estou pesquisando os diários, né? Aí eu estou identificando exatamente isso que vocês falam, que eram aulas femininas e as masculinas.

Sônia - É, e era este diário! Eu me lembro demais!... Olha só!

Ivana - Aí hoje eu dei um pulo grande, né, cronologicamente.

Sônia - Aqui sou eu!

Ivana - Então! Risos.

Sônia - [...] Edna, Katinha, que fez aniversário agora! E aquela menina que se aposentou a pouco tempo, né?...

Ivana - Eu não sei quem é...

Sônia - Essa aqui é lá do setor de saúde. Eu acho que ela era enfermeira... Bem contente, ela...

Ivana - Ah sei, ela era enfermeira, ela era bem contente mesmo.

Sônia - Eita Sônia, Jesus do Céu...Auridan, [...] Risos. Ana Marcia. Que maravilha!

Ivana - Auridan, bem novinho

Sônia - Era... Isso é lá no Futsal. Eu jogava com a camisa 2, no Futsal.

Ivana - Então, tem uma outra imagem que eu vou passar pra você, que é vocês no centro da quadra, sabe? Aí eu nem botei que era pra não alongar muito a apresentação.

Sônia - Ave Maria! Que saudade? Aqui eu jogava bem!

Ivana - Jogava? (Risos)

Sônia - Risos. Era [...] Vixe maria, eu tava fazendo o quê aí, criatura, que eu nem me lembro?

Ivana - Aí é premiação dos jogos. Vocês estavam entregando, né, os troféus desses jogos.

Sônia - Que legal!... Betânia... Eita, a abertura [...] a entrada... Que coisa bacana. Olha ele!...Gilvan Eu só *chamava ele* de campeão: “diga aí, campeão”! Toda vida eu [...] Olha professor Nivaldo. atletismo era com esse mesmo, viu?

Ivana - Era

Sônia - [...] Eva.... Eita, o futebol, Ivana! Risos. Jesus! Que coisa mais linda. Eu! Eu tô com essa camisa aí, dentro da bolsa.

Ivana - Sério? Vamos bater uma peladinha? Risos.

Sônia - Estou com essa camisa dentro da bolsa!

Ivana - [...] Lembra onde?...

Sônia - Onde era isso, Jesus?...

Ivana - Aqueles green, green não sei quer, green não, era bosque dos pássaros,

Sônia - Aqui foi no Poetas... Mas menina, que legal!

Ivana - Você sabe que o único gol que fiz, no futebol, foi um passe seu?

Sônia - Foi?

Ivana - No Morro Branco, lembra que a gente jogava?

Sônia - Morro Branco era!

Ivana - O único gol que eu fiz foi no futebol de campo!... Risos. Oficial, né?

Sônia - Mas mulher!... Eu tô bem, hein? Porque até essa camisa ainda dá em mim, hoje.

Ivana - Olha aí

Sônia - Que legal! Risos.

Ivana - Temos que voltar, viu Sônia? Risos.

Sônia - [...] Dianne. Dianne agora assumiu um setor na, na ... Lá, de Educação Física, no município. Ela tá muito bem, graças a Deus!

Ivana - Foi? Graças a Deus.

Sônia - Olha... Cristina Melo, quem é!

Ivana - Ah é essa?

Sônia - Essa aqui é Cristina Melo... Penélope, Simone, Lurdinha, né? Soraia...

Ivana - Soraia estudou na escola?

Sônia - Estudou!

Ivana - [...] porque eu vi o nome dela no diário... Será que ela?

Sônia - Soraia era dessa turma aqui... Soraia, Lurdinha e eu, dessa turma aqui. Só quem não foi dessa turma foi Simone... Silmara, pronto, essa aqui é que é Cristina Melo... Mas Menina! Isso aqui é no atletismo!

Ivana - Lembra?... Nordeste, aqui... A gente foi pra Paraíba, né?

Sônia - Foi

Ivana - [...] mas essa daí é o daqui.

Sônia - É o daqui... E sabe quem me deu a dica pra ganhar? Foi você!

Ivana - Risos

Sônia - Foi você! Eu disse “Ivana, como é que eu vou correr”? “Eu não sou velocista”! E você disse “você vai correr na ponta dos pés, não bote o pé todo no chão, não”!... Aí, você me deu a dica lá (risos)... Dessa vez [...] Quando eu comecei... Eu sou uma pessoa muito disciplinada. Quando eu comecei a correr, aí eu me lembrei de você dando a dica: “na ponta dos pés”! Aí eu disse “eita, a ponta” e aí eu comecei... Menina, quando eu botei a ponta dos pés, parece que fiz assim uuuu [...].

Ivana - Impulsiona, né?

Sônia - Acelerou!... Eu digo “mas olha só”... Que coisa bacana... [...] Eita danado!

Ivana - Aqui é o segundo jogo da gente, que eu fui agarrar, que [...] eu não tava querendo agarrar, lembra?

Sônia - Foi... Eu lembro!

Ivana - As minhas limitações, né?

Sônia - [...] Ei! Isso aqui era bom, viu? Era bom demais! Gente! Foi assim [...] o convívio, né, dos servidores, da gente se entregar e lá vai [...] o jogo!... [...] Eita! Esse aqui foi lá no Parnamirim. A abertura, né? Nosso, primeiro encontro de Educação Física... Você, o professor Moisés e eu acho que aqui é aquela menina do CAL, nossa, Iracyara.

Ivana - É Iracyara. Aí foram vocês três... No fechamento, né, Sônia?

Sônia - Olha, Rosalba [...] Everaldo, bem novinho! Todos nós! Risos.

Ivana - Não é? Todos nós!...

Sônia - Olha Gizelda! Gizelda!... Gente olha só, um grupo seletivo desse, aqui. Porque aqui tem muita gente boa, muita gente boa e a instituição não quer abrir um curso de Educação Física, licenciatura?

Ivana - Eu acho que, agora [...] conseguiu, né?

Sônia - Conseguiu [...] Eu acho que é perder, porque aqui está a nata da Educação Física. Você veja bem, só tem gente capacitada, a maioria doutores. É só doutores, só gente top, top, top!... Mônica! Eu fiz parte da qualificação de Mônica. Inclusive, ela foi minha orientanda, terminou agora, a pouco tempo, a Mônica.

Ivana - Ela tava no doutorado?

Sônia - Não, ela tava no mestrado, terminou agora, teve a filhinha. Ela já defendeu... Mal conseguia falar, já nas últimas... Rosalba, tá no núcleo de pesquisa com a gente. Então, assim, muita gente boa!... Esse menino, Alisson, ele tava no nosso grupo de mestrado. Tinha muito trabalho interessante, de produtos educacionais.

Ivana - Ele tem um site, não sei se você conhece o site dele.

Sônia - Então assim, só gente top, viu? A Instituição tá perdendo. [...]Essa aqui foi muito legal, essa foto aqui (risos). Andrezza. A gente tem uma parceria, né, de bancas de mestrado e doutorado.

Ivana - Olha essa aqui, que você tava falando (cartaz da palestra em Parnamirim)...

Sônia - Essa aqui é a que eu vou falar... Chamar a atenção, né? Por que as pessoas entendem a educação física somente como atividades físicas, promoção a saúde. Gente! Promoção à saúde! É uma coisa muito mais ampla do que atividade física, “ah eu não, porque eu trato do corpo e vou trabalhar com atividade física”. Mas, o corpo não é só atividade física! O corpo tem as emoções, tem os sentimentos e é uma pessoa que está ali, naquela atividade física não é só aquilo da atividade física, vem tudo isso. Então, assim, se eu sou professora, né, se eu estou numa escola, eu preciso fazer com que essa minha turma, as pessoas que passem por mim, elas se tornem pessoas melhores. Qual é a minha contribuição enquanto educação física? Eu utilizo as vivências corporais para ensinar ela, para tratar a formação dela, entendeu? Então, o meu foco não é a educação física, o meu foco é a formação humana. Eu me utilizo dos conhecimentos

da educação física, por que é o que eu fui formada. É a minha, que eu digo, nós, professores de educação física, né? A parte que nos cabe é esta aqui, porque o processo de formação, ela não é só com a educação física, ela tem várias outras, né? Mas qual é o que cabe a educação física? O que me cabe é utilizar esse território das vivências corporais pra dizer: “Você pode ser uma pessoa melhor”. As suas potencialidades lhe fez melhor.

Ivana - Como você fez, né, Sônia? Desde a sua infância trazer essa experiência e a educação física pra gente, é isso? É esse o respaldo que a gente tem pra dar essa contribuição para o nosso aluno.

Sônia - É. E aí é por isso, sabe Ivana? Que a gente quando vai escrever a gente sempre tá trazendo, aí porque tem uns clássicos que a gente precisa trazer. Quando o Hugo Assmam fala “pra reencantar a educação”, do livro de 99... Aí você trouxe Hugo Assmam [...] por que as pessoas não *leem*, não estão entendendo o que ele tá dizendo. Você precisa reencantar essa educação, né? Quando a gente traz as discussões do veinho Edgar Morin, sabe? É porque parece que as pessoas “ah não, é da filosofia”, “esse aí é de professor de filosofia, isso aí é da da sociologia”... Quando você traz Gaston Bachelard pra discutir o processo de imaginação no lúdico, “não, mas ele é sociólogo”... “Sim, gente”! Mas, preste atenção, se eu não fizer rede de ligações de conhecimento para a minha formação, eu vou, simplesmente, ser uma professora medíocre. Eu não vou sair dessas coisinhas. Só que a formação humana, ela é muito maior que as minhas coisinhas.

Ivana - É isso, que a gente ainda tá muito limitado, né? Mas, é como você tá dizendo, pra que a gente consiga alcançar isso, passa por essa autoformação. E é fundamental, porque é você com você.

Sônia - É! Eu comigo mesma, e me utilizo dos conhecimentos da educação física, entendeu? Então, assim [...] é...Eita!... Aqui é ...a live, aqui foi o campeonato que a gente foi, de tênis...

Ivana - E essa aí foi o que eu pedi pra ela um depoimento, né, sobre a sua vivência, a vivência dela com você, o que ela representa... O que você representa pra ela.

Sônia - Ahh!... Eu pensei que era uma postagem... Sim. Sim!

Ivana - Não, não...(Silêncio, ela lendo)

Sônia - [...]É. E a mãe dela queria que ela fosse fazer medicina, né?... Terminou fazendo educação física. Risos. [...] As aulas de basquete, né?... Riso emocionada.

Ivana - [...] Esse depoimento só vem referendar o que a gente já tinha conversado um pouco, né?... Que impacto você traz na vida dos seus alunos, e é, nossa amiga, faz parte da sua vida desde da adolescência, né?... Você a formou (risos de ambas) pra vida e para a profissão de uma forma geral. É só um depoimento, mas, com certeza você tem muito mais, de outros alunos, né? Mas, isso é só pra reforçar o que você já tinha dito na nossa conversa. Risos.

Sônia - [...] Eu nem sei mais o que dizer. Risos. Acho que é isso,...(muito emocionada)... Espero que(pausa muito emocionada) consiga fazer muito mais, né? Risos.

Ivana - Sim! (Abraço ela)

Sônia - É verdade.

Ivana - E aí, você já disse nessa frase, essa frase que você sabe que é sua né? Você sabe de onde eu tirei né? Risos emocionados

Sônia - [...] é verdade, sei, sim... [...] Isso aqui foi,... acho que foi a última viagem que eu fiz pra Manaus.

Ivana - Então, tem mais, muito mais...

Sônia - É...

Ivana - [...] 6.0 tá bem pertinho. Su vai pra 7.0.

Sônia - Eita!... Engraçado, eu vou participar agora de uma corrida, né? E aí, quando eu fui fazer a minha inscrição, apareceu pra mim: terceira idade, né?... Mais barato 50%. Risos. Eu digo “eita”!... “Pronto”!... “Já vou aproveitar os 50%”. Risos.

Ivana - Risos. Tem que fazer jus!

Sônia - Tem que fazer jus!

Ivana - Tem que fazer jus à conquista né, do processo!

Sônia - Pois é! Mas...É!... [...] (Choro emocionada) [...] Eu estava lá em João Câmara, né, eu disse que direção de *Campus* é muito solitária. Nós somos solitários!... E uma certa vez, eu me perguntei: “por que estou aqui”? (Choro emocionada)... Aí eu disse “poxa, por que eu tô aqui”?... [...] Tinha acabado de receber mais uma das agressões, né, que se faz com a mulher... Eu dizia “por que eu estou aqui”? “Eu sou muito maior do que isso”? “Preciso nem estar aqui, deveria estar em Natal, saindo com as minhas amigas e estou aqui, sozinha, nesse apartamento, e ainda levo uma dessa”... Mas, fiquei, tentando encontrar uma resposta [voz embargada]... E eu lembro que [...] e foi quando [...] eu mesma me respondi, né?... Eu disse “eu estou aqui, porque falta muita gente pra eu ajudar”, né? “E se eu cheguei até aqui, com os conhecimentos que eu tenho, não vai ser mais essa que vai me derrubar”. “Eu estou aqui, porque tem muita gente que precisa de mim”. E eu acho que é isso, sabe? Eu acho que a gente faz muita coisa, mas não pra se orgulhar do que fez, por que muitas vezes, a gente faz as coisas... Eu, por exemplo, eu faço as coisas e esqueço o que eu fiz. Eu faço por que eu acho que estou aqui pra fazer aquilo, me chamaram pra fazer aquilo. Como uma vez, né, eu tava em um determinado local e um rapaz “professora Sônia”!... Professora Sônia!... E eu disse “oi”!...Aí ele disse assim “Tá me reconhecendo”? E eu virei e disse, não!.(Risos) Aí ele disse:. “Eu sou aquela pessoa que um dia a senhora, lá em Jandaíra, a senhora foi divulgar o *Campus* que a senhora foi diretora e eu perguntei: ‘o que eu faço pra entrar no *Campus* de João Câmara’?” “A senhora olhou pra mim eu pensei que a senhora [...]”... “Não, vá que eu lhe inscrevo, lhe matriculo” e aí a senhora olhou pra mim e eu disse “então vá estudar”... “Se você estudar, eu vou me encontrar com você lá no *Campus*”... ”E eu estudei e passei” e ela: “ah que coisa maravilhosa”? Risos... Não é?...Então, assim, às vezes a gente tá [...] a gente é chamado pros cantos, pros lugares, né, e a gente nem sabe por que vai, mas vai! Vai, porque alguma coisa vai aparecer, lá, aí você vai [...] Eu acho que ser professor... tô aqui querendo dizer que não é, que [...] Ser professor é uma coisa muito gratificante!... Eu não tô querendo dizer aqui que, né [...] mas ser professor é isso, é trabalhar com as suas, com as aptidões, mas também trabalhar com as emoções, é fazer com que as pessoas que passem pela sua sala de aula, elas evoluam! Elas entrem de uma forma e saiam de uma outra forma. Eu acho que isso é ser professor, né? E assim, uma coisa que eu acho muito legal em mim, é porque eu nunca me neguei a quando eu sou chamada, eu não me nego a fazer as coisas, né? Às vezes, quando eu não posso naquele dia, eu posso outro dia, eu posso [...] Mas eu sempre estou disposta, porque eu acredito muito no que eu dou eu recebo. Então, se eu quero um mundo melhor pra mim, pro meu filho, pra a minha família, então, eu também tenho que dar um mundo melhor para as pessoas e pros filhos dos outros [...] Isso é a gente ter respeito, respeito. Na hora que eu tenho respeito pelas pessoas, também estou tendo respeito por mim, porque se eu dou respeito, eu vou receber respeito, né? É isso. Risos.

Ivana - Eu não tenho mais nada, assim, a questionar, a pedir, né, só que se você quiser falar mais alguma coisa, até pra deixar essa conversa formal. Risos.

Sônia - Eu quero lhe desejar sucesso pra [...] primeiro quero agradecer a vocês duas, né, pela manhã de hoje, e desejar sucesso no seu trabalho, né, que é um trabalho que, na hora que você sentar pra escrever, você vai escrever emoções, né, emoções das pessoas que você entrevistou né, vai [...] e que saiba de uma coisa, que é um trabalho que você está fazendo para o mundo, né? Então assim, tenha muito carinho, muito zelo, que eu sei que você [...] já tá tendo, porque é um trabalho que muita gente vai ler pra se impulsionar... Porque, uma coisa que eu aprendi é que nós precisamos, que outros seres, que eu chamo de ludopoieticos, para nos alimentar. Nós precisamos uns dos outros para nos alimentar e se a gente não encontrar essas pessoas, a gente vai [...] um dia a gente vai morrer, então a gente precisa fazer com que as pessoas sejam cada vez melhores, que a gente vai precisar delas pra se segurar, se apoiar, né? E um trabalho como esse, ele serve de leitura pra outras pessoas, entendeu? Para que outras pessoas se visualizem

nesse trabalho, ler e possa se impulsionar. E aí, você, é interessante que você publique que você mostre isso para o mundo, por quê?...Por que eu digo isso? Porque a minha tese, ela é alojada lá no SIGAA da UFRN vez ou outra eu vejo a estatística de acesso e, o que tem de acesso desta minha tese até hoje, fora do Brasil, é impressionante!... E eu fico dizendo “poxa vida, o povo aqui não tem acesso, eu tenho muito fora daqui”: Estados Unidos, Portugal, sabe... Canadá, México... Então, muita gente lá fora ver.

Ivana - Eu não sei se você lembra Sônia. Aquela palestra que você fez, fechando o nosso encontro de educação física, o segundo encontro, né, até mesmo o primeiro, né, que você fez, da abertura, e você apresentando sua tese, seus estudos... e a gente ficou encantado e a gente aqui, como você tá falando, a gente precisa ver mais, precisa aprofundar mais as nossas próprias [...] os nossos próprios estudos, né, precisa colocar mais em prática.

Sônia - Então, assim, tenha muito zelo, eu sei que você tá tendo, muito carinho com o que você está escrevendo, porque muita gente vai ler tá certo? Que Deus lhe dê muito sucesso, pra você, pra sua carreira. Que Deus lhe abençoe.

Ivana - Eu sou muito grata, por tudo o que você fez pela instituição e pela referência que você é pra mim, você sabe disso. Muito grata.

Sônia - Pois tá. Risos. Sucesso, vai dar tudo certo.

Ivana - Já deu, só esse momento aqui, já deu. E é isso, minha querida.

Relato da entrevista com a professora Cristina

A entrevista aconteceu na padaria Mercatto, aqui de Natal/RN, no dia 15 de maio de 2024, a partir das 15h. Como protocolo, solicitei que a entrevista fosse gravada, algo que prontamente foi acatado pela professora. Gravei na íntegra, porém, só ao término da entrevista, percebi o mau funcionamento do gravador, que não captou o som. Mas, de início, falei a respeito do que tratava a pesquisa e a intenção de pesquisar sobre a atuação das professoras de Educação Física e Esporte do IFRN. Ela foi muito receptiva e falou sobre algumas situações e motivos pelos quais não assumiu como permanente na instituição. Devido ao problema na gravação fiz o relato, que segue abaixo, e submeti à professora, que o acatou sem alterações.

Ivana - Pedi a ela para que fizesse um percurso, lembrando como foi sua infância até a escolha do curso de Educação Física.

Relato de Cristina a partir das anotações e do que recordei - Ela falou que, na infância e adolescência, morava próximo ao Clube América e que lá, na época da infância, foi contratado um professor, Germano, de basquetebol, o qual montou uma escolinha e começou a trazer as crianças da vizinhança para treinar. Foi quando ela começou a praticar o basquete, também praticou nas escolas em que estudou. No ensino fundamental, estudou no CIC [Colégio Imaculada Conceição] e, no ensino médio, foi para o Atheneu, porque se tratava de uma escola muito forte na modalidade. Foi campeã do Jerns lá, ganhavam tudo, algo que proporcionou a sua ida para a seleção do RN. Nesse sentido, estudou parte de sua jornada acadêmica em escolas particulares e públicas. O objetivo dela era fazer algum curso na área de saúde, porque ela “queria lidar com pessoas, não gostava de números”, até que, certo dia, viu um colega de bata branca e questionou qual era o curso que ele fazia. Ele disse que fazia Educação Física, e ela logo “fiquei feliz de saber que Educação Física era da área de saúde”, decidindo, por isso, fazer essa graduação pela UFRN. Cristina relatou que foi da segunda turma de Educação Física da UFRN e que tinha apenas sete (7) mulheres na turma, de um total de quarenta (40) alunos/as. Falou também que, na primeira turma de Educação Física, também havia a mesma quantidade de mulheres. Disse ainda uma curiosidade a respeito da terceira turma de Educação Física da mesma universidade: “houve uma decisão, para a seleção do vestibular, que seriam 50% das vagas destinadas a homens e 50% a mulheres, fato esse que resultou, de imediato, no ingresso de vinte e cinco (25) homens e vinte e cinco (25) mulheres”. No entanto, alguns homens que

obtiveram notas melhores que as mulheres acionaram a justiça e conseguiram ingressar também, porque não havia nada, nenhuma lei, para fundamentar essa cota. A turma, nesse contexto, ficou com setenta e cinco (75) alunos, mas esse fato possibilitou a mais mulheres o ingresso no curso de Educação Física da UFRN. Ela não rememora o ano exato, mas sabe que isso se deu na terceira turma, uma vez que ficou conhecida como turma do “mandado de segurança”. Ainda na graduação, assumiu vínculo no Estado como temporária, substituindo uma colega que entrou em licença maternidade. Posteriormente, ficou definitivamente no Estado, local onde se aposentou. Teve uma experiência de doze (12) anos no CAIC, foi Coordenadora e desenvolveu muitos projetos nesta instituição.

Ivana – Solicitei que relatasse como se deu sua inserção na ETFRN.

Relato de Cristina a partir das anotações e do que recordei – Relata que, ao terminar a graduação, o professor Pedro Galvão, então Coordenador de Educação Física e Esporte da ETFRN, entrou em contato com ela para saber da possibilidade de ela assumir como professora temporária, substituindo a professora Teresinha Elisabet Portela, que entraria de licença maternidade. Aceitou e acabou ficando por quase três (3) anos. O contrato era renovado a cada seis meses e, no final de 1984, ela teve bebê e se afastou para licença maternidade. Neste período de temporária, Cristina fez um concurso para professor permanente, mas não logrou êxito. Antes do término de sua licença, o Diretor da ETFRN, prof. ° Marcondes Mundim, chamou-a, juntamente com os demais professores/as de Educação Física, para uma reunião, de modo a informar que havia uma vaga para professor permanente da Instituição. A fala dela foi a seguinte: “só tinha uma vaga, e entre mim e o professor, como ele é homem, a vaga era para ele, e eu fui dispensada”. Fez um silêncio e, com o rosto triste, disse: “eu entendi porque a vaga era para ele, mas eu fiquei triste, porque ele era homem e tinha família, e eu era mulher e tinha um esposo”. Permanecendo com tristeza ao rememorar a situação, continuou: “eu tinha feito o concurso e não tinha passado, então, eu já sabia que quando terminasse minha licença maternidade eu não voltaria, eu nem sabia que tinha essa vaga [silêncio...] não precisava nem ele ter falado, né?! Mas... enfim, é isso”.

Ivana - Questionei como era a relação entre as professoras e os professores de Educação Física e Esporte na ETFRN.

Relato de Cristina a partir das anotações e do que recordei - Ela respondeu que era boa, que eles a receberam muito bem, porque, segundo ela, “deu para perceber que eles não gostavam de ensinar para as meninas”, enfim, ficaram felizes com sua chegada e mantinham uma boa relação.

Ivana - Questionei se ela rememorava como era a proposta da Educação Física e Esporte da ETFRN.

Relato de Cristina a partir das anotações e do que recordei - Ela falou que, quando assumiu, não foi orientada sobre quase nada. Apenas a professora Teresinha Elisabet a recebeu e mostrou-lhe alguns espaços onde deveria realizar as aulas e quais os materiais. No mais, não foi recepcionada pela pedagogia. Aliás, nunca teve reunião pedagógica, não havia reuniões de estudos e de discussão de como deveriam ser ministradas as aulas. Ela falou que como ela tinha acabado de terminar a graduação, estava “quentinha”, começou a fazer seus próprios planejamentos, recordou que tinha uma ficha avaliativa padrão, com exercícios que os alunos deveriam cumprir para obter a nota ao final de cada etapa. Neste momento, também fui lembrando dessa ficha, quando era aluna, e fomos trocando lembranças. Ela falava que tinha saltos grupados, corridas; eu falei salto vertical, arremesso de medicinebol... Rimos da situação e das lembranças. Então, como era tudo muito livre, não havia uma metodologia a ser seguida, um cronograma, nem de atividades, nem de espaços de uso das quadras. Cristina relatou que muitas vezes chegava numa quadra e estava lá outro professor, de forma que ela tinha de improvisar e ir para outro espaço. As alunas, de acordo com ela, gostavam muito das aulas, porque ela *meio que* não realizava essa “avaliação padrão”. Ao mesmo tempo, desenvolvia

muitas atividades que lá estavam a partir de um planejamento de atividades, como ginástica, iniciação esportiva, recreação, marcha com a banda, ou seja, ela fazia um planejamento de aula que disse ser “livre”, mas essa liberdade está respaldada nas orientações tanto da ficha de avaliação quanto da metodologia de aulas de calistenia, além de muito bem estruturada, pelo que observei em seus diários, disponíveis no arquivo do CNAT.

Ivana - Questionei como era o acesso dela a outros setores, professores da ETFRN, à época de sua atuação e se havia mulheres em cargos de direção, coordenação de gestão na totalidade da ETFRN.

Relato de Cristina a partir das anotações e do que recordei - Ela relatou não ter tido muito acesso a outros setores da Escola. Entrava na Escola e ia direto para o ginásio, uma vez que a Coordenação de Educação Física e Esporte era onde hoje são os banheiros e salas de lutas. Na época, era a Coordenação de Educação Física e Esporte e havia um espaço para guardar material esportivo, então, ela se dirigia à Coordenação, pegava o material e ia dar suas aulas ou nas quadras ou na pista e campo. Também tinha acesso à Caixa Econômica, onde recebia seu salário. Eventualmente, tinha reuniões gerais, mas eram poucas, logo, conhecia muito pouco da Escola e dos colegas, exceto aqueles que conhecia de fora do âmbito escolar – amigos da cidade mesmo. Em relação a haver mulheres em cargos de gestão, não soube dizer, pelos mesmos motivos acima citados. Lembrou da professora Doracelis, que hoje tem um espaço em Pium/RN, uma granja, e é bem interativa com a natureza, desenvolvendo atividades como ioga. Lembrou também, em especial, falando de mulheres, das professoras de EF: que a professora Carmem tinha um curso que o MEC realizava e quem tinha esse curso tinha autorização para ministrar aulas de EF (no caso dela, era bem específico, era de ginástica).

Ivana - Questionei sobre a impressão que ela tinha sobre sua prática e o impacto para as alunas, além do que ela já tinha dito.

Relato de Cristina a partir das anotações e do que recordei - Ela disse que as alunas gostavam muito, porque eram atividades relaxantes, muitas vezes devido à alta demanda de estudos e tensão por que passavam. Muitas vezes, identificavam talentos esportivos. Ela citou o exemplo de uma aluna que corria muito e que indicou ao professor de atletismo e muitas outras para outras modalidades. A professora Sônia foi outra, desde o Atheneu. Assim, ela julga que impactou positivamente na formação e na vida de suas alunas.

Ivana - Já encaminhando para as questões finais, apresento a ela algumas imagens. A intenção é disparar memórias das entrevistadas a respeito de suas experiências na Instituição em sua época de atuação – algo que surtiu efeito, pois houve mais disparos de lembranças.

Relato de Cristina a partir das anotações e do que recordei - Logo na primeira imagem, a do ginásio, ela prontamente relata que o projeto deveria ter acontecido na UFRN. Confirmei que quando era aluna, na UFRN, também tinha ouvido comentários a esse respeito. Nas fotos, em que há meninas e meninos em atividades de EF, ela reconheceu de imediato, entre os meninos, o professor Ferdinando e perguntou se, entre as meninas, era eu quem estava à frente. Falei que não. Comentamos a respeito dessa questão e rememoramos que, naquela data (1978), não havia professora mulher, de maneira que aquela menina deveria ser alguma aluna com mais habilidades. Nas fotos dos jogos internos, ela destaca: “olhe as rainhas, como desfilavam”. Elas estavam de maiô. Rememorei que, quando ela entrou, em abril de 1982, no mês seguinte houve os jogos internos, e perguntei de que maneira ela participou. Ela falou que participou organizando as entradas do desfile, na abertura, e algo mais que as colegas solicitaram. Disse que não participava das modalidades esportivas porque não tinha nenhuma equipe, ela dava apenas aulas de Educação Física para as meninas, nos dois horários iniciais da manhã e nos finais da tarde, indo duas vezes ao dia para a Escola e pegando muitas turmas. Cristina tinha pedido licença não remunerada do Estado para assumir a ETFRN, uma vez que era permanente no Estado. Na última foto, coloquei uma foto dela atual com suas companheiras de basquete e ela disse logo: “hoje temos treinos e vou logo, assim que sair daqui, para conseguir estacionar

o carro, o treino é lá na AABB” (um ar de felicidade ao relatar sobre o treino).

Ivana - Para finalizar, peço-lhe que fale das impressões que este encontro trouxe a ela.

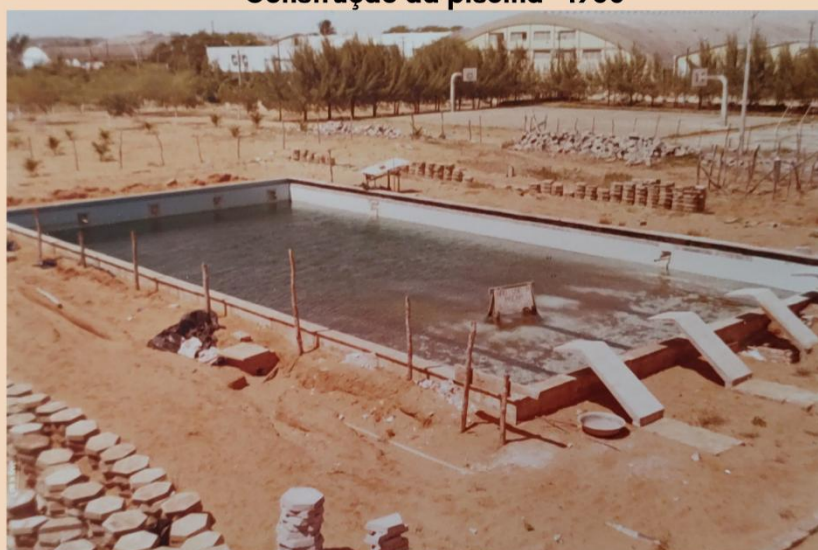
Relato de Cristina a partir das anotações e do que recordei - Ela disse, ontem mesmo, que ficou tentando lembrar de algumas questões daquela época, mas sei que lembrei muita coisa, mas que mais tarde vêm outras, este momento para ela “Ativou a memória”. Acrescentou que, quando ia falando as lembranças, pareciam mais nítidas, e, além disso, que sempre que passa na Rui Barbosa, ali no portão lateral, lembrava que, quando se aproximava o sete de setembro, momento em que saíam com as turmas para ensaiar o desfile, ia ela e outros colegas com as turmas de EF e havia um instrutor que dava os comandos – não recorda quem era, mas que não era um professor de EF, ia a banda e eles. Ela continua: “os alunos iam realizando o desfile e os comandos dados por esse instrutor”. Ela disse que é muito forte essa memória a cada momento que passa ali na lateral da instituição. Outra lembrança reativada foi a respeito de uma gestora. Falei algo da professora Luzia, e ela disse ter rememorado a assunção dela como Diretora. Falei que a professora Luzia, em sua época, era Diretora de Ensino, e era substituta direta do diretor geral e, que posteriormente foi eleita diretora geral, mesmo o diretor geral à época não apoiando seu nome. Lembrou, ainda, que a professora Elisabeth tinha vindo do Rio Grande do Sul, que ela é de Santa Maria, assumiu aqui na ETFRN como temporária e depois tornou-se permanente. Falou da professora Carmem, que também era professora naquele período, era professora de ginástica, esposa do professor Pedro e que ambos já haviam falecido.

ANEXO IV – *SLIDES* PRODUZIDO PARA AS ENTREVISTAS**Para a professora Ana Cristina de Araújo****Aula de EF 1978****Aula de EF 1978**

Competição de atletismo 1978



Construção da piscina - 1980



Espaço de convivência - 1980



XIII Jogos internos - 1981



XIII Jogos internos - 1982



JOGOS INTERNO DE 1987



JOGOS INTERNO DE 1988**XIII Jogos internos - 1988**

XIII Jogos internos - 1988



XIII Jogos internos - 1988



XIII Jogos internos - 1988



JIF's NE- 2014



JIF's - 2015



JIF's - 2015



JIC's - 2016**Fim de ano- 2018 ou 19**

2022



Jl 2022



JIC's 2016**Jl 2023**

Para a professora Ingrid Patrícia Barbosa de Oliveira

Aula de EF 1975



Aula de EF 1978



Aula de EF 1978



Competição de atletismo 1978



Construção da piscina - 1980



Espaço de convivência - 1980



XIII Jogos internos - 1981



Abertura de Jogos internos S/D



Jogos internos - Handebol (Geologia x Edificações) S/D



JOGOS INTERNO DE 1982



ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Id.iação VII Jogos Internos da ETFRN.

Evento Atletas de Handebol do curso de Geologia quando entravam na Quadra do Ginásio de Esportes da Escola

Local G. Esp. da ETFRN

Data 12.05.82

XIII Jogos internos - 1983



JOGOS INTERNO DE 1987



Aula do grupo de Dança - S/D, mas década de 1990



Aula do grupo de Dança - S/D, mas década de 1990



EDFENE - 1998**Escola no Guarrapes - 199?**

Festival de futsal e handebol - 2017



Festival de futsal e handebol - 2017



Festival de futsal e handebol - 2017



Festa de Natal da ASIF e SINASEFE - 2017



Para a professora Nerijane de Almeida Monteiro

Aula de EF 1975



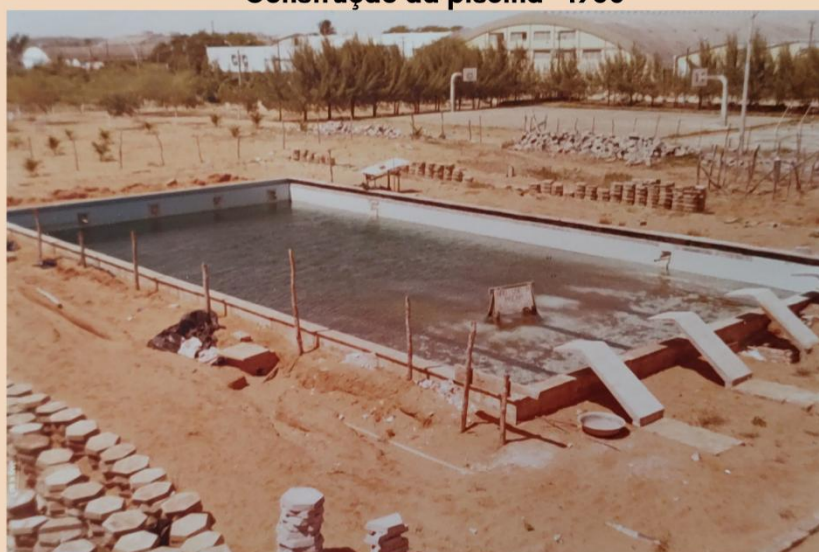
Aula de EF 1978



Aula de EF 1978



Construção da piscina - 1980



Espaço de convivência - 1980



XIII Jogos internos - 1981



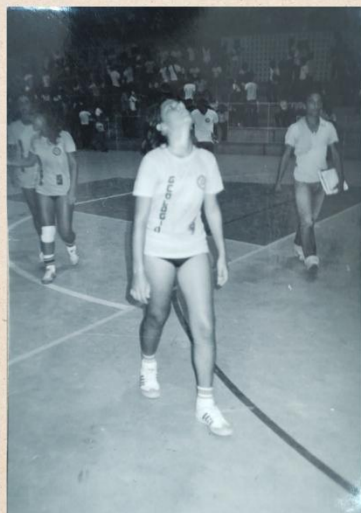
Abertura de Jogos internos S/D



Jogos internos - Handebol (Geologia x Edificações) S/D



JOGOS INTERNO DE 1982



ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Id. - ação VII Jogos Internos da ETFRN.

Evento Atletas de Basquete do curso de Geologia quando estavam na Quadra do complexo Esportes da Escola

Local G. Esp. da ETFRN

Data 12.05.82

Aula do grupo de Dança - S/D, mas década de 1990



Aula do grupo de Dança - S/D, mas década de 1990



XIII Jogos internos - 1999



Abrertura dos 24º Jogos Inter-
nos do CEFEI-RN
- Solenidade de escolha do rei e
rainha
Foto: Maria Soares 06/09

XIII Jogos internos - 2000



cerimônia de Abertura dos 25º Jogos
Internos do CEFET-RN.
22/09/2000
foto: Ylka Estienne

I EPEF - 2016 (01 a 03/06/16)



Família



GRATIDAO

Para a professora Paula Nunes Chaves

Aula de EF 1975



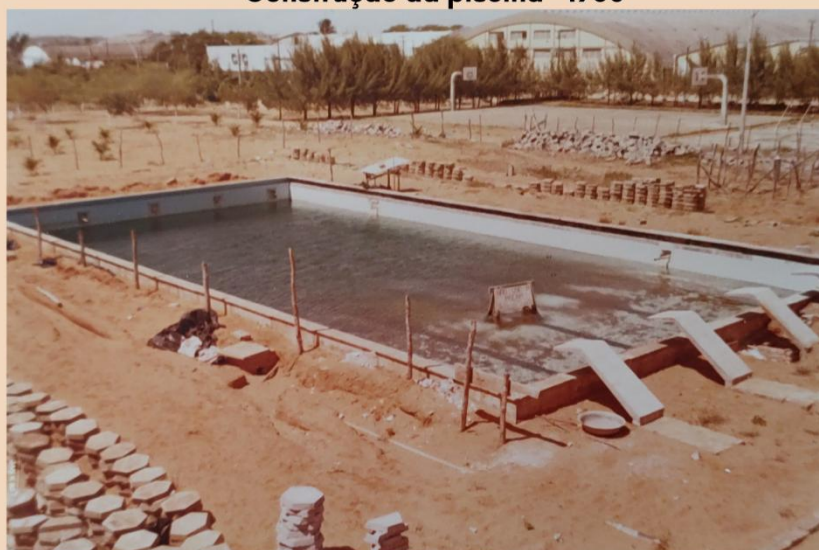
Aula de EF 1978



Aula de EF 1978



Construção da piscina - 1980



Espaço de convivência - 1980



XIII Jogos internos - 1981



Abertura de Jogos internos S/D



Colônia de Férias - 1989



Aula do grupo de Dança - S/D, mas década de 1990



XIII Jogos internos - 1999



Abertura dos 24º Jogos Inter-
nos do CEFET-RN
- Solenidade de escolha do rei e
rainha.
Foto: Maria Soares set/99

XIII Jogos internos - 2000



Solenidade de Abertura das 25º Jogos
Internos do CEFET-RN.
22/09/2000
foto: Ylka Estienne

Abertura dos jogos internos - 2009



Abertura dos jogos internos - 2009



I EPEF - 2016 (01 a 03/06/16)



Formação - UFRN



Colegas de profissão - IFRN - 2018



Atuação profissional - 2018



Atleta - intercampi servidores/as



Gratidão

Para a professora Gizelda Lúcia Maia

Aula de EF 1975



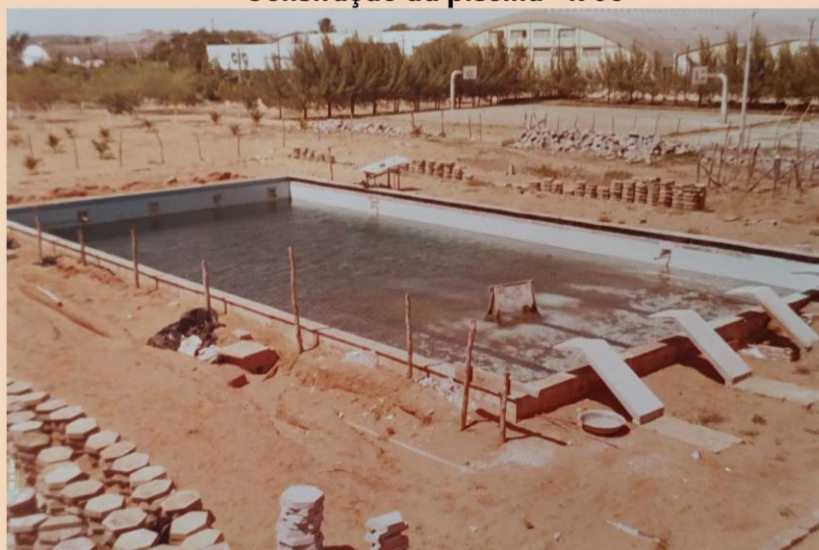
Aula de EF 1978



Aula de EF 1978



Construção da piscina - 1980



Espaço de convivência - 1980



XIII Jogos internos - 1981



Abertura de Jogos internos S/D



Diário de classe - 85.2

ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
DEPARTAMENTO DE ENSINO

DIÁRIO DE CLASSE

CURSO _____

DISCIPLINA EDUCAÇÃO FÍSICA

TURMA TE 07.112 SALA _____

PROFESSORA CARMEM B. G. DO AMARAL 85.2

TURNO	HORÁRIO				
	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
MAT.	-	06:45	-	06:45	-
VEP.	-	-	-	-	-

ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE	
DEPARTAMENTO DE ENSINO	
COORDENADOR DE IMPLEMENTAÇÃO DO SISTEMA DE ENSINO: SEXTA	
TURNO	DISCIPLINA: Educação Física
PERÍODO: 1	ETAPA: 3.º e 4.º Bimestre 19/12
PROF.: CARMEM B. G. DO AMARAL	TURMA: TE 07.112
NUM. MATRÍCULA	NOME
1. 85.1.11.036	Adriana Maria da Silva
2. 85.1.11.038	Ana Cláudia Gomes
3. 85.1.11.075	Ana Cláudia Lessa da Fonseca
4. 85.1.11.077	Antônio Maria B. do Nascimento
5. 85.1.11.043	Clemence Cavalcante Figueira
6. 85.1.11.047	Cláudio Silva Gomes
7. 85.1.11.008	Elaine Frayre da Silva
8. 85.1.11.062	Eliziane de Fátima Lopes
9. 85.1.11.004	Elizilda Lucila dos Santos Maia
10. 85.1.11.052	Marla Almeida dos Santos Silva
11. 85.1.11.094	Maria das Graças Santos
12. 85.1.11.096	Regina de Almeida Silva
13. 85.1.11.061	Rosângela Maria de Lima
14. 85.1.11.040	Thaís Costa da Silva
15. 85.1.11.032	Teresa Lucia Amorim da Medeiros
16. 85.1.11.039	Vanessa Almeida B. do Nascimento
17. 85.1.11.079	Zillete Barbosa da Oliveira

Diário de classe - 86.1

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB			
INSCRIÇÃO DE CANDIDATOS AO SISTEMA DE ADMISSÃO			
DISCIPLINA: QUÍMICA FÍSICA			
INSCRIÇÃO	ETAPA: 3		
PROVA: <i>Água Quente</i>	TORNA: 15-87	TORNA: <i>MAI</i>	
NUM. INSCRIÇÃO	CÓD.	UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB	
00 001.131.838-Rosa Tíndia Sousa	1997		
00 001.131.838-Rosa Tíndia Sousa	1997		
00 001.131.788-Beatriz Joana Silva	1997		
00 001.131.841-Beatriz Joana Silva	1997		
00 001.131.804-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.805-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.806-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.807-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.808-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.809-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.810-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.811-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.812-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.813-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.814-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.815-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.816-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.817-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.818-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.819-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.820-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.821-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.822-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.823-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.824-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.825-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.826-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.827-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.828-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.829-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.830-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.831-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.832-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.833-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.834-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.835-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.836-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.837-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.838-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.839-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.840-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.841-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.842-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.843-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.844-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.845-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.846-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.847-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.848-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.849-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.850-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.851-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.852-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.853-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.854-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.855-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.856-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.857-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.858-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.859-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.860-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.861-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.862-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.863-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.864-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.865-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.866-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.867-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.868-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.869-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.870-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.871-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.872-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.873-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.874-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.875-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.876-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.877-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.878-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.879-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.880-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.881-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.882-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.883-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.884-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.885-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.886-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.887-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.888-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.889-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.890-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.891-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.892-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.893-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.894-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.895-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.896-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.897-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.898-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.899-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.900-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.901-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.902-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.903-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.904-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.905-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.906-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.907-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.908-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.909-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.910-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.911-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.912-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.913-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.914-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.915-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.916-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.917-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.918-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.919-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.920-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.921-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.922-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.923-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.924-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.925-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.926-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.927-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.928-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.929-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.930-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.931-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.932-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.933-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.934-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.935-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.936-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.937-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.938-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.939-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.940-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.941-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.942-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.943-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.944-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.945-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.946-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.947-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.948-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.949-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.950-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.951-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.952-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.953-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.954-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.955-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.956-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.957-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.958-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.959-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.960-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.961-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.962-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.963-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.964-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.965-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.966-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.967-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.968-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.969-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.970-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.971-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.972-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.973-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.974-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.975-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.976-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.977-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.978-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.979-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.980-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.981-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.982-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.983-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.984-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.985-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.986-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.987-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.988-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.989-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.990-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.991-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.992-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.993-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.994-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.995-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.996-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.997-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.998-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.131.999-Regina Ferreira da Silva	1997		
00 001.132.000-Regina Ferreira da Silva	1997		

Diário de classe - 88.2

Convívio com colegas de curso - período de aluna



Convívio com colegas de curso - período de aluna



Convívio com colegas de curso - período de aluna



Convívio com colegas de curso - período de aluna



Convívio com colegas de curso - período de aluna



XIII Jogos internos - 1999



Abertura dos 24º Jogos Inter-
nos do CEFEI-RN
- Solenidade de escolha do rei e
rainha
Foto: Maria Soares 06/09/99

XIII Jogos internos - 2000



cerimônia de Abertura dos 25º Jogos
Internos do CEFET-RN.
22/09/2000
foto: Ylka Estienne

Jogos internos - 2004



28º Jogos Internos do CEFET-RN
Parque Esportivo
Data: 24/05/04 Foto: Cameray Danielle

EDCENE - 2008



EDCENE - 2008



EDCENE - 2008**Abertura dos jogos internos**

Atleta - nordeste servidores/as



Atleta - intercampi servidores/as



Níver Dalva



I EPEF - 2016 (01 a 03/06/16)



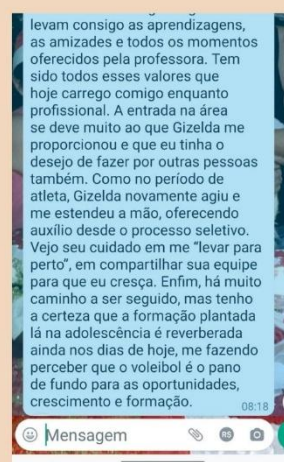
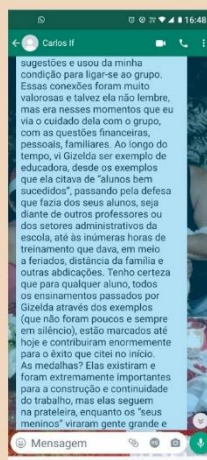
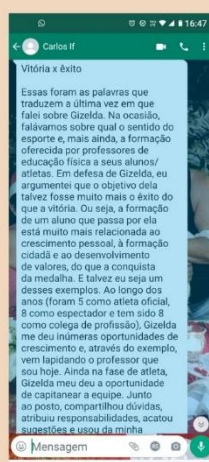
Abertura dos jogos internos - 2022



JIF'S - 2023



Depoimentos - alunos/atletas/colegas de profissão



Depoimentos - alunos/atletas/colegas de profissão



JIF'S - 2023



ASIF - Atuação na associação



Gratidão

Para a professora Sônia Cristina Ferreira Maia

Aula de EF 1975



Inauguração do ginásio - 1975



**Jogo de
basquete
entre alunos.
Inauguração
do ginásio da
ETFRN**

Aula de EF 1978



Aula de EF 1978**Espaço de convivência - 1980**

IDENTIFICAÇÃO: CENTRO DE LAZER
LOCAL: ETEFRN
DATA: 1980

XIII Jogos internos - 1981



XIV Jogos internos - 1982

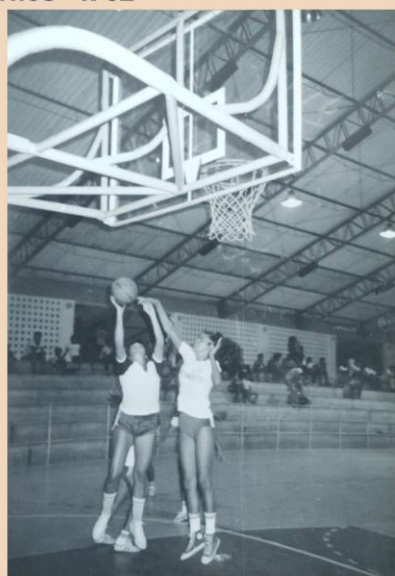
ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Identificação VII SECCION Atividade Co-
portivas - jogos internos da
ETFRN

Equipe EQUIPE FEMININA DE BASQUETE
(Bancamento X Edificações)

Lugar GINÁSIO DE ESPORTES DE COLEGIO
DAS NERVEN DA ETFRN

Data 1982 (maio)



Rainha dos jogos JEBEM - 1972

ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
 Identificação: CHegada da Rainha
no CASTELÃO - 1º de julho de
abertura
 Evento: Jogos Desportivos
do Rio Grande do Norte - JEBEM
 Local: ESTÁDIO HUMBERTO DE ARAÚJO
CASTELÃO - BRANCO
 Data: 19/7 (09 a 12/72)



Abertura de Jogos internos S/D



Abertura dos jogos internos - 82



Diário de classe - 82.2


ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
DEPARTAMENTO DE ENSINO

DIÁRIO DE CLASSE

PARTE DO CURRÍCULO: EDUCAÇÃO GERAL

DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA

CURSO DA DISCIPLINA: — CARGA HORÁRIA: 45

TURMA: BASQ. FEM. ANO 1982 PERÍODO LETIVO 82.2

BASQUETE FEMININO
HORÁRIO

TURMA	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
1900	—	1800	—	—	—	—

SALA: GINÁSIO 27105

PROFESSOR: JOAQUIM JAIR TINDO

DIÁRIO DE CLASSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

TURMA: BASQ. FEMININO NÍVEL CURSO: — SEM. LETIVO: 82.2

NOME DO(A) ALUNDO(A)	NÚMERO DA MATRÍCULA	FREQUÊNCIA DA ETAPA												FALTAS
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
01 Adriana Assunção Silva	82.1.11.167													01
02 Cláudia Maria de Luna Freire	82.1.11.215													01
03 Jandira Borges de Oliveira	82.1.11.213													01
04 Jéssica Vieira Gomes	82.1.12.006													01
05 Maria Maria de Mello	81.1.11.172													01
06 Maria Regina Norberto	80.1.12.188													01
07 Luciana Maria Galvão	80.1.11.041													01
08 Maria M. de Carvalho Costa	81.2.11.030													01
09 M. Auxiliadora Ferreira	81.1.11.186													01
10 M. das Graças de Lima Nascimento	82.1.12.145													01
11 M. de Lourdes de S. Costa	81.1.11.162													01
12 M. de Siqueira O. Silva	81.1.11.029													01
13 M. Natal Barros Medeiros	81.1.12.021													01
14 Mary Reges Costa da Silva	81.1.12.091													01
15 Márcia Alves Ferreira	80.1.12.634													01
16 Maria Alves Araújo	81.1.12.051													01
17 Rosângela de Costa Dantas	81.1.11.182													01
18 Rita de M. Almeida	81.1.12.548													01
19 Sandra Maria de Oliveira	81.1.12.022													01
20 Sônia Cristina F. Maia	82.1.11.672													01
21 Sônia Lucia Alves Lessa	81.1.12.126													01
22 Sônia Lucia B. Pinogo	78.1.12.497													01
23 Soraya Cristina F. Rosa	82.1.12.127													01
24 Valéria Silveira Leiros	82.1.12.624													01
25 Gerolamo M. de Sousa Neto	82.1.12.624													01

Jogos internos - 1999 - Docente e atleta



Jogos internos - 1999 - Docente e atleta



Jogos internos - 1999 - Docente na premiação dos jogos



XIII Jogos internos - 2000



cerimônia de Abertura das 25^o Jogos
Internos do CEFET-RN.
22/09/2000
foto: Ylka Estienne

Futebol entre amigas



Futebol entre amigas



Basquetebol entre amigas



Atleta - nordeste servidores/as



Atleta - nordeste servidores/as



I EPEF - 2016 (01 a 03/06/16)



I EPEF - 2016 (01 a 03/06/16)



Atuação profissional

PotyCast
O PODCAST DO POTIGUAR NOTÍCIAS

**A importância do lazer para a
qualidade de vida e o bem-estar**

QUA. 30 de agosto/9H


Andreza Tavares
Jornalista e
apresentadora


Sônia Maia
Doutora em Educação

 PNTVPLAY

Atuação profissional

Capacita

PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Edição 01 - Parnamirim e região

Tema: Educação Física na formação humana e o papel da escola

Palestrante:
Sônia Cristina Ferreira Maia
(CREF 005461-G/RN)
Doutora em Educação
Pós-Doutora em Sociologia da Educação
Coordenadora do curso de Educação Física do UNI-RN

cref
16/RN
Conselho Regional de Educação Física de 16º Região



*Evento gratuito e com certificado de 4h

Depoimento - ex aluna/atleta/colega de profissão/amiga na vida



Ka
online



Encaminhado

Pra mim, Sonia representa uma pessoa de luz e que teve uma participação muito especial em minha vida, em um momento muito difícil que eu e minha família estávamos enfrentando. A oportunidade de bolsa de estudos através do basquete na escola Sagrada Família foi um presente Divino e que me fez concluir o Ensino Médio com muita alegria, pois seria uma ponte para o meu ingresso na UFRN/Educação Física.

No basquete aprendemos com Sonia que as dificuldades da vida poderiam ser dribladas e que nunca poderíamos perder o foco: a cesta! E assim fizemos no Ensino Médio, o que foi possível atuar jogando com toda confiança que foi me dada e seguindo sempre os princípios do esporte para a vida!

Nesta jornada, cursei Educação Física e fui aprendendo sobre o ser humano, corporeidade e qualidade de vida, o que me fez lembrar das aulas de basquete e de todos os princípios de esporte para vida. Segui em minha formação onde cursei mestrado na mesma linha de pesquisa e com a mesma orientadora de Sonia, Kátia Brandão Cavalcanti, onde começamos a estudar juntas e aprofundarmos os conhecimentos na área de lazer e ludicidade. Neste momento já éramos companheiras de estudo.

Em 2009, fiz concurso para professora do IFRN, fui aprovada e passei a atuar juntamente com Sonia. Isso proporcionou uma aproximação de vidas por compartilharmos das mesmas intenções profissionais em relação a área de conhecimento da educação física e seus desdobramentos.

A nossa atuação profissional no IFRN rendeu muitos frutos nas vidas dos alunos e da instituição, sendo possível acreditar que a educação transforma, a educação física renova e o lazer e a ludicidade inova a vida do ser humano em todas as suas dimensões.

Conviver com Sonia em minha trajetória de vida foi especial e singular! E como ela mesmo diz: ei, psiu! Se liguel! Jogadora de basquete é inteligente! Acreditei tanto nisso que estou aqui!

E assim sigo com esse aprendizado: quando você ama o que você faz e se dedica, você se torna um exemplo e uma referência para muitas pessoas.

LIVE

Lazer e Ludicidade

NA VIDA COTIDIANA

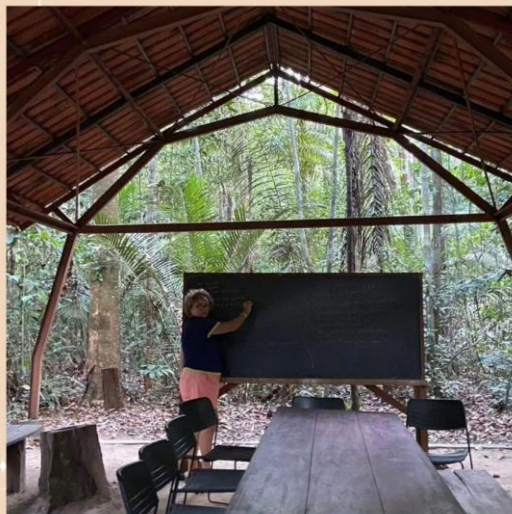


01 de julho

19h

baixar aplicativo ou acessar pelo navegador

19/20



“Conhecendo para ensinar. Aprender sempre, até os últimos dias”

Gratidão

Para a professora Cristina Melo

Aula de EF 1975



Inauguração do ginásio - 1975



**Jogo de
basquete
entre alunos.
Inauguração
do ginásio da
ETFRN**

Aula de EF 1978



Aula de EF 1978



Espaço de convivência - 1980



IDENTIFICAÇÃO: CENTRO DE LAZER
LOCAL: ETEFM
DATA: 1980

XIII Jogos internos - 1981



XIV Jogos internos - 1982

ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Identificação VII SECCION Atividade Es-
portivas - jogos internos de
ETFRU

Equipe FEMININA DE BASQUETE
(Bonsucesso X Edificações)

Local GINÁSIO DE ESPORTES DA ESCOLA
DAS NEVES DA ETFRU

Data 1982 1982 (maio)



Abertura de Jogos internos S/D



Abertura dos jogos internos - 82



Diário de classe - 82.2

426



ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
DEPARTAMENTO DE ENSINO

DIÁRIO DE CLASSE

PARTE DO CURRÍCULO EDUCAÇÃO GERAL

DISCIPLINA Educação Física

CÓDIGO DA DISCIPLINA 140101 CREDITO 02 CARGA HORÁRIA 40

TURMA TE 04 ANO 1992 PERÍODO LETIVO 223

	HORÁRIO						
TURNO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	
MAT.	—	—	—	—	—	—	
VESP.	16:55	—	16:55	—	16:55	—	

SALA _____

PROFESSOR CRISTINA MARIA MELLO ROSA

I

DIÁRIO DE CLASSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA		ANOTAÇÕES DE AULA	
RESUMO DOS ASSUNTOS MINISTRADOS		NOTA	MOVIMENTAÇÃO DE ALUNOS
		DATA	ENTRADA/SAÍDA PARA REPERCUSSÃO DE
1	10/05/2016 (segunda-feira)	2,1	
2	11/05/2016 (terça-feira)	2,3	
3	12/05/2016 (quarta-feira)	2,4	
4	13/05/2016 (quinta-feira)	2,5	
5	14/05/2016 (sexta-feira)	2,6	
6	15/05/2016 (sábado)	2,7	
7	16/05/2016 (domingo)	2,8	
8	17/05/2016 (segunda-feira)	2,9	
9	18/05/2016 (terça-feira)	3,0	
10	19/05/2016 (quarta-feira)	3,1	
11	20/05/2016 (quinta-feira)	3,2	
12	21/05/2016 (sexta-feira)	3,3	
13	22/05/2016 (sábado)	3,4	
14	23/05/2016 (domingo)	3,5	
15	24/05/2016 (segunda-feira)	3,6	
16	25/05/2016 (terça-feira)	3,7	
17	26/05/2016 (quarta-feira)	3,8	
18	27/05/2016 (quinta-feira)	3,9	
19	28/05/2016 (sexta-feira)	4,0	
20	29/05/2016 (sábado)	4,1	
21	30/05/2016 (domingo)	4,2	
22	31/05/2016 (segunda-feira)	4,3	
23	01/06/2016 (terça-feira)	4,4	
24	02/06/2016 (quarta-feira)	4,5	

Basquetebol entre amigas



Gratidão

Fonte: elaboração própria, no programa canva, 2024.